



Tauá

**Nossas origens, nossa história,
nossa gente, nossas tradições.**

Francisco Bezerra Cavalcante



**EDIÇÕES
INESP**



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

TAUÁ:

**nossas origens, nossa história,
nossa gente, nossas tradições.**

Francisco Bezerra Cavalcante

TAUÁ: nossas origens, nossa história, nossa gente, nossas tradições.

INESP

Fortaleza - Ceará
2021

Copyright © 2021 by INESP
Coordenação Editorial
João Milton Cunha de Miranda
Assistente Editorial
Rachel Garcia, Valquíria Moreira
Diagramação
Mario Giffoni
Capa
Dra. Carina Bandeira Bezerra
Revisão
Sandra Bastos Mesquita
Coordenação de impressão
Ernandes do Carmo
Impressão e Acabamento
Inesp

@ 2021 Copyright by Francisco Bezerra Cavalcante
Impresso no Brasil/Printed in Brazil
Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por
qualquer meio sem autorização escrita do autor.
CAPA
Dra. Carina Bandeira Bezerra
REVISÃO DE TEXTO
Deyvison Henrique da Silva Rodrigues
COLABORAÇÃO PARA DADOS HISTÓRICOS
Professora e historiadora Maria Salete Vale Farias
EDITOR RESPONSÁVEL
Francisco Bezerra Cavalcante

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

C377t Cavalcante, Francisco Bezerra.
Tauá [livro eletrônico]: nossas origens, nossa história, nossa
gente, nossas tradições / Francisco Bezerra Cavalcante. – For-
taleza: INESP, 2021.
18102 Kb ; PDF

ISBN: 978-65-88252-70-3

1. Tauá (CE) – História. 2. Feitosa – família – Ceará. 3.
História política – Ceará. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Ins-
tituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Esta-
do. II. Título.

CDD 981.31

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

Inesp
Rua Barbosa de Freitas, 2674
Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar
Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
inesp@al.ce.gov.br

PALAVRA DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA

É incontestável a importância do município de Tauá para todo o Ceará. Sua riqueza se mostra, principalmente, na história e na cultura local. A cidade, também, possui necessidades que a tornam alvo do trabalho do Legislativo Estadual. Com isso, esta obra, que é repleta de memória afetiva e pesquisa histórica, configura-se uma fonte de dados que colabora para o trabalho parlamentar.

Além disso, toda e qualquer produção que acrescente informações sobre o estado favorece o embasamento e a elaboração de projetos de lei e de indicação que beneficiem o Ceará, colaborando para implementar os benefícios necessários.

Ao autor, o nosso agradecimento e o reconhecimento de que um livro é uma das heranças mais valiosas que um homem pode deixar.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, tem a honra de editar e distribuir esta obra que mostra a riqueza de valores e, também, deixa um registro para as novas gerações, pois fala do Ceará para o seu povo.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro *Tauá: nossa história, nossa gente, nossas tradições* é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital" e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

APRESENTAÇÃO

A obra Tauá: Nossas origens, nossa história, nossa gente, nossas tradições, escrita por Francisco Bezerra Cavalcante, meu pai, tem sua gênese durante o período de distanciamento social ao qual todos nós fomos impostos em virtude da pandemia da Covid-19. As incertezas daquele momento e a busca pela manutenção da saúde mental em meio a tantas notícias tristes ao redor do mundo e as incertezas do momento, levaram o autor a buscar o registro da história de sua terra sob um ponto de vista bem diferente.

É assim que se inicia o relato histórico sobre a colonização do nosso país, as primeiras vilas formadas no litoral paulista e as tentativas de tornar o gigantesco território brasileiro minimamente controlável àquela época.

Seguimos nesse enredo até chegar à colonização do nosso Ceará, onde apresenta as dificuldades enfrentadas pelos desbravadores portugueses seja pelas adversidades climáticas ou pela resistência dos índios que habitavam essas terras. Apesar de todas essas provações, o território foi colonizado. No sertão dos Inhamuns não foi diferente. - Narra o autor, particularizando o fato, que a origem da nossa região encontra-se alojada na localidade chamada Cococi e que, pelas conjecturas políticas dominantes no tempo, da vila e cidade que foi, atualmente é apenas ruínas até chegar a cidade pujante que hoje em dia, por todos nós é conhecida pelo nome de Tauá, terra de gente valente, guerreira, resiliente e que possui filhos ilustres em todos os campos do conhecimento e da política, narrando a formação do assentamento inicial e o desenvolvimento da cidade dos tempos antigos até hoje.

A partir desse ponto a obra começa seu enredo de detalhar com precisão milimétrica os acontecimentos não só da vida da cidade, mas também de seus cidadãos que efetivamente são os atores da história sendo descrita. E é justamente nesse ponto que nossa atenção se redobra pois passamos a vivenciar a vida dos nossos antepassados com uma riqueza de detalhes sem comparação, buscando encontrar uma identidade entre os antigos e os novos habitantes.

A cidade de Tauá respira política desde os seus primórdios, é tanto que na atual legislatura a cidade elegeu 2 deputados estaduais e 2 deputados federais, além de possuir desde a legislatura passada um representante no Senado, tornando-a uma das cidades cearenses com maior representatividade política. O autor não se furta dessa história

importante da cidade e traz à baila esses personagens importantes não só na vida do município, mas também do Ceará e do Brasil.

E assim, o autor segue descrevendo todos os personagens icônicos do município e suas tradições, trazendo em seu enredo poesias de filhos da terra, belas imagens e recortes de mapas da evolução territorial de Tauá. O autor nunca perde a atenção ao detalhe, trazendo informações precisas sobre as histórias de vida que dão a essa obra magistral uma dimensão propriamente humana.

Denis Anderson da Rocha Bezerra
Filho e Deputado Federal

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	27
PALAVRA DO AUTOR	31
TAUÁ: nossas origens, nossa história, nossa gente, nossas tradições. ...	33
I - Pequeno relato histórico sobre a colonização do território brasileiro	33
II - O sistema de sesmarias e a criação das vilas no sertão do Ceará e dos Inhamuns.....	36
III – Mapa das Ribeiras da capitania do Siará Grande e seus principais rios	41
IV – As sesmarias na Ribeira dos Inhamuns.....	42
V – Quadro demonstrativo da concessão de sesmarias na ribeira do Inhamuns (séc. XVIII)	43
VI - A ocupação dos sertões dos Inhamuns e de Tauá.....	47
VII - O estabelecimento da vila e o início de vida civil e política da comunidade colonial.....	64
VIII - As estradas como elementos indutores do desenvolvimento e que levaram o homem a adentrar e colonizar os sertões do Ceará, dos Inhamuns, Tauá.....	66
<i>VIII.I - Principais estradas da Capitania do Siará Grande no início do século XIX.....</i>	67
<i>VIII.I.I - A Estrada Geral de Jaguaribe.....</i>	<i>69</i>
<i>VIII.I.II - A Estrada Nova das Boiadas.....</i>	<i>71</i>
<i>VIII.I.III - A Estrada das Boiadas e sua importância para a colonização dos Inhamuns e de Tauá</i>	<i>72</i>
<i>VIII.I.IV - A estrada Crato-Piancó.....</i>	<i>75</i>
<i>VIII.I.V – Estrada Crato-Oeiras.....</i>	<i>75</i>
<i>VIII.I.VI – Outras estradas nos Inhamuns a servir a nossa colonização.....</i>	<i>76</i>
IX - Os fatos que fizeram os Feitosa virem ao Brasil e aos sertões dos Inhamuns	78
<i>IX.I – João Alves Feitosa e seus filhos Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa – de Portugal para o Brasil – para o Nordeste - para o Ceará – para os Inhamuns – para Tauá</i>	82
<i>IX.II - A descendência de João Alves Feitosa: Coronel Francisco Alves Feitosa e o Comissário Geral de Cavalaria Lourenço Alves Feitosa – Os desbravadores dos sertões do Inhamuns. A importância da família Feitosa no Nordeste e nos Inhamuns</i>	83

IX.III - Algumas personalidades ilustres da família Feitosa que se dedicaram, além da colonização de Tauá, ao seu desenvolvimento ao longo dos tempos.	89
IX.III.I – Coronel Eufrásio Alves Feitosa	89
IX.III.II - Coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha	89
IX.III.III - Capitão-mor José Alves Feitosa	90
IX.III.IV - Capitão Eufrásio Alves Feitosa	91
IX.III.V - Joaquim Alexandrino Feitosa Gonçalves	91
IX.III.VI – Major José do Vale Pedrosa.....	92
IX.III.VII - Coronel Joaquim Alves Feitosa (Coronel Quim).	93
IX.III.VIII - Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro	94
IX.III.IX - Coronel Leandro Custódio de Oliveira e Castro (Seu Leandro da Barra)	95
IX.III.X - Francisco Máximo Feitosa e Castro	95
IX.III.XI - Antônia Alves Feitosa	96
IX.III.XII - Leonardo Feitosa (Seu Nado ou Padrinho Nado).....	97
IX.III.XIII - Maria da Glória Feitosa e Castro (D. Dondon Feitosa).....	98
IX.III.XIV - Bernardo de Castro Feitosa	98
IX.III.XV - Emiliano Ferreira Ferro (Milu).....	99
IX.III.XVI – Alcides Feitosa	99
IX.III.XVII - Monsenhor Antônio Alves Feitosa.....	99
IX.III.XVIII - Joaquim de Castro Feitosa	101
IX.III.XIX - Maria Dolores de Andrade Feitosa	104
IX.III.XX – Gerardo Feitosa de Sousa	104
IX.III.XXI - Heládio Feitosa e Castro	105
IX.III.XXII - Maria Luiza de Castro Feitosa (D. Lili Feitosa)	106
IX.III.XXIII – Coronel Joaquim Alves Feitosa Sobrinho (Seu Feitosa do Cococá).	106
IX.III.XXIV - Neri Feitosa	107
IX.III.XXV - Alberto Feitosa Lima	108
IX.III.XXVI - Epaminondas Feitosa Neto	110
IX.III.XXVII - Maria Abigail Freitas Feitosa	110
IX.III.XXVIII - Antônio Idalmir Carvalho Feitosa	111
IX.III.XXIX - Francisco Soares de Carvalho (Chiquinho Parmênio).....	112
X.III.XXX - Coronel Deladier Feitosa Mariz	112
IX.III.XXXI - Francisco Feitosa de Albuquerque Lima.....	112
IX.III.XXXII – Lúcia Nilha Pinheiro Feitosa (Lucinha Feitosa)	113

X – Os genitores de Francisco Feitosa de Albuquerque Lima.	
Pequena história de empresários de sucesso	113
<i>X.I - Carlos de Albuquerque Lima, carinhosamente chamado de Carlos Lima, empresário no ramo de transporte coletivo</i>	<i>113</i>
<i>X.II – Dona Maria da Conceição Feitosa.....</i>	<i>115</i>
<i>X.III - Galeria de fotos da empresa Autoviária São Vicente de Paula</i>	<i>116</i>
XI – Outras personalidades importantes na história dos Inhamuns e Tauá	117
<i>XI.I – Raimundo Feitosa de Carvalho, conhecido por Raimundinho Feitosa</i>	<i>119</i>
XII - A cidade de Tauá – surgimento	120
XIII – O nome Tauá - significado.....	121
XIV – O serrote do Quinamuiú e o cruzeiro existente no seu cume	122
<i>XIV.I. – Reverência ao Serrote do Quinamuiú</i>	<i>122</i>
XV - Tauá no plano geográfico	124
XVI - Formação administrativa de Tauá no tempo	124
XVII – Conhecendo a sede e os bairros de Tauá.....	127
XVIII – Quantitativo de estabelecimentos privados e públicos existentes em Tauá	128
XIX - Residentes na sede de Tauá	130
XX - A organização da Igreja Católica nos Inhamuns – Tauá	139
<i>XX.I - A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.....</i>	<i>139</i>
<i>XX.II - Primeiro Pároco de Tauá</i>	<i>144</i>
<i>XX.III - Párocos oficiantes em Tauá.....</i>	<i>144</i>
<i>XX.IV - Monsenhor Odorico de Andrade</i>	<i>145</i>
<i>XX.V - Filhos de Tauá ordenados Padres</i>	<i>148</i>
<i>XX.VI - Padres oficiantes em Tauá, seja como visitador, licenciados, oficiantes autorizados, etc.</i>	<i>148</i>
<i>XX.VII - Igreja de São José</i>	<i>148</i>
<i>XX.VIII - Capelas e CEBs da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.</i>	<i>151</i>
XXI - Igrejas Evangélicas em Tauá.....	152
<i>XXI.I - A Igreja Batista Regular de Tauá.....</i>	<i>153</i>
XXII - Instituições diversas de Tauá	154
<i>XXII.I - O Instituto Federal do Ceará - IFCE</i>	<i>154</i>
<i>XXII.II - O Hospital Regional Alberto Feitosa Lima.....</i>	<i>154</i>
<i>XXII.III - O Colégio Antônio Araripe</i>	<i>155</i>
<i>XXII.III.I - Escola Joaquim Pimenta</i>	<i>156</i>
<i>XXII.IV - Memorial em homenagem às vítimas da Cólera</i>	<i>157</i>

XXII.V - A epidemia da Cólera – 1862	157
XXII.VI - O Museu Histórico Regional dos Inhamuns.....	158
XXII.VII - A Academia Tauaense de Letras	159
XXII.VII.I - Acadêmicos.....	159
XXII.VII.II - Fundadores.....	160
XXII.VII.III - Membros correspondentes.....	160
XXII.VII.IV - O Acadêmico Manoel Enéas Alves Mota	161
XXII.VII.V - Escritores tauaenses	162
XXIII - A comunicação na nossa cidade	162
XXIII.I - Rádio Cultura dos Inhamuns.....	164
XXIII.II - Rádio Difusora dos Inhamuns.	164
XXIII.III - Rádio Trici FM	165
XXIII.III.I - O Jornal Folha dos Inhamuns	165
XXIII.IV - O Lions Clube de Tauá.....	165
XXIV – Bairros da cidade de Tauá	168
XXIV.I - Bairro do Alto Brilhante	168
XXIV.I.I. - Olho D´água da Nanci.....	170
XXIV.I.II - Prostíbulo de Tauá.....	170
XXIV.II - Bairro Tauazinho.....	171
XXIV.III - Bairro Cidade Nova, atualmente, José Ósimo da Silva Câmara	174
XXIV.IV - Bairro José Alexandrino Nogueira	177
XXIV.V - Bairro Manoel Alves Mota	177
XXIV.VI - Bairro José Holanda Lima.....	178
XXIV.VII - Bairro Bezerra de Sousa.....	179
XXIV.VIII - Bairro Alto do Cruzeiro, atualmente, Enéas Alves de Oliveira.....	179
XXIV.IX - Bairro Colibris	181
XXIV.X - Bairro Luiz Antônio de Oliveira Sousa.....	181
XXIV.XI - Bairro Francisco Soares de Carvalho.....	181
XXIV.XII - Bairro Sebastião César Rêgo	183
XXIV.XIII - Bairro Aldeota.....	184
XXIV.XIV - Bairro Alto Nelândia.....	185
XXIV.XV - Bairro Parque Quinamuiú	185
XXIV.XV.I - Loja Maçônica São João do Príncipe.	185
XXIV.XVI – O Clube das Acácias	186

XXIV.XVII - Bairro Ari de Freitas (vide lei abaixo)	186
XXIV.XVIII - Bairro Antônio Feitosa de Sousa (vide lei abaixo)	187
XXIV.XIX - Bairro José Aragão Freitas (vide lei abaixo)	188
XXV - Outras localidades existentes na nossa cidade	188
XXV.I - Localidade de COHAB	189
XXV.II - Localidade de Meireles	189
XXV.III - Localidade Pedregal	189
XXV.IV - Localidade Rabeca	189
XXV.V - Localidade São Bernardo	189
XXV.VI – Localidade São Geraldo	190
XXV.VII - Localidade Therezopolis	190
XXV.VIII – Localidade Cidade Leste	190
XXVI - Distritos de Tauá	190
XXVI.I - Distrito de Barra Nova	190
XXVI.I.I Vila da Barra Nova.....	191
XXVI.II - O distrito de Carrapateiras	192
XXVI.II.I - Antônio Leopoldino de Araújo Chaves	194
XXVI.II.II - Pedro Pedrosa de Castro Castelo (Castro Castelo) ou, simplesmente, “Fusão Preto”	194
XXVI.II.III - José Lins Pedrosa Castelo	194
XXVI.II.IV - A festa do padroeiro “Santo Antônio”	195
XXVI.II.V – Delimitação territorial do distrito	195
XXVI.II.VI – Outros destaques.....	195
XXVI.II.VII - O Cruzeiro de São Bento em Carrapateiras.....	196
XXVI.III - O distrito de Inhamuns	197
XXVI.III.I – Delimitação territorial do distrito de Inhamuns.....	198
XXVI.IV - O distrito de Marrecas	199
XXVI.IV.I – A Igreja de Jesus Maria e José	200
XXVI.IV.II – Marrecas. Origens, família e tradições na visão de Rocildo Caracas	201
XXVI.IV.III – O Café das Primas.....	206
XXVI.IV.IV – Escola em Marrecas	206
XXVI.IV.V – Personalidades proeminentes do distrito de Marrecas	207
XXVI.IV.V.I - D. Elizabeth Gonçalves Rêgo (prole)	207
XXVI.IV.V.II - José Castelo Cidrão (Zé Cidrão)	208

XXVI.IV.V.III - Raimundo Adjacir Cidrão Oliveira	209
XXVI.IV.VI – <i>Delimitação territorial</i>	209
XXVI.V - Distrito de Marruás	210
XXVI.V.I – <i>Famílias de Marruás</i>	211
XXVI.V.II – <i>A Igreja de Santa Rita e os festejos de sua padroeira</i>	211
XXVI.V.III - <i>Filhos ilustres de Marruás</i>	211
XXVI.V.III.I - Apolônio Cavalcante Mota	211
XXVI.V.III.II - Joaquim de Sousa Bastos ou Sousa Bastos	212
XXVI.V.III.III - Francisco Misael Cavalcante	213
XXVI.V.III.IV- Anamélia Custódio Mota.....	213
XXVI.V.III.V - José Aroldo Cavalcante Mota	213
XXVI.V.III.VI - Eufrásio Alves de Oliveira	214
XXVI.V.III.VII - Benevenuto de Oliveira Sousa	214
XXVI.V.III.VIII - Major Chiquinho de Oliveira.....	214
XXVI.V.III.IX - Ataciso Cavalcante Mota	214
XXVI.V.III.X - Alaor Cavalcante Mota	214
XXVI.V.III.XI – <i>Outras personalidades de Marruás</i>	215
XXVI.V.III.XII – <i>Manuel Alves Mota ou Manezinha Mota</i>	215
XXVI.V.III.XIII - <i>O clã de Campo Preto</i>	216
XXVI.V.III.XIV – <i>Delimitação do território de Marruás</i>	217
XXVI.VI - Distrito de Santa Tereza	217
XXVI.VI.I – <i>Limites e confrontações</i>	218
XXVI.VI.II - <i>Nomes de destaques no distrito</i>	219
XXVI.VI.II - <i>Templo religioso – Padroeira – Festa Religiosa</i>	219
XXVI.VI.IV– <i>Tradição cultural de Santa Tereza</i>	219
XXVI.VI.V – <i>Residentes em Santa Tereza</i>	220
XXVI.VII - O distrito de Trici	221
XXVI.VII.I – <i>História do distrito - A freguesia de Flores</i>	222
XXVI.VII.II – <i>Personalidades do distrito de Trici – Fatos políticos</i>	223
XXVI.VII.III – <i>Constituição do distrito – delimitação territorial</i>	224
XXVI.VII.IV - <i>Topônimos</i>	225
XXVI.VII.V – <i>Espaço cultural</i>	225
XXVII - Formação territorial do município de Tauá	225
XXVIII - Destaques no aspecto cultural e turismo	226
XXIX – De Tauá para o mundo – filhos ilustres – história – alguns dados biográficos	229
XXIX.I – <i>Jovita Feitosa (vide pág. 96)</i>	230
XXIX.II - <i>João Filipe Pereira</i>	230

XXIX.III - Fausto Carlos Barreto	231
XXIX.IV - Carlos Antônio Barreto	231
XXIX.V - Padre João Felipe Pereira	232
XXIX.VI - Joaquim Pimenta	232
XXIX.VII - Antero José de Lima	236
XXIX.VIII - José do Vale Feitosa	237
XXIX.IX - Joviniano Barreto	238
XXIX.X - Odilon Silveira Aguiar	238
XXIX.XI - José Waldemar Rêgo	238
XXIX.XII - D. Clarinda	240
XXIX.XIII - General Clóvis Alexandrino Nogueira	241
XXIX.XIV - Francisca Clotilde Barbosa de Lima	241
XXIX.XV - Cândido Meireles	242
XXIX.XVI - Júlio Gonçalves Rêgo (vide fls. 306 - 339)	242
XXIX.XVII - Antônio Gomes da Silva Câmara (vide fl. 307)	242
XXIX.XVIII - Domingos Aguiar Filho (vide fl. 339)	242
XXIX.XIX - Médico Pedro Wilson Leitão Lima	242
XXIX.XX - Dr. Manoel Perboyre Castelo	244
XXIX.XXI - Antônio Gomes de Freitas	244
XXIX.XXII - Professora Maria Salete Vale Farias	245
XXIX.XXIII - Professora Adelaide Gonçalves	245
XXIX.XXIV - Luiz Gonzaga Lima, conhecido por Luiz Borges	245
XXIX.XXIV.I - A Farmácia Araújo.....	246
XXIX.XXV - Licínio Serra	246
XXIX.XXVI - Denis Anderson da Rocha Bezerra (vide fl. 315)	248
XXIX.XXVII - Domingos Neto (vide fl. 313)	248
XXIX.XXVIII - Francisco Quintino Vieira Neto	248
XXIX.XXIX - Luis Orestes Petrone, o mito e o homem	249
XXX - Esportistas tauaenses – destaques	251
XXX.I - Raul Lô Gonçalves	251
XXX.II - Lindomar Ferreira de Loyola	251

<i>XXX.III - Francisco Cláudio de Oliveira Pereira</i>	251
<i>XXX.IV - Viviane Pereira</i>	252
<i>XXX.V - Carmelita Yumito</i>	252
XXXI - Galeria de Fotos históricas das seleções de futebol de Tauá na década de 1960 a 1970	252
XXXII - Futebol na nossa Tauá	253
<i>XXXII.I - Árbitros de futebol em Tauá</i>	254
<i>XXXII.II - Times de futebol de Tauá</i>	254
<i>XXXII.III - A Liga Tauaense de Desportos - Fundador</i>	254
<i>XXXII.III.I - Francisco de Assis Lemos</i>	254
<i>XXXII.III.II - Francisco Teobaldo Cidrão Souto</i>	255
<i>XXXII.III.III - O Campo de Futebol da Escola Fazenda</i>	255
<i>XXXII.III.IV - Estádio Gerardão</i>	255
XXXIII – Grandes comerciantes filhos de Tauá ao longo dos tempos ..	255
<i>XXXIII.I – Lojas de tecidos em Tauá que se perderam no tempo</i>	257
XXXIV - O associativismo em Tauá	257
<i>XXXIV.I - Manoel Almeida Neto</i>	258
<i>XXXIV.II - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Tauá</i>	258
<i>XXXIV.III – O Rotary Club de Tauá</i>	260
XXXV - A primeira Sorveteria de Tauá	261
XXXVI - Empreendedores tauaenses	261
<i>XXXVI.I - Elcias Bezerra Cavalcante</i>	261
<i>XXXVI.II - Ecilio Bezerra Cavalcante</i>	262
<i>XXXVI.III - Joaquim de Sousa Bastos. (vide fl. 212)</i>	262
<i>XXXVI.IV - Outros empreendedores</i>	262
XXXVII - Mulheres empreendedoras de Tauá	262
XXXVIII - Primeiro Magazine de Tauá	263
XXXIX - O primeiro posto de gasolina de Tauá	263
XL - A primeira agência bancária de Tauá	263
XLI - O cooperativismo em Tauá	263
<i>XLI.I - Primeira Cooperativa de Tauá</i>	264
<i>XLI.II - O empreendedor Francisco de Paiva Melo</i>	266

XLII - Algumas cooperativas instaladas em Tauá na atualidade	266
XLIII - Associações no município de Tauá	267
XLIV - Professores tauaenses de ontem e de hoje.....	267
XLV - Outros profissionais renomados de Tauá.....	269
<i>XLV.I - David Arison da Rocha Bezerra Cavalcante.</i>	<i>269</i>
<i>XLV.II -Dayara Áquila da Rocha Bezerra Saldanha.</i>	<i>269</i>
XLVI - Filhos de Tauá em destaque no jornalismo e na radiodifusão ..	270
<i>XLVI.I - Antônio Viana de Carvalho</i>	<i>271</i>
<i>XLVI.II - Herman Hesse Feitosa Alexandrino</i>	<i>272</i>
XLVI.III – Jornalistas e radialistas em exercício e em destaque em Tauá.....	273
<i>XLVI.III.I – Helvécio Martins</i>	<i>273</i>
<i>XLVI.III.II – Sampaio Moreira</i>	<i>273</i>
<i>XLVI.III.III – Flaviania Xavier.....</i>	<i>273</i>
<i>XLVI.III.IV – Edy Fernandes</i>	<i>274</i>
<i>XLVI.III.V – Radir Rocha.....</i>	<i>274</i>
<i>XLVI.III.VI – Wilrismar Holanda</i>	<i>274</i>
<i>XLVI.III.VII – José Alverne Lacerda</i>	<i>274</i>
XLVII - Profissionais tauaenses envolvidos com a medicina – odontologia – fisioterapia – nutrição – fonoaudiologia e outros	274
XLVIII - No campo do Direito	275
XLIX - A Justiça no município de Tauá – Origens – Comarca de Tauá ..	277
<i>XLIX.I – Primeiro magistrado de Tauá – Biografia</i>	<i>281</i>
<i>XLIX.II – Registradores e Notários de Tauá</i>	<i>283</i>
<i>XLIX.II.I – O Tabelião Pedro Alves Feitosa.....</i>	<i>283</i>
XLIX.III - Magistrados filhos de Tauá	286
<i>XLIX.III.I - Antônio Leopoldino de Araújo Chaves</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.II - Felipe Raulino de Sousa Uchôa.....</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.III - Francisco Primeiro de Araújo Citó</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.IV - Miguel Fernandes Vieira</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.V - José Fernandes Vieira Bastos.....</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.VI - Francisca Graci Gomes de Aguiar.....</i>	<i>287</i>
<i>XLIX.III.VII - Bernardo de Castro Feitosa.....</i>	<i>288</i>
<i>XLIX.III.VIII - Francisco Pedrosa Teixeira.....</i>	<i>288</i>
<i>XLIX.III.IX - Francisco Bezerra Cavalcante</i>	<i>289</i>

<i>XLIX.III.X - Antônia Neuma Mota Moreira Dias</i>	290
<i>XLIX.III.XI - Washington Oliveira Dias</i>	290
<i>XLIX.III.XII - José Ósimo da Silva Câmara</i>	290
<i>XLIX.III.XIII - Sinézio Bernardo de Oliveira</i>	290
<i>XLIX.III.XIII.I - Eli Gonçalves Júnior</i>	292
<i>XLIX.III.XIV – Outros Juizes de Direito do passado e do presente na Comarca de Tauá</i>	292
L - Conselheiros em Tribunais de Contas no Ceará filhos de Tauá	292
<i>L.I - Odilon Aguiar Filho</i>	292
<i>L.II - Dr. Júlio Gonçalves Rêgo</i>	293
<i>L.III - Dr. Domingos Gomes Aguiar Filho</i>	293
LI - Procuradores de Justiça filhos de Tauá – Biografias	293
<i>LI.I - Dra. Georgia Gomes Aguiar</i>	293
<i>LI.II – Dr. Manoel Pinheiro Freitas</i>	293
<i>LI.III – Delegados de Polícia Filhos de Tauá</i>	294
<i>LI.III.I – Dra. Neuma Castelo Leão</i>	295
<i>LI.III.II – Milton Castelo Filho</i>	295
<i>LI.III.III - Antônio Araújo Feitosa</i>	296
LII - Magistrados que atuaram em Tauá e alcançaram a desembargadoria	297
<i>LII.I - José Maria de Queiroz</i>	297
<i>LII.II - José Maria de Melo</i>	298
<i>LII.III - Des. Francisco Hugo Alencar Furtado</i>	298
<i>LII.IV - Luiz Gerardo de Pontes Brígido</i>	300
<i>LII.V - José Cláudio Nogueira Carneiro</i>	300
<i>LII.VI - Antônio Abelardo Benevides de Moraes</i>	301
<i>LII.VII - Francisco Gurgel Holanda</i>	302
<i>LII.VIII - Maria Vilauba Fausto Lopes</i>	303
<i>LII.IX - Ligia Andrade de Alencar Magalhães</i>	303
<i>LII.X - Lira Ramos de Oliveira</i>	304
LIII - Destaques tauaense no espaço político	304
<i>LIII.I - Major Leandro Custódio de Oliveira e Castro</i>	305
<i>LIII.II - Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves</i>	305

<i>LIII.III - Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro</i>	305
<i>LIII.IV - Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro</i>	305
<i>LIII.V - Padre Leopoldo de Araújo Feitosa</i>	305
<i>LIII.VI - Joel Marques</i>	305
<i>LIII.VII - Antônio Gomes de Freitas</i>	306
<i>LIII.VIII - Júlio Gonçalves Rêgo</i>	306
<i>LIII.IX - Antônio Gomes da Silva Câmara</i>	307
<i>LIII.X - Aroldo Cavalcante Mota. (vide fl. 213)</i>	309
<i>LIII.XI - Vicente Cavalcante Fialho</i>	309
<i>LIII.XII - Luiz Gonzaga Nogueira Marques</i>	311
<i>LIII.XIII - Domingos Gomes de Aguiar Filho</i>	311
<i>LIII.XIV - Idemar Loiola Citó</i>	312
<i>LIII.XV - Chiquinho Feitosa (fl. 112)</i>	313
<i>LIII.XVI - Domingos Gomes de Aguiar Neto</i>	313
<i>LIII.XVII - Audic Cavalcante Mota</i>	313
<i>LIII.XVIII - Mário Feitosa de Carvalho Freitas</i>	314
<i>LIII.XIX - Denis Anderson da Rocha Bezerra</i>	315
LIV - Vereadores de Tauá ao longo da sua história	317
LV - Presidentes da Câmara Municipal de Tauá ao longo dos anos	319
LVI - Câmara Municipal na legislatura (2017 – 2020)	319
<i>LVI.I - Vereadores com nome parlamentar – legislatura 2017-2020</i>	319
LVII – Vereadores eleitos para a legislatura 2021 – 2024	319
LVIII – Mesa diretora da Câmara Municipal de Tauá para o ano legislativo 2021	320
<i>LVIII.I - Vereadores Eleitos para o quadriênio 2021 - 2024</i>	320
LIX - Grandes ciclos históricos na política dos Inhamuns e de Tauá ao longo dos anos – Destaques	320
LX - O último Coronel de Tauá	328
LXI - Administradores do município de Tauá ao longo dos tempos, por partido político e tempo – capitães-mores, intendentess, interventores, prefeitos, vice-prefeitos eleitos e presidente da Câmara Municipal eleitos, em substituição	330
<i>LXI.I - Capitães-Mores gestores de Tauá</i>	330

LXI.II - Intendentes gestores de Tauá.....	331
LXI.II.I - Eufrásio Alves de Oliveira	331
LXI.II.II - Lourenço Alves Feitosa	331
LXI.II.III - Francisco Alves Ferreira	331
LXI.II.IV - José Alves de Araújo Feitosa	332
LXI.II.V - Domingos Gomes de Freitas	332
LXI.III - Interventores gestores de Tauá	332
LXI.III.I - Benone Teles de Sousa Vale	332
LXI.III.II - João Freire Cidrão	332
LXI.III.III - José de Sousa Vale	332
LXI.III.IV - Lourenço Alves Feitosa	333
LXI.III.V - Joel Marques	333
LXI.III.VI - Francisco das Chagas Nogueira Caminha.	335
LXI.III.VII - Ózimo de Alencar Lima.	335
LXI.III.VIII - José Jaime de Alencar.	335
LXI.III.IX - Manoel Trajano Borges	336
LXI.III.X - Odilon Silveira Aguiar.....	336
LXI.III.XI - Aristides Cavalcante Freitas.....	336
LXI.III.XII - Sebastião Marques	336
LXI.III.XIII - Cristóvão Peixoto de Holanda.....	336
LXI.III.XIV - Antônio Jataí Sobrinho	336
LXI.III.XV - Joaquim de Castro Feitosa.	337
LXI.IV - Prefeitos eleitos (gestores de Tauá)	337
LXI.IV.I - Capitão Joaquim Alves Ferreira.....	337
LXI.IV.II - Joel Marques. (Vide fl. 305).....	337
LXI.IV.III - Marçal Alexandrino de Oliveira.....	338
LXI.IV.IV - Flávio Alexandrino Nogueira.....	338
LXI.IV.V - Moacir Pereira Gondim	338
LXI.IV.VI - Gerardo Feitosa de Sousa. (Vide fl. 104)	338
LXI.IV.VII - Júlio Gonçalves Rêgo. (Vide fl.306).....	339
LXI.IV.VIII - Genésio Loiola.....	339
LXI.IV.IX - Domingos Gomes Aguiar.	339
LXI.IV.X - Alberto Feitosa Lima. (vide fl. 102)	340
LXI.IV.XI - Joaquim de Sousa Bastos. (vide fl. 212).	340
LXI.IV.XII - Pedro Pedrosa de Castro Castelo. (vide fl. 194).....	340
LXI.IV.XIII - José da Costa Leitão Lima	341

<i>LXI.IV.XIV - Pedro Pedrosa de Castro Castelo. PRN-PL de 1992 a 1995. (vide fl. 194)</i>	341
<i>LXI.IV.XV - João Antônio da Luz</i>	341
<i>LXI.IV.XVI - Patricia Pequeno C. Gomes de Aguiar</i>	341
<i>LXI.IV.XVII - Odilon Silveira Aguiar</i>	342
<i>LXI.IV.XVIII - Carlos Windson Cavalcante Mota</i>	342
LXI.V - Vice-prefeitos (gestores em substituição)	343
<i>LXI.V.I - João Firmino</i>	343
<i>LXI.V.II - Marcos Aurélio Moreira de Aguiar</i>	344
<i>LXI.V.III - Roney Gonçalves</i>	344
<i>LXI.V.IV - Júlio César Costa Rêgo</i>	344
<i>LXI.V.V - Carlos Frederico Citó César Rêgo</i>	344
LXI.VI - Presidentes da Câmara Municipal (gestores ocasionais)	345
<i>LXI.VI.I - Luiz Tomaz Dino</i>	345
LXII - Tradições tauaenses	345
LXII.I - A pega do boi - Vaquejadas	345
<i>LXII.I.I - O Patriarca das vaquejadas em Tauá - José Barreto Leitão (José Leitão)</i>	346
LXII.II - Aboiadores famosos de Tauá	350
LXII.III - O Bumba meu boi	352
LXII.IV - Os Caretas	353
LXII.V - Reisado	354
LXII.VI - Quadrilha de São João	355
LXII.VII - Cantoria - repentista	357
LXII.VIII - Cordelismo – poetas cordelistas	358
LXII.IX – A malhação do Judas	362
LXII.X - A festa de São Gonçalo	362
LXIII - Mulheres artistas de Tauá	363
LXIV - Compositores tauaenses	363
<i>LXIV.I - Luiz Gonzaga Feitosa Lima – “Lulu Lima”</i>	364
<i>LXIV.II - João Castelo Sobrinho – poeta, compositor, cantor advogado e delegado de polícia</i>	366
<i>LXIV.III - Dr. Carlos Gomes</i>	368
<i>LXIV.IV - Victor Mota</i>	369

<i>LXIV.V – Paulo Filho ou simplesmente Paulinho Lins (nome artístico).....</i>	<i>370</i>
<i>LXIV.VI – Chico Paiva.....</i>	<i>371</i>
LXV - A história do Hino Oficial de Tauá.....	371
<i>LXV.I – Lei e letra do Hino Oficial de Tauá.</i>	<i>372</i>
LXVI - O queijo coalho – iguaria de Tauá.....	374
LXVII - A Manta de Carneiro - produto típico de Tauá.....	377
LXVIII - O artesanato tauaense	379
LXIX - Tradições da culinária de Tauá	381
LXX - Alfaiates tauaenses – tradição que se foi	382
LXXI - Taxistas tauaenses	382
LXXII - Sapateiros tauaenses.....	383
LXXIII - Carpinteiros tauaenses.....	384
LXXIV - Mecânicos tauaenses	384
LXXV - Músicos de Tauá de ontem e de hoje - rabequeiros	384
LXXVI – João Matias Filho	386
LXXVII - A banda de música tauaense – tradição que se mantém no tempo - a Banda Maestro Chico Clarinete	386
<i>LXXVII.I - Francisco Pereira Filho (Chico Clarinete).....</i>	<i>388</i>
<i>LXXVII.II - O maestro Geraldo Marcelino de Lima (Geraldo Marcelino)</i>	<i>389</i>
<i>LXXVII.III – Reverência a Banda de Música de Tauá em passado idos.....</i>	<i>389</i>
<i>LXXVII.IV - A bandinha de Música a Furiosa e o mestre Chico do Saco</i>	<i>390</i>
<i>LXXVII.V - Enéas Alves de Oliveira</i>	<i>391</i>
<i>LXXVII.VI - Escola de Música Professora Leolina Maciel Feitosa e Castro. História - Memorial.....</i>	<i>394</i>
<i>LXXVII.VII - Pedrinho Feitosa</i>	<i>396</i>
LXXVIII - O legado econômico-cultural dos escravos para as tradições e o desenvolvimento de Tauá	397
LXXIX – A comunidade quilombola “Consciência Negra” certificada em 13/12/2006 pela Fundação Cultural Palmares	399
LXXX - O legado dos Índios para a cultura dos Inhamuns e de Tauá ...	400
LXXXI - A tradição da reza na cultura dos Inhamuns e de Tauá como fenômeno da cura	402

LXXXII - A tradição do parto realizado por parteiras – as parteiras de Tauá	403
LXXXIII - A tradição dos remédios caseiros.....	404
LXXXIV - Brincadeiras de criança - tradição que resiste ao tempo	407
<i>LXXXIV.I – Amarelinha</i>	<i>407</i>
<i>LXXXIV.II – Queimadas</i>	<i>407</i>
<i>LXXXIV.III – Cabo de guerra</i>	<i>408</i>
<i>LXXXIV.IV – Esconde-esconde.....</i>	<i>408</i>
<i>LXXXIV.V – Cabra-cega</i>	<i>409</i>
<i>LXXXIV.VI – Passa anel.....</i>	<i>409</i>
<i>LXXXIV.VII – Batata quente.....</i>	<i>409</i>
<i>LXXXIV.VIII – Pula-sela</i>	<i>409</i>
<i>LXXXIV.IX – Pião.....</i>	<i>410</i>
<i>LXXXIV.X - Telefone sem fio</i>	<i>410</i>
<i>LXXXIV.XI - Pedra, papel e tesoura</i>	<i>410</i>
<i>LXXXIV.XII - Pipas de papel (papagaio).....</i>	<i>410</i>
<i>LXXXIV.XIII - Pega-pegas.....</i>	<i>411</i>
<i>LXXXIV.XIV – A brincadeira do gato e do rato</i>	<i>411</i>
<i>LXXXIV.XV – A brincadeira do Pique das Cores</i>	<i>411</i>
<i>LXXXIV.XVI – A Brincadeira do Polícia e Ladrão</i>	<i>411</i>
<i>LXXXIV.XVII – A brincadeira da Dança das cadeiras.....</i>	<i>412</i>
<i>LXXXIV.XVIII - Bola de gude.....</i>	<i>412</i>
<i>LXXXIV.XIX Carrinho de rolimã.....</i>	<i>412</i>
<i>LXXXIV.XX - Gato Mia</i>	<i>412</i>
<i>LXXXIV.XXI - A corrida de saco.....</i>	<i>413</i>
<i>LXXXIV.XXII - Vivo ou morto</i>	<i>413</i>
<i>LXXXIV.XXIII - Cantigas de roda.....</i>	<i>413</i>
<i>LXXXIV.XXIV – A brincadeira do Adivinhas</i>	<i>414</i>
<i>LXXXIV.XXV - Trava-línguas</i>	<i>414</i>
<i>LXXXIV.XXVI - Foguinho (pular-corda).....</i>	<i>414</i>
LXXXV - Bodegas e bares - tradições que resistem ao tempo	416

LXXXVI - Apelidos de famílias da nossa terra	418
LXXXVII - Lembranças – tradições que se foram e não voltam jamais	420
LXXXVIII- E o Trici Clube	429
LXXXIX – O BNB Clube	431
XC– As tertúlias de então	431
XCI – Figuras folclóricas e/ou típicas de Tauá	431
XCII - Abrahão Setúbal de Holanda e o famoso, O Beco do Abrão	436
XCIII – O misto do Chico Lôbo	438
XCIV - advento do ônibus.....	439
XCV - A tradição da venda do leite porta a porta do freguês.....	439
XCVI - A tradição da pesca e da comilança do peixe a beira do açude	440
XCVII - A tradição de lavar roupa à beira do rio – as lavadeiras de Tauá	441
XCVIII - Lendas. Tradições que se perpetuaram no tempo	442
<i>XCVIII.I - A maldição do homem-jumento</i>	<i>442</i>
<i>XCVIII.II - lenda do papa-figo.....</i>	<i>443</i>
<i>XCVIII.III - A lenda do lobisomem</i>	<i>443</i>
<i>XCVIII.IV - A lenda da mula sem cabeça</i>	<i>444</i>
<i>XCVIII.V - A lenda do saci-pererê</i>	<i>444</i>
<i>XCVIII.VI - A lenda do caipora</i>	<i>444</i>
<i>XCVIII.VII - A lenda do bicho-papão</i>	<i>444</i>
XCIX – Cantigas de ninar – tradições que permanecem no tempo	445
C – A tradição dos profetas da chuva	451
CI – O DNA do cearense e a origem dos nossos povos, dúvidas que persistem	452
CII - Álbum de recordações – capítulos de uma história vivenciada que ajudam a construir e perpetuar lembranças – cada fotografia uma história um fato	455
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	464

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, o estímulo e o empenho de diversas pessoas, conterrâneos e amigos, os quais de forma direta ou indireta prestaram seu indispensável contributo para a consecução deste meu sonho de escrever sobre a minha terra.

O sonho, pois, tornou-se realidade!

Assim, em primeiro, por consenso lógico e arrimado na crença que devoto arraigadamente ao Deus Pai todo poderoso e a sua Mãe Maria Santíssima, a eles desejo agradecer, principalmente, por me acompanharem em todos os momentos da minha vida, e me permitir junto a minha família continuar a enfrentar as alegrias e os difíceis estágios desta vida maluca que estamos a experimentar nos dias atuais.

À Professora Salete Vale, para quem não há agradecimentos que cheguem. Notas, informações e pesquisas por ela realizadas, na qualidade de estudiosa dedicada, cordial e contumaz da história de nossa terra, foram fundamentais ao enriquecimento do que eram as minhas pretensões quando resolvi transformar em letras este meu trabalho. Estou grato pela liberdade de ação que permitiu apropriar-me de parte de suas pesquisas, lançando-as neste meu. Como professora e expoente da historiografia da nossa Tauá, a todos abrem horizontes permitindo o conhecimento a fundo de nossa história, de nossas tradições.

Aos diletos amigos Francisco Feitosa de Albuquerque Lima, ex-deputado federal, Senador da República e empresário; Idemar Citó, ex-deputado estadual e empresário; Hildo Leitão, empresário; Dr. João Castelo Sobrinho, advogado e delegado de polícia; Dr. Manoel Enéas Alves Mota, engenheiro civil, meu colega de infância e adolescência; aos amigos Aderlô Feitosa, Teobaldo Cidrão, Ana Ricarte, poeta e ex-aluno Paulo de Tarso, minha cunhada Marleuda, Jornalista Antônio Viana e Helvécio Martins, ao empresário Carlos Mota e a sua esposa Dona Eliane, pelas informações a mim repassadas os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus familiares, a minha gratidão pelas informações valiosas a mim trazidas quando requestadas.

Ao meu PAI Elcias e à minha MÃE Maria Helena, pela sólida formação que me foi dada, proporcionando-me a continuidade nos estudos e a concretização dos meus sonhos, eternos agradecimentos.

Aos meus sogros, José Borges e Dona Clara, pela contribuição solidária que a mim dispuseram e, de forma ímpar, deram o seu contributo para a realização do meu sonho profissional, a minha eterna gratidão.

Finalmente, a minha mulher Rocidelia, a minha "Joia Rara", agradeço por todo o seu amor, carinho, admiração, paciência e, principalmente, pela família que me legou: meus filhos queridos, Denis, David e Dayara. Meus Netos, Lucas, Felipe, Maria Clara e Alice, meus amorzinhos queridos, mi-

nhas noras Carina e Katherine, e o meu genro Alexandre, a minha gratidão, o meu reconhecimento, a todos o meu respeito e amor eterno.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para tornar este meu sonho realidade o meu muito obrigado.

O autor.

A vida em exílio é difícil

A terra natal torna-se um objeto de desejo e saudade,

A terra natal torna-se amada intocável, imaginada e reimaginada na distância de fronteiras, visitada nas memórias.

Pessoas refugiadas anseiam pela terra que mora neles.

(Bruna Kadletz in "A minha terra mora em mim")

AOS AMIGOS...

"Um dia a maioria de nós irá separar-se.

Sentiremos saudades de todas as conversas atiradas fora, das descobertas que fizemos, dos sonhos que tivemos, dos tantos risos e momentos que partilhamos.

Saudades até dos momentos de lágrimas, da angústia, das vésperas dos fins-de-semana, dos finais de ano, enfim... do companheirismo vivido.

Sempre pensei que as amizades continuassem para sempre.

Hoje já não tenho tanta certeza disso.

Em breve cada um vai para seu lado, seja pelo destino ou por algum desentendimento, segue a sua vida.

Talvez continuemos a encontrar-nos, quem sabe... nas cartas que trocamos.

Podemos falar ao telefone e dizer algumas tolices

Aí, os dias vão passar, meses... anos... até este contacto se tornar cada vez mais raro.

Vamo-nos perder no tempo...

Um dia os nossos filhos verão as nossas fotografias e perguntarão:

Quem são aquelas pessoas?

Diremos... quem eram nossos amigos e... isso vai doer tanto!

- Foram meus amigos, foi com eles que vivi tantos bons anos da minha vida!

A saudade vai apertar bem dentro do peito.

Vai dar vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente...

Quando o nosso grupo estiver incompleto...

reunir-nos-emos para um último adeus a um amigo.

E, entre lágrimas, abraçar-nos-emos.

Então, faremos promessas de nos encontramos mais vezes daquele dia em diante.

Por fim, cada um vai para o seu lado para continuar a viver a sua vida isolada do passado.

E perder-nos-emos no tempo...

Por isso, fica aqui um pedido deste humilde amigo: não deixeis que a vida passe em branco,

e que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades...

Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!

Fernando Pessoa

PALAVRA DO AUTOR

Neste período estranho no qual o homem hodierno vem experimentando sensação nunca vivenciada, em que a violência que o cerca de forma constante dá espaço, ou melhor, cede parte do seu campo de ação a um inimigo invisível, desconhecido e sem controle, o Coronavírus (Covid-19), tenho me dedicado mesmo dando preferência as minhas atividades normais, junto ao egrégio Tribunal de Justiça deste nosso Estado, aonde venho labutando há mais de dez anos, no campo do direito privado, à atividade da escrita.

Neste contexto, coloco em mesa de forma concreta, tal como outros tauaenses de renome já o fizeram, um plano pretensioso, uma ideia que dormitava na minha consciência há data longa, de escrever sobre a minha terra natal: Tauá. Não digo narrando, mas descrevendo, se assim for a interpretação a ser feita, as imagens restadas e guardadas na minha memória ao longo do tempo, claro, com o contributo indispensável de vários conterrâneos.

E foi revisitando as nossas memórias, um passado que se foi, a história contada por inúmeros tauaenses, o passado e o presente, que se informe de passagem, me deixaram tentado a escrevê-la. No contexto, atento aos meus propósitos, encontrei de relance um trecho do livro "A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NO CEARÁ", escrito por Vinícius Barros Leal, que retrata o mais querer aquilo que, realmente, pretendo expor neste meu trabalho. Diz o autor: *"Aqueles que se aventuraram na empresa do Ceará eram ao mesmo tempo conquistadores, povoadores e colonizadores. Alguns, aventureiros apenas, mas, a maior parte, indivíduos com uma meta, uma vontade de engrandecer a pátria portuguesa e reviver os heroísmos dos primeiros penetradores do solo brasileiro. Carregava no sangue a herança dos velhos troncos avoengos, a par de uma fé ardente, tanto no fervor da prática religiosa, como na crença de que estavam dando um testemunho de tenacidade e firmeza. Não é muito difícil traçar um perfil dessas personagens da nossa história, continua o autor, dominadores da sena nos séculos XVII e XVIII, no Nordeste. O homem colonial da época da expansão do domínio luso no Brasil tinha algo de Cruzado da Idade Média, de aventureiro do Descobrimento, de Missionário da catequese, de produto da Renascença, de fundador da nacionalidade, de patriarca e de simples carreiro. Caminhava, tenazmente, por atalhos, vedas, vedeava rios levando trastes e família, sofria os infortúnios no corpo e na alma, mas tinha a mente povoada de castelos e fantasias. E era isso que o sustentava. Tinha, também, as suas paixões: a do rápido enriquecimento, a da disputa inglória que muitas vezes sobrepunha à Razão, tirando-lhe a lucidez, vencendo-o no arrebatamento da cólera, na parcialidade do litígio e na afetividade intensa e sensual. Esses homens com seus defeitos e virtudes, "deixaram raça", transmitiram aos seus descendentes os atavismos traduzidos no gosto pelos fulgares das folias dos sertões, das vaquejadas, das festas religiosas e profanas, dos foguetórios, bebedeiras, os instintos, às vezes, ru-*

des e cruéis. Herdamos dos nossos avôs esta manifestação poética e brejeira dos cantadores da gesta sertaneja, a manha cavilosa, a sinceridade de certo maneirismo e a hospitalidade feliz e alegre, desinteressada e cordial."

O homem colonizador do sertão dos Inhamuns, da minha querida Tauá detinha esse espírito. Forte, ambicioso e sagaz, tinha por meta resistir ao sofrimento, suportar os reveses que a terra seca, desconhecida e pouco dádiosa, então, lhes oferecia. A esperança alentada pela vontade assoberbada da riqueza o conduziu às terras, que hoje dominadas, constituem a nossa região, a nossa Tauá.

Por isso, fiz questão e mostrei-me desde o primeiro momento da idealização deste trabalho voltado de forma radical, a demonstrar, mesmo por meio de retrato pequeno, as nossas origens remontando-as ao descobrimento do Brasil, à nossa colonização, às tentativas de ingresso nas terras íngremes do Ceará, até pela força indisfarçável da vontade que domina o homem (famílias importantes), quando se propunham a algo fazer - desvendar, às inteiras, o nosso sertão.

Assim, ingresso um pouco no mundo das concessões das sesmarias, dos vultos importantes da época, seus beneficiários, seus exploradores, suas vantagens e desvantagens, suas lutas, até a formação das vilas por imposição da Coroa portuguesa. Depois, tento ingressar no mundo da civilização, na colonização propriamente dita do nosso sertão tauaense. O homem tauaense de então e, de agora. Os nossos administradores ao longo dos tempos, nossos costumes, nossa tradição, suas biografias, mesmo sabendo de leitura cansativa e enfadonha, mas necessárias à compreensão deste meu trabalho.

Penso sem querer imaginar o que será dito depois de perfectibilizada a obra, será obra? Que as minhas ideias, a história que formatei para as nossas origens, o nosso povo, as nossas tradições, foram, em verdade, na minha visão colocada no papel sem qualquer pretensão maior, e que, por certo, servirão, pelo menos um pouco, creio, de reflexão para tantos quanto a elas desejarem passear.

Enfim, a nossa história é rica em detalhes, em fatos e evidências que passeiam no tempo, às vezes, esquecidos, e que merecem não só neste trabalho ser lembrados, todavia, em outros que por certo advirão.

O autor.

TAUÁ: nossas origens, nossa história, nossa gente, nossas tradições.

I - Pequeno relato histórico sobre a colonização do território brasileiro

De início, insta esclarecer por necessário, e até mesmo pela imbricação dos fatos que se estão atrelados à colonização do território brasileiro e à colonização do estado do Ceará, e, mais precisamente, à nossa região dos Inhamuns, por extensão a nossa Tauá pelos portugueses, que em verdade, a colonização do Brasil se iniciou, de fato, em 1530 e se estendeu até 1822.

Por via de consequência, extrai-se do conhecimento histórico vivenciado, por sinal rico em fatos e circunstâncias, que, entre os anos de 1500 e 1530, as expedições enviadas ao Brasil pelos portugueses tiveram o condão apenas e, excepcionalmente, de reconhecimento do território, então, recém-descoberto. Ficavam eles, portugueses, portanto, pouco tempo no nosso território e, logo em seguida retornavam a Portugal. Naquele período, inúmeras e imensuráveis riquezas foram aqui constatadas, dentre essas, o que se reputa de mais importante, o nosso pau-brasil, o que os levou frente àquela riqueza imensurável, a realizar algumas e pequenas feitorias nessa novel terra, que, por natural, possuíam o objetivo primordial da facilitação da exploração de tão expressiva descoberta.

Com efeito, afirmam os estudiosos da colonização do Brasil, que foram três os motivos principais a tornar realidade essa conquista: a primeira expedição de colonização, efetivamente, aconteceu em 1531 e foi motivada por preocupações esposadas pelo reino de Portugal. A monarquia portuguesa se encontrava, dizem, preocupada com a queda no lucro do comércio no Oriente, pois ao tomarem Constantinopla¹, os turcos dominaram o comércio no Oriente e passando em consequência, a cobrar elevados impostos, o que tornou o comércio pouco rentável para Portugal, forçando-o, portanto, a buscar novas oportunidades comerciais; em segundo, a ameaça de invasores, porquanto o continente americano havia sido dividido entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Tordesilhas², mas a Inglaterra e a França rejeitavam esse tratado e ameaçavam invadir os territórios do novo mundo; em terceiro, a expansão da Igreja Católica. Nesse ponto, com o surgimento das vertentes protestantes do cristianismo na Europa, a Igreja Católica enfraquece-se e

¹ Constantinopla (em grego: Κωνσταντινούπολις; transl.: Konstantinouópolis, lit. "cidade de Constantino", em latim: Constantinopolis, em turco otomano formal: Kostantiniyye), atual Istambul, foi a capital do Império Romano (330–395), do Império Bizantino (ou Império Romano do Oriente) (395–1204 e 1261–1453), do Império Latino (1204–1261) e, após a tomada pelos turcos, do Império Otomano (1453–1922). Estrategicamente localizada entre o Corno de Ouro e o Mar de Mármara, no ponto em que a Europa encontra a Ásia, a Constantinopla Bizantina havia sido a capital da Cristandade, sucessora das antigas Grécia e Roma. No decorrer da Idade Média, Constantinopla foi a maior e mais rica cidade da Europa e foi fundamental no avanço do cristianismo durante os tempos romanos e bizantinos como o lar do patriarca ecumênico de Constantinopla e como o Guardião das relíquias mais sagradas da cristandade, como a Coroa de Espinhos e a Verdadeira Cruz. A cidade também era famosa por suas obras-primas arquitetônicas, como a catedral ortodoxa grega de Santa Sofia, que servia de sede do Patriarcado Ecumênico, o Palácio Imperial sagrado onde moravam os Imperadores, a Torre de Gálata, o Hipódromo, o Portão de Ouro das Murallas de Constantinopla e os opulentos palácios aristocráticos que se alinhavam entre avenidas. Embora tenha sido assediada em várias ocasiões por diferentes povos, as defesas de Constantinopla se tornaram invulneráveis por quase 900 anos antes de a cidade ter sido tomada, em 1204, pelos exércitos cruzados da Quarta Cruzada. Constantinopla nunca se recuperou verdadeiramente da devastação causada pela Quarta Cruzada e das décadas de desordem do Império Latino, embora a cidade tenha se recuperado parcialmente nos primeiros anos após a restauração sob a dinastia paleóloga. Após a perda final de suas províncias, no início do século XV, o Império Bizantino foi reduzido a apenas Constantinopla e seus arredores, juntamente com Moreia na Grécia, até que Constantinopla se tornou um enclave dentro do incipiente Império Otomano. A cidade perdeu a guerra contra os otomanos, liderados pelo sultão Maomé II, após um cerco de um mês em 1453. A cidade se tornou a nova capital otomana no lugar de Edirne (antiga Adrianópolis) e passou a se chamar Istambul. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantinopla>)

² O Tratado de Tordesilhas foi um documento assinado em junho de 1494, na vila espanhola de Tordesilhas. Os protagonistas foram Portugal e Espanha, que delimitaram, através de uma linha imaginária, as posses portuguesa e espanhola no território da América do Sul, chamado de "Novo Continente".

encontra, no Brasil, uma oportunidade de expansão da sua crença, o que aconteceu, especialmente, com a catequização dos índios pelos jesuítas.

Em chegando ao Brasil, os portugueses encontraram uma nação de indígenas. Grande parte desses índios, triste passagem da nossa história, foi eliminada em conflitos com os colonizadores ou por doenças por eles importadas.

Aliás, verifica-se nos tratados históricos existentes a respeito, que a colonização do Brasil pelos portugueses foi marcada pelo uso exacerbado da violência e do trabalho escravo. Grande parte dos indígenas que sobreviveram ao massacre colonialista foi utilizada como mão de obra escrava, fato triste da nossa história, ampliado, anos mais tarde, com a importação dos negros trazidos a reboque da África.

Convencionou-se, ademais, tratar como "descobrimto do Brasil", a chegada dos portugueses ao Brasil, contudo, não se pode desconsiderar que aqui nas nossas terras outros povos já habitavam.

Os primeiros povoados fundados pelos portugueses, no litoral paulista, foram denominados de Vilas de São Vicente e Piratininga. Nessas vilas, foram realizadas as primeiras experiências no plantio e no cultivo da cana-de-açúcar. Como consequência, os indígenas e os negros foram utilizados como mão de obra escrava nos engenhos de açúcar. Chamado ciclo do açúcar, o período de exploração da cana-de-açúcar, iniciou-se por volta de 1530 e se estendeu até meados do século XVIII.

Aliás, bom dizer-se que a primeira tentativa de organização do território brasileiro foi às ditas denominadas Capitânicas Hereditárias. Esse sistema, no entanto, não obteve sucesso, então se criou o chamado Governo-Geral. Implementadas em 1534, as capitânicas eram extensas faixas de terra concedidas a nobres portugueses pelo Rei de Portugal Dom João III (1502-1557). Quem recebia uma capitânia era chamado de donatário.

Naquele tempo, foram criadas 15 capitânicas e cedidas a 12 donatários (alguns receberam mais de uma porção de terra). Os donatários, privilegiados que foram, tinham direitos na exploração do território que se lhes foram doados e deviam obrigações à metrópole. Consta, todavia, que a falta de recursos das capitânicas e os ataques de indígenas àquelas terras, levaram-nas ao fracasso. Em 1548, outra forma de organização política e administrativa foi adotada: "O Governo-Geral".

O Governo-Geral foi uma forma de organização centralizada, comandada por um governador indicado pelo Rei. Dentre suas responsabilidades estavam o desenvolvimento econômico da colônia e a proteção correspondente das terras.

Naquele período, foram criados novos cargos políticos com distintas responsabilidades, a saber: O Ouvidor-mor, o qual tinha a responsabilidade de cuidar da justiça e das leis; O Provedor-mor, que tinha a obrigação de cuidar da arrecadação e das finanças; e, o Capitão-mor tinha a função essencial e necessária à defesa contra ataques dos índios ou invasores.

Com a morte de Mem de Sá, o Brasil foi dividido entre o Governo do Norte, cuja capital era Salvador, e Governo do Sul, com capital no Rio de Janeiro. O fim do sistema de governos-gerais dar-se-ia em 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil.

A transferência da corte portuguesa marca o início de um processo que culminaria na proclamação da Independência do Brasil, em 1822, e o fim do período colonial.

II - O sistema de sesmarias e a criação das vilas no sertão do Ceará e dos Inhamuns

A exploração e a ocupação do vasto sertão do Ceará, destinado precipuamente à pecuária, começou a ganhar forma entre o final do século XVII e o início do XVIII. Nesse período, consolidaram-se as grandes fazendas para criação de gado e, conseqüentemente, a formação da atividade do charqueado⁶, por meio de grandes criatórios de forma extensiva para abate, corte e salga das carnes para serem negociadas e exportadas para outras capitanias.⁷

Ao depois, com manutenção da empreitada, ampliação das riquezas pelos colonos, busca incessante pela ampliação dos seus bens, necessidade da fixação do homem a terra, surgiu o sistema de sesmarias.⁸ Tal inovação

base das operações dos portugueses na luta contra os franceses. A expulsão definitiva destes só foi conseguida após muitas lutas. Estácio de Sá, com a ajuda de tropas do governador e da capitania de São Vicente, derrotou os invasores depois da batalhas de Urucu-Mirim e de Paranapuá (atual ilha do Governador). Destacaram-se nos combatentes, lado a lado com os portugueses, os Temiminós da capitania do Espírito Santo, sob o comando de Araribóia. Como recompensa, esse chefe indígena recebeu uma sesmaria na região da baía de Guanabara, onde fundou a vila de São Lourenço dos Índios (atual cidade de Niterói). Mem de Sá determinou a transferência da cidade, para melhor a defender, para o morro do Castelo. Na Bahia, como os ataques indígenas constituíram um fator desestabilizador, desde 1559 havia ordenada guerra aos Tupiniquins, na antiga capitania de Ilhéus, pacificando-os pela força. Em 1564, os Aimorés atacaram Caravelas, Porto Seguro, Ilhéus e as terras em frente ao arquipélago de Cairu. No governo de Manuel Teles Barreto (1583-1587), os Aimorés (Botocudos) voltariam a atacar a mesma região e, em 1597, deflagrariam uma ofensiva do rio Paraguaçu até Porto Seguro. Governou até 1572, ano de sua morte. O seu sucessor, D. Luís de Vasconcelos, que havia sido enviado em a viagem quando o seu navio foi atacado por corsários franceses. O governo ficou entregue a outro seu sobrinho, Salvador Correia de Sá. Para facilitar a administração, em 1572, a Corte estabeleceu dois governos: um, ao Norte, com sede em Salvador; outro, ao Sul, com sede no Rio de Janeiro. A divisão não produziu os resultados esperados, e o governo foi reunificado, em 1578, com sede em Salvador. Em seu governo registraram-se como feitos: a chegada do segundo Bispo nomeado para o Brasil, D. Pêro Leitão (1559); a pacificação dos Tamoios (Confederação dos Tamoios) pelos padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, concluída pelo armistício de Iperoiç (1563); a organização das Entradas de Vasco Rodrigues Caldas (1561), de Luís Martins e Brás Cubas e a de Martim Carvalho (1567 ou 1568). (https://pt.wikipedia.org/wiki/Mem_de_S%C3%A1).

6 Charqueada é a área da propriedade rural onde se produz o charque, sendo normalmente galpões cobertos onde a carne salgada é exposta para o processo de desidratação. A indústria saladeiril e o ciclo do charque (século XIX) deixaram suas marcas no extremo sul do Brasil, tornando Pelotas referência histórica e cultural. Toda a produção de charque - como de resto as produções mineradora e agrária da época, no Brasil - era baseada no trabalho dos escravos.

7 O gado chegou ao Ceará proveniente de Pernambuco e Rio Grande do Norte, no século XVII, onde se instalou pelas margens do Rio Jaguaribe. Com o crescimento das fazendas, a pecuária começou a se instalar na região. Porém, devido ao estado ser pouco povoado e ter pouca renda, eram desnecessários um abate tão grande de animais apenas para uso do couro, desperdiçando a carne do animal. Assim, para valorizar a mercadoria, já que o animal vivo não poderia percorrer longas distâncias, foram adotadas as chamadas Oficinas, Feitorias ou Charqueadas, no Ceará, às margens do Rio Jaguaribe. Devido às condições naturais apropriadas, vento, umidade e sol, o processo tornou-se um sucesso e teve forte influência econômica para o estado. Não se sabe ao certo quando começaram as charqueadas, mas sabe-se que, a partir da metade do século XVIII, no atual Aracati, os animais eram tangidos desde o Icó até as oficinas (330 km). Antes, as boiadas saíam do Icó ao Rio Grande do Norte ou Pernambuco, e, com a produção cearense, encurtou-se essa travessia. Assim, muda-se o perfil econômico e social do estado, trazendo infraestrutura, população e riquezas, desenvolvendo o primeiro mercado interno cearense. Nas fazendas, o leite do gado era utilizado para receitas; o couro, para móveis e roupas; e a carne, com o novo processo, para consumo e importação. Não se tem uma informação certa de quem criou a técnica da carne do sol, porém, difundiu-se e fez parte da economia do estado no século XVIII. A partir da seca dos anos 1777, 78 e 79, onde o gado acabou sendo dizimado, os irmãos Pinto Martins, grandes praticantes da atividade do charque aqui, mudaram-se para Pelotas - RS, onde adotaram a prática. Com isso, a técnica foi deixando de ser usada no cenário cearense, a boiada do Icó ao Aracati acabou e com a expansão algodoeira a prática foi abolida, e hoje praticamente não há mais produção artesanal dessa carne. Porém o consumo da carne proveniente do sul ainda é muito forte no cenário da gastronomia do Brasil. (<http://www.periodicos.ufc.br/ea/article/view/17601>)

8 Sesmarias eram terrenos abandonados pertencentes a Portugal e entregues para ocupação, primeiro no território português e, depois, na colônia, o Brasil, onde perdurou de 1530 até 1822. O sistema foi utilizado desde o século XII nas terras comuns, comunais ou da comunidade. O nome sesmaria deriva de sesmar, dividir. Por esse sistema, as terras cultivadas nas comunidades eram divididas conforme o número de habitantes e, depois, sorteadas. O objetivo era garantir o cultivo das áreas, que eram denominadas sesmo porque correspondiam à sexta parte do valor de cada terreno. Cada sesmaria tinha cerca de 6,5 mil metros quadrados. A mesma medida adotada em Portugal também foi aplicada, posteriormente, no Brasil. O sistema de sesmarias foi adotado pelo reino de Portugal depois da expulsão dos árabes, processo que começou no século XI e só foi concluído no século XV. A distribuição de terras teve como base a lei de Dom Fernando I, em 1375, e foi mantida também nos reinos de Filipe, Manuel e Afonso. Muitas das sesmarias estavam sob o controle da Ordem de Cristo, herdeira da Ordem dos Templários e, depois, batizada como Ordem de Cristo. A essa contribuiu para a consolidação do território português auxiliando na expulsão dos mouros

incentivada pela Coroa portuguesa favoreceu, em grande parte, a ocupação das áreas até então desabitadas. Com a chegada das Vilas, estabelecidas em áreas sesmarias, a Coroa buscou sistematizar o comportamento social de então, ao colocar os colonos, o homem, sob uma mesma legislação, estabelecendo, com isso, a ordem, a justiça e a arrecadação de impostos para a Coroa⁹. Foi, assim, destarte, o princípio para a humanização das relações subsistentes durante, praticamente, boa parte do período colonial.

Desse modo, percebe-se que a escolha para a instalação das vilas no período colonial não se deu de forma aleatória, tampouco a um padrão eminentemente organizado, mas, extrai-se da história, constituíram-se, acima de tudo, em pontos estratégicos para a Coroa Portuguesa, diante de grandes domínios coloniais. Na Capitania do Siará Grande, tal como conhecido à época, a consolidação do povoamento ocorreu, sobretudo e sobretudo, a partir da segunda metade do século XVIII.¹⁰

O estudioso JUCÁ NETO,¹¹ na sua imensa perspicácia de firme narrador da história brasileira, e por não dizer, cearense, elenca que *“mesmo diante de um contexto social e físico não propício à fixação, o povo colonizador Português resolveu pela lógica, então dominante, seguir os caminhos dos vaqueiros e dos representantes da Igreja. Desta sorte, instalaram-se no território. E não foi por outro motivo, senão o eminentemente estratégico que, ao tempo, escolheram pontos exequíveis à fundação das vilas, lugar onde se estabeleceriam a “autoridade civil lusitana”, tão necessários ao implemento dos seus propósitos e ao desenvolvimento da colônia”*.

NOVAIS, Fernando A. SOUZA, Laura de Melo,¹² afirmam *“que os estabelecimentos das vilas e o maior rigor no acompanhamento na Colônia deram-se, justamente, entre os séculos XVII e XVIII, tempo em o qual a Metrópole destaca maior empenho”*. Acrescentam os autores: *“Não é de se estranhar a necessidade de ordenar as posses no ultramar diante de mudanças, como o redirecionamento das áreas de exploração de riquezas da cana-de-açúcar, no Nordeste, após a descoberta do ouro, provocando novos deslocamentos de colonos, sobretudo, para Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Bahia”*.

e contribuindo para as atividades de navegação ultramarina. No Brasil, o sistema de sesmarias foi aplicado como forma de garantir a posse do território, já dividido em Capitânicas Hereditárias. As capitânicas garantiam a posse e não representavam gastos para a Coroa, contudo os territórios sofriam com invasões. As primeiras distribuições de sesmarias foram promovidas por Martim Afonso de Souza e consistiam na subdivisão das capitânicas. O sistema garantia o suporte à colonização necessário à Coroa. A distribuição de terras tinha como objetivo atrair colonos cristãos, que tinham o direito de usufruir assegurado por meio de cartas de doação. Esses eram chamados sesmeiros. Quem recebia a posse da sesmaria não teria, contudo, domínio total administrativo e permaneciam sujeitos à Coroa. Já os capitães donatários das capitânicas detinham 20% do território e eram obrigados a distribuir os demais 80% em sistema de sesmaria. Entre os principais problemas enfrentados pela Coroa para regulamentar as sesmarias estava a obrigatoriedade do cultivo e o estabelecimento de limites territoriais, muitas vezes desobedecidos pelos posseiros. Os posseiros, a quem os sesmeiros arrendavam as terras, passaram a cultivá-la e exigir o reconhecimento do direito sobre os territórios. A Coroa fez inúmeras tentativas de regulamentar o problema e, somente em 1822, o sistema de sesmarias foi abolido, beneficiando os posseiros.

⁹ “Urbanísticas Portuguesas para as Vilas Cearenses”. In: XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2009, JUCÁ NETO, C. R. “As Diretrizes Florianópolis. Planejamento e Gestão do Território - Escalas, Conflitos e Incertezas. Florianópolis: UFSC, 2009, v. 1, p. 1-22.; VIEIRA Jr., Otaviano. Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

¹⁰ Há que se considerar, contudo, tentativas fracassadas de povoaamentos pelos portugueses desde o século XVI: Pero Coelho de Sousa; Martins Soares Moreno; dos próprios jesuítas. A respeito disso ver: SOUZA, Simone (org.). História do Ceará: dos índios a Geração Cambeba. Fortaleza: Tropical, 1997; SOUZA, Monica Hellen Mesquita de. MISSÃO NA IBIAPABA: Estratégias e táticas na Colônia nos séculos XVII e XVIII. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003. MAIA, Lígio José de. Serras de Ibiapaba: De aldeia à vila de Índios: Vassalagem e Identidade em História Colonial – Século XVIII. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

¹¹ Idem ibidem, v. 1, p. 1-22.

¹² A.; SOUZA, Laura de Melo (org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

O certo é que cabia à Coroa e tão só a Coroa, lançar mão de um arsenal de Leis e Ordenações para regulamentar o comércio, os impostos e até mesmo as posturas nas áreas mais remotas. Era preciso consolidar as áreas até então, povoadas segundo seus termos. Foram, possivelmente, nesse sentido, que foram edificadas dezoito vilas na Capitania do Siará Grande, entre 1700 e 1822,¹³ dentre as quais, a “Vila de São João do Príncipe”, em 1802, nossa terra, “Tauá”, como veremos mais adiante.

Retornando aos estudos de JUCÁ NETO, tem-se que as vilas e as principais rotas de trânsito e de mercadorias, como já anotado, localizavam-se estrategicamente em pontos consistentes e de fácil e melhor acesso para produção e circulação da atividade pecuarista. Verifica-se, assim, que as vilas eram encontradas/instaladas, preponderantemente, nos cruzamentos das estradas (as quais a elas dispensaremos adiante tratamento especial), onde as boiadas tinham curso, na foz dos principais rios, pela necessidade da água, elemento primordial à vida. Dessa forma, a foz dos rios Jaguaribe, Acaraú e Coreauá,¹⁴ foram, em verdade, elemento indutor na escolha onde, a princípio, as vilas se instalariam.

Por outro lado, João Brígido¹⁵ aponta que, para a fundação das vilas e dos povoados, a Carta Régia de julho de 1766¹⁶, facultou ao Governador de Pernambuco erigir em vilas os povoados que tivessem mais de 50 fogos, dando-lhes Juiz Ordinário, Vereadores e Procurador do Conselho. Essa carta, também, tinha por finalidade reunir vadios e facínoras que vinham a vagabundear pela capitania, porque assim, suas ações seriam vigiadas e punidas. Foi em virtude dessa ordem, que se criaram as vilas e dentre as quais a de São João do Príncipe.¹⁷

Nesse panorama, a instalação dos boiadeiros aliados à Igreja, à domesticação da população indígena, que, consoante se tem conhecimento pela narrativa histórica a respeito, resistia à expansão do criatório, à parti-

13 Idem ibidem, v. 1, p. 11.

14 JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Vilas, Povoados e Estradas do Ceará Colonial: os Caminhos da Ocupação Territorial. A respeito das mudanças ao longo da ocupação colonial no Brasil, e as várias perspectivas sentidas por suas populações, ver: NOVAIS, Fernando. Disponível em: <http://www.arquitetura.ufc.br/novo/wp-content/uploads/2010/11/Vilas-Povoados-e-Estradas-do-Cear%C3%A1-Colonial.pdf>

15 João Brígido dos Santos (São João da Barra, 3 de dezembro de 1829 — Fortaleza, 14 de outubro de 1921) foi um político, cronista, jornalista, historiador e maçom brasileiro. É o patrono da Cadeira nº 17 do Instituto Cultural do Cariri. Filho de Ignácio Brígido, criou-se no sertão do Ceará, onde seu pai exercia a função de funcionário na Promotoria Pública de Baturité. Cedou, obteve êxito através de concurso na cadeira de letras no município de Jardim, exercendo a função de professor aos 20 anos de idade. Casou-se aos 21 anos de idade. Foi um dos responsáveis pelos primeiros estudos e publicações a respeito da história do Ceará, junto com Tristão de Alencar Araripe, Pedro Theberge e Tomás Pompeu de Sousa Brasil. Iniciou-se na atividade jornalística muito cedo, no jornal O Araripe, na década de 1850, na cidade do Crato. Posteriormente, colaborou com O Cearense, do senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil. Em 1861, já morando em Fortaleza, foi aprovado em concurso para professor no Liceu do Ceará. Na política, seu posicionamento partidário era Liberal, e nessa época foi eleito deputado provincial em 1864 e foi reeleito em 1866. Foi, ainda, deputado geral (1878-1881), e deputado estadual (1893-1894). Era maçom ativo na Loja Fraternidade Cearense, onde foi redator do jornal “Fraternidade” escrevendo texto abolicionistas e de combate aos flagelados da Grande Seca de 1877. Também foi ativo escritor de textos maçônicos pela Questão religiosa. Monarquista assumido até à Proclamação da República Brasileira quando se tornou um defensor do novo regime, tanto nas suas crônicas como em seus artigos, não media palavras quando criticava seus inimigos políticos, fazendo um jornalismo recheado de parcialidade. Fundou o jornal Unitário em 1903, principal veículo de oposição à oligarquia de Nogueira Accioli, em um momento de sua vida em que ele retornava à sua posição de monarquista após assistir aos mesmos escândalos que o grupo político de Accioli já vinha cometendo há décadas. Foi amigo do Conde d’Eu, ciceroneando-o quando de sua estada pela província do Ceará. Após ser acometido por catarata, morreu cego, com quase noventa e dois anos de idade. ([HTTPS://PT.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Br%C3%ADgido_dos_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Br%C3%ADgido_dos_Santos))

16 “Todos os homens, que ditos sertões se acharem vagabundos, ou em sítios volantes, sejam logo obrigados a escolherem lugares acomodados para viverem juntos em Povoações Cíveis que, pelo menos, tenham de cinquenta fogos para cima, com Juiz Ordinário, Vereadores e Procurador do Conselho, repartindo-se entre eles com justas proporções as terras adjacentes. E isto debaixo de pena de que aqueles que, no termo competente que lhes assinar nos Editais que se fixarem para esse efeito, não aparecerem para se congregarem e reduzirem à Sociedade Cível nas Povoações acima declaradas será tratado como Salteadores de Caminhos e inimigos comuns, e como tais punidos a severidade das Leis”. (AHU. PB; Maço 27. Cópia da carta régia de 22 de julho de 1766).

17 ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Cronologia Sobralense. Sobral: Imprensa Universitária, 1979. Vol. I.

cipação do Estado português por meio da fundação das vilas, pela inovação significativa nos costumes da época, por sem dúvida, possibilitou a capitalização ativa da atividade do comércio e da pecuária então existente.

É de se ressaltar que, no Ceará, a fixação dos primeiros colonizadores não se apresentou lá muito receptiva, segundo apontam vários estudiosos e dentre os quais, Milton Santos. A conquista do sertão cearense, aliás, deu-se de forma razoavelmente violenta. E afirmam, assim, vários historiadores: *"Somente depois de extirpado, passado o medo da região (resultante da adversidade climática e da resistência indígena), os desbravadores resolveram construir, ainda mesmo que receosos, suas fazendas nos sertões desta vasta nação brasileira, possibilitando ali fincarem suas famílias."*¹⁸

E dizem mais os historiadores da época: a Guerra dos Bárbaros¹⁹ foi apenas um dos capítulos da sangrenta conquista.²⁰ Além do embate com os índios, as brigas entre os sesmeiros, também, coloriram de sangue a colonização.

Conclui-se, portanto, que a ocupação e a fixação do homem nos sertões do Brasil e, em especial, nos sertões do Ceará e dos Inhamuns, encontraram o apoio e a sustentação necessários e, na visão de então, no sistema de sesmarias. Os primeiros sesmeiros não só foram os primeiros donos da terra, como também ocuparam postos militares e funções de ordenanças nas câmaras das vilas fundadas.²¹ De notar, ademais, que de cerca de 2472 (duas mil quatrocentas e setenta e duas), datas solicitadas entre 1679 e 1824, mais de noventa por cento tiveram como justificativa, a necessidade de terra para a exploração da pecuária.²²

Nesse contexto, temos que as fazendas de gado espalharam-se pelo sertão dando origem, como visto, à maioria das vilas na Capitania do Ceará. Veja-se, ademais, que na metade do século XVIII, a fazenda de gado dispersa pelo sertão sediou o povoamento. Foi, destarte, a sede das sesmarias, da unidade familiar, da atividade produtiva e, também, onde se encontraram as melhores condições para a acumulação das riquezas que favoreceram a instalação da Vila. Ademais, como já anotado, a sede da vila passou a ser o centro da política do lugar, da vida sertaneja e, por extensão, das famílias, com poderes a alguns destinados de forma quase que absoluta.²³

18 ABREU, João Capistrano de. Capítulos de história colonial: 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

19 PUNTONI, Pedro. A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordestino do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec; Edusp; FAPESP, 2002 (Estudos Históricos, 44).

Guerra dos Bárbaros foram os conflitos, rebeliões e confrontos envolvendo os colonizadores portugueses e várias etnias indígenas tapuias que aconteceram nas capitanias do Nordeste do Brasil, a partir de 1683. Com a expulsão dos holandeses do território no ano de 1654, os portugueses puderam retomar o avanço em direção ao interior nordestino, expandindo as fazendas de gado e perseguindo as etnias indígenas. Porém a resistência de diversas etnias indígenas, que tinham sido aliados dos holandeses, foi um elemento-surpresa para os lusos. Os portugueses fortaleceram o efetivo militar, inclusive com a vinda de bandeirantes paulistas como Domingos Jorge Velho. Já as etnias indígenas tapuias do interior nordestino, como os janduis, paiacus, caripus, icós, caratiús e cariris, uniram-se em aliança e confrontaram os portugueses nas tentativas de dominar as terras dos nativos. A aliança das tribos tapuias, denominada pelos portugueses como Confederação dos Cariris ou Confederação dos Bárbaros, foi derrotada somente em 1713.

20 Além de Pedri Puntoni, vejam-se os artigos de Carlos Studart Filho (1959, 1961).

21 NOGUEIRA, Gabriel. Fazer-se nobre nas fimbrias do Império: práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748 – 1804), 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

22 PINHEIRO, Francisco José. Notas sobre a formação social do Ceará (1680 – 1820). Fortaleza, Fundação Ana Lima, 2008.

23 Dossiê – Caminhos da História da Urbanização no Brasil-Colônia – Clóvis Ramiro Jucá Neto, Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará.

No que toca à participação da Igreja nesse período, tem-se que durante o século XVIII, aliada aos primeiros desbravadores, a mesma se fixou no território colonial, empenhando-se em um papel eminentemente de trabalho a catequese.

Referem os historiógrafos envolvidos com o estudo da nossa colonização, que o processo de conversão da capitania não foi diferente daquele compreendido em outras regiões brasileiras, antecedendo o poder civil. As diversas tratativas empreendidas, nesse sentido, deram-se de forma absolutamente itinerante, percebendo-se, por isso, a não constituição de grandes ajuntamentos, tais como, nas missões estabelecidas na região Sul do Brasil. É possível presumir, dizem, *“que ao contrário da atividade produtiva do açúcar, concentradora de mão de obra, a atividade extensiva da pecuária e sua extrema dispersão, tenham dificultado a instalação da Igreja. Mas, para além daqueles que se fixaram temporariamente, vários religiosos foram proprietários de sesmarias ou estavam, na verdade, integrados em congregações beneficiadas com doações de terras.”*²⁴ Assim, pontua-se que o território cearense foi caracterizado por ermidas, capelas, aldeamentos pequenos e efêmeros que tiveram à frente, na maioria das vezes, padres seculares, os Clérigos do Hábito de São Pedro.

Em relação ao projeto jesuítico, de grande projeção ao tempo da colonização da Capitania do Ceará, pode-se afirmar que, basicamente, prendeu-se no surgimento de algumas pequenas missões anteriormente estabelecidas pelos inacianos em Parangaba, Caucaia e Paupina, nas proximidades da Serra da Ibiapaba, da Serra de Baturité, dos Cariris-Novos, e na instalação do Real Hospício²⁵ jesuítico em Aquiraz. As missões de Parangaba, Caucaia, Paupina, das serras da Ibiapaba, de Baturité e dos Cariris Novos, foram transformadas em vilas no reinado de D. José I. Os novos topônimos impostos pelas autoridades portuguesas foram, respectivamente, os de Aronches (atual Parangaba), Soure (atual Caucaia), Messejana, Vila Viçosa Real, Monte-mor o Novo da América (atual Baturité) e Vila Real do Crato. As missões dos Tremembés, no rio Aracati-Mirim, e a dos Pacajús, no rio Choró, tornaram-se, respectivamente, Almofala e Monte-mor o Velho da América (atual Pacajus), mas permaneceram como simples povoados.²⁶

Ainda, consoante afirma Bueno,²⁷ durante o período colonial, as instâncias de poder organizavam-se, hierarquicamente, em instituições irradiadas a partir das cidades reais. Essas instituições administrativas, jurídicas e eclesiásticas, sobrepunham seus territórios no espaço. Eram tentáculos

24 NOBRE, Geraldo da Silva. Formação das cidades no Ceará-Colônia. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, n. 100, p. 246,

25 Na lição de Serafim Leite, in História da Companhia de Jesus no Brasil (séculos XVII-XVIII), 3. Rio de Janeiro; Instituto Nacional do Livro, 1943, p. 73, entende-se por hospício uma casa ou residência grande, cabeça de toda Missão, diferente das casas da Aldeia. A ela se acolheriam os missionários das Aldeias para repousar, de vez em quando. Dela, os missionários, que habitassem de assento, iriam fazer missões às Aldeias e ao sertão. Ademais, serviriam também como enfermaria geral para os missionários, onde se recolhessem os doentes ou aqueles alquebrados pela idade.

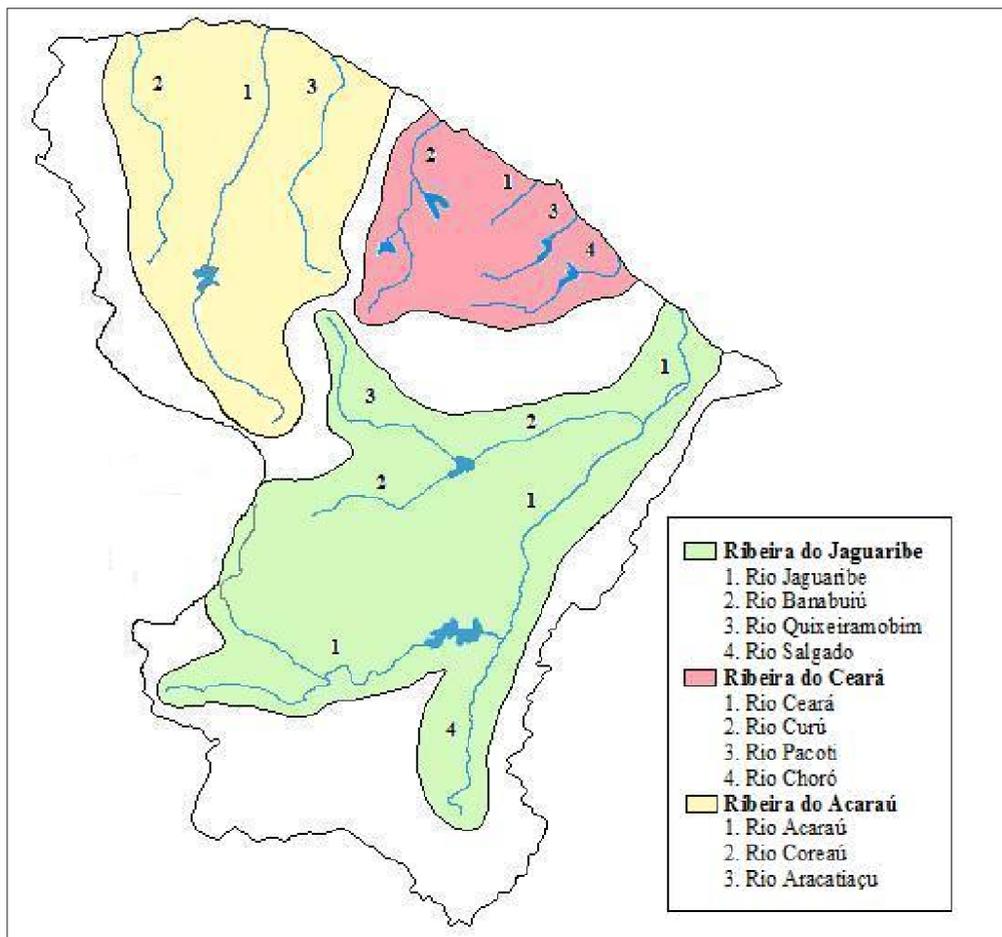
26 Idem. ibidem, p. 242.

27 BUENO, Beatriz P. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 17, n.2, p. 215-294, jul. – dez. 2009 (Nova Série).

metropolitanos na distante conquista, cumprindo papéis distintos²⁸ na lógica da ocupação territorial.

Eis, portanto, pequeno passeio que se faz na história antecedente à criação da Vila nos sertões do Ceará. Tal incursão, mesmo que de forma muito resumida, para mim implica por razoável, para que possamos ao fim e a cabo, entender os propósitos deste trabalho, o qual visa, acima de tudo, demonstrar, mesmo de forma pequena, nossa história, nossa gente, nossas tradições.

III – Mapa das Ribeiras da capitania do Siará Grande e seus principais rios²⁹



Estudos realizados ao longo dos anos, após o descobrimento do Brasil, demonstram que as terras do Siará Grande, até, então habitadas por indígenas, teve como influência primordial, as caracterizadas grandes ribeiras,

28 Idem. ibidem, p. 252.

29 Revista Porto n. 04. 2016 p. 2-26.

formadas por grandes rios, objeto que, pelo que se sabe, facilitou a incursão do homem colonizador ao nosso sertão.

Verifica-se, portanto, no território do Siará Grande, como eram denominadas à época, três grandes ribeiras (vide mapa página anterior), formadas pelas maiores bacias de água, onde mais facilmente foi encontrado, o que possibilitou, realmente, como já dito, a incursão e a exploração do nosso território. Destacam-se, assim, em primeiro, a Ribeira do Jaguaribe, constituídas pelos Rios Jaguaribe, Banabuiú, Quixeramobim e Salgado; Ribeira do Ceará, formada pelos Rios Ceará, Curú, Pacoti e Choró e Ribeira do Acaraú, constituída pelos Rios Acaraú, Coreau e Aracatiaçu.

Todas essas ribeiras, juntamente com os seus afluentes, constituíram-se na grande bacia d'água, ao tempo, inclusive na atualidade, por certo, juntamente a outras descobertas, constituindo-se em fonte de riqueza e vida para o nosso povo.

Das Ribeiras do Siará Grande, daí a sua importância à colonização do nosso território, nasceram e se instituíram as grandes doações de sesmarias, as grandes fazendas, as vilas e as cidades. Adiante, veremos mais miudamente essa assertiva, e, na visão de estudiosos, a imbricação delas correlatas a nossa colonização e ao nosso desenvolvimento.

IV – As sesmarias na Ribeira dos Inhamuns

A concessão de sesmarias, como é do conhecimento de muitos dos que enveredam pelo estudo da nossa colonização, foi utilizada pela coroa portuguesa como meio, a fim de atrair para o interior as importantes forças mandantes identificadas no sertão. Verifica-se, pois, que desde antes mesmo do século XIV, a concessão de terras foi utilizada como importante instrumento dentro da economia política exercida pela coroa portuguesa. Nos Inhamuns, nada foi diferente. Pela planilha explicitada no item V, sem nenhuma dificuldade, pode-se constatar o quão importante e decisiva foi a divisão sesmarial ocorrida na ribeira dos Inhamuns, destinadas que foram a grandes nomes, o que torna verdadeira a conclusão tomada de que essas concessões foram endereçadas a esses homens, tidos como elites conquistadoras.

Aliás, para a Coroa, as terras que pertenciam aos indígenas eram devolutas, desaproveitadas e passíveis de concessão. Nos pedidos de várias sesmarias na Capitania do Siará Grande, os solicitantes ressaltaram a justificativa, acrescentando que, se doadas às terras, passariam a gerar lucros mediante o pagamento dos dízimos reais.

Verificou-se, ademais, que os sujeitos que atuavam em nome da Coroa, beneficiavam-se nesse processo de concessão de mercês pelos serviços prestados. Na Carta Régia de 28 de janeiro de 1698, estabelecendo o tamanho das sesmarias de acordo com a patente dos requerentes, a relação entre participação nas conquistas – seja contra o indígena ou o negro – e a política das mercês atenuava as determinações legais impostas.

Interessante observar que, quanto mais alta a patente era, maior a quantidade de terra recebida. Outro ponto a ser destacado é a preocupação em relação à existência de possíveis sesmeiros anteriores. Caso isso ocorresse seria assegurada a concessão aos conquistadores e não aos primeiros povoadores. Estes deveriam receber terras em outro espaço. Essa determinação realça a importância da associação entre sesmaria e serviços prestados à Coroa portuguesa.

V – Quadro demonstrativo da concessão de sesmarias na ribeira do Inhamuns (séc. XVIII)

Ano	Área	Concessionários	Observação
1708	3x1	Antônio Esteves Manuel Marques	Descobridores de um riacho nos Inhamuns
1708	3x1 3x1	Baltazar Ferreira Silvestre Coelho	Dizem ter descoberto terras devolutas no riacho acima que parte de dentro dos boqueirões
1708	3x2 3x2	Antônio Esteves Domingos Pires Costa	Dizem ter descoberto um riacho da parte do norte dos boqueirões dos Hinhamas, subindo
1717	3x2	José de Araújo	Diz que descobriu um riacho a que o gentio chama Faroio e os brancos chamam de Favela, que corre de nascente a poente.
1717	3x2	João de Almeida Vieira	Diz que descobriu um riacho chamado Cacimba
1717	3x2	João da Silva Queiroz José de Araújo Sebastião da Costa	Dizem que descobriram o riacho Feloi-bou
1717	3x2 3x2	Cosme Ferreira Francisco Ferreira	Dizem que descobriram entre o riacho Bastião e o do Camaleões, nas cabeceiras de uns riachos, a que o gentio chama Loucuneele e Nanraniou (riachos do Tabuleiros e da Pitombeiras) nos quais há uns olhos d'água e poços

Ano	Área	Concessionários	Observação
1717	2x2	Antônio Vieira Pita	Diz ter descoberto o riacho Mucumim
1717	3x2	Félix da Silva Bezerra Antônio Nunes de Almeida Sebastião da Costa Cardoso	Dizem que descobriram um riacho que o gentio chama Anauié que sai de trás da Serra do Boqueirão do Inhamu
1718	3x1 3x1	Luís Coelho Vital João de Almeida Vital	Descobriram uns olhos d'água chamados de Curiús
1718	3x2 3x2	Pe. Antônio Teixeira de Borba Manuel Figueiredo	Descobriram o riacho Puiú
1718	3x2	Ventura Ruiz de Souza Domingos Roiz	Dizem ter descoberto um riacho que deságua entre o sitio S. Cruz e o S. Antônio
1718	3x2	Antônio Nunes Moreira	Diz ter descoberto o riacho Umbus
1719	3x2	Manuel da Silva Soares	Diz que descobriu o riacho dos Bois
1717	3x2	Manuel da Silva Soares Francisco Velho	Dizem que descobriram o riacho Mucumins na ribeira de Inhamuns
1717	3x2	Luiz Coelho Vidal João de Almeida Vieira	Descobriram o riacho Tauá
1720	3x2	José de Araújo Chave	Descobriu e povoou o riacho Imbuzeiro
1720	2x1	Lourenço Alves Feitosa	Terras que não foram povoadas pelos sesmeiros Manuel Roiz Teixeira e Gaspar Moreira
1721	1x2	Lourenço Alves Feitosa	Terras que não foram povoadas pelos sesmeiros Manuel Rioz Teixeira e Gaspar Moreira
1747	3x1	Francisco Alves Feitosa	Olho d'água próximo da fazenda Boqueirão

Ano	Área	Concessionários	Observação
1751	3x1	Antônio Ferreira de Oliveira Velate Francisco Ferreira de Oliveira	Descobriram uma lagoa nas cabeceiras do Inhamuns chamada de Cama
1752	3x1	Manuel da Silva Carmo	No riacho das Flores
1759	3x1	João Roiz de Matos	Terras da Serra Verde
1794	-	Domingos Sanches de Carvalho	Alega que povoou terras desde 1784 e por isso pede sua posse judicial
1708	3x1	Domingos Alves de Gois	Pede terras do riacho Catingueira
1711	3x1 3x1	Baltazar Ferreira Lima João de Almeida	Dizem que descobriram o riacho Candadú
1717	3x2	Pe. Domingos Dias da Silveira (Cura de Icó)	Diz que fez descobrir o riacho do Mota
1717	3x2 3x2	Luiz Coelho Vidal Manuel Coelho Vidal	Descobriram o riacho Jucá
1717	3x2 3x2	Luiz Coelho Vidal João de Almeida Vieira	Dizer que descobriram o riacho Tauhaha
1721	3x1	Lourenço Alves Feitosa	Diz que descobriu um riacho entre Boa Vista e Pitombeira
1722	3x1	Manuel da Silva Soares	Pede duas léguas de comprimento pegando o Poço da Pedra para baixo e uma para cima

Fonte: Secretaria de Cultura do Ceará. Sesmarias cearenses. Fortaleza: 1970.

NATHALIA MONTENEGRO DINIS aponta:³⁰ *“No que diz respeito às sesmarias vinculadas à economia da pecuária, revela-se que as concessões das terras observavam dimensões e natureza variáveis, mas nunca ultrapassavam três léguas de comprimento”*. Acrescenta: *“que sítios são mencionados em meio às fazendas, então existentes, a saber: Sítio S. Cruz, Sítio S. Antônio, Sítios das Pitombeiras, Fazenda Boqueirão, Sítio Bom Sucesso, Fazenda Trici, Fazenda da Serra e Fazenda Barra da Sociedade. Na Ribeira dos Inhamuns, verifica-se que a família Feitosa foi a maior beneficiada, no caso, citam-se Lourenço Alves Feitosa, Francisco Alves Feitosa, José Alves Feitosa e sua mulher Maria Alves Feitosa e Anna Gonçalves Vieira, Antônia Leite de*

³⁰ Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, defendida por Nathalia Montenegro Dinis. São Paulo, 2013.

Oliveira, Lourenço Alves Penedo e Rocha, Domingos Alves Feitosa, Lourenço Gonçalves Moura, Simão Rodrigues Ferreira, Antônio Pinto Correia”.

No mesmo trabalho, NATHALIA MONTENEGRO DINIS acrescenta:³¹ *“Grande parte da população da Ribeira dos Inhamuns vinculava-se à agricultura de subsistência. Poucos eram os fazendeiros donos de grandes glebas de terras e com um número elevado de gado em seus rebanhos, dada a baixa produtividade da pecuária em terrenos áridos. Tais fatores conduzem a uma discreta acumulação de riqueza, que ora refletir-se na cultura material ali produzida”.*

As ribeiras, salvo raríssimas exceções, aliás, foram circunscrições administrativas definidas durante os primórdios da nossa colonização, consoante antes referido.

Ainda em estudo aprofundado do arcabouço histórico da região dos Inhamuns e do nosso município, em um trabalho denominado “Um sertão dentre tantos outros – fazendas de gado nas Ribeiras do Norte,” já referido, encontramos uma passagem que, pela importância do seu conteúdo, nos aparece como fato significativo e imprescindível ao conhecimento de todos pertinentemente a nossa história, onde a autora destaca com maestria: *“As práticas relacionadas ao cotidiano da pecuária nos confins do Brasil, a partir do século XVIII, foram sendo organizadas aos poucos a partir dos desafios impostos pela lida diária em um território completamente novo para a Coroa portuguesa. A opção por um modo extensivo de criação do gado vacum abria brechas para furtos, o que significava tanto perda para o proprietário como para a Coroa, que deixava de recolher o dízimo relativo às cabeças furtadas. Frente a tal situação, foram elaboradas medidas administrativas para impedir tal delito”.* E acrescenta a autora com muita propriedade: *“Passagens da documentação oficial elucidam a existência de diversos sertões articulados por meio de uma rede fluvial e de caminhos terrestres e controlados por uma rede de postos fiscais – aí, incluso registros – envolvendo hierarquias e funções distintas. As vias de comunicação variavam de porte, indo desde veredas (caminhos jamais alcançados) a estradas. Da mesma forma, núcleos de povoamento, pouso, passagem e postos de controles fiscais, situados nas rotas mais importantes, tinham nomes e hierarquias particulares pela Coroa portuguesa para a coleta dos dízimos das mercadorias do sertão, sistema que persistirá, inclusive, no século XIX, quando já tinham sido fundadas as vilas e freguesias interiorizadas”.* “As ribeiras, vale anotar, eram ladeadas por caminhos – Estrada das Ribeiras” – que as articulavam a redes mais distantes, indo além do próprio sertão, abastecendo outras capitânicas e regiões da colônia. Cada rio e riacho possuíam a sua estrada da ribeira, caminho que seguia perto o leito do curso d’água, desenrolando-se ora por uma, ora pela outra margem, da foz às

³¹ Ibidem

cabeceiras, e ao longo da qual de hábito se edificavam os currais, as casas dos vaqueiros e até as casas senhoriais.³²

E o mais importante, para nós, aponta a autora, às fls. 37/38 do mencionado trabalho. *"As ribeiras cumpriam, também, outro papel: era a existência da água a condição para uma sesmaria ser concedida, conforme observa na documentação correspondente às concessões de sesmarias na Ribeira dos Inhamuns, na Capitania do Ceará"*.

Citando CHANDLER e STUDART,³³ relembra: *"Havia uma relação íntima nos Inhamuns da economia agrícola e a pecuária com os assuntos de mercado e comunicação. Até o fim das primeiras décadas do século XIX, o gado era vendido na Bahia e Pernambuco (...). Os bois eram vendidos na idade de quatro e seis anos". ... "O transporte de produtos agrícolas era muito mais difícil por causa da inexistência de boas estradas nos Inhamuns. Não há dúvida que havia comunicação entre o Piauí, Ipu, Crato, Icó, Fortaleza, Pernambuco e Bahia (às vezes tem-se até que repetir informações históricas), desde os primórdios do século XVIII, mas era feita por meio de trilhas que não se prestavam, normalmente, para locomoção de qualquer espécie de veículo. Em consequência, todas as cargas dos Inhamuns eram transportadas por fortes e resistentes jericos, caçuás de couro, presos às cangalhas, eram transportados nas costas desses animais. Tal meio de transporte não favorecia a comercialização de produtos agrícolas. Além disso, os Inhamuns ficavam",* como já referidos alhures, *"distante dos grandes centros de comércio, o que muito dificultava a competição com outras áreas melhor localizadas"*.

O certo é que dos Inhamuns saíam como produtos ali trabalhados, apesar da intempérie do tempo, quase sempre a nós desfavoráveis, o fumo, o milho, o feijão, a mandioca e a cana-de-açúcar, além da farinha de mandioca e a rapadura.

Revela-se, assim, a nossa região, a nossa terra, recheada de surpresas agradáveis, porquanto além de detentora de vasto patrimônio natural, cultural, o seu patrimônio imaterial, torna a nossa terra, a nossa história e as nossas tradições ricas e excepcionalmente valiosas.

VI - A ocupação dos sertões dos Inhamuns e de Tauá

Feito um pequeno passeio sobre a história da colonização do Brasil, desde o descobrimento, ingressamos agora, por ser o tema central e prospectivo deste trabalho, no que diz respeito à ocupação dos sertões dos Inhamuns e, por extensão, no nascimento de nossa terra.

Com efeito, segundo inúmeros estudos realizados e existentes sobre a ocupação dos sertões dos Inhamuns, vê-se que, até a chegada dos colonizadores portugueses, o território cearense era habitado por grandes etnias indígenas, tais como, os Tremembés, que são um grupo étnico indígena que

³² Ibidem, p. 38.

³³ Ibidem, págs. 65 - 66.

habita os limites do município brasileiro de Itarema, no litoral do estado do Ceará, mais precisamente na Área Indígena Tremembé de Almofala (Itarema), Terras Indígenas São José e Buriti (Itapipoca), Córrego do João Pereira (Itarema e Acaraú) e Tremembé de Queimadas (Acaraú).

Os tremembés, atualmente, vivem no estado do Ceará, mais especificamente nos municípios Itarema, Acaraú e Itapipoca. No município de Itarema, os Tremembé vivem numa área já regularizada pela Funai e conhecida como Córrego do João Pereira, e também na região da "Grande Almofala" que compreende uma vila homônima. Devido as grandes influências portuguesas decorrentes das missões portuguesas na região onde viviam e vive os Tremembé, eles perderam historicamente a sua língua nativa, sendo agora a predominante o português. Os tremembés perderam historicamente os seus costumes religiosos, restando poucas características originais. Hoje, em sua maioria são altamente influenciados pelo catolicismo.

Os tremembés conseguiram guardar um pouco da sua arte e cultura. Eles ainda dançam o torém (uma dança ritual) e ainda produzem o mocoró (vinho de caju azedo fermentado). Eles costumam pintar as paredes das suas habitações e cerâmicas com motivos simbólicos do seu habitat, como: o caju, a rolinha, peixes, caranguejos e outros. As mulheres tremembés confeccionam bio joias, como colares e pulseiras com conchas, búzios e sementes. A tecelagem também é confeccionada por estes; Canindés, que são associados aos janduí e aos paiacus, compondo grupos que descenderiam dos tarairus. O nome dos canindés está ligado a seu chefe histórico Canindé, mais importante na tribo dos janduí, que comandou a resistência deste povo no século XVII, o que forçou o rei de Portugal à assinatura de um tratado de paz em 1692, tratado este que foi posteriormente descumprido pelos portugueses. Seus descendentes ficaram desde então conhecidos como canindés em referência ao histórico líder e à ancestralidade. Os canindés têm por tradição oral serem originários da área que compreende o atual município de Mombaça, tendo percorrido junto aos seus parentes Jenipapos-canindés trajeto pelas margens do rio Curu, passando por Quixadá entre os rios Quixeramobim e Banabuiú, até chegar às suas atuais terras. A história dos canindés é marcada desde tempos remotos por uma série de deslocamentos forçados. Entretanto, conseguiu os canindés manter laços de parentesco entre as duas comunidades que compõem o grupo entre o sertão central e a serra de Baturité. Os canindés possuem forte cultura de caça herdada de seus antepassados. Têm conhecimento de utilização de diversas armadilhas como o quixó de geringonça, que utilizam para capturar mocós, tejos, cassacos, pebas, veados, nambus, seriemas e juritis, tendo sempre o cuidado de não violar o período de gestação dos animais. O respeito à sustentabilidade é passado de geração em geração visando à manutenção da caça através dos tempos. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Canind%C3%A9s>) Cariris, o modo de vida dos indígenas que aqui habitavam mudou com a descoberta do território brasileiro pelos lusitanos. O homem branco queria

dominar o território a seu modo, impondo trabalho escravo aos índios e tentando amansá-los de alguma forma com o ensinamento do Cristianismo (catequização), em detrimento da cultura peculiar que eles preservavam. Como movimento de resistência dos índios, algumas tribos indígenas da região Nordeste formaram a Confederação dos Cariris, e em 1683, tentaram recuperar os vastos hectares de terra que os fazendeiros portugueses haviam tomados. Os Índios Cariris tinham hábitos de vida similares ao homem neolítico: com seus costumes tribais, eram liderados por um sábio e desenvolviam práticas rudimentares de agricultura, morando próximo aos rios para plantarem em terrenos férteis. A vida na tribo era tranquila. Suas residências eram construídas com a palha da palmeira. Usavam utensílios feitos de forma artesanal como cabaças, cuias e coités. Fabricavam seus utensílios domésticos. Dentre eles destacamos o pilão de socar, a arupemba, o abano, esteiras de palha de palmeira e artigos feitos em cerâmica como vasos, pratos e panelas onde podiam fazer seus cozidos provenientes da farinha de mandioca, (produzida em estilo rudimentar, em casas de farinhas primitivas). O bejú, a tapioca, a puba, a canjica, o cuscuz e muitas outras receitas nutritivas vieram dos nossos antepassados indígenas. Os cariris eram tribos mestiças, divididas da seguinte maneira a partir de suas localizações geográficas: • Inhamuns: viviam na região sertaneja de Inhamum; • Cariris: viviam no sul do Ceará; • Cariús: viviam entre os rios Cariús e Bastões, próximo à Serra do Pereiro; • Crateús: viviam nas proximidades da bacia superior do Rio Poti. Primeiro, eles ocuparam a província do Rio Grande do Norte, expulsando violentamente fazendeiros portugueses de lotes fundiários que antes eram territórios indígenas. Em seguida, migraram para uma cidade paraibana, onde permaneceram por muito tempo em conflito com a população local e, por último, ocuparam o Vale do Jaguaribe, no Ceará. Com medo de que a revolta se alastrasse, o governador-geral do Brasil Manuel da Ressurreição pediu ajuda aos bandeirantes de São Paulo e São Vicente para tentar domá-los. Entretanto a iniciativa só piorou o conflito. Os cariris começaram a ocupar outros territórios cearenses e receberam apoio de outras tribos. Irritados com o êxito dos indígenas, em 1713, o coronel João de Barros Braga mandou exterminar todos os povos indígenas que surgissem pela frente, sem distinção de sexo ou idade, pois queria certificar-se de sua vitória. Só depois de muito sangue derramado, o governo-geral conseguiu exterminar a Confederação dos Cariris, deixando um lamentável legado histórico para o Brasil; Paiacu, Os paiacus são um grupo indígena que habita o estado brasileiro do Ceará. Também conhecidos como tapuias e jaracus, habitavam a região compreendida entre o rio Açu, na Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte e o baixo Jaguaribe no Ceará. Os portugueses tentaram tanto intervenções militares como religiosas para vencê-los. O Forte Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe (hoje a cidade de Russas, no Ceará) foi um exemplo de intervenção militar e que não teve êxito. O agrupamento e aldeamento dos indígenas só ocorreram com as missões dos jesuítas. Em 1707, eles foram aldeados e removidos de suas terras

de origens com a ajuda dos jesuítas, para a Missão dos Paiacu (hoje Pacajus, no Ceará). Em 1761/1762, foram transferidos e aldeados em Portalegre, no Rio Grande do Norte. Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, estes se dispersaram e fugiram para suas terras de origem e, em 1765, foram mais uma vez agrupados e aldeados na vila de Monte-o-Novo (hoje Baturité, Ceará). Atualmente, os remanescentes da tribo paiacus lutam pelo reconhecimento de suas terras na comunidade Paripueira, no município de Beribe, no Ceará; Tabajaras, a etnia Tabajara possui uma história de sucessivas migrações, devido a constantes conflitos de terras desde o período colonial. Na época da fundação da Paraíba, a etnia Tabajara era formada por aproximadamente 6 mil índios, ocupava o litoral do Estado, onde fundou as aldeias de Alhandra e Taquara. Em 1614, o Capitão-Mor da Paraíba doou aos Tabajaras, que lutaram a favor dos portugueses contra os Potiguaras, três sesmarias que juntas tinham uma dimensão que ia do rio Gramame até o rio Abiaí, no Litoral Sul da Paraíba. Além de viverem da caça, coleta de frutas e da pesca, os índios plantavam principalmente mandioca, milho e feijão. Em 1758, o Marquês de Pombal passou a incentivar o casamento entre brancos e indígenas e elevou ao status de vila as aldeias indígenas. Entre os anos de 1634 e 1954, período de dominação holandesa, Jacoca passou a ser chamada de Maurícia. Em 1762, a aldeia Jacoca passou a ser chamada de Vila de Conde, e a aldeia Aratagui passou a ser chamada de Vila de Alhandra, pois as vilas não podiam ter nomes indígenas, na intenção de descaracterizá-las. Em meados do século XIX, a maior parte das terras indígenas já havia sido tomada pelos estrangeiros, por isso veio à Paraíba o engenheiro Antônio Gonçalves da Justa Araújo, entre os anos de 1864 e 1971, com o objetivo de demarcar as terras onde havia ainda nativos Tabajaras, no Litoral Sul repartindo-as com os proprietários não indígenas que se encontravam nesta época de medições. Em 1871, na demarcação de Justa Araújo, os Tabajaras ficaram com apenas 10% das terras da sesmária Jacoca que pertenciam a eles em 1614. Em 2006, após muitas lutas pelo reconhecimento das terras indígenas, foram feitos estudos técnicos no qual foram contados cerca de 1000 indígenas Tabajaras espalhados pela periferia da Grande João Pessoa e Litoral Sul. No ano de 2007, formaram-se parcerias com órgãos indigenistas: FUNAI, CIMI, APOIME, CNPI. Os Tabajaras também passaram a receber o apoio da Universidade Federal e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Em 2008, ocorreu a Mobilização do povo Tabajara, que começava a se organizar para reconstruir sua identidade. Em 2009, fica conhecido como o Ano da Cultura, quando houve a aprovação do Grupo de Estudos (GT) pela FUNAI, para pesquisar aspectos socioeconômicos, culturais e Geo-Históricos, reelaboração da cultura (artesanato e toré). O ano de 2010 foi um ano marcante para o povo Tabajara, pois ocorreu a entrega do Relatório a FUNAI e, com isto, o reconhecimento dos órgãos oficiais e da sociedade em relação à existência do povo indígena Tabajara. O ano de 2011 foi de mobilização pela demarcação do Território, onde houve também a adesão dos Jovens indígenas Tabajaras (OJITA). O termo Tabajara é definido como

uma categoria classificatória dos povos tupi que servia para denominar aqueles grupos com os quais podiam estabelecer relações de reciprocidade ou de guerra alternadamente, advindo daí a sua dupla tradução – como cunhado e inimigo; Jenipapos, habitam a Lagoa da Encantada, no município cearense de Aquiraz. De acordo com os relatos, havia várias comunidades no Município de Aquiraz, como a Lagoa do Tapuio, o Córrego de Galinhas e o Córrego de Bacias, entre outras. Os antigos relatam que no século XIX houve a chegada de seus ancestrais à Lagoa, sendo esse evento chamado de 'Seca dos três Oitos' ou dos 'Três Oitavos'. Até o século XVIII, os Payaku habitavam os rios Açu, Apodi, Jaguaribe, Banabuiú e Choró. Por sua vez, os Jenipapo-Kanindé, semelhantes aos Tarairiú em língua e cultura, tal como os Payaku, viviam nas várzeas do Apodi, Jaguaribe e Choró. Como outros povos não-Tupis, eles ficaram conhecidos pela denominação de "tapuias do Nordeste". Fontes históricas registram que, no Ceará, os primeiros contatos dos portugueses com os povos ocorreram entre 1603 e 1608. Resistentes à colonização, eles foram escravizados e perderam progressivamente suas terras. Rebelaram-se seguidamente até serem quase dizimados, no decorrer da chamada "Guerra dos Bárbaros", entre 1680 e 1730. Em 1707 os Payaku foram aldeados por missionários jesuítas no rio Choró, em Aquiraz, próximo de onde vivem hoje. Em 1764, a Aldeia dos Payakus passou a chamar-se Monte-Mor-o-Velho, nome que ficou até 1890. Na sede da aldeia, criou-se a vila de Guarani (1890-1943), hoje município de Pacajus. Os Jenipapos e os Kanindé foram aldeados entre 1731 e 1739 no rio Banabuiú, reunidos na Aldeia da Palma e depois em Monte-Mor-o-Novo-d'América (1764-1858), atual município de Baturité. A língua principal não é definida entre a tribo, porém com a influência do período colonial e de outras tribos do nordeste, utilizam predominantemente a língua portuguesa. Os Jenipapo-Kanindé desenvolveram um modo de vida próprio e estão em íntima interação com o lugar onde vivem — que é de singela beleza —, entre as dunas, a mata e a sagrada Lagoa da Encantada. Entre os seus lugares sagrados, estão a Barreira, o Morro do Urubu, o Riacho da Encantada e a própria Lagoa. O ambiente ecológico em que é formado a Lagoa e toda a mata possui todo um significado na cosmologia da tribo, para eles neste ambiente as memórias dos antepassados sofrem uma evocação. Praticam também como muitas tribos do Nordeste, o importante ritual Toré. Este, para eles, representa parte de sua espiritualidade, com a orientação dos mais antigos entre a tribo, tendo como significado/objetivo de trazer boas plantações, ajudar em necessidades familiares e da comunidade indígena. Os Jenipapo-Kanindé mantêm um ritmo de trabalho próprio. Plantam mandioca o ano todo e seguem um calendário da colheita de frutos e legumes por épocas do ano: milho, feijão, batata-doce, castanha de caju e outros itens. De cultura intimamente ligada à pesca, realizam esta atividade preferencialmente à noite, praticamente o ano todo, havendo várias formas de praticá-la, tanto com as mãos como com armadilhas que os próprios índios confeccionam, como a caçoeira, o jequi e a tarrafa. Trabalham o artesanato com cipó, e as mulheres da etnia tecem

rendas e fazem louças de barro. A partir de setembro inicia-se a safra do caju, que tem especial significado na comunidade, pois que dele fazem doces e sucos, além do mocororó, bebida usada em festividades e durante a realização do ritual do Toré. Atualmente estão no Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé, instância deliberativa para questões internas e na AMIJK-Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé. A tribo Jenipapo-Kanindé teve o primeiro cacique do sexo feminino do Brasil - Maria de Lourdes da Conceição Alves que foi escolhida para liderar a tribo, em 1995 (PDDU, 1999). A tribo, que antes estivera sem cacique, com a morte do anterior, e com vários conflitos de terra quase foi dizimada, entregou seu destino à Pequena, como ela é mais conhecida. Pequena, com muita luta, conseguiu reduzir o isolamento da tribo em relação à sociedade e aos próprios integrantes de outros povos indígenas (LOPES, J. L. S.). Os Jenipapo-Kanindé basicamente possuem os seguintes hábitos: coleta de frutas (caju, manga, seriguela, goiaba, murici, maracujá, mamão, banana, coco, melancia e meluite); criação de animais de pequeno porte (galinha, porco, cabra, bode, carneiro e ovelha); pesca em lagoa, feita com caçoeira, tarrafa, landuá, giqui e anzol; caça guiando-se pelo faro e uso de cachorros (técnica difundida pelos mais velhos da tribo e mantida até a atualidade); farinhadas, realizadas na casa da farinha da tribo. Um momento para conversas e prosas para celebração com alegria e fartura. A medicina tradicional da tribo Jenipapo-Kanindé tem base no conhecimento dos mais velhos da tribo. Com a utilização de ervas produzem "remédios" para curar física e espiritualmente. Sendo as mulheres que preparam os remédios tradicionais. A etnia Jenipapo-Kanindé está entre as que primeiro lutou pelo direito de terra no Ceará, ainda na década de 80, junto aos Tapeba, Pitaguary e Tremembé. Conhecidos há décadas pela população circundante como 'os cabeludos da Encantada', o que demonstra a percepção da 'diferença' pela sociedade envolvente, vivem na Terra Indígena Lagoa da Encantada, no município de Aquiraz — espaço sagrado de onde tiram seus mitos, cosmologia, história e a própria sobrevivência. Depois de 31 anos de luta, a etnia finalmente conquistou, em fevereiro de 2011, através da Portaria nº 184, do Ministério da Justiça, publicada no Diário Oficial da União, de 24 de janeiro de 2011, a posse definitiva de suas terras; Xocós, o povo Xokó vive nas aldeias Ilha de São Pedro e Caiçara, situadas no município de Porto da Folha, Sergipe. A maior parte da comunidade habita a Ilha de São Pedro. No século XVI os jesuítas já identificavam a existência de índios na Ilha de São Pedro. Por volta de 1758 ergueu-se a capela de São Pedro pelos capuchinhos, que também construíram um hospício. No Século XVII, os índios da Missão de São Pedro conseguiram o domínio reconhecido sobre suas terras, que teriam sido doadas por Pedro Gomes, instituidor do morgado de Porto da Folha. A tentativa de tornar sem efeito a doação das terras começa em 1745 e só termina em 1979. Em meados de 1979, os Xokó, em um processo de reconquista de suas terras, retomaram a Ilha de São Pedro e ali instalaram sua aldeia. Desde que começaram a lutar por reaver suas terras, os índios sempre reivindicaram a

Caiçara, gleba que se situa às margens do São Francisco no estado de Sergipe. Finalmente nos meados dos anos 90, a Funai homologou a Caiçara, anexando a Ilha de São Pedro, constituindo assim a terra indígena da etnia Xokó. (Blog da Funai Alagoas) A população Xokó totaliza hoje cerca de 400 pessoas, que são representadas pelo Cacique, responsável pela condução dos assuntos materiais, administrativos e sociais da comunidade e o Pajé, que conduz os rituais sagrados. Ao longo dos séculos de contato os Xokó se viram espoliados de seu território e discriminados por sua cultura, o que gerou grandes perdas. O Ritual do Ouricurí, como o vivenciado por outras etnias, quase desapareceu, estando hoje a revitalizar-se. A prática do Toré, dança ritual consubstanciada da prática do Ouricurí, que além de sua ritualidade representa o aspecto social e lúdico caracterizado por seus trajes típicos e pinturas corporais específicas de cada etnia, conseguiu ser preservado, e é praticado com certa frequência. Além das tradições indígenas a comunidade incorporou folguedos afros, principalmente o samba de coco, devido a convivência com negros escravizados, com quem também se relacionaram e se miscigenaram; Calabaças, índios desconfiados e ferozes ocupavam as nascentes dos rios Bastiões e Cariús. Quixelôs, os Índios Quixelôs foram exemplos de bravura por resistirem à colonização branca do século XVII e se mantiveram na região mesmo em períodos de grandes secas. Passou à categoria de cidade em 1985, até então era distrito de Iguatu; Tapuias, Autores quinhentistas como Gabriel Soares de Sousa já utilizavam o termo "tapuia", contrastando os índios dessa estirpe com os tupi-guaranis (tupinambás). Os tupi-guaranis marcavam presença no litoral, enquanto os tapuias predominavam no interior. Grupos incluem, por exemplo, os botocudos e muitos do nordeste do Brasil, como os tarairis e os cariris. Os tapuias também eram conhecidos por "bárbaros", explicando melhor, os gregos antigos em função do grande avanço que sua sociedade havia conquistado chegavam ao ufanismo de julgar inferior toda cultura que se diferenciava. Por causa disso, todos os que não falavam grego soavam como "bar-bar-bar" por isso os gregos lhes davam o nome de bárbaros. Algo semelhante acontecia aqui no Brasil pré-colônia, no período que os nativos ainda chamavam essa terra de Pindorama. Todos os que não pertenciam ao tronco linguístico tupi-guarani eram chamados de tapuias. Esse povo habitava os sertões da capitania do Rio Grande do Norte, divididos em vários grupos nomeados de acordo com a região onde moravam – Cariris (Serra da Borborema), Tarairiú (Rio Grande e Cunhaú), Canindés (no sertão do Acauã ou Seridó), e eram chefiados por vários reis e falavam línguas diversas, e entre os mais destacados eram os reis Janduí e Caracar, cujo poder real não era hereditário. Os tapuias eram fortes, possuíam semblante ameaçador, corriam igual as feras, por isso eram muito temidos. Eles eram inconstantes, fáceis de ser levados a fazer o mal, eram endocanibalistas, isto é, devoravam até mesmo os de sua tribo quando da sua morte. Os homens apresentavam-se corpulentos, possuidores de grande força física, peles queimadas, em tons de marrom, cabelo longo, eram desprovidos de pêlos por todo o corpo, não costumavam usar

roupas, porém cobriam as partes íntimas com peças feitas de materiais rudimentares, extraídos da natureza. As mulheres apresentavam estrutura física pequena, mas a cor era a mesma da dos homens, costumavam manter os cabelos curtos ou longos, de corpos rechonchudos. Elas também escondiam suas partes íntimas e adornavam seu corpo com o que encontravam na natureza. A nação Botocuda/Guerém/Tapuia, nomes dados em diferentes épocas da História, travou uma sangrenta batalha com os Portugueses na região litorânea da Bahia, atual Costa do Dendê, que ficou conhecida como a Guerra dos Guerém que durou cerca de 15 anos e terminou em 1750, contradizendo então desta forma, as teorias positivistas que estigmatizavam os índios como passivos, preguiçosos e facilmente controlados. Ao contrário, esses não se deixaram escravizar e lutaram bravamente com um sistema de resistência extremamente organizado, como o acontecido na América Espanhola, onde os Ameríndios, antes da chegada dos Exploradores/Colonizadores, quem fosse pego bêbado sem motivo, poderiam sofrer a pena de Morte, pois usavam a bebida para exaltação em cerimoniais de suas divindades, contudo com o aprisionamento e exploração por parte dos Europeus, os índios passaram a manter-se embriagados para não terem que trabalhar para seus opressores como forma de resistência. Outra forma de resistência organizada pelas nações indígenas na América Espanhola foi sem dúvida a negação da palavra, ou seja, a recusa de falar com seus "colonizadores", sendo severamente castigados, humilhados e muitas vezes mortos. A resistência organizada no litoral do Brasil (Guerra dos Guerém) durou quinze longos anos, tendo sido invadido a cidade histórica de Cairu, onde moravam ouvidores do Rei e figuras políticas ilustres da época que tiveram que fugir e se refugiarem nas ilhas componentes do arquipélago de Tinharé como Gamboa do Morro, Morro de São Paulo, Boipeba, Garapuá e outras, por serem esta nação indígena péssimos navegadores de longas distâncias, contribuindo assim para o povoamento da referidas ilhas pela colonização Portuguesa. Até o momento dos índios terem sido pacificados por frades italianos, chefiados pelo Frei Bernardino de Milão, que acabou organizando um povoado ao sul da Bahia à margem direita do Rio Una, com cerca de 450 índios, em volta de uma capela que recebeu o nome de Capela de Nossa Senhora do Amparo, sendo denominado Povoado de Una, que em 1842 transformou-se na cidade Industrial de Valença na atual região que fica a cidade de Valença na Bahia. A linguagem desse era um tanto mal entendida, pois era trêmula, e cantada, não se entendia nada. Dezenas de palavras foram usadas na linguagem dos tapuias como, por exemplo; carfa, caruatá, cayú, comatyn, cor-pamba, corraveara, cucuraí, ditre, entre outros. Os tapuias se enfeitavam da cabeça aos pés para as lutas. Suas armas eram as flechas, as pranchetas, arcos e dardos, que usavam com grande habilidade. Usavam também as clavas e machados de mão; as armas eram enfeitadas com bonitas plumas. Eles não se utilizavam das armas de fogo, passaram a usar em razão da Guerra dos Bárbaros. Os tapuias levavam uma vida descuidosa. Não semeavam, não plantavam, nem se esforçavam por coisa alguma. Alimentavam-

-se com mel de abelhas e maribondos e com todas as imundícies da terra, como cobras e lagartos. Os tapuias armavam ciladas aos peixes e animais, utilizando seu admirável olfato e sua habilidade para comer. Alimentavam-se ainda de frutos agrestes, caça fresca, peixes, tudo sem temperos ou condimentos. Não semeavam outra coisa além da mandioca. Foram exímios cultuadores da cura através dos rituais apresentados pelos seus pajés. e Jucás, habitavam a região dos Inhamuns. O nome dos jucás aparece pela primeira vez, na crônica cearense ligada, como tantas outras etnias indígenas, à história dos Montes e dos Feitosas, famílias matutas rivais que encheram os sertões da terra cearense com seus atos de vandalismo. Partidários dos Feitosas, os jucás lhes prestaram continuada assistência na terrível contenda que enlutou o Ceará e pôs os chãos interiores da Capitania em fogo e sangue. Em 1727, foram agrupados sob a direção de um missionário nas margens do rio Jaguaribe, constituindo, com os Quixelô, Quixerariú, Cariú e Candandu, a Aldeia da Telha (hoje, Iguatu), sita na ribeira dos Quixelôs, então distrito da Vila dos Icó. Os moradores nativos da Telha eram ao que parece, inveterados rapinantes, pois havia, contra eles, várias queixas do povo da região circunvizinha à Câmara do Icó. A datada de junho de 1714 diz que se prevaleciam das saídas autorizadas pelo ouvidor para as pescarias, para matar e roubar gado e pilhar o quanto achavam fato que se devia atribuir a pouca ou nenhuma energia do missionário, que tolerava os abusos dos seus tutelados. No ano de 1743, os jucás residentes na Telha, instigados pelos Feitosas, abandonaram, em grande número, a sua missão, retornando, com mulheres e filhos, à vida nômade. O capitão-general de Pernambuco, informado do fato, deu ordens para dele se tirar devassa e apurar quem havia promovido a fuga dos nativos. Estes deviam ser estrangidos mesmo pela força a voltar às suas antigas moradas. Da providência, nada surtiu, ficando, a missão, quase despovoada. Três anos depois, a 25 de junho de 1746, os moradores da Ribeira do Quixelô, reiteraram suas reclamações contra roubos praticados pelos indígenas da Missão da Telha, roubos estes que tinham origem na fraqueza do seu missionário, que os deixava sair da aldeia a ponto de se achar a missão deste gentio reduzida a uns 60 homens, que pouco residia nela. Os apelos incessantes dos criadores de gado motivaram uma ordem régia com data de 20 de dezembro de 1746 mandando que, para prevenir semelhantes frutos, se inquirisse por eles nas devassas de janeiro de cada ano. Assistia-o, em 1749, conforme se vê da "relação das aldeias que há no distrito deste governo de Pernambuco e Capitania da Paraíba, sujeito à Junta das Missões deste Bispado", um sacerdote do hábito de São Pedro. Dezesete anos depois, por volta de 1761, foram os jucás e cariús que habitavam a Aldeia do Brejo, antiga Missão do Miranda, hoje a cidade do Crato. Pouco tempo os jucás aí permaneceram. Movidos por natural tendência para a vida nômade, quase todos fugiram para as matas, onde passaram a viver em completo estado de barbárie. Só dois anos mais tarde, em 1763, conseguiu, o coronel Manuel F. Ferro, por determinação do então governador da capitania do Ceará, José Vitoriano Borges da Fonseca, reconduzi-los

à sua missão. A aldeia dos índios jucás foi, por iniciativa do capitão-mor Borges da Fonseca, elevada a Vila, em 1767, com o nome de Arneirós. A 25 de novembro do mesmo ano, representava, porém, o Senado do Icó contra a criação da Vila de Arneirós, assim como de o São Mateus porque "estes lugares são menos convenientes que Telha (Iguatu) e Mangabeira (Lavras da Mangabeira), que são lugares já povoados e onde há gente capaz de servir os empregos ao passo que nas outras é preciso mandar empregados do Icó". Os Jucás, volvidos à sua antiga missão, em nada modificaram a existência de rapinagem e violência que dantes levavam. Viviam furtando gado e assaltando moradores das adjacências. Esses crimes, incessantemente renovados, acabaram por atrair, sobre eles, a odiosidade dos Feitosas, que assentaram livrar-se dos antigos comparsas, agora tão agressivos e incômodos. Cada roubo praticado pelos indígenas era imediatamente seguido à eliminação violenta de um ou de muitos de sua raça. Cientificado da grave ocorrência, o governador de Pernambuco, dom José César de Mendes, determinou, ao ouvidor-geral do Ceará, José da Costa Dias e Barros, que retirasse os índios da povoação da Telha, levando-os para uma das vilas de índios situadas próximo à sede administrativa da Capitania. A ordem foi executada em 1780. Em 1791, estavam, ainda, aldeados na missão de Telha, presentemente cidade de Iguatu, e mais na vila de São Mateus, sendo, depois, reunidos aos Kanindé, Jenipapo e Paiacu para povoarem a vila de Monte-Mor (hoje, Baturité), estes últimos, habitantes na região (Inhamuns, situada no sudoeste do estado. Os indígenas da região viviam em cabanas feitas de ramagens, utilizavam redes de dormir, hábito incorporado à cultura do chamado "homem branco". Registros indicam que usavam, nos seus cotidianos de vida, cuias, cabaças, potes de cerâmica e de pedra, pilões e artefatos líticos³⁴ de defesa e de trabalho.

Aliás, a colonização do sertão dos Inhamuns deu-se, como referido, anteriormente, por meio das sesmarias, e teve como protagonista a família Feitosa, descendente do português João Alves Feitosa,³⁵ casado com a filha do coronel Manoel Martins Chaves,³⁶ que tiveram dois filhos: o Comissário Lourenço Alves Feitosa³⁷ e o Coronel Francisco Alves Feitosa.³⁸ Os irmãos

34 Artefatos líticos são ferramentas de pedra e outros artefatos de pedra lascada.

35 João Alves Feitosa. Segundo Aécio Feitosa o primeiro Feitosa a ingressar nas terras brasileiras, foi "João Alves Feitosa", lusitano, residente na Vila Feitosa (ainda hoje existente), pertencente à Comarca e Conselho de Ponte de Lima, Couto da ilustre Casa de Bragança, situada a 375 quilômetros ao norte de Lisboa, na província do Minho. Desembarcou ele em Penedo, lado Sergipe, em meados do século XVII e ali contraiu casamento com D. Ana Gomes Vieira, filha do também português Coronel Manoel Martins Chaves, senhor de engenho em Porto da Folha, Capela do Buraco. Ainda segundo mesmo estudo, "O Coronel Manoel Martins Chaves", era sogro do português Antônio de Sousa Carvalhedo, tronco comum dos Araújo, no Ceará, casado com D. Nazária Ferreira Chaves, irmã de D. Ana Gomes Vieira, esposa de João Alves Feitosa, este, o tronco único e comum dos Feitosas, no Brasil, pai do Coronel Francisco Alves Feitosa, raiz mãe dos Feitosas, no Ceará. Este entrelaçamento parental unindo Feitosas e Araújo foi intensificado através de sucessivos casamentos, a partir do século XVIII. Do casamento de João Alves Feitosa com D. Ana Gomes Vieira nasceram dois filhos: o Coronel Francisco Alves Feitosa e o Comissário Geral de Cavalaria, Lourenço Alves Feitosa. Do Coronel Francisco provém todos os Feitosas do Ceará vez que seu irmão deixou, apenas um filho único, Coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha, que faleceu inupto.

36 Coronel Manoel Martins Chaves. (Vide nota acima).

37 O Comissário Lourenço Alves Feitosa. Instalou-se inicialmente na Fazenda Cachoeirinha, localizada nas margens do Cariuzinho na região do Icó. Depois migrou para o alto Jaguaribe, na Fazenda Serra (ou Fazenda Serra), localizada na margem do Riacho Cachoeira, na Região do Rio Juca, em Arneiroz/CE. Casou com Dona Antônia de Oliveira Leite, filha do sargento-mor Domingos Vaz Gondim, natural da Capitania de Pernambuco, conforme consta no livro "O nome e o sangue", edição 1989, autoria de Evaldo Cabral de Mello. Em sua época, Lourenço Alves Feitosa foi, indiscutivelmente, o sesmeiro com maior número de sesmarias da Capitania do "Siará Grande", contemplado que foi, com mais de vinte delas. Seu destemor, prestígio e poder foi reconhecido até mesmo em Portugal.

38 Coronel Francisco Alves Feitosa. O patriarca da família Feitosa nos Inhamuns, na Capitania do Siará Grande. Casou em primeiras núpcias, com a viúva Catarina Cardoso da Rocha Resende Macrina, natural do sertão do São Francisco, filha de Jorge de Montes Bocarro e Paula Martins Chaves. Casou em segundas

Feitosa residiam às margens do rio São Francisco, em Serinhaém no estado de Pernambuco.

Dizem os pesquisadores que, a partir de 1707, os criadores de gado estabelecidos ao longo do rio São Francisco, precisamente em Pernambuco e na Bahia, migraram para as terras nas margens do rio Jaguaribe, chegando às terras de Icó; partindo das terras de Icó, subiram o rio Jaguaribe e seus afluentes, chegando aos Inhamuns. Por outro lado, Freitas³⁹, assinala que, conforme Cartas de Sesmarias do Ceará, "*cinco dos quarenta e um homens do São Francisco deram preferência às terras da travessia dos Inhamuns, até então incultas, iniciando a doação de terras por parte do governo de Portugal*". "*Após 1744, apenas algumas sesmarias foram doadas, a maior parte delas foi entregue a pessoas que já tiveram participações na área, conforme relata Chandle⁴⁰, em obra por ele concebida a respeito*". As sesmarias localizadas ao longo das ribeiras do Acaraú, do Ceará e do Jaguaribe foram marcadas pelo conflito entre os povos indígenas e os colonizadores.

Os primeiros colonizadores dominados pelo espírito de aventura e seduzidos pelas excepcionais condições de pastoreio se instalaram na Região dos Inhamuns, especialmente, no local chamado Cococi,⁴¹ que na língua tupi significa lugar perto d'água. Mantiveram com os antigos moradores, índios jucás, relação de parceiras na defesa do território.

Cococi, aliás, hoje conhecida como a cidade fantasma, representa o centro do povoamento e a colonização da região dos Inhamuns. Possui trajetórias históricas e política marcadas por fatos caracteristicamente fortes e inusitados. Narram historiadores envolvidos no passado do Ceará, ter Cococi surgida de uma fazenda fundada nos primórdios do ano de 1700. Passa de vila para cidade, distrito para município⁴² no decorrer da áurea história, sendo, no entanto, rebaixada para distrito de Parambu, por decisão

núpcias, com a viúva Isabel de Montes e Silva Feitosa, filha de João de Montes Bocarro, natural de Penedo, em Alagoas (João de Montes Bocarro irmão de Catarina Cardoso). João de Montes foi importante membro da família Montes, estabelecida na região do Icó, na Capitania do Ceará. Casou em terceiras núpcias com a viúva Isabela Maria de Melo, que teve primeiro casamento com o Capitão Cosme Ferreira da Silva e Albuquerque, natural da Paraíba. As três esposas de Francisco Alves Feitosa eram de origem pernambucana. Francisco foi o fundador da fazenda Barra do Jucá, na desembocadura do Rio Jucá no Rio Jaguaribe, em Arneiroz, e da Fazenda Cococy na região do alto do Rio Jucá, no atual Município de Parambu, sertões dos Inhamuns. A fazenda Cococy pertencia a Francisco e ao seu irmão Lourenço, desde o primeiro quartel do século XVIII. Na época Lourenço foi contemplado com sua primeira sesmaria no Ceará, aos 26 de janeiro de 1707. Entre os anos de 1740/1748 o Coronel Francisco Alves Feitosa mandou construir a Capela de Nossa Senhora da Conceição do Cococy, sendo rezada a primeira missa em 1748. Francisco faleceu na Fazenda Cococy, por volta de 1770, sendo sepultado, ao que se diz, na respectiva Capela, no seu Altar Mor. Do primeiro casamento com D. Catarina Cardoso da Rocha Resende Macrinar, teve os seguintes filhos: Capitão-mor Pedro Alves Feitosa, Coronel Manoel Ferreira Ferro, Josefa Alves Feitosa e Ana Gonçalves Vieira.

39 FREITAS, A. G. Inhamuns – Terra e Homens. Tauá. Editora Mandacaru, 2009, pág. 39.

40 CHANDLER, Billy Jaynes. Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns: A história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil – 1700 – 1930. 1. Ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980, pág. 10.

41 Cococi — hoje, distrito de Parambu — fica distante 40 km da sede do município e cerca de 450 km da capital Fortaleza. Nasceu dentro de uma enorme fazenda familiar, obtida pelo sistema de sesmaria. A obtenção de grandes latifúndios pelo regime de sesmarias na região dos Inhamuns foi iniciada por membros da família Feitosa, que ocuparam a barra do Rio Jucá. A distribuição de sesmarias visava tornar a terra produtiva, o povoamento e o desenvolvimento do lugar, e o dono da sesmaria deveria ter recursos suficientes para atrair colonos e promover esse povoamento. O proprietário utilizava a terra para criação de gado, ao tempo que providenciava a abertura de caminhos entre a nova fazenda, outros povoados e a fontes de água. Aos colonos que chegavam à busca de trabalho e pouso, eram oferecidos um lote de terreno e alguns insumos para que os mesmos se estabelecessem. Alguns historiadores dizem que a prática de doar terrenos aos colonos era ilegal e contrariava as normas de concessão da Sesmaria. Segundo os historiadores, os coroneis Francisco Alves Feitosa e Lourenço Alves Feitosa chegaram ao Sertão dos Inhamuns por volta de 1710 e ali estruturaram a maior comunidade rural da Capitania do Ceará. O comissário Lourenço Alves Feitosa chegou a ter 22 sesmarias e com o seu irmão Francisco Alves Feitosa dominaram uma área de aproximadamente 30.000 quilômetros quadrados. E foi nesse contexto que surgiu o povoado, mais tarde Vila de Cococi, fundada no início do século XVIII pelo citado Francisco Alves Feitosa, o primeiro coronel da família, transformando-se no reduto maior, marco principal do Império dos Feitosas, a mais poderosa oligarquia da história da colonização cearense.

42 Pela lei estadual nº 3858, de 17 de outubro de 1957 foi elevado à categoria de município.

política⁴³. Após a derrocada, o declínio do município de Cococi, verifica-se enorme ruptura na vida social e econômica daquela localidade, entretanto, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, construída em 1740,⁴⁴ torna-se eterna, fazendo com que algumas famílias resistam ao tempo e as intempéries do lugar.

Aliás, os tempos nos têm mostrado as reverências prestadas à padroeira da velha Igreja de Cococi (Nossa Senhora da Conceição), principalmente, pela família Feitosa. Restaram vivas no tempo por tradição, porquanto as festas à Santa dedicada são mantidas de forma ininterrupta a cada oito (8) de dezembro. Na ocasião, milhares de pessoas dos Inhamuns, da família Feitosa (idealizadoras e criadoras de Cococi), reúnem-se para reverenciar a Santa secular de suas devoções. Não é por demais acrescentar, que referidas festas (uma das maiores dos sertões dos Inhamuns) tem servido ao conagraçamento da família Feitosa e de tantos outros da irmandade dos Inhamuns como um todo.

Retornando, pois, à história da nossa colonização, chama-nos a atenção, como manto primordial da sua consecução e, acima de tudo, a sua implementação, a criação das primeiras sesmarias que foram doadas aos irmãos Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa, no ano de 1707. Cada um deles, destarte, recebeu, em primeiro, três léguas ao longo do rio Jucá. Dez anos mais tarde, o capitão Luís Coelho Vital⁴⁵, chamado que foi para conquistar e povoar uma larga e extensa faixa de terra dentro da sesmaria, nos Sertões dos Inhamuns, deu início a tal desiderato. Criadores de gado, da família Feitosa, vindos de Bahia e Pernambuco à procura de mais terra, chegaram ao Ceará nas últimas décadas do século XVII, motivados pela Carta Régia de 1701,⁴⁶ em que o governo português proibia a criação de gado a menos de dez léguas da costa, para que no litoral desses estados pecuaristas apenas cultivassem cana-de-açúcar.

Assim como os indígenas, os homens brancos seguiam e se estabeleciam ao longo dos rios, como relata o historiador Melo.⁴⁷ Partindo de Icó, pelo rio Jaguaribe e afluentes para os sertões dos Inhamuns, os novos habitantes, objetivando a expansão da pecuária (a história não discrepa), se-

43 Pela lei estadual nº 8339 de 14 de dezembro de 1965, Cococi voltou a ser distrito do município de Parambu. A cidade de Cococi possuiu apenas dois prefeitos, o Major Feitosa e Leandro Custódio, da mesma família. A história contada por populares narra que o Major Feitosa no seu segundo mandato (o terceiro e último do Município), ao receber verbas para investimentos no lugar, teria utilizado indevidamente o dinheiro para a compra de gado. O fato repercutiu no estado e a Ditadura Militar decidiu extinguir o município, rebaixando-o à categoria de distrito. Revoltados com a decisão da capital, a família Feitosa e seus moradores abandonaram a cidade. Esse abandono permanece até hoje.

44 A Igreja, construída por volta de 1740, é a única construção intacta e preservada no local. Pintada de branca, bem cuidada, a construção é de grande beleza arquitetônica. Destoa dos prédios caídos, deteriorados e ruínas que compõem a paisagem de Cococi.

45 Luis Coelho Vital foi a personalidade chamada para conquistar e povoar uma larga e extensa faixa de terra nos sertões dos Inhamuns (sesmaria).

46 Durante muito tempo a pecuária se desenvolveu paralelamente à indústria de cana, pois a carne servia de alimentos e o gado era utilizado também como força motora para trabalhar nas moendas, puxar carroças e transportar produtos, sendo os bois, nas palavras de Luis Amaral, "indispensáveis nos engenhos" (Amaral, 1958, p. 84). Com o crescimento exponencial da indústria açucareira começam a surgir conflitos entre lavradores e criadores de gado pelo uso da terra, sendo estes impelidos a se retirarem para o sertão, afastando-se das áreas litorâneas, mais apropriadas para os canaviais e mandiocas. Com o passar do tempo, o que talvez tenha se iniciado no fim do século XVII como um movimento natural para a sobrevivência da cultura canieira que necessitava de melhores terras para produzir, acabou tornando-se uma determinação oficial, instituída por carta régia de 1701, em que ficava estabelecido que as fazendas de criação não pudessem ficar a menos de dez léguas da costa. Essa separação forçada entre a atividade de criatório e a açucareira que, ainda segundo Celso Furtado, faz surgir duas economias separadas, mas ainda estritamente dependentes dentro da mesma região. (Furtado 1995, p. 57). (A Coroa pelo bem da agricultura e do comércio. Fábio Barcelos. Cadernos MAPAS n. 1. Memória da Administração Pública Brasileira). (arquivonacional.gov.br)

47 MELO C.C.F. Conflitos territoriais entre famílias e migração interna nos Sertões dos Inhamuns/CE. Revista GeoUECE – Programa de pós-graduação em geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 95-104, dez. 2012. Disponível em: <http://seer.uece.br/geoeuce>, pág. 97

guiram para Saboeiro, em seguida Aiuaba, às margens do rio Umbuzeiro, conforme sesmarias já doadas aos fazendeiros. Posteriormente, estabeleceram-se no antigo território dos índios Jucás, hoje Arneiroz, surgida a partir do aldeamento realizado por jesuítas e governado pelo clã dos Feitosa. Passando por Catarina, seguindo o Caminho dos Inhamuns, chegou às nascentes do Rio Jaguaribe, em Tauá e ali se estabeleceram construindo um grupo parental dos mais poderosos do estado como veremos em capítulo próprio, tornando o vilarejo o centro do comércio de gado e grãos. Macêdo,⁴⁸ afirmou com propriedade a respeito: "*O gado era por demais preciosos, era o fundamento do mundo dos criatórios a que eles vinham criar. Talvez a própria família tivesse menor importância*".

Billy Jaynes Chandler⁴⁹ relata também, "*a desavença entra os Feitosa e Monte provocado pela posse da terra. Em 13 de março de 1724, Lourenço Alves Feitosa recebeu mais três léguas de terras situadas nos caminhos dos Inhamuns e para capitão Geraldo Monte,⁵⁰ situada nas margens do rio Jaguaribe, que se tornaram inimigos figadais, devido aos interesses contrariados e a ganância de ambas as famílias*".

Ainda no século XVII, perseguidos pela Inquisição e tendo perdido os pais, chegaram ao Recife cinco irmãos Montes, espanhóis de nascimento, sendo dois homens e três mulheres. Um deles e duas irmãs fixaram residência em Pernambuco, formando famílias. Geraldo do Monte e Isabel, sua irmã, agora casada com o coronel Francisco Alves Feitosa, adentraram nos sertões de Pernambuco e vieram para o Ceará. Francisco Alves Feitosa junto com Isabel fixaram moradia nas margens do Rio Jucá, onde se estabeleceram, e, em 1724, requereram as sesmarias do capitão-mor Geraldo do Monte, que haviam caído em comisso, ou seja, não haviam assumido a posse da terra. Para Geraldo do Monte, só restava reconhecer que lhe não assistia direito para litígios, mas o mesmo insistia em cortar as cordas no serviço de tombamento, separando as sesmarias de cada suplicante. Com isso, as famílias realizaram lutas armadas: os Feitosa para fazer efetiva medição da sesmaria e os Monte para impedi-la, dando início aos demais con-

48 MACÊDO, N. O Clã dos Inhamuns. Fortaleza. Editora Comédia Cearense. 1965, pág.46.

49 Feitosas e o Sertão dos Inhamuns: A história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil – 1700 – 1930. 1. Ed. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1980;

50 Segundo Luiz De Aguiar Costa Pinto, os Montes eram provenientes de Penedo (Alagoas) e que teriam como líder familiar o capitão-mor Geraldo de Monte Silva. Entretanto, não consta nenhuma menção ao capitão-mor na documentação analisada, tendo sido recorrente a menção a Antônio Mendes Lobato como um dos "líderes" da família Montes. PINTO, Luiz de Aguiar Costa. Lutas de famílias no Brasil: Introdução ao seu estudo. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1980, p. 98-99. Nertan Macedo afirma que os Montes eram provenientes de Pernambuco e tinham uma extensa parentela no Recife. MACÊDO, Nertan. O Clã dos Inhamuns: uma família de guerreiros e pastores das cabeceiras do Jaguaribe. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980. Por outro lado, Em carta a João Brígido, publicada em 1916, Helvécio Monte, explica, com detalhes, essas origens: "Algumas de suas notas pedem modificações; e estou certo que as fará, com vagar, à proporção que lhe foram chegando dados sinceros e razoáveis no esclarecimento de fatos com direito à consideração de históricos. Quanto aos Montes, não entraram eles no Ceará partindo dos sertões da Bahia e de Cotinguiba. No século XVII, perseguidos pela Inquisição e tendo perdido os pais, chegaram ao Recife cinco irmãos Montes, espanhóis de nascimento, sendo dois homens e três mulheres. Um deles e duas irmãs ficaram residência em Pernambuco, formando família. Outro irmão, Geraldo do Monte com a irmã, internando-se pelos sertões, foi ter ao Ceará. De Geraldo Monte descende o Capitão-mor Manoel José do Monte, que desposou Ana América Uchoa, filha do Capitão-mor José de Xerez F. Uchoa, provindo desse consórcio o parentesco dos Montes com os Lira. Xerez, Uchoa, Albuquerque, Cavalcanti, Vasconcelos, Goes e Holanda..." Cf. Revista do Instituto do Ceará, vol. 74, 1960, PP. 385-88".

frontos (guerra entre os Monte e os Feitosa),⁵¹ conforme destaca Melo.⁵² Sendo ambos oficiais superiores de milícia e consideravelmente ricos, formaram pequenos exércitos de índios e mamelucos. Os Feitosa tinham por si as tribos dos Cariris e Jucás e os Monte, dispunham dos índios Calabaços e Icós, além de fazendeiros pecuaristas, agregados e familiares, como descreve Nertan Macêdo no livro *Clã dos Inhamuns*.⁵³

Os Feitosa são definidos como uma unidade social, um clã, uma parentela, cujo significado encontra aceitação na assertiva de Oliveira.⁵⁴

O Comissário Lourenço Alves Feitosa, adquiriu maior número de sesmarias no Ceará, mas logo perdeu sua mulher, depois o único filho, e, por último, ficando toda a sua fortuna para o irmão Francisco Alves Feitosa, passando este, por consequência, então, a ser o maior latifundiário dos Sertões dos Inhamuns.

Narram historiadores de renomes, que a grande seca de 1725 e a intervenção oficial do capitão-mor Manoel Francês,⁵⁵ foram os fatores primordiais, a acabar com os conflitos das famílias Monte e Feitosa. Não se desapercebe que o Coronel Francisco Alves Feitosa passou aquele período na fazenda Mõcha, no Piauí, onde, depois, restou fundada a cidade de Oeiras, antiga capital daquele Estado, em casa do capitão-mor da então, vila da Parnaíba. Após a passagem da mesma, voltou para as fazendas no alto Rio Jucá, vindo a falecer na pequena povoação de Cococi, na região dos Inhamuns. Enquanto os Feitosa, os Araújo e os Noronha se estabeleciam na parte sudeste da Região dos Inhamuns, os Gomes e os parentes Ferreira prosseguiram a jornada pelas margens do Jaguaribe, hoje Trici e Carra-pateiras, formando os núcleos familiares da região dos Inhamuns. Com a notícia de terras propícias para criatório de gado em Alagoas, Pernambuco,

51 A família Feitosa, vinda originariamente de Portugal para Alagoas, instalou-se no Ceará por volta de 1707, obtendo várias sesmarias na região dos Inhamuns e tornando-se grande criadora de gado. Desfrutava de enorme prestígio, tanto que um dos seus, Francisco Alves Feitosa, foi designado comandante de uma das milícias da área em 1719. Os Monte, situados na zona de Icó e naturais de Sergipe, chegaram ao Ceará em torno de 1682, obtendo igualmente vastos latifúndios criatórios. Princípio essas famílias até se uniram para combater os indígenas que resistiam aos conquistadores brancos. Mas essa aliança, posteriormente, transformou-se numa sanguinária rixa, a qual pôs em polvorosa a zona sul cearense. Não se sabe com precisão o porquê da inimizade. Aparentemente questões de honra pessoal: segundo se sabe, Francisco Feitosa teria se casado com uma viúva da família Monte, vindo daí a intriga. Porém, ao que parece a esse motivo se somaria outra razão: a disputa por terras. Quaisquer que fossem as causas do confronto, durante os anos de 1724 e 1725, as duas famílias envolveram-se em grandes hostilidades que repercutiram ainda nos anos subsequentes. As práticas rotineiras de emboscadas, saques, combates abertos, incêndios, assassinatos de índios (as famílias tinham enormes séquitos de nativos), vaqueiros e cabras e levavam pânico às populações e mostravam quão frágeis era o sistema jurídico e governamental vigentes. As armas e a força dos grupos de jagunços dos senhores proprietários de terra prevaleciam. As coisas agravaram-se quando o primeiro ouvidor do Ceará, José Mendes Machado, envolveu-se no confronto, tomando o partido dos Feitosas quando realizava em 1724, uma de suas viagens de correição pelo sul cearense – chegou, inclusive, a autorizar ataques aos Monte. O ouvidor na visão de certa historiografia mostrou-se ávido por dinheiro, violento e pouco escrupuloso no exercício da função, ganhando daí a sugestiva alcunha de “tubarão”. Acabou incompatibilizando-se com o Capitão-mor Manoel Francês e com a Câmara de Vereadores de Fortaleza, provocando várias reclamações da população (GIRÃO, 1971). A persistência do conflito, entre as famílias levou o capitão-mor Manoel Francês a uma intervenção mais firme. Em meados de 1725, ordenou a Montes e Feitosas deporem as armas, sob a ameaça de pena de morte e confisco de bens. Estimava-se até ali o número de mortos em mais de 400. Francês determinou ainda que “Tubarão” regressasse imediatamente a Aquiraz (O Ouvidor, contudo, preferiu abandonar o cargo e escafeder-se para a Bahia). O Capitão dirigiu-se pessoalmente aos Inhamuns para ver cumprido suas determinações. Só assim a luta teve diminuída a intensidade, embora vez ou outra acontecessem combates eventuais com vítimas. Instalou-se um processo para apurar as responsabilidades do ocorrido (para custear as despesas de tal processo, aliás, foram confiscadas seis léguas de terra dos Feitosas), não se chegando a resultados efetivos. Os latifundiários ficaram impunes, como se nada tivesse ocorrido. Os Montes, segundo registraram os historiadores, saíram da contenda empobrecidos e dizimados, enquanto os Feitosas continuaram fortes e a exercer seu poder nos anos seguintes, conforme CHANDEL R em obra citada.

52 Ibidem, pág. 100

53 Ibidem

54 OLIVEIRA VIANA, Francisco. Instituições Políticas Brasileiras. 1. Ed. Fortaleza, 1964. P. 48.

55 Capitão-mor do Ceará de 1721-1727. Faleceu em 01 de maio de 1748. Foi autor da primeira planta da cidade de Fortaleza. A planta de 1724, atribuída ao capitão-mor Manuel Francês, apresenta os principais símbolos de poder da vila colonial (forte, pelourinho, Casa de Câmara e Cadeia, Igreja e forca), além de possuir algumas representações de sociabilidade com a inserção de pessoas, animais e meio de transporte. Era natural de Beja, Portugal. ([HTTPS://pt-br.facebook.com/photos](https://pt-br.facebook.com/photos))

Sergipe e Rio Grande do Norte, os Barreto, os Mendes, os Almeida e os Andrade, segundo Freitas,⁵⁶ "*chegaram rompendo caatingas com a audácia que caracterizava o homo colonialis, para devassá-las até confins*".

Com diversos grupos familiares, e no período de paz, Tauá, situada à margem esquerda do rio Trici, e não muito longe da encosta do Serrote Quinamuiú, surge como um pacato lugarejo, transformando fazenda de gado pertencente ao sargento-mor José Rodrigues de Matos, em localidade importante no sertão dos Inhamuns, iniciando a trajetória de município polo da região. Em 1762, foi erguida a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em torno da qual foram construídas residências, prédios para oficina de ourives, tenda de ferreiro, vendas e tabernas.⁵⁷

Narra-se que, a utilização de escravos era prática comum entre os fazendeiros de São João do Príncipe, conforme registros nos Livros de Tombo da Igreja. Na época colonial, em São João do Príncipe, os fazendeiros, possuíam em torno de 2149 escravos negros. Nessa perspectiva, encontramos no acervo do Museu Histórico Regional dos Inhamuns, vários documentos relativos ao período escravagista da vila. Segundo, ainda, vários relatos de cunho histórico, nas senzalas de José do Vale exerciam atividades diversas, tais como: alfaiates, costureiros, ferradores, pedreiros, carpinteiros, seleiros e vaqueiros.⁵⁸

Consoante veremos mais adiante, por portaria de 14 de dezembro de 1801, o ouvidor da Capitania, Gregório José da Silva Coutinho, fora indicado para viajar até Tauá, a fim de que fosse estudada a possibilidade de sua elevação à vila. Assim, no ano seguinte, em 1802, a vila de Tauá foi oficialmente reconhecida com a denominação de Vila de São João do Príncipe, em homenagem ao então príncipe regente de Portugal, D. João VI. Foi o 14^o (décimo quarto) povoado a se transformar em vila na Capitania do Ceará.

Os habitantes do povoado de Tauá, por meio de edital fixado em 20 de abril de 1802⁵⁹, no lugar mais público do povoado, foi o povo exortado a com-

56 Ibidem, p. 42.

57 Ibidem p. 76.

58 As potencialidades turísticas do sertão de Tauá – Região dos Inhamuns - Ceará, por Fátima Lúcia de Andrade Feitosa. Dissertação de mestrado. UECE. 2015.

59 Edital. O Doutor Desembargador GRêgorio José da Sylva Coutinho graduado na Universidade de Coimbra e opositor das cadeiras de leis da mesma, do Desembargo de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor, ouvidor geral do crime e cível em toda esta comarca do siara grande e nella corregedor tudo com alsada pello dito Senhor que Deus Guarde etc. Faço saber a todas as pessoas nobres e Povo do Districto desta Povoação do Tauá, Repartição da Villa do Icó, que havendo concideração o Illustriçimo e Excellentissimo Senhor Bernando Manoel de Vasconcellos governador desta capitania ao quanto util e conveniente seria ao bem comum da sociedade civil e socego Público, administração da justiça e ao Real Serviço, que se ergice em Vila esta Povoação do Tauá para nella se recolherem e congregarem todos os homens vadios e vagabundos que afastandoe da sociedade civil a maneyra de Feras indomitas vivessem inbreñhados pello centro das mattas virgens destes certóis tendo em orror a união social e a comonicação das gentes donde em todas as idades tem demanado para o istado, e membros delle para a tranqulidade universal e particular das Nações comodoss e interesses e encantos da mesma sociedade, motivos estes, que desde a mais antiga epocha do mundo tem sido perene fonte efazendo principio de todos os grandes e pequenos consociáveis de homens unidos, para mútua e reciproca felicidade das respúblicas fora das quaes nunca pode alcausarce nem existir, pois legando impunemente licenciosa perpotência em dependente liberdade da Anarquia natural vence todos os dias com grande escandallo da natureza, com discredito da humanidade cometidos e perpetrados por estes sime barbaras Disertores da sociedade os mais execrandos insultos e as mais negras mald ades que as justiaças pellas remotas longitudes deste Destricto nunca podem rexasar, cohibir e castigar ou por não lhe chegar a noticia ou a tempo tal que todas as averiguações e procedimentos criminaes se tornam inuteis e infructíferas quanto à emenda e punição. dos Reos e dos agravados da republica ofenda portanto tendo em vista o dito Illustriçimo e Exm. Senhor governador que desterrada esta abominavel desordem com a nova correção desta V^a. se atrahirião e obrigarão nella a viver edificar a trabalhar os homens errantes e nocivosos de seu Destricto que por elle se repartiria o trafico e misteres da sociedade que suavisarião os Povos de arredor promoverchia a ordem de felicidade publica, applicarchia o prompto castigo aos facinorosos para excarmento de outros adiantarchia a despresada e necessaria agricultura alimentarchia a comonicação e comércio inteiro destes Paizes nesta certeza pois foi o mesmo Ilm. e Excellentissimo Senhor Governador servido determinar-me pello seo officio de 14 de Dezembro do anno próximo passado, que na conformidade da Real ord em de 1767 se faça Erigir em villa esta Povoação que se denominaria V^a. de São João do Príncipe, para

parecer à cerimônia de elevação do povoado à vila, sob a pena do pagamento de uma multa no valor equivalente ao preço de duas vacas. A força política e econômica prevalecia sobre o direito de ir e vir do cidadão, e, enfim, todos foram obrigados a comparecer àquele chamamento compulsório.



Nesse sentido, aliás, obrigados pela portaria referida, os nobres da terra e o povo, em geral, se fizeram presentes ao ato, e o que mais chama a atenção pelo momento ímpar que se impunha, trajados com as suas melhores roupas. As mulheres e as filhas de fazendeiros, portando ricas joias, vestiam roupas elegantes e luxuosas, vindas da Europa. Os homens,

por sua vez, como era o costume da época para ocasiões como tal, vestiam casacos, jaquetas adornadas com botões de ouro, além de sapatos afivelados em ouro. O povo, em geral, usava roupas de algodão e camisa de pano passada por entre a calça.⁶⁰

A professora Salete Vale,⁶¹ historiadora renomada da história e da cultura do nosso município, em trabalho desenvolvido em áudio, direcionado aos tauaenses e ao mundo, no episódio de nº 1, a respeito desse fato histórico, com precisão cirúrgica, narra:

“... Tauá passou a vila, no dia 03 de maio de 1802. Nesse dia foi à instalação da Vila de São João do Príncipe. Podemos ver nesse dia, de acordo com a figura, o quadro que consta das transformações da urbe. O dia em que Tauá passou a vila tinha muitas pessoas em frente à igreja matriz Nossa Sra. Do Rosário. No livro “Inhamuns Terra e Homens” há detalhes sobre isso quando ele fala que estava criada a Vila de Tauá, ou a Vila de São João do Príncipe, e um patamar da igreja havia se reunido em torno do ouvidor naquele 03 de maio. A sociedade tauaense, ofuscando com brilho e esplendor a comitiva que não se cansava de olhar aquele quadro bizarro e fausto em pompa. Eram as damas da terra, senhor dos fazendeiros e as sinhazinhas, suas filhas, um luxo vienense, de surpreendente elegância, com espartilhas a comprimir a cintura, vestidas de anquinhas, enfeitadas de renda racin. Calçados de véu butina, marroquino camurça. Grandes pentes de ouro enfiados em

o que dando prompto e devido cumprimento a referida ordem tenho escolhido e determinado o dia treze de Mayo para nelle proceder a criação da dita Nova Villa de São João do Príncipe pello qite ordeno a todas as pessoas da Nobreza e Povo deste antigo dystricto do Tauá que todos sem excepção alguma concorrão assistipessoalmente em o referido dia a solemne efestiva criação da dita Villa como são obriga dos, e he de Estilo ficando igualmente todos entendidos que aquelles que não comparecerem ao xamamento deste meu Edital na forma delle os hei condemnados em seis mil reispagos da Cadeya para a despeza das obras Publicas da dita nova Vª. alem das pennas que me aprouver imporlhes pella desobediencia indesculpavel para que para que xegue a noticia de todos e não possão alegar ignorancia mandey passar o presente que será publicado e fixado no lugar mais publico desta Povoação e se registrará no livro a quepertencer. Dad o e pasado nesta Povoação do Tauhá sobre meu signal o sello ou valha sem elle ex causa aos vinte de Abril de mil oito centos e dous, eu Balthazar Ferreyra Lopes Escrivão da ouvidoria geral e correção o escrevy-Doutor Gregório José da Sylva Coutinho - Ao sello sesenta reis valha sem sello ex causa - Doutor Coutinho certifico que em minhapresença se affixou o Edital com tudo retro e supra no lugar mais publico desta Povoação no dia vinte de Abril do corrente anno com os pregões do estillo. Dados pello Porteyro do Auditorio Francisco Monteiro da Fonseca Pasa na verdade o referido Tauhá vinte de Abril de mil oito centos e dous o Escrivão da ouvidoria geral e correção - Balthazar Ferreyra Lopes. (MOTA, Aroldo. História política de Tauá. ABC. Rio - São Paulo – Fortaleza. 2002. Pgs. 12-14).

60 Ibidem pág. 76.

61 FARIAS, Maria Salete Vale. A história de Tava em episódios narrada através do rádio de Tauá. Episódio nº 1. Salete Vale é especialista em Patrimônio do IPHAN. Pedagoga. Mestranda em Gestão de Negócios e Turísticos e Secretaria da Fundação Bernardo Feitosa, em Tauá-Ce.

cocós, ou quando sem eles, um pano delicado, uma mantilha e preço cobrindo-lhes a cabeça. Enfeitavam-lhes gemas belíssimas de ouro e pulseiras de berroques. Longos cordões de ouro que chegavam a medir até duas braças. O fausto em que se apresentavam os grandes da nova metrópole dos Inhamuns traduzia fielmente a riqueza da terra. Metidos em casacas ou sobrecasacas de pano fino azul ou preto, jaquetas de mangas curtas, algumas vezes enfeitadas de renda na altura dos punhos, coletes de musselina, um por dentro do outro, calções acolchoados abotoados ao joelho que se casavam com meias de seda fina de zaragoza; colarinhos duros levantados com gravatas a meio lenço; chapéus legítimos de Braga e guarda-sóis de variadas cores, de preferência vigorosas. Isso consta dos autos de inventário de Manoel Correia de Lacerda de Santa Tereza do Cartório José Lúcio, em Tauá. De par com esse, o Capitão Mor dos Inhamuns, José Alves Feitosa; o comandante da nova vila Veceslau Gomes da Silva e demais oficiais das ordenanças de regime de Cavalaria. Garbosos em vistosos uniformes de gala com chapéu fino armado, atada à cinta, longas espadas de copos de ouro que se conservavam guardadas em estojos de prata. Os sapatos em verniz de entrada baixa cavados de fivela de precioso metal. Ninguém se apresentou sem grande decência. Os pobres que não podiam arcar com as despesas lindas de fora trajavam ceroulas de algodão, camisa do mesmo tecido, mas de pano passado, que era indício de requinte e respeito. ...”

Em 1832, em franco desenvolvimento, foi instituída a Freguesia,⁶² data da criação do distrito. Somente em 1852, criou-se a Comarca por Lei Provincial, tal como veremos mais adiante e, a partir de 1889, o município passou a ter o nome de São João do Príncipe dos Inhamuns. Já, nos primeiros dias da República, em 1898, Marechal Deodoro da Fonseca elimina todos os traços do extinto regime monárquico, alterando as designações dos mais diversos lugares deste vasto torrão brasileiro. Assim, a vila de São João do Príncipe dos Inhamuns foi alterada para Tauá, conforme Lei número 485 de 14 de outubro de 1898 e três décadas depois, em 02 de agosto de 1929, transformada em cidade, na administração do interventor federal Matos Peixoto.

Em 1933, o município de Tauá foi dividido nos distritos de Flores, Cococi, Arneiroz, Barra Nova, Santa Catarina, Marrecas e São Pedro da Cachoeirinha, exceto Marruás, distrito enquadrado neste mesmo ano no município de Maria Pereira, atual Mombaça. Marruás tornou-se distrito de Tauá no ano seguinte. Em 1937, ao município foi acrescido o distrito de Santo Antônio das Carrapateiras, enquanto o de Santa Catarina transferiu-se para Saboeiro. Na divisão territorial seguinte, em 30 de dezembro de 1943, o município conserva os distritos, tendo apenas alterados alguns nomes: Nova Cruz, Cachoeirinha e Flores passaram a se chamar Inhamuns, Parambu e Trici, respectivamente.

62 Em Portugal do século XVIII, a “parochia” era o mesmo que “freguesia, igreja parochial e governada por um Pároco” e no início dos 19, “parochiar” era “exercer o ministério santo de Pároco e curar almas”. Designava também a igreja matriz em que havia o pároco e os paroquianos, quem frequentavam eram os seus fregueses. Durante o Brasil Colônia, a divisão territorial urbana era baseada nas distribuições definidas por uma paróquia erigida por decisão diocesana e cujos limites ficavam dependentes de determinação do padroado real, acordo entre o Rei e a Santa Sé que dava poderes a ao Imperador para nomear bispos e padres, inclusive o de construir igrejas. Os conceitos de curato, capela, distrito, paróquia, freguesia, davam a legalidade e a posição político-administrativo dos povoados, vilas e cidades no Brasil. Agregadora, a paróquia era dotada de uma área determinada que lhe prestasse assistência material e espiritual. A paróquia tinha uma base territorial e formava um distrito eclesiástico onde o povo definia seu espaço de moradia: eu pertenceo à freguesia tal. (<https://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-11-07/um-pouco-de-historia-a-freguesia-e-sua-organizacao.html>)

Em 15 de setembro de 1956, o então governador Paulo Sarasate desmembrou do município de Tauá os distritos de Parambu e Cococi, criando uma nova unidade municipal com sede em Parambu.

Tauá encontra-se dividido, atualmente, em oito distritos: 1. Sede do município, 2. Marrecas, 3. Barra Nova, 4. Trici, 5. Marruás, 6. Carrapateiras, 7. Inhamuns e 8. Santa Tereza. Na construção do que hoje é a região dos Inhamuns, especificamente, Tauá, há que se levar em conta que *“progresso só se realiza através de sofrimentos, claudicações e desvarios humanos; e nenhuma civilização nasceu e medrou entre flores e risos; mas todas emergiram e cresceram em arrebois de sangue.”*, salienta Macêdo.⁶³

VII - O estabelecimento da vila e o início de vida civil e política da comunidade colonial

Segundo estudos realizados por Raimundo Girão,⁶⁴ com a criação e o estabelecimento das Vilas, deu-se por iniciada à vida civil e política das comunidades coloniais. Instalou-se, assim, o pelourinho, entendido como tronco rústico de madeira que simbolizava a jurisdição municipal e ajudava, dentro da povoação, a manter a segurança social, castigada pelo ridículo ou servindo-se da flagelação aos criminosos ou insubordinados.⁶⁵ Os excessos eram inevitáveis, pois a qualquer crime, era o delinquente metido no tronco.⁶⁶

Criada a vila enquanto pessoa jurídica, burocraticamente organizada a ordem social e o poder político – formal ou não – sobre o cotidiano da vida da comunidade, passavam então a ser filtrados não apenas pela família portentosa, mas, também, por instituições legalmente reconhecidas para este fim. E aqui me refiro à Igreja, à Guarda Nacional, à Câmara Municipal, à Delegacia de Polícia, ao Juiz de Paz, ao Juizado Municipal, e ao posto de Eleitor da Comarca. Na verdade, o que se verificava, em resumo, a família ou o consórcio delas, nada mais era que o motor da ordem social e a mãe fundadora das Vilas. O governo central apenas reconhecia e legalizava uma situação efetiva, distribuindo títulos e honrarias e transformando a autoridade moral da família dominante em autoridade pública⁶⁷.

63 Ibidem pág. 15.

64 Raimundo Girão (Morada Nova, 3 de outubro de 1900 - Fortaleza, 24 de julho de 1988) foi um advogado, historiador, escritor e político brasileiro. Como homem público, desempenhou as funções de prefeito de Fortaleza, ministro do Tribunal de Contas do Estado do Ceará — de 21 de setembro de 1935 até sua aposentadoria, em 1970 — e secretário de Cultura do estado do Ceará, entre outros. Como intelectual, deixou uma obra com 54 títulos — entre livros e plaquetas —, versando principalmente sobre a história e a geografia de seu estado, além de ter organizado 12 obras de variados assuntos. Da história do Ceará, que mereceu seu maior interesse e empenho, foi um dos mais profícuos intérpretes. Seus estudos e escritos abrangem, também, o direito, a geografia, a economia, a antropologia, a literatura, a filologia, a genealogia, a memorialística e a ensaística. Filho de Luís Carneiro de Sousa Girão e Celina Cavalcanti nasceu na fazenda Palestina, do Município de Morada Nova, perto três quilômetros da cidade sede municipal, no dia 3 de outubro de 1900, uma quarta feira. Aos cinco anos de idade, com os pais, mudou-se para Maranguape, cidade em que permaneceu até 1913 e teve a oportunidade de fazer os primeiros estudos frequentando a escola pública dirigida pela professora Ana de Oliveira Cabral (D. Naninha) e o colégio particular do prof. Henrique Chaves. Em novembro de 1913, transferiu-se para Fortaleza, passando a frequentar o colégio Colombo, do prof. Manuel Leiria de Andrade, e em seguida matriculou-se no Liceu do Ceará, no qual tirou os necessários preparatórios (1919). No ano seguinte, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, cujo curso concluiu com êxito, colando grau de Bacharel no dia 8 de dezembro de 1924. Casou-se com Maria Gaspar Brasil em 27 de novembro de 1926. Nessa mesma faculdade, doutorou-se em 1936, sendo aluno laureado. Advogado nos auditórios do Estado, quando em 1932 é chamado para exercer as funções do cargo de Secretário Geral da Prefeitura de Fortaleza (Secretaria Única) para a, 14 de dezembro de esse ano receber a nomeação de Prefeito Municipal interino. Efetivou-se no cargo no dia 19 de abril de 1933 e o exerceu até 5 de setembro de 1934, dedicando todos os seus empenhos a experiências aos interesses administrativos da Capital cearense. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Raimundo_Gir%C3%A3o)

65 GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997, p. 48-49.

66 MENEZES, Antônio Bezerra de. Notas de viagem. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 164

67 ARAÚJO, Raimundo Alves. Família de Poder: A construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830-1900), p. 102.

Para a ocupação do território espacial denominado Vila, instituía-se algumas formalidades as quais eram consideradas imprescindíveis e necessárias ao sucesso da empreitada.

Diz Clóvis Ramiro Jucá Neto,⁶⁸ *"A fundação das vilas, além de prosseguir com o movimento de centralização administrativa do estado português (ante a dispersão reinante nos primeiros 40 anos de colonização do Ceará) e garantir a continuidade do território, promoveu um ordenamento espacial na capitania a partir de uma razão distante, pela delimitação das áreas dos novos núcleos e de seus termos"*.

E acrescenta o referido historiador: *"No que se refere ao espaço urbano, a Coroa portuguesa orientou a implantação de vilas segundo os padrões da escola do urbanismo português setecentista. Mas as orientações urbanísticas tiveram de adaptar-se às condições sociais e físicas de cada vila fundada, fazendo com que nem todas as diretrizes fossem de fato adotadas. No âmbito regional, no ato da criação de cada vila, as dimensões dos termos mudavam de tamanho quando o território era novamente repartido. Sem deixar claros os critérios adotados, alguns mantinham grandes dimensões e outros, dimensões reduzidas. Em algumas situações, o reordenamento do território foi razão de entraves políticos entre diversos agentes que defendiam os interesses econômicos das vilas envolvidas. Em ambas as situações, entretanto, o que se observou foi o ordenamento do espaço, tanto em escala regional como na de vila"*.

O autor segue o mesmo pensamento, dizendo: *"Até os primeiros anos do século XIX, com exceção de Aquiraz e Fortaleza, localizadas no litoral, as demais vilas de brancos fundadas, situavam-se em pontos estratégicos para produção, reprodução e circulação da atividade da pecuária. Assentavam-se nos cruzamentos das estradas das boiadas e na foz dos principais rios da capitania: os rios Jaguaribe, Acaraú e Coreaú. Pelo lugar geográfico das vilas, confirma-se o interesse português pela atividade produtiva"*.

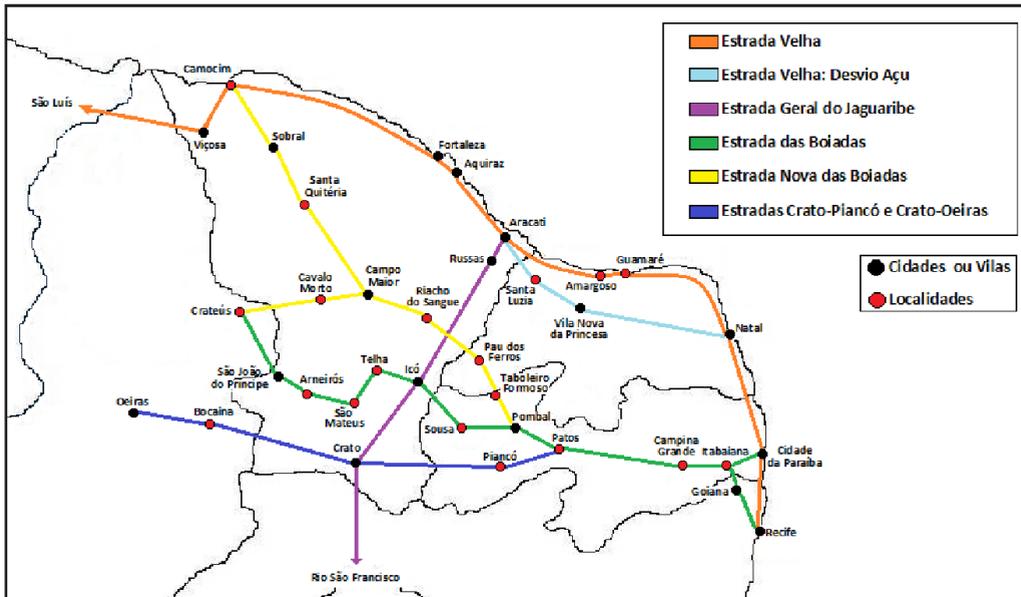
O autor recorda: *"localizado na foz do rio Jaguaribe, para onde seguia a Estrada Geral do Jaguaribe (veja-se tópico específico), muitas das vilas foram estabelecidas. Quixeramobim, por exemplo, estabeleceu-se no cruzamento das estradas que vinham da Granja, Sobral, Crateús, de Santa Quitéria, e da Paraíba. Sobral ligava o sertão central com o litoral noroeste da capitania. De Tauá, podia-se seguir para Oeiras, no Piauí, passando por Crateús, ou então para o Icó. (veja a exemplo o termo instituidor da Vila de São João do Príncipe/Tauá).⁶⁹ Russas estava na Estrada Geral do Jaguaribe, e Icó, situa-*

68 JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. Dossiê – Caminhos da História da urbanização no Brasil colônia. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. Na, mus.paul.vol.20 no.1 São Paulo Jane./June 2012.

69 Auto de assignação do TR. Desta V.^a. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dous aos tres do mês de Mayo do dito anno nesta Vila Nova de s. João do Príncipe capitania do seara grande em cazas de aposentadoria do Doutor Dezembargador ouvidor geral Corregedor da Comarca Gregório Jsé da S.^a Coutinho aonde eu Escrivam de seu cargo ao diante nomeado me axey e sendo ahy com o Juiz ordinário demais officiais da Camara abaixo assignados pello dito Ministro foy dito que elle assignava para Território e Termo desta Villa as duas Freguezias de S. Matheus e Nosa Senhora da Paz do Arneiros e o pequeno espasso ou distancia que se contem desde a Barra do Riacho dos Macacos no Rio de Mombasa com todas as vertentes de ambos para cima até a divisão das agoas dentro do qual poderia cada hum dos sobreditos exercer as funsões dos seus respectivos officios e de como assim o declarou mandou o dito Ministro fazer este Auto em que com todos assignou e Balthasar Freire Lopes Escrivão segundo da ouvidoria geral e Correçõey o Escreyv. Doutor Coutinho – Manoel Ferr,² Gondim – Joaq. de Araujo Xaves – José Custodio dos Santos – José Augusto Dias – Leandro Custodio Bezerra – Pedro Pereyra de Lima. E mais: Auto de assignação do Patrimônio p.^a a Camr^a e das mais das terras que se destinão para se repartirem com os novos agregados a esta na conformidade

da no cruzamento desta com a Estrada Nova das Boaiadas, comunicava-se diretamente com o Piauí, com a Paraíba e com Aracati, no litoral cearense”. Ver-se-á, pois, em capítulo específico, o estudo das principais estradas no sertão do Siara Grande e que serviram de alento a sua exploração e desenvolvimento.

VIII - As estradas como elementos indutores do desenvolvimento e que levaram o homem a adentrar e colonizar os sertões do Ceará, dos Inhamuns, Tauá⁷⁰



da ordem de S. Alt. R.I. o Prin. ce Reg. te N. Sr. anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e dous aos tres dias do mês de Mayo do dito anno nesta vila nova de S. João do Príncipe capitania do Seara grande em casas de aposentadoria do Doutor Dezembargador e ouvidor geral e Corregdor da Com. ca Gregório José da Sylva Coutinho aonde eu Escrivam de seu cargo ao adiante nomeado me axava com os Juizes ordinários e mais officiais da Camera desta v.ª abaixo assignados e sendo ahy todos presentes p.lo d.º Mynistro foy assignados para patrimônio desta v.ª o Contrato Real das carnes do Asouge Público da m. ma v.ª e termo e na m. ma conformidade o das aferições Iguualmente o das agoas art. es da terra que todos mandou fossem arrematados em Prasa Publica a q. m mais desse assim taõbem destinou para o m. mo fim todas as terras que se axem sem serem cultivadas nem plantadas em as serras comprehendidas no Tr.º assignado não obstante que aparesão algumas Datas nullas das ditas terras sem confirmação de Sua Alteza Real o Prin. ce Reg. e N. Sr. ou algumas poses invalidas por se não terem axado digo ainda plantado e cultivado nas m. mas terras na conformidade das Reaes ordens nas quais terras mandara a Camera que seus Procuradores fazer os actos pocesorios pelos quais fica Pat. e a tod's axarenses as m. mas terras consagradas para este Patrimônio ordenando elle dito M.º q. e as referidas terras fosen reservadas para este repartim. to com as pesoas que sendo comprehendidas nos Editaes da Convocação viecem agregarce a esta v.ª dos quais se arbitraria a cada hum aq. le numero de brasas ou de terreno que a camera julgace bast. e p.ª suas lavouras e plantações pagando cada hum a modica poção de foro que a m. ma camera taxar para as despesas do Conselho emquanto elle dito Ministro não der hua nova forma mais bem ordenada a este resp. to de que de tudo para constar mandou dito Ministro fazer este termo digo Auto em que assignou com os ditos Juizes e mais officiais da camera e eu Balthazar Freyre Lopes segundo Escrivam da ouvidoria geral e Corr.ºm o Escreyv – Doutor Coutinho – Manoel Ferreyra Gondim – João de Ar. e Xaves – Jose Custodio dos Santos – Jose Antonio Dias – Leandro Custodio Bezerra – Pedro Pereyra de Lima.

E logo no dito dia mês e anno retro declarado nesta Villa nova de S. João do Príncipe e cazas de aposentadoria do Doutor Dezembargador ouvidor geral e Corregedor da Com.ª Gregório Jose da Sylva Coutinho onde eu Escrivam de seu cargo ao diante nomeado me axava e sendo ahy também presentes os Juizes ordinários e mais officiais da Camera abaixo assignados pello m. m.º Ministro foy dito aos ditos officiais que ele consignava para território desta Villa o m. m.º espaso de terra do que ate agora servia de Povoaçam do Taua dentro do q. l poderião os novos agregados a Ella edificar suas casas no alinhamento que para isso lhes mandarão consignar os sobreditos officiais da Camera na m. m.ª conformidade em que já se axavam criados e de como asima o dicerão mandou o dito Ministro fazer este termo em que com os sobreditos assignou, eu Balthazar Freyre Lopes segundo Escrivam da ouvidoria geral e Corr.ºm o Escreyv – Doutor Coutinho – Manoel Ferreyra Gondim – João de Araujo Xaves – Jose Custodio dos Santos – Jose Antonio Dias – Leandro Custodio Bezerra – Pedro Pr.ª de Lima. E não se continha mais nos ditos termos de ereção desta v.ª que se no livro competente delle no Arquivo que delle trasladey fielmente do próprio a que me reporto e com o mesmo confery e concertey nesta sobredita Villa de S. João do Príncipe o que fiz oir ordem dos Senhores officiais da Camera hoje 10 de julho de 1813. Escr.ºm da Camera. JOAQUIM JOSE DE MELLO. (Citação ips literis retirada do livro HISTÓRIA POLITICA DE TAUÁ. AROLD MOTA. Rio – São Paulo – Fortaleza. 2002. Pgs. 19 – 21).

70 Mapa produzido a partir das informações de: STUART FILHO, Carlos. Vias de comunicação do Ceará (in Revista do Porto nº 04. 2016 p. 2-26) colonial. Revista do Instituto Histórico do Ceará. Fortaleza, v. LI, 1937, p. 15-47.

VIII.1 - Principais estradas da Capitania do Siará Grande no início do século XIX

Revisitando a história, como fez exemplarmente, EVANGELISTA⁷¹, tem-se que a concentração populacional no sertão cearense, frente às atividades econômicas inauguradas, mais precisamente, pelo criatório do boi, - pela necessidade efetiva do transporte e da comunicação do homem de um lugar para outro, ao homem colonizador restou à idealização e a criação das trilhas que nada mais eram que caminhos rústicos, transformados em estradas, e que se prestaram a consolidação consequente e definitiva dos mais diversos centros urbanos na Capitania do Ceará.

Assim, seguido o ideário daquelas trilhas, estabelecidas de forma rústica pelos índios, então habitantes natos da terra, pela passagem forçada das boiadas e pela necessária comercialização, busca incansável, consequente e ambicionada da riqueza, sentimento inato ao homem, as trilhas, os caminhos foram, assim, dando origem a várias estradas na Capitania do Ceará, as quais foram na lição de CARLOS STUDART FILHO e, consequentemente, na minha visão, um dos melhores e mais completo tratadistas a respeito, muito embora outros estudos existam e, tão importantes quão, as denominadas: ESTRADA DA TAQUARA; ESTRADA CAMOCIM-IBIAPABA, ESTRADA GERAL DO JAGUARIBE, ESTRADA NOVA DAS BOIADAS, além de outras estabelecidas de menor porte, serviram de marco a nossa colonização e ao nosso desenvolvimento. Aliás, o fenômeno comercial de então, forjado no comércio do gado, permitiu a inauguração por sem dúvida a inauguração de tais vias.

E apego-me ao estudo, aliás, realizado por CARLOS STUDART FILHO⁷², a explicitar cada uma dessas vias-estradas, abertas em território cearense nos remotos tempos de sua conquista e povoamento.

A mais antiga depreende-se dos estudos do autor, *"alongava-se pela orla litorânea, apresilhando, desde 1611, o fortim de S. Sebastião aos mais civilizados centros do nordeste brasileiro. Foi o conduto, por onde penetraram nas ínvias glebas nordestinas os pioneiros da truculenta civilização ocidental"*. Acrescenta, *"ora a praia rasa pela estreita faixa arenosa que as vagas humedeciam a cada instante, ora as terras chans dos taboleiros, era, a princípio, uma vereda mal definida, perceptível só aos olhares perscrutadores dos índios Tupis, aos quais servira de trilha quando algumas de suas malocas se haviam deslocado para o norte, avassalando, destarte, áreas continentais sempre maiores. Por ela transitavam, certamente, os mercantes portugueses que, já ao declinar do século XVI, ousavam perlustrar, acompanhados de pequenas escoltas de nativos mansos, as nossas praias, à cata do precioso âmbar gris, produto intensamente procurado dos mercados de além-mar. –*

71 EVANGELISTA, Izaiera Machado. A civilização do couro: uma contribuição cultural ao turismo cearense. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios e Turismo), Mestrado Profissional em Gestão de Negócios de Turísticos, Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza-CE, 2007, Pág. 230.

72 Vias de comunicação do Ceará colonial, Revista do Instituto do Ceará, pág. 1/47 (Memória.bn.br)

Fala-se, assim, na Estrada Velha. Foi, segundo o historiador citado, a senda angustiada do infeliz Pero Coelho⁷³, vítima como tantos outros de um sonho falaz de riquezas e glórias⁷⁴. A velha estrada, transpondo o Jaguaribe pouco acima de sua foz, demandava a Natal, passando em Amargoroso e Guamoré, nas costas de Macau; depois, costeando o Atlântico como um imenso debrum, alcançava a Paraíba. Acrescenta CARLOS STUDART na obra referida, “perlongaram-na também, em parte, os Jesuítas Figueira⁷⁵ e Francisco Pinto, quando demandavam a Ibiapaba ansiosos por cumprirem sua nobre missão apostólica”. Diz-se que nos primórdios da conquista do meio norte, “ia-se ao Maranhão, e regiões adjacentes, pela chapada da Ibiapaba”. Para atingir aquele distante platô, seguiam-se rústicos caminhos traçados por Francisco Pinto⁷⁶ ou pela bandeira afoita do primeiro capitão-mor do Ceará, Martim Soares Moreno.⁷⁷ Dessas veredas que, durante anos, serviram à intercomunicação das missões Jesuítas estabeleceu-se comunicação, também, com a fortaleza de Nossa Senhora de Assunção e pelas quais transitaria apressado o Pe. Antônio Ribeiro “para derramar a paz e a concórdia entre os gentios do Ceará”, diz o autor. - De sobra, sabe-se que Pero Coelho demandou em primeiro lugar a Camocim, para daí rumar o interior, e que o angélico ignaciano partiu do Parazinho, cortando a Serra da Uruburetama. Com o passar do tempo, as dificuldades de então, a velha estrada caiu em esquecimento. Ato contínuo passou a receber retificações e melhoramentos capazes de ensejar uma melhor adaptação às exigências da circulação daquele tempo longínquo. Ademais, “a velha estrada, além do Aracati, acompanhou as sinuosidades da costa até Aquiraz, vila de apenas 300 (trezentos) habitantes, e, enfim,

73 Foi um explorador português, oriundo dos Açores. Chegou ao Brasil em 1579 e foi o primeiro representante da Coroa Portuguesa a desbravar os territórios das capitânias da Paraíba, Sejepe, Rio Grande do Norte e Ceará, entre os séculos XVI e XVII. (pt.m.wikipedia.org)

74Ibidem, pág. 1.

75 Luís Figueira (1574 ou 1576, Almodôvar, Portugal - outubro de 1643, Ilha de Marajó (na época chamada de Ilha de Joanes), Brasil Colônia), foi um padre jesuíta de destacada atuação no Brasil colonial. Foi autor de uma das primeiras gramáticas da língua tupi, a partir do contato com potiguares, tupinambás, tabajaras e caetés, denominada Arte da Língua Brasilíca[1], impressa pela primeira vez em 1621. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Figueira)

76 Francisco da Costa Pinto, padre Jesuíta, nascido em 1552, da cidade de Angra, Ilha de Terceira. Morto em 11 de janeiro de 1608, na Chapada de Ibiapaba. Agoriano, veio para o Brasil, quando criança, acompanhando a família que emigrou para o Brasil. Aos 17 anos de idade, deixou o Estado de Pernambuco seguiu para a Bahia e em 31 de outubro de 1568 ingressou na Companhia de Jesus. Não chegou a completar o curso, recebendo a o título de Coadjuutor espiritual formado. Em 1588 recebeu a ordens sacras, sendo considerado padre. Devido a seu conhecimento das línguas indígenas é indicado para a Missão do Maranhão. Teria sido curado pelo Padre Anchieta. No dia 20 de janeiro de 1607, partiu do Recife, em uma embarcação que ia buscar sal coletado nas salinas na foz do Rio Mossoró, juntamente com o padre Luís Figueira para o Siará Grande, com o intuito de catequizar os nativos daquele território. Em 2 de fevereiro do 1607, celebraram a primeira missa no território do atual Estado do Ceará, na foz do Rio Jaguaribe. Durante a viagem, esteve em um aldeamento denominado como Paupina, que corresponde atualmente ao centro de Messejana. Os dois avançaram até a Chapada de Ibiapaba, chegando a habitar com os índios Tabajara. Em 11 de janeiro de 1608, foi assassinado pelos índios Tocarijus, instigados pelos franceses que mantinham contatos na região por meio da Feitoria da Ibiapaba. O martírio ocorreu, provavelmente, onde, atualmente, está localizado o Município de Carnaubal, sendo enterrado no sopé da Serra Grande.

77 Martim Soares Moreno deve ser reconhecido como Construtor da História. Neste dia 28 de maio, lembramos que foi nomeado em 1619 por Carta patente Del Rey Felipe II, o 1o Capitão-Mor da Capitania do Ceará (394 anos). Militar luso da “Ordem de Sant’lago da Espada”, nasceu em Santiago do Cacém, Portugal (1586 – 1652). A memória o registra na “1a Tropa” instalada à margem do Rio Ceará que erigiu o “Fortim de Santiago”, em 25 de julho de 1604. Consórcio de Pero Coelho, a edificação faz parte da pioneira empresa que caracteriza o Marco Zero de Fortaleza (409 anos). Patrono da 10a Região Militar – Martim Soares Moreno. O legado está gravado na heráldica – ao centro por sua “cruz-espada de Santiago” envolta à planta de “4 pontas – espadas” do pioneiro Fortim de Santiago. Em 1612, amplia a sede de comando e denomina “Forte de São Sebastião”. Os rivais holandeses o reconhecem na origem da cidade à margem do Rio Ceará, que exaltam “A Fortaleza de Martim Soares Moreno”. Eternizando o Forte de São Sebastião na gravura de Frans Post (Amsterdã, 1645). O legado é encontrado hoje, em destaque no tradicional e popular Mercado São Sebastião (criado em 1848). Ator que transcendeu o personagem militar. Imortalizado no romance Iracema de José de Alencar. Enlace que transcende o tempo no Hino de Fortaleza: “A Iracema lembrando o guerreiro, De sua alma de virgem senhor”. Já em 1611, Soares Moreno traz a Raça Negra ao povoamento da Barra do Ceará, detalhe, mulheres mamelucas não acorrentadas, que formaram a gênese étnica. Em 1621 requisita à Coroa uma imagem mariana; já em 1622 instalando-a na Barra do Ceará, onde existe o seu Santuário de Nossa Senhora da Assunção (391 anos); eleita a Padroeira católica de Fortaleza em 1886. “Pela Mãe de Jesus protegida, Fortaleza é a Flor do Brasil”. A Arquidiocese de Fortaleza revitalizou a memória da tradição mariana da Barra do Ceará com a “Caminhada com Maria” (criada em 2003). “Junto à sombra dos muros do forte, A pequena semente nasceu” – o seu pioneirismo edificador e militar são reafirmados por Antônio Gondim, autor do hino da capital, que o cita numa ode em defesa da primazia histórica da Barra do Ceará: “De Soares Moreno, Marco da História” (criado em 1968). A região primeira na evolução de Fortaleza, reconhecida pela Coroa Ibérica, abrigou em 1701 a Sede da 1a Câmara do Legislativo em Fortaleza (312 anos). É bom saber que o 1o Capitão-Mor sempre comandou na Barra do Ceará. Martim Soares Moreno primus inter pares. (https://www.oestadoce.com.br/opiniao/capitao-mor-do-ceara-394-anos/)

chegando a Fortaleza que ao tempo possuía apenasmente, cerca de 1200 (um mil e duzentos) habitantes”.

Das estradas concebidas no estudo de STUDART, chega-se a conclusão primordial de que a Estrada Geral do Jaguaribe, a Estrada Nova das Boiadas e, principalmente, a Estrada das Boiadas foram sim as principais vias, pela importância concebida, ao principiar do desenvolvimento de nossa região, de nossa terra. Aliás, como visto acima, sem os tais caminhos, por certo, sequer os confins dos sertões secos e desérticos dos Inhamuns, ao tempo habitado apenas por silvícolas, teria acontecido. Por isso, ao meu vislumbre, pela importância as nossas existências, destacam-se estudos por menorizados daqueles que efetivamente disseram ao nosso respeito.

VIII.1.1 - A Estrada Geral de Jaguaribe

Essa estrada nasceu, exatamente, no momento em que a bacia do Jaguaribe começou a sentir-se rodeada pelas fazendas e currais.

Partia da região do Aracati, rio acima, transpunha o Jaguaribe em passagem de pedras, atravessava os caminhos onde hoje se encontram localizadas as cidades de Russas e Icó. Subia o rio Salgado até chegar, praticamente, às suas nascentes.

Segundo STUDART FILHO,⁷⁸ *“trilhada em alguns dos seus trechos já ao tempo dos primeiros colonizadores, não dispo de rios prestados para a navegação, margeavam eles, os leitos das nossas ravinas onde poços e cacimbas poderiam lhes fornecer a água, necessária a vida, daí o nascedouro da referida estrada”.*

A estrada geral do Jaguaribe, segundo o mesmo autor, *“cedo alcançou as terras meridionais da Capitania. Galgando o platô do Araripe e vencendo as caatingas ralas dos sertões pernambucanos, chegou ao rio S. Francisco no início do século XVIII. Embora sujeita, na última parte do seu curso, às linhas altas da chapada da Serra - Grande, com suas longas travessias sem água e sem pastagem, a estrada avultou, rapidamente, em importância na economia do interior nordestino. Serviu de passagem ao gado e aos cavalos do nosso sertão para a zona do médio São Francisco, donde seguiam para os centros de mineração dos gerais. Foi a mais notável via de penetração dos colonizadores vindos do baixo Jaguaribe, os quais foram os primeiros ocupantes daqueles rincões fronteiriços e, também, gente oriunda das margens do maior dos rios genuinamente brasileiro. Entre estes povoados sobressaíam, os Monte e os Feitosa, famílias cujos membros deixaram na crônica da nossa terra a fama de audazes e façanhudos”.*

78 *Ibidem* págs. 28 -30.

Foi à estrada, até o advento da estrada de ferro, uma das mais importantes, e, porque não afirmar, a via mais importante de intercâmbio comercial entre o litoral e o interior cearense. Por essa estrada entraram pela sua importância ao período colonial, o nosso interior foi abastecido com os produtos que se reputava de primeira necessidade. Por sua vez, aquilo que procedia do estrangeiro, com saída do Aracati era conduzidos em chiantes carros de bois, onde, diz o autor, *"estacionavam por ser o caminho daí por diante intransitável, mesmo a esse rústico meio de transporte terrestre. Ao depois, entre o Icó e os centros consumidores, conduzidos através do lombo do cavalo, bestas e bois mansos."*

Pela estrada, como visto, subiam, ademais, tropas intermináveis de equinos, carregando com destino aos povos do São Francisco o produto das salinas cearenses do Mossoró e do Rio Grande do Norte.

Por ela chegou-se ao porto de Santa Cruz do Aracati e imensa produção da bacia do Jaguaribe, que consistia em couros salgados e espichados e alguma pelica das que se trabalhava em todo o sertão cearense. Criadas as oficinas de carne no Aracati, o tráfico por ela se intensificou em face do enorme volume de boiadas oriundas de diferentes ribeiras do maior dos rios cearense. Por outro lado, inúmeros caminhos subsidiários rumaram à margem dessa estrada, fazendo caminho entre povoados e fazendas, principalmente, à margem dos afluentes do Jaguaribe. Com o decaimento do comércio da carne, o algodão passou a ser a mercadoria de maior trânsito no trecho setentrional dessa importante via de comunicação.

GABRIEL PARENTE NOGUEIRA⁷⁹, reforçando os estudos de STU-DART, acrescenta: *"Em Icó a Estrada Geral do Jaguaribe conectava-se com a Estrada das Boiadas, destacada rota de comércio que ligava o sertão das capitânicas do norte com o litoral açucareiro. Tendo em Recife e cidade da Paraíba seus limites, esta estrada adentrava os sertões da Paraíba, cruzando esta capitania até chegar ao Icó. De Icó, a estrada seguia cortando o centro-sul do Siará Grande em busca dos sertões dos Crateús, no Piauí, tendo se estruturado, no curso deste caminho, uma dinâmica rede de trocas"*.

E acrescenta: *"Por ligar o Siará grande ao Piauí, esta via, bem como a Estrada Nova das Boiadas, contribuiu para a economia do Siará Grande, pois, além de o Piauí ter sido um importante fornecedor de reses a serem abatidas nas oficinas do Aracati, no Piauí se buscava boiadas para recomposição dos rebanhos do Siará Grande após as secas que, sazonalmente, afetavam a região, sobretudo, as duas grandes estiagens que afetaram a capitania no último quartel do século XVIII"*.

⁷⁹ Na Revista Porto. Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. No trabalho "Um porto do sertão, um centro regional: A vila de Santa Cruz do Aracati no século XVIII, págs. 6-7.

VIII.II - A Estrada Nova das Boiadas

Da bacia do Jaguaribe, chegava-se, igualmente, aos campos de criação do Piauí pela denominada "Estrada Nova Das Boiadas", como antes citado, difícil e alongado caminho, então existente.

Vinda do Pau dos Ferros, pelo Pereiro, transpunha o Jaguaribe pouco acima da atual vila do Jaguaribe-Mirim, ia em seguida pelo Riacho do Sangue em busca do nordeste; passava ladeando os campos do Uriá cruzava o rio das Pedras, atingindo o Banabuiú em Laranjeiras; depois de beirá-lo algum tempo, coleava junto às margens de seu tributário setentrional mais importante, o Quixeramobim, até embocar na atual cidade do mesmo nome, onde se bipartia. Um ramal, pelo Cavalo-Morto (Boa Viagem), Independência e Crateús, caminhava para o Piauí através do boqueirão do Poti; o outro, inflectivando-se profundamente para o noroeste, ia ter a Sobral. A Estrada Nova das Boiadas, prolongando-se até a capital de Pernambuco, por Barriguda, Taboleiro Formoso e "Caminhos das Boiadas" da Paraíba, era a corda de um imenso arco formado pelo velho caminho que, beirando o mar, ia de Camocim a Recife, tocando em Natal, João Pessoa e Olinda, narra espetacularmente STUDART.

Encurtando distâncias e desviando, reporto-me ao autor citado,⁸⁰ *"o trânsito do litoral para o sertão, o caminho novo concorreu grandemente para o isolamento em que por muito tempo houve a sede administrativa da capitania, isolamento mercê da qual ela vegetaria insignificamente e mesquinha, enquanto outras vilas cearenses se opulentavam e progrediam. Concorreu, igualmente, para que numerosos elementos das capitanias vizinhas do nordeste viessem fixar-se em território cearense. Das cercanias de S. Miguel de Pau dos Ferros e de Luiz-Gomes, onde tinham suas posses, por ela rumaram, com efeito, aos sertões de Quixeramobim, aí espalhando energias novas, famílias inteiras, desejosas de povoar sesmarias requeridas, ou com o simples fito de melhor se afazendarem para a criação do gado"*.

Também de Pernambuco, por este caminho, vieram ao norte e centro da Capitania, homens resolutos, os quais situados deixaram grande descendência, entre os quais se destacam: os Pintos de Mesquita, os Machados Freires, os Alves da Fonseca, que fecundaram aquelas glebas com seu trabalho produtivo.

GABRIEL PARENTE NOGUEIRA⁸¹ diz: *"De trajeto semelhante ao da Estrada das Boiadas (tópico em seguida a ser estudado), em sua origem em Recife, seguindo basicamente o mesmo percurso até a porção central da capitania da Paraíba, onde rumava ao norte passando pela localidade de Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte, seguia rumo à vila de Campo Maior,*

⁸⁰ Ibidem, p. 30/31.

⁸¹ Ibidem p. 7-8.

ponto onde se bifurcava tendo um de seus ramais com destino os sertões de Crateús no Piauí e o outro se destinando à vila de Sobral, atingindo em sua continuidade o litoral norte da capitania. Em seu trajeto, conectava as principais regiões de criatório do Siará Grande – a ribeira do Acaraú (passando por Sobral), a ribeira do Banabuiú (passando na vila de Campo Maior) e a ribeira do Jaguaribe (na localidade de Riacho do Sangue) – aos sertões das capitanias vizinhas e a Recife, sem o intermédio das sedes da capitania, o que contribuía para o isolamento da capital”.

VIII.I.III - A Estrada das Boiadas e sua importância para a colonização dos Inhamuns e de Tauá

Novamente, apego-me aos estudos de CARLOS STUDART FILHO,⁸² pela originalidade do trabalho apresentado, o qual descreve amiúde, a importância e os fatos que envolveram o referido caminho ao tempo da nossa colonização e ao desenvolvimento dos Inhamuns e de nossa Tauá.

Diz o autor: “Não era o novo “caminho novo das boiadas”, o escoradouro único aberto em nosso território aos produtos da indústria pastoril do interior piauiense. Destinada a drenar para os mercados consumidores do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, os gados daquelas terras, existia outra estrada, cuja origem remonta também aos inícios do século XVIII”. Já em 1731, diz, “há dela menção no texto das sesmarias cearenses sob o nome de “estrada que passa para o Piauí”. Sete anos antes, era denominado “caminho dos Inhamuns”. Icó, Iguatu, S. Matheus, Saboeiro, Arneiroz e Tauá balizam, hoje, um enorme trecho desse velho caminho de acesso às terras do médio Paraíba”. De Tauá, afirma: “antiga fazenda de José Alves Feitosa, jornadeava-se então, para o centro do vizinho estado nortista, pelo antigo riacho dos Camaleões, atingindo Vertentes e Crateús, ou, ainda, diretamente, através de aspérrimos atalhos rasgados nos flancos da Serra Grande, e cujo desbravamento data, talvez, dos tempos em que velho Vale peregrinava pelas nossas fronteiras ocidentais. Simples picada de tropeiros, a variante Tauá-Piauí, assiduamente palmilhada, constituiu-se em breve um caminho tradicional, que, seguindo o riacho do Trici, encostas meridionais da serra da Joaninha, rumavam a Valença”. Do lado do oriente, acrescenta: “pelo boqueirão do Umari, onde hoje correm trilhos do ramal ferroviário que vai de Timbauba a Sousa, articulava-se o caminho cearense na estrada real da Paraíba, essa grande via-tronco que atravessava toda aquela capitania em demanda a Itabaiana, donde um ramal ia a Recife por Desterro e Goiana. Conhecida nas crônicas do Rio Grande do Norte e Paraíba pelo nome de “estrada das boiadas”, ela aparece em nossos documentos dos inícios do século XIX, com simples designação de “estrada para Pernambuco””. Seu traçado primitivo demarca o autor: “Partindo da fronteira cearense, passava pelos lugares, hoje

⁸² Ibidem, págs. 31-35.

chamados S. João do Rio do Peixe, Sousa, Pombal e Patos, ia depois margeando o rio Pinharás ou Espinharás; galgava as encostas orientais da Borborema, encontrando, seis léguas além, a lagoa do Batalhão, seguia então mais ou menos as sinuosidades do curso do Taperoa até a povoação de Milagres; alcançava a pequena ribeira de S. Rosa, para chegar, finalmente, a Campina Grande. De Capina para o litoral, a estrada principiava atravessando densa floresta de quatro léguas até os lugares Caboclos e Torres, onde descia a Borborema; dava no pequeno vale do Rio Ingá; passava nos lugares onde existem as povoações de Riachão, Várzea-Nova, Vila do Ingá, Mogeiro, e, uma légua além, atingia o rio Paraíba, na povoação de Salgado, seguia pelas margens deste rio, tocando em Itabaiana, Pilar, Itaipu, Espírito Santo, Socorro, Santa Desterro, Goiano e Recife, onde findava. (Irineu Jofely... Notas sobre a Parahyba), O trecho entre Capina Grande e S. João do Rio do Peixe, tinha a denominação particular de Estrada de Espinharás. Ligando diretamente ou por meio de caminhos subsidiários os centros pastoris do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte e Paraíba aos mais importantes mercados do litoral, essa grande artéria serviu durante todo o período colonial, ao intercâmbio comercial entre grande parte do sertão nordestino e a zona marítima. Por ela transitavam rumo ao interior, comboios de mercadorias estrangeiras, de lá descendo o gado de corte para os matadouros de Paraíba, Recife e Olin-da. Adquirido nas feiras de S. Antônio de Surubim, Vila de Mocha, Manga e Jatobá ou nas fazendas dispersas pelas cercanias desses velhos núcleos de povoamento, era a gadaria piauiense reunida em grandes boiadas, que se encaminhavam a Crateús, pelo boqueirão do Poti, única passagem fácil tallhada na imensa muralha calcária que circunda o Ceará ao ocidente, de Crateús rumava para as grandes feiras de Iguaraçu, Goiana, Timbé, Pedra de Fogo, Itabaiana e Campina Grande pelo caminho do Tauá. O armentio piauiense servia, igualmente, a abastecer os saladeiros do Ceará, Rio Grande do Norte, ou refazer os rebanhos dessas capitânicas quando dizimados pelas secas, fato, aliás, sucedia raramente, antes da grande seca dos fins do século XVIII. Esse demandava, porém, acrescenta o autor, "de preferência, a estrada nova das boiadas, que devia ser muito menos frequentada pelos vaqueiros que iam à Paraíba e Pernambuco. Concorriam com efeito para restringir a eficiência dessa ligação transcapitânica obstáculos de toda sorte, entre os quais avultavam a escassez de pastagem e a deficiência e má qualidade das aguadas. "Quixeramobim, com suas ricas pastagens de mimoso, talvez o único ponto onde as reses derreadas pela canícula e pela fome podiam refazer-se na longa travessia". Diz o mencionado autor: "Tem uma estrada no interior para Campo Maior e segue para Pernambuco". "E muito incomoda por maus caminhos, desabitada, e falta de pastos e de águas quase insupportáveis por salinas, conforme dizia o Dr. João Antônio Rodrigues de Carvalho, ouvidor da Comarca do Ceará, em seu relatório de 1815". O gado cearense prossegue: "dado o enorme consumo interno que teve depois da criação das oficinas de salgas em vários pontos de nossas praias oceânicas, pouco se exportava". A essa regra fugiam unicamente as reses dos Inhamuns e da

Mombaça. Sua enorme resistência ao entropamento e ao cansaço tornava-as, particularmente, aptas para as longas caminhadas. Eram, por isso, muito procuradas explicou cabalmente um grande conhecedor de assuntos ruralísticos, com o pisar constantemente o terreno duro e cheio de pedrouços dos campos nativos. Idênticos motivos tornavam muito apreciados pelos compradores das regiões vizinhas os cavalos daquelas terras sertanejas". E refere o autor⁸³, "O terreno dos Inhamuns, escrevia Amador Veríssimo Aleteia, é o mais seco e pedregoso, composto de pequenas serras e alquebradas que, contudo, não deixarão de produzir abundantes pastos, sendo os seus gados os mais próprios para fazerem longas viagens, e, por isso, são transportados quase sempre para a capitania da Bahia". E diz, citando Câmara Cascuda, em referência aos caminhos norte-rio-grandenses, "iam vaqueiros de todo o Nordeste comprar bois novos, novilhos e garrotes ao Piauí. Voltavam em dezembro, tocando, a fim de aproveitarem as babugens das chuvas de janeiro". E acrescenta: "Para que a jornada aos campos parnaibanos fosse menos enfadonha e menos perigosa, tangerinos e boiadeiros reuniam-se em pontos certos e em datas apazadas, para marcharem por grupos. Robustecidos pelo número, poderiam opor resistência forte, disciplinada, eficiente, às vicissitudes do meio hostil, e afrontar melhor a tapuiada. De hábito, ficavam tanto quanto possível juntos também no regresso, solícitos em se prestar mútua assistência, na defesa dos gados por cuja guarda respondia. Solidários, por inteligente cooperativismo, os mais práticos mostravam aos mais bisonhos como deviam agir nos longos estirões sem águas e sem pasto, nas passagens difíceis, dos rios, nas moléstias súbitas que assaltavam as boiadas, e como arrancá-las aos tremedais. "Durante a travessia, homens e animais careciam, naturalmente, de repouso e de alimento". E afirma: "Quebrando a monotonia daquelas ermas estradas setecentistas, surgiram assim os ranchos, vendas e bodegas, primeiras manifestações de muitos dos hodiernos povoados sertanejos. Narra ademais, o autor, "Elementos que gravitavam nas proximidades, renegados, ladrões de gado, índios mansos foragidos deixavam-se atrair, sedentarizando-se, e uma vida social rudimentar se iniciava. Afinidades psicológicas e morais aglutinavam aí, a seres humanos de todas as procedências. E o rancho estradeiro, onde os tangedores de gado recobram alento para nova caminhada, e as vendas que lhes refazem as parcas provisões de viveres, transmudam-se a pouco e pouco em lugarejos que, ainda hoje, guardam fundos traços de sua remota origem. Dispersas pela orla dos caminhos, abrolham fazendas, enfileiram-se ninchos e capelas, constroem-se casas, que são outros tantos núcleos de condensação de moradores. Onde as estradas transpõem um curso d'água mais importante, estabelecem morada passadores experimentados; onde duas vias troncas se cruzam, aparece de ordinário, uma cidade".

83 Ibidem, p.34.

Da narração cunhada por STUDART, até mesmo lançando mão do seu lado emocional, pode-se perceber o quão importante foi a “Estrada das Boiadas” para os Inhamuns e, mais precisamente, para nossa Tauá.

Ao meu visio, ao atravessar os tórridos sertões do território cearense com suas derivações em busca do Piauí e a outras localidades, desbravando simples picadas de tropeiros, vencendo as dificuldades que aqueles homens corajosos e depreendidos à época, empreendiam na busca quase selvagem pela exploração e a riqueza (não importa qual o produto), seja o boi, instalação de fazendas, etc., implicou, imensuravelmente, como refere o tratadista, na nossa colonização e porque não dizer, no crescimento e no desenvolvimento da nossa terra.

VIII.I.IV - A estrada Crato-Piancó

Serviu, praticamente, para o transporte do produto da cana-de-açúcar, rica produção dos rincões do Cariri e, mais precisamente, do Crato. Vinda de Patos, onde se entroncava com a estrada de Espinharás, furava a campinas e os tabuleiros da Paraíba, rumo a Piancó; cruzava Misericórdia e Conceição, transpunha os últimos corcovos meridionais da Serra do Cachorro Morto, avançando em procura de Mauriti, Missão Velha e Crato. Por ligar zona economicamente próxima, teve, à época, intenso movimento, servindo destarte, de ampliação às terras dos ribeirões do Batateiras. Por ela faziam-se o comércio das feiras de Paraíba e de Pernambuco. Por ela, narra STUDART⁸⁴, tornou-se possível a ligação do Cariri com a freguesia da Mocha pela estrada Crato-Oeiras.

VIII.I.V – Estrada Crato-Oeiras

Surgiu nos rincões dos sertões do Cariri e se destinava ao encurtamento da distância, entre o Cariri e o Piauí. Partia do Crato, atravessava as nascentes do Cariús e Bastiões, indo até a Várzea da Vaca, hoje, Campos Sales. Seguindo pelo chapadão do Araripe, alcançava Picos e a vila da Mocha, transformada após, em cidade. STUDART⁸⁵ lembra que, “*com a abertura da estrada do Crato para a ribeira do Canindé, completava-se a ligação entre as extensas ribeiras Piancó e Parnaíba. Mais um liame apresilhava, assim, as capitânicas que formavam o governo de Pernambuco aos latifúndios criadores do Piauí, centro abastecedor por excelência do gado vacum*”.

84 Ibidem, p. 38

85 Ibidem, p. 39

VIII.I.VI – Outras estradas nos Inhamuns a servir a nossa colonização

Com o fim do ciclo da pecuária, reorganização da capitania, abrindo-se novas perspectivas econômicas para o povo, com o predomínio da atividade agrícola, e, por consequência, a produção do cultivo do algodão, necessitou-se de nova abertura de caminhos (estrada) para a facilitação e movimentação de tal produto. Bernardo Manuel de Vasconcelos (governador de então da capitania) mandou construí-la. Essa nova estrada fincada entre as vilas de Fortaleza e Sobral partindo de Soure, cortava a vila de Imperatriz e S. Bento d'Amontada.

Em seguida, fez-se a comunicação Sobral Granja que se estendia até as margens do Parnaíba. Depois, por idealização do governador de então, criou-se a estrada Canindé-Soure.

Já, em 1802, em consequência da criação da Vila de São João do Príncipe, hoje nossa Tauá, além de outras, através dos sertões de Mombaça, partiu de Tauá, a estrada que seguia ao riacho das Favelas, transpondo a serra do Flamengo e dormitando, enfim, na antiga Maria Pereira, hoje Mombaça. Daí, seguindo por Banabuiú, chegava a Quixeramobim.

Outras estradas foram concebidas e construídas, dando ensanchas, ao desenvolvimento da capitania do Ceará e a comunicação com outros entes da federação. – Diz STUDART⁸⁶, *"que ao findar-se o período colonial, uma verdadeira rede de estradas e variantes cobria nossa terra, sendo Aracati, Sobral, Viçosa, Granja, Aquiraz, Fortaleza, Campo Grande, Quixeramobim, Tauá, Crato, Jardim, Baturité e Icó os pontos onde se fechavam suas malhas imensas e irregulares"*. Posteriormente, Fortaleza tornando-se o centro da capitania do Ceará, foi ligada por uma estrada através das margens do Pajeú, para Maranguape, Canindé, Quixeramobim e os sertões dos Inhamuns. Quixeramobim, aliás, situado na estrada real que de início se dirigia para o Rio Grande e Paraíba, encontrava-se ligado às principais vilas da Capitania do Ceará, e, daí, formava o cinturão de comunicação dos caminhos para São João do Príncipe, etc. De Tauá, então São João do Príncipe, confluíram várias estradas da capitania, a dizer-se: Quixeramobim, Campo Grande e Icó. Daí fazia-se a ligação com o Piauí, através da Estrada Velha das Boiadas e o atalho Tauá-Valença. Por São Mateus, passava a estrada do Icó-Tauá indo até o São Francisco. Do Crato, saía à interligação entre várias localidades e São João do Príncipe. No Icó, duas vias tronco da capitania se encontravam a ligar, Jaguaribe, Russas, Aracati, Piauí e São João do Príncipe para Pernambuco.

STUDART⁸⁷ conclui, magistralmente, o seu trabalho a respeito das estradas do Ceará colonial, dizendo que, *"graças às ligações diretas das vilas*

⁸⁶ Ibidem, p. 42

⁸⁷ Ibidem, p. 47

de Campina Grande e Recife, a metrópole sertaneja do Ceará-colônia, cedo se libertou da tutela econômica do Aracati, tornando-se, por sua vez, centro comercial de primeira grandeza. Em fins do período colonial, era o antigo Arraial de Nossa Senhora do Ó, que se abastecia de mercadorias estrangeiras os lojistas de Quixeramobim e Crato. Os negociantes do Icó, por sua vez, faziam com o Crato e São João do Príncipe, e, também ao Aracati, conforme registrou em 1815, Dr. João Antônio Rodrigues de Carvalho⁸⁸".

Assim, por meio da interligação das estradas citadas, os Inhamuns e os Campos Gerais do Piauí, além de se tornarem o primado pastoril de todo o nordeste brasileiro e de Tauá, foi o ponto de convergência da vaqueirama forasteira⁸⁹. E Câmara Cascudo, citado pelo mesmo autor às folhas aludidas diz: *"A maioria furava de Tauá, diretamente para o Piauí, outros tomavam novos rumos, de Tauá para Crateús e, daí seguiam galgando a Ibiapaba para o Campo Maior, banhado pelo Rio Surubim ou dos cearenses Arneiroz e Cococi, alcançando Valença do Piauí ou em diagonal para Picos. Na última localidade é onde vêm se prover de vistosos e ornamentais cavalos pompas, orgulho do patriarcado rural do Rio Grande do Norte".* Eis, portanto, breve resumo da importância das antigas estradas coloniais para a nossa história, para o nosso desenvolvimento.

A professora conterrânea Salete Vale, lembrando Antônio Gomes de Freitas, no livro "Inhamuns Terra e Homens", por sua vez cita passagem do livro "Páginas de História e Pré-História", do historiógrafo Carlos Stuart filho, a respeito da importância das estradas para a nossa colonização dizendo em resumo:

"Em Tauá, São João do Príncipe, confluem várias estradas capitais. Efetivamente ali se entrecruzavam as sete estradas gerais, donde se parte desta Vila para todos os lugares em circunferência. E cita o ofício da Câmara Municipal de São João do Príncipe, dirigindo ao presidente da província, Conselheiro Vicente Pires da Mota, datada de 19 de maio de 1855, que foi fielmente copiada pelo juiz Carlos Feitosa com assistência do causídico Meton Vieira. O velho papel traça o rumo dos caminhos antigos que convergiam para atual cidade de Tauá. A primeira estrada passa pelas Vilas de Maria Pereira e Quixeramobim. A segunda fica margem esquerda da primeira, atravessando parte do terreno da província do Piauí, se encaminha passando pela povoação denominada de Boa Viagem para a capital do Estado. A terceira passando pela Vila de Saboeiro abre o comércio dos habitantes das extremidades das províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte. A quarta atravessando a Serra das

88 ANTÔNIO JOÃO, Rodrigues de Carvalho. Memória sobre a Capitania do Ceará, Agosto de 1815.

89 FREITAS, Gomes. Inhamuns terra e homens. Mandacarú, Fortaleza, 2008, pág. 43

Guaribas em rumo ao Oeste vai em direção à vila da Telha e cidade de Icó. A quinta é que se dirigem os Cariris Novos ao Crato sendo cortado pelo Rio Jaguaribe em três lugares. A sexta é que se dirigindo ao príncipe Imperial abre comércio pelo lado do Noroeste com a província do Piauí até aquela Vila. A sétima passando pela povoação de Flores neste município encaminha-se pelo poente para a mesma província do Piauí. Gomes de Freitas fala que nas ruas centrais de Tauá, até o meado do século XX, eram visíveis as trilhas das sete estradas gerais que ali se entroncavam. E os vestígios rastros de peões e cavaleiros que as transitaram só desapareceram ali com a feitura da pavimentação a paralelepípedo dos seus logradouros públicos, obra que teve início em 1956, na administração do prefeito Moacir Pereira Gondim e levanta por diante pelos seus sucessores, Dr. Júlio Gonçalves Rêgo e Domingos Gomes de Aguiar. As duas primeiras das mencionadas estradas reais, transformaram-se em importantes rodovias. A mais antiga é a tal Mombaça Senador Pompeu, que foi construída em 1923. "E a outra que foi iniciada em 1958, pelo Governo Federal com a denominação de Fortaleza – Brasília, com passagem obrigatória por Boa Viagem, corta o município de Tauá".⁹⁰

IX - Os fatos que fizeram os Feitosa virem ao Brasil e aos sertões dos Inhamuns

AÉCIO FEITOSA⁹¹ no trabalho intitulado, "Sesmarias dos Feitosa no Ceará", constante do acervo do Instituto do Ceará, 2001, relata que "*Tão logo se deu o Descobrimento em 1500, o litoral brasileiro passou a ser pontilhado de pequenos portos estrangeiros – franceses, ingleses e holandeses – que passaram a servir de entrepostos comerciais com seus países de origem". Diz que "Intenso comércio, gerando uma economia predatória, praticamente, dizimou o pau-brasil e afetou nossa riqueza natural composta pelas pedras preciosas e pelo ouro. Não apenas nossa economia esclarece, "estava sofrendo sérios prejuízos como à própria soberania da posse das terras pela metrópole encontrava-se ameaçada". Urgia, pois, a Portugal salvar suas posses, isso fez, adotando uma política coerente com a debilidade de seu tesouro: instalou o sistema de Capitânicas Hereditárias em 1530, que malogrou poucos anos depois, sendo substituído pelo regime de Governos Gerais (vide tópicos iniciais), iniciando aos 25 de março de 1549, com a chegada de Tomé de Souza na Bahia de Todos os Santos (e de todos os pecados)."*

⁹⁰ Ibidem. Episódio 22

⁹¹ FEITOSA, AÉCIO. "SESMARIAS DOS FEITOSA NO CEARÁ. Revista do Instituto do Ceará, 2001.

É nesse período, insiste o estudioso Feitosa: *"que se levantam os engenhos e, dentro deles, as decantadas "Casas Grandes" e as "Senzalas", que resultaram numa polisinfonia etnológica de matizes vários, cientificamente estudados por Gilberto Freyre "Casa Grande e Senzala", Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1950, e pelo sociólogo francês Lévy-Strauss Tristes Tropiques, Livraria Plon, Paris, 1955"*.

Refere o autor, que Portugal estimulou, à época, em face da constatação dos fatos, até então ocorrentes, uma política migratória, ocasionando, assim, a vinda à colônia de uma leva sucessiva de lusitanos, o que afirma ter sido, a princípio, representantes de uma pequena e média burguesia. Tais pessoas para o Brasil se deslocaram no afã prioritário e transloucado, - do aumentar eminentemente egoísta das suas riquezas.

Informa, igualmente, AÉCIO FEITOSA,⁹² *"O fenômeno foi de tal ordem, que as autoridades portuguesas se viram obrigadas a fixar normas para esta migração, tentando evitar o despovoamento do território de seu território (confira-se José Hermano Saraiva, História Concisa de Portugal, Publicações Europa-América, 6ª Edição, Lisboa, 1970 e Caio Prado Júnior, História Econômica do Brasil, Editora Brasiliense, São Paulo, 1974)"*.

AÉCIO⁹³ chega à conclusão que foi dentro desse contexto, que restou determinada a vinda da família Feitosa para o Brasil.

O mesmo autor, na obra 'FEITOSAS – Genealogia – História – Biografias,⁹⁴ às fls. 34/35, alerta ao indagar quais os motivos que levaram os Feitosa a migrar para o Ceará. A resposta do estudioso da sua família é alcançada com a resposta seguinte: *"Duas hipóteses são levantadas. A primeira, pela ordem histórica, é de autoria do Professor Luiz de Aguiar Costa Pinto, lente da Universidade do Brasil em sua obra "Lutas de Famílias no Brasil"*, refere:

"Feitosa. "Esta família pernambucana se supõe, comprometida na guerra dos mascates, razão pela qual, perseguida, deixa seus engenhos "Currais de Serinhaém" e emigra para o Ceará, onde se dedica à pecuária nas bandas do Icó" (opus cit. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1949, pág. 115. O autor na sua narrativa a explicitar na mesma obra o assunto, revela: "Na base desta emigração, portanto, uma razão bélica, hipótese que vem, igualmente, registrada na obra do historiador paraibano, Robson Duarte Espínola, indicando, inclusive, este autor, o percurso por eles feito, seguindo a Estrada da Formiga, antiga Fazenda Rio do Peixe, afluente do São Francisco" (Dos Inhamuns à Paraíba, Editora Gráfica Igramol Ltda., João Pessoa, 1981, pág. 13). E diz: "A outra hipótese, é de autoria do pesquisador e historiador tamborilense, Fernando Araújo Farias, quando escreve: "Por

92 Ibidem, pág. 2.

93 Ibidem, pág. 2.

94 FEITOSA, Aécio. Feitosas. Genealogia – História – Biografias. UFC. 1999. Fls. 34 -35.

estar bastante povoado este rio (São Francisco) e afluentes, onde estava em franca florescência a atividade pecuária, certamente, por informação dos parentes Ferreira aqui já chegada, hajam sido as razões que levaram os irmãos (Feitosa) a esta migração". Fato é que, acrescenta: "não tardaram a iniciar a colonização da bacia jaguaribana, inclusive, com desenvoltura tal, que levou o primogênito, Comissário Geral Lourenço Alves Feitosa a se tornar o maior sesmeiro da história colonial do Ceará, obtendo 22 concessões, informação contida no livro SESMARIAS CEARENSES". (Araújo e Feitosa: Colonizadores do Alto e Médio Acaraú, Fundação Cultural de Fortaleza, 1995, pág. 37).

AÉCIO FEITOSA arremata, conclusivamente: *"Esta segunda hipótese, funda-se em informações contidas em documentos, razão pela qual nos parece consistente, rejeitando, assim, a anterior"*.

Vejam-se, portanto, o quão importante foi à família Feitosa para a colonização do Brasil, para os Inhamuns e Tauá. – Mesmo me fazendo repetitivo, tenho que, tal revelação me leva a compreender ser imprescindível mostrar em plano maior, a importância da ascendência e descendência dos Feitosa no Brasil, no Nordeste, nos Inhamuns, e, principalmente, para a nossa terra.

O poder da família Feitosa como endossadora primordial da nossa região, afirma-se, dava-se de forma tão eloquente que, até mesmo para reclamar injustiças a ela ditas injustas e desproporcionais, perseguições sofridas, às autoridades eram dirigidas cartas, rogando justiça, como refere fato expresso no periódico "O Cearense", edição de nº 28, de 9 de março de 1871, verbis:

"CEARENSE. Fortaleza, 9 de março de 1871. Conquista de Inhamuns. Recondesce, horrivelmente, a perseguição ao Inhamum. Os conquistadores vão levando o desespero ao seio das famílias pacíficas d'aquela desventurada comarca. As scenas contristadoras de 1852, vão se reproduzir, ao que parece. Desejosos há muito de um pretexto qualquer para justificarem suas perseguições aos nossos amigos d'aquela comarca, os Feitosa, uma das mais antigas e prestigiosas famílias da província, os carcarás o encontraram no assassinato do infeliz Manoel Gonçalves. De posse de todos os cargos policiais, tendo nas varas de direito e municipais membros da família, inimigos encarniçados dos Feitosa, contando com o assentimento e decidido apoio do Sr. Araujo Lima actual ministro da justiça, não podiam addiar por mais tempo o seu plano há muito premeditado. Eilos, pois, que se atiram como lobos esfaimados sobre as vítimas de seus antigos ódios. Não escolhem armas: põem em prá-

tica todos os meios compressores, a fim de levar os nossos amigos ao desespero. O Pedro II, órgão d'essa família que tem jurado o extermínio dos Feitosa, bate palmas, sorrir-se interiormente e tomando os ares do mais refinado hypocrita, vem perguntar-nos – quaes os actos irregulares que podem ser traduzidos como perseguições? Ao cynico não há argumento que possa convencer. Não queremos tolher a acção da justiça, ao contrário, desejamos que ella se faça sentir sobre aquelles que se tenham tornado culpados. Mas haja imparcialidade, não se converta a espada da justiça em instrumento aviltante de perseguição, em arma política para satisfação de ódios e paixões desordenadas. Se se deu o crime, puna-se o delinqüente, persiga-se a autoridade, porém, sem esse apparato belicoso, sem essa ostentação de força; não se queira involver na perseguição quem não pôde ser responsável pelos actos alheios. Esse desgraçado acontecimento de que tanto se há occupado o Pedro II autorisa, por ventura, a perseguição que se tem desenvolvido contra nossos amigos do Inhamum? Recrutamento forçado, prisões arbitrarías, processos mostruosos, cerca e varejos de casas de cidadãos prestimosos sem formalidade alguma espancamentos... isso não será perseguição? E como tudo isto fora pouco junta ainda o escarneo, o insulto à senhoras distinctas, matronas respeitáveis, como a Exma. Sra. D. Maria Magdalena Alves Feitosa, irmã dos nossos amigos majores Joaquim e Francisco Alves Feitosa, aqual sendo condusida presa, entrou alto dia, na Villa de Tauhá, cercada de esbirros e de infames salrapas policiaes! A propósito d'esse facto revoltante escreve-nos de Tauhá uma pessoa fidedigna e inteiramente estranha aos Feitosas. Tem-se dado factos contristadores: a perseguição mais atroz se tem desenvolvido contra os Feitosas: hoje 24 de fevereiro entrou n'esta Villa escoltada por um grande número de esbirros a Exma. Sra. D. Maria Magdalena Alves Feitosa, irmã do prestimoso Major Joaquim Alves Feitosa, ex-deputado provincial, sendo recolhida a uma casa que actualmente serve de quartel, sem respeito algum a família e ao sexo. Enfim reina em Varsóvia e os Feitosas são os pobres políticos. O Tauhá é uma verdadeira praça d'armas. As famílias estão alteradas, e, Oh! Isto não tem qualificação, é o requinte da perversidade. Que comolicidade podia ter essa respeitável senhora no assassinato de Manoel Gonçalves! Quem não percebe que tudo isso entra no plano da conquista do Inhamum; que se trata de desprestigio essa importante família, que de longa data exerce benéfica influencia n'aquella comarca! O Pedro

II pelo seu modo de falar parece não se achar ainda plenamente satisfeito com a perseguição; com todos esses actos de selvagismo praticados contra os nossos amigos e por isso pergunta. Mas o que tem feito a policia de S. João do Príncipe, circunscripta a seus propios recursos, sem força publica, que auxilie a sua acção, por não ter ainda ali chegado o destacamento mandado pelo Exm. Presidente da provincia! Ora, pelo amor de Deus, pois não estão de posse de todos os cargos, os juizes de direito e municipal; o delegado e seus supplentes não são carcarás, cegos instrumentos empenhados na conquista! Para que melhores elementos! Deffenda o órgão official os seus amigos, procure mesmo justificar o procedimento dos algoses dos Feitosas, mas, por Deus, falle verdade, poupe as suas victimas, não queira juntar-lhes ao sofrimento o escarneo pungente”.

IX.I – João Alves Feitosa e seus filhos Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa – de Portugal para o Brasil – para o Nordeste - para o Ceará – para os Inhamuns – para Tauá

João Alves Feitosa foi um Lusitano, residente na Vila Feitosa, pertencente à Comarca e Conselho de Ponte de Lima, Couto da ilustre Casa de Bragança, situada a 375 quilômetros ao Norte de Lisboa, na Província do Minho. Desembarcou ele em Penedo, lado Sergipe, em meados do século XVII e contraiu casamento com D. Ana Gomes Vieira, filha do também português Coronel Manoel Martins Chaves, senhor de engenho em Porto da Folha, Capela do Buraco, conforme narra Leonardo Feitosa⁹⁵.

AÉCIO FEITOSA acrescenta⁹⁶: *“O Coronel Manoel Martins Chaves, era sogro do português Antônio de Sousa Carvalhedo, troco comum dos Araújo, no Ceará, casado com D. Nazária Ferreira Chaves, irmã de D. Ana Gomes Vieira, esposa de João Alves Feitosa, este o tronco único e comum dos Feitosas, no Brasil, pai do Coronel Francisco Alves Feitosa, raiz mãe dos Feitosas no Ceará”.* Acrescenta AÉCIO *“que este entrelaçamento parental “unindo Feitosa e Araújo” intensificou-se através de sucessivos casamentos, a partir do século XVIII”.*

Segundo HEITOR FEITOSA MACÊDO,⁹⁷ João Alves Feitosa, foi um capitão da Companhia de Ordenanças da Vila de Penedo, posto dos mais elevados na organização militar da época.

HEITOR FEITOSA, conclui o seu trabalho dizendo que, *“o mais antigo registro do sobrenome Feitosa, até agora encontrado, está em um documento*

⁹⁵ FEITOSA, Leonardo. Tratado Genealógico da Família Feitosa, Imprensa Oficial do Ceará, 1985, pág. 13 e José Vitorino Borges da Fonseca: Nobiliarquia Portuguesa.

⁹⁶ Ibidem, pág. 2.

⁹⁷ MACÊDO, HEITOR FEITOSA. Origens da Família Alves Feitosa e Ferreira Ferre: Portugal e Brasil. Retira do “estoriasehistoria-heitor,blogspot.com)

lavrado na Ilha da Madeira, território português, que trata do casamento de Margarida Gonçalves Feitosa, ocorrido no dia 8 de junho de 1616". Na mesma ilha, acrescenta que "a partir do ano de 1568, também, são encontrados registros de pessoas que para ali migraram e formaram a família Ferreira Ferro".

No Brasil, diz o eminente historiador: "O entrelaçamento dos Alves Feitosa com os Ferreira Ferro é bastante estreito, havendo evidências disto já à época em que estas famílias habitavam as margens do Rio São Francisco, nas imediações de Penedo/Al e Porto da Folha/SE. Ademais, com base na documentação que expõe, sujeita-se que o capitão da Vila de Penedo João Alves Feitosa, seja o mesmo João Ferreira Ferro, indivíduo a quem os estudiosos atribuem a ancestralidade de todos os Feitosas do Nordeste do Brasil". E termina o citado autor: "Portanto, acreditamos que, no Brasil, os Alves Feitosa e Ferreira Ferro formam, desde o século XVII, uma só família, sendo oriunda da Ilha da Madeira, o que reafirma a antiquíssima tradição oral corrente no sertão dos Inhamuns, qual seja, de o capitão João Alves Feitosa (o primeiro) ser natural de uma ilha, no caso, da Ilha da Madeira".

HELVÉCIO NEVES FEITOSA e VENÍCIO FEITOSA NEVES, apontam:⁹⁸ "Nas ribeiras do Rio São Francisco, a primeira fazenda de gado da família Feitosa foi a "Fazenda Várzea, que pertenceu, inicialmente, à nobre Casa da Torre D'Ávila, da Bahia. "Depois, a propriedade passou ao controle da família Feitosa, por arrendamento".

João Alves Feitosa foi, portanto, no Brasil, o pai da família Feitosa. - O ancoradouro de tantos quantos desde a remota época povoam os sertões do Nordeste e, principalmente, a nossa Tauá.

IX.II - A descendência de João Alves Feitosa: Coronel Francisco Alves Feitosa e o Comissário Geral de Cavalaria Lourenço Alves Feitosa – Os desbravadores dos sertões do Inhamuns. A importância da família Feitosa no Nordeste e nos Inhamuns

Do casamento de João Alves Feitosa com D. Ana Gomes Vieira, tal como já referido, nasceram dois filhos: o Coronel Francisco Alves Feitosa e o Comissário Geral de Cavalaria, Lourenço Alves Feitosa. Do Coronel Francisco provém todos os Feitosas do Ceará, vez que seu irmão deixou apenas um filho único, o Coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha⁹⁹, que faleceu solteiro.

De Pernambuco onde eram Sesmeiros, os irmãos Feitosas ingressaram no Ceará pela região jaguaribana (Icó), onde passaram a ser sesmeiros a partir de 1710, conforme já referenciado em tópicos anteriores deste trabalho. Nessa região teve por iniciado, o vasto e inigualável patrimônio sesmarial da família Feitosa no Ceará, patrimônio esse, que foi estendido pela inafastável expertise, deles, irmãos Feitosas para a região dos Inhamuns.

98 OS CABEÇAS DO BOI, Descendência do patriarca Manoel Alves Feitosa e Sousa. Fortaleza, 2010, pág. 24-25

99 Ibidem

Aécio Feitosa no trabalho referido afirma¹⁰⁰, *"que em terras alencarianas quatro foram os Feitosas concessionários, o Comissário Lourenço Alves Feitosa, seu filho o Coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha, o tio deste, Coronel Francisco Alves Feitosa e o Capitão-mor José Alves Feitosa, da Várzea da Onça, pai do prestigioso e rico fazendeiro Capitão-mor José Alves Feitosa¹⁰¹, de Tauá"*. Destes, avulta, apontar, o nome do Comissário Lourenço pela quantidade de concessões obtidas, somando 22 sesmarias.

Em 1707, Lourenço e Francisco, conseguiram as primeiras doações de terras nos Inhamuns. Narra-se, que as propriedades dos irmãos Feitosas, logo se expandiram. Lourenço recebeu um total de vinte ou mais sesmarias que se espalharam ao longo do rio Jaguaribe e aos seus afluentes próximos a Icó, e, a bem dizer, também, no coração dos Inhamuns.

Conta-nos Antônio Gomes de Freitas¹⁰², *"que até o ano de 1706, os colonizadores não se tinham embrenhado nos ermos dos Inhamuns"*. *Apenas transpuseram os seus umbrais para apossarem-se da "travessia dos Inhamuns", como o Comissário-Geral Lourenço Alves Feitosa chamou as terras de Iguatu, quando as pediu por devolutas "a encher-se nas testadas do sítio de Francisco Nogueira Lima chamado Irapuás"*.

Na barra do Riacho de Jucá, Francisco Alves Feitosa instalou os seus primeiros currais, estabelecendo em definitivo, no lugar chamado de Cococi, onde erigiu um templo religioso em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Lourenço por sua vez, abraçou a posse de três léguas da foz do Riacho do Jucá, daí nascendo a denominada Fazenda da Serra.

Billy Jaynes Chandler¹⁰³ narra, alinhando-se a vários estudiosos, que foi Francisco e não Lourenço, na realidade, o verdadeiro fundador da família Feitosa, porquanto, tanto Lourenço, quanto seu único filho, não deixou descendência, legando suas posses e influência, destarte, a Francisco. Francisco morou nos Inhamuns por mais de sessenta anos, tendo contraído núpcias três vezes. Francisco teve dessas uniões, seis filhos: quatro mulheres e dois homens.

De relevância demonstrar que, conclusões históricas e genealógicas tomadas a respeito, deixam demonstradas, conclusivamente, que a conveniência, a preferência, a falta de contatos, muitos dos descendentes de Francisco, para se unirem e procriar escolhia pessoas da própria parentela. A geração de Francisco é considerada os formadores da primeira geração dos Inhamuns.

Sabe-se, ademais, que muito embora a maioria dos membros dos Feitosas tenha casado com membros da própria família, outros optaram em contrário, daí, alianças formadas com o grupo dos Araújo, a exemplo.

100 Ibidem

101 Idem ibidem

102 GOMES, Antônio de Freitas. Inhamuns Terra e Homens. Editora Henrique Galeno. Fortaleza. 1972.

103 CHANDLER, BILLY JAYNES. Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns. Editora UFC. Civilização Brasileira. 1981.

O primeiro patriarca da família Feitosa no Ceará, por sem dúvida, foi o Coronel Francisco Alves Feitosa. Do casamento com Isabel de Montes Silva, descende Maria, casada com João Cavalcante e Luzia. Do casamento com Catarina da Rocha descendem Pedro Alves Feitosa, Manoel Ferreira Ferro, Josefa Alves Feitosa e Ana Gonçalves Vieira. Do seu terceiro casamento com a viúva Isabel Maria de Melo, não teve filho.

Lado outro, Hugo Catunda¹⁰⁴, acrescenta: *“Na formação social do Nordeste, eles abundaram. Mas nenhum foi mais característico – tanto pelo intenso prolongamento homogêneo do traço consanguíneo, quanto pelo crescente deslocamento, em contiguidade, do domínio latifundiário – do que o grupo formado, no Ceará, pela família Feitosa, que, se não é, na ordem cronológica, o mais antigo de quantos aqui se instalaram, foi, entretanto, o de mais longa perduração no tempo, atravessando quase três séculos de sobrevivência e de caracterização clânica, esgalhando imensa árvore genealógica, quase sem misturar-se, casando na família ou em famílias aparentadas, guardando sempre, na ufania do nome, a tradição da sua origem e a predominância do étnos comuns”*. E acrescenta: *“Mais antigos que os Feitosas foram, no Ceará, os Ariosas, os Mendes Lobatos e os Montes, os primeiros instalados, pelos longes 1702 - 1703, no vale do Cariri, e os últimos, já no expirar do segundo século, espalhando-se pelas várzeas do Jaguaribe e Banabuiu, fixando-se alguns deles, também, no Cariri. Os Feitosas – eram cinco irmãos – procedentes de Sarinhaém (Pernambuco), que vieram poucos anos depois, por volta de 1707, situando-se na ribeira dos Icós. Mas, enquanto Ariosas e Lobatos se diluíram, rapidamente, em cruzamentos vários, fora do clã, perdendo até nomes de origem, e os Montes, por igual, assimilavam com intensa mobilidade, em consórcios diferentes, os Feitosas, de menos plasticidade e, talvez, mais preconceituosos, resistiram, até além, contra os cruzamentos fora do seu grupo e criaram, nos sertões do Nordeste, o tipo mais perfeito e expressivo do clã parental de consaguineidade quase pura e exclusiva, com influência e irradiação jamais alcançadas por outros grupos sociais de sua classificação. Mas a sua definição como padrão clássico de organização clânica não se traduz, apenas, no sistema genético (endogamia), que foi a base biológica da longa e fecunda perduração do vínculo consanguíneo, senão, também, no largo desdobramento da sua base física, que constitui, aliás, o coroamento do processo social de clanicização dos grupos humanos”*. Diz ainda CATUNDA, no trabalho referido: *“Com efeito, fixados nos sertões do Icó e no vale do rio Jucá, os Feitosas, através da obtenção de novas sesmarias, foram desdobrando, em continuidade, os seus domínios territoriais, alastrando-se para o norte, uma larga cobertura de solos, que se estendiam desmedido, até a serra da Joanhina, contraforte da Ibiapaba e limite divisório entre o sertão dos Inhamuns e o vale do Poti. Quase de uma só vez, o Capitão-mor da capitania do Ceará, Salvador Alves da Silva, concedeu ao comissário Lourenço Alves Feitosa, pater-famílias do seu grupo, nove datas de sesmarias,*

104 O GRUPO FEITOSA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO NORDESTE, Revista do Instituto do Ceará, págs. 96/99, anno LXIX – 1955.

às quais o potentado colonial, que, então, já era coronel da cavalaria das ribeiras do Quixelô e Inhamuns, anexou mais quatro outras datas concedidas, posteriormente, pelo capitão-mor Manuel Francês, entre os anos de 1721 e 1724. Dentre dessa imensa extensão de terras que constituem os municípios de Tauá, Saboeiro, Jucás e parte do de Icó, instalaram os Feitosas e seu clã, tão tipicamente estruturado que nele até se instituiu, tradicionalmente, o princípio da indivisibilidade do domínio comum, pela proibição da venda do patrimônio imóvel a pessoas estranhas ao grupo, praticando-se, assim, o sistema que o direito português filipino, à semelhança da antiga lei francesa do “retrait lignaner”, adotou como uma modalidade do morgadio, através da chamada “lei da avoenga”. Vale ressaltar, aliás, que a luta entre os Montes e Feitosas, que avermelhou um longo capítulo da nossa história colonial, foi uma consequência mesmo do crescimento desmedido do domínio sesmeiro de Lourenço Alves Feitosa e seus irmãos, os quais, dominados pela fome insaciável de horizontes, não se detinham na sua marcha avassaladora para o alargamento das suas fronteiras sertanejas e conquista de territórios que povoara, de currais a gadaria”. Termina por narrar: “Esse grupo parental – autêntica dinastia de pioneiros – que encheu, com seu nome, com o seu poderio e a sua riqueza, os fastos coloniais do Nordeste, entrou pelo adentro, atravessando quase três séculos de prestigiosa evidência, e, embora, já modificado na sua estrutura, nos seus hábitos e nas suas atitudes, pela fusão de outras linhagens, chegou até nós, ainda numerosos e com o desempenho da velha enfibratura, com aquilo que LE Bom chamou a “alma da raça”, que o bom sangue perpetua e os tempos não destroem”.

AÉCIO FEITOSA¹⁰⁵, referenciado estudioso da sua família, diz: “De Penedo, os irmãos Francisco e Lourenço passaram a residir, já casados, em Serinharém, Pernambuco, onde possuíram currais de gado, advindo disto a expressão costumeira na literatura genealógica da família Feitosa; “Currais de Serinharém”. E diz: “Não sabemos precisar com exatidão quando deixaram eles, as terras de Penedo, vindo para o Pernambuco, e, tempo depois, para o Ceará, onde, inicialmente, fixaram-se nas bacias jaguaribanas e, depois, nos Inhamuns”.

Reafirmando a influência primeira dos Feitosas na colonização dos Inhamuns, acrescenta: “Nos Inhamuns, ao lado de outros colonizadores vindos da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, também atraídos pela pecuária, instalaram fazendas e uma economia de subsistência com base na agricultura. É nesta região cearense que passaram a plantar sólidas raízes genealógicas, a adquirirem alto e respeitado prestígio, feito que tenha chamado a atenção de muitos estudiosos e pesquisadores brasileiros e até estrangeiro como foi o caso do escritor norte-americano Billy Jaynes Chandler (“Os Feitosas e os Sertões dos Inhamuns”, Edições UFC, Fortaleza, 1981)”.

¹⁰⁵ FEITOSA, Aécio. FEITOSAS – GENEALOGIA – HISTÓRIA – BIOGRAFIAS, 1999, citado por PEDRO ROCHA JUCÁ, no trabalho “DESCENDENTES DE BERNARDO FREIRE DE CASTRO – OS JUCÁS DOS INHAMUNS”, retirado na internet (genealogiafreire.com.br).

Os irmãos Lourenço e Francisco Alves Feitosa, ao chegarem ao sertão dos Inhamuns, estruturam e instalam a maior comunidade rural da Capitania do Ceará. O Coronel Lourenço Alves Feitosa, um dos maiores sesmeiros ao tempo, junto com seu irmão Francisco, chegam a dominar uma área de aproximadamente 30.000 quilômetros quadrados.

Lourenço Alves Feitosa, como já referido, filho de um Capitão da Milícia da Colônia, foi promovido a comissário-geral da Cavalaria, pelo Governador da Capitania do Ceará Grande, Salvador Alves da Silva, durante a sua visita oficial ao Arraial de Nossa Senhora do Ó, hoje Icó, em junho de 1719. Segundo o padre NERI FEITOSA,¹⁰⁶ *“o comissário Lourenço Alves Feitosa “era um homem, excepcionalmente, inteligente e social; sabia fazer amizades”. Além disso, era um cidadão de caráter, homem de decisões firmes, valente mesmo, e alimentava o desejo de dominação. ”... “Naquelas circunstâncias em que se achava a vida social no Ceará, e estando o governador sem tropas suficientes para impor as ordens régias a índios e colonos, Manuel Francês, foi inteligente e investiu Lourenço Feitosa de poder de autoridade”*. Pe. Neri Feitosa, chegou a taxá-lo de “homem de prestígio e dono do sertão”.

Segundo narra CHANDLER,¹⁰⁷ *“Na área dos Inhamuns propriamente dita, a autoridade portuguesa, oficialmente, teve início com a nomeação de Francisco Alves Feitosa como coronel da cavalaria dos Inhamuns em 1719”*.

CHANDLER, enfim, realçando o poder dos Feitosas nos Inhamuns e na própria Capitania do Ceará, afirma:¹⁰⁸ *“A hegemonia dos Feitosas no sertão dos Inhamuns se manteve até por volta de 1930, ou seja, atravessou diferentes configurações políticas já que se inicia, ainda, no período Colonial, e se mantém por todo o período monárquico e, ainda, na transição para República. Isso aponta para o fato de que a hegemonia dessa família, alicerçada no controle da atividade econômica, também se dava pelo exercício direto formal do poder, com os próprios membros da família e seus aliados ocupando cargos públicos, ou de forma indireta, estabelecendo acordos com lideranças políticas regionais, configurando um poder com algumas características de oligarquia, como observa Julia Miranda¹⁰⁹, ao caracterizar a conjuntura político-econômica do Nordeste do Brasil na virada do século XIX”*.

MIRANDA¹¹⁰ ainda arremata: *“A quebra do poder hegemônico dos Feitosa¹¹¹, também, não significou uma ruptura com a estrutura oligárquica de poder... o que efetivamente ocorre com o declínio da influência política dos Feitosas, é uma pulverização do poder entre outras famílias que ascendem na região e vão exercer um domínio mais restrito, partindo de alguns centros municipais. Em Arneiroz, a família Petrola acende o poder a partir da parti-*

106 FEITOSA, Neri. DICIONÁRIO DE BIO-SCRIPTOGRAFIA DA FAMILIA FEITOSA, citado por Pedro Rocha Jucá, (obra citada)

107 CHANDLER, Billy Jaynes. Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns. Edições UFC. 1981. Pág. 28.

108 Ibidem

109 MIRANDA, Julia. O poder da fé: discurso e prática católica. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

110 Ibidem

111 Ibidem

cipação do patriarca Antônio Petrola no processo de emancipação definitiva do município, ocorrida em 1957...”

Já RAULINO CHAVES aponta: *“Em Catarina, o poder da família Rodrigues Pereira está hegemônico há quatro décadas. Em Aiuaba, predominava a liderança da família Arraes Feitosa durante três décadas, no entanto, líder dessa família, Armando Arraes Feitosa, foi morto por um integrante da família Feitosa. Assim, os Feitosas passaram a exercer o domínio político da cidade há cerca de duas décadas. As cidades que apresentam maior dinamicidade política são: Saboeiro, Parambu e Tauá. Em Saboeiro a família Nocrato comandou três décadas, sendo desbancado por um integrante da família Diógenes, o médico Perboyre Diógenes, nas eleições de 1992. Perboyre Diógenes é ex-deputado Estadual pelo Partido Social Liberal - PSL. Em Parambu temos a hegemonia política da família Noronha há cerca de quatro décadas, no entanto, essa família é dividida em duas facções: Mateus Noronha e Ferreira Noronha. Essas duas facções disputam entre si o poder local da cidade, coligando-se a outras famílias, não conseguindo predominar uma única facção durante muito tempo (atualmente, predomina o poder do Deputado Federal Genecias Noronha). Dentre todos os municípios que compõem os Inhamuns, o mais dinâmico politicamente é Tauá, não havendo nessa cidade a hegemonia política de uma única família. Nas décadas de 1960/1970, a família Gomes, Domingos Gomes de Aguiar, estava hegemônica, saindo de cena após o declínio dos três coronéis. Ultimamente, o poder dessa família se atualiza por meio do Deputado Estadual do Partido Social Democrático – PSD, Domingos Gomes de Aguiar Filho. A ascensão de Domingos Filhos ao executivo de Tauá ocorreu nas eleições de 2000, quando a sua esposa Patrícia Pequeno Costa Gomes de Aguiar, é eleita prefeita”¹¹². Como veremos mais adiante, o poderio político dos Gomes, em Tauá, foi retomado na atualidade com a eleição no ano próximo passado, 2020, da Senhora Patrícia Pequeno Costa Gomes de Aguiar, ao cargo de Prefeita Municipal.*

Os tempos, todavia, indicam que outras famílias vieram à disputa política dos Inhamuns, e, mais precisamente, na nossa terra, trazendo, destarte, mudanças no cenário ali vivenciado, conforme veremos adiante mais detalhadamente.

Fato interessante a respeito do clã Alves Feitosa é narrado pelo Jornal da época, O Cearense, quando na edição de nº 1829, de 27 de maio de 1865, escreve: *“Na Villa de Arneiroz em uma grande reunião de liberais, presidida pelo Tenente Manoel Alves Feitosa, foi eleito o directorio que deve incumbir-se do pleito eleitoral, e promover os interesses do partido naquela localidade, composto dos cidadãos seguintes: Capitão Francisco Alves Feitosa vice-presidente, Lourenço Alves Feitosa e Castro 1º secretário, Joaquim Gonçalves Bezerra 2º secretário, Pedro Alves Feitosa thesoureiro, Eufrásio Alves Feitosa, Vicente Ferreira de Sousa, Manoel Alves Feitosa, Manoel Tavares Romeiro,*

¹¹² DA SILVA MENDES, Edilberto. A Santa Negra dos Inhamuns. UFC. Fortaleza 2010. Dissertação apresentada no programa de Pós Graduação em Comunicação. Mestrado. Págs. 23-24.

Francisco Guedes Alcoforado, Nemezio Augusto Carvalho Lima, Padre Antônio de Sousa Rêgo. Com essa formação no diretório do "Partido Liberal", o clã Alves Feitosa entra a vida política na região da Comarca do Inhamuns.

IX.III - Algumas personalidades ilustres da família Feitosa que se dedicaram, além da colonização de Tauá, ao seu desenvolvimento ao longo dos tempos.

E não foram somente Lourenço e Francisco Alves Feitosa, as pessoas importantes e destacadas da família Feitosa na nossa terra. A história buscada e rebuscada aponta para tantos outros que, pela sua desenvoltura, liderança, cultura, intelectualidade, empatia social e econômica se distinguiram. Os propósitos deste trabalho, sem a perspectiva de privilegiar quaisquer deles em detrimento de muitos outros nomes importantes de nossa história, merecem ser citadas. Nessa linha de raciocínio e propósito, citamos:

IX.III.I – Coronel Eufrásio Alves Feitosa

Edificador da Igreja de Arneiroz era filho de João Bezerra do Valle e neto do coronel Francisco Alves Feitosa, que edificou a Igreja do Cococi, de 1740 a 1748. A referida igreja foi julgada própria e descente para a celebração do culto, pelo visitador frei Manoel de Jesus Maria.¹¹³

IX.III.II - Coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha

Era filho do comissário-geral Lourenço Alves Feitosa e de Antônia de Oliveira Leite. Seu pai, como sabido, juntamente com o seu irmão coronel Francisco Alves Feitosa, migraram de Penedo (Alagoas), e, ao tempo, pertencente a Pernambuco, para a capitania do Ceará, fato corrido no início do século XVIII. Chegando ao Arraial do Icó, posteriormente, aos sertões do Cariri Novos e depois Inhamuns, tal como acontecia à época, invadiram aqueles territórios, travando, para tanto, acirrada luta com os índios de nomes "Tapuias bárbaros". Em 1724, envolveram-se numa guerra civil que tinha como justificativa fundamental, a posse da propriedade da terra. Essa guerra foi conhecida como a "Guerra dos Montes". Feitosas, Mendes Lobato e outros, envolveram-se na contenda. O grupo dos Feitosas sofreu algumas baixas, entre elas a do coronel Lourenço Alves Penedo e Rocha, que veio a ser morto durante um dos combates.

Através de carta-patente, conseguiu o posto de oficial da Ordenança; Depois, conseguiu o posto de coronel dos Pardos da Ribeira dos Icós e dos Inhamuns; Em seguida, recebeu o posto de coronel do mencionado regimento, anteriormente, ocupado por Teodósio Nogueira com obrigação de

113 FEITOSA, Leonardo, Para a história do Ceará. Instituto do Ceará. 1929. (institutoceara.org.br)

confirmação pelo Rei, no prazo de um ano, fato ocorrido em Fortaleza, em 17 de agosto de 1721, concedida por Salvador Alves da Silva¹¹⁴.

IX.III.III - Capitão-mor José Alves Feitosa

O mais poderoso chefe político dos Inhamuns em todos os tempos. Segundo afirmam, nasceu entre 1735 e 1791, em Arneiroz. Filho de José Alves Feitosa, da Várzea da onça e Maria Madalena Vieira. Foi casado com Maria Madalena Vieira, e, com esta, teve José do Vale Pedrosa. Era irmão de Eufrásia Alves Feitosa e Maria Alves Feitosa. Bisneto de Francisco Alves Feitosa, o colonizador, e neto do Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa, um dos mais antigos e maiores sesmeiros dos Inhamuns. Assim como seu pai, serviu como oficial da cavalaria, no posto de tenente. Em 1790, foi coletor de dízimos na Vila de Sobral. Em 7 de julho de 1791, foi nomeado capitão-mor de uma das companhias de ordenações formadas no sertão dos Inhamuns. Em 1806, recebeu a confirmação régia de patente de capitão-mor das ordenanças da Vila de São João do Príncipe, principal posto da vila, criada em 1801. Patriarca da família Feitosa, permaneceu como capitão-mor de ordenações dos Inhamuns durante mais de duas décadas, até o seu falecimento em 1823¹¹⁵. José Alves, além de servir como comandante de uma das companhias da cavalaria (esquadrão), foi, durante várias vezes, juiz ordinário da Vila do Icó, e após a criação do julgado de Tauá, serviu como Juiz ordinário e Juiz de órfãos. Casou-se na capela de Cococi. Antes de sua nomeação como capitão-mor, serviu como tenente da cavalaria, e, em seguida, foi nomeado para o cargo de coletor de dízimos arrecadados na Vila de Sobral. Foi o verdadeiro responsável pela criação da Vila de São João do Príncipe, hoje Tauá¹¹⁶. José Alves Feitosa ocupou posição de destaque nos seus negócios, como também nos negócios da própria região. Foi administrador das subvenções literárias e militares da Vila e superintendente de propriedades pertencentes a pessoas falecidas ou ausentes da vila. Segundo CHANDLER¹¹⁷, "*O falecimento de José Alves Feitosa serve de símbolo adequado ao final de um período na história dos Inhamuns, pois esse evento coincidiu com o término formal do domínio dos Feitosas numa parte daquela área*". Foi um dos maiores potentados dos Inhamuns. Foi o representante legítimo da terceira geração de descendentes de um dos primeiros conquistadores do Ceará, Francisco Alves Feitosa, contemporâneo da guerra dos Bárbaros. José Alves Feitosa chegou a receber duas concessões de sesmarias na capitania. Terminou este exercício em 1823, por ocasião do seu falecimento. Recebeu a honraria de Cavaleiro da Ordem de Cristo, como retribuição pelos donativos que oferecera à Coroa Lusitana. Narra, Guilherme STUDART, no trabalho "O valor do dinheiro no tempo antigo, constante

114 Disponível em: estoriasehistoria-heitor.blogspot.com.

115 As Milícias D'el Rey. Tropas militares e poder no ceará setecentista. JOSÉ EUDES ARRAIS BARROSO GOMES. Niterói, 2009. Dissertação de mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, pags. 17/20.

116 Ibidem, p. 55.

117 Ibidem, p. 60 – 61.

da Revista do Instituto do Ceará, tomo XXXIX, 1925, PP. 208/209, "que o honroso hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo, o mais disputado dentre as três ordens militares portuguesas, se dava graças à manutenção do prestígio social de José Alves que, por sua vez, dependia de uma contínua reafirmação pública da sua liberalidade e da sua fortuna, materializadas e divulgadas através de generosos donativos para a obra de reconstrução da Fortaleza da vila-sede da capitania, verdadeiro investimento pessoal, cuja finalidade era converter capital material e econômico em capital político e simbólico, em vista até mesmo do engrandecimento de sua família nos Inhamuns". Diz-se até mesmo que, nos primeiros anos dos oitocentos, José Alves Feitosa chegou, inclusive, a ser acusado de determinar a criação da Vila de São João do Príncipe, nos sertões dos Inhamuns, erigida que foi como sabemos, em 1801, exatamente onde estavam situadas suas terras e fazendas, como forma de garantir e fortalecer o seu domínio, de sua parentela e do seu partido na região. Acredita-se, conta-nos, aliás, alguns autores, que o poderio dos Feitosa nos Inhamuns era tão dilatado, que a criação da Vila de São João do Príncipe havia sido fruto de motivos particulares daquele grupo. Ademais, tal acusação ainda recai que, pelos mesmos motivos, fizeram com que a vila fosse ereta ao lugar chamado Tauá, no extremo do termo habitação de José Alves Feitosa, pessoa na qual recaiu o posto de capitão-mor da vila. José Alves Feitosa, também foi poderoso senhor do gado. José Alves Feitosa, homem nascido na terra, senhor de copiosas fazendas de criar e currais na região dos Inhamuns, trata-se de representante da terceira geração de descendentes de um dos primeiros conquistadores do Ceará, o coronel Francisco Alves Feitosa tal como afirmado acima¹¹⁸.

IX.III.IV - Capitão Eufrásio Alves Feitosa

Nasceu por volta de 1741, em Icó, estado do Ceará. Filho de João Bezerra do Vale, dos Cabaços e Ana Gonçalves Vieira. Marido de Josefa Ferreira de Barros. São seus filhos: Eufrásio Álvares Feitosa, do Estreito; João Alves Feitosa, da Baixa Verde; Francisco Álvares Feitosa; Maria Álvares Feitosa; Leonarda Bezerra do Vale e seis outros. Irmão de Leonardo Bezerra do Vale e Maria Madalena Vieira. Faleceu exercendo o coronelato¹¹⁹. Eufrásio Alves Feitosa era neto de Francisco Alves Feitosa.

IX.III.V - Joaquim Alexandrino Feitosa Gonçalves

Tauaense ilustre, filho do agropecuarista e político Júlio Gonçalves Sobrinho, o advogado Dr. Feitosa tal como é conhecido no meio social da nossa Tauá, em tempos idos, além de consagrar-se na difícil atividade da advocacia, foi político no nosso município. Em 1988, foi candidato a prefeito mu-

¹¹⁸ JOSE EUDES ARRAIS BARROSO GOMES. As Milícias D'el Rey: Tropas militare e poder no Ceará Setecentista, Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, pags. 16/23.

119 Geni.com

nicipal de Tauá, pelo PMDB, não conseguiu sair-se vitorioso daquele pleito, contudo obteve a expressiva votação de 9.663 votos, elegendo ademais, 7 (sete) vereadores. Foi Vice-prefeito na gestão de Castro Castelo. Transferindo-se para Fortaleza, capital do Estado, desde longa data, vem exercendo com dedicação e zelo profissional, atividade pública junto ao Tribunal de Contas do Estado do Ceará. Foi ouvidor setorial do Estado do Ceará. Também é agropecuarista na nossa terra. Feitosa, como assim o chamo carinhosamente, é um dos meus estimados colega de infância e adolescência. Casado, com ilustrada tauaense, do consorcio tem vários filhos.

IX.III.VI – Major José do Vale Pedrosa¹²⁰

Era filho do Capitão-mor José Alves Feitosa com D. Maria Madalena Vieira. Foi figura destacada nos anais da história do Ceará, por ter participado de inúmeros momentos marcantes da vida cearense. Diz à tradição, que o Major José do Vale passava meses viajando por entre suas fazendas, para administrá-las. Contudo, o seu lugar de estima sempre foi Cococi, onde recebera todos os sacramentos (nascimento e morte). Casou-se com Ana Gonçalves Vieira Mimosa em Cococi, na Capela de Nossa Senhora da Conceição. Do casamento nasceram 11 filhos: Coronel Pedro Alves Feitosa e Vale; Francisco do Vale Pedrosa; José do Vale Pedrosa (Nô); Major Manoel Ferreira Ferro; Cândido Alves Feitosa; Luzia; Maria; Leonarda; Mariana; Isabel e Benedita. Depois de aderir à revolução pernambucana de 1817, participou ativamente pela independência de 1822 a 1823. Em 1824, abraçou a causa republicana da Confederação do Equador e da Revolução de Pinto Madeira, em 1832. Faleceu em 1848, depois de uma vida turbulenta. Nomeado capitão, continuou a utilizar o nome de Major, por ter este nome ao seu incorporado¹²¹.

¹²⁰ FREITAS, Gomes. O Patriarca Major José do Vale. Revista do Instituto do Ceará.

¹²¹ Disponível em: estoriasehistoria-heitor.blogspot.com.

IX.III.VII - Coronel Joaquim Alves Feitosa (Coronel Quim).

Nasceu em 1832, provavelmente, na antiga Fazenda Cococá (município de Tauá/CE), nas cabeceiras do Rio Jaguaribe. Desempenhou importante papel nos fatos políticos e militares do século XIX, fazendo parte de eventos que transcenderam os sertões do Ceará. Filho do Capitão Pedro Alves Feitosa (fundador da Fazenda Cococá, que, por sua vez, era filho do Capitão Eufrásio Alves Feitosa e D. Mariana Alves Feitosa). Sua mãe chamava-se Maria Madalena de Castro. Joaquim pertencia a uma confraria numerosa, formada por nove irmãos, seis homens e quatro mulheres, sendo ele gêmeo com Francisco Alves Feitosa, apelidado de Major Chiquim, com quem manteria estreita convivência. Possuidor de grande prole. Agraciado com algumas propriedades. Dentre estas, a que lhe serviu de domicílio, localizava-se a pouca distância do Cococá, no encontro de dois rios (Rio Puiú e Rio Jaguaribe). Além de fazendeiro, Joaquim ingressou na carreira militar, na Guarda Nacional, criada desde 1831. Exerceu o posto de Tenente, Major e, posteriormente, alcançou a patente de Coronel. Teve participação importante na guerra do Paraguai. Durante o conflito, Joaquim e seu irmão, Francisco (Major Chiquim), foram incumbidos de arregimentar homens para compor o "exército". Foi chefe do partido liberal, não poupando esforços para promover o alistamento coercitivo entre os seus inimigos. Alguns parentes de Joaquim tiveram importante participação na guerra, havendo destaque para a heroína Jovita Feitosa; o General Sampaio (patrono da Infantaria do Exército Brasileiro) e o Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro. Joaquim e seu irmão, Francisco, não participaram diretamente dos confrontos, mas foram indispensáveis nos bastidores, pois, sem a assistência dispensada por eles e tantos outros na mesma condição, a guerra certamente teria sido muito mais penosa e inviável. Envolvido na política, filiado ao partido Liberal, enfrentou os Carcarás. Na década de 1850, os Carcarás dominavam tanto Saboeiro, quanto em São João do Príncipe, apesar da contumaz resistência dos Feitosas. Em 1860, o partido Liberal retoma a dianteira, sendo escudados pelos Ministérios Liberais de 1862 a 1868. Naquela época, Joaquim Alves Feitosa, então Major, toma assento como deputado provincial, exercendo seu mandato de 1868 a 1869. Ele, um ano depois, em São João do Príncipe, nas eleições de 1870, na companhia de seu primo, o Coronel Joaquim Leopoldino, esbarra com o Major Francisco Alves Cavalcante, partidário dos Conservadores, que chefiava 150 eleitores armados. Nesse encontro, Joaquim Alves Feitosa comandava uma tropa com 200 homens, conseguindo dominar e desarmar seus adversários, não havendo derramamento de sangue pela prudência do chefe Conservador. Joaquim também foi proprietário de vários escravos, no entanto, partilhava do sentimento abolicionista que dominava o Ceará. Na marcha de libertação cooperou o Coronel. Joaquim ficando à frente da Comissão de Emancipação por ser, há época, presidente da Câmara de São João do Príncipe, no ano 1883. Nessa condição, comemorou o fim da escravidão em São João do Príncipe no dia 25 de abril de

1883, e no dia 26 de dezembro, libertou dezesseis escravos que pertenciam a ele e a sua esposa, Entretanto, o Coronel Quim não alforriou todos os seus escravos, esperando que se lhe pagasse o valor da emancipação. Joaquim e seu irmão, Francisco, ficaram celebrizados como “vaqueiros duros”. Há registros que Joaquim Alves Feitosa tenha sido Tenente, depois Major, e, finalmente, Coronel da Guarda Nacional. Além disso, foi Comandante Superior da Legião dos Inhamuns, subdividida em dois batalhões, um em São Mateus e outro em São João do Príncipe. Nos Inhamuns, e, principalmente, nossa terra, além de galgar prestígio, riqueza e poder, deixou um legado de bom tradicionalista¹²².

IX.III.VIII - Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro

Nascido em Cococi, no dia 13 de dezembro de 1844, era filho de Luzia Alves Feitosa e Vale e do capitão-mor Lourenço Alves de Castro. Sendo neto de Bernardo Freire e Castro do Engenho Tamatanduba, entre todos os chefes políticos do sertão que apoiavam Acioli. Em 1853, iniciou os seus estudos em Fortaleza. No final do ano de 1861, com a idade de 17 anos, foi encaminhada a Recife para fazer os estudos preparatórios para a Faculdade de Direito. Assistiu a aulas como ouvinte naquela Faculdade, quando se deflagrou a guerra contra o Paraguai. Incorporou-se voluntariamente no Exército, juntamente com dois amigos. Passou a maior parte da Guerra em Mato Grosso. Foi licenciado como tenente em 1870. Voltando para os Inhamuns no fim da guerra, se tornou fazendeiro, político e passou a exercer a advocacia na qualidade de rábula, figura então existente no campo jurisdicional Nacional. Como membro do ramo mais influente de sua família, seu acesso à vida política se deu com relativa facilidade. Serviu até o fim do Império como: subdelegado, vereador, promotor em exercício e deputado provincial. Nos primeiros anos de sua carreira política, colaborou com o Coronel Joaquim Alves Feitosa, líder liberal à época, todavia, em 1880, rompeu com o Coronel Joaquim e aliou-se com a facção liberal comandada por Antônio Pinto Nogueira Acioli. Deste modo, a sua mudança de monarquista liberal para republicano aciologista ocorreu sem maiores obstáculos. Lourenço manteve, sem ameaças, a sua posição de chefe de Arneiroz e Tauá de 1889 a 1912. Além de servir como representante da Câmara Estadual de 1892 a 1912 foi Intendente de Tauá de 1899 a 1912. O Coronel Lourenço foi uma figura respeitada. No regime aciologista, conseguiu manter-se no poder enfrentando apenas pequenas dificuldades de 1911-1912. Casou-se em 1882, com sua prima D. Vicência de Sousa Vale e de seu consórcio, nasceram duas filhas: D. Maria de Lourdes e D. Mercedes¹²³. Foi substituído no cargo de Intendente por Eufrásio Alves de Oliveira, em 13 de abril de 1912¹²⁴. Líder político de grande representatividade dos Inhamuns e de Tauá. Em 08 de

¹²² Memorial da Família Feitosa dos Inhamuns (facebook.com)

¹²³ Disponível em: <http://blogdoinhare.blogspot.com/2015/03/o-coronel-lourenco-alves-feitosa-e.html>.

¹²⁴ Ibidem

julho de 1898, foi suplente na Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará; Em 02 de julho de 1901, segundo secretário; Em 1902, segundo secretário; Em 1903, segundo secretário; Em 1904, segundo secretário; Em 1906, segundo secretário; e, em 1910, primeiro secretário¹²⁵. Com o falecimento do Coronel Lourenço em dezembro de 1915, um dos seus irmãos mais íntimos correligionários, Francisco Alves Ferreira, foi nomeado Intendente. Ferreira, que pediu demissão em 1917, foi substituído por José Alves de Araújo Feitosa. Depois de 1915, a posição de liderança deixada pelo Coronel Lourenço foi, parcialmente, substituída pelo seu irmão mais novo, Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro¹²⁶.

IX.III.IX - Coronel Leandro Custódio de Oliveira e Castro (Seu Leandro da Barra)

Nasceu em 1844, na fazenda Barra, situada à margem direita do Rio Jucá, próxima a Cococi, sendo filho de Leandro Custódio de Oliveira Castro. Casado com Leonarda do Vale Feitosa e Castro, em 1870, deixou como filhos, Maria da Conceição Feitosa e Castro e Eufrásia Alves Feitosa e Castro. Rico proprietário de terras, escravos, joias, ouro, animais e outros bens, foi homem reservado, sério, respeitado, quando imprimia suas opiniões era sempre ouvido e por todos acatados. Faleceu em 1930, sendo sepultado em Cococi.

IX.III.X - Francisco Máximo Feitosa e Castro

Nasceu na fazenda Cococi, então pertencente à freguesia de Arneiroz, aos 29 de maio de 1847. Filho do Tenente Coronel Lourenço Alves de Castro e D. Luzia Alves Feitosa e Vale, aquele neto do Capitão Bernardo Freire de Castro, senhor do engenho Tamatanduba, no Rio Grande do Norte e, esta, neta de José Alves Feitosa, 1º Capitão-mor da Villa de S. João do Príncipe, Tauá. Depois de interromper os seus estudos (tempos passados no sertão), voltou ao Atheneu com o intuito de ingressar na carreira de medicina. Cur-sava o Atheneu, quando na idade de 22 anos, sentindo-se chamado para o estado eclesiástico, procurou o preclaro Diocesano D. Luiz, que o admitiu no Seminário, dispensando-lhe o tirocínio dos preparatórios. Completado com distinção o curso de teologia, ordenou-se sacerdote em 1873, sendo logo nomeado vigário da freguesia de Cococi, que ele inaugurou a 25 de dezembro desse ano. Paroquiou-a até 1887, quando foi transferido para a de Ipueiras, e depois para a de Ipu. No período da grande seca de 1877 e 1878, em que a emigração foi quase total na sua freguesia, ele não a abandonou em obediência a um parecer de D. Luiz que dizia: "*enquanto houver dois, ou três paroquianos seus, não os abandone*". Pois bem, na povoação da matriz ficaram apenas duas famílias pobres, que por velhas dali não saíram. O vigário cum-

¹²⁵ Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Mesas Diretoras do Poder Legislativo do Ceará. Império e República – 1835 – 2016. Organizador Osmar Diógenes. Fortaleza, 2016.

¹²⁶ *Ibidem*

priu com sacrifícios enormes sua promessa ao Diocesano, havendo ocasiões em que seu alimento compunha-se de raízes silvestres, maçãs de cravatá e mucunan. Tem representado papel saliente na política. Deputado pelo partido liberal no antigo regime, tomou assento na Assembleia Provincial em 1888 e 1889; Fez parte da Assembleia Estadual de 1896 a 1912. É irmão do Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro. Data de Nascimento: 29/05/1847.¹²⁷

IX.III.XI - Antônia Alves Feitosa

Conhecida por Jovita Feitosa, nasceu na povoação de Brejo Seco, atualmente, no município de Tauá, na região dos Inhamuns, na então província do Ceará, filha de Maria Rodrigues de Oliveira e Simeão Bispo de Oliveira em 8 de março de 1848; em 1860, sua mãe faleceu vítima de cólera. No início de 1865, mudou-se para a casa de um tio, chamado Rogério, mestre de música, em Jaicós, no Piauí. Ali, Jovita alistou-se, atendendo à campanha que se fazia em todo o país, aos 17 anos, travestida de homem - com o cabelo cortado e usando vestes masculinas. Conseguiu enganar os policiais, porém, foi delatada por uma mulher que logo reconheceu os traços femininos. Ao ser levada para interrogatório policial, chorou copiosamente e manifestou o desejo de ir lutar nas trincheiras, com a mão no bacamarte. Não queria ser auxiliar de enfermeira, pois, se assim o desejasse, poderia fazê-lo. Dizia querer vingar "a humilhação passada por seus compatriotas nas mãos dos desalmados paraguaios". Foi aceita no efetivo do Estado, após o caso chamar a atenção de Franklin Dória, então presidente da Província do Piauí, que lhe incluiu no Exército Nacional como segundo-sargento. Recebeu fardamento e embarcou com o corpo de voluntários. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Jovita tornou-se uma personalidade pública e notória: todos queriam conhecer a mulher que desejava ir à guerra. Na capital imperial foi entrevistada numa das salas do quartel do campo de aclamação. Dois meses depois de chegar ao Rio de Janeiro, Jovita Feitosa teve seu embarque negado pelo Ministro da Guerra, que a julgou incompatível com o serviço na frente de batalha por ser mulher. Jovita e seus apoiadores tentaram de todas as maneiras revogarem a ordem. Em 18 de setembro de 1865, ela foi recebida pelo próprio imperador Pedro II. Mesmo assim, não houve jeito. Pouco a pouco, os jornais deixaram de se interessar por ela. Seus apoiadores organizaram um espetáculo beneficente para custear seu retorno ao Piauí. Meses depois, ao chegar a Jaicós, recebida friamente por sua família. Aborrecida, sem conseguir se encaixar novamente no mundo de onde viera, ela voltou ao Rio de Janeiro. Sozinha e sem trabalho, "arremessou-se no caminho da perdição e da amargura" e se tornou, no dizer de um jornal da época, uma das *elegantes do mundo equívoco*. Jovita suicidou-se aos 19 anos, na tarde de 9 de outubro de 1867, quarta-feira, na casa da Praia do Russel, n.º 43. Havia algum tempo que ela mantinha relações com o inglês William Noot, engenheiro do Rio de Janeiro

¹²⁷ Fonte: Dicionário Bio-bibliográfico Cearense-Barão de Studart..

City Improvements Ltda., a primeira empresa responsável pelo tratamento de esgotos na cidade, que morava com outro colega no referido endereço. Tendo finalizado o tempo de contrato que Noot tinha com a companhia, ele teve que partir de volta à sua pátria, e, no domingo anterior, escreveu um bilhete em inglês, despedindo-se de Jovita. Como ela desconhecia aquele idioma, e julgando que naquele bilhete continha apenas os cumprimentos habituais que o mesmo lhe fazia em português, Jovita não lhe deu importância. Na quarta-feira, ao saber por terceiros da partida de Noot, às 14 horas, Jovita arrumou-se com esmero e foi à casa da Praia do Russel. Ali chegando, só encontrou apenas a escrava que tomava de conta da casa, que lhe informou que Noot havia, realmente, partido e que seu companheiro não se encontrava. Jovita então foi ao quarto que fora habitado pelo engenheiro e, pedindo um envelope, neste colocou alguns papéis em direção a Noot e pediu à escrava que os remetesse ao seu destino e a dispensou, sentando-se à cama que havia ali. Às 17h30, estranhando a permanência da jovem no quarto, a escrava retornou e encontrou Jovita deitada à cama, sem vida, com a mão direita sobre o coração. Na tentativa de reanimá-la, a escrava buscou erguê-la e viu, então, que a mão sobre o coração apertava um punhal nele cravado. No bolso esquerdo do vestido de Jovita, foi encontrado um bilhete por ela escrito, declarando que ninguém a havia ofendido e que se matava por motivos que só ela e Deus conheciam. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São Francisco Xavier, no bairro do Caju. Em 27 de março de 2017, o nome de Jovita Alves Feitosa foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, em virtude da lei n.º 13 423 de 2017¹²⁸.

IX.III.XII - Leonardo Feitosa (Seu Nado ou Padrinho Nado)

Nasceu aos 04 de maio de 1876, na Fazenda Favelas, 18 Quilômetros da cidade de Arneiroz, nos Inhamuns. Filho de Raimundo de Moraes Rêgo e Maria Leontina de Araújo. Contraiu dois casamentos. O primeiro, com Ana Alves Feitosa, deste enlace matrimonial nasceram: José Júlio Feitosa (Seu Minzé do Arneiroz); Matilde e Francisca Alcides. Em 02 de dezembro de 1905, casou-se com Josefa Alves Feitosa, tendo do casamento os seguintes filhos: Beatriz, Matilde, Alice, Alcides, Aquiles, Clóvis, Nair, Nilce, Beni, Ednir, Carmem e Accchilles. Escreveu o trabalho "Tratado Genealógico da Família Feitosa". Além deste trabalho publicou vários artigos, cujo acervo se encontra no Instituto do Ceará. Também é de sua autoria, o trabalho dedicado "aos parentescos ilegítimos". Leonardo foi segundo informa a história, um autodidata, herdeiro de uma inteligência, memória e criatividade indescritíveis. É da sua criação o "Relógio do Sol" e outro "De Areia". Sua personalidade foi marcada pela bondade. Amigo de Leonardo Mota, com este manteve correspondência frequente. Foi Tabelião de Notas e Agente

¹²⁸Disponível em: pt.m.wikipedia.org.

dos Correios na cidade de Arneiroz. Faleceu aos 19 de dezembro de 1960, em Arneiroz onde se encontra sepultado.¹²⁹

IX.III.XIII - Maria da Glória Feitosa e Castro (D. Dondon Feitosa)

Filha do Coronel Joaquim Alves Feitosa e Luiza Linda da Costa Feitosa, nasceu aos 11 de dezembro de 1887, na fazenda Cococá (Tauá). Fez seus



estudos secundários, no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, então dirigido por freiras francesas. Casou-se em 1905, com seu primo Joaquim Citó de Sousa Vale, tendo três filhos, um deles falecido na infância. Viúva em 1921 contraiu segundas núpcias com Aristides Aragão Freitas, que foi Prefeito de Tauá (1930). Deste casamento, nasceu Sebastião Feitosa Freitas. Foi à primeira mulher a se candidatar ao legislativo, no Ceará, não sendo eleita por poucos votos, contudo, assumiu a suplência na referida Casa legislativa. Como política teve forte influência nos

Inhamuns, principalmente, em Tauá, onde foi por trinta anos Presidente do Diretório da então UDN. Por ter uma predileção especial pelas crianças pobres, criou e educou muitas delas. Fundou o Patronato Padre Feitosa. Por seu idealismo e coragem, constitui no dizer do Jornalista Antônio Alencar Araripe, *“uma figura de desigual expressão na vida do Estado, onde deixa raro exemplo de dedicação à causa pública e capacidade de servir, digno de ser rememorado com respeito e louvor”*.

IX.III.XIV - Bernardo de Castro Feitosa

Odontólogo e Juiz de Direito. Depois de formado em odontologia pela Faculdade de Medicina da Bahia, tendo por contemporâneo o Dr. Raul Leite, fundador do famoso Laboratório que tomou seu nome, o Dr. Bernardo bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Ceará, em 1915, tendo por companheiro de Turma Leonardo Mota, Manuel Antônio de Andrade Furtado e o Desembargador Daniel Lopes. Nasceu em Cococi que, então fazia parte do Município de Tauá, era filho de José de Sousa Castro Feitosa e de D. Mariana Alves Feitosa. Faleceu em novembro de 1928, em Mombaça, onde

¹²⁹ FEITOSA, Aécio. FEITOSA – Genealogia – História Biografias, Casa de José de Alencar, Programa Editorial, UGC, 1999, pags. 335/339.

desempenhava as elevadas funções de Juiz. Antes, exercera os cargos de Promotor Público em Barbalha e de Juiz em Independência e Tamboril.

IX.III.XV - Emiliano Ferreira Ferro (Milu)

Nasceu em 02 de julho de 1907, na Fazenda Belém, em TAUÁ-CE. Era filho primogênito de Epaminondas Feitosa Ferro e Maria Soares de Carvalho. Batizado em Tauá pelo Padre Souza. Casou-se em 01 de setembro de 1929, com Maria da Conceição Feitosa Sousa (Mimosa). Além de proprietário rural, tinha como *hobby* o artesanato em couro. Confeccionava com perfeição, sela, carona, alforje, gibão, perneira, manta, chapéu, cordas, cabresto, chicote, transado, etc.¹³⁰

IX.III.XVI – Alcides Feitosa

Nasceu em Arneiroz – CE, em 14 de dezembro de 1912. Filho de Leonardo Feitosa e Josefa Alves Feitosa. Passou sua infância e adolescência na cidade onde nasceu. Casou-se com Maria Hilda Feitosa com quem teve 12 filhos (Iraídes, Egberto, Iraydes, Irian, Iramir, Alcides Filhos, Eriberto, Tereza, Hedilberto, Hilda, Iradir, Terezinha). Foi comerciante, inicialmente, no ramo de tecido (loja). Posteriormente, ingressou no ramo de medicamentos (Farmácia). Foi vereador no município de Tauá por duas legislaturas na década de 1940. Foi secretário municipal de administração na gestão do Dr. Alberto Feitosa Lima no período de 1970/1972. Mudou de domicílio residencial para Fortaleza - CE, em 1973. Faleceu em 26 de abril de 2000, aos 87 anos na Capital do estado do Ceará.¹³¹

IX.III.XVII - Monsenhor Antônio Alves Feitosa

Nasceu no sertão dos Inhamuns, no dia 28 de fevereiro de 1913, mais precisamente na Fazenda Favelas, circunscrita pela cidade de Arneiroz - CE. Filho de Vicente Alves Feitosa e Ana Leontina de Araújo Feitosa. Antônio descendia de uma abastada cepa de pastores e latifundiários, no entanto, optou pelo pastoreio de homens, almas e intelectos. No início do século XVIII, o Coronel Francisco Alves Feitosa (7º avô do Monsenhor), quando foi residir nos Inhamuns, construiu, primeiramente, uma capela de taipa, na Barra do Jucá (na Fazenda Igreja Velha). Contudo, terminou indo fazer seu derradeiro domicílio mais adjunto da Serra da Ibiapaba, na Fazenda Cococi, onde erigiu outra Capela, em 1748, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Quase que nessa mesma data, o Coronel Eufrásio Alves Feitosa (5º avô do Monsenhor), também edificou uma Igreja em sua fazenda, quase no centro da Missão do Jucá, hoje Arneiroz, ficando por ela encarregado o Padre José Bezerra da Costa (ou do Vale), irmão do 6º avô do Monsenhor

¹³⁰ Ibidem, p. 340.

¹³¹ FEITOSA, Aécio. FEITOSA – Genealogia – História Biografias, Casa de José de Alencar, Programa Editorial, UGC, 1999, págs. 337/338.

Antônio. Tendo sido alfabetizado por sua própria mãe, tão logo, o pequeno Antônio adentra o Seminário São José, na cidade do Crato - CE, no ano de 1922. Contudo, continuou seus estudos no Seminário Episcopal de Fortaleza, no qual ingressara em 1933. Posteriormente, no dia 13 de outubro de 1935, é ordenado pelo Bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires, na Sé Catedral da cidade onde havia iniciado os seus primeiros estudos. Depois da ordenação, internou-se no magistério do Seminário São José, simultaneamente, assumindo a Capela do Ginásio Santa Tereza de Jesus. No mais, foi professor do Colégio Diocesano e da Escola Técnica de Comércio, lecionando matemática, inglês, química, física etc. Aos 24 anos passou a se chamar Padre Antônio Feitosa, ou, simplesmente, Padre Feitosinha. No ano de 1954, recebe o título de Monsenhor, sendo nomeado vigário da cidade de Missão Velha (no dia 05/02/1955), onde também desempenhou o mister de professor, inicialmente, no edifício do Colégio Marista. Depois do fechamento desta instituição, adquiriu o antigo prédio onde o dito colégio funcionava. A partir daí fundou, às suas próprias expensas, o Ginásio Paroquial, em 1960, destinado aos jovens carentes. Porém, sua obra tonar-se-ia mais ampla, quando em 1963, cria a Escola Normal destinada às jovens da mesma urbe, que antes eram obrigadas a se deslocarem para as cidades vizinhas no fito de completarem os estudos ginasiais. Posteriormente, a antiga construção neoclássica foi doada à Diocese, corroborando o voto de pobreza feito pelo dito reverendo. E, ao fim, restou do Monsenhor neste prédio, apenas o seu nome, como forma de justa e devida homenagem. Deixou Missão Velha no ano de 1970, quando do seu retorno ao Crato. Dentre as suas virtudes, em par com a humildade, destacava-se a do prodigioso intelecto, gerando admiradores em vários campos do saber humano, incluindo-se nesse rol renomados historiadores, sociólogos, médicos e intelectuais, inclusive da capital cearense. Monsenhor Antônio produziu vários livros, todos merecedores de elogios. O Monsenhor possuía um gênio forte. De pouca conversa. Entretanto, ponderava essa reticência com aqueles que caíam em sua graça. Apesar dessa sisudez, laconismo e severidade, carregava consigo a virtude da compaixão, externando grande solidariedade à sua maneira, consoante à pregação cristã. Além da língua portuguesa, ele, igualmente, dominava com maestria o idioma inglês, francês, grego, latim e alemão. Suas publicações são inúmeras, algumas polêmicas, como o livro intitulado "Falta um Defensor para o Padre Cícero", no qual confronta as afirmativas de diversos autores concernentes ao tema, demonstrando dialeticamente que esses discursos apontam ser o Padre Cícero megalômano, afora outros distúrbios. Monsenhor Antônio foi sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri (patrono da cadeira nº 28, seção de letras), e correspondente do Instituto do Ceará, também colaborando com os jornais "A Ação", no Crato, e "O Nordeste", em Fortaleza. Tendo todo esse rico cabedal lhe valido a função de Consultor Diocesano de Dom Francisco de Assis Pires, razão pela qual foi residir por alguns anos no Palácio Episcopal. Já octogenário, residindo em um quatinho no Seminário São José, dividia o pequeno espaço com os seus inúmeros alfarrábios, os

quais haviam lhe propiciado singular cultura, mas, por outro lado, esses velhos livros, atolados em poeira e ácaros, serviram-lhe, também, como causa de um problema pulmonar (asma). Seus últimos dias deram-se na casa da religiosa Irmã Maria da Paz. Mesmo no fim da vida, não se esqueceu dos Inhamuns. No dia 29 de março de 2005, faleceu na cidade do Crato, sendo sepultado na capela do Seminário São José, sob o altar de Santa Teresinha. As obras produzidas pelo Monsenhor Antônio Feitosa são as seguintes: A Violeta de Lisieux – Santa Terezinha, sua Vida e sua Doutrina: Vozes, Petrópolis, RJ, 1942; Desafio aos Protestantes, Lembranças das Missões de Frei Damião: Crato, 1951; Pio XI: Editora Mensageiro da Fé: Salvador, Bahia, 1952; Honras e Cruzes do Episcopado: Revista Eclesiástica, 1953; O Comunismo e a Maçonaria: 1948; Falta um Defensor para o Padre Cícero: Loyola, 1984; Elementos da Legislação Canônica: Loyola, 1984; Concordo com São Paulo e discordo com Padre Vieira: Crato, 1987; Via Sacra do Amor, da Fraternidade e da Justiça: Crato, 1988; Trovas Líricas e Satíricas: Crato, 1990; A Religião e a Ciência: Crato, 1992; O Cristianismo, a Seicho-no-Ie e o Espiritismo; O Papel da Igreja Católica no Desenvolvimento Religioso e Cultural do Crato; A Velha Estória da Eternidade da Matéria: 1978.¹³²

IX.III.XVIII - Joaquim de Castro Feitosa



Nascido na cidade de Tauá - CE, em 30 de Novembro de 1915, filho de Bernardo de Castro Feitosa e Raimunda Alves Feitosa. No ano de 1946, casou-se com a professora Maria Dolores de Andrade Feitosa de cujo enlace matrimonial nasceu os filhos Bernardo Pessoa de Andrade Feitosa, José Leôncio de Andrade Feitosa, Judith Pessoa de Andrade Feitosa, Fátima Lúcia de Andrade Feitosa e Ana Maria de Andrade Feitosa. Joaquim de Castro Feitosa é formado pela Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará – UFC, e com larga folha de serviços prestados ao Estado do Ceará. Destacou-se como um defensor intransigente em defesa do meio ambiente e, sobressaiu-se no cenário das pesquisas ambientais com diversas publicações técnico-científicas. Joaquim de Castro Feitosa, pesquisador de larga experi-

ência no setor ambiental fundou e presidiu por 17 anos a Sociedade Cearense de Defesa da Cultura e do Meio Ambiente – Socema. É membro efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História e foi do Conselho Estadual do Meio Ambiente – Coema, bem como a Fundação Brasileira do Caju. No

¹³² Heitor Feitosa Macêdo

Município de Tauá, estado do Ceará foi "interventor" no ano de 1947; criou a Fundação Bernardo Feitosa – FBF, mantenedora do museu dos Inhamuns cujo acervo arqueológico e paleontológico é dos mais expressivos do Brasil, com peças raras e sem similar em nosso País o que coloca em pé de igualdade com outras instituições do gênero. A Fundação Bernardo Feitosa detém sob a sua orientação, o Centro Cultural dos Inhamuns. Além disso, é detentora de uma Biblioteca Pública com mais de 15.000 títulos. Guarda uma sala de Paleontologia com os mais preciosos achados fossilizados de animais pré-históricos que habitaram a Região dos Inhamuns, dentre os quais citamos: preguiça gigante terrestre, tigre dente de sabre, mastodonte – mamute americano, etc., além de diversas arcadas dentárias não identificadas de diversos animais. O acervo é estimado em aproximadamente 1.800 peças de valor histórico científico inestimável. Joaquim de Castro Feitosa participou ativamente em diversos estados da federação de Congressos, Simpósios, palestras, cursos, mesas-redondas, workshop, etc., dentro das suas atividades profissionais. É detentor de diversas comendas e honrarias. Sua vida é um exemplo de dignidade humana, pautada no respeito ao cidadão, além de ser amante inveterado do seu torrão natal e sua Pátria¹³³.

Dentre as muitas atividades exercidas pelo ilustre e abnegado tauaense, lendo o livro, "Um tributo a Joaquim de Castro Feitosa 100 anos", organizado por Fátima Lúcia de Andrade Feitosa e Maria Salette Vale Farias, às páginas 85, deparei-me com um texto escrito por Alane Vale Farias, a revelar o espírito de contador de histórias de Feitosinha, como era carinhosamente conhecido. Do texto, destaquei a seguinte passagem, o qual me tocou de forma profunda: *"... Mais que um pretensio título de historiador, eu gosto de contar histórias. E eu sou professora. Durante as aulas tento recuperar aquelas passeios levando outros comigo, como um dia ele me fez. Não existe máquina de teletransporte, existem problemas! Questões a serem postuladas por nós, os de agora. Problemas demandados do nosso presente, Dr. Feitosinha conhecia esse significado histórico. O valor de qualquer passado é dado por nós, do presente. Não devem ser valorizações vazias, do tipo "dê valor porque é antigo", mas sim, "valoriza porque é seu você faz parte". Seus incansáveis esforços na preservação de uma memória do povo do sertão estão encharcados de uma consciência histórica engajada, corajosa. A posse de um passado compartilhado não é um sentimento simples de se despertar. Só grandes contadores de histórias podem aflorar esse "espírito" ávido por pertencimento e curiosidade. Dr. Feitosinha tem sido inspirador nessa missão, muito mais que sua paciência, sua paixão em contar histórias foi geradora de pertencimentos. Pertencemos ao sertão, à Caatinga que já foi floresta, ao Quinamuiú com suas cinzas entranhadas, aos indígenas dizimados, ao torrão do sol do meio dia, à terra rachada. Joaquim de Castro Feitosa sem dúvida foi um daqueles raros eleitos, elogiados por Marc Bloch, que sabem falar no mesmo tom aos doutos e aos escolares. Inspirada por suas memórias ousou dizer que, a His-*

133 Disponível em: <http://www.fbfeitosa.org/index.php/pt/118-sintese-historica-do-ambientalista-joaquim-feitosa>.

tória precisa fazer um retrocesso ao seu mais comum sinônimo: narrativa, contação. Travamos embates durante séculos para afirmar a validade do nosso método científico, mas, talvez tenhamos esquecido como despertar o interesse pelo produto do nosso trabalho, para além de embates políticos. Para que nossa ciência faça sentido, acredito que precisamos voltar ao despertar do “simples gosto; antes da obra da ciência, plenamente consciente de seus fins, o instinto que leva a ela. ... Para isso, precisamos de mais contadores de histórias capazes de arregalar os olhos de crianças e inundarem suas mentes pululantes de curiosidades. Precisamos de mais contadores de histórias como Dr. Feitosinha, capazes de inspirar em crianças os sentimentos de passado, o prazer da curiosidade, os benefícios das dúvidas, o reconhecimento em pertencer, a sabedoria do compartilhar ...

Joaquim de Castro Feitosa, também obteve destaque no mundo da escrita. Dentre os muitos trabalhos por ele escritos, sejam eles em quais ramos que se dispôs a enfrentar, destaquei, por mexer no meu lado emocional, para citar, o poema “Árvore Cortada”. Disse o poeta Feitosinha, na emoção que o acobertava sempre quando escrevia a defender o universo da natureza, a qual foi na sua vida inteira, defensor intransigente.

“Percorri a terra calcinada

Para ver-te

Ainda verde.

Sob tua matriarcal fronde

Reclinei minha fonte.

Colhi vermelhos frutos.

Refeito da labuta,

Parti agradecido

Pelo amor que me deste.

Na andança,

Encontrei seres aflitos:

Animais acorrentados,

Árvores mutiladas

E homens alienados.

Vi a terra deserta

Ocupada por ambiciosos,

egoístas,

criminosos

que,

roubando tua vida,

estão destruindo

a própria vida.

IX.III.XIX - Maria Dolores de Andrade Feitosa



e conservava em sua própria casa os itens que consideravam de valor.

Mulher de força e determinação, Dona Dolores defendeu arduamente o meio ambiente e a preservação da caatinga. Ela também foi grande opositora à ditadura militar. Em meados dos anos 1960, juntou-se com outras mães cearenses para lutar em favor da democracia. Hoje, ela é símbolo do sertão dos Inhamuns e da cultura da região.

IX.III.XX – Gerardo Feitosa de Sousa



Nasceu em Tauá, em 26 de julho de 1918, filho de Luís Porfírio de Sousa e Maria das Mercês Feitosa e Castro, ficou órfão, ainda criança, tendo que deixar sua cidade natal para morar com sua irmã no estado da Paraíba. Logo que atingiu a maioridade, voltou para sua cidade natal, onde viveu até o ano de 1982. Casou-se com Francisca de Araújo Feitosa, em 31 de maio de 1941, com quem teve dez filhos: Luiz Porfírio Neto, José de Castro Feitosa, Odimar de Araújo Feitosa, Francisco de Araújo Feitosa, Maria das Mercês Feitosa Campelo, Antônio de Araújo Feitosa, Maria da Glória Feitosa Duarte, Rita de Cássia Araújo Feitosa, Gerardo Feitosa de Sousa Filho e Lourenço de Araújo Feitosa. A família, a agropecuária, o esporte e a política sempre nortearam sua vida. Ainda moço iniciou seus trabalhos agropecuários como proprietário da fazenda Jordão, sempre logrando bons êxitos. Sua fazenda era habitada por várias famílias, seus moradores, que também eram seus compadres e amigos. Chegou a criar grande rebanho de gado, de ovelhas e animais, destacando-se, também, na atividade agrícola como grande produtor de algodão. Apesar de ser proprietário da fazenda tinha residência fixa em Tauá, onde sua memória ficou imortalizada ao receber homenagem com seu nome no bairro GERARDO FEITOSA, estrada onde todo o dia passava a caminho de seu lugar preferido, a fazenda JOR-

DÃO. Amante de futebol, desportista nato, teve por esse esporte sua paixão preferida. Como atleta jogou na seleção tauaense de futebol e grande era a sua alegria por seus três filhos: LUIS PORFÍRIO, JOSÉ DE CASTRO (Dequinha) e ANTONIO FEITOSA (Tuí), também fazerem parte como jogadores de futebol da seleção Tauaense. Disputaram vários campeonatos intermunicipais e ao lado de amigos fundou a Liga Tauaense de Desporto - LTD. Foi homenageado, após sua morte, com o nome do estádio municipal de Tauá, o GERARDÃO. Neto do Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro, herdeiro de tradicional família política de Tauá, homem sereno e possuidor de um grande poder de conquistar amigos, logo ingressou na vida pública como político. Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Tauá em 1948, e reeleito para os pleitos seguintes: 1955 a 1958 e 1977 a 1982. Sempre atuante, foi presidente da Câmara Municipal de Tauá no período de março de 1956 a março de 1957. Foi eleito em 02/02/1948, a presidente da Comissão de Saúde Pública e Sustentação da Câmara Municipal de Tauá, e em 1º de março de 1949 a Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação e em 1955, relator da comissão de finanças da Câmara. Por diversas vezes fez parte da Mesa Diretora como secretário da Câmara Municipal de Tauá. Foi eleito Prefeito da cidade de Tauá, nas eleições de 1958, para o quadriênio, conforme ata 225 do livro 02, que lhe empossou Prefeito no dia 25/03/1959. Realizou relevantes obras em sua gestão entre elas, destacamos a perfuração do poço da Caixa D'água para abastecimento da cidade de Tauá, o primeiro serviço do abastecimento de água do Município, à doação do prédio municipal para abertura da Agência do Banco do Nordeste do Brasil, a compra do prédio Sede da Prefeitura de Tauá, atualmente, sede da Câmara Municipal de Tauá o qual leva o nome de edifício Gerardo Feitosa. Adquiriu para o patrimônio público do Município, por compra, milhares de ações da Petrobrás, investimento este, que proporcionou ao município de Tauá outros benefícios nas gestões vindouras como a construção do Hospital Dr. Alberto Feitosa Lima, dentre outros. Quando, então prefeito de Tauá, disponibilizou transportes para outros estados do País, promovendo o retorno ao município de Tauá de todo e qualquer Tauaense que tivesse ido embora devido à grande seca de 1958. Ficou conhecido em Tauá como: "O CONCILIADOR". O então prefeito Gerardo Feitosa, faleceu no exercício das suas funções políticas como vereador na cidade de Tauá, no dia 22 de dezembro de 1982.

IX.III.XXI - Heládio Feitosa e Castro

Médico cardiologista, nascido em Tauá aos 8 de abril de 1919, casado com Maria Stella de Aguiar Feitosa e Castro, teve do consórcio matrimonial, Heládio, Hέλvia, Heraldo, Helga e Helena. Foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Presidente da Junta Médica do extinto Instituto de Previdência do Estado do Ceará. Poeta e autor das obras, Reflexões ao Entardecer (1984); Conceitos e Confrontos (1996); Cantigas do Coração (1995) e Miscelânea (1996).

LILI FEITOSA

MARIA LUIZA DE
CASTRO FEITOSA

Centenário de Nascimento

★ 02/02/1919 † 26/03/1998



Filha de Dr. Bernardo de Castro Feitosa e de Raimunda Alves Feitosa (Dona Doca) nasceu no dia 02 de fevereiro de 1919, na cidade de Independência, onde seu pai exercia a magistratura como Juiz de Direito. Iniciou seus estudos na cidade de Mombaça, onde seu pai, também exerceu a magistratura. Em 1928, passou a residir em Tauá, onde continuou o seu curso primário. Após concluí-lo, foi estudar no Colégio de Santa Teresa de Jesus do Crato até completar o Curso Normal, que lhe conferiu o título de Professora Primária. Foi nomeada em 25 de junho de 1942, pelo governador do Estado professora da Escola Elementar do Alto do Papoco (atualmente, Alto Brillhante), anexada ao Grupo Escolar de Tauá; em 02 de agosto de 1944, foi denominado de Joaquim Pimenta onde exerceu seu magistério até 1962. Em 18 de janeiro de 1963, após um trabalho de conscientização conseguiu reunir várias autoridades locais e membros da sociedade, ligados à educação, em Assembleia para a fundação e instalação do Colégio Técnico Comercial "Dondon Feitosa", que passou a ser alvo de sua dedicação e de seus esforços como diretora e patrona. Posteriormente, foram instalados os cursos Pedagógicos e de Administração. Doou o referido Colégio ao estado do Ceará, exigindo a construção de um prédio apropriado e a manutenção do nome do mesmo. Durante os 28 anos que comandou o Colégio Técnico Comercial Dondon Feitosa, sempre teve em mente, não o enriquecimento pessoal, mas as facilidades que podia dar aos estudantes carentes. Colaborou na fundação e manutenção do Patronato Máximo Feitosa, onde exerceu o magistério e a direção. Ensinou datilografia e pintura. Faleceu no dia 26 de março de 1998, em Tauá. Em 12 de abril de 1999, o então Governador do estado do Ceará, Tasso Jereissati, denominou o Liceu de Tauá, de Maria Luiza de Castro Feitosa - "Lili Feitosa", atualmente, Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Lili Feitosa (EEMTI Lili Feitosa)¹³⁴.

IX.III.XXIII – Coronel Joaquim Alves Feitosa Sobrinho (Seu Feitosa do Cococá).

Proprietário da fazenda Cococá, casou com Luiza Linda da Costa Alves Feitosa, filha do Major Sebastião da Costa Leitão, da Fazenda Cajazeiras,

¹³⁴Disponível em: <https://www.edyfermandes.com.br/2019/02/homenagem-ao-centenario-de-lili-feitosa.html>.

em Tauá-Ce. Seu Feitosa do Cococá foi importante membro da família Feitosa, sendo em sua época, um dos homens mais ricos da família. Foi pai de Eufrásio Alves Feitosa (Major Feitosa), da Fazenda Canaã, em Cococi¹³⁵.

IX.III.XXIV - Neri Feitosa

O Padre Neri é filho dos Inhamuns, nascido em Arneiroz, no dia 15 de abril de 1926. Realizou seus primeiros estudos no próprio lar, sob a orientação de seu pai, José Júlio Feitosa. No ano de 1938, foi encaminhado ao Crato para estudar no Seminário São José, levado que foi pelo Monsenhor Antônio Feitosa (Padre Feitosinha). Desse momento em diante, não mais deixaria de cultivar as letras e prosseguir naquilo que fora o seu robe durante a sua vida, os estudos. Muitas vezes enristou a caneta na confecção de obras significativas em diversas vertentes do saber humano, na religião, no folclore, na história e outros campos da cultura, fato que lhe valeu a cadeira de nº 03 do Instituto Cultural do Cariri, da qual é patrono o escritor José Alves de Figueiredo. A vastidão dos seus escritos, talvez não permita eleger uma obra que seja principal, sobretudo quando se trata da família Feitosa, porque todos os seus trabalhos gozam de relevante importância.¹³⁶ Ordenou-se como sacerdote em 03 de dezembro de 1950. Foi Vigário Paroquial de São Francisco das Chagas – Canindé - CE. Foi vigário cooperador de Umari – CE, de dezembro de 1950 a julho de 1951. Vigário Cooperador de Missão Velha de julho de 1951 a dezembro de 1953. Professor de Latim e Grego no Seminário do Crato de janeiro de 1953 a 1960. Pároco de Araripe de janeiro de 1960 a julho de 1960. Pároco de Jamacaru - CE, de julho de 1960 a janeiro de 1973. Coordenador da Pastoral em Itapipoca - CE, em 1973. Pároco de Mondubim, em Fortaleza e vice-reitor do Seminário Regional do Cariri (Crato), de janeiro de 1978 a dezembro de 1980. Pároco de Madalena, de novo, de janeiro de 1980 a janeiro de 1982. Vigário Paroquial de Canindé (Fortaleza), em 1982. Em Crato, foi assistente do Círculo Operário. Foi idealizador e criador de diversas obras sociais em lugares diversos do Ceará. Fundou o arquivo da família Feitosa com mais de 400 títulos etiquetados. Fundou O Instituto Memória de Canindé, hoje contando com vários opúsculos históricos. No arquivo da família Feitosa deixou grafado mais de 51 títulos de sua autoria. Escreveu sobre a vida de Padre Cícero e trabalhou pela sua reabilitação. Foi condecorado em Juazeiro do Norte com a Medalha de Ouro por ser considerado o maior defensor de Padre Cícero. É cidadão honorário de Missão Velha, Juazeiro do Norte, Crato e Canindé¹³⁷. É autor de: As virtudes do Padre Cícero; Moral; Canonização do Padre Cícero; A Reabilitação do Padre Cícero; Casos na vida de Cristo; Tropeços na Vida Cristã; O Percurso Histórico do Padre Cícero e do Juazeiro; Padre Cícero – Vítima do Autoritarismo;

¹³⁵ HELVÉCIO NEVES FEITOSA e VENÍCIO FEITOSA NEVES. Os Cabeça do boi. Descendência do patriarca Manoel Alves Feitosa e Sousa. Fortaleza, 2020. Pág. 46.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Disponível em: Arquidiosecedefortaleza.org.br.

Vocação e Frades Vocacionados; Padre Cícero Sua Espiritualidade Seus Romeiros Sua Reabilitação.

IX.III.XXV - Alberto Feitosa Lima

Nasceu em Acopiara - CE, em 10 de abril de 1926, faleceu em Tauá - CE, em 04 de junho de 1977, aos 51 anos de idade. Filho de Benevenuto Gonçalves Lima e de Carmina Alves Feitosa. Logo após o nascimento deixou a cidade de Afonso Pena (Acopiara), em companhia de seus pais e iniciou sua carreira de estudante na cidade de Arneiroz, no ano de 1932. Filho do Casal Benevenuto Gonçalves Lima e Carmina Alves Feitosa, de cujo casamento nasceu 10 filhos: Francisco Feitosa Lima, Maria Hilda Feitosa, Maria Ilza Feitosa, Maria Nilza Feitosa, Maria Iza Feitosa, Antônio Feitosa Lima, Alberto Feitosa Lima, Maria Albaniza Feitosa, Aderson Feitosa Lima e Mair Feitosa Lima. Teve como sua professora, Maria Dolores Petrola. Transferiu-se em 1937, para a capital do estado do Ceará, em companhia do Dr. Abraão Sombra, Juiz de Direito da Comarca de Arneiroz, onde cursou do 4º ano primário ao 4º ginásial no Colégio 7 de Setembro, e o científico no Colégio Estadual do Ceará (Liceu). Em 1946, transferiu-se para a capital do estado do Pernambuco onde se submeteu ao vestibular, sendo classificado em primeiro lugar para a Faculdade Federal de Medicina do Estado de Pernambuco. A partir do 4º ano de Medicina, época em que estagiava no Hospital Português e na Santa Casa de Misericórdia, em Recife, já era considerado por seus professores, um dos melhores cirurgiões e clínico geral, de sua turma, que continuaram a serem suas especialidades, desde o término do curso, em 08 de dezembro de 1951. Como acadêmico serviu o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - CPOR, servindo no Hospital Militar do Exército Brasileiro, saindo com a patente de Aspirante Oficial. Veio para Tauá no mesmo ano, onde instalou seu consultório médico, na Rua Fausto Barreto, nº 85, hoje Silvestre Gonçalves. Casou-se em 1954, com Maria Eridam Marques Lima de cujo matrimônio nasceu os filhos: Creusa Marques Feitosa, Silvia Lúcia Marques Feitosa, Vera Lúcia Marques Feitosa, Alberto Feitosa Lima Júnior, Bernadeth Marques Feitosa e Alberto Feitosa Lima Júnior. Como médico, recebeu um convite com a promoção para 2º Tenente do Exército Brasileiro da 7ª Região Militar de Pernambuco, para continuar a prestar seus serviços de médico no Exército Brasileiro, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o que recusou. Em 1959, recebeu por intermédio do Dr. Luis Gomes da Cunha, chefe do Serviço de Endemias Rurais sediada na Capital Federal, um convite do Presidente da República Juscelino Kubistchek de Oliveira, para prestar seus serviços médicos, em Brasília. Dedicou todos os seus serviços desde 1951 até a data de seu falecimento em Tauá, exercendo as funções de: Chefe do Posto de Saúde, Diretor Clínico do Hospital e Maternidade Regional dos Inhamuns e, ultimamente, Delegado Regional de Saúde da 11ª Região do estado do Ceará. Na esfera política, exerceu o cargo de Prefeito Municipal de Tauá, no período de 1970 a 1972, tendo destaque

em sua administração várias obras, entre elas: Aquisição de um terreno para a construção do Grupo Escolar Joaquim Pimenta; restauração e aquisição de carteiras para vários Grupos do Município; transformou o Grupo Escolar Júlio Rêgo, em Escola Fundamental Júlio Rêgo 1º Grau; fundou a Biblioteca Pública do Município; Implantou o Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral; instituiu a merenda escolar, de grande interesse para melhoria nutricional dos estudantes de baixa renda; Celebrou convênio com a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático - Colted, oferecendo livros de alta qualidade editorial e pedagógica para os Grupos Estaduais e Municipais da Sede e da área rural; adquiriu equipamento completo para o Centro de Abastecimento de Tauá. Foi responsável pela eletrificação e instalação de televisores públicos nos distritos de Marrecas, Carrapateiras e Várzea do Boi (onde uma escola foi batizada em sua homenagem). Ampliou a rede elétrica de vários Bairros da Cidade; deu prosseguimento a ampliação de calçamento com paralelepípedos em diversas partes da Cidade; recuperou e abriu diversas estradas para várias localidades; e, por fim a obra de seus sonhos; a construção e equipamento do HOSPITAL E MATERNIDADE REGIONAL DOS INHAMUNS. Em 1975, Alberto Feitosa Lima sofreu um enfarto, foi levado à Fortaleza em busca de serviço de cardiologia especializada, onde foi detectada insuficiência circulatória nas coronárias, além da existência de um tumor de mediastino de grandes proporções que, desde então, passou a ser o responsável absoluto por todo o cortejo sintomático da sua doença, inclusive, os sintomas cardíacos. Seguiu imediatamente para o Rio de Janeiro, onde se submeteu a processo ultramoderno na terapia de tumores. Com isso, conseguiu-se prolongar um pouco mais sua sobrevida alimentando a esperança de cura. Retornando ao Ceará, fez ainda tratamento e, paulatinamente, experimentou melhora. Sua melhora, entretanto, seria temporária, a evolução da doença o levaria inexoravelmente ao desfecho fatal. Faleceu em 04 de junho de 1977, na cidade de Tauá¹³⁸.

A propósito, a professora Salete Vale em uma de suas inúmeras pesquisas, relembra homenagem ao saudoso Dr. Alberto Feitosa Lima, feita pelo poeta tauaense, Edson Macilom Matias, objeto ocorrido no ano de 1998, o qual no linguajar simples e autêntico de bom escritor manifestava o seu reconhecimento e do povo da nossa terra ao homenageado, dizendo:

“Quem não se lembra do Dr. Alberto, homem modesto, de alta capacidade, clinicando e operando em nossa cidade? Dr. Alberto, de porte esbelto, de roupas brancas e sapatos marrons, fazia da profissão um ato de fé e de religião. Curando e receitando, fazendo intensa caridade, suas mãos milagrosas com o bisturi operando ou os doentes receitando. São lembranças pela sua competência dedicada aos nossos irmãos. Dádivosa eficiência, amigo leal, nos levou o hospital. Não fora ele, não teríamos a casa de atendimento

¹³⁸Disponível em: <https://www.meutaua.com/dr-alberto-feitosa-lima>.

que tem o seu nome merecidamente. Vindo a minha mente a sua assistência diária no prédio em construção, coisa que fazia de coração e religiosamente da sua inauguração. Quem daquela época não deveu favores ao famoso médico? Seu estilo era simples sem rogar louvores. Fosse rico ou pobre, o Dr. Alberto atendia com presteza a qualquer hora da noite ou do dia. Nesta singela homenagem que faço ao grande médico do sertão dos Inhamuns, registro aqui a sua imagem gravada no coração da gente humilde do meu torrão, de nossa pobre gente que ainda sente a falta daquela serenidade, daquela boa amizade, como médico e como amigo dedicado a humanidade; lá na espiritualidade, o Dr. Alberto Feitosa ainda opera o seu semelhante vindo ao hospital na precisão do instante, conforme já registrou nas pessoas que ajudou, gente pobre e povo amante. Deixo assim o meu poema e minha eterna gratidão. Por cumprir o meu lema homenageando memória bem assim outros que fizeram nossa história". Poema publicado no jornal Quinamuiú em Julho de 1998.

IX.III.XXVI - Epaminondas Feitosa Neto

Nasceu em 24 de abril de 1933. Casou com Luiza Feitosa Carvalho, nascida em 31 de maio de 1946, professora, filha de Francisco Soares de Carvalho (Chiquinho Parmênio) e Guiomar Feitosa de Carvalho. Epaminondas é médico ginecologista e obstetra e mora em Recife - PE, exercendo atividade profissional na cidade de Goiana - PE, há 56 anos¹³⁹.

IX.III.XXVII - Maria Abigail Freitas Feitosa

Médica. Nasceu em Tauá – CE, em 17/04/1933, faleceu em 14/08/1991. Filha de Francisco de Aragão Freitas e Maria Leitão Freitas foi casada com José Ribamar Feitosa, do enlace nasceu José Ribamar Filho e Paulo Roberto. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 1956. Especializou-se na Maternidade Climério de Oliveira em 1958 e em Ginecologia e Obstetrícia na Clínica de Ginecologia da UFBA, Salvador, 1959. Foi assistente de obstetrícia da Escola Baiana de Medicina, 1958-1971; vice-presidente da Associação Baiana de Medicina, 1980-1982; tesoureira da Fundação João Mangabeira, 1984-1986; participou da Comissão Nacional dos Direitos da Mulher, para a criação do Conselho Nacional da Mulher, 1985; coordenadora geral do Movimento de Unidade Popular - MUP, 1985; médica do INAMPS no Hospital Ana Nery e da Secretaria de Saúde do estado do Bahia. Eleita deputada estadual pelo Partido do

¹³⁹ Ibidem, p. 315.

Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, 1983-1987. Deputada federal Constituinte, PMDB, 1987-1991, primeira mulher da Bahia a conquistar um mandato na Câmara dos Deputados. Na Assembleia Legislativa, presidente das Comissões: Saúde e Saneamento (1985-1986), Especial dos Transportes (1985); titular das Comissões: Meio Ambiente (1983-1984), Saúde Pública e Saneamento (1983-1984); suplente das Comissões: Agricultura e Incentivo Rural (1983), Agricultura (1984), Proteção ao Meio Ambiente (1986), Finanças e Orçamento (1985), Desenvolvimento Econômico e Turismo (1985). Na Câmara Federal, titular da Comissão de Sistematização (1987-1988); suplente das Comissões: Integrante do Grupo que estruturou a Comissão Nacional dos Direitos da Mulher, 1985; subcomissão de Saúde, Seguridade e do Meio Ambiente, da Comissão da Ordem Social, 1987. Membro da Delegação Parlamentar, em visita político-cultural à China, a convite do Partido Comunista Chinês, 1990. Homenageada com seu nome em logradouro público em Senhor do Bonfim - BA, Escola Municipal Abigail Feitosa; Associação Abigail Feitosa das Mulheres de Sussuarana, Salvador; Unidade de Saúde da Família Doutora Abigail Feitosa, Santa Inês - BA.¹⁴⁰

IX.III.XXVIII - Antônio Idalmir Carvalho Feitosa



Conhecido publicamente por Idalmir Feitosa, nasceu em 13 de junho de 1940, na cidade de Tauá, Estado do Ceará, filho de Francisco Feitosa Lima e Mariêta Carvalho Lima. Ex-aluno do Colégio Liceu do Ceará, formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará e em Administração pela Universidade Estadual do Ceará. Casado com a Procuradora Federal do DNOCS, Dra. Marizart Brandão Feitosa, tendo nascido desta união, dois filhos: Leilyanne Brandão Feitosa – Procuradora do Tribunal de Contas do Estado do Ceará – TCE, e Magno Brandão Feitosa; e, um neto Luis Eduardo Feitosa Ribeiro Gonçalves. Antes de ser Vereador de Fortaleza, foi o 1º Delegado Regional da Fazenda de Fortaleza; Coordenador da Receita do Tesouro do Estado do Ceará; Secretário da Comissão de Programação Financeira do Estado do Ceará; Secretário de Planejamento do IAPAS; Secretário de Finanças do Município de Fortaleza e Aquiraz; em 2013, ocupou o cargo de Procurador Geral do Município de Maracanaú. Como Vereador exerceu na Câmara Municipal de Fortaleza os cargos de Presidente da Comissão de Orçamentos e Finanças; Vice-presidente da Comissão Especial para elaboração da Lei Orgânica do Município; Relator do Regimento Interno da CMFor; 1º Vice-presidente da Câmara; Secretário Geral da Câmara; Presidente de Comissão de Legislação. Atual-

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000392>.

mente, o parlamentar está exercendo o seu 6º mandato como Vereador, é o 1º Secretário da Câmara Municipal de Fortaleza no biênio 2019/2020.

IX.III.XXIX - Francisco Soares de Carvalho (Chiquinho Parmênio)

Tauaense renomado. Empresário e empreendedor foi um dos líderes políticos de nossa terra querida, e nessa qualidade, exerceu a presidência da Casa Legislativa Municipal Local por três legislaturas. Durante a revolução, com rara habilidade, inteligência, perspicácia e autoridade conduziram os destinos da Augusta Casa Mirim de nossa terra. Hoje, empresta o seu nome a uma das maiores honrarias da Câmara Municipal Local, - a "Medalha Vereador Francisco Soares de Carvalho", honraria destinada aos filhos de Tauá e, ocasionalmente, a outras pessoas que se destacaram pelo seu trabalho no cenário local e nacional.

X.III.XXX - Coronel Deladier Feitosa Mariz



Filho ilustre de Tauá. Pela sua postura nobre e séria, engrandeceu os quadros da gloriosa Polícia Militar do nosso Estado, alcançando por mérito próprio, o seu mais alto posto. Foi comandante maior da corporação e, ao depois de reformado, além de dirigir a Secretaria de Segurança de nossa Tauá, também exerceu o mesmo cargo em outros municípios e, atualmente, no município de Itaitinga, convidado que foi pelo seu parente, atual Prefeito, Paulo Cesar Feitosa, outro ilustre cidadão com origens em Tauá.

IX.III.XXXI - Francisco Feitosa de Albuquerque Lima

Nasceu em Fortaleza, no dia 3 de julho de 1964, filho de Carlos de Albuquerque Lima e de Maria da Conceição Feitosa Carvalho Albuquerque. Empresário, no ano de 1985, tornou-se vice-presidente do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Estado do Ceará - Sindiônibus, do qual passou a presidente no ano de 1993, sendo reeleito para diversas gestões. Em outubro de 1998, candidatou-se a deputado federal na legenda do Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB, e foi eleito com 116.499 votos, segunda melhor votação, no estado, para a Câmara dos Deputados. Em fevereiro de 1999, tomou posse como parlamentar.



Durante o ano de 2001, foi titular da comissão especial para Proposta de Emenda constitucional - PEC, transformada em norma jurídica, sobre recursos destinados à irrigação. Nesse mesmo ano atuou, também, como primeiro vice-presidente e titular da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, criada pela Câmara dos Deputados com o objetivo de investigar suposta aplicação irregular de recursos do Fundo de Investimento do Nordeste - Finor. A CPI do Finor foi alvo de polêmica, uma vez que, na ocasião da publicação de seu relatório final foram suprimidos dados e provas documentais contra 600 empresas, do total de 653 investigadas. No decorrer de seu mandato na Câmara, exerceu também as funções de segundo vice-presidente e titular da comissão permanente de Viação e Transportes, além de ter sido membro da comissão especial para aplicação da lei de Código de Trânsito Brasileiro - CTB. Como empresário, atuou na Brasilimp Transportes e Viação Urbana e foi diretor da Autoviária São Vicente de Paulo, da Auto Viação São José e da Expresso Canindé, todas empresas fortalezenses. Atualmente é proprietário das empresas VEGA, PRINCESA DOS INHAMUNS, como sócio majoritário e outras. Além das atividades nominadas, é agropecuarista, e na qualidade de suplente de Senador da República, recentemente, assumiu a titularidade em face de licença do seu titular, Senador Tasso Jereissati.

Chiquinho Feitosa é pai de dois filhos, Francisco e Tatiana, fruto do seu primeiro casamento. Ao assumir o cargo de Senador da República, o fez com raríssima seriedade, dignidade e competência, tal como o fez quando exerceu o cargo de deputado Federal de todos nós cearenses. No Senado Federal, participou das Comissões de Constituição e Justiça – CCJ e Assuntos Econômicos – CAE. Vários foram, no período, as suas iniciativas em prol da sociedade cearense, em destaque: Relator do PL que facilita a localização de doadores de medula óssea; projeto de conversão que recriou o Ministério do Trabalho e Previdência e outros. Atualmente, além das suas atividades empresariais, vem exercendo a presidência da Confederação Nacional dos Transportes e Passageiros do Ceará, Piauí e Maranhão – FETRANS. É presidente do partido político no âmbito estadual do DEM.

X – Os genitores de Francisco Feitosa de Albuquerque Lima. Pequena história de empresários de sucesso

X.1 - Carlos de Albuquerque Lima, carinhosamente chamado de Carlos Lima, empresário no ramo de transporte coletivo

Carlos Albuquerque Lima, carinhosamente conhecido por Carlos Albuquerque ou Carlos Lima, foi um dos maiores empreendedores filhos de Tauá, o qual pela garra vencedora do espírito tauaense, sob envolvido pelo pálio de muito trabalho, dedicação, competência e honradez, se transformar em um dos maiores empresários do ramo do transporte de passageiros do Ceará, como veremos a seguir. O legado de Carlos Lima foi transferido, potencialmente, para os seus descendentes, dentre todos, destacando-se o

filho "Chiquinho Feitosa" que, além de transformar a empresa do seu pai, em um grande conglomerado empresarial, os seus negócios vêm sendo expandidos para além-mar numa crescente inigualável.

Carlos Albuquerque tem sua história empresarial, basicamente, voltada para o setor do transporte coletivo. Em Fortaleza, vindo da nossa gloriosa Tauá, montou a sua base empresarial, de pequeno empreendedor a grande empresário. A sua história, remonta a Autoviária São Vicente de Paula que, como a mim e a tantos outros cearenses serviu e vem servindo ao longo dos anos.

Vejamos a história do conglomerado criado por Carlos Albuquerque, através de pequeno relato acompanhado, inclusive, por fotos históricas a demonstrar, em verdade, o quanto vitoriosa foi a sua trajetória.

E, iniciamos afirmando por informações históricas e fidedignas, que a Empresa Autoviária São Vicente de Paula, principal motor empresarial de Carlos Albuquerque, teve por iniciada na data de 27 de novembro de 1951, através da sua engenhosa visão empresarial, a qual vislumbrando sucesso no ramo veio a ser, posteriormente, considerada uma das maiores empresas do setor urbano Cearense.

Carlos de Albuquerque Lima, antes de adentrar ao ramo do transporte coletivo urbano, atuou no comércio varejista de revenda de peças e acessórios na qualidade de sócio da firma "A Herculano e Albuquerque".

A empresa Auto Viária São Vicente de Paula, aliás, pelo que se sabe, iniciou suas atividades com uma frota de apenas 4 ônibus fazendo a rota, tão somente do bairro Nossa Senhora das Graças.

Verificam-se, historicamente, falando, ademais, que o início de tudo aconteceu com a obtenção da concessão para a exploração das linhas pertencentes ao Pirambu e ao Tirol, dois bairros dos mais antigos da grande Fortaleza que, pela pobreza então reinante, dificuldade no tráfego dos ônibus, fizeram pela visão empreendedora e visualista do grande empresário, comprar casebres do bairro, possibilitando, assim, a abertura de caminhos para os seus veículos circularem como prévia e determinava a obtida concessão. Foi o início de sucesso de tudo.

A empresa logo alcançou o sucesso esperado, o que lhe possibilitou a obtenção em seguida, do direito de explorar a linha Aldeota, todavia, por questões outras, a que se sabe, a esta renunciou.

No final dos anos 1970, em evidente crescimento, a empresa de Carlos Albuquerque planejou e comprou, a então Viação Cruzeiro, tornando-se assim, a grande concessionária do transporte de passageiros para toda a região da grande Messejana.

Em ascensão plena, no ano de 1979, a empresa adquire as primeiras unidades do monobloco O-364, um dos mais confortáveis e modernos veículos concebidos então, para o transporte de passageiros e passem a frota da empresa ao tempo, alcançava a soma expressiva de 120 veículos.

Com esse expressivo número de veículos, possibilitou-se a empresa Autoviária São Vicente de Paula, servir a um total de 20 linhas na grande Fortaleza, e de forma mais eficiente, compreendendo os bairros de Jardim Iracema, Álvaro Weyne, Barra do Ceará, Nossa Senhora das Graças, Vila Santo Antônio e toda a área de Messejana. Na época, o vitorioso empresário, construiu a garagem da Avenida Filomeno Gomes, no bairro Jacarecanga. Era eu estudante e trabalhador à época, e sem veículo próprio, experimentava diária e cotidianamente aqueles serviços, principalmente, no trajeto Centro Barra do Ceará, Mucuripe.

Já nos anos de 1980, em crescente desenvolvimento, variados modelos de carrocerias foram adquiridos pela empresa, destacando-se entre eles, dois veículos da marca Volvo, com carroceria Amélia, prefixos 121 e 122. Em 1990, em outro momento importante para a empresa foi obtido os seus primeiros ônibus com chassi Scania F-112, carroceria Torino de 13 metros, possibilitando maior conforto e agregação de passageiros.

Carlos Albuquerque teve o privilégio, de ter por considerada a sua empresa, como uma das maiores do ramo de transporte e armazenagens do Ceará. Chegou a transportar, segundo estatísticas existentes, mais de 3 milhões de passageiros ao mês, operando em cerca de 43 linhas, 220 veículos e 2 garagens.

O empresário Carlos Albuquerque enfrentou várias paralizações patrocinadas pelo sindicato dos motoristas, em vista à melhoria das condições do transporte e outros, delas saindo-se com real habilidade.

Carlos Albuquerque faleceu em 1999. A empresa por ele concebida, em seguida sofre uma cisão, originando-se daí, às empresas Rotasol e Rota Expressa, as quais tiveram continuidade pelas mãos dos seus descendentes.

Carlos Albuquerque foi sócio fundador da Viação Bons Amigos, nesta atuando de 1963 e 1976. Posteriormente, seus descendentes criaram e continuam o seu legado com as empresas Vega e Terra Luz, comandadas pelo empresário Chiquinho Feitosa, seu filho.

Carlos Albuquerque, casado com Dona Maria da Conceição Feitosa, deixou uma família representada por grande prole.

X.II – Dona Maria da Conceição Feitosa

No que diz respeito à genitora de Chiquinho Feitosa, certa feita ao encontrá-la no casamento de uma filha da minha então diretora de Secretaria da 2ª Vara de Família de Fortaleza, onde officiei por anos a fio, Dra. Ozileia Pitombeira, ocasião na qual tive o prazer de oficiá-lo, a distinta senhora lembrou-me de uma passagem interessante da vida da minha saudosa mãe Maria Helena e de mim próprio. Lembrou-me Dona Doninha, como carinhosamente é conhecida, que a minha mãe foi em tempos idos sua manicure lá na nossa Tauá e que quando lá estava consigo a cuidar das suas unhas,

estava eu, ainda pequenino aos pés da minha mãe, agarrado a sua perna, a aperreá-la.

Dona Doninha, empresária respeitada no estado do Ceará, pelas suas atitudes, honradez e fibra, digna da mulher tauaense, tem dignificado a nossa terra pelo patrimônio material e pela família vitoriosa constituída junto ao seu inesquecível companheiro, Carlos Albuquerque Lima.

X.III - Galeria de fotos da empresa Autoviária São Vicente de Paula





Sérgio Maciel

Fortaleza-CE



Sérgio Maciel

Fortaleza-CE



XI – Outras personalidades importantes na história dos Inhamuns e Tauá

Destaco, ademais, como personalidades importantes no desenvolvimento dos Inhamuns e Tauá, dentre tantas outras, as seguintes pessoas: Capitão Pedro Alves Feitosa, Major Francisco Alves Feitosa, Tenente Joaquim de Sousa Vale, Deocleciano Telles de Souza Valle, Antônio Alves Fei-

tosa, Francisco Roberto Barreto, Manoel Joaquim Pereira de Souza, Pedro de Sousa Motta, José da Costa Leitão, José André Fernandes Moreira, João Evangelista Cavalcanti, José Pedro de Sousa, José Erasmo Alves Feitosa, Cypriano Alves Feitosa, João Franco, José Fernandes Vieira Bastos, Tenente-Coronel José André dos Santos, Capitão Antônio Miguel Chaves, Deolino Alves Feitosa, Pedro de Deus Alves Feitosa, Joaquim Solano Alves Feitosa, Capitão Osterno Ferreira Ferro, Coronel Joaquim Leopoldino, Major Francisco Alves Cavalcante, Coronel Pedro Alves Feitosa e Vale, José do Vale Pedrosa (Nô), Leandro Custódio de Oliveira Castro, Eufrásia Alves Feitosa, Oziel Freire Cidrão, Francisco Ferreira Pedrosa, Coronel João de Araújo Chaves, da Fazenda Estreito, de Araújo Chaves, pioneiro do Rio Carrapateiras, Antônio Martins Chaves, Francisco Fernandes Vieira de Saboeiro, Coronel José André dos Santos, de Marrecas, Pedro Alves Feitosa e Vale, Manoel Leonardo de Araújo, Leandro Custódio Bezerra, Frutuoso de Araújo Pereira, José Francisco da Rocha, Francisco Alves Feitosa e Sousa, Pedro Alves Feitosa, Antônio Leopoldino de Araújo de Araújo Chaves, João Bezerra do Vale, Lourenço Alves de Castro, Joaquim Alves Feitosa Sobrinho, Francisco das Chagas Cazé, José de Oliveira d'Nascimento, chefe da família Gomes do Rio Trici, Joaquim Cito de Sousa Vale, Coronel Manoel de Castro Paiva, Coronel Domingos Gomes de Freitas, Capitão Pedro Gomes, Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa, João de Almeida (sesmeiro), Maria de Freitas, José de Almeida (sesmeiro), Teodósio Gomes de Freitas (sesmeiro), Manoel de Couto Figueiredo, Padre José Bezerra do Vale, Francisco Ferreira Pedrosa, Luis Coelho Vidal (sesmeiro), Teodósio Gomes de Freitas, Veridiano Alexandrino, Capitão Vicente Ferreira de Sousa, Capitão Manoel Ferreira da Graça, Capitão-mor Manoel Mateus Muniz Barreto, Cel. Francisco de Barros e Albuquerque, Capitão Pedro Baraúna, Francisco Barros e Albuquerque, Tem. Cel. João Rodrigues Pereira, Capitão João Leite de Araújo Chaves e Melo, Ten. Cel. Custódio André dos Santos, Capitão Manoel Gonçalves dos Santos, João da Silva Melo, José Solom Mota, Antônio Soriano de Oliveira, Ângelo Alves Feitosa - Padre, Alexandre Ferreira Barreto - Padre, Antero José de Lima - Monsenhor, Antônio Américo Pereira da Silva - General e Engenheiro Militar, Antônio Alves Feitosa - Padre, Antônio de Almeida - Padre, Antônio Jataí de Sousa - Padre, Antônio de Sousa Rêgo - Padre, Bernardino Gomes de Araújo, Benedito de Sousa Rêgo - Padre, Domingos Alves Ferreira, Eufrásio de Almeida, Felipe Raulino de Sousa Uchoa, Francisco da Mota Sousa Angelim - Padre, Francisco de Assis Feitosa - Monsenhor, Francisco José da Silva Carvalho - Padre, Francisco Máximo Feitosa e Castro - Padre, Joaquim Alves Feitosa - Coronel, José da Costa Leitão - Padre, Jovino Guedes Alcoforado, Manoel Araújo Feitosa - Cônego, Manuel Sedrim de Castro Jucá - Coronel e Deputado Provincial, Miguel Fernandes Vieira, Pedro Leopoldo de Araújo Feitosa - Monsenhor, Ulisses Bezerra, Padre Vicente Alves Feitosa, Veridiano Alexandrino Nogueira, Nilton Alexandrino Nogueira, Luizinho Alexandrino, Vicente Alexandrino Nogueira, Pedro Alexandrino Nogueira, Zeca Alexandrino, Luiz Alves Lima, Chaguinha Alves,

Joaquim Alves Lima, Luiz Borges, Enéas Oliveira, Odilon Aguiar, Dona Maroca, Licínio Aragão, João Firmino, Zeca Bastos, Antônio Trajano Bastos, Sr. Alves Benevides, Sr. Fausto Benevides, Teixeira Benevides, Sr. Pedrosa, Sr. Luiz Pedrosa, José Ósimo Câmara, José Castelo, Nilo Castelo, Milton Castelo, José Lins Castelo, Pedrinho Castelo, Chermon Cidrão, Raimundo Cidrão, Sebastião Feitosa (Bastinho), Pedro Feitosa (Pedro Tonho), Antônio Cândido Feitosa (Tutu), Aristides Freitas, José Freitas, Ari Freitas, Silvestre Gonçalves, Eliezer Gonçalves, Lourival Gonçalves, Benevenuto Gonçalves, Chico Gonçalves, Filomeno Gonçalves, Misael Holanda, Antônio Jataí, Nenen Jataí, Ataliba Jataí, Zezinho Leitão, Edilson Leitão Lima, Osório Loiola, Inocêncio Máximo, Mário Meireles, José Meireles, Sandoval Meireles, Abemor Meireles, Raimundo Melo, José Melo, Iran Melo, Augustinho Mota, Ademar Mota Cavalcante, Adail Mota Cavalcante, Absolon Mota Cavalcante, Valderilo Mota Cavalcante, Manuel Mota Cavalcante, Queléu Paiva, Manuel Pimenta (Né Pimenta), Badu Mota, João Soares Pedrosa, Edmilson Soares Pedrosa, Chiquinho Soares Carvalho, Manoel Parmênio (Né Parmênio), Dolano Parmênio, Michico Solon, José Solon, Antônio Vieira Gomes, Nelo Gomes, Miguel Gomes, Carlos Bastos, Elcias Bezerra Cavalcante, Ecilio Bezerra Cavalcante, Elcides Bezerra Cavalcante, Antônio Bezerra Cavalcante, Bibiana Pereira do Nascimento, José Cândido, Chico Cândido, Jesus Cordeiro Leitão, Antônio Mulato, João Mulato, José Ferreira Cardoso, Aristides Cavalcante, José Dias, Jorge Dias, Alcebíades Dias, Antônio Elpídio, Gustavo Fernandes, Augusto Fernandes, João Fernandes, José Laurentino, Expedito Laurentino, João Marcelino, Doca Moreira, Antônio Paixão, Aderson Reis, Abner Reis, Chico Ribeiro, Iêdo Ribeiro, João Sabagora, Carlos Bastos, Chico Cunegundes, Chaga Mouco. São muitos os conterrâneos tauaense destacados, por isso, impossível a todos nominar.

XI.1 – Raimundo Feitosa de Carvalho, conhecido por Raimundinho Feitosa

Raimundinho Feitosa foi casado com a Senhora Elisinha com quem formou um casal da mais alta qualidade em nossa Terra. Amante da família, o casal criou seus filhos Mauro, Eliezer, Raimundo Júnior, Ferrúcio, Lídia e Luciano, com amor e respeito. Todos são brilhantes e vitoriosos profissionais. O carismático Raimundinho Feitosa, além de ter sido possuidor de boa conversa, era detentor de um bom caráter, sério, honesto, caridoso, na verdade um homem de bem. Vitorioso, tanto da vida afetiva quanto profissional, Raimundinho Feitosa, foi coletor estadual, vereador e presidente da Câmara Municipal. Ao chegar a Fortaleza nos idos dos anos 1960, transformou-se em próspero empresário no ramo do transporte de passageiros e outros.

XII - A cidade de Tauá – surgimento

A cidade de Tauá, conhecida mundialmente como a “Princesa dos Inhamuns”, majestosamente cortada pelo leito seco e nos nossos grandes invernos pelas águas caudalosas do Rio Trici, afluente poderoso do maior rio seco do mundo, o nosso “Jaguaribe”, tem por guardião permanente o imponente Serrote do Quinamuiú, valioso monumento natural de nossa terra, o qual se encontra protegido eternamente pela Lei Municipal nº 1.317, de 29 de abril de 2005, que o transformou em “unidade de conservação e proteção integral”. Nossa Tauá encontra-se dividida por grandes bairros: Cidade Nova, José Alexandrino Nogueira, Manoel Alves Mota, Alto Brilhante, José Holanda Lima, Bezerra de Sousa, Tauazinho, Nova Aldeota, Alto do Cruzeiro, Colibris, Centro, Luiz Antônio de Oliveira Sousa, Francisco Soares de Carvalho, Sebastião César Rêgo e Alto Nelândia.

Inicialmente, consoante já evidenciado neste trabalho, em 03 de maio de 1802, foi erigia a então povoação existente, em Vila, com a denominação de São João do Príncipe. Em 2 de fevereiro de 1889, por determinação do Marechal Deodoro da Fonseca, muda o seu nome para São João do Príncipe dos Inhamuns e, em seguida, pela Lei nº 485 de 14 de outubro de 1898, esse nome foi substituído em definitivo para “Tauá”. Através da Lei Estadual nº 2.677 de 02 de agosto de 1929, a vila foi transformada em definitivo em cidade, cujo ato se deu na administração de Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, primeiro interventor federal no Ceará.

Importante observar, conforme anotado no site: www.ceará.com.br, que a evolução política de nossa terra, com o propósito da sua elevação à categoria de Vila tem como precedente Ordem Régia, datada de 22 de julho de 1766 e Portaria Governamental da Província, datada de 14 de dezembro de 1801. Neste último instrumento e em atendimento ao contido na Ordem Régia, designou o então governante Bernardo Manuel de Vasconcelos ao Ouvidor Geral José da Silva Coutinho, tendo como finalidade examinar, em Tauá, as condições inerentes à transformação do povoado em Vila.

Aliás, na obra “Um tributo a Joaquim de Castro Feitosa 100 anos”, às fls. 184, encontrei algo importante para o contexto deste nosso trabalho, ao se referir a “Certidão de Nascimento de nossa Tauá”. Revelam as autoras que no livro Data de Sesmarias – Ceará – volume 06 – Ano 1925, sob o número 444, de 06 de julho de 1717, constam:

“Data de Sesmaria do Capitão Luiz Coelho Vidal e seu companheiro, de seis léguas de terra no riacho Tauhá, concedida pelo Capitão-mor Manoel da Fonseca Jaime, em 06 de julho de 1717 – às fls. 135 a 135 v. do livro das Sesmarias”.

Rezisto da data do Capitam Luiz Coelho Vidal do Riacho Tauhá e João Almeida Vieira, Manoel da Fonseca Jaime Capitam Mayor da Capitania do Ceará Grande Governador

da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção por sua Majestade que Deus goarde etx. Faço saber q esta carta de data e Sismaria virem q porquanto me representou adizer em sua petição o Thenente Luiz Coelho Vidal e João de Almeyda Vieira q eles tem seus gados vacuns e cavalares e não tem terras em que os possão criar e pro que tem descuberto hum rizcho chamado Tahuhá”.

XIII – O nome Tauá - significado

O nome “Tauá”, segundo escreve Heitor Feitosa Macedo¹⁴¹, é indígena, pois “Tauá”, na língua Tupi, significa “argila”, “barro”. É curioso, diz o autor, “ainda hoje, encontrar pelos campos pessoas que usam o termo “toá” para fazer referência ao barro de boa qualidade”. Ressalta que, “até 1706, o território dos Inhamuns era habitado por diversos povos nativos: Jucá, Inhamum, Quixelô, Kariú, Icó, Karatiu, Kondadu e outros”. Ocorre que, acrescenta, “daquele ano em diante, as invasões brancas foram intensificadas e muitos índios terminaram sendo mortos e escravizados, e, por consequência, integrados às fazendas e metidos à força nas missões religiosas”. Todavia, segundo se constata na história, “uma parte deles optou por fugir para as matas, indo residir nas caatingas, nas serras e em outras paragens mais distantes. Na corrida pela apropriação das terras recém-invadidas, Luís Coelho Vidal conseguiu obter enormes porções, a partir do ano de 1717, no riacho “Jucá Ayore”, na língua dos brancos, “Riacho da Roça”; bem como no riacho e no poço chamado “Raram”, os quais desaguavam no riacho Poyú, nome que ainda hoje é conservado e batiza uma antiga fazenda, a do “Puiu”, pertencente a Antônio Esteves da Costa, isto no ano de 1708. Luís Vidal, também no ano de 1717, conseguiu outra sesmaria localizada ao pé da serra do “Quinancuiú” (hoje, Quinamuiú) a qual continha um poço e um riacho que os índios Jucás denominavam “Vayaryre”. Não bastasse neste mesmo ano”, diz, “Vidal recebeu mais uma gleba de terra aos pés da dita serra, a qual também era cognominada de “Guinancoyû”, desta vez, às margens do riacho chamado Tahuhá. Em 1718, Luís Vidal conseguiu outra fazenda no rio Favelas, no olho d’água dos Cariús. Essas áreas correspondem à atual cidade de Tauá e, talvez, a todo o território do nosso município. No ano de 1724, houve uma guerra civil motivada pela apropriação de terras. - Brancos comandando exércitos particulares de índios, esbulhavam e usurpavam imóveis de outros brancos, os quais agiam da mesma maneira. Foi assim, nessas lutas, que Luís Vidal Coelho e alguns de seus aliados foram mortos pelos índios Jenipapos e Cariús, bem como pelo alferes Francisco Alves Feitosa (Júnior), João da Fonseca Ferreira (tio dos Montes e dos Mendes Lobato), Antônio de Sousa Gularte (bisavô paterno de Bárbara Pereira de Alencar), Geraldo Correia, João Barbosa, Francisco Lopes e Manoel Furtado Leite”.

¹⁴¹ Publicação Facebook de 25 de maio de 2020

XIV – O serrote do Quinamuiú e o cruzeiro existente no seu cume



O Serrote do Quinamuiú é uma formação geológica situada a Oeste da sede do nosso município. Em dialeto indígena significa "serra perto d'água. É, em verdade, local de visitação turística de Tauá. O seu ponto mais alto tem altitude de aproximadamente 500 metros. Diz-se ser um dos mais belos serrotes do Estado do Ceará. Referido ícone natural tauaense, pela sua beleza e localização e referência para todos os filhos de Tauá, encontra-

-se protegido pela Lei Municipal nº 1317, de 29 de abril de 2005, que o torna Unidade de Conservação e Proteção Integral.

No cume do Serrote do Quinamuiú¹⁴², destaque ecológico da nossa Tauá, encontra-se fincado um Cruzeiro, cuja edificação ocorreu quando da passagem do século XIX, tal como informa Salete Vale,¹⁴³ no trabalho já referido.

XIV.I. – Reverência ao Serrote do Quinamuiú

Reverenciando o Serrote do Quinamuiú, o consagrado poeta cordelista tauaense apaixonado por sua terra natal, como se diz no linguajar popular, Paulo de Tarso, meu ex-aluno quando labutei no magistério nos idos de 1979/1984, no glorioso Ginásio Antônio Araripe, através de poema brilhante, com a inspiração somente inerente a grandes escritores, escreveu:

Serrote do Quinamuiú, um colossal de Tauá

Serrote do Quinamuiú

Bonito cartão postal

Beleza da minha terra

Feito você sem igual

Patrimônio de Tauá

Verdadeiro colossal

É grande guardião

Da minha terra querida

¹⁴² Preservado pela Lei Municipal nº 1317 de 29/04/2005

¹⁴³ Ibidem

*Nossa grande fortaleza
Faz parte da minha vida
Orgulho dos Inhamuns
És nosso amparo e guarida*

*E bem no alto encontramos
Um tesouro verdadeiro
Pois ali foi colocado
Um ostentoso cruzeiro
Lembrando o cristianismo
Nesse chão de boiadeiro*

*Quem passa na minha terra.
Bem ligeiro avistará
Serrote Quinamuiú
Na cidade de Tauá
Beleza assim desse jeito
Em outro canto não há*

*Quem nasceu nessa terrinha
Conhece bem sua glória,
Sabe de toda valia
Parte viça da memória
Patrimônio verdadeiro
E de Tauá grande história.*

*Eis aí a minha homenagem
A essa imensa beleza
Maravilha do sertão
Magnífica grandeza
A existência de Deus
Em forma de natureza¹⁴⁴*

Tauá, ao longo dos anos, cresceu e se desenvolveu, tornando-se a grande metrópole dos Inhamuns. Na nossa metrópole se encontram instalados inúmeros serviços, inúmeras repartições públicas, comércio ativo, univer-

144 Paulo de Tarso – O poeta de Tauá.

sidades, escolas, públicas e privadas, igrejas, os quais merecem ser citados não na sua integralidade, por ser impossível fazê-lo em um trabalho como este, mas refiro-me, porém, àqueles que se reputam de vulto expressivo à contemporaneidade tauaense.

XV - Tauá no plano geográfico

Tauá é hoje, o segundo maior município do estado do Ceará em área territorial, medindo 4.018,19 Km². Tem "Latitude de 6° 00' 11". "Longitude de 40° 17' 34". Possui clima tropical quente semiárido com chuvas de fevereiro a abril. Seu relevo caracteriza-se por depressões sertanejas e maciços residuais. Sua vegetação é composta por floresta caducifólia espinhosa e caatinga arbústea aberta. No ano chove aproximadamente em média 597,2 mm. Seu recurso hídrico é composto pelos açudes Broco, Cachoeira I, Ingá, Mutuquinha, Santa Teresa, Trici, Favela, Várzea do Boi e Forquilha II, adutores e poços profundos. A população encontra-se estimada em cerca de 60.000 habitantes, encontrando-se cerca de 60% na sede e 40% nos distritos, Possui uma densidade demográfica de 12,93 há/Km² e uma taxa de urbanização de 51,44%. O seu Produto Interno Bruto – PIB é estimado em R\$ 171, 435. Agropecuária 17,14%; Indústria 7,64%; Serviços 75,22%; Receita orçamentária estimada em R\$ 60.000.000,00. Na educação, a taxa de alfabetização alcança 65% aproximado; A Taxa de escolaridade no ensino fundamental eleva-se a cerca de 102,00% e no ensino médio 70%. O eleitorado de Tauá gira em torno de 50.000 eleitores. Segundo dados colhidos da estação convencional do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) no município de Tauá, precisamente no bairro dos Colibris, referentes ao período de 1968 a 1970 e a partir de 1973, a menor temperatura registrada em Tauá foi de 11,6 °C em 26 de julho de 1975 e a maior atingiu 39,4 °C em 19 de outubro de 2016. Tauá, registra uma média aproximada de 32 °C.

XVI - Formação administrativa de Tauá no tempo¹⁴⁵

Segundo informações colhidas junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE¹⁴⁶, o município de Tauá, ao longo dos anos, sofreu grandes alterações, as quais resolvi considerá-las nesse trabalho para que, assim, todos nós leitores pudéssemos vislumbrar de forma mais amiúde às passagens da nossa história que, ao que se sabe, rica de detalhes. Vejamos.

- Distrito criado com a denominação de São João do Príncipe de Inhamuns pelo Decreto de 17-08-1832, subordinado ao município de Quixeramobim.

- Elevado à categoria de vila com denominação de São João do Príncipe de Inhamuns pela Portaria de 14-12-1801. Sede na povoação de São João do

¹⁴⁵ Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/historia-de-taua>. Acesso em: ago. 2015.

¹⁴⁶ Disponível em: Cidades.ibge.gov.br.

Príncipe de Inhamuns, sendo desmembrado de Quixeramobim. Instalado em 03-05-1802.

- Pela Lei Provincial n.º 181, de 16-09-1839, é criado o distrito de Flores e anexado ao município de São João do Príncipe de Inhamuns.

- Pela Lei Provincial n.º 1.405, de 02-08-1871, é criado o distrito de Marrecas e anexado ao município de São João do Príncipe de Inhamuns.

- Pela Lei Provincial de 02-09-1874, é criado o distrito de Marruás e anexado ao município de São João do Príncipe de Inhamuns.

- Pelo Decreto n.º 1, de 02-12-1889, a vila de São João do Príncipe de Inhamuns passou denominar-se São João das Inhamuns.

- Pela Lei Estadual n.º 485, de 14-10-1892, a vila de São João de Inhamuns passou a denominar-se Tauá.

- Em divisão administrativa referente ao ano de 1911 o município aparece constituído de 4 distritos: Tauá, Flores, Marregas e Marruás.

- Elevado à condição de cidade com a denominação de Tauá pela Lei Estadual n.º 2.677, de 02-08-1929. Sob a mesma Lei é criado o distrito de São Pedro da Cachoeirinha e anexado ao município de Tauá.

- Pelo Decreto Estadual n.º 193, de 20-05-1931, Tauá adquiriu o território do extinto município de Arneiroz, como simples distrito.

- Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído de 7 distritos: Tauá, Arneiroz, Barra Nova, Cococi, Flores, Marrecas e São Pedro da Cachoeirinha.

- Pelo Decreto Lei n.º 1.404, de 12-12-1934, é criado o distrito de Marruás e anexado ao município de Tauá.

- Pela Lei n.º 158, de 04-12-1936, é criado o distrito de Santo Antônio das Carrapateiras e anexado ao município de Tauá.

- Pela Lei n.º 263, de 28-12-1936, Tauá adquiriu o distrito de Santa Catarina do município de Saboeiro.

- Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937 o município aparece constituído de 9 distritos: Tauá, Arneiroz, Barra Nova, Cococi, Flores, Marrecas, Marruás, Santo Antônio das Carrapateiras e São Pedro da Cachoeirinha.

- Pelo Decreto Estadual n.º 448, de 20-12-1938, o distrito de São Pedro da Cachoeirinha passou a denominar-se simplesmente Cachoeira. Santo Antônio das Carrapateiras passou a denominar-se Carrapateira. Sob a mesma Lei é criado o distrito de Nova Cruz, com terras desmembradas do distrito de Marruás.

- No quadro fixado para vigorar no período de 1939 a 1943, o município é constituído de 10 distritos: Tauá, Arneiroz, Barra Nova, Cachoeirinha ex-São Pedro da Cachoeirinha, Cococi, Flores, Marrecas, Marruás, Nova Cruz, Carrapateiras ex-Santo Antônio das Carrapateiras.

- Pelo Decreto Estadual n.º 1.114, de 30-12-1943, o distrito de Cachoeirinha passou a denominar-se Parambu, Nova Cruz passou a denominar-se Inhamuns e Flores passou a denominar-se Trici.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950 o município é constituído de 10 distritos: Tauá, Arneiroz, Barra Nova, Carrapateiras, Cococi, Inhamuns ex-Nova Cruz, Marrecas, Marruás, Parambu e Trici. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1955.

- A Lei Estadual n.º 3.338, de 15-09-1956, desmembra do município de Tauá os distritos de Parambu e Cococi, para constituírem o novo município de Parambu.

- A Lei Estadual n.º 3.554, de 14-03-1957, desmembra do município de Tauá os distritos de Arneiroz, elevado à categoria de município.

- Em divisão territorial datada de 1-VII-1960 o município é constituído de 7 distritos: Tauá, Barra Nova, Carrapateiras, Inhamuns, Marrecas, Marruás e Trici. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1955.

- A Lei Estadual n.º 6.484, de 29-08-1963, desmembra do município de Tauá os distritos de Carrapateiras e Barra Nova, para formarem o novo município de Carrapateiras.

- A Lei Estadual n.º 6.663, de 14-10-1963, desmembra do município de Tauá os distritos de Inhamuns e Marruás, para constituírem o novo município de Inhamuns.

- A Lei Estadual n.º 6.395, de 03-07-1963, desmembra do município de Tauá o distrito de Trici, elevado à categoria de município.

- A Lei Estadual n.º 6.472, de 18-08-1963, desmembra do município de Tauá o distrito de Marrecas, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963 o município é constituído do distrito sede.

- Pela Lei Estadual n.º 8.339, de 14-12-1965, o município de Tauá adquiriu o extinto município de Barra Nova, Carrapateiras, Inhamuns, Marrecas, Marruá e Trici, como simples distrito.

- Em divisão territorial datada de 31-XII-1968 o município é constituído de 7 distritos: Tauá, Barra Nova, Carrapateiras, Inhamuns, Marrecas, Marruás e Trici. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1983.

- Pela Lei Estadual n.º 11.314, de 15-05-1987, é criado o distrito de Santo Tereza e anexado ao município de Tauá.

- Em divisão territorial datada de 1995 o município é constituído de 8 distritos: Tauá, Barra Nova, Carrapateiras, Inhamuns, Marrecas, Marruás, Santa Teresa e Trici.

A seguir, com maior amplitude, passaremos pela história das localidades distritais de nossa terra, demonstrando suas origens, sua gente, suas instituições públicas, privadas e eclesiásticas, e suas principais tradições.

XVII – Conhecendo a sede e os bairros de Tauá

Através da Lei Municipal de nº 187, de 18 de agosto de 1959, a sede do município de Tauá, restou dividida em dois grandes perímetros (urbano e suburbano), assim delimitados, na conformidade do que consta no Artigo 1º, Inciso I, letras “a” e “b”):

a) Perímetros Urbanos: Partindo, ao Norte da casa de taipa pertencente a Francisco Gonçalves da Silva, localizada em frente ao cemitério público, tem a direção do Sul pelos quarteirões do lado pendente das ruas Santos Dumont, Cel. Lourenço Feitosa, Fausto Barreto e Praça Henrique Andrade, até encontrar o terreno murado de propriedade do Senhor Inocêncio Máximo da Costa daí tomando o rumo do Nascente e passando pela casa de oficina de Ferreiro de José Cardoso de Sousa, atravessando o terreno cercado pertencente a este, vai a linha reta até as cercas do Senhor João Casimiro, em terreno confrontância com os quarteirões do Nascente de Sete de Setembro; deste ponto, seguindo, ainda, pelas cercas de João Casimiro, em terreno vago de 50 metros e atravessando a rua Senador Pompeu, atinge a primeira edificação da rua 7 de Setembro, seguindo por esta rumo ao Norte até a esquina da murada do Ginásio Antônio Araripe com a rua 2 de Agosto; daí, toma o rumo ao Poente pela dita Rua 2 de Agosto, vai até a casa onde funciona a Associação de Proteção aos Pobres de Tauá, esquina com a rua Joaquim Távora; deste ponto, rumo diretamente para o Norte pela dita rua Joaquim Távora, indo por esta até o fim do terreno murado do cercado de Alcides Feitosa até a Confrontância com o ponto de partida, daí em linha reta por terreno vago de, aproximadamente, 80 metros, até, ao ponto de partida.

b) Perímetros Suburbanos: Partindo do lado Norte do cemitério público, com direção ao Poente, vai por terreno vago em linha reta, de aproximadamente 100 metros até o meio do cercado pertencente a Francisco Alves Freitas, no ponto confrontante com o oitão do Sul propriedade deste denominada Vila Mimosinha, daí continuando por dentro do cercado pertencente a este Senhor atravessando o Rio Trici, em linha reta, até atingir o prédio da Sede Agrícola; deste ponto tomando a direção do Nascente, passando pelas Escolas Normal Rural, Escola Fazenda, vai até atingir o canto do cercado de Maria Ribeiro, à margem direita do Rio Trici; daí, segue rumo ao Sul, em linha reta, por terreno cercado dos herdeiros de Luis Alexandrino de Oliveira, até atingir o canto do terreno murado destes proprietários; deste

ponto, ainda seguindo pelo terreno murado rumo do Poente, confrontando com a propriedade de Cândido Laurindo, tem a direção do Sul, até chegar à casa de José Calixto; daí, novamente, toma a direção do Poente até o ponto confrontante com a casa de Ana Pueira; partindo deste ponto, em rumo ao Sul, passando pela casa de Ana Pueira, vai pelas edificações seguintes, atravessando a estrada de Rodagem de Tauá a Parambu, vai até a casa de propriedade de José Rosa; deste ponto tomando a direção Nordeste, vai em linha reta por dentro do cercado pertencente a José Rosa até o beco de cerca com Lulu Lima; e daí, por este beco de cercas, segue diretamente para o Nascente, atravessando o Rio Trici, até atingir a casa de José Gaita; deste ponto toma a direção Sul, vai à casa de Pedro Matias, e desta tomando novamente a direção do Nordeste, atinge a casa de propriedade de Enéas Alves de Oliveira, continuando este rumo pela margem esquerda da Estrada Fortaleza – Brasília, vai até o canto do Nascente do Hospital São Francisco em construção; e deste ponto tomando a direção do Norte, passando pelas cercas de Jorge Moreira Dias, em linha reta, vai até o ponto confrontando com a casa pertencente a João Vieira de Sousa; finalmente, deste ponto, toma a direção do Poente, atingindo a casa de Joaquim Julião, e daí, diretamente, até o ponto de partida.

XVIII – Quantitativo de estabelecimentos privados e públicos existentes em Tauá

Segundo consta no site: applocal.com.br, no centro da nossa cidade, encontram-se instalados 195 estabelecimentos comerciais, distribuídos entre os seguimentos da cadeia do comércio, serviço, indústria e outros, com destaque para 21 Supermercados, 8 Cerealistas, 7 Farmácias e Drogarias, 6 Lojas de Móveis, 5 Bazares, 5 Casas de Construção, 5 Casas de Materiais de Construção e outros.

Na sede do município, encontram-se instalados, a sede da Administração Municipal; o Hospital Regional Alberto Feitosa Lima; a Câmara Municipal; a Academia de letras; o Colégio Antônio Araripe; Escolas Municipais e Estaduais com foco no ensino pré-escolar, médio e fundamental; Faculdades, das quais se destacam: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE; Escola Estadual de Educação Profissional - EEEP; CECITEC, que oferece os cursos de Ciências Biológicas, Química e Pedagogia; Pólo da Universidade Norte do Paraná - Unopar, funcionando junto ao Colégio Antônio Araripe; Pólo da Universidade Vale do Acaraú; Emissoras de Rádio; Fórum da Justiça Estadual, Eleitoral e Federal; Parque de exposições; Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e São José, além de outras capelas católicas; Igrejas Evangélicas; Parque da Cidade; Clínicas médicas, fisioterápicas e odontológicas; Escritórios de advocacia; Comércio dos mais diversos possíveis; Museus; Bibliotecas; Centro de artesanato, além de outros serviços necessários à ordem social, econômica e política do município.

E ainda: Associação Beneficente Cultural Serra do Quinamuiú, Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural, Associação de Pais e Com da Escola de 1 e 2 G D Feitos, Associação dos Agentes de Saúde da Região dos Inhamuns, Antônia Maria Gomes A G F Serviços Ltda., A Tomaz Filho Agropecuária Me, A. G. F. Serviços Ltda., Adglnt Farmácia de Manipulações Ltda., Agamenon Rêgo Maranhão, Agencia de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará Ad, Alceu Gomes Bonfim Me, Banco do Brasil SA, Banco do Nordeste do Brasil AS, C A Aparecido ME, Câmara de Dirigentes Lojista de Tauá Ceará, Câmara Municipal de Tauá, Cartório José Lúcio Primeiro Ofício, Cartório do 2º Ofício, Casa Civil, Cavalcante Mota Comércio de Pneus Acessórios Serviço, CE Gov Polícia Militar do Ceará, Secretaria da Fazenda do Ceará, Centro de Educação de Trânsito Ltda. -Cenetran, Centro Infantil Betesda, Clínica Pronto Socorro Dr Alberto Feitosa Sc Ltda., Comercial de Medicamentos Inhamuns Ltda., Comercial de Petróleo Café Ltda., Companhia de Água e Esgoto do Ceará Cagece, Companhia Energética do Ceará, Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Condorcet Lustosa, Congregação Crista No Brasil, Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, Cooperativa dos Pequenos Produtores dos Inhamuns Ltda., Cooperativa dos Produtores de Ovinos e Caprinos de Tauá, Departamento Estadual de Trânsito, Diocese de Crateús, E. C. Lacerda ME, Posto Imperial, Inhamuns Assessoria, Inhamuns Distribuidora de Bebidas Ltda., Inhamuns Frangos Ltda., Inhamuns Motos Ltda., Instituto Centro de Ensino Tecnológico, Polícia Civil, Posto Br Central, Poupa de Frutas Irmãos Fernandes Ltda., R Remos Ótica Ltda. ME, J Cidrão Massilon, J G Matos e Cia Ltda., J. D. Massilon Motos Ltda., J. Massilon Eletromóveis Ltda., Jl Gomes e Cia Ltda., Amauri Cavalcante Filho ME, Francisco C M Batista ME, Francisco Francinesio Alves Cavalcante ME, Emp. de Assist. Tec. e Ext. Rural do Est. do CE Ematerce, F e Gonçalves Sousa ME, F Hélia Gomes Bonfim, F T Cidrão Souto, F. de Assis Neto ME, Farmácia Ana Nery Ltda., Farmácia Inhamuns Ltda., Francisco de Paiva Melo e Cia Ltda., Geovan Arruda Braga ME, Hr Comercio e Serviço de Informática Ltda., Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Lemos Sousa Implementos Agrícolas Ltda., Demontier de Lima & Cia, S. M. A. Feitosa Gonçalves ME, Sanea Abastecimento e Saneamento Ltda., Sct Informática, Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, Secretaria de Educação Básica, Light Data Informática e Consultoria Ltda., Light Data Informática e Desenvolvimento de Programas, Lojas Mathias Ltda., M J C Massilon ME, M Feitosa Moreira Gomes Bonfim ME, M Rêgo Cia, M.C.FF Promotora e Administradora de Créditos e Cobrança, Maésio Cândido Vieira ME, Maria do Socorro Araújo Carvalho ME, Supermercado O Dedezinho, Supermercado Super Inhamuns, T P de Sousa ME, L. M. Castelo, L.I. Comercial de Medicamentos Ltda. ME, Moisés Gomes de Lima ME, Nacional Comércio e Serviços de Refrigeração Ltda., P Santos & Cia Ltda., Vilarouca e SA Ltda., - Viúva de João Marcelino Ltda., e Zuleide Coutinho de Loiola ME. E outros.

XIX - Residentes na sede de Tauá

Ao longo do tempo residiram ou residem no Centro e nas adjacências da nossa cidade, as seguintes pessoas, dentre muitas outras: Abigail Cidrão de Oliveira, Abner de Matos Vital, Abner Ferreira dos Reis, Abraão Venâncio Scarcela, Acrizio Loiola Lima, Adalberto Bastos Cavalcante Neto, Adalgiza Silva dos Santos, Ademar Albino Peixoto, Ademar Carlos de Moraes, Aderlo Feitosa Andrade, Aderson Feitosa Lima, Adyone Alves Vital, Aglacilda de Sousa Evangelista, Agostinha Moreira Dias Lopes, Aila Maria Benevides Teixeira, Alana Regia de Oliveira Garcia, Albertina de Brito Gomes, Alberto Araújo Oliveira, Alceu Gomes Bonfim, Alda Cavalcante Melo, Alda Celia Arlindo Gonçalves, Alexandra Fernandes dos Santos, Alexandre Cavalcante da Silva, Alfredo Veríssimo da Silva, Alice Maria Alves Vital, Aline Alves Vital, Alonso Rozendo Lima, Altina de Sousa Loiola, Amâncio Cordeiro Gomes, Amauri Cavalcante Filho, Ana Alves Neta, Ana Araújo de Matos, Ana Clarintino de Sousa, Ana Cristina Teixeira Leitão, Ana Custodio Evangelista Mota, Ana Furtado de Souto, Ana Lúcia Gonçalves de Oliveira, Ana Lúcia Pereira de Sousa, Ana Maria Gonçalves Bizerra, Ana Maria Lima do Carmo, Ana Maria Soares Campelo Cavalcante, Ana Neri Cidrão Caracas, Ana Pereira de Melo, Anália de Lourdes Santos, Ananias Alves Neto, Anastácia Ximenes Pessoa, Andreia Augusta da Silva Castro, Andreia Domingos da Silva, Ângela Dóris Wanderley, Anilton Pereira de Oliveira, Antônia Albecir Alexandrino Feitosa, Antônia Almeida Loiola, Antônia Alves Bezerra, Antônia Alves de Araújo, Antônia Alves de Oliveira, Antônia Alves Ferreira, Antônia Alves Pereira, Antônia Alves Rodrigues Feitosa, Antônia Alves Veríssimo, Antônia Alzira de Almeida, Antônia Aparecida de Aquino da Silva, Antônia Aparecida de Oliveira, Antônia Araújo da Silva, Antônia Barbosa Lima, Antônia Batista Lima, Antônia Batista Lima Me, Antônia Bezerra Pedrosa, Antônia Birro dos Reis, Antônia Celia Belizário, Antônia Celia Rodrigues dos Santos, Antônia Chaves de Souza Rodrigues, Antônia Creusa Teixeira do Nascimento, Antônia de Alencar Gonçalves, Antônia Dilurdes Soares de Melo, Antônia Diniz Pereira, Antônia do Rosário Cavalcante, Antônia Dolidé Carvalho Jataí, Antônia dos Anjos Bizerra Nóbrega, Antônia Edinilda Cavalcante Lima, Antônia Erileide Almeida da Silva, Antônia Evangelista da Silva, Antônia Fernandina Carlos Moreira, Antônia Ferreira do Nascimento de Almeida, Antônia Girlandia Barreto Gonçalves, Antônia Gomes Vidal, Antônia Gonçalves de Oliveira, Antônia Gonçalves Loiola, Antônia Gonçalves Mariano, Antônia Inacinia de Oliveira, Antônia Iracilde Alves Cavalcante, Antônia Isleide Carlos dos Santos, Antônia Ivanusa Francellino Moreira, Antônia Jocilene Cavalcante Araújo, Antônia Joselandia Carneiro da Silva, Antônia Josineide Monteiro Pedrosa, Antônia Kelliane Alves dos Santos, Antônia Laubercki Alexandrino Loiola, Antônia Leonarda Pedrosa, Antônia Loiola Lima, Antônia Loiola Mota, Antônia Lucielma Araújo Sousa, Antônia Lucivanda Bastos, Antônia Maria de, Antônia Maria Maia Amorim Leite, Antônia Maria Noronha de Aguiar, Antônia Maria Soares

Soriano, Antônia Marques Castro, Antônia Martins da Silva, Antônia Matias da Silva, Antônia Moreira de Sousa, Antônia Oliveira de Almeida, Antônia Pereira Lima, Antônia Pereira Lino, Antônia Raquel da Silva Lima, Antônia Rita Araújo Feitosa, Antônia Rita Gonçalves Bezerra, Antônia Robervania Gomes, Antônia Rodrigues da Silva Lima, Antônia Rodrigues de Macedo, Antônia Rodrigues de Oliveira Lira, Antônia Rufino de Souza, Antônia Sandra Alves, Antônia Soares de Araújo, Antônia Vieira Fernandes, Antônia Vera Lúcia Oliveira da França, Antônia Veríssimo Holanda, Antônia Vicente Delizario, Antônia Vilma Oliveira Mota, Antônia Wriete Alves Wictor Gonçalves, Antônia Zélia de Sousa, Antônia Zila Urbano Jataí, Antonieta Cosme de Sousa, Antonieta Zulmira Cazuzza, Antonilda da Silva Lima, Antonino Xavier da França Me, Antônio Adauto Veríssimo da Silva, Antônio Alberto B Soares, Antônio Alberto Benevides Soares, Antônio Alberto Cavalcante, Antônio Alberto de Araújo Teixeira, Antônio Alexandrino Feitosa, Antônio Alves Correia Neto, Antônio Alves da França, Antônio Alves dos Santos Filho, Antônio Alves Lima, Antônio Araken Ribeiro Tupinambá, Antônio Ari de Sousa, Antônio Artaguinan Soares da Costa, Antônio Bizerra, Antônio Cândido Rodrigues, Antônio Carlos Alves de Souza, Antônio Chagas Sobrinho, Antônio Cleber Feitosa, Antônio Cleber Sales, Antônio Cordeiro da Costa, Antônio Coutinho Sobrinho, Antônio Daniel Machado, Antônio Darisval Campelo Cariolano, Antônio Edilson Leitão Lima, Antônio Ednardo Oliveira Pinheiro, Antônio Edvanir Alves de Oliveira, Antônio Elivaldo Pedrosa, Antônio Evangelista Cândido, Antônio Fernandes de Oliveira, Antônio Ferreira do Nascimento, Antônio Ferreira Filho, Antônio Ferreira Martins, Antônio Francisco da Silva, Antônio Francisco Filho, Antônio Gomes Lima, Antônio Gonçalves de Oliveira, Antônio Gonçalves Mariano, Antônio Gonçalves Nóbrega, Antônio Gregório da Silva, Antônio Hortêncio Coelho, Antônio Iran Vital, Antônio Jaci Sobreira, Antônio Januário Cavalcante, Antônio José Bezerra de Sousa, Antônio José de Araújo Gomes, Antônio Leite Filho, Antônio Leonardo Fernandes, Antônio Levi Torres Vital, Antônio Lisboa Lima, Antônio Lucas Pereira do Nascimento, Antônio Marcio Alves de Sousa, Antônio Marcos de Araújo, Antônio Mendonça, Antônio Moreira Cavalcante, Antônio Natanael Rodrigues Leitão, Antônio Neudson Falcão Loureiro, Antônio Nonato de Almeida, Antônio Odorico Noronha, Antônio Paixão Alves de Oliveira, Antônio Paz de Araújo Moraes, Antônio Pedro Lins, Antônio Pereira Lo, Antônio Pinheiro Evangelista, Antônio Rodrigues de Amorim, Antônio Sampaio Bezerra, Antônio Sebastião de Sousa, Antônio Teixeira da Silva, Antônio Valclides Fernandes Mota, Antônio Valdecrer de Sousa Cavalcante, Antônio Valdivino Filho, Antônio Valdizar Noronha, Antônio Vicente das Chagas Neto, Antônio Vieira Filho, Antunina Teixeira de Oliveira, Apolônio Cavalcante Mota, Aprígio Julião de Sousa, Arisly Maria de Oliveira Rocha, Armando Cavalcante Mota, Armando Setúbal de Araújo, Assis Torquato da Silva, Auderi Almeida Silva Oliveira, Aureliano Sales Moreira, Aurení de França Noronha, Auricelia Fernandes de Oliveira, Barbara Pinto Guimarães, Beatriz de Oliveira Leitão Gaspar, Benedita Pereira de Sousa, Benedito

Araújo Bezerra, Benedito Leite da Costa Neto, Benedito Nonato Pereira, Benilson Gonçalves da Silva, Benvinda Almeida dos Prazeres, Bernarda Feitosa Lima, Cândido Alexandrino Barreto Neto, Cândido Rosalbo, Canuto Pessoa de Carvalho, Carliane Araújo Silva, Carlindo Menezes da Silva, Carlos Aceles Ribeiro, Carlos Augusto Custodio Lima, Cátia Teixeira Leite Gonçalves, Cecília de Oliveira Cavalcante, Celestino Alves da Silva, Celia Maria Gomes Teixeira, Cícero Alves Correia, Clarice Melo Cavalcante Martins, Clarinda de Melo Neta, Claudemir de Sousa Mota, Cláudia Andrea Viana da Costa, Cláudia Urbano Jataí, Cláudio Rogerio Pereira de Oliveira, Claudenes Lima Alexandrino, Cleria Moreira dos Santos, Cosme da Silva Brito, Creusa Carlos Gregório, Creuza José da Conceição, Creuza Loiola Neta, Creuzalina Oliveira Almeida, Cristina Alves de Azevedo, Cristina Ferreira Sampaio, Cristirene Alves de Oliveira, Dacira Caracas, Damião Estrela da Silva, Daniel Cordeiro do Nascimento, Daniel Petronilio Calaca, Daniel Scarcela Venâncio, Daniel Soares de Sousa, Daniela Moreira Loiola, Danillo Júlio Feitosa de Medeiros, Darlangia Maria Silva Sabóia, Darley Layane Lucio dos Santos, Dauana Vale Cavalcante, Delaidia Felix Cavalcante, Delmiro Alves Lima Neto, Diogo Clarentino de Sousa, Diomar dos Reis da Silva, Diomar Gomes da Silva, Diva Vieira Lima, Domiciana Moreira Cavalcante, Domingos Correia Neto, Domingos Ferreira do Nascimento, Domingos Marinho Neto, Donata Coelho de Souza, Edésio Lima Vieira, Edilene Alves Moreira Sales, Edilso Gonçalves de Lima, Edilson Alves Bezerra, Edilvana Maria Reis e Silva, Edmilson Gonçalves de Sousa, Edson Gonçalves de Sousa, Edson Ribeiro de Almeida, Eduardo Alves da Silva, Edvania de Souza Gomes, Egberto Feitosa, Elcias Bezerra Cavalcante, Eliane Freitas Lima Mota, Eliezer Ferreira Dias, Elisabete Gonçalves Rêgo, Elisângela Rodrigues de Melo, Elisbete Ferreira Lima, Elizabeth Araújo de Sousa, Elizângela Maria Alves Feitosa, Emilia Almeida Cardoso, Ênio Rogimar Almeida Della Vechia, Erica Pereira Souza, Ermilson Bezerra Franco, Esperança Siqueira de Sousa, Etiane Kelly Alves Rodrigues, Eudes Martins da Cruz, Eufrásio Gomes de Freitas, Eufrásio Teixeira Cavalcante, Eulina Gonçalves Lima, Eurice Gonçalves da Silva, Eva Leonarda Mota, Evandro Souza Araújo, Evanir Oliveira de Almeida, Felix Alves de Sousa, Felix Gonçalves Lima, Fernando Herbert Bezerra Medeiro, Filomena Bezerra Leite, Francidalva Domingos de Araújo, Francimeiry Martins de Oliveira, Francinete Ferreira de Souza, Francisca Alaíde Silva Oliveira, Francisca Alves de Araújo, Francisca Alves de Sousa, Francisca Alzenir Rodrigues, Francisca Amélia da Silva, Francisca Ana da Silva, Francisca Aurileide Sales Gonçalves, Francisca Avilar Siqueira, Francisca Batista Lopes, Francisca Bezerra Vale, Francisca Borges Cavalcante, Francisca Brígido de Barros, Francisca Campos de Araújo, Francisca Cândida da França, Francisca Cândida da França Oliveira, Francisca Cardoso da Silva, Francisca Carlos Venâncio, Francisca Cavalcante Gonçalves, Francisca Cidrão Barreto, Francisca Danira Caraça, Francisca das Chagas dos Santos, Francisca de Sousa Lima, Francisca Diacisa de Sousa, Francisca Ednalda Abreu Pedrosa, Francisca Edvanir Mota, Francis-

ca Elioneide Santos Mota, Francisca Elizângela Fernandes Cedro, Francisca Fernandes Moreira, Francisca Ferreira do Nascimento, Francisca Ferreira dos Reis, Francisca Ferreira dos Santos, Francisca Gomes da Silva, Francisca Gomes Setúbal, Francisca Gonçalves da Silva, Francisca Gonçalves Dias, Francisca Gonçalves Fernandes, Francisca Gonçalves Sobrinha, Francisca Ida Cavalcante Jataí, Francisca Iomaria Alves Cavalcante, Francisca Jatai de Lima Santos, Francisca Kelma Oliveira da Silva, Francisca Luiza Furtuna, Francisca Margalene Medeiros de Freitas, Francisca Maria Ferreira dos Santos, Francisca Maria Martins Sousa, Francisca Moreira Alves, Francisca Neta de Farias, Francisca Nilzete da Silva Teixeira, Francisca Oliveira Loiola, Francisca Pereira Amorim, Francisca Pereira Lopes, Francisca Raquel Cidrão Castelo, Francisca Raquel U. Castelo Ximenes, Francisca Ricarte de Oliveira, Francisca Simony Ferreira da Silva, Francisca Siqueira Cavalcante, Francisca Soriana Alves de Oliveira, Francisca Teixeira Leite, Francisca Teixeira Pessoa Feitosa, Francisca Torquato da Silva, Francisca Vanuza de Rodrigues Macedo, Francisca Vieira da França, Francisco Absolon Cavalcante, Francisco Adaildo Brito Leite, Francisco Alcebíades Moreira Dias, Francisco Alexandre Teixeira, Francisco Alves de Sousa, Francisco Alves dos Santos, Francisco Alves dos Santos, Francisco Anadil de Araújo, Francisco Antônio Alves Vital, Francisco Antônio de Lima Paixão, Francisco Antônio Julião, Francisco Antônio Mota Dias, Francisco Assis de Araújo, Francisco Assis Martins, Francisco Assis P. de Melo, Francisco Bezerra Melo, Francisco Cândido de Sousa, Francisco Carlos Filho, Francisco Carlos Matos Mota, Francisco Cavalcante de Sousa, Francisco Cleber Castelo Guedes, Francisco Clemir Feitosa Arrais, Francisco Cosmo Gonçalves Silva, Francisco de Assis Cosme, Francisco de Assis da Silva Nunes, Francisco de Assis Feitosa, Francisco de Assis Figueiredo, Francisco de Assis Lemos Dias, Francisco de Assis Loiola, Francisco de Assis Silva, Francisco de Oliveira Filho, Francisco de Paula Moura, Francisco Dias de Araújo, Francisco Edigle Pedrosa Lima, Francisco Edilberto Martins Feitosa, Francisco Edmar Feitosa Carvalho, Francisco Edo Mota de Abreu, Francisco Elinó de Castro Mota, Francisco Erisbenio Gonçalves Fernandes, Francisco Eudazio Soriano da Silva, Francisco Evangelista Lima, Francisco Ferreira do Nascimento, Francisco Ferreira Filho, Francisco Ferreira Lima, Francisco Ferreira Neto, Francisco Francinaldo Ricarte, Francisco Gomes Cavalcante, Francisco Gonçalves Neto, Francisco Hildson de Sá, Francisco Iderlando Santos Rocha, Francisco Iran Gonçalves, Francisco Ivan dos Santos, Francisco Izael Carlos Noronha, Francisco Joaquim de Souza, Francisco José Carvalho de Araújo, Francisco José de Araújo Medeiros, Francisco José Fernandes Mota, Francisco Leite de Abreu Junior, Francisco Lourivaldo Gonçalves, Francisco Melo Filho, Francisco Morais de Oliveira, Francisco Neuton Vitoriano, Francisco Pereira de Sousa, Francisco Pereira Rodrigues, Francisco Ricarte Moreira, Francisco Rodrigues de Sousa, Francisco Ronaldo Moura, Francisco Sabino Leite Mendonça, Francisco Sabino Moura, Francisco Soares da Silva, Francisco Soares Pedrosa, Francisco Timóteo Freitas, Francisco Tor-

quato da Silva, Francisco Valmir Ferreira Lima, Francivanio Ferreira Montes, Fransina de Loiola, Fúlvio Cavalcante Fernandes Teixeira, Francisco Valneir Gomes Araújo, Francisco Victor Aderaldo Farias, Francisco Vieira da Silva, Francisco Walfrido Fernandes de Araújo, Francisco Wilami Moreira Mota, Gecilda Pereira Carneiro, Geislla Barros Feitosa, Genecléide Mota Noronha Pereira, Genésio Rodrigues de Loiola, Geórgia Gonçalves Holanda Amorim, Geovan Arruda Braga, Geraldina do Carmo Dias, Geraldina Rosema da Costa Oliveira, Geraldo Alexandrino Case, Geraldo Antão Reis de Carvalho, Geraldo de Sousa Pedrosa, Gercina Lourdes da Silva, Gervina Maria Lima Paixão Moreira, Girliane Pedrosa da Silva, Glads Maria Pinheiro Mota, Glaucineide Maria Fialho de Lima Silva, Glaudion Alves da Silva, Gleciani Raimunda do Nascimento, Gonçalves Marcelino de Oliveira, Guiomar Cavalcante de Loiola, Gustavo Gomes de Oliveira, Hamilcar Moreira Dias, Hegberto Pereira Moraes, Helena de Farias Moreira, Heleno Alexandre de Sena, Hermes Chagas da Costa, Honório Alves Feitosa e Castro, Hortalina Alves Loiola, Idelzuite Alves Carvalho, Idemar Loiola Cito, Ileno Leite de Abreu, Inácia Siqueira de Souza, Inácio Torres Fernandes, Inaldo Silva Soares, Iracema Gonçalves Barreto, Iracema Gonçalves Oliveira, Iran Firmino dos Santos Junior, Iran Marques de Oliveira, Iranir Vale Setúbal Cipriano, Irene Alves Batista, Irene Costa de Lacerda, Irismar Alexandrino Gonçalves, Isabel Cristina Caracas Cidrão, Isabel Zuleica de Araújo Pedrosa do Vale, Ivaneide Mateus Tomaz, Ivanete Rosena de Oliveira, Ivo Pinheiro do Nascimento, Ivone Loiola Monteiro, Izabel Alves Vieira, Janylle Clea Araújo da Silva, Janaina Alene Cardoso Cidrão, Janaina Cidrão Cavalcante Mota, Janice Mateus Brígido, Jefferson Cidrão Massilon, Jeizilene Ceci de Lima Sousa, Jesicleide Sesi de Lima Sousa, Joana Darc Abreu de Carvalho, Joana Darc Avelino de Sousa, Joana de Sousa Pedrosa, Joana Leonardo de Oliveira Sousa, Joana Teixeira de Sousa, Joana Maria Facundes de Sousa, João Antônio da Luz, João Arionaldo Moreira Batista, João Batista Vale Torquato, João Bosco de Souza, João da Silva Ferreira, João da Silva Ferreira, João Ferreira Sampaio Filho, João Francisco Pinheiro Cidrão, João Gonçalves Matos, João Gonçalves Sobrinho, João Isac de Carvalho, João Josias de Araújo, João Mendes de Amorim, João Moreira Neto Filho, João Soares Feitosa, João Venâncio de Oliveira, Joaquim Alexandrino Feitosa Gonçalves, Joaquim Alves de Sousa, Joaquim Bezerra da Silva, Joaquim Carlos Neto, Joaquim de Sousa Bastos, Joaquim dos Reis da Silva, Joaquim Fernandes da Silva, Joaquim Ferreira dos Santos, Joaquim George Ferreira Veríssimo, Joaquim Nogueira da Silva, Joaquina Gonçalves Teixeira, Joel Antônio dos Santos, Jomaria Raulino Benevides Silva, Jonatas Fernandes da Silva, José Adail Vieira, José Airton Ferreira Leitão, José Alécio Carvalho Feitosa, José Alexandrino Nogueira, José Alverne Lacerda, José Alves da Silva, José Alves de Almeida, José Alves de Araújo, José Alves de Lima, José Alves dos Santos, José Alves Fernandes, José Alves Pereira, José Araújo Ferreira dos Anjos, José Ariomiro de Lima, José Augusto Fernandes, José Bezerra da Silva, José Bezerra Leite José Cícero Teixeira, José Clayton Lima

Cavalcante, José Clean Benevides de Lima, José Cordeiro de Oliveira, José Correia Filho, José Enildes Pereira Lima, José Ênio Cesar Cavalcante Ricarte, José Ênio da França, José Eronilson Alexandrino Souza, José Eudasio de Oliveira, José Eugenio Cândido de Araújo, José Evangelista dos Santos, José Feitosa Moura, José Fernandes Abrantes, José Ferreira da Silva, José Ferreira Neto, José Filho Neto, José Francisco Sobrinho, José Francisco de Sousa, José Freitas Carvalho Junior, José Garcia Moreira, José Gerônimo Filho, José Gonçalves Lima, José Gonçalves Matos, José Irineu Alexandrino, José Ismael Noronha, José Itamar Benevides Teixeira, José Ivanir Farias, José Jadir de Oliveira, José Júlio Medeiros, José Laerte Gomes, José Marcos de Abreu, José Maria de Barros, José Marques Veríssimo, José Matias F. de Vasconcelos, José Monteiro Pedrosa, José Moreira de Sousa, José Neves Teixeira, José Niltom Rodrigues Cavalcanti, José Oliveira de Sousa, José Paulo dos Santos, José Pedrosa de Oliveira, José Pereira Campos, José Ribeiro do Nascimento, José Roberto Cavalcante, José Rodrigues Santiago, José Romoaldo Fernandes de Sousa, José Ronaldo Martins de Sousa, José Santiago de Oliveira, José Simião Lira da Silva Junior, José Sobreira Monteiro, José Sueli de Araújo, José Teixeira Evangelista, José Ueldo Rodrigues, José Vanderlan Barbosa, José Veríssimo da França, José Vieira de França, José Vieira Mendes, José Walto Moreira Mota, José Wilian Nunes de Andrade, Josefa Alexandrino Loiola, Josefa Alves da Conceição, Josefa Alves Feitosa Neta, Josefa Lima Marques, Josefa Lúcia Clara dos Santos, Josefa Marcelino de Sousa, Josefa Viana Araújo, José Maria Moreira, Josué Scarcela Venâncio, Jovelina Ciriaco Teixeira, Jovina Leopoldina Feitosa Florêncio, Jovina Moreira Angelim Loiola, Jucie Rodrigues dos Santos, Julia Maria Benevides Soares, Julia Moreira Rodrigues, Julião de Sousa Filho, Júlio Alves Lima, Júlio Cesar Costa Rêgo, Júlio Gonçalves Rêgo, Júlio Rodrigues Sobrinho, Juselina Sales Neles, Juts Erico Cavalcante Dias, Juvenal de Sousa Vale, Juvenilia Bezerra Filha, Juvianiana Coutinho Loiola, Keslon Porfirio Alves da Silva, Laureliano Cavalcante Mota, Laura Cândida Gonçalves Cidrão, Laurimar Gomes Loiola, Laurineide Alves Lima, Leandro Maciel Feitosa Castro, Leda Maria Alves da Silva, Leiliane Veríssimo Melo, Leneide Mota Lima, Leni Moura Coelho, Leonarda de Sousa Vale, Lianeide Alves Bezerra, Liberalino Oliveira Neto, Lidiane Cavalcante Cidrão Linhares, Lidima Ribeiro Oliveira Filha, Lidima Rodrigues de Oliveira, Lourenço Lima, Lourival Alves Vieira Lourival Carlos de Pinho, Lucas Lemes Fernandes, Lucélia Loiola Oliveira, Lúcia Alexandrino Loiola, Lúcia Alves Cavalcante de Oliveira, Lúcia Eliane Andrade Feitosa, Lúcia Noronha Araújo Moreira, Lúcia Regina Honório, Luciano Fernandes Cunha, Luciene Gonçalves Lima, Luciene Veríssimo de Sousa, Lucineide Rodrigues Lima, Luís Alexandrino Feitosa, Luís Alves Neto, Luís Cesar de Sousa, Luís Feitosa Lima, Luís Ferreira de Sousa, Luís Loiola Reis, Luísa Alves da Silva Petronilio, Luisma Carlos de Lima, Luiz Carlos Falcão Loldelo, Luiz Cavalcante Dias, Luiz Clebio de Oliveira, Luiz Gonçalves da Silva, Luiz Gonzaga Gomes Vieira, Luiz Gonzaga Lima, Luiz Kleber Bezerra Gomes, Luiz Paez Martins de Sousa,

Luiz Pinheiro dos Santos, Luiz Welington Veríssimo Sousa, Luiza Carvalho Macedo, Luiza Divina Fernandes, Luiza Helena Lopes Gonçalves, Luiza Helena Matos de Sousa, Luiza Lucena Mota, Luiza Maria da Silva Lo, Luiza Maria de Araújo, Luiza Mirtes Coriolano Cavalcante, Luiza Rejane Feitosa Antunes, Luiza Sipriano de Sousa, Luzia Moreira Gonçalves, Luzia Gonçalves Lima, Luzia Valdenir Nobrega Gonçalves, Manoel Almeida Neto, Manoel Alves de Paula, Manoel Alves Filho, Manoel Alves Moreira, Manoel Alves Mota, Manoel Cavalcante Lima, Manoel de Araújo Lima, Manoel Ferreira de Oliveira, Manoel Gonçalves do Nascimento, Manoel Marques da Costa, Manoel Mateus Mota, Manoel Valmir Pedrosa, Manoel Viudeglan Mota Ricarte, Manuel Divino Paulo, Manuel Loiola de Sena, Manuel Pinto do Carmo, Manuel Soares de Carvalho, Manuel Teixeira de Carvalho, Marcelo Lira de Sousa, Marcelo Meireles, Marcos Antônio Pedrosa Benevides, Márcia Maria Lacerda Oliveira, Márcia Mikelly Vieira da Silva, Marcos Antônio Venâncio Sousa, Marcos Aurélio Moreira de Aguiar, Marcos Flávio Paula Rebouças, Margarida Alexandre Gomes, Margarida Alves do Nascimento, Maria Adalmaria Cavalcante Mota, Maria Aldenira Vieira, Maria Aldessandra Araújo Cidrão, Maria Alice Cavalcante Mendes, Maria Auxiliadora Vieira Furtuna, Maria Auzerina Gonçalves Lima, Maria Cavalcante Vieira, Maria Celeste da Silva, Maria Celia de Medeiros Torres, Maria Cícera Ferreira Silva, Maria Cirino de Araújo, Maria Claudiana de Oliveira Pedrosa, Maria Cleide Gonçalves Almeida Pinheiro, Maria Cleonice Bezerra dos Santos, Maria Clesiana Moreira Teixeira, Maria Cristina Alves da Silva, Maria da Conceição Matias Ferreira, Maria da Gloria Alves, Maria da Paz Alves Lima, Maria da Paz Timóteo, Maria da Paz Leitão Cartaxo, Maria das Dores Clara de Sousa, Maria das Dores da Silva, Maria das Dores do Nascimento, Maria das Dores Sales Arruda, Maria das Graças Alexandre de Sousa, Maria das Graças Alves Diniz Figueiredo, Maria das Graças Alves Torquato, Maria das Graças Cavalcante de As, Maria das Graças da Silva, Maria das Graças Mota, Maria das Graças Pereira, Maria das Graças Soares Mota, Maria das Mercês Gonçalves Caracas, Maria de Fátima Alexandrino Feitosa, Maria de Fátima Alves Araújo, Maria de Fátima Arrais Sales, Maria de Fatima Carácas Setúbal, Maria de Fátima Cavalcante Vital, Maria de Fátima Gonçalves Juvenal, Maria de Fatima Gonçalves Nóbrega, Maria de Fatima Lo, Maria de Fatima Medeiros Lima, Maria de Fátima Soares Urbano, Maria de Lourdes Alves de Sousa, Maria Decy Veríssimo, Maria Delsamira de Lima, Maria Deniz Cavalcante de Medeiros, Maria Deuma de Lima Reis, Maria do Amparo Gomes de Oliveira, Maria do Carmo Oliveira, Maria do Rosário Belizário Ferreira, Maria do Rosário Correia da França, Maria do Rosário Gonçalves Bezerra, Maria do Socorro Araújo Bizerril, Maria do Socorro Bezerra, Maria do Socorro Bezerra de Sousa, Maria do Socorro Ferreira da Silva, Maria do Socorro Gonçalves Lima Feitosa, Maria do Socorro Lima, Maria do Socorro Mariz Feitosa, Maria do Socorro Oliveira, Maria do Socorro Paulina dos Santos, Maria do Socorro Ribeiro, Maria do Socorro Viana Vale, Maria Doca de Oliveira, Maria Dolores da Silva, Maria Elenilde de Oliveira,

Maria Eleonice Alves Franklin, Maria Eliacy de Carvalho Araújo, Maria Eli-za Augusta, Maria Elza Medeiros Dias, Maria Emilia Freitas Lima, Maria Eridan Ferreira dos Santos, Maria Ermira Gonçalves, Maria Ernestina Pe-reira Mota, Maria Eufrásio Neco dos Santos, Maria Eunice Sousa dos Reis, Maria Euza Medeiros Lima, Maria Ferreira de Melo Sousa, Maria Ferreira de Sousa, Maria Ferreira Silva, Maria Ferreira Viana, Maria Francisca Ju-venal, Maria Geisa Cavalcante Paixão, Maria Gertrudes Gonçalves Oliveira Mota, Maria Glede Beserra Gonçalves, Maria Gonçalves Lima, Maria Gore-te Holanda Veríssimo, Maria Guilherme da Silva, Maria Helena de Sousa Oliveira, Maria Hilda Gonçalves, Maria Hilda Pedrosa Castelo Teixeira, Maria Holanda da Silva Sousa, Maria Idilva Machado Mendonça, Maria Iraci de Sousa, Maria Iraides Mota Dias, Maria Iraneide de Sousa, Maria Irani Abreu Lucio de Macedo, Maria Iranir Gonçalves de Medeiros, Maria Irene Pinheiro, Maria Islandia Gomes Bonfim, Maria Ivanete de Sousa, Ma-ria Izabel da Conceição Lima, Maria José Almeida Lima, Maria José Alves de Sousa, Maria José Araújo Pedrosa, Maria José Campelo Mendonça, Ma-ria José Cavalcante, Maria José Cidrão Massilon, Maria José da Silva, Ma-ria José de Oliveira, Maria José de Sousa, Maria José Dizidério de Oliveira, Maria José do Carmo Loiola, Maria José Feitosa Teles, Maria José Gomes Caracas, Maria José Gonçalves de Oliveira, Maria José Loiola, Maria José Moreira da Silva, Maria José Pereira, Maria José Rodrigues da França, Ma-ria José Sousa Cunha, Maria José Vieira de Sousa, Maria Keliane Rolim Queiroz, Maria Laís Gonçalves Bezerra, Maria Leidiana Pereira Cavalcante, Maria Leite Vital, Maria Leonilia de Oliveira, Maria Leuzinha de Araújo, Maria Lindomar Oliveira dos Santos, Maria Lira Cavalcante Cidrão. Maria Lopes do Nascimento, Maria Lourdes da Silva Lobo. Maria Lúcia Alexandri-no Loiola, Maria Lúcia Fernandes de Sousa, Maria Lúcia Vieira de Sousa, Maria Lucimar Oliveira Leitão, Maria Luiza de Oliveira Cosmo, Maria Luiza Holanda Moreira, Maria Luiza Sudário, Maria Luiza Teixeira, Maria Luzi-bete Sales Batista, Maria Luzielma Gonçalves Vale, Maria Madalena de Oli-veira Germano, Maria Madalena Lima, Maria Madalena Marculino Araújo, Maria Marculino Siqueira, Maria Marina Gonçalves Nóbrega, Maria Mari-nete Ferreira Barra, Maria Marlene Alves de Figueiredo, Maria Marli de Sousa, Maria Marta Evangelista de Matos, Maria Mercedes Mendes, Maria Merce dos Santos, Maria Monalita Moreira Cavalcante, Maria Mota Mo-raís, Maria Munda de Sousa, Maria Neide Lima, Maria Neir de Sousa Pe-reira, Maria Neta Gonçalves Lima, Maria Neusimar Meireles Fernandes, Maria Nilza Feitosa, Maria Nubia Lima Cavalcante, Maria Nunes Furtado Feitosa, Maria Paula Veríssimo, Maria Ozenide de Macedo, Maria Pereira Martins, Maria Regina Marcelino Gonçalves, Maria Rodrigues de Oliveira, Maria Rodrigues de Sousa, Maria Rodrigues Oliveira, Maria Rodrigues Sil-va, Maria Rodrigues de Sousa, Maria Roseleide de Oliveira, Maria Salete Santos, Maria Santana Jairi Sampaio, Maria Selma de Oliveira, Maria Sil-vete Cavalcante, Maria Sousa de Oliveira, Maria Teixeira dos Santos, Maria Teixeira Pessoa, Maria Telvina Caracas dos Santos, Maria Vanusa da Silva,

Maria Veridiana Bernardes Máximo Lira, Maria Verilania Monteiro Marques, Maria Vilma Machado Pedrosa, Maria Zuleide de Sousa, Mariana Evangelista Feitosa, Marieta Vieira Feitosa, Marilene Maria de Loiola Leite, Marinete Moura Mota, Mario Araújo Soares, Marita de Araújo, Marlicia Fernandes de Oliveira, Marlos Eduardo da Silva Cordeiro, Marluce Henrique Gonçalves, Marluce Venâncio Teixeira, Marta Nubia de Abreu, Matilde Gomes Cavalcante, Mauricio Moreira de Sousa, Miguel Moreira de Sousa, Miguel Rodrigues Lima, Milena Benevides Reis, Minelvina Francisca Costa, Minervina Cesar de Oliveira, Mirton Anderson Lima Barbosa, Moises Francisco de Lacerda, Nadyege Araújo, Naiza Bezerra, Nélio Eduardo Gonçalves Araújo, Neusa Feitosa Pedrosa, Nilton Moreira de Lima e Silva, Noraney Alves Lima, Nubia Reis Feitosa, Odalia Sales Rodrigues, Odilon Vieira Gomes Neto, Oraci Justina do Nascimento Neta, Orlando Carneiro Pontes, Paulo Ribeiro de Farias, Pedrina Alves da Silva, Pedro Alves de Almeida, Pedro Alves Filho, Pedro Alves Veríssimo, Pedro Andrade de Oliveira, Pedro Braga da Araújo, Pedro de Sousa Mota, Pedro Ferreira da Silva, Pedro Gleuson Lima da Costa, Pedro Gonçalves de Almeida Neto, Pedro Gonçalves Mota, Pedro Gonçalves Siqueira, Pedro Lopes da Silva, Pedro Pereira Guimarães Eto, Pedro Siqueira Braz, Pedro Veloso Loiola, Pocidônio da Silva Bezerra, Poliana Martins Ponte, Policarpo Sobreira Mota, Rafael Santos, Rafael Técio de Sousa, Rafaela Lúcia Silva Santos, Raimunda Andu Neta, Raimunda de Sousa dos Santos, Raimunda Feitosa de Lucen, Raimunda Peixoto de Paiva, Raimunda Pereira de Oliveira, Raimunda Rosalba C Gonçalves, Raimunda Santos Mota, Raimunda Teixeira Cavalcante, Raimundo Alves Neto, Raimundo Carlos Pinheiro, Raimundo, Raimundo Gonçalves dos Santos, Raimundo Lima Sampaio, Raimundo Manoel de Sousa, Raimundo Neto Alves, Raimundo Nonato Ribeiro Filho. Raimundo Noronha Caracas, Raimundo Siqueira da Silva, Ramiro Ferreira de Oliveira. Regina Cláudia Macedo Castelo, Regina Ribeiro Brígido, Reginiane Maria Siqueira Lima, Renato Ferreira de Souza, Renato Lorentino Gonçalves, Risoleta Cavalcante de Oliveira, Rita Cunha da Silva, Rita de Cácia de Oliveira Arruda, Rita de Cássia Abreu, Rita de Cássia Alves Cândido, Rita de Cássia de Araújo, Rita de Cássia Rios de Aragão, Rita de Kassia Barros de Oliveira, Rita Teixeira Cavalcante, Robério Farias de Sousa, Roberta Ferreira da Silva, Roberto Cleber Feitosa, Robson Leno Alves Lima, Rogério Alves Bezerra, Ronilson Sergio Evangelista Abreu, Ronnivom de Sousa Lima, Rosa Maria Feitosa Souza, Rosália Alves de Araújo, Rosália Amélia Mota Cavalcante, Rosália Anélia Alves Mota Benevides, Rosangela Reis Gonçalves, Rose Mary Dias Vieira, Rosivaldo de Oliveira Sousa, Sebastiana Bezerra de Sousa Matos, Sebastiana Cândida de Sousa Oliveira, Sebastião Alves Siqueira, Sebastião Arruda de Medeiros, Sebastião Correia, Sebastião Gonçalves do Nascimento, Sérgio Vieira de Oliveira, Severina Rita da Conceição, Silvia Cristina Lima e Silva, Simone Cândida de Moraes, Sivirino da Silva, Socorro Maria Mota, Socorro Maria Sales Mota, Socorro Silvia Vasconcelos Silveira, Solange Alves Rodrigues, Sônia Maria Oliveira Santos, Sônia Maria Soriano Farias,

Suzete Miguel de Almeida Duarte, Suzilane Gomes Pereira da Silva, Suzy Alves Venâncio, Tadeu Fernandes Oliveira, Tânia Maria Araújo, Tarciano Gomes Ribeiro, Teresinha Venâncio de Melo, Tereza Alves dos Santos, Tereza Maria Rodrigues, Terezinha de Sousa Pereira, Terezinha e Silva Nogueira, Terezinha Filha Alves Cavalcante, Terezinha Martins de Sousa, Terezinha Pinheiro Diógenes, Terezinha Santana de Sousa, Thiago Alves de Lima, Tomaz Mota Parente, Valdemir Gomes Ferreira, Valdenora Sales Mota, Valderez de Lima, Valdetário Gonçalves, Valdineia Cristina Pires, Valdisar Cavalcante de Lacerda, Valdiza Oliveira de Sousa, Valdizar Lacerda Cavalcante, Vanessa Ferreira Mota, Venerando Alexandrino Filho, Veronilda Oliveira Cavalcante, Vicente Alexandre de Paula, Vicente Gonçalves dos Santos, Vilalba Carlos Lima, Vilanir Gonçalves Pereira, Virginia Sampaio da Silva, Vivianny Martins de Oliveira, Yosmany Lopez Bestard, Zacarias Moreira de Sousa, Zenaide Alves da Silva Vital, além de muitos outros.

XX - A organização da Igreja Católica nos Inhamuns – Tauá

De forma individualizada, nesse espaço, sem pretender omitir ou praticar qualquer injustiça a outras instituições, mostro algumas instituições de nossa terra que alcançaram destaque ao longo dos tempos.

Reverendo a história da nossa terra, aliás, e, principalmente, levantamentos realizados por Billy Jaynes Chandeller¹⁴⁷, chega-se a conclusão de que, inicialmente, a nossa organização eclesiástica deu-se através da Paróquia de Aquiraz, todavia, com a criação da Paróquia do Icó em 1720, a jurisdição passou para esta permanecendo até 1755. Depois, aponta Chandeller, juntamente com os vales dos rios Curiú e Bastiões, foram separados do Icó para formar a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo dos Inhamuns com a Igreja Matriz em São Mateus. Os limites eclesiásticos foram em 1784, modificados com a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Paz; afirma Chandeller, que a primitiva coadjutora, em Arneiroz ficou sendo a igreja matriz. Em 1832, foi criada a freguesia de Nossa Senhora do Rosário, desligando de Arneiroz e passando a ser sede paroquial.

XX.I - A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário

Situada à margem esquerda do rio Trici, foi construída em 1762, e em volta dela cresceu a cidade de Tauá. Localizada em ponto mais elevado da cidade, no coração da nossa cidade, depara-se a sua frente à imponente e secular praça Dr. Alberto Feitosa Lima. É monumento de orgulho e devoção de todos os tauaenses. Foi tombada pelo Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural, em 20 de fevereiro de 2005. As primeiras manifestações religiosas na nossa Tauá relembrem-se, datam da doação de um patrimônio para a construção da capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário,

¹⁴⁷ *Ibidem* págs. 32-33.

feita pelo Sargento-Mor José Rodrigues de Matos. O templo religioso possui



desenho simples, com poucos ornamentos. A edificação possui planta retangular, nave principal e naves laterais ligadas à capela-mor por arcos plenos. Separando a nave principal das duas laterais, firmam-se grossas paredes de 1,00m de espessura, formando quatro arcos plenos com detalhes em alvenaria de cada lado. Os altares são trabalhados em alvenaria

e sobre a nave principal, existe uma abóbada em pedra bruta, característica que a distingue das demais da região. A imagem da padroeira, no altar principal, foi importada de Portugal ainda na época da colônia. O forro do altar é executado em madeira, pintado de azul com detalhes na cor prata. A igreja não possui coro, destacando-se a abóbada da nave como significativo elemento arquitetônico do templo. A sacristia ocupa toda a parte posterior da edificação, com três janelas dando para os fundos e mais duas portas nas laterais. A cobertura é aparente, com telhas de barro originais da época da construção. A cobertura do altar destaca-se pela parte externa mais elevada que as demais. O frontispício apresenta frontão central encimado por pequenos coruchéus, evidenciando influências barrocas. Acima da porta principal, duas janelas pintadas de marrom com molduras pintadas de amarelo. Correspondendo às naves laterais, duas portas com molduras em alvenaria formando arcos, encimada a do lado direito por duas envasaduras contendo os sinos, e a do lado esquerdo, por uma imagem da Virgem pintada sobre base de madeira. Na parte superior, nos dois lados frontões triangular coram a edificação. Com o acréscimo, a fachada adquiriu aspecto mais pesado, diferente da concepção original, mais elegante. As fachadas laterais e de fundos são bastante simples, caiadas de branco, apresentando janelas e portas originais, molduras em alvenaria. Veem-se ainda nas laterais, os frisos das cornijas e os beirais aparentes. À frente da igreja, há um cruzeiro sobre base de tronco de pirâmide, no centro da escadaria de acesso. O adro encontra-se em nível mais elevado que a rua, com escadas laterais em forma de círculo¹⁴⁸.

A paróquia de Tauá, afiliada a diocese de Crateús, teve como primeiro pároco o Pe. Frutuoso Dias Ribeiro. Em agosto de 1907, deu-se a bênção solene a nova Imagem da Padroeira, vinda de Paris. O território da Paróquia de Tauá corresponde ao território do Município, juntando os territórios das

¹⁴⁸ Anamélia Custódio Mota / Salete Vale. Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/noticias/taua-217-anos-nossa-historia-igreja-nossa-senhora-do-rosario>.

antigas freguesias de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora do Carmo e parte da freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Heitor Feitosa Macêdo¹⁴⁹ escreve que, *"após a terra correspondente à urbe de Tauá passar às mãos do pernambucano de Itamaracá José Rodrigues de Matos (sexto-avô de Dom Helder Câmara), em 1762, à margem esquerda do rio Trici (Verici ou Tereci) ergueu-se um belo templo católico dedicado a Nossa Senhora do Rosário, o terceiro com cúpula cilíndrica do Brasil, foi construído com argamassa de cal batida e curtida com sangue de boi, conforme a tradição apurada por Antônio Gomes de Freitas"*.

Através de estudos realizados amiúde, a respeito do sistema utilizado na construção do templo religioso secular, Heitor Feitosa firma, *"que isto se deveu por se costumar respeitar a tradição, que ao seu entender, é verdadeira bússola para quem, realmente, pretende realizar pesquisas. Tauá, no começo do século XIX"*, reafirma *"conhecida por vila de São João do Príncipe, estava situada no seio do criatório do gado "vacum" e "cavalar". A célebre Estrada das Boiadas (relembremos a famosa estrada) cruzava seu terreiro. Boi era o que não faltava, e, quando isso acontecia, iam buscar sementes no Piauí. Até o presente acrescenta o autor, alguns criadores do Rio do Puiú, circunscrito pela freguesia de Nossa Senhora do Rosário, ferram seus gados com um "R" na anca esquerda (R de Rosário)". Por sorte, referenda, "esses dias encontrei um relato do naturalista João da Silva Feijó, o qual esteve pela então Capitania do Ceará realizando diversos estudos". Em sua correspondência, enviada para o governador do Ceará, no ano de 1802, afirma, categoricamente, que mandou fabricar tijolos dobrados e ligados com betume composto de cal e sangue de boi, pois, segundo ele, diziam ser de "conhecida duração". Eis a prova que os cétricos esperavam! Aqui, outra revelação importante é essa imagem da dita Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tauá, elaborada por José Carvalho dos Reis, em 1860, quando a Comissão Científica de Exploração esteve na província do Ceará a mando de Dom Pedro Segundo. Atualmente, a tela original dessa aquarela encontra-se desaparecida. Ao que parece, tal igreja sofreu pequenas mudanças em sua estrutura primitiva, apesar das duas torres que foram construídas ao seu lado. Assim, não resta dúvida que o pequenino templo foi erguido com fé, sangue, suor e lágrima!"¹⁵⁰*

Salete Vale nas suas pesquisas, referidas no episódio 2 por ela nominado, narrando sobre a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de nossa terra, refere:¹⁵¹

"... Consta do mesmo livro "Inhamuns - terra e homens" que dois grandes fazendeiros assentavam os seus domínios nas terras do planalto dos Inhamuns. O capitão José Alves

149 Idem. Ibidem.

150 Ibidem.

151 Ibidem. Episódio 2.

Feitosa e José Rodrigues de Matos. A ideia da construção de um hermidia surgiu concomitantemente aos dois ricos fazendeiros. O capitão José Alves Feitosa pretendeu construir a margem direita do Trici, ali no Tauazinho. Os alicerces foram cavados e levantados com tijolos enormes, mas não se conhece a causa porque lá se ergueu a igreja. José Rodrigues de Matos, sexto avô dom Elder Câmara, a quis à margem esquerda do rio Trici, nas terras do seu domínio, e ali, com efeito, se erigiu bonita e pequena igreja cujo teto em cúpula cilíndrica, a terceira do Brasil na época, pois apenas se conheciam as da capela na torre na Bahia e a igreja de São Pedro. De pedra em cunha, as paredes letustes de um metro de espessura, construídas de pedra e tijolo, sentadas na argamassa de cal batida, curtidas segundo a tradição no sangue de boi. Traçada dias seguidos pelo braço forte do escravo com a semelhança das fortificações levantadas ao tempo para defesa de tiros de canhão. Na descrição do livro "Datas e fatos para a história do Ceará", de autoria do Barão de Studart, consta que a igrejainha entregue ao culto católico em 15 de outubro de 1762, sob o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário, foi doada pelo Sargento-Mor José Rodrigues de Matos com patrimônio de 600 braças de terra, com as ilhargas competentes. E sob a proteção da virgem soberana ocorreram os primeiros moradores. Casas toscas, contrastantes com a construção do templo, apareceram ao seu lado. Sem orientação, sem prévia planta, o acaso fez surgir aos poucos o esboço de uma larga avenida que nos fins do século constituiu uma povoação de mais de mais de 50 fogos. Tauá efetivamente cresceu tornando-se, assim, a maior concentração de prédios urbanos na região. Em razão disso, foi erigida em vila no ano de 1802, como já descrevemos. Nos assentamentos, a primeira notícia sobre a capela de Tauá data de dois anos depois de sua inauguração, ou seja, dia 8 de janeiro de 1764, tendo o seguinte teor: Aos 8 de janeiro de 1764, pelas 10 horas da manhã, na capela de Nossa Senhora do Rosário de Tauá, feitas as denúncias na forma do Sagrado Concílio Tridentino, na capela das Flores, inerte de São Mateus, filial a esta freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Inhamuns, sem se descobrir impedimento algum como constam das certidões de banhos que em meu poder ficam de licença minha, na presença do reverendo Luís Lopes de Andrade, sendo presentes, por testemunhas, o Sargento-Mor José Rodrigues de Matos e o capitão Manoel da Silva Carmo, pessoas que conheço, se casaram solenemente em face da igreja por

palavras de presente Antônio Pinto Correia, natural desta freguesia, filho legítimo de Antônio Pinto Correia e de Custodia de Mendonça de Cabra, não diz a freguesia, filha natural de Madalena, índia, não diz mais. E logo se lhes deram as bênçãos conforme os ritos e cerimônias da Santa Madre Igreja observando em tudo a pastoral de sua excelência, reverendíssimo, de que eu cura Sebastião da Costa Machado lancei este assento quando me foi entregue ao 1º de março do dito ano, que por verdade assinei com as testemunhas Sebastião da Costa Machado, José Rodrigues de Matos e Manoel da Silva Carmo".

Por sua vez, Salete Vale no trabalho denominado "Linha do tempo – datas e fatos históricos e religiosos nos 250 anos da história de Tauá" lembra que, *"a inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, aconteceu em 15 de outubro de 1762. Tendo sido doado pelo Sargento-Mor José Rodrigues de Matos, um patrimônio de 600 braças de terra com as ilhargas competentes"*. E diz mais: *"Casas toscas, contrastantes com a construção do tempo, apareceram ao seu lado. Sem orientação, sem prévia planta, o acaso fez surgir aos poucos, o esboço de uma larga avenida que, nos fins do século, constituía uma povoação com mais de 50 fogos"*. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi reformada em 28 de novembro de 1922.

Fato típico lembro ademais, acontecia sempre na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário quando da morte de um tauaense, fosse ele, pobre, rico, preto ou branco. Não importava a situação social, econômica ou financeira do falecido, os seculares sinos alojados nas torres imponentes do nosso centenário templo religioso, tinham por obrigação replicar de forma característica, singela e tristonha, anunciando a passagem do cortejo fúnebre rumo à última morada do falecido, o cemitério São Judas Tadeu. Essa tradição da nossa terra parece-me ter se perdido também pelo passar dos tempos. Lembro-me, de ao ouvir aqueles repiques tristes, melancólicos, sempre e sem exceção, a cidade incorporava-se a tristeza da família do falecido pelo passamento de um seu filho.

Em verdade, essa tradição antiga, se dava em virtude de os sinos fazerem parte da nossa cultura católica. Os seus toques representavam e ainda quando mantidos, representam o elo entre o clero e seus fieis em congregação a comunidade para situações diversas – religiosas ou profanas. Os nossos velhos sineiros, entre os quais destaco o nome de Maria Pereira da Silva, ou simplesmente, Dona Mazinha, como maestros exemplares do seu múnus, sabiam dimensionar o tamanho do evento, se alegre ou triste. O toque dos sinos, considerados sagrados, saído, como referido, do alto das torres das igrejas, reverenciavam, e quando hoje existentes, situações, momentos da comunidade, de alegria ou de tristeza.

Existe quem afirme, e acho que tem fundamento a informação, o catolicismo mantém vivo o costume de pontuar, e repito, em algumas localidades, os acontecimentos do cotidiano com o toque dos sinos de suas igrejas e capelas. O sino, nessas localidades, é o despertador, o correio da boa e da má notícia. É o sino que anuncia a morte e a vida. Esta tradição teve origem na época colonial. À medida que os arraiais se desenvolviam, as primeiras capelas erguidas eram ampliadas ou transformadas em igrejas, ganhando torres nas quais um ou mais sinos eram fixados.

A linguagem dos sinos é inseparável da linguagem musical. Os sinos possuem acordes completos, de acordo com as leis da harmonia. Mas a contribuição mais importante da música para a arte dos dobrados e repiques é o ritmo. É aí onde está a arte do velho sacristão.

Num cotidiano de então, ante a inexistência de uma comunicação real e fácil, o sino era, em verdade, o alerta da cidade. Quando replicavam, os seus toques mágicos representavam, bom repetir, por vezes a agonia dos moribundos para a eles pedir reza; a morte, a alegria dos festejos religiosos, a alegria da comunidade. Aliás, dizem, no que toca ao anúncio da confirmação da morte, seja o falecido homem ou mulher, para cada um dos gêneros, badalos e repiques eram produzidos. Pela ordem, terceira se o defunto fosse homem, três dobros, se uma mulher, apenas dois. Era a tradição que imperava de forma absoluta e profundamente respeitada, compreendida.

XX.II - Primeiro Pároco de Tauá

Nosso primeiro pároco foi o Padre Frutuoso Dias Ribeiro, o qual nasceu em 13 de outubro de 1805, em Icó - CE, e, batizado em 18 de outubro. Filho de Frutuoso Dias Ribeiro e de Maria Tereza de Jesus (irmã dos padres Manoel Felipe Gonçalves e Joaquim José Coelho). Ordenado no Oratório do Palácio Episcopal de Olinda - PE, em 21 de dezembro de 1826, por D. Tomaz Noronha. Coadjutor em 1829, da Paróquia de São Mateus (Jucás - CE). Vigário de Riacho do Sangue em 1883; de Quixeramobim em 17 de março de 1834; de Maria Pereira (Mombaça) no ano de 1835; Vigário Colado da Paróquia de Santa Rita no Rio Grande do Norte, por provisão em 1837; de lá foi proposto para vigário da Igreja Matriz de São João do Príncipe, em julho de 1838. Deputado provincial em três biênios: 1840/1841, 1842/1843 e 1844/1845. Presidente da Assembleia Legislativa em 1843¹⁵².

XX.III - Párcos oficiantes em Tauá

Foram, em seguida, párcos oficiantes em Tauá: Padre João Felipe Pereira, natural de Serra dos Martins, R.G. do Norte, de 1849 a 1862; Padre Miceno Clodoaldo Linhares, natural de Lavras da Mangabeira, de 1862 a

¹⁵²OS CLÉRICOS CATÓLICOS NA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DO CEARÁ – 1834 – 1889. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Fortaleza 2005. Coordenação, pesquisa e texto histórico: Osmar Maia Diógenes, pág. 70.

1877; Padre Benedito de Sousa Rêgo, natural de Arneiroz, de 1877 a 1879; Padre Alexandre Ferreira Barreto, natural de Tauá, de 1879 a 1898; Padre Joaquim Ferreira de Melo, natural de Crato de 1898 a 1905; Monsenhor Francisco Silvano de Sousa, natural de Barbalha, de 1905 a 1909; Padre Manoel da Silva Porto, natural de Aracati, de 1909 a 1913; Padre Francisco Máximo Feitosa, natural de Cococi, de 1913 a 1917; Padre Raimundo Monteiro Dias, natural de Icó, de 1917 a 1919; Monsenhor Francisco de Assis Feitosa, natural de Cococi, de 1919 a 1921; Padre José Ferreira Lobo, natural de Barbalha, de 1922 a 1928; Padre Odorico de Andrade, natural de Aiuaba, de 1928 a 1968; Padre Jean André Benevent, de 10/02/1968 a 28/02/1978; Padre Gabriel Paillard, nomeado em 01/02/1968; Padre José Pedandola – Co-vigário de Tauá, nomeado em 01/10/1970; Padre Frédy Josph Kuunz (Alfredinho), nomeado em 07/02/1972; Padre Brian Peter Holmes (Bernardo), nomeado em 05/10/1975; Padre Hidenori Mochizawa, recebeu as ordens menores na Barra do Vento, em 3/1/1979, Tauá; Padre Gerard Maria Fabert; Padre Alcides Três, Padre Osmar Alves Flor, de 01/02/1988 a 31/12/1989; Padre Hélio Joaquim Ribeiro Pontes, nomeado em 01/01/1990; Padre Maurizio Cremaschi, nomeado em 1991; Padre Abel Soares de Andrade; Padre Antônio Carlos Meira, nomeado em 1994; Padre Erisvaldo Oliveira Silva, nomeado co-vigário em 1997; Padre José Medeiros da Silva, nomeado em 2002; Padre Denilson Pereira Furtado, nomeado em 2003; Padre Almir Camelo de Araújo, nomeado em 2011; Padres Josivan de Carvalho Cruz e Francisco Thallvs Rodrigues. Segundo comunicado exarado pelo Bispo Diocesano de Crateús, Dom Ailton Menegussi, datado de 07 de junho do presente ano, o Padre Josivan de Carvalho Cruz, foi transferido para Diocese de Sobral para fazer uma experiência, cedendo, assim, o seu lugar ao Padre Jefferson Carneiro da Silva (Géu), que em deixando a Área Pastoral Nossa Senhora do Bom Sucesso, assumirá a função de Vigário Paroquial de nossa Tauá.

XX.IV - Monsenhor Odorico de Andrade

Destaco, dentre tantos outros, que na nossa terra praticaram o vicariato, pela importância e influência que teve no campo sócio religioso de Tauá, o nome impar e inesquecível do Monsenhor Odorico de Andrade, por todos nós conhecido como Padre Odorico. Referido pároco tomou posse na paróquia de Tauá, em 12 de fevereiro de 1928, nela permanecendo por cerca de quarenta anos de serviços sacerdotais. Muitos foram os tauaenses, dos mais simples ao poderoso, que receberam das suas mãos os sacramentos eucarísticos. Por seu trabalho devotado recebeu o título de Monsenhor, concedido pelo então Bispo da Diocese de Crateús Dom Antônio Fragoso.

Salete Vale, no episódio de nº 45, através de pesquisa realizada sobre o inestimável e inesquecível sacerdote, revela:

“... Monsenhor Odorico de Andrade. nasceu em Aiuaba, na região sul do Ceará, no ano de 1898, e iniciou seus estudos

no seminário da Prainha, em 1917, e os concluiu no seminário do Crato, em 1927. Sendo o único que não fez toda a sua formação na Prainha, nem por isso deixou de ser detentor de sólida formação presbiteral, haja vista que os seus professores foram formados no mesmo seminário provincial. Ordenado em 17 de abril de 1927, padre Odorico foi logo nomeado professor e ecônomo do seminário da diocese do Crato. Logo em seguida, esteve por algum tempo como vigário da paróquia de Barbalha sendo depois transferido para Tauá, em 1928, permanecendo como pároco até 1968. Depois de aposentado permaneceu em Crateús, na época, sede diocesana da região dos Inhamuns. Lá, veio a falecer em 1976, de um colapso cardíaco. Padre Odorico foi personagem marcante na vida política dos Inhamuns, uma região do Ceará marcada pelo binômio, pobreza-violência. Destacou-se como liderança política local. Sua visão de igreja e sua orientação política o colocaram até mesmo intencionalmente com as orientações da diocese que em pleno regime militar se colocou na luta por democracia e liberdade na pessoa de seu primeiro Bispo Diocesano Dom Antônio Fragoso pessoa non grata dos ditadores militares. Padre Odorico em conversa com estudantes que queria escrever sobre a sua vida relatou: a região dos Inhamuns é conhecida por uma história de violência que remonta aos tempos da Colônia em que Montes e Feitosas travaram uma verdadeira guerra pelo controle da região. A violência tão disseminada na região não poupou nem os membros do clero. Algumas décadas antes da chegada de Padre Odorico a Tauá, os Inhamuns estremeceram diante de um crime inusitado. Um padre foi morto por um pistoleiro em pleno Altar por questões políticas a mando de outro padre. O Padre Inácio Ribeiro de Melo era o chefe liberal da região e desafeto declarado do padre Francisco Ferreira Santiago, chefe conservador. O Padre Inácio foi acusado de mandar matar pessoas próximas do Santiago. Foi preso e julgado, mas nada se pode provar. Certo de que seu desafeto era o responsável pelo crime do qual fora absolvido, o padre Santiago planejou a morte de seu inimigo. Reza a lenda que tendo o procurado por todo o Ceará, pistoleiro que aceitasse o trabalho e não encontrando, só na Paraíba encontrou um que aceitou matar o sacerdote. Como esse só andava armado e devidamente escoltado, o jagunço resolveu acertar contas enquanto o padre celebrava missa. Nesse momento morreram Padre e dois irmãos seus, mais um capanga que o escoltava. O acerto de contas entre os dois padres aconteceu há muito tempo,

mas a lembrança perdura até hoje na memória das pessoas. A política aqui era assim, muito quente. Esquentava mesmo e aí “valha-me Deus”, dizia o Sr. Odorico. Nesse clima potencialmente explosivo é que o Padre Odorico teve que viver seu engajamento político. Homem pacato de natureza pacífica permaneceu na memória do povo como homem de paz, sua boa formação acadêmica o conduziu à burocracia Eclesiástica. Foi professor do seminário e depois foi mandado a Tauá em 1928. Chegando lá encontrou logo nos seus primeiros anos de pastoreio um desafio político. O ano de 1930, na cidade de Tauá foi politicamente agitado não só pelo cenário político nacional, mas por instabilidades na política local. O Prefeito Municipal Cine Aristides Cavalcante Freitas foi deposto em circunstâncias que não foi possível apurar. O certo é que o clima no município esquentou e foi necessária a nomeação de interventor. Para agradar todas as facções políticas do município, surgiu o nome conciliador de Padre Odorico de Andrade. Sujeito à necessidade de equilibrar pelas orientações da ortodoxia eclesiástica e as situações concretas da Pastoral do padre. Conversando com monsenhor, ele me disse como foi difícil aceitar o cargo de prefeito interventor. O bispo tinha falado com ele avisado para não se envolver com a política, mas aí veio problema com o prefeito e o bispo o chamou. Disse que ele podia ocupar o cargo por um tempo para apaziguar os ânimos e evitar conflitos maiores que terminassem violência, como de costume. Passados apenas seis meses a situação se resolveu e o padre pode abandonar a interventoria Municipal e voltar para suas vezes pastorais. Mas o mesmo nunca deixou de ser figura importante na política local. Filiado ao PSD sempre esteve na política ao lado dos grandes fazendeiros e dos potentados da política local. Tais posicionamentos foram, muitas vezes, interpretados como covardia. Dizia-se: Padre Odorico só fica em cima do muro, ele tem medo dos Feitosa que se pela. “Eram as opiniões que existiam entre as parquiais”. Esse texto, segundo a autora, foi retirado da monografia “Coronéis de batina – a atuação do clero na política Municipal de cearense 1920 1964”, de autoria de Edilberto Cavalcante Reis, acrescentado da conversa que, à época estudante Vilani Gonçalves Pereira teve com o próprio padre Odorico de Andrade.

XX.V - Filhos de Tauá ordenados Padres

Padre Pedro da Motta e Sousa nasceu em 03/08/1831; Padre Benedito de Sousa Rêgo, nascido em 08/04/1831; Padre Antônio de Sousa Rêgo; Padre Antônio Jataí Tavares; Padre Alexandre; Ferreira Barreto; Padre Carlos Antônio Barreto, nasceu em 01/10/1858; Padre Antônio Jatahy de Sousa; Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro; Padre Joviniano Barreto; Padre Francisco de Assis Feitosa; Padre Antônio Rodrigues Maia, este, após vários anos no oficialato religioso, deixou a batina para constituir família.

XX.VI - Padres oficiantes em Tauá, seja como visitador, licenciados, oficiantes autorizados, etc.

Padre José Pereira da Silva; Padre Manoel Jorge da Costa; Padre Inácio de Loiola Teixeira; Padre Sebastião Costa Machado; Padre Antônio Lopes de Azevedo; Padre Francisco de Aguiar Teixeira, Frei de São Jerônimo; Padre Manoel Felipe Gonçalves; Padre Antônio Mendes de Azevedo; Padre Antônio José Lima; Padre Antônio das Chagas; Padre Dr. Frutuoso Ribeiro Dias; Padre João Felipe Pereira; Padre Joaquim da Silveira; Padre Inácio de Sousa Rolim; Padre Manuel Vicente da Silva; Padre Manuel Rodrigues Campos; Frei Apolônio; Padre José Joaquim Pereira de Sousa; Padre Antônio de Sousa Rêgo; Padre Antônio Jataí Tavares; Padre Alexandre Ferreira Barreto; Padre Miceno Clodoaldo Linhares; Padre Benedito de Sousa Rêgo; Padre Germano Antenor de Araújo; Padre Carlos Antônio Barreto; Monseñor Pedro Leopoldo de Araújo Feitosa; Padre Joaquim Ferreira de Melo; Padre Francisco Silvando de Sousa; Padre Manuel da Silva Porto; Padre Raimundo Monteiro Dias; Padre Francisco de Assis Feitosa; Padre José Francisco Ferreira Lobo; Padre Achilles Feitosa; Padre Antônio Rodrigues Maia; Padre Geraldo Vieira da Silva, dentre outros.

XX.VII - Igreja de São José

A igreja de São José na nossa cidade, localizada na Avenida Chermont Alves de Oliveira – Chiquinho Parmênio, surgiu pelas mãos e ideais do então Pároco da cidade, Padre Maurício e a comunidade cristã tauaense.

Consta nos anais da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Diocese de Crateús,



que no dia 25 de dezembro de 1992, com grande participação do povo no lugar onde iria ser construída a futura Igreja de São José, foi implantado um Cruzeiro de Madeira e, aos seus pés, outro foi colocado (luminoso) formado por tochas, levadas pelo povo, para lembrar, segundo a tradição católica a "Igreja Viva de Deus".

O ato religioso encontra-se firmado no Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, com o teor seguinte:

"Hoje, 25 de dezembro de 1992, dia do Natal do Nosso Senhor Jesus Cristo, na cidade de Tauá região dos Inhamuns em grande concurso de povo e na frente das autoridades, em nome da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, diocese de Crateús, o pároco Pe. Maurizio Luigi Cremaschi por mandato do bispo diocesano Dom Antônio Batista Fragoso, tomou posse do terreno localizado no Bairro Cidade Nova, doado pelo Sr. Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira para que nesse terreno seja levantado um templo mais amplo a serviço do povo católico desta cidade e a maior glória de Deus. Evocando a força do Divino Espírito Santo, a proteção de Maria, mãe de Jesus e de todos os santos, foi bento o terreno e implantado o cruzeiro. E na ata é assinada pela equipe paroquial, a coordenação pastoral da cidade, a comissão de construção e fiança da nova igreja, as autoridades e o povo presente"

O terreno para a construção do referido templo religioso na nossa Tauá, foi doado pelo empresário tauaense, Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, cujo ato foi levado a registro no Cartório do 2º Ofício desta Comarca, com o apontamento de nº 111, protocolo nº 17-1 sob o número de ordem 749, datado de 5 de maio de 1993, e assinado pela então Registradora, D. Lindaura Pereira Nogueira. O registro foi lançado no Título e Documentos, no livro de número B-Nº 2 às fls. 106 v sob o número de ordem 590.

A Escritura Particular de doação de direitos de meação referente ao imóvel em evidência possui o teor seguinte:

"Escritura particular de doação de direitos de meação que entre si fazem: Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira como outorgante doador cedente e, Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, como outorgada cessionária, abaixo declarada. Pelo presente instrumento particular de doação de direito parte de meação, entre os abaixo assinados, Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, brasileiro, viúvo, empresário, residente e domiciliado na cidade de Fortaleza (CE), portador do CPF n. 000.315.933/72, com outorgante doador cedente e Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, nesta cidade pertencente à Diocese de Crateús (CE), representada como outorgada donatária, pelo bispo diocesano de Crateús, Antônio

Batista Fragoso ela portadora do CGC n. 07.168.206/0006-89 e neste ato representado por seu bastante procurador Padre Maurizio Cremaschi, portador do RG nº. 06.22.705. SE/DP-NAI, bem como do CIC n. 202754123/34, todos maiores e capazes. E perante as testemunhas abaixo firmadas entre o outorgante cedente e a outorgada donatária cessionária ficou justo e contratado o seguinte: Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, sendo senhor e legítimo possuidor do seguinte imóvel: "Sítio Antonica" bairro cidade nova, localizado no perímetro urbano desta cidade, o qual se acha livre desembaraçado de quaisquer ônus ou hipotecas legais, judiciais ou convencionais e que de sua livre espontânea vontade sem induzimento ou coação alguma, faz pela presente escritura e na melhor forma de direito, como de fato tem feito, doação pura e simples à outorgada donatária e cessionária Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, dos direitos de parte de sua meação referente ao citado imóvel "Sítio Antonica" bairro cidade nova, perímetro urbano desta cidade, com relação à meação deixada por sua falecida mulher Francisca Simeão Cidrão, cujo inventário ainda não foi processado, direito estes correspondentes a uma área de terra encravado no aludido Sítio Antonica, bairro cidade nova, perímetro urbano desta cidade, a qual mede e estima-se de maneira seguinte: NORTE, medindo 144 (cento e quarenta e quatro) metros com a estrada da confiança; ao Sul, 120 (cento e vinte) metros com o loteamento da Dra. Semírames Gomes Dias; ao Nascente, 15 (quinze) metros com o DERT; e ao POENTE, 73 (setenta e três) metros com terreno de propriedade de Alaor Cavalcante Mota Filho; cujo imóvel está sendo desmembrado de uma faixa de terra que o outorgante doador cedente adquiriu por compra feita a Francisco Carlos Oliveira e sua mulher, conforme escritura pública lavrada em Notas do 2º Ofício desta cidade, datada de 20 de agosto de 1970, registrado no livro n. 3-P, sob n. de ordem: 12.187, doação esta feita a título gratuito para que nela seja edificado um templo de orações; transmitindo posse, domínio, direitos e ação que tenha sobre o terreno ora doado: que para os efeitos fiscais estimo o seu valor de Cr\$ 1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros), mas que apresente transmissão é isenta de imposto de transmissão, na forma da lei. Que o imóvel ora doado e cedido é da parte disponível dos bens dele doador e cedente, razão pela qual não deverá o seu valor ser trazido à colação, podendo na época oportuna se habilitar no inventário e partilha do espólio de Francisca Simeão Cidrão. A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO

ROSÁRIO, donatária e cessionária representada como se acha agradecida ao doador cedente Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, pela liberalidade decorrente desta doação, aceita a presente escritura em todos os seus termos. E assim perfeitamente acordes, assinam a presente escritura juntamente às testemunhas abaixo, pessoas a este ato presentes e que ouviram a leitura desta que também aceitaram. Tauá (CE), em 29 de janeiro de 1999. Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira – doador cedente p.p Padre Maurizio Maia Cremaschi - Paróquia de Nossa Senhora do Rosário donatária e cessionária. “Testemunhas – Manoel Almeida Neto e Maria Salete Vale Farias”.

Na época, exercia a superintendência de Obras do Estado do Ceará, o meu colega de infância de colegial, o tauaense ilustre, engenheiro civil Manoel Enéas Alves Mota, instado indicou a Dra. Melânia, arquiteta daquele órgão estadual para a elaboração do projeto de construção do referido templo. Depois de ouvir a comissão organizada para o acompanhamento da obra, e em assembleia convocada para tanto, em 29 de junho, na presença do então Bispo da Diocese, Dom Frágoso, o projeto para a construção da nova igreja foi aprovado, inclusive, com o orçamento respectivo, tendo na ocasião Dom Frágoso, colocado à disposição da equipe organizadora, a importância de 120.000.000 (cento e vinte milhões de cruzeiros), importância liberada pela diocese de Crateús.

O novo templo católico de nossa cidade, homenageando São José, deu-se por inaugurado no dia 25 de dezembro, contando, além da participação do povo cristão de Tauá, de representações das paróquias de Crateús, Novo Oriente, Independência, Ararendá, Ipaporanga e outros, do bispo diocesano Dom Jacinto, o qual celebrou uma Santa Missa festiva na praça onde se situa a nova igreja. Após, abertas as portas do templo e devidamente benzido e dedicado a Jesus Salvador e a São José seu Pai na Terra, passou o templo a servir ao povo de Tauá, levando a todos os que cultuam de forma indistinta as tradições da religião católica.

XX.VIII - Capelas e CEBs da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo informações colhidas na secretaria da nossa Paróquia, a comunidade católica de Tauá é constituída por 81 localidades, conforme relação abaixo: Trici: Junco. Lustal 1 e 2, Tiassol/Boa Vista (São Pedro); Carrapateiras/Barra Nova: Cachoeirinha do Pai Senhor (São Sebastião), Bom Jesus (Bom Jesus dos Passos), Altamira (Nossa Senhora do Carmo), Assentamento Monte Moriá, Santo Antônio (Santo Antônio), Poço da Onça (São Francisco), Galuada, Mutuca/Belo Horizonte (São João Batista), Mutuquinha (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), Riacho das Pedras, Limão, Algodões, Cai-

çara/Pirangi (Nossa Senhora das Graças), Belo Monte/Cipó (Nossa Senhora da Glória); Serra: Olho D´aguinha (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), Santana (São Raimundo Nonato), Barra do Vento, Catolé (São Sebastião), São Domingos (São Domingos), Santa Maria, Assentamento 1º de Setembro (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), Ingá, Sítio Lagoa; Marrecas: Vila Joaquim Moreira (Nossa Senhora da Paz), Missão (São Raimundo), Castelo (Nossa Senhora das Dores), Marrecas (Jesus Maria e José), Veneza/Viração (Nossa Senhora de Lourdes), Santa Luzia (Santa Luzia), Cococá (São Francisco), Assentamento Bonifácio (Nossa Senhora Aparecida), Lagoa da Jurema/Juá, Pitombeiras (São José), Baixa Verde (Nossa Senhora de Fátima), Baixas (Santa Quitéria Santo Antônio); Inhamuns: Vera Cruz (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), Guaribas (Nossa Senhora de Fátima), Riacho Verde, Queimadas (Nossa Senhora das Graças), Lagoa do Eufrazino (Nossa Senhora Aparecida), São Gonçalo (Nossa Senhora da Conceição), Barreiros, Assentamento Serra Branca (Nossa Senhora da Conceição), Açudinho (São Benedito), Poços; Marruás: Marruás (Santa Rita de Cássia), Todos os Santos (São João Batista), Monte Alverne/Poço Cercado (São Francisco), Santa Maria (Nossa Senhora Aparecida), Bom nome, Viração e Cajazeiras (São Francisco), São João dos Cândidos (Nossa Senhora de Fátima), Várzea da Serra (Santa Maria Madalena), Pau de Fogo, Campo Preto, Poço de Baixo/Tavares (São Pedro), Barra dos Cândidos, Assentamento São Martins (São Martinho), Palmeiras; Sede da Cidade: Tauazinho (Santa Terezinha do Menino Jesus), COHAB/Meireles (Santa Luzia), Rabeca (Nossa Senhora da Imaculada Conceição), Cidade Nova, Luiz Antônio (São Joaquim), Alto Brilhante (Nossa Senhora das Graças), Bezerra de Sousa (Coração de Jesus), PROURB (Santa Rita de Cássia) Conjunto Habitacional Domingos Gomes (São Vicente de Paula), Centro (Nossa Senhora do Rosário), Alto Nelândia, Aldeota (Nossa Senhora de Fátima), Colibris (Santa Tereza D´Ávila), Parque Quinamuiú (São Sebastião), Manoel Alves Mota, Cidade Leste, Broco (Sede distrital) (Santa Rita de Cássia), Várzea do Boi (sede distrital) (Nossa Senhora de Lourdes).

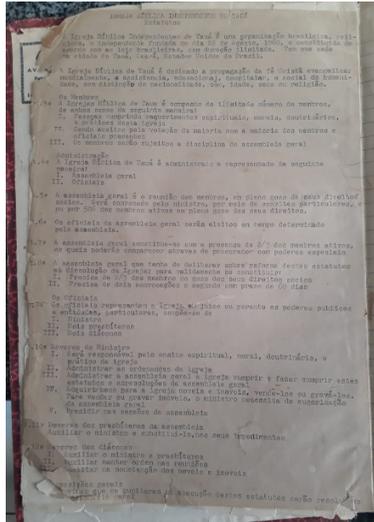
XXI - Igrejas Evangélicas em Tauá

De outro ângulo, encontramos na sede da cidade, as seguintes Igrejas Evangélicas: Igreja Evangélica Pentecostal Nova Filadélfia, Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Missão - IADM Missão - em Tauá, Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Igreja Betesda de Tauá, Ministério Betuel Tauá, Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Internacional da Graça, Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Mundial do Poder de Deus, Assembleia de Deus e Assembleia de Deus Templo Central, dentre tantas outras.

XXI.I - A Igreja Batista Regular de Tauá



A Igreja Batista Regular de Tauá ao que me consta, foi à primeira Igreja Evangélica de nossa cidade, inaugurada em meados da década de sessenta, tendo por Pastor o Senhor Vernad Joe Atueby, como é reconhecida na escritura de fundação e ata respectiva, abaixo.



Ata de instalação da Primeira Igreja Batista Independente de Tauá, Estado do Ceará, realizada na sede da Igreja nas Casas da Princesa, situada na rua 23 de maio e nova) de Tauá em 05 de agosto de 1965.

Esta Ata teve a redação e prolegese do Sr. Vernad Joe Atueby, Pastor, ministro da Igreja, e Sr. Antonio Pequeno Soares, para ditado e presente foram os seguintes: Dece Alencar, Maria Ester Alves de Oliveira, Vernad Joe Atueby, Rogério Atueby, Antonio Aguiar, Cláudia Aguiar, Joazeiro Ferreira, José Carlos, Carlos Carvalho, Edmarina Carvalho, George Marques, Janna Marques, José Luiz, Wilson, Raimundo Pereira.

Logo nesta Ata a instalação da entidade a cima mencionada com esta pessoa presente sendo membros fundadores, que tem por finalidade a propagação do Evangelho por meio de pregações de Evangelho de Jesus Cristo, em culto público, na sua sede e até por qualquer de terra.

O redator da Ata é o ministro Vernad Joe Atueby.

Assinado o encerramento da Ata e assinado pelas congregações sócios (membros) fundadores.

27 de agosto de 1965
Vernad Joe Atueby

Ata de Instalação

Contem e presente houve os Comissários (membros) topografantes do (Ceará) e os (Ceará) que servem de base para a Igreja Batista Independente de Tauá, entidades civis, particulares das cidades religiosas, fundadas em 22 de junho e duas) de agosto de 1965, as Constituições de acordo com as leis brasileiras, com sede e fins públicos nesta cidade de Tauá, República do Brasil, nº 252, Livro nº 61, folha 315/316 em 05 de agosto de 1965, estabelecida a sede de Tauá.

O presente termo teve assinado pelo ministro da igreja.

Tauá, 05 de agosto de 1965

Vernad Joe Atueby

As estatísticas apresentadas e publicadas foram as seguintes:

Art. 1º - A Igreja Batista Independente de Tauá é uma congregação de membros, de caráter essencialmente religioso, independente de qualquer denominação, sob administração administrativa, fundada no dia 22 de junho e duas) de agosto de 1965, pela Sociedade de Evangelizadores Evangélicos de Tauá, República do Brasil, nº 252, Livro nº 61, folha 315/316 em 05 de agosto de 1965, estabelecida a sede de Tauá, Estado do Ceará.

XXII - Instituições diversas de Tauá

Nossa terra é rica em abraçar instituições das mais diversas. Neste espaço, destacamos.

XXII.I - O Instituto Federal do Ceará - IFCE

O *campus* de Tauá, foi inaugurado em 20 de novembro de 2009, situa-se no município-pólo da região do sertão dos Inhamuns e tem abrangência aos municípios de Arneiroz, Aiuaba, Quiterianópolis e Parambu. Recebe alunos de várias outras regiões por meio do Sistema de Seleção Unificada – Sisu, do Ministério da Educação - MEC e outros processos seletivos. A instituição oferta vários cursos técnicos integrados em Redes de Computadores, Agropecuária e os cursos superiores de Tecnologia de Telemática, Licenciatura em Letras com dupla habilitação em Inglês e Português, além de outros de interesse da comunidade.

XXII.II - O Hospital Regional Alberto Feitosa Lima



O Hospital Regional Alberto Feitosa Lima, pertence à Prefeitura Municipal de Tauá, sendo o único hospital da cidade. Foi fundado em 27 de julho de 1972, quando então, era denominado Hospital e Maternidade Regional Dr. Alberto Feitosa Lima.

Localizado na Cidade de Tauá, Região dos Inhamuns, distante 337 km de Fortaleza, Capital do estado do Ceará, município com população aproximada de 60.000 habitantes e área de abrangência de cerca de 130.000 habitantes, pois, é um hospital pólo da região, delimitada pela 14ª CRES – Centro Regional de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde. Passou a ser administrado pela Sociedade Beneficente São Camilo em 01 de fevereiro de 2011, conta atualmente com 74 leitos e vem passando por uma expansão estrutural que engloba: recepções, pronto-atendimento, emergência, maternidade e centro cirúrgico e áreas de apoio de modo a aperfeiçoar o atendimento a população. Recebeu para alegria dos tauaenses, mesmo em período de pandemia, uma moderna UTI e vários melhoramentos, inclusive, em enfermarias. Realiza internações, exclusivamente, para pacientes do SUS, nas seguintes especialidades: clínica médica, cirúrgica (geral, traumato-ortopédica e ginecológica), pediátrica, obstétrica

e traumato-ortopédica. Recentemente, recebeu uma Unidade de Terapia Intensiva.

XXII.III - O Colégio Antônio Araripe



O Colégio Antônio Araripe, referência na educação da nossa Tauá e da região dos Inhamuns, possui mais de sessenta anos de fundação. Desde 1960, a instituição é dirigida pela Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Ao longo de sua trajetória, educou centenas de filhos deste município e tem contribuído de forma inestimável, com o desenvolvimento

da educação, cultura e ética da região. Pelo colégio passaram centenas de conterrâneos, hoje, com vida destacada nos anais da história do Brasil e do Ceará. Conta, atualmente, com mais de uma centena de profissionais no seu quadro e atende um contingente expressivo de alunos, seja na Educação Infantil, médio, fundamental e no Ensino Superior. Originário da Associação dos Educadores de Tauá, que nos idos de 1950, discutia a criação de uma entidade educacional que atendesse às necessidades do município à época, teve a sua pedra fundamental lançada naquele ano. As obras iniciadas em 1951, graças aos esforços do então deputado Antônio de Alencar Araripe. Foi fundado em 23 de fevereiro de 1953, com a denominação de Ginásio Antônio Araripe, num reconhecimento justo ao trabalho desse ilustre tauaense, sendo nomeada como primeira diretora Francisca Graci Gomes de Aguiar. Em 1958, o Ginásio Antônio Araripe recebeu sua primeira turma para o curso Normal, o primeiro no gênero na cidade. Somente no ano de 1967, mudou sua denominação para Ginásio e Escola Normal Antônio Araripe. Em 1960, foi confiada a sua direção à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, com sede no município do Crato, restando a sua direção a Madre Sampaio. Em 1963, com a transferência da Madre Sampaio, assumiu a direção do Educandário Madre Damasceno. Em 1965, assumiu a sua direção, a aurorense irmã Olindina Divina Leite, tauaense de coração, encargo exercido com zelo e dedicação até o seu falecimento em 19/07/2019.

XXII.III.I - Escola Joaquim Pimenta



A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Joaquim Pimenta, sediada em Tauá – Ceará, à Avenida José Waldemar Rêgo, 585, teve suas atividades iniciadas na gestão do então prefeito Joel Marques, no dia 30 de outubro de 1938. Em 1964, foi denominada

Grupo Escolar Professor Joaquim Pimenta, sendo este, Jurista e sociólogo, filho de Tauá.

Funcionou em prédio alugado na Av. Cel. Lourenço Feitosa, na antiga residência do Cel. Domingos Gomes até maio de 1974. Foi inaugurada no dia 30 de julho de 1975, e por força do decreto lei nº 11.495 de 30 de outubro de 1975, passou a ofertar cursos de 1º grau, sendo denominada, Escola de 1º grau Joaquim Pimenta.

Os diretores que atuaram na escola Joaquim Pimenta, foram: Maria de Lourdes Ramos Mota, Maria Celeste Araújo Gonçalves, Maria Luísa de Castro Feitosa, Zilá Lima Melo, Maria Odete de Assis Paiva, Antomária Custódio Lima, Irene Gonçalves Araújo, Antônia Gonçalves Loiola, Maria da Trindade Luz Nascimento, Vicente Silvério do Nascimento, Cleudisia Maria Monteiro Ribeiro, Laura Fernandes Torres, Luísa Xavier de Oliveira. O 1º diretor eleito pelos seguimentos da escola foi o professor Vicente Silvério do nascimento.

Na escola Joaquim Pimenta encontra-se instalado um Ginásio Poliesportivo, ex. aluno Júlio Rêgo, oportunizando aos jovens e a comunidade realizações de eventos culturais e políticos entre outros.

Em 2003, passou a fazer parte da rede municipal de ensino.

O seu funcionamento regular abrange os dois turnos, matutino e vespertino. A organização do ensino é feita da seguinte maneira: Educação Infantil (Creche – 03 anos, Pré-escolar – 04 e 05 anos), Educação Especial e Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos). Atualmente, a escola atende a uma clientela de 804 alunos (as).

Ressaltamos que, a escola referida serviu e vem servindo de base educacional para muitos tauaenses ilustres e vitoriosos.

XXII.IV - Memorial em homenagem às vítimas da Cólera



Localizado no Bairro Alto Nelândia, o projeto arquitetônico é composto por uma capela, lápides dos túmulos dos que morreram e outra obra de arte complementa e embeleza esse cenário: quatro cruzeiros que se entrelaçam formando uma, como se estivessem abraçadas, agradecendo a Deus esse momento de reconhecimento e de gratidão do povo tauaense. Entre as 216 vítimas ali sepultadas destacam-se, dentre

outras, o padre João Felipe Pereira, natural da Serra dos Martins – RN, e o auxiliar do padre Joaquim da Silveira. O Memorial encontra-se erguido, exatamente, no local onde foram sepultadas as vítimas da tragédia em Tauá. Foram idealizadores do Memorial, o Padre Maurício Cremaschi, então pároco local, Joaquim de Castro Feitosa e Maria Dolores de Andrade Feitosa. Acrescento ademais, para a consecução de tamanha empreitada histórica, a colaboração imprescindível da tauaense ilustre Francisca Gonçalves Sobrinho (Dona Chichica), além de toda a pesquisa para tanto, necessária, ter sido realizada pela professora e historiadora não menos ilustre e por todos nós filhos de Tauá reconhecida, Senhora Maria Salete Vale Farias.

XXII.V - A epidemia da Cólera – 1862

A professora Salete Vale, na sua incansável missão de desvendar a história de nossa terra, a respeito da epidemia da Cólera acontecida nos idos de 1862, relata: *"Epidemia da Cólera em São João do Príncipe. 136 documentos referentes à Saúde Pública, contam a história da epidemia na Vila de São João do Príncipe. Correspondência desde janeiro de 1862, que avisam que a cólera já estava em Pernambuco, depois em Icó, depois aqui. E vão contando a desolação do povo da Vila. Correspondência do Juiz de Direito Francisco Ribeiro de Carvalho; do Delegado de Polícia, João Leopoldo de Araújo Chaves; do Presidente da Câmara Leandro Custódio de Oliveira Jucá; dos médicos Manoel Marrocos Teles e Antônio Pinto Barbosa Cordeiro, endereçadas ao Vice-Presidente da Província José Antônio Machado e ao Presidente José Bento da Cunha Fagundes Júnior. Os medicamentos utilizados foram: óleo de rícino, ácido sulfúrico, elixir paregórico, tártaro, água inglesa, mostarda, linhaça, cevada, bicabornato de sódio, sal amargo, além de outros"*¹⁵³.

XXII.VI - O Museu Histórico Regional dos Inhamuns



É um museu histórico e regional localizado na cidade de Tauá. Exibe peças da antiguidade da Região dos Inhamuns e do Brasil Colonial. Seu acervo é composto por, aproximadamente, 1800 peças arqueológicas e paleontológicas, as quais incluem inscrições rupestres, urnas funerárias, instrumentos fabricados por homens pré-his-

tóricos e artefatos feitos pelos índios Cariris e Jucás. A curadoria do Museu Regional dos Inhamuns é de responsabilidade da Fundação Bernardo Feitosa, que foi criada pelo casal Joaquim de Castro Feitosa e Maria Dolores de Andrade Feitosa no ano de 1992. No ano de 1989, o Museu foi instalado definitivamente no prédio onde ficava a antiga Cadeia Pública de Tauá, cedido que foi para o casal. O acervo é visitado através de salas ordenadas com peças dos séculos XVII, XVIII e XIX. Ricas e diversificadas peças proporcionam a tantos quanto o visitam, oportunidade ímpar de se rever os costumes, as ferramentas e representações artísticas e os hábitos dos nossos colonizadores. Acrescente-se, que o acervo pela sua importância histórica nas mais diversas áreas do conhecimento, apresenta peças de cunho paleontológico representadas por fragmentos fossilíferos de mastodonte (mamute), tatu gigante, preguiça gigante e toxodonte, algumas espécies da mega fauna, grandes mamíferos que habitaram a região há cerca de 10 mil anos. Dentes do grande mamute americano (mastodonte), partes conservadas de uma preguiça gigante, além do tatu gigante e do toxodonte, um parente distante do hipopótamo, foram encontrados no município de Tauá e Parambu. Conforme artigo 17 da Lei 3924/61, a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito iminentes ao Estado, cuja destinação é a Fundação Bernardo Feitosa. O Museu abriga inúmeros objetos e artefatos arqueológicos pertencentes às antigas civilizações e tribos indígenas, que habitaram a região dos Inhamuns, em diferentes períodos da história. Instrumentos talhados em pedra para diversas finalidades, como caça e pesca, atividades domésticas, ornamentos, rituais e amuletos. O acervo encontra-se em processo de catalogação e inventário, em que as características físicas e históricas constam do tombamento. Há no museu, vários objetos utilizados pelas atividades domésticas e ritualísticas dos índios Jucás. De igual forma, outras peças contam a história da civilização do couro e aristocracia rural, tais como, adornos em ouro. Ob-

jetos utilizados na prática escravista, mobiliário sacro, decorativos, e peças do início da industrialização¹⁵⁴.

Atualmente, exerce a presidência da Fundação Bernardo Feitosa, da qual faz parte o Museu Histórico Regional dos Inhamuns, a senhora Fátima Lúcia de Andrade Feitosa, por sinal filha do casal Joaquim de Castro Feitosa e Maria Dolores de Andrade Feitosa.

XXII.VII - A Academia Tauaense de Letras

É uma associação privada de Tauá – CE, fundada em 18/08/2006. Localiza-se na Rua Silvestre Gonçalves, 119. Possui quarenta cadeiras, representadas: Cad. 01 - Joaquim de Castro Feitosa; Cad. 02 - Joaquim Pimenta; Cad. 03 - Leonardo Feitosa; Cad. 04 - Joviniano Barreto; Cad. 05 – Luiz Gonzaga Feitosa Lima (Lulu Lima); Cad. 06 – Coronel Lourenço Feitosa; Cad. 07 - Antônio Gomes de Freitas; Cad. 08 – Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola); Cad. 09 – Maria Luiza de Castro Feitosa (Lili Feitosa); Cad. 10 - Dondon Feitosa; Cad. 11 - Francisca Clotilde; Cad. 12 - José do Vale Arrais Feitosa; Cad. 13 - Jovita Feitosa; Cad. 14 - Francisco Máximo Feitosa Castro; Cad. 15 - Eufrásio Alves Feitosa; Cad. 16 - Alberto Feitosa Lima; Cad. 17 - Manoel Alves Feitosa Sousa; Cad. 18 - Lourenço Feitosa; Cad. 19 - Luiza Linda Feitosa; Cad. 20 - Beatriz Alves Feitosa; Cad. 21 – Coronel Francisco Alves Feitosa; Cad. 22 - Astrogilda Feitosa Lima; Cad. 23 - Tereza Aragão Serra; Cad. 24 - Fredy Kunz (Padre Alfredinho); Cad. 25 – Padre Aquiles Feitosa; Cad. 26 - Epaminondas Feitosa; Cad. 27 – Padre Antônio Feitosa; Cad. 28 - Padre Francisco Assis Feitosa; Cad. 29 - Fausto Carlos Barreto; Cad. 30 - Antônio Leopoldino de Araújo; Cad. 31 - Carlos Feitosa; Cad. 32 - Benone Teles; Cad. 33 - Nertan Macedo; Cad. 34 - Bernardo de Castro Feitosa; Cad. 35 - José Lúcio do Nascimento; Cad. 36 - Leonardo Mota; Cad. 37 - Eufrásio de Almeida; Cad. 38 - Nazareth Serra; Cad. 39 - Ulisses Bezerra; Cad. 40 - Cândido Meireles.

XXII.VII.I - Acadêmicos

- São acadêmicos da Academia Tauaense de Letras: Cad. 01 – Francisco Geraldo Freitas Carvalho; Cad. 02 - Edmilson Barbosa Francelino Filho; Cad. 03 – José Wilton Gonçalves Martins; Cad. 04 - Manoel Almeida Neto; Cad. 05 - João Alcimo Vieira Lima; Cad. 06 - Maria Dolores Andrade Feitosa; Cad. 07 – Joaquim Jorge de Moura; Cad. 08 – Marbênia Gonçalves Almeida Bastos; Cad. 09 - Maria da Trindade Luz; Cad. 10 - Maria do Socorro do Nascimento; Cad. 11 – Anamélia Custódio Mota; Cad. 12 – Ana Moreira Vale; Cad. 13 - Geandra Cláudia Silva Santos e Cad. 14 - Guilhermina

¹⁵⁴ ANDRADE FEITOSA, Fátima Lúcia de. Potencialidades turísticas do sertão de Tauá – Região dos Inhamuns – Ceará. Universidade Estadual do Ceará. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Gestão de Negócios e Turísticos. 2015. P

Venuira Costa Sousa. Cad. 15 - Aécio Feitosa; Cad. 16 - Antônio Viana de Abreu; Cad. 17 - Maria Neves Feitosa Campos; Cad. 18 - Maria de Castro Feitosa Teles; Cad. 19 - Leonarda do Vale Feitosa e Castro; Cad. 20 - Leonarda Feitosa e Castro (filha); Cad. 21 - Francisco Franco Feitosa Teles; Cad. 22 - Maria Terezinha Feitosa Lima; Cad. 23 - Andréa Saraiva Martins; Cad. 24 - Francisco Paz Loureiro; Cad. 25 - Antônio Robson Carvalho; Cad. 26 - Francisco das Chagas Feitosa Lima; Cad. 27 - Francisco José F. Mota (Franze); Adelaide Maria Gonçalves Pereira, Cad. 28; Dimas Macedo, Cad. 29; Aroldo Mota, Cad. 30; Maria Salete Vale Farias, Cad. 31; Paulo de Tarso Bezerra Gomes, Cad. 32; Carlos Gomes de Oliveira, Cad. 33; Maria Ivanete de Sousa, Cad. 34; Marluce Torquato Lima Gonçalves, Cad. 35; José Rogaciano Siqueira de Oliveira, Cad. 36; José Silvério do Nascimento Júnior, Cad. 37; Aureamélia Cavalcante Dias, Cad. 38; e Manoel Enéas Alves Mota, Cad. 40.

Em substituição em plano segundo, Francisco Geraldo Freitas Carvalho ocupa a cadeira de nº 01; José Wilton Gonçalves Martins, a cadeira 03; Antônio Viana de Abreu, a cadeira 16; Francisco Paz Loureiro, a cadeira 24; Antônio Robson Cavalcante, a cadeira 25; Francisco José F. Mota (Franze), a cadeira 27; Marluce Torquato Lima Gonçalves, a cadeira 35.

XXII.VII.II - Fundadores

Foram fundadores da Academia Tauaense de Letras: Cad. 01 - João Geneilson G. Araújo; Cad. 02 - Edmilson Barbosa; Cad. 03 - Alberto Feitosa in memória; Cad. 04 - Manoel Almeida Neto; Cad. 05 - João Alcimo; Cad. 06 - Maria Dolores Feitosa; Cad. 07 - Jorge Moura; Cad. 08 - Marbênia Bastos; Cad. 09 - Maria da Trindade; Cad. 10 - Maria do Socorro; Cad. 11 - Anamélia Mota; Cad. 12 - Ana Vale; Cad. 13 - Geandra Cláudia; Cad. 14 - Guilhermina Venuira.

XXII.VII.III - Membros correspondentes

São membros correspondentes: Cad. 01 - Maria Guilherme; Cad. 02 - Francisco Ronaldo Gomes; Cad. 03 - Dideus Sales; Cad. 04; Cad. 05 - Luiz Falcão; Cad. 06; Cad. 07; Cad. 08; Cad. 09; Cad. 10; Cad. 11 - Rosângela Ponciano; Vagas as cadeiras 12 a 20.

Destaco entre os acadêmicos tauaenses, sem desmerecer nenhum outro, porquanto, todos merecedores das mais destacadas homenagens e como tais, dignos de se assentar nas cadeiras da gloriosa Academia Tauaense de Letras, Dr. Manoel Enéas Alves Mota, engenheiro civil vitorioso que, saído dos sertões secos da nossa Tauá, com sangue escorrido dos Marrauenses, sob pela sua inteligência e desenvoltura, além de vencer na profissão que

escolheu transformar um dos seus filhos, em liderança de sua classe, no caso, o engenheiro civil Emanuel Mota Maia, o qual pela sua capacidade intelectual e liderança foi eleito para a Presidência do CREA-CE, para o período 2018/2020, recentemente reeleito para novo biênio. Emanuel Mota Maia colou grau junto a Universidade de Fortaleza, em 2002. Encontra-se cursando pós-graduação em Gestão de Engenharia de Custos e Gestão de Negócios. Possui participação em vários cursos, idealizador de vários projetos na sua área de atuação, além de condecorações diversas.

XXII.VII.IV - O Acadêmico Manoel Enéas Alves Mota



Concluiu o Curso de Engenharia no ano de 1977, no setor público foi Engenheiro Calculista da Superintendência de Obras do Estado do Ceará - SOEC, tendo sido Diretor Técnico e Superintendente de Obras do Estado do Ceará. Ainda no Setor Público, foi Diretor de Registro e Fiscalização e Conselheiro do CREA, Diretor do Departamento de Engenharia do Tribunal de Justiça, Diretor de Planejamento e Controle da Cagece e Secretário Adjunto da SEGOV. Entre outras atividades exercidas, destacam-se: Controle e gestão da obra do Fórum Beviláqua, Controle e Gestão do Edifício do Conselho Federal de Contabilidade em Brasília, Coordenador do Centro de Custos do DER, Responsável Técnico pela Construção da Cidade de Nova Jaguaribara, implantação do Departamento de Planejamento do Tribunal de Justiça do Maranhão, Gerenciamento da Construção do Edifício sede do Conselho Federal de Contabilidade em Brasília, Responsável pelo Gerenciamento de obras do SENAC. Participou de vários Congressos e Cursos, com ênfase ao Gerenciamento e Controle de Empreendimentos, destacando sua Especialização em Especialização em Controladoria e Finanças e em Gerência de Processos. Na área de consultoria, foi responsável pelo cálculo estrutural de edifícios e obras públicas, destacando o cálculo e reforço do Edifício Praia Centro (antiga Fábrica Fortaleza), que recebeu acréscimo de mais 5 (cinco) pavimentos. Também fez projetos de reforço estrutural em edificações da Polícia Rodoviária Federal - PRF, Instituto de Prevenção de Câncer do Ceará - IPC, Inspeção, Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias do Condomínio Dublin; Inspeção, Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias do Condomínio Las Palmas - Rua Antonele Bezerra; Inspeção, Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias do Edifício San Marino; Plano de Manutenção e orientações

técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias, no condomínio Parque das Nações; Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias, no Edifício Castelejo, na Aldeota; Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias, Di Cavalcanti; Restauração e Reforço estrutural na Escola do Bem, em Juazeiro do Norte; Restauração e Reforço estrutural na estrutura de madeira no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Tauá; Restauração e Reforço estrutural em prédio do Banco do Brasil na cidade de Redenção, que foi explodido; Restauração e reforço estrutural no edifício Ledo, na Rua Pinto Madeira; Restauração e reforço Estrutural em setores da Galeria Pedro Jorge, na Rua Senador Pompeu; Reforço estrutural em vigas do auditório do Hotel Maria Bastos, em Tauá; Reforço estrutural em ambientes do Hospital Otoclínica; Reforço estrutural em ambientes do Hospital Uniclínica; Inspeção, Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração e reforço das patologias, no Edifício Titan - Beira Mar; Inspeção, Plano de Manutenção e orientações técnicas para diagnóstico e soluções de restauração de patologias, na fachada do Edifício Lá Fontaine. Dedicar-se no momento, à empresa Use Empreendimentos Imobiliários, cuja missão principal é facilitar o acesso à casa própria e, também, na Consultoria focada na Análise e diagnóstico.

XXII.VII.V - Escritores tauaenses

Fausto Barreto, Joaquim Pimenta, Poetisa Nazareth Serra, Adelaide Maria Gonçalves Pereira, Heládio Feitosa e Castro (Poeta), Dimas Macedo, Maria Salete Vale Farias, Paulo de Tarso, Francisca Clotilde, Joaquim de Castro Feitosa, Anamélia Custódio Mota, Aroldo Mota, Francisco Bezerra Cavalcante, Marbênia Gonçalves Almeida Bastos, Maria do Socorro do Nascimento, Padre Neri Feitosa, Bernardo do Castro Feitosa, Antônio Gomes de Freitas, Cândido Meireles (Poeta), Francisco das Chagas Feitosa Lima (Romancista e cordelista), os jovens escritores Francisco Pablo Vieira Barbosa, Rubens Silva do Nascimento (poeta) e Mariana Alves, Vital Bizarria (Poeta), Ulisses Bezerra (Poeta), Cícera Gardenya (poetisa), Luiz Gonzaga Feitosa Lima (Lulu Lima), Anamelia Mota, Rogério Cavalcante, Aurélio Loiola, Domingos Gomes Aguiar e outros.

XXIII - A comunicação na nossa cidade

Na nossa Tauá, o sentido da comunicação sempre esteve presente na vontade expressa do nosso povo. Em tempos idos, e, aqui me volto à década de 1940, como bem lembrado em arquivo constante no Museu Histórico Regional dos Inhamuns, a existência de uma rádio denominada "Rádio Clube de Tauá", a qual penso, pela incipiência da sua instrumental eletrônica,

cobria com as suas ondas, apenas, o Centro da cidade e o bairro de Tauazinho. Mensagens as mais diversas e músicas dos ídolos de então Francisco Alves, Vicente Celestino, Carmem Miranda e outros, eram direcionadas ao seu público para deleite e satisfação de todos. Exerceram com maestria a função de locutores da rádio à época, os senhores: Abemor Meireles, Chico Mota, Antônio Carlos de Oliveira "Peroba", por sinal meu parente próximo e Sebastião Leitão.



Foto da sede da Radio Clube de Tauá situada no prédio hoje abrigando a Câmara Municipal

Não tenho informações, ademais, de como essa forma extraordinária de comunicação se deu na nossa terra, contudo, pelos resquícios históricos de que se tem conhecimento, dava-se pelas famosas à época existente, "radiadoras".

Posteriormente, além dos serviços de comunicação da União Artística Tauaense e Trici Clube, pela visão inovadora e futurista dos então deputados tauaenses Júlio Rêgo, Antônio Câmara e Idemar Citó, inaugurou-se forma moderna de comunicação, através da implantação na nossa cidade do serviço de rádio, passando, assim, a comunicação no nosso município se massificar, inclusive, para toda a região dos Inhamuns.

Segundo consta no site "Guia da Associação Cearense de Emissoras de Radio e Televisão - ACERT", oficialmente, Tauá tem instalado no seu território 3 (três) rádios com natureza comercial a saber:

XXIII.I - Rádio Cultura dos Inhamuns

A primeira e Pioneira, denomina-se: "Rádio Cultura dos Inhamuns", inaugurada no dia 28 de dezembro de 1980, criada que foi através do Decreto nº 83.813, de 7 de dezembro de 1978. Atua na frequência 960, com potência de 1KW. Tem como Diretor/Presidente o Dr. Júlio Gonçalves Rêgo; Diretor Geral o Dr. José Rêgo Filho; Gerente Administrativo, Comercial e Jornalismo, Sampaio Moreira.

Quando da sua inauguração, estiveram presente na nossa cidade, o então Governador Virgílio Távora, o Ministro de Minas e Energia César Cals, o ex-deputado Federal Claudino Sales, os radialistas Peixoto de Alencar e Arnaldo Santos, ambos da Rádio AM Dragão do Mar e o Prefeito Municipal de Tauá Joaquim de Sousa Bastos.

No início, a Rádio Cultura dos Inhamuns teve como sócios, o então parlamentar Deputado Júlio Rêgo e o Deputado Federal Claudino Sales de Crateús, mas em 1982, passa a pertencer de forma definitiva ao Dr. Júlio Rêgo como Diretor presidente e ao Dr. José Rêgo Filho como superintendente.

Em 1987, a emissora ficou sobre a superintendência de José Rêgo Filho e de Antônio Sampaio Moreira, na qualidade de gerente administrativo. Hoje, os sócios são: Dr. Júlio Gonçalves Rêgo, Dr. José Rêgo Filho e o Dr. Rêgo Neto (filho do Dr. Lemos).

O Rádio Cultura dos Inhamuns através das suas ondas cobre, além de Tauá, os municípios de Parambu, Arneiroz, Mombaça, Quiterianópolis. Catarina, Aiuaba, Novo Oriente e Independência, com uma população estimada em 255.000 habitantes. Possui programação diversificada seja no espaço musical, esportivo, político, opinião, etc.

XXIII.II - Rádio Difusora dos Inhamuns.

Atua na frequência 1100 e possui 1KW. Fundada em 25 de maio de 1985, tem como Diretor Geral o Sr. Ítalo Moreira de Aguiar. Diretor Comercial a Sra. Apolyanna Lima Ferreira e no Jornalismo Antônio Wilrismar Holanda Mota. Além de Tauá, tem abrangência nos municípios de Parambu, Arneiroz, Mombaça, Quiterianópolis. Catarina, Aiuaba, Novo Oriente, Saboeiro e Independência, com uma população estimada em 265.000 habitantes. Possui programação diversificada, seja no espaço musical, esportivo, político, opinião, educativa, etc.

A emissora foi fundada em 25 de maio de 1985, pelas mãos e iniciativa do então Deputado Antônio Câmara, ao lado do seu irmão José Ósimo da Silva Câmara Filho, e de um grupo de sócios acionistas, entre os quais, Jo-

aquim de Sousa Bastos, Dr. Domingos Gomes de Aguiar, Chico Nocrato, D. Lili Feitosa, Genésio Loiola e Manoel Almeida Neto.

Em 1997, a empresa passou a ser comandada pelo então Deputado Estadual Domingos Filho.

XXIII.III - Rádio Trici FM

Fundada em 15 de março de 2004, tem como Presidente o Sr. Carlos Frederico Citó César Rêgo. Diretor Geral Robério Loiola Citó; Diretor Comercial Paula Arindiaune de Sousa Moreira Feitosa e no Jornalismo, José Alverne Lacerda.

Atuando na frequência de 106,1 e com 1 KW, a referida rádio, tem abrangência, além de Tauá, nos municípios de Parambu, Arneiroz, Mombaça, Quiterianópolis Catarina, Aiuaba, Novo Oriente, Saboeiro e Independência, com uma população estimada em 270.000 habitantes. Possui programação diversificada, seja no espaço musical, esportivo, político, opinião, educativa, etc.

De outro lado, encontramos na nossa cidade, a denominada Rádio FM Gospel.

XXIII.III.I - O Jornal Folha dos Inhamuns

Idealizado, salvo engano, na década de 1980, pelo eminente e carismático professor Lulu Lima, o qual com outros tauaenses de expressão, não recordo se diariamente, destinou-se a escrever o cotidiano e a história mais que centenária da nossa gente, de nossa Tauá.

XXIII.IV - O Lions Clube de Tauá

O Lions Clube de Tauá, localizado na Avenida Odilon Aguiar, foi criado e entregue a sociedade no, 28 de dezembro de 1964, através do idealismo de personalidades ilustres filhos da terra, os quais junto a outros não menos ilustres conterrâneos, já naquele tempo, se dispuseram a, mesmo sacrificando um pouco dos seus precisos tempos e atividades, dedicarem-se ao bem social, focados acima de tudo, na trilogia "Frequência, Serviço, Companheirismo" e nos temas "Liberdade, Inteligência, Ordem, Nacionalismo e Serviço".

O encargo de primeiro dirigente maior da entidade recém-criada, foi confiado ao Senhor Flávio Alexandrino Nogueira, de cuja diretoria foi composta, ademais, pelos ilustres filhos de Tauá, como 1º Vice-presidente CL Sebastião César Rêgo, 2º Vice-presidente CL Dilson Mendes Fernandes,

3º Vice-presidente CL Francisco Soares de Carvalho, 1º Secretário CL Francisco de Assis Lemos Dias, 2º Secretário CL Bernardo Alves de Oliveira, 1º Tesoureiro CL Horácio Alves Ferreira Marques, 2º Tesoureiro CL Francisco Onias da Silveira, Diretor Social CL José Freitas Teixeira, Diretor Animador CL Francisco Freitas Sobrinho, Diretores Vogais de 1 ano CL Francisco Onias da Silveira e CL Luis Carlos Marques, Vogais de 2 anos CL Ecilio Bezerra Cavalcante e CL Júlio Gonçalves Rêgo.

Mostra-nos a ata de fundação da associação decenária de nossa terra, segundo constante do trabalho idealizado pelo CL Antônio Alves Bezerra às fls. 19, que ao evento estiveram presentes além de autoridades civis e eclesiásticas, o CL Armando da Silva Martins, representando o Distrito L-1, especialmente, o Lions Clube Fortaleza Centro, CCLL Boanerges Sales e José Américo Moreira, ambos representando o Lions Clube de Crateús, por sinal padrinho de fundação da entidade e o Dr. Dilson Mendes Ferreira.

Foram sócios fundadores Flávio Alexandrino Nogueira, Sebastião César Rêgo, Durval Mendes Ferreira, Francisco Soares de Carvalho, Francisco de Assis Lemos Dias, Bernardo Alves de Oliveira, Horácio Alves Ferreira Marques, Francisco Onias da Silveira, Francisco Freitas Sobrinho, José Freitas Teixeira, Eufrásio Alves Feitosa, Pedro Teixeira Castelo, Domingos Gomes de Aguiar, Júlio Gonçalves Rêgo, Ivan Ferreira Marques, Parmênio Feitosa Carvalho, Genésio Rodrigues Loiola, Francisco Lourival Gonçalves, José Waldemar Rêgo, José Ózimo da Silva Câmara Filho, Sebastião César Rêgo Filho, Ecilio Bezerra Cavalcante, Cândido Alexandrino Barrêto e Luis Carlos Marques Nogueira.

Lembra o mencionado autor e leão tauaense, que a Carta Constitutiva da entidade associativa foi entregue aos tauaenses no dia 5 de junho de 1965, em Assembleia festiva, presentes ao evento 23 sócios, juntamente, com as suas respectivas domadoras e convidados; os CCLL Guilherme Lillienfeld do LC Fortaleza Centro e Américo Fernandes Rosino do CL Fortaleza Jangada, que vieram representando o Governador do Distrito L-1 CL Armando Martins. A carta constitutiva recebeu o nº 516165.

Observei, em lendo o livro de Antônio Alves Bezerra que, as primeiras preocupações da diretoria iniciante da gloriosa associação, deu-se em pontos fundamentais e necessários na visão futurista daqueles tauaenses abnegados, dos seguintes pontos: Agência do Banco do Brasil, ANCAR, posto veterinário, posto agrícola, associação comercial, crédito agrícola (Ref. Produtor), ponte sobre o rio Trici, calçamento, água, campo de pouso, arborização da cidade e Associação Rural. Na mesma oportunidade, deliberou-se pela obrigação das domadoras participarem da primeira Assembleia Geral da associação.

Com o passar do tempo, outros tauaenses ilustres ingressam na sociedade, destacando-se: Antônio Moreira Mota, Antônio Alves Bezerra, Aderlô Feitosa Andrade, Alaor Cavalcante Mota Filho, Francisco Antunes Fernan-

des, Genésio Rodrigues Loiola, Hidelbrando Moreira Mota, José Gonçalves Matos, João Moreira Neto, João Antônio da Luz, Joaquim de Sousa Bastos, José Ivanir Farias, Manoel Almeida Neto, José Nilson Rodrigues Furtado, Aureliano Jataí Cavalcante Mota, Maria Gonçalves Lima Almeida, Elcias Bezerra Cavalcante, Afonso Batista de Aquino, Maria Genisia Feitosa Dias, José Laerte Gomes, Amilton José Cavalcante Mota, Francisco de Assis Lemos Dias, José Helder Mesquita, Luciano Rodrigues Gomes Magalhães, Paulo de Luna Machado, Marcos Ferreira Lima, Antônio Gomes Feitosa, José Freitas Teixeira, Raimundo Potiguara Alves, José Matos Araújo, Sebastião César Rêgo Filho, Assuero César Carvalho Rêgo, Domingos Gomes de Aguiar, Hélio Pedrosa Castelo, Miguel Alencar Furtado, José Lúcio do Nascimento Filho, Alcides Feitosa, José Marcelino Sobrinho, Ronald Veríssimo Barroso, Francisco Cidrão Bezerra, José Castelo Cidrão, Antônio Edilson Lima Leitão, José Marques Torres, Vicente de Paulo Araújo, Francisco Misael Cavalcante Mota, Sebastião Leitão Feitosa e Castro, Luis Alves Lima, José Luis do Carmo Fortuna, Manoel Silvério do Nascimento, Raimundo Nonato Gomes, Valdivino Gonçalves Góis Neto, Manoel Silvério do Nascimento, Antônio Teixeira da Silva, Liberato Gomes de Aguiar, José Gonçalves de Matos, Liberato Gomes de Aguiar, Francisco Antunes Fernandes, Leandro Custódio Oliveira e Castro, Thadeu Oliveira de Sousa, José Gonçalves Feitosa, Francisco Freitas Sobrinho, José Gonçalves Feitosa, Nivaldo Navarro da Rocha, Francisco Teixeira Silvério, Antônio Moreira Mota, Luis Alves Lima, Eduardo José Ferreira dos Santos, José Marcelino Sobrinho, Eduardo José Ferreira dos santos, Antônio Coutinho Sobrinho, João Moreira Neto, Francisco Antônio Feitosa Siebra, Francisco de Assis Barroso de Sousa, Anderson Francisco Cavalcante Mota, João Gonçalves Amorim, José Ivanir Farias, Joaquim Alexandrino Feitosa Gonçalves, Francisco Ronaldo Moura, Anderson Francisco Cavalcante Mota, Amilton José Cavalcante Mota, Fábio Alexandrino Feitosa, Epitácio Loiola Filho, Marcos Ferreira Lima, Arnaud Gonçalves Loiola, José Clayton Lima Cavalcante, Vicente Silvério do Nascimento, Antônio Roney Reis Gonçalves, Valdzizar Cavalcante de Lacerda, Maria Gonçalves Lima Almeida, Francisca Leda Mota Bastos, Francisca Pessoa Carvalho Gomes, Francisco Hildson de Sá, Rita Maria Lira Cândido, além de muitos outros filhos de Tauá.

Exerceram o encargo de presidente da entidade ao longo dos anos: Flávio Alexandrino Nogueira, Sebastião César Rêgo, Francisco de Assis Lemos Dias, Horácio Alves Ferreira Marques, Bernardo Alves Oliveira, Miguel Alencar Furtado, Paulo de Luna Machado, Manoel Almeida Neto, José Lúcio do Nascimento Filho, Antônio Edilson Leitão Lima, José Helder de Mesquita, Manoel Almeida Neto, José Laerte Gomes, Francisco Freitas Sobrinho, José Nilson Rodrigues Furtado, João Moreira Neto, Luis Antônio Oliveira de Sousa, Antônio Moreira Mota, Luciano Rodrigues Gomes Magalhães, Hidelbrando Moreira Mota, José Ivanir Farias, Francisco Ronaldo Moura, Vicente Silvério do Nascimento, Aderlô Feitosa Andrade, Antônio

Alves Bezerra, Antônio Roney Reis Gonçalves, Maria das Graças Cavalcante Sá e outros.

Aponta-se, que foram eleitos e renunciaram ao valoroso encargo de Presidente e Secretário do Lions Clube de Tauá, respectivamente, Antônio Jackson Macêdo e Pedro Alexandrino Feitosa.

Acrescento que no dia 4 de julho de 1987, restou estabelecida a decisão de a mulher puder ingressar no quadro da associação, assim, a Senhora Vilanir Gonçalves Pereira tornou-se a primeira tauaense a fazê-lo, tendo como padrinho o CL Antônio Alves Bezerra.

Para minha surpresa, verifiquei ademais, que a primeira mulher a presidir o Lions Clube de Tauá, foi a minha irmã Maria das Graças Cavalcante de Sá, cuja responsabilidade lhe foi conferida para o ano leonístico de 1997/98.

Por outro lado, penso que agregado à instituição em Tauá, existe um Clube Social, o qual vem servindo a sociedade tauaense em todos os seus aspectos, inclusive educacional.

XXIV – Bairros da cidade de Tauá

Segundo o Instituto de Geografia e Estatística do Ceará – IBGE, Tauá possui dentre muitos e vários bairros, os denominados bairro de Alto Brilhante, Tauazinho, José Alexandrino Nogueira, Manoel Alves Mota, José Holanda Lima, Bezerra de Sousa, Enéas Alves de Oliveira, Colibris, Luiz Antônio de Oliveira Sousa, Francisco Soares de Carvalho, Sebastião César Rêgo, Nova Aldeota e Alto Nelândia, além do Parque Quinamuiú, José Aragão de Freitas, Dr. José Ósimo da Silva Câmara, Ari de Freitas, e Antônio Feitosa de Sousa.

XXIV.I - Bairro do Alto Brilhante

No meu entendimento, o bairro do Alto Brilhante é um dos mais antigos concebidos na nossa cidade. O seu marco inicial deu-se na Rua Ipiranga, atual Fausto Barreto, em data aproximada de 1930. Naquela época encontravam-se, principalmente, as residências dos Senhores Tibúrcio Bezerra, Antônio Emídio Scarcela, Gervásio Silveira de Carvalho, Francisca Martins, Crisarina Feitosa, Chico da Juca, Francisco Alves Bezerra (Chico Diana), Antônio Inácio Barra, Antônio Francisco do Nascimento (Família Cariri), Antônio Ferreira, José Belém e Biô, Quinino e Santana (costureira), Plácito Pinto do Carmo, Cícero (surdo), Cristina do Né Rabeca e outros. Levantamento realizado e constante nos arquivos, da Fundação Bernardo Feitosa – Museu dos Inhamuns, por outro lado, consta que nas proximidades do bairro, moravam a cega Nelina, Pedrinho Fernandes, Manoel Pereira

(Manezinho do Saco) e Biriú, José Agostinho de Oliveira (Gatinha Marchante e Lúcia)¹⁵⁵.

Segundo¹⁵⁶ o mesmo trabalho, nas décadas de 1940/1950, existiam as residências de José Joaquim de Lima, Alberto Fernandes, Pedro Cazuza, Francisco Alves Bezerra, Tonico e Conceição Paulino. No final dos anos 1950, surgiu a Vila Moreira, com três residências de aluguel. Ali no bairro, também, existiam e residiam Lourival Fernandes de Carvalho e Antônia Bezerra de Carvalho, Joaquim Honório dos Santos, Maria Soledade, Antônio Pinto do Carmo (Totó), Cândido Alves Bezerra, hoje, a rua se denomina Júlio Gonçalves da Silva.

No São Geraldo, tinha as residências de Enéas Alves de Oliveira e Maria Elisa Leite. Ali, existia uma escola onde funcionava na administração da professora Maria Nice Soares Gonçalves. Também ali moravam Pedro Matias de Vasconcelos e Maria Ferreira do Carmo (Maricô); Seu Damiano; Joaquim Adelino Sampaio e a família Pereira (José, Miguel e Cássia). Já na Rua Monsenhor Odorico de Andrade, residiam Emídio Scarcela e Inocência Scarcela (Sinhá), Custódio Bezerra e Maria Marques de Sousa (Doca), depois Scarcela e Salustiana.

Foram moradores do bairro, ademais, Plácido Pinto do Carmo, Pedro Matias de Vasconcelos, Custódio Bezerra, Antônio Inácio Barra, Luis Ferreira de Melo (o Luis Manteiga – enfermeiro), Bernardo Rodrigues Barra (comerciante e padeiro), Maria José Ferreira Lima (professora), Senhor Inácio, Francisco Alves Bezerra (pedreiro).

Encontramos ainda no referido bairro, vários estabelecimentos comerciais, dentre os quais citamos: Kelly Mercadinho, Posto Ipiranga, etc.

O bairro do Alto Brilhante, segundo o IBGE tem população estimada de cerca de 3000 habitantes, destacando-se em maior número o grupo feminino. Em termos de idade, destaca-se o grupo entre 15 e 64 anos.



Foto Diário do Nordeste

¹⁵⁵ Fundação Bernardo Feitosa. Museu Regional ods Inhamuns. Exposição o Brilho do Alto. História, Memória e Identidade do Bairro do Alto Brilhante. Tauá-Ceará.

¹⁵⁶ Ibidem

XXIV.I.I. - Olho D'água da Nanci

No Alto Brilhante encontram-se localizados alguns órgãos públicos e comércios, seguintes: Parque de exposição Pedro Alexandrino Feitosa, CEV – Universidade Estadual do Ceará, UNOPAR, Escola Cantinho do Saber, Escola EIEF Joaquim Pimenta, dentre vários outros órgãos importantes à nossa cultura e ao nosso desenvolvimento.

Não fora isso, ali, também, se encontra localizada a famosa nascente denominada "Olho d'água da Nancy" (foto página anterior), cujo nome adveio de uma antiga moradora do bairro conhecida pela alcunha de Nancy que, ao que se extrai da história, no espaço costumava tomar banho. Nancy foi uma das mais conhecidas personalidades de Tauá, pois se trata de uma "senhora", proprietária, à época, de um prostíbulo denominado de "Cabaré da Nancy".

Ressalte-se que, no período de forte estiagem em nossa cidade, referida fonte chegou até mesmo a nos abastecer do precioso e necessário líquido a vida. A nascente é considerada um milagre da natureza, pelo fato de jorrar água em pleno coração do semi-árido. Sua nascente vem de uma fissura de um bloco de pedra existente no bairro Bezerra de Sousa.

XXIV.I.II - Prostíbulo de Tauá



No governo do Prefeito Gerardo Feitosa, privilegiando a construção de casas para instalação e localização de "meretrícios" em nossa cidade, até

mesmo de forma inusitada, parece-me, foi aprovada a Lei de nº 197/1960, de cujo teor se extrai¹⁵⁷:

Art. 1º - Autoriza o Prefeito Municipal a adquirir um terreno de 60 x 132 metros no subúrbio Prejubana ou Alto Brilhante, desta cidade, para localização do meretrício.

Parágrafo único – O terreno de que trata este artigo poderá ser doado por escritura pública ou particular a pessoas que desejem fazer construção própria de casas para habitações de mulheres de vida pública, bem como a tomar todas as deliberações no sentido de pronta execução desta lei. .

Lembro, ademais, que o conhecidíssimo Cabaré da Nanci já não existe mais em nossa cidade. Há quem diga que a localidade, embora habitada na atualidade, trata-se de obra em ruínas.

Ali, no bairro, também se encontra instalada, uma das primeiras Igrejas protestantes da nossa Tauá. Na década de 1960, quando ainda gozava das delícias e da influência natural a todos os adolescentes, lembro-me bem do pastoreio exercido naquela comunidade pelo Pastor de nacionalidade americana (Sr. Vernard), por mim conhecido como Pastor Bernardo, cidadão que alcançou vasta notoriedade na nossa terra, pela sua elegância, dedicação, cordialidade e sapiência.

As escolas Cantinho do Saber, EEI Áurea Jatai Mota, EEF Joaquim Pimenta, EEF Maria Mota Lima, Centro Educacional Infantil - CEI e EDUSER – Tauá, dentre outros, também se encontram localizadas no bairro de Alto Brilhante.

XXIV.II - Bairro Tauazinho

O bairro de Tauazinho situa-se na confluência do centro da cidade e tem por divisão o Rio Trici, o qual corta quase que pela metade a própria cidade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 3.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses, Antônio Bezerra Cavalcante, Augusto Fernandes, Nenenzilio, Luiz Cavalcante Dias (Luiz Bibiano), Aldic Mota, Luiz Antônio Cavalcante Dias, Francisco Mota (Chico Mota), Senhor Silvério, Manoel Almeida Neto, Jo-

¹⁵⁷ Ibidem. Episódio 52º.

aquim de Sousa Bastos, Família Cidrão Souto, Francisco Teobaldo Cidrão Souto, Afonso Feitosa Lima, Alfredo Alves Bezerra, Amália Jataí de Carvalho, Amélia Lira de Farias Me, Amilton José Cavalcante Mota, Amparo Carmen Rosália Narvaez Vargas, Ana Lúcia Carlos Nogueira, Ana Lúcia Marques dos Santos, Ângela Maria Cidrão do Nascimento, Antônia Elizabete de Oliveira, Antônia Gonçalves Loiola, Antônia Gonçalves Martins, Antônia Hilza de Alencar Castro, Antônia Lurdes Nonato dos Santos, Antônia Silvério de Oliveira, Antônia Tania Pereira da Rocha, Antônia Xavier Oliveira Luz, Antonieta Moreira da Silva, Antônio Alves Bezerra, Antônio Anízio Rosa, Antônio Ari Alencar, Antônio Benevides de Freitas Sobrinho, Antônio Cleudo Abreu Pereira, Antônio de Queiroz da Silva, Antônio Delfino Filho, Antônio Edinaldo Fernandes Sampaio, Antônio Henrique da Silva, Antônio Honorato Mota, Antônio Marcos Machado Bezerra, Antônio Marques da Silva, Antônio Maciel da Silva, Antônio Paiz Lima, Antônio Pereira Filho, Antônio Pereira Martins, Antônio Pereira Sobrinho, Antônio Rodrigues Nunes, Antônio Sampaio Moreira, Aureamelia Cavalcante Dias, Aureliano Jatai Cavalcante Mota, Aurení Feitosa Nunes, Cícero Bernardo Gomes de Oliveira, Cirilo Chaves Neto Dayvenson Coelho Noronha, Ecicleia Alves Cidrão, Edilia Jatai Mota, Edivania Pedrosa Machado, Edmar Ferreira Soares, Ednalva Lucas Reis, Elieuda Gonçalves de Lima, Elione Romualdo Zinzim, Eriberto Gomes Feijão, Esmeralda de Souza Pianco, Estecilia Setúbal da Silva, Euclides Ferreira Braga, Evenice Coelho dos Santos, Fátima Rolim Duarte Mariz, Francisca Aurenir Oliveira, Francisca Bastos de Sousa, Francisca Feitosa Sousa Guilherme, Francisca Gonçalves Noronha, Francisca Maria da Conceição Alves, Francisca Milicas de Noronha, Francisca Nilce Alves de Oliveira, Francisca Pedrosa Arrais, Francisca Pedrosa Feitosa Mariz, Francisca Pereira da Silva, Francisca Raquel Gonçalves Soriano, Francisca Severa da Silva, Francisca Vanuza Gomes Viana, Francisca Vital Pedrosa, Francisco Alves da França, Francisco Alves Passos, Francisco Antônio Costa Gonçalves Loiola, Francisco Antunes Fernandes, Francisco Bezerra Oliveira, Francisco Cordeiro dos Santos, Francisco das Chagas Pereira Gonçalves, Francisco Erivan Frota, Francisco Fabio Cavalcante de Medeiros, Francisco Francieudo Lins, Francisco Gláucio Lemos, Francisco Ivanilton Mota, Francisco Jamberto Soares Monte, Francisco Macelio Mota de Moraes, Francisco Rodrigues de Matos, Francisco Teixeira Silvério, Francisco Teobaldo Cidrão Souto, Geralda Aderalda Lopes, Gervasio Angélico Araújo, Herbenia Maria Pinheiro Caracas, Hialy Alves Grestan Melo, Honorina Moreira Fernandes, Iraci Gonçalves de Assis Bezerra, Jandira Gomes Freitas, Janira Alves Pereira Feitosa, Joana Denetinha Filha, Joana Ferreira Neta, João Bosco Vieira da Silva, João Moreira Neto, João Rodrigues Matos, José Aribamar Fernandes Torres, José Arimatea Magalhães Junior, José Audivar Feitosa, José Augusto de Lima, José Batista da Silva, José Bezerra Wanderley, José Emídio de Carvalho, José Ferreira Filho, José Gonçalves Feitosa, José Holanda Calixto Filho, José Lima de Barros, José Maria Nogueira da Silva, José Martins Domingos, José Moreira da Silva, José Raimundo Carlos, José Sales de Oli-

veira, José Silvério do Nascimento, José Soares de Sousa, José Wellington de Melo Gonçalves, Josefa Chaves de Sousa, Josélia Alves Pereira, Juarez Gonçalves da Silva, Juarez Lima Pedrosa, Juscelino Araújo Serra, Jurislene Araújo Freitas, Juvêncio Rodrigues, Karina Couto Roriz de Figueiredo, Laura Cavalcante Torres Fernandes, Leonora Luiza de Lima Reis, Lorena Feitosa e Castro Gonçalves, Lúcia Marques Nogueira, Luís Joaquim Dias Cavalcante, Luís Rodrigues de Matos, Luís Sandro Pereira, Luiz Antônio Cavalcante, Luiz Clebio de Oliveira, Luiz Gonzaga Martins, Luiz Gomes de Oliveira, Luiza de Souza Lima, Luiza Juliana de Oliveira, Lusiane Marques de Oliveira, Luzanira de França do Nascimento, Luzanira Gomes da Silva Costa, Luzia Maria da Conceição, Maria Altina Teixeira Holanda, Maria Aurineide Feitosa, Maria Aurizete Caracas, Maria Célia Soares Mota, Maria Celina Feitosa Lima, Maria da Conceição Cidrão Caracas, Maria da Conceição do Nascimento Lins, Maria da Conceição Freitas, Maria da Gloria Feitosa Duarte, Maria das Dores e Silva, Maria das Graças Venâncio, Maria de Araújo Lima Neta, Maria de Fátima Gonçalves de Oliveira, Maria de Fátima Souza Araújo, Maria de Jesus Alves Caracas, Maria Delia de Souza, Maria do Socorro Andrade Bezerra Soriano, Maria do Socorro Bezerra Severino, Maria do Socorro Bezerra do O, Maria do Socorro Bezerra Fernandes, Maria do Socorro da Silva, Maria do Socorro de Sousa, Maria do Socorro Monteiro, Maria Dolores Pereira da Rocha, Maria Eliete Alves Uchoa, Maria Eulália Jataí Lima, Maria Evaneide Frota Martins, Maria Fernandes das Chagas, Maria Francisca Gomes de Oliveira, Maria Gomes de Medeiros, Maria Gonçalves Caracas, Maria Helena Abreu Pedrosa Mota, Maria Holanda Veras, Maria Ildene Feitosa, Maria Iolanda Santos Rocha, Maria Iracema de Sousa, Maria Iraci de Lima, Maria Ivanilda Lira Cândido, Maria Ivonete Ferreira de Sousa, Maria Josany Oliveira, Maria José de Sousa Neta, Maria José Gonçalves, Maria Luiza Soares Mota de Queiroz, Maria Luzia Cavalcante Feitosa, Maria Marilene Nogueira Araújo, Maria Naide Cavalcante Fernandes, Maria Neidima Falcão Feitosa, Maria Pereira, Maria Purificação Vieira, Maria Ribeiro de Oliveira, Maria Rocilda Vieira Santiago, Maria Salomé Cidrão Santiago, Maria Terezinha Feitosa Lima, Maria Vanimere Feitosa Arrais, Maria Vanuzia Moura Rodrigues, Maria Vita Alexandre Sousa, Maria Zenilda Leopoldo Feitosa, Maria Zulir de Sousa, Mirelle Maria Moreira Rodrigues, Natalia Reis Loiola, Neci Alves de Sousa, Ozinilda Aparecida de M Dias, Paulo Airton de Macedo e Silva, Porfírio Feitosa Sobrinho, Priscila Aparecida Chaves dos Santos, Rafaela Maria Bento Lima, Raimunda Augusto do Nascimento, Raimunda Gonçalves dos Santos, Raimunda Lima da Silva, Raimunda Nogueira Araújo, Rayani Oliveira Mendonça, Rejane Andrade Bezerra, Ricardo Cavalcante da Silva, Rita Ferreira de Almeida, Rita Maria Lira Cândido, Robertina Lopes Freire Loiola, Rosiane Moreira Soares, Sebastiana Estrela Rodrigues, Sebastiana Fernandes Ferreira, Selene Xavier Costa, Silvia Siqueira Barros, Tatiana Bezerra Martins Alves, Terezinha Vieira Lobo, Vera Lúcia Cavalcante Gonçalves e Zenaide Scarcela Venân-

cio, Silvia Alecia Feitosa, Antônio Benevides de Freitas Sobrinho, Demétrius Gonçalves de Araújo, Aderlo Feitosa Andrade, dentre outros.

No bairro, também são encontrados: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará - Sebrae; Sindicato dos Trabalhadores Rurais Tauá; Secretaria de Educação do Município de Tauá; Secretaria de Saúde do Estado do Ceará; Associação Comercial de Tauá - Ascot; Bnb Clube de Tauá, Centro Integrado de Educação Profissional - CIEP; Empresa Gontijo de Transportes Limitada, Empresa Redentora Ltda, Fundação Nacional de Saúde, Fundo Municipal de Desenvolvimento Rural e o Hospital e Maternidade Regional dos Inhamuns.

As escolas EEM Maria das Dores Cidrão Alexandrino, CEMIT e Prepara, também são encontradas no bairro em evidência.

XXIV.III - Bairro Cidade Nova, atualmente, José Ósimo da Silva Câmara

O bairro foi criado pela Lei nº 504, de 16 de abril de 1977, conforme visto abaixo.

posições em contrário.

Paco da Prefeitura Municipal de Tauá, em 18 de abril de 1977.

A - Joaquim de Sousa Basto
Prefeito Municipal

Lei Nº 504 de 16 de Abril de 1977

Aprova Planta e dá denominação
Búmbala em ao Bairro que indica.

Paco da Prefeitura Municipal de Tauá.

Faço saber que a Câmara Municipal de Tauá aprovou e eu sanciono a presente Lei.

Art. 1º - Fica o chefe do Poder Executivo, autorizado a denominar de Cidade Nova, o Bairro situado nas adjacências da Cadeia Pública, desta Cidade.

Art. 2º - Fica igualmente aprovada a Planta de Situação, do mencionado Bairro.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor a partir desta data, revogadas as disposições em contrário.

Paco da Prefeitura Municipal de Tauá em 18 de Abril de 1977.

A - Joaquim de Sousa Basto.
Prefeito Municipal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 4.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Abel Ferreira Neto, Adriana Desiderio Torquato, Amaro Fernandes Neto, Ana Aurení de Araújo Cito, Ana Lúcia Alves Teixeira, Ana Paiva Bezerra dos Santos, Ana Rodrigues Loiola Maia, Angelucia de Castro, Antônia Alexandre Matos, Antônia Correia dos Anjos, Antônia de Pereira Lo, Antônia do Socorro do Nascimento, Antônia Eridan de Oliveira, Antônia Gonçalves da Silva, Antônia Marleides Oliveira, Antônia Martins da Silva, Antônia Rosiane Alexandrino Mota, Antônia Sales Moreira, Antonicle Oliveira Jairi, Antonino Xavier da França, Antônio Adaiso da França, Antônio Ari Moura Lima, Antônio Ferreira da Silva, Antônio Gonçalves de Souza, Antônio Graciano Gomes, Antônio Júnior Batista de Lima, Antônio Neto de Souza, Antônio Reinaldo Oliveira Barbosa, Antônio Rodrigues de Sousa, Antônio Teixeira do Nascimento, Antônio Wilrismar Holanda Mota, Aurimberk Almeida Amorim, Carlos de Oliveira Filho, Carmosa Martins da Costa, Cícero da Silva França, Cirene Fernandes de Melo, Cleonila Fontenele Tahim, Cristina de Oliveira Vieira, David Pereira Ferreira, Dominga Tinor de Sousa, Edite Alves dos Santos, Edmilson Gonçalves de Oliveira, Estefânia Holanda Veríssimo, Evilasio Alves Bezerra, Francisca Cleide Oliveira Carvalho Benevides, Francisca Inácio de Andrade, Francisca Iolamita Cavalcante Barbosa, Francisca Maria do Espírito Santo, Francisca Rodrigues do Nascimento, Francisca Rosângela Pinheiro de Sousa, Francisco Adalbir de Araújo, Francisco Alves de Lima, Francisco Antônio Cavalcante, Francisco Araújo Cavalcante, Francisco das Chagas Loiola Maia, Francisco de Assis Santana de Sousa, Francisco Everaldo Gonçalves Sousa, Francisco Ferreira dos Santos, Francisco Gonçalves Lima, Francisco Ivan dos Santos, Francisco Siriano Silva, Francisco Zico de Sousa Martins, Gerlandia Gomes da Silva, Getúlio Gonçalves Viana, Gilberto Setúbal de Oliveira, Helena Maria de Oliveira Gomes, Hudson Gonçalves Pereira, Ilda Martins de Souza, Iracema do O de Sena Loiola, Iran Firmino dos Santos, Izabel Maia Amorim, Izabel Vieira Justino, Joana Tavera de Oliveira, João Alcimo Viana Lima, João Glauber Fialho da Silva, João Silvério do Nascimento, João Sobreira Monteiro, José Barreto Cidrão, José Bizarria Junior, José Florêncio Neto, José Luís Santos, José Pereira da Silva, José Ribamar Francisco Silva, José Ricardo Fialho, José Teixeira de Medeiros, José Wellington de Melo Gonçalves Junior, José Wilo Benevides Teixeira, José Wilton Gonçalves Martins, Josefa Gildete de Loiola Sales, Josefa Lima da Silva, Júlio Gonçalves Siqueira, Katia Sobreira Gomes, Leombergue Araújo Monteiro, Leonardo Reinaldo Dantas, Lourenço Ferreira Sales, Luís Bernardino de Sousa, Luís Geovani Coelho, Luís Uelton Pedrosa, Luiz Monteiro Evangelista, Luiza Araújo Feitosa Lima, Luiza Gonçalves de Oliveira, Manoel Mendes Alecrim, Maria Aciria

Felix de Oliveira, Maria Chaves de Sousa França, Maria Conceição Ricarte, Maria Carvalho de Lima, Maria Consuelo Alexandre dos Santos, Maria Crizani da Silva, Maria Dalva do Carmo Paixão, Maria das Graças Vieira de Sousa, Maria do Socorro Noronha Marques, Maria Elias Lima, Maria Eli-diane Silva Andrade, Maria Enilzete Noronha, Maria Firmina de Loiola, Maria Gonçalves Barbosa, Maria Gonçalves da França, Maria Ilda da Silva, Maria Ivone Loiola Meneguelo, Maria Ivonilde da Silva, Maria Laura Lima, Maria Lizier Pereira Nunes, Maria Lúcia de Oliveira, Maria Osimar Alves Veríssimo de As, Maria Pereira de Lima, Maria Pereira Peixoto, Maria Rodrigues Pedrosa, Maria Sônia Quinino de Medeiros, Maria Veríssimo Vieira, Mario de Assis Ferreira de Sousa, Mario Sergio Figueiredo, Marizete Alves Loiola, Marlene Pereira de Sousa, Marluce Torquato Lima, Naiana Cristina Rodrigues dos Santos, Neila Maria Soares Loiola, Nestor Gomes dos Reis, Osmar Tenório da Silva, Raimunda Oliveira Lima, Raimundo Rosendo de Souza, Raimundo Vieira Carneiro, Rita de Cassia Solano Feitoza Neves Loiola, Rita Mota de Sousa, Rocilda Vieira de Sousa, Rogério Xavier de Al-

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Administração Mudando Tauá

LEI MUNICIPAL Nº 930, de 26 de Setembro de 1997.

Dispõe sobre a denominação de Bairro na sede do Município que indica e adota outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE TAUÁ, Estado do Ceará, no uso de suas atribuições legais,

Faço saber que a Câmara Municipal de Tauá aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Chefe do Executivo Municipal autorizado a denominar o conhecido Bairro Cidade Nova de Bairro Dr. José Ózimo da Silva Câmara.

Art. 2º - O Bairro Dr. José Ózimo da Silva Câmara fica localizado nesta cidade, e sua área obedecerá o seguinte limite: iniciando-se pelo Centro da cidade, na Rua Chico Tetê, seguindo-se ao norte na Rua Eufrásio Oliveira, continuando em direção reta na estrada da Confiança e finalizando-se ao sul na Rua Domingos Gomes.

Art. 3º - Fica o Chefe do Poder Executivo, autorizado a mandar confeccionar placas denominativas e adotar as medidas necessárias para o cumprimento desta Lei.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, aos vinte e seis (26) dias do mês de Setembro de 1997.


Dr. JOAO ANTONIO DA LUZ
Prefeito Municipal

meida, Rosa Andréia Vieira da Silva, Rosa Avelina de Sousa, Rute Rodrigues do Sacramento, Silvestre Gonçalves Neto, Siuvanilda Gomes de Sousa, Terezinha Matias dos Santos, Vanda Lúcia Veloso Soares de Abreu, Wanderlea de Paiva Peixoto, Zaráias Gomes Saraiva Junior e Zulmira Cordeiro do Nascimento, dentre outros.

Através da Lei Municipal de N° 930, de 26 de setembro de 1997, o nome do bairro Cidade Nova, foi transformado para bairro Dr. José Ósimo da Silva Câmara, objeto realizado na gestão do Prefeito João Antônio da Luz.

No bairro se encontram localizados, EEEP Monsenhor Odorico de Andrade, Centro Educacional Betesda, EEI Ana Pedrosa Castelo.

XXIV.IV - Bairro José Alexandrino Nogueira

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 3.500 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

No bairro de José Alexandrino Nogueira situam-se os seguintes órgãos públicos: 24ª Vara Federal – Justiça Federal, além das empresas comerciais Tauá Motos, Cléber Mercantil, Panificadora e Confeitaria Tauá, José Veríssimo de Sousa, Irmãos Carvalho Comércio de Peças, Casa de Frutas, Lojão Elehidta, Orval Organização Valente, Auto Peças Elton Motos, Alves, Maria ASD, dentre vários outros.

XXIV.V - Bairro Manoel Alves Mota

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 3.500 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens. Ainda segundo o IBGE, o número de domicílio ocupado alcança um percentual de 90,9%.

Criado pela Lei nº 1143/2002, no bairro situam-se os seguintes órgãos públicos: Fundo Municipal de Segurança Pública, Instituto Médico Legal - IML e as empresas P Alves Marmoaria & Serviços – Eireli, São Geraldo Construções, Mercantil Marliete, Associação Comunitária Moradores do Bairro Manoel Alves Mota, dentre outros.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Francisco de Diassis Gonçalves Abreu, Antônia Robervânia Gomes, Francisco Eder Inácio Venâncio, Maria Alves Pedrosa Cavalcante, Caroline Vitor Loureiro, Antônia Genilza Barbosa da Silva, Locelina Pinhares de

Sousa Alexandre, Francisco Evangelista de Sousa, Francisca Dias Ricarte, Francisco Teixeira de Oliveira, Francisco Evangelista de Sousa, Francisco Teixeira de Oliveira, Francisco de Diassis Cavalcante de Abreu, Francisco Alves Sobrinho, Francisco Gomes de Araújo, Leonardo Vieira de Lima, Senhor Nascimento, Dona Paulina, Senhora Joelia/Daniel, Senhora Rosália, Senhor Lenadro, Denir, Zé do Quiosque, Neto Papelina e outros.

XXIV.VI - Bairro José Holanda Lima

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Administração Tauá Em Boas Mãos

LEI MUNICIPAL Nº 1142 DE 04 DE ABRIL DE 2002



DENOMINA DE BAIRRO JOSÉ
HOLANDA LIMA – PERIMETRO
URBANO – SITUADO NESTA CIDADE.

legais: **A PREFEITA MUNICIPAL DE TAUÁ**, no uso de suas atribuições
seguite Lei: Faço saber que a Câmara Municipal, aprovou e eu sanciono e promulgo a

Art. 1º - Fica denominado de Bairro José Holanda Lima, o perímetro urbano desta cidade, incluso nas seguintes limitações:
Partindo da esquina da casa de Maria Holanda Calixto, na avenida Coronel Vicente Alexandrino, segue por esta avenida, lado direito, rumo sul, até o duplex (domicílio e comércio) de Salviano Fernandes; daí numa pequena reta, rumo oeste, vai ao fim da rua Lulu Lima que numa transversal cruza com a rua Pedro Lima e segue por esta, ainda rumo sul, lado direito, até o cruzamento com a rua Ana Gonçalves de Oliveira; segue por esta rua até os limites dos terrenos dos herdeiros do espólio de José Holanda Lima e Astrogilda Feitosa Lima com o espólio dos herdeiros de João Cidrão de Oliveira; segue por esses limites até o cruzamento com os limites dos terrenos do espólio dos herdeiros de José Holanda Lima e Astrogilda Feitosa Lima com os terrenos do espólio de José Waldemar Régio; daí numa reta, passando pela casa de Antônia Vieira (viúva de João da Cunha), vai a casa de Maria Holanda Calixto, na avenida Coronel Vicente alexandrino de Sousa, ponto de partida.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as suas disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, em 04 de abril de
2002.

Patrícia Pequeno Costa Gomes de Aguiar
PATRICIA PEQUENO COSTA GOMES DE AGUIAR
Prefeita Municipal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 3.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Alexa Sales, Armando Noronha, Armando Martins, Miguel Loiola, Lídia Oliveira, Antônio Oliveira, Canutinho, Alexandre Josias e outros.

XXIV.VII - Bairro Bezerra de Sousa

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 3.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Alaíde Nascimento Lima, André de Oliveira Batista, Antônia Ferreira do Nascimento, Antônia Zilva de Sousa, Antônio Ferreira Neto, Antônio José Pedrosa Mota, Antônio Leonardo Pereira, Antônio Moreira Loiola, Benedita Alexandre Araújo, Benedita Pereira da Silva, Cícero Ribeiro Neto, Creomar Teixeira de Oliveira, Ernaldo Alves Oliveira, Filomenda de Sousa Oliveira Pereira, Francisca Ivanilde Fernandes dos Santos, Francisca Lina de Sousa, Francisca Márcia Araújo Magalhães, Francisca Venceslau de Castro, Francisco Raimundo da Silva, Gina Gomes de Oliveira Araújo, Hortêncio Pereira Sampaio, Joaquim de Castro Feitosa, José Erivando Simão Gonçalves, José Zacarias Filho, Lídia Farias de Oliveira, Luiza Monteiro Evangelista, Luiza Zacarias Mota, Margarida Maria Marques, Maria de Lourdes Martins Moreira, Maria José Custodio Cazusa, Maria José Oliveira da Silva, Maria Juvenília Marques, Maria Lucena Oliveira, Maria Marilene Soares Sousa, Maria Marques de Oliveira, Maria Pureza Gentil, Maria Vieira Araújo, Marilene Sales Moreira, Mirian Leitão de Sousa Gomes, Oscar de Oliveira, Pedro Costa de Oliveira, Raimunda Alves de Souza, Raimundo Moreira Teixeira, Raimundo Nonato de Almeida, Rita Alves de Oliveira, Sebastião de Souza Barra e Zélia Ferreira do Nascimento, dentre muitos outros.

A Escola de Ensino Fundamental Maria do Livramento Barreto das Costa Leitão, Escola de Música Feitosa e a Universidade Estadual do Ceará – UECE, Campos Tauá, encontram-se localizadas no bairro Bezerra de Sousa.

XXIV.VIII - Bairro Alto do Cruzeiro, atualmente, Enéas Alves de Oliveira

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 2.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

No bairro, situa-se a Creche Poeta Aurélio Loiola.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Manuel Pedrosa Benevides, Marcílio Gomes, Ana Ricarte, André Caracas, José Iran, Antônia Núbia, Carolina Victor Loureiro, Maria Alves Pedrosa Cavalcante, Francisco Eder Inácio Venâncio, Antônia Genilda Barbosa da Silva, Joaquim do Zé da Preta e outros.

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Administração Mudando Tauá

LEI MUNICIPAL Nº 917, de 15 de Agosto de 1997.

*Autoriza ao Chefe do Executivo Municipal,
denominar nome de Bairro e dá outras
providências.*

O PREFEITO MUNICIPAL DE TAUÁ, Estado do Ceará, no uso de suas atribuições legais,

Faço saber que a Câmara Municipal de Tauá aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

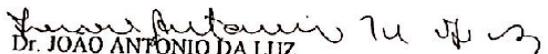
Art. 1º Fica o Chefe do Poder Executivo Municipal, autorizado a dar nova denominação ao Bairro Alto do Cruzeiro, nesta cidade, o qual passará a denominar-se de "Bairro Enéas Alves de Oliveira".

Art. 2º - O Bairro Enéas Alves de Oliveira fica localizado nesta cidade, e sua área obedecerá o seguinte: iniciando-se pelo Centro da cidade, por trás da Rua 7 de Setembro, seguindo ao norte com a Rua Temístocles Fialho, em direção reta até a estrada da Confiança - Rua Francisca Alexandrino Cavalcante, BR-020, ao sul, com a Rua Alfredo Ferreira Vale, continuando pela Rua Júlio Gonçalves da Silva, seguindo pela Rua Bernardo de Castro, até encontrar-se com a Rua 7 de Setembro.

Art. 3º - Fica o Chefe do Poder Executivo, autorizado a mandar confeccionar placas denominativas e adotar as medidas necessárias para o cumprimento desta Lei.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, aos quinze (15) dias do mês de Agosto de 1997.


Dr. JOÃO ANTONIO DA LUZ
Prefeito Municipal

XXIV.IX - Bairro Colibris

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 2.000 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

No bairro, situam-se os seguintes órgãos públicos: Secretaria de Educação do Estado, EEF Dondon Feitosa, CEJA Luzia Araújo de Freitas, CUT Tauá, Escola Livre de Teatro dos Inhamuns - ELTI, EEMTI Lili Feitosa, Instituto Federal do Ceará - IFCE, Rádio Cultura dos Inhamuns e outros.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Francisco Ézio Araújo Feitosa, Herberlh Freitas Reis C. Mota, Maria Lucilaine Pessoa, Paulo Romildo Lima, Clarice Oliveira da Silva, Sandra Evangelista da Cunha, Maria José Araújo dos Santos, Maria dos Anjos Araújo, José Honorato Soares, Ramiro Ferreira Cândido dentre muitos.

XXIV.X - Bairro Luiz Antônio de Oliveira Sousa

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 700 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Aluizio Rodrigues Loiola, Álvaro Moura Loiola, Antônia Auzeni de Sousa, Antônia Vandir Geracina Araújo, Antônia Vieira de Souza, Francisca Aurennyr da França, Francisca Eveliane Pequena Rêgo, Francisca Rosa Bento Ferreira, Iracema Lacerda Gonçalves, José Antônio Filho, Luilson Saraiva Modesto, Luísa Geny Caracas Lopes, Maria Alice Gonçalves, Maria França da Conceição, Maria Graci de Sousa, Maria Iolanda Lúcia Lídio, Paulo Pereira Filho, Pedro Soares Pereira, Reilania Martins de Oliveira e Silverlandia Pereira Sólón, dentre outros.

Ressaltamos, ademais, que a Fundação Bernardo Feitosa – Museu Regional dos Inhamuns encontra-se instalada neste bairro centenário de Tauá.

XXIV.XI - Bairro Francisco Soares de Carvalho

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 700 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em homens. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Antônio Valmir Sales, Francisca Eulina Gonçalves Pinto, Ediomar Ferreira Félix, Luiz Leonel de Moraes, Andréa Cristina da Silva Gonçalves, Josefa Rodrigues de Oliveira, Maria Raquel Moreira Mota, Melquizeque Alves

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Administração Tauá Cada Vez Melhor

LEI MUNICIPAL Nº 1289 DE 03 DE FEVEREIRO DE 2005.

DENOMINA DE BAIRRO FRANCISCO SOARES DE CARVALHO – SENHOR CHIQUINHO PARMÊNIO, ÁREA LOCALIZADA NA SEDE DO MUNICÍPIO, NA FORMA QUE INDICA, E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A PREFEITA MUNICIPAL DE TAUÁ, no uso de suas atribuições legais:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte

Lei:

Art. 1º - Denomina de Bairro Francisco Soares de Carvalho – Senhor Chiquinho Parmênio, a área descrita no artigo segundo desta lei.

Art. 2º - O Bairro Francisco Soares de Carvalho – Senhor Chiquinho Parmênio, fica localizado na Sede do Município, com os seguintes limites:

- I – Ao Sul: com a Rodovia CE – Tauá/Mombaça;
- II – Ao Norte: com terras pertencentes a Francisco Hélder Lima Castelo;
- III – Ao Leste: com terras pertencentes a Francisco Hélder Lima Castelo;
- IV – Ao Oeste: com a Rodovia CE – Confiança/Avenida Chermont Alves de

Oliveira.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, em 03 de fevereiro de 2005.


PATRÍCIA PEQUENO COSTA GOMES DE AGUIAR
Prefeita Municipal



Pereira Rêgo Marinho, Juarez Gonçalves Pinto, Francisca Eulina Gonçalves Pinto, Andréa Cristina da Silva Gonçalves, Maria Raquel Moreira Mota, e outros.

XXIV.XII - Bairro Sebastião César Rêgo

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Administração Tauá Cada Vez Melhor

LEI MUNICIPAL Nº 1301 DE 29 DE MARÇO DE 2005.

DENOMINA DE BAIRRO SEBASTIÃO CÉSAR RÊGO, A ÁREA LOCALIZADA NA SEDE DO MUNICÍPIO, NA FORMA QUE INDICA E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A PREFEITA MUNICIPAL DE TAUÁ, no uso de suas atribuições legais:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte

Lei:

Art. 1º - Denomina de Bairro SEBASTIÃO CÉSAR RÊGO, a área descrita no artigo 2º desta Lei.

Art. 2º - O Bairro Sebastião César Rêgo, fica localizado na sede do Município, com os seguintes limites:

I – Ao Sul – com terras de propriedades do Sr. Francisco Hélder Lima Castelo;

II – Ao Norte – com o Bairro Aldeota;

III – Ao Leste – com as terras de propriedade do Sr. Sebastião César Rêgo Filho, até o limite do Riacho Antunica;

IV – A Oeste – com a Av. Chermont Alves de Oliveira.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, em 29 de março de 2005.


PATRÍCIA PEQUENO COSTA GOMES DE AGUIAR
Prefeita Municipal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 100 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Joilto José da Silva, Domingos Rodrigues de Matos, Arlina Maria Alves dos Santos, Francisca Maria Nóbrega Pinheiro, Creuza Loiola Neta, Pedro Pedrosa de Castro Castelo Neto, José Pereira de Medeiros, Luis Pires de Melo, Tiago de Paiva Sousa, Adriana Almeida Amorim, Aldic Cavalcante Mota Dias, Thiago de Piva Sousa, Adriano Moreira de Amorim, Glauco Fas-

sheber Urbano Melo, Francisco Ronaldo Moura, Francisco Líbio Holanda da Silva, Leda Maria Braga Cordeiro, e outros.

XXIV.XIII - Bairro Aldeota

0,5% (meio por cento) do valor venal quando se tratar de prédio destinado a moradia, pelo próprio possuidor;
1% (um por cento) do valor venal quando o prédio for alugado a terceiro

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor a partir desta data, revogadas as disposições em contrário.

Faço da Prefeitura Municipal de Taubaté, em 28 de Março de 1977

A - Joaquim de Sousa Bastos
Prefeito Municipal

Lei Nº 497 de 26 de Março de 1977

Sumula - Aprova Planta e dá Denominação ao Bairro que indica.

O Prefeito Municipal de Taubaté,

Faco saber que a Câmara Municipal de Taubaté, aprovou e eu promulgo a presente lei.

Art. 1º - Fica o chefe do Poder Executivo autorizado a Denominar de Bairro de Aldeota, o bairro situado nas dependências do Centro Comunitário nesta Cidade.

Art. 2º - Fica igualmente aprovada a PLANTA DE SITUAÇÃO do mencionado Bairro.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor a partir desta data, revogadas as disposições em contrário.

Faço da P.M. Taubaté em 28. Março 1977

A - Joaquim de Sousa Mota
Prefeito Municipal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 2500 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

No bairro de Aldeota, situam-se as seguintes escolas: EEF Teresa Aragão Serra e Conselho de Pais e Alunos CEPAN.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades seguintes: Abnohan Mayume Lacerda de Lima, Alice Alves de Sousa, Ana Cassia

Ferreira Firmo, Antônio Vanie Rodrigues, Celia Maria de Oliveira Silva, Douglas Alves Rodrigues, Francisca Alves de Oliveira, Francisca Maria Camilo de Sousa, Francisca Neuma Abel, Francisco Chagas Loiola, Francisco de Assis Ferreira de Sousa, Francisco Vieira da Silva, Ingrid Elpides do Nascimento, Joana Garcia de Souza, José Valentim, Maria Adélia de Souza, Maria das Graças de Sousa Araújo e Raimunda Lúcia Pereira de Oliveira

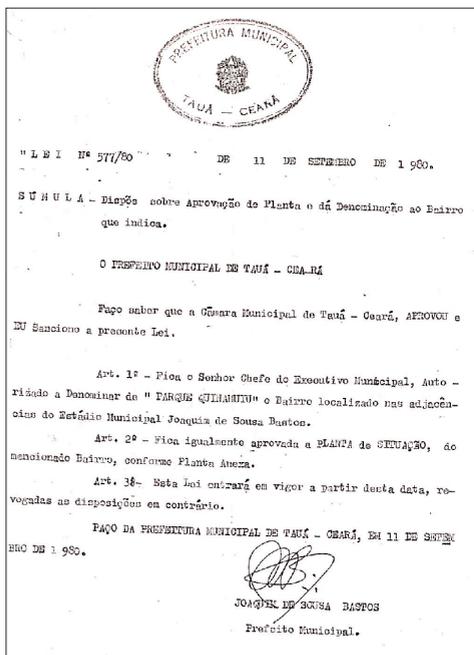
XXIV.XIV - Bairro Alto Nelândia

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população nele é estimada em cerca de 100 pessoas, sendo que a maioria encontra-se concentrada em mulheres. No bairro verifica-se, também, a presença de um contingente maior de jovens.

Habitaram e habitam no bairro, dentre muitas personalidades tauaenses: Antônio Bezerra de Oliveira, Antônio José Rodrigues do Nascimento, Bonifácio Gomes da Silva, Cândida Lira de Medeiros, Francisca Adeli-dia Gonçalves Cidrão, Francisca dos Santos Ferreira, Francisca Lucieuda Gonçalves Henriques Noronha, Gilberto Mariz Wanderley, Janete Oliveira Loiola, José Andrade de Lima, José Ferreira Filho, Maria Marinete Francisca da Silva, Maria Paula Sousa, Raimundo da Silva Segismundo, Valzulei-de Bezerra dos Santos Lima.

No bairro em evidência, também se encontra localizado o Memorial do Cólera.

XXIV.XV - Bairro Parque Quinamuiú



No Planalto Quinamuiú, residem ou residiram: Francisca Menezes Barbosa, José Clayton Lima Cavalcante, Maria Alice Alves Ferreira, Sinolanda Mota Alexandre, José Rêgo Filho, Joel Gonzaga de Paula dentre outros.

No bairro, encontra-se localizado o Conselho Tutelar de Tauá.

XXIV.XV.I - Loja Maçônica São João do Príncipe.

Também localizada no bairro Parque Quinamuiú, em Tauá, a cinquentenária Loja Maçônica São João do Príncipe Nº 27, de Tauá, foi funda-

da em 1955, sendo os seus fundadores os Senhores João Firminio de Araújo, José Nogueira (Zeca), Moacir Marques, Jorge Dias, Luiz Borges, Flávio Alexandrino, Jorge Massilon, João e Antônio Paes Ribeiro.

Ao longo dos anos, muitos tauaenses ilustres fizeram e fazem parte dessa associação de caráter milenar e de vasta participação na história do próprio Brasil. Dentre muitos tauaenses ilustres e grandes maçons, cito: Luis Gonzaga Lima, Antônio Paes Ribeiro, Aderlô Feitosa, Teobaldo Cidrão Souto, Neônio, Elcias Filho, João Alcimo Viana Lima, João Cidrão Souto, Alaor Cavalcante Mota Filho, Francisco das Chagas Feitosa Lima, Hudson Gonçalves Pereira, Raimundo Nonato Marques Barbosa e outros.

XXIV.XVI – O Clube das Acácias

As esposas dos maçons estão organizadas no Clube das Acácias Associação Beneficente, entidade que mantém inúmeras crianças matriculadas na educação infantil, com o apoio da prefeitura local, além de outras atividades de cunho educacional e social.

XXIV.XVII - Bairro Ari de Freitas (vide lei abaixo)

ESTADO DO CEARÁ
GOVERNO MUNICIPAL DE TAUÁ
O Desenvolvimento em nossas mãos

LEI MUNICIPAL Nº 1886 DE 05 DE JULHO DE 2012.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE BAIRRO
O LOTEAMENTO URBANO ARIZONA NA
FORMA QUE INDICA E ADOTA OUTRAS
PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE TAUÁ, no uso de suas atribuições legais:
Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica denominado de **BAIRRO ARISTIDES ARAGÃO FREITAS**, o loteamento urbano denominado de "Loteamento Arizona", aprovado através da Lei Municipal nº 1512 de 24 de outubro de 2007.

Art. 2º - Cumpre ao Poder Executivo Municipal dar publicidade e conhecimento à população da referida denominação, com o nome reduzido a **BAIRRO ARI DE FREITAS**.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, em 05 de julho de 2012.


ODILON SILVEIRA AGUIAR
PREFEITO MUNICIPAL

XXIV.XVIII - Bairro Antônio Feitosa de Sousa (vide lei abaixo)

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Gabinete do Prefeito

LEI MUNICIPAL Nº 2158 DE 20 DE MAIO DE 2015.

DENOMINA DE BAIRRO ANTONIO FEITOSA DE SOUSA A ÁREA LOCALIZADA NA SEDE DO MUNICÍPIO, NA FORMA QUE INDICA E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE TAUÁ, no uso de suas atribuições legais:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - Denomina de Bairro ANTONIO FEITOSA DE SOUSA, a área localizada no Loteamento Jardins Barbosa, na Cidade de Tauá – Ceará.

Art. 2º - O Bairro ANTONIO FEITOSA DE SOUSA, fica localizado na sede do Município, com os seguintes limites:

- I – Ao Sul – Com as terras de propriedade do Sr. Francisco Gonçalves Mariano Sobrinho e Joaquim de Sousa Bastos;
- II – Ao Norte – Com o Loteamento São Geraldo 2;
- III – Ao Leste – Com a CE 176 – trecho Tauá/Arneiroz;
- IV – A Oeste – Terras de propriedade do Sr. Francisco Gonçalves Mariano.

Parágrafo Único - Para todos os efeitos legais a área indicada nesta lei tem o seguinte memorial descritivo:

MEMORIAL DESCRITIVO

Memorial descritivo da poligonal do Bairro Antônio Feitosa de Sousa, localizado na zona SUL da cidade de Tauá/CE, delimitado pela rodovia CE-176, a Fazenda Curú, Rio Jaguaribe e Bairro Manoel Alves Mota, iniciando sua poligonal no vértice P-01 de coordenadas N=9.334.643,117m e E=358.116,026m, situado no limite do bairro Manoel Alves Mota, deste segue margeando o lado direito, do sentido Tauá/Arneiroz, a RODOVIA CE-176 com os seguintes azimutes e distâncias: 142° 59' 7,73" e 1.003,94m até o vértice P-02, de coordenadas N=9.333.841,485m e E=358.720,417m; 150° 36' 43,81" e 55,27m até o vértice P-03, de coordenadas N=9.333.793,327m e E=358.747,540m; 154° 41' 19,36" e 255,12m até o vértice P-04, de coordenadas N=9.333.562,701m e E=358.856,611m; 236° 6' 23,01" e 1.154,75m até o vértice P-05, de coordenadas N=9.332.918,750m e E=357.898,080m; deste segue a margem esquerda do RIO JAGUARIBE com os seguintes azimutes e distâncias: 13° 42' 15,61" e 302,22m até o vértice P-06, de coordenadas N=9.333.212,366m e E=357.969,679m; 303° 42' 42,83" e 156,59m até o vértice P-07, de coordenadas N=9.333.299,278m e E=357.839,420m; 280° 1' 18,65" e 360,78m até o vértice P-08, de coordenadas N=9.333.362,063m e E=357.484,140m; 240° 14' 42,93" e 240,68m até o vértice P-09, de coordenadas N=9.333.242,614m e E=357.275,188m; 283° 11' 39,74" e 219,60m até o vértice P-10, de coordenadas N=9.333.292,739m e E=357.061,386m; 310° 2' 23,15" e 69,79m até o vértice P-11, de coordenadas N=9.333.337,635m e E=357.007,955m; 331° 15' 28,90" e 184,74m até o vértice P-12, de coordenadas N=9.333.499,618m e E=356.919,118m; 338° 12' 37,32" e 257,78m até o vértice P-13, de coordenadas N=9.333.738,976m e E=356.823,432m; 358° 14' 12,35" e 97,40m até o vértice P-14, de coordenadas N=9.333.836,333m e E=356.820,435m; 21° 54' 5,02" e 109,76m até o vértice

XXIV.XIX - Bairro José Aragão Freitas (vide lei abaixo)

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ
Gabinete da Prefeita

LEI MUNICIPAL Nº 2016 DE 30 DE SETEMBRO DE 2013.

DENOMINA DE BAIRRO JOSÉ ARAGÃO FREITAS ÁREA LOCALIZADA NA SEDE DO MUNICÍPIO DE TAUÁ NA FORMA QUE INDICA E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A PREFEITA MUNICIPAL DE TAUÁ, no uso de suas atribuições legais:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - Denomina de bairro JOSÉ ARAGÃO FREITAS a área localizada no Loteamento Vale do Sabuji na cidade de Tauá-Ceará.

Art. 2º - O Bairro José Aragão Freitas, fica localizado na sede do Município, com os seguintes limites:

- I - Ao Sul - com o bairro denominado Aldeota;**
II - Ao Norte - com o bairro denominado Adjacir Cidrão;
III - Ao Leste - com as terras do Espólio do Sr. Severino Pequeno de Medeiros;
IV - A Oeste - com a CE-176 Tauá - Aeroporto.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUÁ, em 30 de setembro de 2013.


PATRICIA PEQUENO COSTA GOMES DE AGUIAR
PREFEITA MUNICIPAL

XXV - Outras localidades existentes na nossa cidade

Além dos bairros citados, também são encontradas na nossa cidade outras localidades que, ao meu visio, assemelham-se a bairros e que, pelo costume são chamadas:

XXV.I - Localidade de COHAB

Residem ou residiram: José Elder Bezerra Cavalcante, Chico do Mixico, Ana Keila Vieira da Silva, Antônio Luis de Sousa, Gertrudes Teixeira dos Reis, Luiza Ângela de Oliveira Lima.

Nesta localidade são encontradas as escolas: EEF Maria Alexandrino Nogueira Marques, Janaina Aulas Particulares.

XXV.II - Localidade de Meireles

Residem ou residiram: Antônia Antonilca Alves Barbosa, Antônia Auzeni de Moura, Antônia Erilene de Sousa, Antônia Erilene de Sousa Gonçalves, Antônio Marcos Mota Rocha, Antônio Pinto Vieira, Francisca Araújo Freitas, Francisca Lindaura Chaves de Sousa, Francisco Gonçalves Martins, Kátia Setúbal Loiola, Maria dos Reis de Lira, Maria Elcina Bezerra de Oliveira, Maria Rosângela Oliveira Xavier, Narcélio Melo Meireles e Rita Antonina de Sousa, dentre outros.

XXV.III - Localidade Pedregal

Residem ou residiram: Betiza Ferreira Lopes, Fátima Viana de Oliveira, Francimar Viana de Oliveira, Heroneide Freitas Assunção, José Renato Cláudio Bizerra, Manoel Mota de Moraes, Maria Eunice Galvão, Maria Heloisa Frota Lô, Raimundo Batista do Nascimento, Raimundo Nonato de Araújo e Terezinha de Jesus Falcão Loureiro, dentre outros.

No Pedregal, localiza-se o Centro de Educação Infantil Aurélio Loiola.

XXV.IV - Localidade Rabeca

Residem ou residiram: Ana Ide Pereira de Oliveira, Francisco Gonçalves Mariano, Luzinete Dimas de Macedo, Maria do Socorro de Araújo Moraes, Osvaldina Teixeira de Oliveira Rodrigues, Regina Gomes da Costa, Silvania Cardoso de Oliveira, Valdeci Sales Nogueira, dentre outros.

XXV.V - Localidade São Bernardo

Destaco, Francisco das Chagas de Araújo.

XXV.VI – Localidade São Geraldo

Destaco, Maria de Fátima Cavalcante Mota e Maria Moreira Teixeira.

XXV.VII - Localidade Therezopolis

Destaco, Sebastião Carlos de Oliveira.

XXV.VIII – Localidade Cidade Leste

Destaco, Antônia Francisca de Melo e Dutra Pedrosa Cavalcante.

XXVI - Distritos de Tauá

Como visto acima, o nosso município, além da sede distrital, é dividido em oito grandes distritos, os quais, de forma detalhada, apontam-se suas principais características e nomes de relevo.

XXVI.I - Distrito de Barra Nova

O distrito de Barra Nova deu-se por criado, através do Decreto nº 1.156, de 4 de dezembro de 1933, e se encontra localizado a 62 km da sede do nosso município.

É constituído por três vilas: Cachoeirinha, Bom Jesus e Belém. As vilas de Bom Jesus e Cachoeirinha do Pai Senhor, localidades encontradas no território distrital de Barra Nova, se encontra localizadas às margens da BR 020, ou melhor, dizendo, cortadas pela referida estrada federal.

Na localidade do Belém, é encontrada a nascente do rio Carrapateiras, o maior dos três rios que formam o rio Jaguaribe, o mais importante do estado do Ceará. As águas dos açudes e barragens utilizadas pela população são salobras e necessitam de tratamento adequado para o consumo.¹⁵⁸

O nome Pai Senhor é atribuído a Senhor Francisco de Sousa Cavalcante, nascido no Município de Pedra Branca, o qual através de lucros obtidos na profissão de mascate (vendedor de porta em porta) adquiriu algo em torno de 52.000 hectares de terras na região, ali se instalando, donde vem, portanto, a denominação "Cachoeira do Pai Senhor".

Caracterizado por ser região de terrenos ondulados e pedregosos, possui vegetação rala. - Nessa região do nosso município, encontram-se grandes fazendas propícias para a criação do gado e o cultivo do feijão e do milho, base econômica do nosso município.

¹⁵⁸ Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/distrito/barra-nova>.

Conforme dispõe o Inciso II, letra "a", da Lei 187, de 18 de agosto de 1959, o território do distrito de Barra Nova restou delimitado:

XXVI.I.I Vila da Barra Nova

Perímetro Urbano: Partindo da Capela ao Norte, vai em direção ao Poente, em linha reta, até o ponto confrontante com a casa de Antônio Clarentino; e deste ponto, tomando a direção Sul, vai diretamente à casa pertencente a Temístocles Lins Fialho, após a casa de Antônio Clarentino; daí segue, em linha reta, rumo ao Nascente até o ponto confrontante com a casa onde funciona a Escola Pública da Vila, também pertencente a Temístocles Lins Fialho; deste ponto toma a direção do Norte, indo diretamente para oitão do Nascente da mencionada casa a Escola Pública continuando na mesma direção e em linha reta até o ponto confrontante com a Capela da Vila; e, finalmente, deste ponto até ao ponto de partida.

Perímetro Suburbano: Será constituído de uma faixa de terreno, ao Nascente, após a Zona Urbana, tendo como ponto de partida e ponto final da área urbana, confrontante com a Capela da Vila, do poente para o Nascente 100 metros em linha reta, e tomando o rumo Sul, também em linha reta 300 metros deste ponto, rumo ao Poente, em linha reta, 100 metros e, finalmente, deste rumo ao ponto de partida, correspondendo a 300 metros até este ponto.

No lugar Barra Nova, predominantemente, destacam-se as famílias Bastos, Cavalcante, Ferreira, Vieira, Brígido, Alexandrino, Barros e Veríssimo.

Segundo consta, foi o fundador do distrito, em verdade, o fazendeiro Francisco de Sousa Cavalcante, tal como acima referido.

Informa Gomes de Freitas¹⁵⁹, que o Coronel Francisco de Barros e Albuquerque, torna-se o latifundiário da fazenda Bom Jesus, com as terras do médio e alto Carrapateiras, donde veio a florescer a referida vila.

Em Barra Nova é encontrado um patrimônio histórico expressivo, caracterizado por dois sítios arqueológicos, situados no lugar "Várzea Formosa", onde é possível veem-se pinturas gravadas em rochas feitas por antigos habitantes da localidade.

Destacam-se, no distrito, ao longo dos anos, além das pessoas referidas: Francisco de Sousa Cavalcante, Harmodia Maria Cavalcante, José Bastos Cavalcante, (Zeca Bastos), Adalberto Bastos Cavalcante, Vicente Ca-

159 Ibidem

valcante Fialho, o pintor Renato Araújo, Francisca Cavalcante Fialho, José Brígido Clarentino, João Brígido de Sousa, Maria José Clarentino de Sousa, Francisco Diassis Faraias, Francisca Amélia Araújo Farias, Francisco Tayrone Araújo Farias, Raimundo Monteiro de Souza, José Dias Monteiro, Alberto Gonçalves de Carvalho Rodrigues, Antônio Rodrigues Xavier da Silva, Regiane Gonçalves de Carvalho, Raimundo Alves Neto, Francisco Diassis Alves da Silva, Raimundo Nonato Souza, Rosa Maria Alves Sousa, Vitória Régia Sousa, Francisco Antônio Fernandes Martins, Francisco de Assis Martins Carvalho, Antônia Solange Fernandes Martins, Antônia Stefani Alves de Oliveira, Erivaldo Araújo de Oliveira, Maria Claudete Alves da Silva, Francisco Apolicarpio Alves de Souza, Sebastião Alexandre de Souza, Maria Creuza Alves de Sousa, Maria Joilda Ferreira Teixeira, Antônio Ferreira Filho, Maria das Graças Teixeira Ferreira, Maria Pereira Gerônimo, Maria das Dores Alexandre da Silva, Francisco Josivan Barros Siqueira, Jeovania Soares da Silva, Odecio Sores da Silva e Vitalina dos Reis da Silva.

João Alcimo Viana Lima¹⁶⁰ narra, que por informações de populares da região, o nome do padroeiro de Barra Nova, "Bom Jesus dos Passos", surgiu da obra confeccionada de argila por uma artesã, identificada por ela, por consequência, como um santo, daí a devoção ao santo dedicada.

No distrito é encontrada a Escola EEF Francisca Cavalcante Fialho.

XXVI.II - O distrito de Carrapateiras

O distrito de Carrapateiras foi criado em 23 de dezembro de 1926, através da Lei nº 2.471. Foi extinto e restabelecido pela Lei nº 158, de 4 de dezembro de 1936. Na origem foi denominado Santo Antônio da Carrapateira, todavia, pelo Decreto-lei nº 448, de 20 de dezembro de 1938, passou a se chamar Carrapateiras, nome que perdura até os tempos atuais.

O distrito possui o solo propício para o plantio da mamona, daí a origem de seu nome. O referido distrito apresenta características específicas em relação a outras áreas do município de Tauá, porquanto, além dos terrenos ondulados com áreas pedregosas, caracteriza-se pela incidência de chapadas e baixios.

A vegetação, por outro lado, apresenta-se pouco densa predominantemente formada por: vegetais do tipo velames, juremas, aroeiras, marmeleiros, catigueiras, mufumbo, pereiro e o xique-xique.

No distrito é encontrada uma área de intervenção do Instituto de Colonização e Reforma Agrária - Incra, atuando no parcelamento de terras da localidade, daí a presença de colonos, parceiros, parceleiros e pequenos proprietários.

Carrapateira, também se caracteriza pela presença de grandes propriedades, onde os fazendeiros (proprietários), têm se dedicado ao criatório

¹⁶⁰ Ibidem, p. 92.

de bovinos e caprinos de forma extensiva, enquanto os colonos, parceiros, parceiros e pequenos proprietários se dedicam de forma mais intensa ao plantio do milho, feijão, banana, uva, mandioca, arroz, cana e capim, este último, alimento básico para o bovino.

No distrito de Carrapateiras, encontramos fincado o açude e o perímetro irrigado Várzea do Boi, instalado que foi em período recente, contudo, a maioria do projeto desativado, por contingência da própria ação humana e pela intempérie dos tempos que graça, infelizmente, a nossa terra.

Em Carrapateiras, foram encontradas pinturas rupestres feitas em pedras pelos primeiros habitantes de nossa região. Essas pinturas são consideradas valiosas, registro da presença de povos que lá viveram. Já estão georeferenciados os seguintes sítios arqueológicos localizados no Distrito: Vacarias, Alívio, Batalha, Torres, Maximiano, Castelo e Lagoa de Pedras¹⁶¹.

No médio e baixo Carrapateiras¹⁶², os Pereira de Carvalho, ali, também predominaram, inclusive, deixando rastro de prestígio social, e o mais, importante, sem juntar riquezas como exigia à época.

As famílias predominantes do distrito são: Feitosa, Arruda, Alves e Corrêa.

Segundo narram Auremélia Cavalcante Dias, Hilma Carvalho Gomes, Maria do Socorro Nascimento e Maria da Trindade Luz Nascimento, professoras renomadas na história da educação de Tauá¹⁶³, as famílias predominantes no distrito foram: Feitosas, Arruda, Alves e Corrêa.

As primeiras fazendas foram: Barra Nova, São Bento e Caiçara. Depois, Conceição, Jaburu, Poço da Onça, Poço do Padre e Algodões.

O professor João Alcimo Viana Lima¹⁶⁴, revela a existência no distrito de um vasto patrimônio histórico e natural na localidade. Cita uma barragem, cuja construção, segundo narração do autor, "*provavelmente, se deu com a utilização de "pedras calcárias"*". Trata-se, revela, "*de um local que está situado na passagem do rio Carrapateiras e com grande potencial turístico a ser explorado, cuja parede de pedras impressiona por sua harmonia e qualidade arquitetônica*". Arremata: "*A ação humana se associou à beleza natural do "caldeirão de pedras" e ao olho d'água perene existente no local*". O porão de Batalha tornou-se lendário e tem suscitado muitos relatos populares.

No distrito de Carrapateiras, pela sua beleza e fecunda história, ainda nos deparamos com o famoso e conhecido "Cruzeiro de São Bento", encontrado na localidade de igual nome. Relíquia por sinal, pela grandeza do seu histórico, devidamente tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio da nossa Tauá.

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Ibidem, pág. 44.

¹⁶³ Tauá, - Uma história a acontecer. 1ª edição, 1990. Págs. 47/50.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 78-79.

No distrito de Carrapateiras, destacamos, pelo histórico de vida, as pessoas seguintes:

XXVI.II.I - Antônio Leopoldino de Araújo Chaves

Conhecido por ser da fazenda São Bento. Foi deputado provincial nos biênios 1838/1839 e 1842/1843. Exerceu o cargo de Juiz de Direito nas Comarcas de Quixeramobim e dos Inhamuns.

XXVI.II.II - Pedro Pedrosa de Castro Castelo (Castro Castelo) ou, simplesmente, "Fuscão Preto"



Castro Castelo, tauaense ilustre, agropecuarista de renome, líder político destacado, foi por diversas vezes no nosso município, vereador e vice-prefeito e prefeito. Na gestão de 1993-1996, foi afastado pelo Tribunal de Justiça

do Estado do Ceará. Além da política, outra paixão de Castro Castelo, era a agropecuária. Notabilizou-se pela criação de caprinos da raça Anglo-nubiano, mas, explorava, também, a ovinocaprinocultura e bovinocultura. Foi casado com Maria Luiza Uchôa Castelo, com quem teve cinco filhos. Teve ainda dois filhos de um segundo relacionamento com a senhora Toíinha, perfazendo sete filhos. Entre os seus genros, um foi o vereador Cláudio Régis e, ainda, o vereador Marco Aurélio Aguiar (que já fora vice-prefeito e prefeito), que casou com uma de suas netas. Seu Castro é descendente das mais tradicionais famílias de Tauá e de Mombaça. Marcado por vitórias e derrotas no campo político, faleceu na noite de 02 de fevereiro de 2014, em Fortaleza. O sepultamento aconteceu no dia 03 de fevereiro no cemitério São Judas Tadeu.¹⁶⁵

XXVI.II.III - José Lins Pedrosa Castelo

Ex-vereador, irmão de Pedro Pedrosa de Castro Castelo. Foi um dos grandes proprietários rurais de Tauá. Respeitado na sociedade tauaense, deixou de legado uma família sólida e honrada. Faleceu recentemente em Tauá.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://jeffersonetaua.wixsite.com/meutaua/castro-castelo>.

XXVI.II.IV - A festa do padroeiro "Santo Antônio"



A festa do padroeiro Santo Antônio é celebrada, anualmente, a cada 13 de junho, ocasião que reúne e, conagração religioso e social, além dos moradores da comunidade, grande parte do povo tauaense.

XXVI.II.V – Delimitação territorial do distrito

O distrito de Carrapateiras pela Lei nº 187 de 18 de agosto de 1959 é delimitado, conforme art. 1º, III, "a" e "b", da seguinte forma:

Perímetro Urbano: partindo ao Norte, da casa de Otávio Benevides, rumo ao Sul, vai diretamente à casa de Antônio Munda Rodrigues, desta parte, e rumo Nascente, vai até o canto da casa de Antônio Munda com Otávio Benevides, e deste ponto, tomando o rumo do Norte, vai até a parte confrontando com a casa de Otavio Benevides e finalmente, deste ponto tem a direção do Poente, por terreno vago de 60 metros até encontrar o ponto de partida.

Perímetro Suburbano: Partindo da casa de Antônio Munda ao Nascente, em direção ao poente vai até a casa de Cornélio Veríssimo, deste ponto em direção Sudoeste, vai até a casa de João Correia, daí seguindo em direção ao Norte, vai até a casa de Zeca Mariano; deste ponto, tomando a direção do Nascente, vai diretamente à casa de Otávio Benevides; e, finalmente, deste ponto, rumo ao Sul, até ao ponto de partida.

XXVI.II.VI – Outros destaques



No distrito de Carrapateiras, ainda merecem destaque, dentre muitas outras, as seguintes personalidades: Joaquim Gonçalves da Silva, Antônio Pereira da Silva, José Pereira da Silva, Raimundo Pereira da Silva, Paula Ferreira de Sousa, Antônia Susana Gonçalves, Edidoria Saraiva de Melo, Antônio Simão de Sousa, Antônio Audir Fernandes, Antônia Fernandes de Sousa, Antônia do Céu Sousa, Francisco Ferreira de Souza, Maria Gonçalves de Oliveira, José Gonçalves Ferreira, Francisca Domingas Gonçalves, Antônio Rones Gonçalves

Ferreira, Cristiane Silvino de Sousa, Antônio Júlio Ferreira de Souza, Antônia Silvino de Sousa, Ângela Maria Félix da Silva, Expedito de Araújo Feitosa Júnior, Socorro Maria S. Castro, Mayara Martins do Nascimento, Antônio Samoel Alves Avelino, Wilamy Castro Silva, Francisca Cleide Rodrigues, Antônio Rodrigues, Maria Rodrigues de Oliveira, Iracema Damasceno Moura Lima Siqueira, Washington Alves Rodrigues e Antônio Gonçalves de Oliveira.

XXVI.II.VII - O Cruzeiro de São Bento em Carrapateiras

Mais uma vez, lanço mãos dos profícuos estudos realizados pela conterrânea e historiadora, Professora Salete Vale, que na sua ânsia pelo conhecimento da nossa história como só é possível naqueles que escolheram tão gratificante profissão e a ela tem se dedicado com zelo ímpar, no trabalho, "A história do Cruzeiro de São Bento em Carrapateiras", acredito, por muitos de nós outros desconhecida, a seguinte passagem, ao descobri por muitos conterrâneos desconhecidos, o Lendário Cruzeiro de São Bento em Carrapateiras. Narra a historiadora:

"Hoje, vou ler um artigo constante do livro "um tributo a Joaquim de Castro Feitosa", publicado por ocasião do seu centenário de nascimento, no ano de 2015. O título é o "Cruzeiro de São Bento carrapateiras – Tauá/CE", escrito por Joaquim de Castro Feitosa. Esse artigo foi escrito por ocasião de uma solenidade acontecida naquele local. Para que se chegue até São Bento, é preciso rememorar alguns nomes dos proprietários que chegaram até ali. José de Araújo Chaves considerado um dos fundadores da cidade de Ipueiras. João de Araújo Chaves Júnior, João de Araújo Chaves do Estreito, fazenda e Antônio Leopoldino de Araújo Chaves formado em direito em Olinda, em 1835. Foi o primeiro tauaense formado em direito. Ele faleceu em 1856, depois de uma peregrinação por várias comarcas. Foi um espírito de escol. São Bento foi uma das fazendas do capitão-mor Antônio Martins Chaves, pai do senhor Antônio Primeiro de Araújo Chaves. A idade do Cruzeiro pode ser estimada, tendo em vista a ocupação do lugar que foi posterior à das Carrapateiras. Tomando-se por base, a decorrência de uma geração posterior a ocupação da Fazenda carrapateiras por João de Araújo Chaves e a data de formatura do Dr. Leopoldina em 1835, teremos uma data aproximada mais ou menos de 150 anos de idade para o Cruzeiro de São Bento. Quem comandou por mais de um século o desenvolvimento Regional foram os proprietários da fazenda carrapateiras, que trouxeram para ali, recursos materiais e humanos de Ipueiras. Vou

ler um trecho agora retirado das sesmarias, pode ter algumas palavras que não vou conseguir identificar direito, mas diz assim: “Diz o capitão-mor João de Araújo Chaves e sua mulher dona Nazaria Ferreira de Souza moradores de sua fazenda Carrapateiras, que eles são fundadores e benfeitores de uma Capela de Nossa Senhora do Rosário vizinha ao super. Que a atual, concorre com esmolas para conservação e administração da Capela. Como consta, têm sido zelosos e benfeitores pelas suas esmolas que puder fazer. Quer também alcançar o beneplácito, a licença, consentimento de vossa senhoria para consignar e ter sepultura separada na capela-mor da igreja para eles e todos os seus descendentes, para que assim lhes entrem maior zelo, fervor, e devoção perto de vós. Reverendíssimo ilustríssimo senhor doutor visor GL. “Seja servido a atender do que alega concedendo o que pede e sendo assim, encerro aqui”. Esta petição não tinha data, mas tinha despacho seguinte que vem datado. “Como pede. Espero se aumente zello o suppe, com dar a última perfeição paramentando os altares e pa. todo tempo o RPe. Capellam resiste, esta petição como despe, no 1º da Capella; Arneiroz de 9 bro. De 1772”. A idade do Cruzeiro de São Bento tem o significado relativo, importante para o povo dos Inhamuns, Tauá, é o que representa o madeiro sagrado que é o maior símbolo dos cristãos. Cruzeiro merece respeito seja ele novo ou velho. O que estamos assistindo aqui deve ser transmitido para outras organizações, como foi a celebração dos 100 anos de Major Gonçalves. Sem união e muito amor ao próximo, jamais alcançaremos dias melhores para todos, especialmente, para os mais humildes e necessitados”. Esse texto da autoria de Doutor Joaquim de Castro Feitosa é sem data. (sexagésimo terceiro episódio). (sic)

XXVI.III - O distrito de Inhamuns

O distrito de Inhamuns foi criado através do Decreto 448, de 20 de dezembro de 1938, com o nome de Nova-Cruz, depois Vera Cruz e, na atualidade, Inhamuns, em face do advento do Decreto-lei nº 1.114, de 30 de dezembro de 1943.

A Vila de Vera Cruz é sua sede e está localizada na Serra das Almas, a 48 km da sede de Tauá, e, aproximadamente, a mesma distância da cidade de Mombaça. Caracteriza-se por ser um lugar de clima ameno e agradável. Possui um patrimônio natural, considerado dos mais belos e ricos de nosso município.

Suas terras vermelhas favorecem a exploração da agricultura, contudo, o criatório de bovinos e caprinos alcança maior destaque nessa localidade.

Tradicionalmente, no mês de setembro, na Vila de Vera Cruz, sede do distrito, tem-se por realizada de forma tradicional, os festejos alusivos a sua padroeira "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", objeto realizado desde o remoto ano de 1924.

Por sua vez, tem-se que a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, erigida em homenagem a sua padroeira, deu-se por construída por iniciativa de José Caçula Pedrosa.

A existência de um "olho d'água" na localidade, narram vários historiadores do nosso município, facilitou o início do povoamento.

No passado, diz-se que o distrito apresentava alto índice de mortalidade infantil. Por essa razão, a Organização Não Governamental da Suíça "Tèrre dès Homens" (Terra dos Homens), trazida a tempo àquela localidade e, em desenvolvendo inúmeras ações voltadas à melhoria das condições de vida daquele povo, deu o seu contributo inegável ao seu desenvolvimento¹⁶⁶.

Na Vila de Inhamuns, destacamos as pessoas de Abraão Scarcela de Carvalho, Antônia Viana de Carvalho, Antônio Moacir de Oliveira, Francisco Soares Pedrosa, Antônio Alves Lima, (Seu Lima da Vera-Cruz), vereador de 1963/1967, Adalberto Bastos Cavalcante, José Caçula Pedrosa, Antônio Alves Lima, Manoel Urbano de Araújo, Joaquim Ferreira, Francisco Lobo, Manoel Edval de Carvalho, Maria Cavalcante Mota (D. Mariquinha do Seu Adalberto), Dona Dazinha, Adrineide Alexandre Mota Cavalcante, Antônia Kiuvia Gonçalves Martins, Antônia Sandra Bastos de Sousa, Antônia Viana de Carvalho, Deuza Maria Alves de Sousa, Francisca Nilda Viana Sá, José Lindomar Feitosa, Manoel Edval de Carvalho, Manoel Martins de Oliveira, Manoel Urbano de Araújo, Maria do Socorro da Silva, Maria Eunice Moreira, Maria Idália Rodrigues de Oliveira, Maria Lúcia Pereira de Sousa, Otília Maria Viana de Lima, Rozena Pedrosa Cavalcante da Silva, dentre muitos outros.

Ademais, os senhores Enéas Pedrosa e Nilo Teles de Carvalho, foram efetivamente ao que se consta, os primeiros comerciantes da localidade graças ao pioneirismo na atividade empreendida.

XXVI.III.I – Delimitação territorial do distrito de Inhamuns

O distrito de Inhamuns pela Lei nº 187 de 18 de agosto de 1959 é delimitado, conforme art. 1º, IV, "a" e "b", da seguinte forma:

IV - Vila Inhamuns

Perímetro Urbano: Partindo, ao Nascente, da casa de propriedade de Francisco Pedrosa Veras, em direção ao Poente, vai até encontrar a casa de Manoel Gomes; deste ponto,

¹⁶⁶ Ibidem

tomando o rumo Sul e passando pela Rodovia de Tauá a Senador Pompeu, vai até a casa de Nascimento de tal; deste ponto, toma o rumo Nascente, indo até a esquina do prédio propriedade de José Simião do Nascimento; deste ponto, tomando a direção do Sul, indo até após a casa de propriedade dos herdeiros de Luis Alexandrino de Oliveira, fazendo confrontância com a parte sul da Capela da Vila; daí tomando o rumo do Nascente, vai até a casa de Domingo Preto; indo até a casa de Dezinha de Tal; daí toma o rumo do Norte e vai até a casa de Pedro Urbano de Araújo, e deste ponto, tomando o rumo Nascente, vai até o ponto confrontância com a casa de Francisco Pedrosa Veras, e finalmente, deste ponto, segue diretamente para o ponto de partida.

Perímetro Suburbano: Será constituído dos terrenos vagos ao Norte e ao Nascente que ficam após a zona urbana, tendo como ponto de partida, ao Sul, a casa de Manoel Gomes, em direção ao Norte, até onde atingir 100 metros; deste ponto tomando a direção, vai, também em linha reta até onde der 400 metros, e deste ponto, segue em direção ao Sul até aproximação do muro que fica deste lado, uma extensão dos 300 metros, deste ponto, tomando a direção do Poente até onde atingir 100 metros e deste ponto, tomando a direção do Norte até a Confrontância com o ponto de partida e, finalmente, deste ponto, diretamente ao rumo de partida.

Além da sede, o distrito de Inhamuns se constitui das seguintes localidades: Lagoa do EufRASINO, Guaribas, Açudinho, Zacarias e Riacho das Varas.

Para além de outras condições encontradas nos Inhamuns, narra João Alcimo Viana Lima¹⁶⁷, que no meio político, além de muitos destaques no campo são encontrados: Adalberto Bastos Cavalcante o qual no pleito eleitoral de 1947 e 1950, na qualidade de candidato a prefeito de Tauá obteve expressiva votação. Referida condição e em face das proximidades com Marruás, narra o autor, em 1963 pela Lei Estadual de nº 6.663, foi criado o município de Inhamuns, mediante a incorporação dos dois distritos, o qual, contudo, não foi instalado. Ademais, a Lei nº 8.339/1965, revogou àquela determinação.

Na Vila de Vera Cruz está situada a Escola EEFM Abrahão Scarcela de Carvalho.

XXVI.IV - O distrito de Marrecas

Foi instituído oficialmente no século XIX, mais precisamente, em 1857, através da Lei nº 831¹⁶⁸, de 22 de setembro. A Vila de Marrecas se encontra

¹⁶⁷ Ibidem p. 108.

¹⁶⁸ Texto da Lei Provincial de nº 831, de 22 de setembro de 1857, sancionada pelo presidente João Silveira da Souza, verbis: Art. 1º. Ficão creados dous distritos de paz, um na povoação das Marrecas, município de S. João do Príncipe, outro no Mundahú, município de Iperatriz. Art. 2º. O distrito de paz da povoação Marrecas terá por limites os rios Puiú, e Roça com todas as suas águas, e a barra do riacho do meio pelo rio Jaguaribe acima até o lugar Poço da Panella. Art.

localizada a 22 km da cidade de Tauá, nas margens do Rio Puiu. Ali, desde o povoamento da região dos Inhamuns, radicou-se uma das mais tradições famílias conhecida por Carcarás.

Marrecas se encontra circundada pelo Rio Puiu, além dos Riachos da Roça e Cacimbas, onde grandes fazendas se instalaram.

As primeiras lutas pela posse da terra em nosso município, deram-se por iniciada em Marrecas, por consequência, ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária – Incra, coube assentar as primeiras famílias naquelas terras.

Em Marrecas, acontece, anualmente, uma das maiores festas católicas do Ceará. Trata-se das comemorações anuais (mês de abril), dedicada a Jesus, Maria e José, padroeiros daquela comunidade. A comunidade de Marrecas, de todo o Inhamuns e de outras localidades cearenses, durante os festejos, resgatam a cultura e a tradição secular daquele povo.

Marrecas, além de possuir terras boas para o plantio e criação de diversos animais típicos da nossa região, também é rica em história a traduzir o nosso passado. A propósito, em 1998, trabalhadores rurais que escavavam um cacimão à procura de água, na localidade de Baixa Funda, na várzea do rio Puiu, encontraram 27 fragmentos de ossos fossilizados de uma preguiça gigante com idade aproximada de 5.000 anos, conforme datação feita pela Universidade de Toronto, a partir de encaminhamentos que foram feitos pelo saudoso pesquisador Joaquim de Castro Feitosa. Ressalte-se, que os ossos fossilizados estão expostos no Museu Histórico Regional dos Inhamuns, em Tauá¹⁶⁹.

XXVI.IV.1 – A Igreja de Jesus Maria e José



A Igreja de Jesus, Maria e José, no distrito de Marrecas, em Tauá - CE, uma das mais antigas do nosso município, foi tombada pelo Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará - COEPA, sob o nº 030. Referido templo católico

foi construído no início do século XVIII, e se encontra localizado no centro da Vila, sede do distrito, mais precisamente, na Praça Almerinda Cidrão, em nível mais elevado, alcançado por escadarias.

A sua construção bastante singela, apresenta características significativas. Concebida e construída em planta retangular, com nave única e capela-mor, além da sacristia. Um arco-cruzeiro faz a transição entre a nave

^{3º}. O distrito de paz do Mundahú extremará ao nascente com a Barrinha (na costa do mar), Lagoa da Batalha, e Fazenda velha de cima; ao sul com o rio do mesmo nome até o retiro, casa de Antonio Thomé de Oliveira, e daí em linha direita ao rio Aracaty Assú, ao lugar Piedade; ao poente com o rio Aracaty-Assú; e ao norte com a costa do mar. Art. 4º. Ficão revogadas as disposições em contrário.

¹⁶⁹ Ibidem

e a capela-mor, que se desenvolve em dois níveis, ficando o altar em posição mais elevado. Originalmente, havia no altar-mor uma figuração de Maria montada em um jumento, com Jesus nos braços e puxado por São José. Atualmente, há imagens de Jesus, Maria e José. O coro tem piso em tábua corrida, com peças ainda originais, e janelas com vergas retas, que se abre para a fachada. Uma escada de madeira, bastante inclinada, liga a nave ao coro. Construída com alvenaria estrutural, a igreja possui paredes que chegam a 1,00m de largura. Os pisos originais, em tijoleira, foram substituídos por cimentado. A cobertura é feita com telha de barro em duas águas com cumeeira comum. Apenas, a cobertura da sacristia se mantém conforme o desenho original. No interior, o telhado é aparente, apresentando cinco tesouras na nave e mais vinte tesouras na capela-mor. Três portas na nave e três janelas no coro marcam a fachada principal, de desenho simples, com poucos ornamentos. A edificação é caiada de branco, com detalhes (frisos, molduras) pintados de amarelo. Dois cunhais em relevo, encimados por pináculos, se destacam nas laterais. O coroamento é feito pelo frontão triangular, com cornija, apoiado sobre os cunhais. Em segundo plano, mais recuada, a porta da sacristia. Na fachada Oeste vêm-se duas portas, uma que dá acesso à nave e outra ao altar, e três envasaduras mais altas, na altura do coro, sendo uma delas entaipada. Uma sequência de "cachorros" de madeira são visíveis próximos aos beirais, repetindo-se na fachada oposta, que apresenta uma porta no térreo, correspondente à nave principal e mais duas envasaduras na parte superior, dispostas na altura do coro. Uma antiga pia batismal é vista no interior da igreja. As portas ainda mantêm suas ferragens originais. O cruzeiro, fixado sobre uma base cilíndrica bastante robusta, está localizado no centro da escadaria que dá acesso ao templo.170

XXVI.IV.II – Marrecas. Origens, família e tradições na visão de Rocildo Caracas

Estudando a história do distrito de Marrecas, suas origens, sua família e suas tradições, encontrei um texto de autoria de Rocildo Caracas, filho ilustre do distrito, o qual por bastante revelador, cito na sua íntegra:

"Os Caracas de São João do Príncipe, hoje Tauá, nos serções dos Inhamuns, descendem do patriarca João Alves da Costa Caracas (Alferes João Caracas), homem branco, que lá chegou vindo de Baturité, em princípios do século XIX". Era graduado da Guarda Nacional, no posto de alferes da 1ª. Companhia do 16º. Batalhão de Infantaria e da 6ª. Companhia de 1861. Em 1870, recebeu a patente, por serviços prestados, de Alferes Secretário do Estado Maior do 13º Batalhão da Guarda Nacional de São João do Príncipe expedido pelo Presidente da Província do Ceará, Conselheiro Sinval Odorico de Moura. João Alves da Costa Caracas, foi alferes da Guarda Nacional do São João do Príncipe. O al-

170 Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/taua-igreja-de-jesus-maria-e-jose/#/map=38329&loc=-6.14748100000001,-40.394685,17>.

feres João Caracas fixou residência nas proximidades da povoação de Marrecas. Possuía casa em Marrecas, geralmente, usada para fins de descanso e para os festejos do padroeiro Jesus, Maria e José, ocorridos, desde os primórdios, no quarto domingo do mês de abril. Ele casa-se com Dona Ana Theodora de Oliveira Caracas (Santaninha a primeira), uma legítima representante do Clã dos Carcarás de Marrecas. Estes, naquele momento, dominavam a povoação e exerciam influência, também, na então Vila de São João do Príncipe, devido à sua ligação com a militância política familiar dos Carcarás de Saboeiro. Marrecas era um núcleo de apoio ao partido conservador que era liderado, no Ceará, por pessoas do quilate do Barão de Aquiraz e Gonçalo Baptista Vieira - e do Senador do Império, Miguel Fernandes Vieira, filho do Visconde do Icó - Francisco Fernandes Vieira. Quando estes estavam no poder sempre havia nomeações a cargos, como: juiz de órfãos, juiz municipal, juiz de paz ou casamento, promotores, patentes para alferes, tenentes, tenentes-coronéis, majores, capitães, coronéis, e para o comando da Guarda Nacional. Eram eles descendentes dos primeiros povoadores do baixo Puiu - afluente do Jaguaribe-, ou seja, dos Fernandes Vieira, Gonçalves, Gonçalves dos Santos, Gonçalves da Silva, Custódio dos Santos, Claro dos Santos, Lino, Pereira dos Santos, Oliveira, Oliveira Bastos, Braga, Costa Braga, Oliveira Cidrão, Ferreira dos Santos, Baptista Vieira, Baptista Braga Vieira, Santos, Pereira da Rocha, Santiago, e, por casamento e fusão sanguínea - os Oliveira Caracas. Os Carcarás se constituíram numa das mais poderosas famílias do Ceará, partindo dos ardentes rincões dos Inhamuns. Seu início remonta segundo apontamentos de Oliveira Braga, citado pelo escritor Carcará, Mileno Torres Bandeira, em seu livro *As memórias de um passado (Genealogia da Família Carcará, a princípios do século XVIII)*. Segundo esses apontamentos, Maria Sanches de Carvalho, que era filha de Agostinho de Carvalho e de Ana Gonçalves de Carvalho, casada com o cristão novo (judeu convertido ao cristianismo), Manoel da Rocha Franco, nascido em Duas Igrejas, Conselho de Porto, Portugal, rico fazendeiro em Pernambuco, mudou-se para o Icó e depois para terras adquiridas no lugar denominado Carcará, acima de Saboeiro, três quilômetros, na margem esquerda do Rio Jaguaribe. Eram pais das sete irmãs: Antônia Franca de Carvalho, Senhorinha de Carvalho, Anacleta de Carvalho, Agostinha de Carvalho, Eugênia de Carvalho, Lina de Carvalho, Bernardina Sanches de

Carvalho e um irmão chamado Domingo Sanches de Carvalho, que se casou com uma índia da nação dos Jucás, e foi morar em Currálinho. Do casamento das sete irmãs, surgiu uma das proles mais importante para a história do Ceará: a descendência dos Carcarás. Deles descendem barões, visconde, deputados, senadores, governadores, prefeitos, magistrados, escritores, médicos, juizes, advogados e tantas outras mais. Nos Inhamuns tiveram, entre seus filhos, pessoas que obtiveram títulos de nobreza no período do Brasil Império. Pode-se citar, por exemplo, alguns deles: Dr. Gonçalo Baptista Vieira - Barão de Aquiraz - nascido em 17 de maio de 1819 e falecido em 16 de março de 1896. Era engenheiro e foi chefe do Partido Conservador no Ceará, na época, também chamado de Partido Boticário-Carcará, devido à importância e relevância da família Carcará nele existente. O título nobiliárquico de barão lhe foi outorgado pelo Imperador do Brasil, Dom Pedro II, por Decreto Imperial de 17 de maio de 1871. Francisco Fernandes Vieira - Barão do Icó, depois Visconde do Icó. Foi o primeiro barão do Ceará. Título outorgado por Decreto Imperial de 25 de março de 1849 e registrado em 07 de julho de 1849. O título de Visconde do Icó o segundo do Ceará foi-lhe concedido por Decreto Imperial de 14 de março de 1855 e registrado em 18 de julho de 1855. Era considerado como a maior fortuna do Ceará no tempo do Império. Quando morreu deixou cem léguas de terras, distribuídas em muitas fazendas por todo o Ceará. Dr. Paulino Franklin do Amaral - Barão de Canindé era médico. Faleceu em 25 de março de 1892. Descende de Senhorinha de Carvalho - uma das sete irmãs Carcará. Embora tenha havido cruzamento, ou mesmo fusão entre as duas famílias Caracas e Carcarás -, o sobrenome dos Caracas não se diluiu e nem desapareceu. Ele se perpetuou em sucessivas gerações, onde a unidade consanguínea, dos ancestrais originadores da família, teve a sua continuidade. O Alferes João Caracas, uma figura patriarcal, em torno da qual vai se agrupando uma imensa descendência, que se entrelaçam em casamentos endogâmicos, ou seja, no próprio grupo familiar. Isto serviu para dar a eles o sentimento clânico, onde o problema de um é um problema de todos. Marrecas era já vetusta povoação quando aqui chegou o velho patriarca. O fundador da capela de Marrecas, segundo o historiador Raimundo Girão, foi Manuel Cândido Pereira. Já a tradição oral diz que a fundadora foi Márcia de Oliveira, que contratou pedreiros de Pernambuco e mandou erigi-la. Ambos eram membros

da família Carcará. As paredes do velho templo foram construídas, por mãos escravas, com grandes tijolos, pedras e argamassa de cal batida e curtida durante dias como se dizia na época... No Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Tauá, consta que em 10 de novembro de 1850, foi feito um documento de doação do patrimônio de Jesus, Maria e José, por Manoel Gonçalves dos Santos e por sua esposa, Maria José de Oliveira. A esse se junta outro de 23 de agosto de 1921, feito por Francisco Chagas Rocha e por sua esposa, Maria das Mercês Pereira dos Santos. Essa doação, feita por pessoas devotas, tinha o objetivo de obter o favor do padroeiro, como promessa, ou era fruto da pressão que muitas vezes se exercia, de forma sutil pelo costume daqueles tempos, onde pessoas de posse, geralmente fazendeiros, doavam parte de suas propriedades para o patrimônio do santo protetor de sua devoção. A igreja foi erigida em estilo barroco, predominante naqueles idos, e tem como orago a sagrada família de Jesus, Maria e José. Em 23 de setembro de 1870, a Assembleia Legislativa Provincial do Ceará, cria a Freguesia de Marrecas, dando-lhe autonomia e desmembrando da freguesia de São João do Príncipe dos Inhamuns. Muito embora a decisão final para se erigir uma freguesia, fosse prerrogativa da Igreja Católica, com o regime do padroado que perdurou até a proclamação da república, o poder público podia interferir ou indicar a elevação de uma povoação eclesiástica... A freguesia de Marrecas foi implantada, conforme se observa em documentos originais existente no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), quando da realização, em 06 de agosto de 1872, do inventário por morte de Manoel Gonçalves da Silva Júnior (Gonçalvinho), pela inventariante, sua esposa, Maria Vicência de Oliveira Bastos. Outra referência ao o Censo Nacional de 1872, que, dentre outras coisas, registra a população de brancos, negros e mulatos da região dos Inhamuns. O mesmo apontava, colocando em pé de igualdade, as paróquias de Saboeiro, Tauá, Flores, Marrecas, Arneiroz e Cococi. O leitor observe que Igreja de Marrecas figura, no Censo, como uma paróquia e não apenas como uma capela. Isso é mais uma prova irrefutável de que a freguesia de fato existiu. Porém, em 21 de agosto de 1872, ela foi suprimida pela Lei nº. 1608. O toponímico de Marrecas no do início da povoação, no século XVIII, e foi devido ao ajuntamento desse tipo de ave que vinha pousar nas águas da lagoa que ainda hoje existe no centro da vila. Esta, segundo a tradição oral, originou-se

em função da retirada de barro para a confecção de tijolos e telhas usadas na construção da capela. Era comum, no passado, romeiros retirarem água dela por acreditarem que na mesma continham efeitos miraculosos. Em 10 de Maio de 2006, a igreja foi tombada pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, tendo como base o Decreto Federal nº. 25/1937 e na Lei Municipal nº. 1316/2005. Marrecas foi elevada à categoria de distrito por força da Lei Provincial nº. 831, de 22 de setembro de 1856. Figura, já no período republicano, em divisão administrativa de 1911, sempre como parte do município de Tauá. Mantido por decreto-lei estadual nº. 1.156, de 04 de dezembro de 1933. Continua figurando no município nas divisões administrativas de dezembro de 1936 a 31 de dezembro de 1937... Marrecas é o mais antigo distrito do município de Tauá. Posteriormente, obteve a categoria de município pela Lei nº. 6.472, de 18 de agosto de 1963. Nos preparativos para a implantação do novo município, foram feitas duas chapas: a primeira, da corrente liderada pelo Deputado Júlio Gonçalves Rêgo, pela ARENA, composta por Júlio Gonçalves Sobrinho, para prefeito, e Antônio Leitão Neto, para vice. Para vereadores, Alcino Caracas, Manoel Setúbal, Chico Doutor, entre outros. A segunda corrente política, liderada por Alberto Feitosa Lima, ARENA II, era composta por José Castelo Cidrão, para prefeito, e Luis Alves Caracas (Seu Alves), para vice. Para vereadores, Germino Gomes Gonçalves, Crisono Caracas, Lopinho e Albetiza, esposa do Seu Bastos. As pretensões do novo município não chegaram a se concretizar, pois a Revolução de 1964 extingue todos os municípios criados pela Lei nº. 6.472, através da 8.339, de 14 de dezembro de 1965. O historiador Geraldo Oliveira Lima, em seu livro, A Marcha da Coluna Prestes no Ceará, percorrendo os mesmos caminhos feitos pelos revoltosos, passando em Marrecas, em princípios do século XX - mais precisamente, em 1926 - a ela se referiu como um antigo feudo dos Caracas. Do casamento do Oficial da Guarda Nacional de São João do Príncipe, o Alferes João Alves da Costa Caracas (Alferes João Caracas) e de Ana Theodora de Oliveira Caracas (Santaninha Caracas), - patriarcas da Família Caracas nos Inhamuns -, nasceram oito filhos: quatro homens e quatro mulheres, que formam o tronco da família Caracas. São eles, em ordem cronológica: Maria Madalena de Oliveira Caracas (Pombinha), casada com Manoel Gonçalves Pereira dos Santos; Adriana Bela de Oliveira Caracas (Beladona), casada com Marcolino José

da Rocha; Maria Cleóphas de Oliveira Caracas (Mariquinha), casada com Gonçalo José Pereira dos Santos (Gonçalinho); Vicente Alves da Costa Caracas, casado com Raimunda Nonata dos Santos (Mundoca); José Alves da Costa Caracas (Juca), Casado, em primeiras núpcias, com Francisca Angélica Pereira dos Santos (Titina), em segundas núpcias com Ana Perpétua dos Santos (Donana); Daniel Alves da Costa Caracas, casado com Maria Glória de Oliveira Caracas; Afonso Alves da Costa Caracas, casado, em primeiras núpcias, com Antônia Maria de Brito (Antônia Xavier). Em segundas núpcias, com Ana Gonçalves dos Santos (Gonçalvinha); Raquel de Oliveira Caracas, casada com João Freire Cidrão. Esses são os troncos formadores do clã dos Caracas do antigo Distrito de Marrecas, onde, juntamente com membros da Família Carcará, ali já existente, e com a qual se entrelaçam, sentam seus currais, alargam suas fronteiras e espalham-se por todo o sertão dos Inhamuns e do Brasil"¹⁷¹.

Por Marrecas, segundo narra Gomes de Freitas¹⁷², passou a "Coluna Prestes"¹⁷³, no ano de 1930.

XXVI.IV.III – O Café das Primas

No distrito de Marrecas encontra-se localizado às margens da Rodovia Federal BR-020, o tradicional e conhecidíssimo "Café das Primas". Quem dessa localidade não recorda? Fato inusitado há de se revelar que, o Café das Primas restou conhecido pelo nome, em virtude de ali residir e ter instalado, a princípio, uma venda (barraca), para comercialização de comidas típicas diversas, pelas Senhoras, "Maria Júlia Martins de Oliveira (D. Maria Júlia), Maria Gessina da Silva e Eridan de Brito".

O Café das Primas, hoje se denomina Joaquim Moreira, em homenagem ao pai de Dona Maria Júlia.

XXVI.IV.IV – Escola em Marrecas

A escola Raimundo Gonçalves Matos, encontra-se localizada neste distrito.

¹⁷¹ Postado por Rocildo Caracas Blog às 16h24min. Disponível em: <http://rocildocaracasblog.blogspot.com.br/2010/08/familia-caracas-nos-inhamuns.html>.
¹⁷² FREITAS, A. G. Inhamuns (Terra e Homens). Fortaleza; Henriqueta Galeno, 1972. P. 35.

¹⁷³ Foi um movimento político-militar brasileiro ocorrido entre 1924 e 1927, ligado ao tenentismo. O principal motivo para a criação do movimento foi a insatisfação com o governo de Artur Bernardes e o regime oligárquico característico da República Velha, conhecido como política do café com leite. Suas reivindicações foram a exigência do voto secreto, a defesa do ensino público e a obrigatoriedade do ensino secundário para toda a população, além de acabar com a miséria e a injustiça social no Brasil. Em seus dois anos e meio de duração, a Coluna composta de 1 500 homens percorreu cerca de 25 mil quilômetros, através de treze Estados do Brasil. Apesar da marcha militar, algumas características de um movimento popular são identificadas, uma vez que a maioria de seus soldados eram, principalmente, trabalhadores do campo, analfabetos e semianalfabetos.

XXVI.IV.V – Personalidades proeminentes do distrito de Marrecas

Mais recentemente, destaco como proeminentes personalidades do distrito de Marrecas, dentre outras importantes personalidades: José Castelo Cidrão, Humberto Cidrão, Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, Raimundo Cidrão, Antônio Marcos Caracas, Ana Clea Caracas, Wanja Gonçalves, Sra. Elizabeth Gonçalves Rêgo (D. Betinha), Júlio Gonçalves Rêgo, Luiz Tomaz Dino, Antônio Roney Reis Gonçalves, Júlio César Costa Rêgo, dentre outros.

XXVI.IV.V.I - D. Elizabeth Gonçalves Rêgo (prole)

Casou-se com José Waldemar Rêgo (Zé Rêgo), na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cuja cerimônia religiosa foi oficiada pelo padre Odorico de Andrade. Desta união, teve 4 filhos, Júlio Gonçalves Rêgo, José Rêgo Filho, Margarida Gonçalves Rêgo e Elisinha Gonçalves Rêgo. Zé Rêgo e D. Betinha conseguiram formar todos os filhos, o que naquela época exigia um esforço financeiro bem maior. O casal viu o filho Dr. Júlio Rêgo, médico, ingressar na vida pública, sendo eleito Prefeito de Tauá e, em seguida, Deputado Estadual por 7 legislaturas, inclusive, eleito Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre outros cargos importantes que ocupou, também foi Secretário de Saúde do Estado do Ceará. Dr. José Rêgo também ocupou cargos importantes no serviço público estadual e federal. As filhas investiram na iniciativa privada. Apesar das atividades na capital, praticamente, todos os finais de semana vinha para a casa de seus pais em Tauá, onde matinha contatos com amigos e aliados políticos¹⁷⁴.

O casal José Rêgo e Elizabeth, além de Margarida, tem ainda como filha, uma sobrinha, Elisinha Petri Gonçalves Feitosa. José Rêgo Filho formou-se em Engenharia e foi um dos mais importantes no setor ferroviário, chegando à direção da Rffsa e exercendo outros importantes cargos públicos, sendo o último deles na Companhia de Gás do Ceará - Cegás. Margarida formou-se em Farmácia e vocacionada para o serviço, instalou uma unidade farmacêutica em Tauá, ampliando a assistência à comunidade local. Dona Margarida se casou com um dentista, Dr. Lemos Dias. A filha Elisinha, linda, com descendência italiana, casou-se com Raimundo Feitosa (Raimundinho), ambos falecidos. Elisinha e Raimundo Feitosa tiveram vários filhos, dentre os quais, o seu neto Ferrúcio Feitosa, ex-integrante da equipe do governo Cid Gomes. Fez parte, ademais, do atual governo municipal de Fortaleza. Outro neto, engenheiro Júlio César Rêgo é ex-vice-prefeito de Tauá, tendo exercido, o honroso encargo de administrar Tauá, em substituição.

Dona Elisabete Gonçalves Rêgo, foi uma das mulheres mais importantes do município, principalmente, por sua simplicidade, mas, também, porque ao lado do esposo, José Waldemar Rêgo (coletor federal), formou um casal muito influente nas decisões locais, quer na vida social, comunitária e política.

¹⁷⁴ Disponível em: <http://www.blogdowilrismar.com/materia/taua-celebra-o-centenario-de-nascimento-de-d-elizabeth-goncalves-rego>.



Legítimo tauaense de Marrecas. Casado com a Sra. Maria José Carvalho Cidrão "Dona Adi", com a mesma teve 10 filhos. Foi vaqueiro, agrimensor, topógrafo, perito, delegado de Tauá em 1964, e vereador na legislatura de 2001-2004. Faleceu aos 93 anos de idade.

O escritor Dimas Macedo, reportando-se certa feita a pessoa de Zé Cidrão, como era conhecido, disse com a maestria que lhe é peculiar, retratando na minha visão, as inteiras e de forma muito sucinta o amor do seu Zé pela sua terra, o ser humano que foi dizendo: *"A Casa de José Cidrão: eis um conto que me persegue há bastante tempo"*. Desde quando passei a conviver com Lúcia e a minha vida começou a girar em nova rotação. Depois vieram as luzes e os prazeres, o sol nascendo diferente em cada manhã e o tempo das sementes se transformando em tempos de colheita. Os sinos resistiram na imaginação, foram alimentados pela cozinha de Dona Adi Cidrão, e pelo partido de gansos a desfilar na lagoa de Marrecas, eternizando as lembranças que nos levam serenos pela vida. As torres da Igrejinha de Jesus, Maria e José, as águas do Puiu onde passei a lavar a minha alma, o mugido das reses no cercado e as cadeiras na calçada do seu Zé a contemplar as nuvens mais belas do planeta. José Castelo Cidrão (Dedé) e Maria José Carvalho Cidrão (Adi) fundaram a República de Marrecas, e há um século aí começaram a reinar. Os filhos do casal cresceram respirando o mormaço da terra, contemplando as flores da buganvília e do mata-pasto e ouvindo o coaxar dos sapos. Seu Zé trocou a sua condição de vaqueiro pela profissão de agrimensor e de perito, pendurando o passado nos alforjes depois que o legendário Wicca o levou para demarcar as suas terras, tornando-se seu Zé, com o tempo, o maior viajante do sertão. E depois vieram os ventos que o transformaram em chefe de polícia, e líder do partido do governo quando o distrito de Marrecas conquistou a sua independência, e ali foi erguido um monumento à tradição da família Carcará. E de forma que a Casa de seu Zé se tornou a mais acolhedora de todas as casas do Nordeste. É arejada e rodeada de apendres onde se cultiva a boa convivência. É cravejada de armadores que dançam todas as cirandas e solfejos do sertão. Na casa do seu Zé Cidrão, as Ladainhas e as Novenas de Natal e os Ofícios da Sagrada Família são tecidos em louvor de Dona Adi Cidrão e se bastam ao coração de todos os ouvintes. Uma santa, Dona Adi Cidrão, a filha de seu Né Parmênio, porque santificado o seu silêncio, porque glorificado o seu nome por todos os membros da família. Em Dona Adi está à raiz do seu Zé, e nos filhos do casal estão os ramos de uma árvore que resiste ao furor das intempéries. Seu Zé Cidrão das Marrecas, o filho de Laura e de Francisco Cidrão, o imperador das terras do sem fim, o agrimensor

*e o perito, o topógrafo e o cidadão que representa melhor os Carcarás. Dito Por Dito, Léngua Por Léngua, No Sertão dos Inhamuns (Fortaleza: Arte Visual, 2005): eis a engenharia maior da Casa do seu Zé, o fio condutor da sua narrativa e a música que se ouve da forma mais sentida em todo o Ceará*¹⁷⁵.

XXVI.IV.V.III - Raimundo Adjacir Cidrão Oliveira

Filho de Chermont Alves Oliveira e Abigail Cidrão Oliveira. Empresário. Casado em primeiras núpcias com a Senhora Francisca Simião (D. Tica), com quem teve 11 filhos. Em segundas núpcias casou com Ana Barbosa Cruz, do consórcio nasceu um filho. Foi presidente da Associação Comercial de Juazeiro do Norte. Homem simples manteve-se fiel as suas origens até a sua morte. Em 1958, adquiriu a única indústria de algodão, então existente na nossa terra. Foi proprietário de terras onde fez implantar a cultura da agricultura e da pecuária. Fundou em Fortaleza a empresa A. Cidrão & Cia. voltada para o campo da importação e da exportação. Atuou no campo da construção civil, através da Construtora Inhamuns Ltda. e Construtora Beta S/A. No transporte coletivo na empresa Cia. Industrial de Transportes - Cialtra. Foi sócio com os seus irmãos, também de Tauá, João, José e Luiz Cidrão de Oliveira e com os seus cunhados Ernesto Jataí Cavalcanti, com este fundou as organizações Oliveira, Cavalcanti & Cia. - Olical, com o fito de explorar a castanha de caju e o óleo respectivo, além de empresário nos Grandes Curtumes Cearenses S/A, direcionado ao trato do couro de bovinos. Criou a Cidrão Vilejack, voltada à confecção de materiais com couro e tecidos. Foi empresário no ramo imobiliário por longos anos.

Do Senhor Adjacir Cidrão, guardo de forma muito latente na minha memória, suas aventuras na aviação, principalmente, quando pousava com o seu "Teco Teco", no velho campo de aviação de Tauá. Naquele tempo a novidade era imensa e a todos chamava a atenção. A meninada e o povo, em geral, acorriam àquele campo, para ver chegar o inusitado conterrâneo. Na hora, dizia-se com admiração: O Adjacir está chegando. Vamos ver! E todos para lá corriam. A novidade satisfazia inocentemente o ego de todos nós tauaenses.

XXVI.IV.VI – Delimitação territorial

Pela Lei nº 187 de 18 de agosto de 1959, o território de Marrecas, restou delimitado:

Vila de Marrecas

Perímetro Urbano: Partindo, ao Norte, da casa dos herdeiros de João Caracas da Rocha, toma o rumo do Sul até a casa pertencente a herdeiros de Francisco Cidrão Sobrinho; deste ponto, segue rumo ao Nascente até a Capela da Vila, daí

¹⁷⁵ Disponível em: <http://dimasmacedo.blogspot.com/2012/09/a-casa-de-jose-cidrao.html>.

tomando o rumo do Norte, passando pelos prédios do comércio, vai diretamente à casa de Francisco Caracas, onde funciona a Escola Pública e finalmente deste ponto, rumo ao Poente até o ponto de partida.

XXVI.V - Distrito de Marruás

Uma das mais antigas povoações dos sertões dos Inhamuns, segundo constata-se da história, foi colonizada por fazendeiros oriundos do litoral pernambucano e do norte potiguar, ao final do século XVII. O distrito foi criado por Portaria datada de 2 de setembro de 1874, e assinada pelo vice-presidente da província cearense.

O povoado fazia parte da estrada das boiadas, estrada onde o gado, principal criação do período, era transportado para ser vendido em outras regiões, que margeava o riacho Favelas, onde se localizava Boa Vista, atual vila de Marruás.

A construção de uma nova capela, concluída no ano de 1822, e ampliada em 1874, coincide com a adoção de Santa Rita de Cássia como sua padroeira.

Em 02 de setembro de 1874, através de Lei Provincial, é criado o distrito de Marruás e anexado a São João do Príncipe. Referida condição se manteve até 1911, quando parte de seu território (Carnaúba) se desmembra e se incorpora ao vizinho Município de Maria Pereira, hoje Mombaça.

Por meio do decreto nº 1.156, de 04 de agosto de 1933, o distrito passa também a pertencer ao Município vizinho (Maria Pereira), retornando em 13 de setembro de 1934, por força de um novo decreto, de nº 1.404.

Em 1963, Marruás é elevada a categoria de Município pela Lei Estadual nº 6.663, retornando novamente a ser Distrito de Tauá, em 1965.

Segundo o pesquisador Jorge de Moura, Marruás é a única localidade do Estado a possuir gravuras rupestres, que estão localizadas no sítio arqueológico da localidade de Pitombeira. Em Marruás, podemos encontrar solos variados. Em algumas localidades, o solo é fértil; em outras, pobre. Devido a Serra de Marruás, este distrito apresenta o clima mais ameno de nosso município, sendo favorável à produção do milho. A propósito, Marruás é o maior produtor de milho do município. Além de milho, também produz feijão e algodão. O rio Favelas corta o distrito e é o principal fornecedor de água para os animais e construções¹⁷⁶.

A família Alves Rodrigues, dentre outras, permanecem naquela região, dando continuidade a história familiar da localidade. A exemplo de Campo Preto, Marruás também recebeu esse nome devido a um touro bravo por nome Marruá, que ao entardecer, tinha como local de repouso o morro onde,

¹⁷⁶ Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/distrito/marruas>.

hoje, esta localizado o Cruzeiro da Igreja de Santa Rita, que foi construída por doação de Dona Rita Maria Sobreira, da Fazenda Campo Preto. Ela também construiu a primeira casa da futura Vila de Marruás, fato ocorrido no ano de 1828. A ampliação da Capela de Santa Rita ocorreu em 1877 e permanece conservada até os dias atuais. A referida data foi redescoberta nos anos setenta, quando um pedreiro que fazia um reparo no teto descobriu numa parte da madeira, uma escrita de tinta a óleo do ano de 1874, que permanece lá próxima à torre até hoje.

XXVI.V.I – Famílias de Marruás

Territorialmente, o distrito é o maior do Município de Tauá. Em Marruás destacam-se às seguintes famílias: Mota, Cavalcante, Oliveira, Sobreira, Vital, Alves, Alexandre, Araújo, Damião, Silva, Sousa, Bastos, Zacarias, Pinheiro, Moreira, Rodrigues, Vitória, Ferreira, Gonçalves, Cunha, Barreto, Barbosa, Lima, Pedrosa, Andu, César, Dias, Noronha, Lô, Feitosa, Teixeira, Romão, Vitalino, Mendes, Vieira, Pereira, Monteiro, existindo ainda, um núcleo muito grande de paraibanos. A sede do distrito está localizada na região serrana às margens do rio Favelas e do riacho Santa Rita, a uma distância de 62 km da sede do município.

XXVI.V.II – A Igreja de Santa Rita e os festejos de sua padroeira

A Igreja de Santa Rita de Cássia, localizada no Distrito de Marruás, em Tauá - CE foi edificada em 1822. Foi tombada sob o nº 08/2006.

Os festejos de Santa Rita de Cássia, padroeira da localidade, são levados a cabo, anualmente, no mês de maio, considerada uma das maiores romarias dos sertões dos Inhamuns, alcança destaque inominável, pela presença constante dos seus filhos, políticos e comunidade tauaense.

XXVI.V.III - Filhos ilustres de Marruás



São muitos e ilustres os filhos tauaenses nascidos em Marruás. Pela impossibilidade de citar a todos, destacam-se alguns que reputo de mais importante para o que se pretende conhecer neste trabalho.

XXVI.V.III.I - Apolônio Cavalcante Mota

Destacado e vitorioso comerciante de nossa cidade, por longos anos. Inicialmente, montou pequena mercearia na Fazenda Todos os Santos, ao lado da

sua casa. Mercearia Santa Rita, era como se chamava; logo virou uma loja de tecidos. Em 1933, transferiu seu ponto comercial para Vila de Marruás, onde passou a ser, também, comprador da produção de algodão, mamona, oiticica, milho e feijão dos produtores da redondeza. Em Tauá, estabeleceu-se tempos depois, onde fundou uma Loja de referência na venda de tecidos e objetos diversos. Casou-se com a Sra. Ananias Cavalcante Mota, do consórcio teve vários filhos. Seu Apolônio como era conhecido, foi um dos 25 membros fundadores do MDB de Tauá e se elegeu como presidente da executiva municipal. Em 1970, concorreu à Prefeitura, todavia, não obteve sucesso. Faleceu com mais de 100 anos de idade. Foi um dos homens de grande influência na nossa sociedade¹⁷⁷.

XXVI.V.III.II - Joaquim de Sousa Bastos ou Sousa Bastos



Filho ilustre de Tauá, nascido na fazenda Conceição, distrito de Marruás, é agropecuarista e empresário destacado de nossa terra. Político reconhecido pelas suas habilidades, foi vereador e Prefeito de Tauá. Casado com a Sra. Francisca Leda Mota, teve três filhos. A trajetória de vida de Sousa Bastos encontra-se marcada pela honradez e bem querença à sua terra natal.

O médico tauaense Dr. Ed Wilson Custódio Francelino, na orelha do livro idealizado e realizado por sua genitora, a escritora Anamélia Custódio Mota, retratando a pessoa de Sousa Mota, no livro por ela idealizado "Joaquim de Sousa Bastos e o Clã Campo Preto", Tauá, 2010, a ele

se refere: *"Homem de palavra, marca maior de Joaquim de Sousa Bastos – era assim que meu avô Adauto Cavalcante Mota, costumava retratá-lo. Sua história de vida é com certeza uma das mais inspiradoras para qualquer roteiro de filme premiado, assim como serve de espelho para crianças, jovens, políticos, comerciantes, empresários, etc. Seu sucesso no âmbito familiar, político, criador, financeiro, empresarial, entre outros, mostra a capacidade de liderar pessoas de forma única. Sua articulação política desde muito acabou por trilhar e influenciar, às vezes até de forma indireta, a vida de muitos que cercam e até alguns distantes. Sua posição política determinou por várias vezes mudanças nos rumos da história tauaense moderna, assim como de seus cidadãos. Dessa forma, Joaquim de Sousa Bastos, é nome que merece lugar de destaque na "História dos últimos cinquenta anos dos Inhamuns" e exemplo a ser seguido pelas próximas gerações".*¹⁷⁸

¹⁷⁷Disponível em: <http://radioamliberdade.blogspot.com/2011/02/100-anos-do-meu-tioavo-apolonio.html>.

¹⁷⁸ ANAMÉLIA CUSTÓDIO MOTA. Joaquim de Sousa Bastos e o Clã Campo Preto", Tauá, 2010

XXVI.V.III.III - Francisco Misael Cavalcante.

Ex-vereador e ex-vice-prefeito, casado com Gertrudes Urbano Cavalcante, pais de Wexdra, Wellington, ex-vereador, Ladislau, Wesley. Misael Júnior, Wélvio e Ícaro. Faleceu em Tauá.

XXVI.V.III.IV- Anamélia Custódio Mota



É pedagoga e especialista em História e Sociologia. Professora da rede estadual, por contrato temporário de 2000 a 2003. Aposentada pelo INSS é autora das seguintes obras: Educação, Leis, Planos, Saberes e Práticas; Ler Escrever e Calcular: Reflexões Psicopedagógicas; Francisca Clotilde: Uma pioneira da educação e da literatura no Ceará e a obra Joaquim de Sousa Bastos e o clã Campo Preto.

XXVI.V.III.V - José Aroldo Cavalcante Mota



Advogado, especialista em Direito eleitoral. Na qualidade de escritor, foi estudioso contumaz da nossa história, retratando-as sempre em várias obras as quais ficaram plantadas para o conhecimento de todos os seus conterrâneos.

Foi Presidente da União dos Estudantes da Bahia - UEB, tesoureiro da União Nacional dos Estudantes - UNE, vice-presidente do Grêmio do CPOR de Fortaleza e Presidente do de Salvador, Secretário-geral do Movimento Democrático Brasileiro - MDB do Ceará, vice-presidente da Comissão Executiva do MDB, vogal da Comissão Executiva Regional do PMDB, Presidente do Partido Democrático Trabalhista - PDT, no Ceará. Foi Professor Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri, no Ceará - URCA, Presidente do Instituto Jurídico Eleitoral e Histórico - IJUREH do Ceará. Sócio efetivo e Vice-Presidente do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Membro e Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Direito Eleitoral - Ibrade. Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Advogado, e renomado especialista em Direito Eleitoral, Administrativo, Constitucional, Partidário e Municipal. Exerceu o cargo em comissão de Delegado de Polícia de Furtos e Roubos do Ceará. Foi Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Ceará. Assessor Político e Jurídico do gabinete da Prefeita de Fortaleza Luiziane Lins e Assessor Chefe da Controladoria Geral do Município de Fortaleza (2005). Aposentado do anti-

go Departamento de Correios e Telégrafos. Foi Deputado Estadual por duas legislaturas na Assembleia Legislativa do Ceará. Recebeu diversas homenagens. Recebeu vários Títulos de Cidadania, entre eles de Acopiara, Catarina e Fortaleza. Aroldo Mota publicou vários livros na sua área de estudo, além da história do Ceará e de Tauá destacamos: Marruás – Realidade e Ficção – 1994; Hotel de Animais – Realidade e Ficção - em 1999; História Política de Tauá, 2002 e a Antologia da História Política do Ceará¹⁷⁹. Contraiu núpcias com Francinilda Custódio Mota, com quem gerou três filhos. Faleceu aos 84 anos de idade, na cidade de Fortaleza¹⁸⁰.

XXVI.V.III.VI - Eufrásio Alves de Oliveira

Filho de Marruás foi intendente de Tauá, no governo de Franco Rabelo de 1912 a 1914.

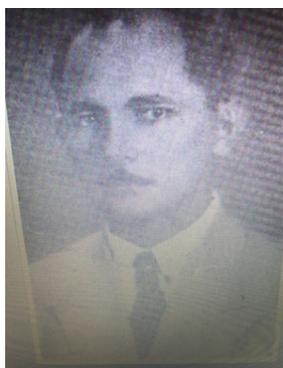
XXVI.V.III.VII - Benevenuto de Oliveira Sousa

Irmão de Eufrásio Alves de Oliveira foi candidato a prefeito de Tauá nas eleições de 1926. Foi casado com Idalina Cavalcante Oliveira.

XXVI.V.III.VIII - Major Chiquinho de Oliveira

Irmão de Eufrásio Alves de Oliveira e Benevenuto de Oliveira, personalidade histórica do clã do Campo Preto, foi um Paroara¹⁸¹ de sucesso.

XXVI.V.III.IX - Ataciso Cavalcante Mota



Tauaense de Marruás, casado com Luzia Sobreira Mota, com quem teve um filho. Com o falecimento de Luzia, contraiu núpcias com Nilda Carvalho Mota. No pleito eleitoral ocorrido no dia 7 de dezembro de 1947, militando nos quadros políticos do PSP, o Partido Social Progressista, elegeu-se vereador para o Poder Legislativo do Município de Boa Viagem e reconduzido no pleito seguinte. Foi fazendeiro e comerciante em Fortaleza e Boa Viagem. Faleceu em Fortaleza em 1987.

XXVI.V.III.X - Alaor Cavalcante Mota

Casado com sua prima Edilia Jataí Mota, filha de Áurea Jataí Mota e Antônio Jataí Sobrinho, ex-prefeito de Tauá, do enlace matrimonial com

¹⁷⁹ Disponível em: http://jeffersonetaua.wixsite.com/meutaua/aroldo-mota?lightbox=image_7q6.

¹⁸⁰ Disponível em: <http://www.historiadeboaviagem.com.br/ataciso-cavalcante-mota/>.

¹⁸¹ Substantivo de dois gênero. Amazônia. m.q. PARAENSE (subst.).

Edília, teve os seguintes filhos: Aureliano, Alaor Cavalcante Mota Filho, vereador em Tauá, Aureamélia, Armando, Anderson, Amilton José, Antônio Agenor, ex-vereador em Tauá, Audique, Ângela Maria, Airles e Aldemir.

XXVI.V.III.XI – Outras personalidades de Marruás

De Marruás, ainda destacamos, Eufrásio Alves Oliveira, Antônio Jataí Sobrinho, Enéas Alves Mota, Francisco Alves de Oliveira, Francisco Cirilo de Araújo, João Victor Mota, Fátima Lúcia Gonçalves Lima Mota, Francisco Misael Cavalcante Mota, ex-vereador de Tauá, falecido; Coronel Eufrásio de Oliveira e Doninha Jataí; Humildes (Mildo) Sobreira e Cristina Jataí; Aureliano Cavalcante Mota e Amélia de Carvalho Mota; Enéas Alves Mota e Anélia Mota; Alice Mota e Abdon Cavalcante; Adauto Cavalcante Mota e Ana Custódio Mota; Adalberto Bastos e Maria Cavalcante Mota (Mariquinha); Ana Dolores Cavalcante e Agostinho Mota; Domingos Alves Cavalcante e Isabel Mota; Absolon Mota e Natália Cavalcante; Tunica Andrade e Manezinho Pedrosa (ao centro, a filha Cecília); Luizinha Andu e Toinho da Cunha; Budu e Nenen (Todos os Santos); Nenen Misael Cavalcante e Rosália Sobreira de Melo; Clóvis e Lili de Melo; Francisco Olímpio Cavalcante e Rosália Maria; Meranda Barreto e Riva Lima; Lunarda Andu e Miguel Martins; Alberto de Sousa Mota e Maria Bastos; Alberto de Sousa Mota e Maria Bastos; Joana e Inácio Vitória; Vicente Cavalcante Mota (Ioiô) e Mundeza Pedrosa¹⁸²; Antônio Abdias de Oliveira (Bidi) e Manoel Alves Mota, dentre outros.

XXVI.V.III.XII – Manuel Alves Mota ou Manezinho Mota



Manoel Alves Mota nasceu na Fazenda Santa Rosa, no dia 13 de janeiro do ano de 1925, filho de Enéas Cavalcante Mota e Maria Anélia Mota, casado com Maria Mercê Alves Mota e pai de: Manoel Enéas Alves Mota, Lindomar Gonçalves Feitosa, Rosália Anélia Alves Mota, Francisco Hidelbrando Alves Mota e Madalena Maria Alves Mota. Bem jovem e já percebendo suas qualidades de comerciante, iniciou suas atividades com uma tropa de animais, que viajando para terras do Piauí, fez bons negócios e em pouco tempo se estabeleceu em Tauá, em um prédio alugado na Rua Dondon Feitosa, bem próximo ao Bar Escondidinho e se transferindo anos depois para o atual prédio na Rua Dondon Feitosa, 37. Sempre demonstrando tirocínio para os negócios, prosperou e se destacou como comerciante habilidoso, fruto do

¹⁸² Disponível em: <http://anameliataua.blogspot.com/2013/05/casais-de-marruas.html>.

qual criou sua família. Sendo um dos primeiros da família a residir em Tauá, recebeu sempre em sua casa, familiares que visitavam passageiramente ou estudavam nas escolas de Tauá, dada a dificuldade de Escolas no distrito de Marruás. Dessa ação, chegou a morar em sua residência, mais de 30 pessoas, familiares por quem tinha todo um carinho, admiração e servia até mesmo de orientador. Em 1957, sofreu um acidente na serra da Vera-Cruz que o impediu a locomoção, mas mesmo assim, não se entregou ao desespero, continuou suas atividades, adquiriu bens, formou toda a família e mesmo em cima de uma cadeira de rodas como costumava dizer, mas com a cabeça sã, desbravou este mundo competitivo e que exigia muita ação e um esforço superior de sua parte. Apaixonado pela vida do campo, não mediu esforços para se dedicar a esta missão difícil e adquiriu, também, a Fazenda Passagem, situada às margens do Rio Favelas, tendo executado com seus próprios recursos, a estrada do Alferes até a Fazenda Passagem, serviço elaborado pela equipe coordenada por Felipe Neto da Silva (o compadre Silva), então amigo de vários momentos. Objetivamente, foi Manoel Alves Mota um homem forte, trabalhador, respeitado e referência de vida para amigos e familiares. Faleceu no dia 15 de agosto de 2001.

XXVI.V.III.XIII - O clã de Campo Preto

Grupo de família da região do Rio-Favelas Marruás tinha sobrenomes, entre outros, Oliveira, Mota, Ferreira de Sousa, Teixeira e Cavalcante. Destaca-se como importante membro deste clã, Eufrásio Alves de Oliveira, substituto do Coronel Lourenço no cargo de Intendente de Tauá, fato ocorrido em 13 de abril de 1912¹⁸³. Informa Gomes de Freitas¹⁸⁴, "uma figura respeitável de patriarca, o capitão Manoel Ferreira da Graça, ascendente do engenheiro Vicente Cavalcante Fialho, comprou dos herdeiros do Capitão-mor Mateus Muniz Barreto, cinco léguas de terras e fundou a fazenda Campo Preto, por cujo nome é conhecido o referido clã".

Anamélia Custódio Mota¹⁸⁵ refere que o Clã "Campo Preto", sempre teve participação política no Município de Tauá. Antônio Gomes de Freitas, em *Inhamuns: Terra e Homens* (p. 90) abordam, por exemplo, que em 1862, a Câmara Municipal de São João do Príncipe (Tauá) era composta por: Joaquim Alves Feitosa (presidente), Pedro de Sousa Mota, Ricardo Franco, Marcolino Alves Cavalcante, Manoel Joaquim Pereira e Francisco Roberto Barreto". A autora, narra, ademais: "E, Aroldo Mota, na sua "História Política de Tauá", no capítulo 2, "Poder Político: Câmara Municipal" encontramos vários membros pertencentes ao clã Campo Preto, tais como: Marcolino Alves Cavalcante (1890); Alípio Cavalcante de Carvalho. Eufrásio Alves Sobreira e Harmódio Alves Cavalcante (1892); Alípio Alves Cavalcante e Tenente Eufrásio Cavalcante (1896); Manoel Elias da Mota, Manoel Pedrosa

¹⁸³ CHANDLER, Jaynes Billy. *Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns*, Edições UFC, Coleção Retratos do Brasil, 1981, pág. 139.

¹⁸⁴ *Ibidem* pág. 44.

¹⁸⁵ Joaquim de Sousa Bastos, Tauá, Novembro de 2010, págs. 27/30.

Cavalcante (1904); Manoel Elias da Mota (1908); Benevenuto de Oliveira e Sousa; Emídio Cavalcante e Leôncio Alves Cavalcante (1920); Temístocles Lins Fialho e João Antônio Marquinho (1936 - mandatos interrompidos pelo Golpe Militar); Temístocles Lins Fialho (1948); Francisco Sólon Mota e Temístocles Lins Fialho (1951); Argentino Barbosa da Silva (1959).

Enfim, a clã do Campo Preto, desde o seu início teve por característica, fortes desbravadores de terras, o cultivo da agricultura e da pecuária, do comércio, e ao longo dos tempos, formada por vários engenheiros, professores, advogados, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, agrônomos, odontólogos, contadores, jornalistas, etc. Foram, segundo estudos já produzidos a respeito, os verdadeiros colonizadores da Ribeira do Favelas.

XXVI.V.III.XIV – Delimitação do território de Marruás

Pela Lei nº 187, de 18 de agosto de 1959, restou definido o território do distrito como sendo:

Vila de Marruás

Perímetro Urbano: Partindo ao Norte, da casa residencial do Domingo Cavalcante Mota, segue em direção ao Sul pelas edificações do lado Poente, até a casa de Zuleica Oliveira; deste ponto, tomando a direção do Nascente, por terreno vago de 50 metros, vai até a casa de Alberto Damião, daí, rumando para o Norte, envolvendo as casas residenciais e comerciais que ficam do lado do Nascente, vai até a casa residencial de Alberto Mota e deste ponto, finalmente, até ao ponto de partida.

Perímetro Suburbano: Será constituído do terreno vago ao Nascente após a Zona Urbana, para futuros arruamentos de 200 por 400 metros, tendo como ponto de partida ao Poente, a casa de Alberto Mota, daí rumo ao Nascente até onde atingir 300 metros; deste ponto rumo ao Sul até onde der 400 metros e daí rumando para o Poente, 200 metros, até a casa de Alberto Damião e finalmente, deste ponto rumo ao Norte até ao ponto de partida.

Na localidade Poço da Onça é encontrada a escola EEIF Pedro Pedrosa de Castro Castelo.

XXVI.VI - Distrito de Santa Tereza

A história do distrito mais novo de nossa Tauá teve por origem o fato de, partir do ano de 1964, famílias que moravam em suas redondezas alinham-se em derredor do rio Santa Tereza, dando início uma pequena vila.

Formou-se assim, dizem historiadores do local, a chamada Rua Grande que atravessa a sede do distrito no sentido Leste-Oeste.

Nessa rua, foram construídas a capela de Santa Tereza e uma praça.

Santa Tereza tornou-se distrito em 1987, sendo o mais novo do município de Tauá. Encontra-se localizado a uma distância de 42 km da sede do município de Tauá, ligado a ela através da rodovia da Confiança.

A base econômica é a cultura do feijão. O gado é criado em pequenas e médias fazendas.

XXVI.VI.I – Limites e confrontações

A Lei nº 11.314, de 15.05.1987, criando o distrito de Santa Tereza por iniciativa do então Deputado Estadual Antônio Câmara, possui o teor seguinte:

O Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Faço saber que a Assembleia Legislativa Decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica criado no Município de Tauá o Distrito de Santa Tereza, cujo Povoado é elevado à categoria de Vila, desmembrado do Distrito de Trici.

Art. 2º - É a seguinte a linha divisória entre os Distritos de Trici e Santa Tereza: Começa na embocadura do Riacho Escuro no Rio Santa Tereza até alcançar, na parede do Açude Público a estrada para a Fazenda Cipó, indo por esta até a sua bifurcação com a estrada para a Fazenda da Galileia, indo por esta até alcançar a casa de Pedro Marrecas (inclusive), deste ponto, em direção ao norte apanha um caminho, incluindo as casas à sua margem até atingir a represa do Açude Público; daí em uma reta, rumo ao norte, até atingir a estrada para São Pedro, deste ponto, em linha reta, rumo ao Norte, até alcançar a Estrada da Confiança (CE-75), vai por esta até alcançar o Bueiro nas proximidades do Riacho Escuro, indo por este até a embocadura do Rio Santa Tereza.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

*PAÇO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO
CEARÁ, em 15 de maio de 1987. ANTÔNIO CÂMARA. Presidente.*

XXVI.VI.II - Nomes de destaques no distrito

Segundo Gomes de Freitas¹⁸⁶, Teodósio Gomes de Freitas, em 1723, assenhoreou-se dos Riachos das Lagoas (Teodósio), de Tederô (hoje, Santa Teresa, do Amoré (Riacho de Mato), montando neste a fazenda Cedro, com casa de morada e currais, há dez (10) Km, de Tauá). Esta propriedade, segundo o autor, atualmente, pertence aos herdeiros de Veridiano Alexandrino.

São nomes de destaques no distrito: Manoel Gomes de Freitas (Nelo Gomes), Antônio Gomes de Freitas (Lisboa), Antônio Gomes da Silva Câmara, Domingos Gomes de Freitas, Domingos Gomes de Aguiar, Amâncio Cordeiro Júnior, Manoel Justino, Antônio Cordeiro, José Justino, Faustino, Josué Gomes, José Liberato, Fortunato Almeida, Manoel Bezerra do Nascimento, José Justino do Nascimento, Antônio Cordeiro do Nascimento, Juvenal Cordeiro do Nascimento, Josué Onório, Manoel Bezerra do Nascimento, Manoel Almeida Neto, Fortunato Almeida, Onésio Cordeiro Sobrinho, Antônio Rodrigues Neto, Zulene Almeida, Antônio Galdino, Maria Gonçalves dos Santos, Antonieta Vieira, Guleuvam Gomes, Antônia Alves Teixeira, dentre tantos outros.

XXVI.VI.II - Templo religioso – Padroeira – Festa Religiosa

O distrito festeja a sua padroeira "Santa Tereza", no dia 15 de outubro.

O templo religioso dedicado à padroeira de Santa Tereza, deu-se por iniciado em terreno doado por Francisca Alves Cavalcante e inaugurado em 1963. Em 2019, a diocese de Crateús, desligou Santa Tereza da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, criando, assim, em consequência, a Paróquia de Santa Tereza.

XXVI.VI.IV– Tradição cultural de Santa Tereza

No distrito de Santa Tereza, no lado cultural, tem destaque o Reisado da Dona Antônia Carcará.

Aliás, "Reisado" é uma festa popular introduzida no Brasil pelos portugueses, no período colonial e, ainda hoje, realizada em muitas cidades brasileiras. O nome é dado aos festejos realizados por grupos que cantam os chamados ternos entre o Natal e o Dia dos Reis Magos, ou Dia de Reis (6 de janeiro), muitas vezes, acrescentando às cantorias, cenas baseadas em um enredo sobre o nascimento de Jesus e homenagens aos Três Reis Magos. Em geral, as festas são realizadas na rua, como procissões.

Uma das principais características do reisado são os trajes usados pelos participantes, em geral, roupas muito coloridas, chapéus, fitas e espelinhos.

¹⁸⁶ Inhamuns Terra e Homes, Editora Mandacaru, Fortaleza 2008, p. 43.

Outra característica diz respeito à estrutura da festa. A maioria dos reisados festejados no Brasil transcorre segundo o mesmo roteiro: abertura da porta, entrada, louvação do Divino, chamadas do rei, peças de sala, danças, a guerra, as sortes, a despedida.

O terno de reis e a folia de reis são semelhantes. Acontecem só no período compreendido entre o Natal e o Dia de Reis, mas não como grandes festejos de rua. São, em geral, pequenos grupos, cantando músicas de louvor, que vão à noite pelas ruas e pedem licença para entrar em algumas casas.

É sempre considerado uma honra ser escolhido por um terno ou um grupo de folia de reis. Com cânticos, o grupo pede licença para entrar e é recebido com alegria pelo dono da casa. Os cânticos prosseguem, o dono da casa oferece de comer e de beber, coisas rápidas, então, o grupo se despede também com cânticos e dá continuidade à celebração festiva.

Os instrumentos musicais tradicionais de um terno são: o violão, a viola, a rabeca (violino popular), a gaita, o tambor ou a caixa de triângulo. Pandeiro e cavaquinho podem fazer parte do conjunto, conforme a região.

Alguns grupos acentuam mais as músicas com instrumentos de percussão, ficando assim com uma batida mais forte¹⁸⁷.

No distrito de Santa Tereza, encontramos como tradição, também marcante, a famosa "FERRA DO GADO". Neste contexto, destaca-se o mestre ferreiro *Francisco Gomes Bezerra*, o "*Seu Chico Gomes*", o qual se dedicou uma vida inteira, na qualidade de mestre ferreiro, a confeccionar, na sua oficina, além de utensílios utilizados na labuta da agricultura e pecuária, tais como: *Chibanca, foice, badal, chocalho, picareta, etc.*, nas marcas inventadas por fazendeiro e vaqueiros para assinalar o gado. Essa tradição, pelo que se conhece, passou de pai para filho e, ainda hoje, mantém viva na história dos grandes e pequenos agropecuaristas tauaenses.

De igual sorte, tanto em santa Tereza quanto em outras localidades do nosso município, a tradição de se tocar um instrumento musical de nome "Rabeca"¹⁸⁸. Seu Chico Gomes, também se caracterizou por ser exímio rabequeiro.

XXVI.VI.V – Residentes em Santa Tereza

No distrito residem ou residiram: Adaugiza Alves dos Santos, Augustinha Rodrigues de Loiola. Ajalon Gomes Soares, Alzira Pereira de Sousa, Angelina Alves Fernandes, Antônia Alves da Silva, Antônia Alves de Lima, Antônia Bezerra Gomes, Antônia Cordeiro Melo, Antônia das Graças Fernandes, Antônia de Fátima Morais, Antônia Irene de Melo Freitas, Antônia Gonçalves Loiola, Antônia Nonato de Freitas, Antônia Soares do Nascimento, Antônia Sueleyde Alves Soriano, Antônia Vieira Lima, Antônio Carlos

¹⁸⁷Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/reisado/483505#toc-9483505>.

¹⁸⁸ Rabeca é um instrumento musical de origem árabe, precursor do violino, de feitura popular, que soa por fricção, tocado com um arco, e possui, originalmente, o corpo em forma de pêra onde são colocadas três ou quatro cordas.

Martins de Farias, Antônio Cordeiro Filho, Antônio da Silva Nonato, Antônio Fernandes Cordeiro, Antônio Francisco da Costa, Antônio Francisco de Sousa, Antônio Gomes de Sousa, Antônio Gonçalves Filho, Antônio Gonçalves Lima, Antônio Lucio Neto, Antônio Moreira Cavalcante, Antônio Pires do Nascimento, Antônio Walkyz Coutinho Moura, Audilande Rodrigues de Sousa, Aurea Soares do Nascimento, Berenice Gomes do Bonfim, Carmoza Beserra Santiago, Casimiro Vieira do Nascimento, Celestino Gomes da Silva, Cícero Alexandrino de Oliveira, Cirene Soares de Amorim, Cleomar Rodrigues Lima, Elenite Pereira dos Santos Silva, Elisângela Moura de Lacerda, Elisabete Pires do Nascimento, Elison de Sirino de Oliveira, Ermária Laurinda Velosa, Eulina Gonçalves de Amorim Sobreira, Everton Genésio de Loiola, Filomena Severo de Lima, Francisca Alves da Silva, Francisca Lacerda Loiola de Almeida, Francisca Pires do Nascimento, Francisca Rodrigues, Francisca Rodrigues Lima Marinho, Francisca Soares do Nascimento, Francisco Acleciano Coutinho, Francisco Memoria Soares, Genésio Monteiro de Loiola, Hamilcar Moreira Dias, Helena Ferreira Lacerda, Idalina Martins da Silva, Iracema Cordeiro de Araújo, Irene Carvalho de Lira, Isabel Gomes Barreto, Ivone Maria Lacerda Gonçalves, José Ferreira Neto, José Irlandio Moura, José Valmir Valentim Pereira, José Veloso de Almeida, Josefa Rodrigues Neta, Luís Gomes de Amorim, Luiza Alves da Silva, Luiza Moreira de Almeida, Luiza Noronha da Silva, Luizita do O Loiola, Lusimaria Rodrigues de Sousa, Luzia de Souza Brito, Manoel Cândido Neto, Magdo Ferreira do O, Manoel Mendes da Silva, Manuel Cavalcanti Gomes de Freitas, Marcondes Almeida Loiola, Maria Beserra de Sousa, Maria Bezerra de Almeida, Maria Cordeiro da Silva, Maria da Paz Cordeiro de Sousa, Maria das Graças Monteiro Alves, Maria das Graças Costa Januário, Maria de Nazareth Santiago de Almeida, Maria Divina Soares, Maria Erivelda Carvalho, Maria Gonçalves Lima, Maria Gonçalves Loiola, Maria Gorete Gomes de Freitas, Maria Ide Rodrigues do Nascimento, Maria Joaquina da Silva, Maria Lacerda Loiola, Maria Leite dos Santos, Maria Neta da Silva Cordeiro, Maria Neide Bezerra da Silva, Maria Salete de Oliveira Mota, Maria Salethe Lacerda Bonfim, Maria Senhora de Almeida, Nilberto Gonçalves da Silva, Noêmia Sobral de Moura, Odimar Gomes Almeida, Osmarina Almeida Lacerda, Otávio Moura Loiola, Raimunda Sousa da Silva, Regina Marcelina de Lima, Raimundo Pereira de Moura, Rosa Rosendo da Costa, Salvador Valdivino de Loiola, Tereza Cândida de Farias Nonata, Valdir Francisco dos Santos e Vilanir Gonçalves Loiola, dentre muitos outros.

XXVI.VII - O distrito de Trici

Criado em 1933, está distante 25 km da sede do município. A Vila de Flores, sede do distrito, possui grande expressão histórica para a nossa Tauá, com destaque evidente para as famílias ali constituídas, as manifestações populares e a religiosidade cultuada pelo povo daquela localidade.

Sua padroeira é Nossa Senhora do Carmo. A igreja que recebe o nome da padroeira é a mais antiga do Município, concluída que foi em 1762.

O patrimônio cultural do distrito de Trici aparece como de alta expressividade, tendo em vista, muitas de suas construções ter ocorrido no século XIX e no início do século XX. Lá, destaca-se o Barracão de Flores, principal centro de comercialização da localidade durante várias décadas.

Na economia, a agricultura e a criação de ovinos são os destaques principais, principalmente, em virtude das terras e das águas proveniente da barragem no rio Trici.

A vida sindical marca de forma eloquente a vida daquele povo.

A história, por outro lado, marca imponentemente a vida da localidade de Flores.

XXVI.VII.1 – História do distrito - A freguesia de Flores

Quem percorre a coleção de nossas leis provinciais, afirma Leonardo Mota na Revista do Instituto do Ceará. Notas para a História Eclesiástica do Ceará, pág. 204, *"pasmará de ver que, no curto espaço de 26 anos, ou de 1839 a 1865, a freguesia de Flores, nos Inhamuns, quatro vezes foi criada e três vezes extinta. Semelhante puxa-encolhe derivou naturalmente, de fuxicos políticos. Pingo o ponto nos ii: - uma lei de 1839 criou a freguesia, e outra de 1840 a extinguiu; outra lei de 1841 restaurou a freguesia, e ainda outra lei de 1843 a suprimiu; outra lei de 1846 tornou a criar a freguesia, e outra lei de 1852 a eliminou. Afinal, quatro anos depois de inaugurada, a Diocese do Ceará voltou a ser instituída a freguesia de Flores e, não sem temo, os liturgos mirins a deixaram em paz"*.

Ressalte-se, todavia, que no dia 16 de setembro de 1839, o presidente da Província, sancionou a Lei nº 181, direcionada a Flores, com o conteúdo seguinte: *"Art. 1º - Fica criada uma Freguesia na Capela da Povoação das Flores, no município e Freguesia de São João do Príncipe, donde é desmembrada, com a denominação de Freguesia de N. Sra. Do Carmo das Flores. Art. 2º - A Freguesia criada compreenderá todo o território pelo nascente da Capela para baixo até a Fazenda Trici inclusive; para o poente todo o rio Trici até contestar com a Província do Piauí, para o norte até a Fazenda denominada Joanhina inclusive a contestar também com a dita Província; e, pelo lado do sul das cabeceiras do riacho da Roça até a Fazenda Soledade inclusive, compreendendo o Riachão com todas as suas águas, até onde faz a barra do dito riacho da roça, etc., etc."*.

Em 20 de novembro de 1865, a Paróquia de Flores é desmembrada de São João do Príncipe e instituída a Paróquia pela Lei nº 1.177.

Anota a Professora Salete Vale, em levantamento feito e denominado "Linha do tempo – datas e fatos históricos e religiosos nos 250 anos de nossa Tauá" que, no dia 23 de agosto de 1784, fato inusitado aconteceu e, foi assim

descrito: “na Fazenda Flores nos Inhamuns, Manuel Félix de Oliveira e sua mulher Francisca Ribeira do Paraíso assinaram escritura de doação de meia légua de terra no Sítio do Campo Grande à Capela que pretendiam erigir ao Senhor São Félix. Não foi construída, todavia, a ermida, entretanto, o Santo encontra-se abrigado na Igreja do Trici (ex-Flores), aproximadamente, há duzentos anos”.

XXVI.VII.II – Personalidades do distrito de Trici – Fatos políticos

No distrito de Trici, a história deixou patentemente grafada as figuras de José de Oliveira d’Nascimento, chefe da família Gomes¹⁸⁹; Domingos Gomes de Freitas, substituto de José Alves de Araújo Feitosa, no cargo de Prefeito de Tauá, na década de 20¹⁹⁰; Joaquim Citó de Sousa Vale; Vereador Manoel Gomes de Freitas, capitão Manoel da Silva Carmo, Antônio Francisco de Loiola, José Perminio Noronha, vereador, Antônio Gomes de Freitas, Manoel da Silva Carmo, Laurentino Gomes Loiola, Marçal Alexandrino de Oliveira, Domingos Gomes de Aguiar, Genésio Rodrigues de Loiola, Manoel Gomes de Freitas, Antônio Gomes de Freitas, Mario Alves Loiola, dentre tantos outros.

O distrito é berço das famílias: Alexandrino, Setúbal, Reis, Valdivinos, Do Ó, Gomes de Freitas, Lacerda, Moura, Loiola, Alves, Silva, Sousa, Oliveira, dentre tantas outras.

Narra CHANDLER¹⁹¹, a respeito da família Gomes que: “Quando a República Velha chegou ao seu fim em 1930, a família Gomes havia de muito suplantado os Feitosas, tornando-se a família politicamente mais forte e influente de Tauá”. Diz o renomado autor: “Uma prova da transferência do poder dos Feitosas para os Gomes era o fato de que em 1930 a Fazenda São Bento pertencia ao Coronel Domingos. Essa propriedade já havia pertencido aos chefes Feitosa Araújo e por último ao Capitão-mor de São João do Príncipe, Antônio Martins Chaves. Os Feitosas não haviam perdido toda a sua influência – continuavam sendo uma das mais poderosas famílias na região – mas não mais dominavam a comunidade como fizeram durante mais de dois séculos. Sua influência tradicionalmente eficiente e poderosa fora barrada pela ascensão de outras famílias a cargos de importância. Os Feitosas mantinham apenas uma posição dominante ao longo do rio Jucá, em Arneiroz, como seu último bastião naquelas plagas. O declínio da família em Tauá era atribuído, em parte, ao sucesso que obtiveram em conseguir para Arneiroz seu retorno ao status de município. Em consequência da separação daquele distrito, a influência dos Feitosas foi acentuadamente diminuída. Sem dúvida alguma, os Feitosas, acrescenta o autor, dominaram Tauá, durante muitos anos após a independência de Arneiroz, mas o poder deles parece ter se apoiado mais na influência que o Coronel Lourenço possuía e que estava

189 Ibidem, pág. 140.

190 Ibidem, pág. 146.

191 Ibidem, págs. 154/155.

sempre, relacionada com sua ligação ao governo estadual". ... , Chandler termina por afirmar, "que os Gomes e seus adeptos, jamais foram, realmente, incomodados pelos Feitosas...".

Segundo Gomes Freitas¹⁹², *"Os Gomes e seus parentes Ferreira, ao tempo da colonização dos Inhamuns, prosseguiram na jornada da colonização pelas margens do Jaguaribe, andaram mais de 8 ou 10 léguas acima dos Boqueirões, já pisavam terras nunca visadas de brancos, alcançavam o Hohacuiúba e o Quintire, que evoluíram para o Trici e Carrapateira, chamados imprecisamente Manoel Lopes pelos organizadores das sesmarias do Ceará, onde começa o Jaguaribe, e, como marcos confirmativos da posse, chantaram cruces, assentaram um arraial para a defesa dos moradores, situaram duas fazendas de gados de criar, estabelecendo o consórcio rural nos Inhamuns, ao qual denominaram "Fazenda da Barra da Sociedade". Ainda segundo o mesmo autor, outros vieram, contudo, abdicaram das referidas terras, sendo que as terras do Trici, mandaram os Gomes por muitos e muitos anos"*.

Narra o autor, *"que o paraibano João de Almeida inspirado na sabedoria do refrão popular que sugere: "casa teu filho com a filha do Vizinho", fez seu filho José de Almeida unir-se pelos laços do Himeneu a Maria de Freitas, filha do pernambucano Teodósio Gomes de Freitas, daí havendo longa prole"*.

O Coronel Manoel Gomes de Freitas foi prefeito de Tauá, nos idos de 1920.

XXVI.VII.III – Constituição do distrito – delimitação territorial

O distrito é constituído pelos seguintes lugares: Lustal, Maravilha, Taperá, Massapé, Abóbora Calumbi, Belizário, São Bento, Almas, Milagres, Dormideira, Açude dos Maias, Nazaré, Canto, Santa Luiza, Alto Alegre, São Paulo, Confiança, Bem-Aventura e Cipó.

Mais precisamente, o território do distrito de Trici, em face da Lei nº 187, de 18 de agosto de 1959, restou consignado:

VII – Vila de Trici

Perímetro Urbano: O ponto de partida, ao Nascente, é a casa de residência de Leandro Ferreira do Nascimento, seguindo em linha reta, envolvendo as edificações do lado Norte, na direção do Poente, vai até o prédio comercial de propriedade de João Inácio de Loiola após o Mercado Público, deste ponto tomando o rumo Sul, vai a linha reta por terreno vago até o ponto confrontante com as edificações do lado Sul, daí segue rumo ao Nascente, vai até 50 metros após a casa de Antônio Quequé, e finalmente, deste ponto rumo ao Norte em linha reta até ao ponto de partida.

¹⁹² Inhamuns Terra e Homens, pág. 41

Perímetro Suburbano: É constituído dos terrenos vagos, para futuros alinhamentos que ficam ao Norte, Poente e Sul, após a zona urbana, tendo como ponto de partida o terreno murado de Leandro Ferreira do Nascimento ao Sul, rumo ao Norte até atingir 100 metros da confrontância com o açude pertencente a este senhor; deste ponto rumando para o Poente, na linha reta até atingir a extensão de 600 metros; deste ponto rumo a Sul, até onde der 300 metros; e deste ponto rumo ao Nascente até atingir 600 metros; e finalmente, rumo ao Norte 200 metros até ao ponto de partida.

XXVI.VII.IV - Topônimos

O distrito de Flores teve ainda, por topônimos, os nomes de Joanelha e Abóboras.

XXVI.VII.V – Espaço cultural

Já no espaço cultural, ressaí os reisados e as festas de São Gonçalo, promovidos pelos Senhores Manoel do Vale e Domingos de Barros, como informa João Alcimo Viana Lima¹⁹³, além do trio de forró “pé-de-serra” constituído por João Inácio, Luis Gonçalves e Osvaldo da Ormina.

XXVII - Formação territorial do município de Tauá

O nosso município é o segundo maior do Ceará. Com mais de 60.000 (sessenta mil habitantes), tem uma área territorial de 4.018,162 Km². Com clima predominante semiárido, tem oito grandes distritos: Tauá (Sede da administração municipal); Barra Nova com sede na vila de Bom Jesus; Carapateiras com sede na vila de Santo Antônio; Inhamuns com sede na vila de Vera Cruz; Marrecas com sede na vila de igual nome; Maruás, com sede na vila de igual nome; Santa Tereza com sede na vila de igual nome; e, Trici com sede na vila de Flores.

Na zona urbana de Tauá, consoante já mencionado, encontra-se situados os principais serviços do município, em destaque, a Administração Municipal, o Legislativo e o Judiciário (Federal, Estadual e Eleitoral), Hospital Regional, Clínicas médicas, odontológicas e de fisioterapia, Escritórios de advocacia e contabilidade, Comércio de gêneros diversos, Universidades, Colégios voltados para o ensino infantil, fundamental, médio, técnico e universitário, Igrejas (católicas e evangélicas) etc.. No contexto da cidade de Tauá, voltados a sua sede, importantes localidades são encontradas, tais como: Angicos, Lustal, Castelo e Colonos. A sede de Tauá se encontra cober-

¹⁹³ ÀLCIMO VIANA LIMA, JOÃO. Anotações históricas dos distritos de Tauá. Caminhar. Fortaleza 2020. P. 32

ta pelos Açudes Várzea do Boi, Favelas e Broco, nas localidades de mesmo nome, além de ser cortada pelo Rio Trici.

Na sede do Município de Tauá, encontram-se localizados, dentre outros: O Hospital Regional Dr. Alberto Feitosa Lima; O Estádio Municipal Gerardo Feitosa; o Banco do Nordeste do Brasil; o Banco do Brasil S/A; a Caixa Econômica Federal; O Banco Bradesco S/A; O Ginásio Antônio Araripe; Museu dos Inhamuns, Correios, Faculdades e Escolas de 1º e 2º Grau, Farmácias, Comércio e Indústrias, Clubes Sociais e outros.

Uma das primeiras indústrias instaladas em nossa Tauá, do meu conhecimento foi uma indústria de beneficiamento de algodão de iniciativa de um senhor chamado Inocêncio, localizada na Praça Henrique Andrade, Centro, onde à época morávamos. Em seguida, tratando do mesmo beneficiamento, o idealista tauaense "José Waldemar Rêgo", instala outra fábrica, em prédio melhor projetado. Ambas foram mais tarde desativadas. No mesmo local onde o Senhor Inocêncio manteve por longos anos funcionando sua fábrica, anos após, instalou-se por iniciativa do Senhor Evaldo e outros tauaenses renomados, uma fábrica de sabão, também desativada. Na atualidade em Tauá, se encontram instaladas algumas indústrias voltadas para o ramo dos calçados, vestimentas, energia, etc.

O Banco do Nordeste do Brasil S/A foi à primeira instituição bancária a ser instalado na nossa cidade, fato acontecido em meados da década de 1960.

XXVIII - Destaques no aspecto cultural e turismo

No aspecto cultural e do Turismo, ainda têm destaque, o Açude Várzea



do Boi, formado no riacho Carrapateiras, afluente do rio Jaguaribe com capacidade de armazenamento de 51 milhões de metros cúbicos de água.

O Marrecus Clube (parque aquático de médio porte, com tuboáguas, piscinas, campo de futebol, restaurante e campo aberto);

Parque da cidade (cooper, caminhada e corrida, aparelhos de ginástica e musculação, fast food - Bebelu, Cine-teatro, Assistência e segurança pública com viaturas, pessoal e monitoramento por câmeras, ponte adentrando a lagoa ali existente, praça e ambiente ao ar livre).

Churrascarias, sorveterias, fast foods, pizzarias e restaurantes em todas as regiões da cidade (pizzarias, carneiro assado, comidas típicas e re-

quintadas, gastronomia variada (Imperial Grill, 2 Irmãos, W Freitas, A Corinthiana, Tempero Nobre, Colher de Pau, o Coliseu, Boi Gordo, Imperial, Tauá Lanches, Claudinha, Moranguinho, Toca do Peixe, Peixada do Sertão, Caldo do Cleiton e outras excelentes e com ótimo atendimento.

Hotéis, pousadas, motéis em vários bairros e desde os mais simples aos mais requintados.

Igrejas Católicas e Evangélicas, grupo espírita e outras religiões.

Mercado público de Tauá (produtos caseiros, artesanais e vindos direto do campo).

Centro de artesanato (artesanato de qualidade com reconhecimento Internacional).

Centro de negócios (lojistas, confecções e todas as utilidades em um só lugar. Um local business com o comércio popular).

Diversas redes de supermercados, mercantis e mercadinhos; casa do idoso, CAPS, NASF, centro municipal de idiomas (cursos gratuitos), escola de música, casa da mulher, AA, Superintendência do Meio Ambiente, Selo UNICEF, Loja Maçônica, Clube das Acácias, Remanescentes Quilombolas, Associações Comunitárias e outros; Centro Comercial com Variedades e Inovações.

Bares, barzinhos e o famoso espetinho que animam as noites tauaenses.

Clubes como: Forró no Sertão, Vilmar, Planeta Show; Festas Anuais (carnaval, festas religiosas, FestBerro, ExpoTauá, FENERI, festa das mães, Tauá natalino, dia das Crianças de Tauá, reisado na Vila de Vera Cruz - Inhamuns, festival junino).

Pista de Motocross (concursos e treinos).

Parque do vaqueiro e parque de exposições.

Maior usina solar da América Latina em escala comercial.

Cidade digital (a cidade dispõe de rede de internet WiFi em diversos pontos e nas localidades do município).

Parque do Rio Trici.

Nossa terra tem se destacado, ademais, atualmente, em vista das mais diversas manifestações culturais acontecidas, sejam através de festivais, encontros de museus, convenções, escola de música, grupos teatrais, etc.

Nossa terra Tauá apresenta dinâmica própria e específica no sertão cearense, contudo, os tempos fez-na ser grandiosa e desenvolvida em todos os seus aspectos. A internet massificou a comunicação, possibilitou o conhecimento não só pontual, mas, acima de tudo, massificado.

Em primeiro, merece destaque a história arqueológica do nosso município, ponto turístico dos mais importantes existentes na nossa terra, o qual se tornou pública pelas mãos, inteligência, idealista de um tauaense entusiasta, Joaquim de Castro Feitosa que, ao lado da sua consorte, Dona Maria

Dolores de Andrade Feitosa (Dona Dolores), após descobri-la, concentrou-a em um ambiente próprio e, hoje, orgulho de Tauá, o denominado "Museu Regional dos Inhamuns". Ao lado deste espaço rico em história, avulta o chamado "Museu da Cólera", a contar a história da doença acontecida no nosso território, como contada em capítulo próprio deste trabalho.

Não fora este empreendimento histórico-cultural, onde se encontra concentrada grande parte da nossa história, a nossa terra também apresenta aos turistas que aqui aportam meios de hospedagem dignos e razoáveis, e no ponto pode-se citar os Hotéis Maria Bastos, Hotel Julião, Hotel Três Reis Magos, Hotel Avenida, além do tradicional e centenário Hotel São Silvestre, criado e instalado na nossa cidade por iniciativa do Senhor Silvestre Gonçalves e sua mulher, os quais o administraram por longos anos. Posteriormente, sua administração passou a responsabilidade da conterrânea D. Licinha, e hoje, é administrado pelo nosso colega de infância e adolescência, Senhor Veloso.

Ainda é encontrado como ponto turístico de Tauá, o "Horto das Pedras". Referido lugar, situada às margens da rodovia 020, em lugar eminentemente privado, denominado "Bom Jesus IV", de iniciativa específica dos seus proprietários, transformou-se em ponto turístico da região, pela beleza natural com o que foi concebido. A existência do Cristo Redentor no cume de uma pedra chama a atenção pela sua beleza e semelhança ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro. No local são encontradas piscinas, cascatas, trilhas, além de outros instrumentos propícios à visitação e ao deleite dos que, quando autorizados, ali frequentam. Na casa grande da fazenda são encontrados instrumentos próprios e utilizados pelo sertanejo (vaqueiro) no seu trato diário, tais como: chapéu de coró, gibão, espora, chicote, etc.

Outro ponto turístico de nossa terra é o denominado "Porão da Batalha". Tal lugar localizado no distrito de Carrapateira caracteriza-se por ser uma área rochosa, com água, de origem não conhecida, guardiã de muitas memórias do nosso município, histórias que restaram no conhecimento popular, tais como: o aparecimento ali, de se uma sereia e a descoberta e retirada do local de uma botija de ouro.

Parques de vaquejadas, trilhas, visitas aos mais diversos sítios arqueológicos, fazem parte do cenário turístico de nossa terra.

O turismo religioso também existente na nossa terra, em destaque as festas de Jesus Maria e José de Marrecas, Santa Rita de Cássia em Marruás, acrescem a riqueza de Tauá ao culto do catolicismo.

Nosso município, nossa cidade de Tauá tem crescido a olhos grandes e se desenvolvido de forma surpreendente.

Tauá, nossa terra, enfim, possui o potencial inestimável geográfico, histórico e cultural, para o desenvolvimento da atividade turística, por possuir atrativos naturais e culturais inestimáveis. Nosso território, nossos povos pelas suas características únicas reservam surpresas inigualáveis, em

síntese, tais como: imóveis tradicionais, sítios arqueológicos, inscrições rupestres existentes no território do nosso município, o ecoturismo no nosso sertão, rico em flora e fauna, além do espaço religioso reconhecido nacionalmente, compõem o cenário turismo do nosso torrão natal, e que merecem serem descobertas por quem assim o desejar visitar e conhecer.

Tauá é terra de tradições imortais, memoráveis, incontáveis. Tauá é a nossa Princesa dos Inhamuns, terra de gente forte, de heróis, unida, inteligente, intelectual, forte pela sua própria natureza.

Por sinal, novas diretrizes efetuadas pelo Programa Nacional de Regionalização do Turismo, o Ceará, definiu 12 regiões turísticas no nosso Estado, nelas incluindo o nosso Tauá.

De acordo com as novas diretrizes turísticas firmadas, têm-se que é prioridade absoluta a gestão descentralizada, os investimentos em qualificação profissional e infra-estrutura a favorecer o turismo no Ceará. O Mapa da regionalização possibilitou a orientação de projetos do MTUR pelo país. Tauá chamou a atenção pela realização de festividades religiosas, como a romaria de Jesus, Maria e José, a terceira maior do Estado. O município preserva construções do século XIX, como a Igreja de Marrecas. A Matriz é a única do Estado com Abóbada construída em pedras. Já a Igreja de Marrecas, destaca-se pelo estilo característico dos jesuítas. O turismo ecológico, a sua história postada acima de tudo nas adversidades do seu território, na riqueza existente no seu território, transformou efetivamente a nossa Tauá, no Ceará, referência turística, motivo de orgulho para todos nós, filhos da Princesa dos Inhamuns.

XXIX – De Tauá para o mundo – filhos ilustres – história – alguns dados biográficos

Tauá, a Princesa dos Inhamuns, ao longo de sua existência, produziu grandes nomes que, pela capacidade intelectual, poder de articulação política junto aos mais diversos setores do Estado, se destacou pondo em relevo, por sem dúvida, o nome da sua terra natal. Dentre todos, e não são poucos, destacamos: Jovita Feitosa; João Filipe Pereira; Fausto Barreto; Joaquim Pimenta; Antero José de Lima; João Felipe Pereira; Vicente Fialho; Carlos Antônio Barreto; Domingos Aguiar Filho; Júlio Rêgo; Antônio Câmara, José do Vale Pedrosa, Joviniano Barreto, Odilon Silveira Aguiar, José Waldemar Rêgo, Dona Clarinda, General Clóvis Alexandrino Nogueira, Francisca Clotilde Barbosa Lima, Cândido Meireles, Júlio Gonçalves Rêgo, Antônio Gomes Câmara, Domingos Gomes Aguiar, Alberto Feitosa Lima, Pedro Wilson Leitão Lima, Manoel Perboyre Castelo, Antônio Gomes de Freitas, Dondon Feitosa, Maria Salete Vale Farias, Adelaide Gonçalves, Luiz Gonzaga Lima, Licinho Serra, Denis Anderson da Rocha Bezerra, Domingos Neto, Francisco Pedrosa Teixeira, Francisco Bezerra Cavalcante, dentre tantos outros.

XXIX.I – Jovita Feitosa (vide pág. 96).

XXIX.II - João Filipe Pereira



Nasceu em Tauá, no dia 23 de março de 1861. Foi um engenheiro e político brasileiro. Formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi presidente do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. Na política, foi ministro das Relações Exteriores, de 30 de junho a 7 de outubro de 1893, e, também, ministro dos Transportes do governo Floriano Peixoto, de 8 de setembro de 1893 a 24 de abril de 1894, além de prefeito do então Distrito Federal, de 1900 a 1901. Em 1946, quando era Presidente da República o Dr. José Linhares, cearense de Baturité, a Estação Central da RVC passou a ser chamada com o nome de Professor

João Felipe, em homenagem ao ilustre engenheiro ferroviário cearense, nascido em Tauá, em 23 de março de 1861. Foi também diretor dos Correios e Telégrafos, Inspetor de Obras Públicas do Rio de Janeiro, Presidente do Clube de Engenharia e Prefeito do antigo Distrito Federal. Embora especializado em sistemas de águas e esgotos, tendo contratado com o governo do estado do Ceará, o projeto de construção do sistema de águas e esgotos da Cidade de Fortaleza, o que não chegou a concluir, quando Ministro das Relações Exteriores, o engenheiro João Felipe muito contribuiu para o desenvolvimento das ferrovias no Brasil. A edificação da Estação de Fortaleza da Estrada de Ferro de Baturité, projetada e construída com planta do engenheiro Henrique Foglare, no local do antigo cemitério de São Casemiro, praticamente, com mão-de-obra dos retirantes da seca de 1877, em terreno que pertencia à sesmaria de Jacarecanga, de procedência da família Torres que fez doação a uma sociedade de oficiais do exército para o exercício de soldados. A Confraria de São José declarou-se dona da região e mais tarde a aforou à via férrea de Baturité. A obra teve sua pedra fundamental lançada em 30 de novembro de 1873, mas, somente, foram iniciadas as obras em 1879, sendo, assim, inaugurada em 9 de junho de 1880, em frente ao antigo "Campo da Amélia", mantém-se praticamente inalterada até os dias de hoje. O edifício desenvolvendo-se em um único pavimento, e domina completamente o espaço urbano da praça. A fachada do bloco central possui colunas sobre pedestal encimado por frontão triangular, e escadaria demarcando o acesso ao interior do edifício. As fachadas contíguas possuem fenestração com aberturas em arco pleno, arrematadas superiormente por cornijas e platabandas¹⁹⁴.

¹⁹⁴ Fonte: VASCONCELOS, Amarílio de & FOGLARE, Henrique (1881). O prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité ao Cariri e os Açudes na Província do Ceará. [Relatório].

XXIX.III - Fausto Carlos Barreto



Filho de Antônio Carlos Barreto, falecido no Rio de Janeiro a 2 de Outubro de 1908, com 73 anos de idade, e de D. Maria José de Oliveira Barreto, nasceu a 19 de Dezembro de 1852, na freguesia de S. João dos Inhamuns. Iniciou os estudos preparatórios no Atheneu Cearense e Seminário de Fortaleza e foi terminá-los no Rio de Janeiro. Em 1874, matriculou-se na Escola de Medicina, mas deixou o curso, já muito adiantado, para entregar-se ao magistério a princípio, como professor livre de francês, português, latim e inglês e depois como professor de português no colégio Pedro II, após dois brilhantes concursos. Foi deputado geral pelo Ceará (2º Distrito), na última legislatura da Monarquia, procedendo-se a sua eleição quando exercia o lugar de presidente do Rio Grande do Norte. Foi um dos redatores da Tribuna, órgão liberal na Capital do Império. Jornalista ("Tribuna"). Mestre da Filologia no Brasil publicou: *Arcaísmos e Neologismos da Língua* (1879); *Temas e Raízes* (1883); *Seleção Literária* (1887) e *Antologia Nacional* (1892). Membro correspondente do instituto do Ceará. Morreu no Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1915¹⁹⁵.

XXIX.IV - Carlos Antônio Barreto.

Foi Deputado Republicano 1893 – 1896 e 1897 a 1900. Nasceu em Tauá no dia 1º de outubro de 1858, filho de Antônio Carlos Barreto e de Maria José de Oliveira, irmão do notável filólogo e homem público, Dr. Fausto Barreto e do General Alexandre Barreto. Batizado a 12 de novembro, faleceu a 3 de fevereiro de 1900. Destinando-se a vida sacerdotal, matriculou-se no seminário de Fortaleza sob nº 280, de 30 de julho de 1872 e ordenou-se pelo seminário do Maranhão a 27 de dezembro de 1881, nomeado coadjutor de Tauá a 29 de abril de 1882. Nomeado escrivão da Câmara eclesiástica de Fortaleza, foi o cargo exercido até 20 de julho de 1891. Foi secretário do bispado a partir de 21 de setembro de 1891. Em fins de 1882, era codiretor do Instituto de humanidades dirigido por Monsenhor Bruno Figueiredo e foi professor de geografia geral e do Brasil e da Escola Normal; Deputado Estadual de 1893 a 1896. Resignou o mandato de Deputado em 1898. Esta pesquisa consta dos clérigos católicos na Assembleia Provincial do Ceará 1834 a 1889, na página 114.

¹⁹⁵Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2168&catid=293.

XXIX.V - Padre João Felipe Pereira

Deputado provincial nos anos de 1854, 1855, 1856 1857, 1860 e 1861. Vigário de Tauá de 19 de março de 1847 a 5 de maio de 1862. João Felipe Pereira nasceu na Serra dos Martins, Rio Grande do Norte e faleceu em Tauá aos 43 anos de idade, vítima da cólera, morbus aos 05 de maio de 1862, e dado como nascido, em 1819. Em 1839, foi suspensa da função de administrador do Sacramento de "Caixa só Iracema", pelo bispo de Pernambuco, pelo fato de ter apresentado certidão de idade inexata para se ordenar. Em 1837, aparece como vigário de Soure, Caucaia. Interino de São Mateus Jucás, em 1841. Vigário encomendado de Tauá a 19 de março de 1847 e Vigário colado da mesma freguesia a 17 de junho de 1848, até o seu falecimento. Vigário colar de São João do Príncipe em 1859. Também retirado do livro "Os clérigos católicos da Assembleia provincial do Ceará 1834 - 1889 na página 141".

XXIX.VI - Joaquim Pimenta



Um dos mais importantes tauaenses nasceu em Tauá, no dia 13 de janeiro de 1886. Filho de João Nepomuceno Pimenta, farmacêutico e pequeno proprietário, e de Vicência de Sousa Pimenta. Fez os primeiros estudos nos Inhamuns, com o padre Joaquim Ferreira de Melo. Devido à pobreza de sua família começou cedo a trabalhar, tendo sido, sucessivamente, cobrador de impostos em feiras, alfaiate, sacristão e professor de uma escola noturna para menores. Em 1904, seguiu para Fortaleza, onde exerceu o magistério primário, enquanto prosseguia seus estudos. Após concluir os preparatórios no Liceu do Ceará, matriculou-se em 1906, na Faculdade de Direito da Capital do Estado. Por essa época licenciou-se na literatura socialista, rompendo com o pensamento católico que, até, então, defendia. Auxiliado por colegas com os quais formava um grupo de oposição ao governo estadual de Antônio Pinto de Nogueira Acióli (1904-1912), fundou a revista "A Fortaleza" e os jornais "O Demolidor, anticlerical", "O Regenerador, de propaganda socialista", e "A Terra da Luz". Ainda acadêmico, colaborou em outros jornais cearenses, como o Unitário e o Jornal do Ceará, escrevendo artigos políticos. Um deles, publicado nesse último periódico, chegou a custar-lhe breve prisão. Em 1909, deixou Fortaleza para matricular-se na Faculdade de Direito de Recife. Por intermédio de seu futuro sogro, o médico Raul Azedo, o qual viria a exercer grande influência em sua formação intelectual, Joaquim Pimenta, sob o pseudônimo de Paulo Jordano, passou a colaborar no Correio de Recife, numa seção diária denominada, "Lambadas". Bacharelou-se em 1910 e, em 1911, foi nomeado promotor público

em Recife. Nesse ano, irrompeu em Pernambuco um movimento popular de protesto contra a dominação política dos partidários de Francisco de Assis Rosa e Silva, os quais há anos se mantinham no poder. Diante dos atos de violência, então cometidos pelas forças estaduais e federais, Joaquim Pimenta pediu demissão do cargo, aderindo à campanha do candidato opositor ao governo do estado, general Emídio Dantas Barreto, então ministro da Guerra do Marechal Hermes da Fonseca. Com a ascensão de Dantas Barreto à presidência de Pernambuco, foi designado, em 1912, secretário da Inspeção da Instrução Pública. Em junho desse ano, casou-se com Alice Azedo, filha de Raul Azedo, então titular da Inspeção Geral do estado. O casal veio a ter quatro filhos. Em 1915, foi nomeado professor catedrático de português da Escola Normal e livre-docente de filosofia do direito na Faculdade de Direito de Recife. Dois anos depois, mediante concurso, passou a exercer na mesma instituição o cargo de professor-substituto da cadeira de economia política, a qual ocupou até 1932. Joaquim Pimenta desenvolveu ampla atividade no movimento operário pernambucano. Em 1919, liderou em Recife uma greve geral dos trabalhadores, em repúdio à atitude da empresa estrangeira Pernambuco *Tram-ways*, uma companhia de bondes e de energia elétrica, que demitira todos os participantes da assembleia de fundação da União Cosmopolita, sindicato dos trabalhadores da empresa. Estes reivindicavam aumento salarial e implantação do regime de oito horas diárias de trabalho. A greve, que acabou por isolar Recife de todo o interior do estado, teve o apoio da população e de toda a classe operária de Pernambuco. Joaquim Pimenta estabeleceu contato com a Federação Regional do Trabalho, órgão anarco-sindicalista vinculado à Confederação Operária Brasileira, apoiando os sindicatos operários e orientando a articulação dos grevistas. O movimento terminou com um acordo que sancionava as principais reivindicações apresentadas. Durante a década de 1920, eclodiram em Pernambuco, sob a liderança de Joaquim Pimenta, outras duas greves, de âmbito mais político que corporativo. A primeira, em 1921, decorreu da aprovação pela Câmara Estadual de Lima, lei de majoração de impostos que se tornou conhecida como "Orçamento-Monstro". Na oportunidade, Joaquim Pimenta promoveu um movimento de oposição ao governo do estado, a "Campanha da Fome", que consistiu na paralisação do comércio das fábricas e dos meios de transporte. A greve estendeu-se por todo o estado e levou o governo a tomar medidas conciliatórias, suprimindo os itens causadores de maior incidência fiscal sobre produtos de primeira necessidade. Esse acordo, no entanto, não atendeu aos anseios de Pimenta, que propôs a continuação da campanha, gerando, assim, forte reação das forças governamentais. Extinto o movimento, os operários e sindicatos que mais se haviam destacado na ação popular passaram a ser vítimas de perseguições policiais. O segundo movimento ocorreu em 1922, em decorrência de dois fatores. O primeiro ligou-se à escolha do sucessor de José Rufino Bezerra Cavalcanti, presidente do estado, falecido antes do fim do mandato. Desencadeou-se uma luta acirrada entre os grupos que disputavam o cargo: de um lado, os

partidários de Carlos de Lima Castro, então prefeito de Recife, fortemente amparado pelos chefes políticos Estácio de Albuquerque Coimbra, Emílio Dantas Barreto e pelos Pessoa de Queirós, sobrinhos do presidente da República, Epitácio Pessoa; de outro, os que defendiam o nome de José Henrique Carneiro da Cunha, apoiado por Manuel Antônio Pereira Borba, Joaquim Pimenta e pela classe operária organizada. Com a vitória de José Henrique, em 27 de maio de 1922, Recife foi ocupada durante três dias pelas forças federais, o que acirrou ainda mais os ânimos da população, notadamente, dos trabalhadores. Mobilizados por Joaquim Pimenta, esses ocuparam vários prédios, apresentando forte resistência. As questões estaduais adicionaram-se, as medidas repressivas do governo federal por ocasião das manifestações de Joaquim Pimenta. Manuel Borba e outros partidários da Reação Republicana (movimento de oposição à candidatura de Artur Bernardes à presidência da República), em defesa da autonomia do estado, ameaçada pelo governo de Epitácio Pessoa. Durante esses acontecimentos, o deputado federal Maurício de Lacerda impetrou habeas-corpus em favor de Pimenta, o qual, após mobilizar novamente as classes trabalhadoras, foi ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, para fazer ligações políticas e, sobretudo, sondar a posição de altas patentes militares, exaltadas com a publicação de duas cartas atribuídas a Artur Bernardes. Nestas, o suposto autor se referia de modo pejorativo ao marechal Hermes da Fonseca, presidente do Clube Militar. Tais documentos, as "cartas falsas", foram mais tarde objeto de investigações que concluíram terem sido forjados. Em meio a um clima de apreensões e ameaças, o marechal Hermes telegrafou ao coronel Jaime Pessoa, comandante da 7ª Região Militar, sediada em Recife, pedindo aos militares pernambucanos, que não se envolvessem com as "manobras do Cateite". Esse telegrama trouxe como consequências a prisão do marechal Hermes, em 1º de julho de 1922, e o fechamento do Clube Militar no dia seguinte. Tais medidas insuflaram ainda mais o Exército, principalmente, a jovem oficialidade (os "tenentes"), que reagiu no Distrito Federal, com a Revolta de 5 de Julho, desencadeada no forte de Copacabana, na Escola Militar e na Vila Militar. Frente a esses acontecimentos, os grupos políticos pernambucanos entraram em acordo, escolhendo para governar o estado de 1922 a 1926, um candidato de conciliação, o juiz federal Sérgio Loreto, o qual, entre outras providências, mandou fechar as organizações sindicais de Pernambuco. Tal medida levou Joaquim Pimenta a combater enfaticamente esse governo através da imprensa. Em consequência, não conseguiu eleger-se deputado federal em 1924, ante os obstáculos criados por Sérgio Loreto a sua vitória nas urnas. Considerando impossível tentar qualquer reorganização da classe operária pernambucana, Joaquim Pimenta decidiu aceitar o convite de João Luís Alves, ministro da Justiça de Artur Bernardes (1922-1926), para ocupar a assessoria técnica de sua pasta, transferindo-se para o Rio de Janeiro, ainda, em 1924. Em 1926, retornou a Pernambuco e envolveu-se novamente com a política local, participando da formação do Partido da Mocidade, basicamente composto de estudantes opositores. Também

passou a colaborar no Diário da Manhã, de propriedade de Carlos de Lima Cavalcanti, e reaproximou-se do proletariado. Em seguida, filiou-se ao Partido Democrático Nacional - PDN, fundado em 1927, por Joaquim Francisco de Assis Brasil, tendo elaborado, com Nereu de Oliveira Ramos, o regimento interno do partido. Em janeiro de 1928, ao lado de Raul Azedo, fundou o quinzenário "O Tacape", que discutia a política regional e nacional e que circulou durante dois anos. Em 31 de agosto de 1929, participou no Rio de Janeiro da reunião em que o PDN se incorporou à Aliança Liberal e aprovou, por 343 votos contra dois, a chapa aliancista para a presidência e a vice-presidência da República, formada por Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, e João Pessoa, presidente da Paraíba. Em convenção realizada nos primeiros dias de setembro, o PDN confirmou sua adesão à Aliança Liberal, que reunia, em âmbito federal, todos os partidos que apoiavam aquelas candidaturas. Também em setembro, Joaquim Pimenta seguiu para Minas Gerais, a fim de tomar parte da manifestação de solidariedade ao presidente do estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, pela passagem do terceiro ano de seu governo. Na ocasião, Antônio Carlos proferiu discurso sobre os propósitos da Aliança Liberal e frisou a importância de uma caravana que percorresse o país em campanha. Joaquim Pimenta integrou a comissão que recebeu em Recife a caravana liberal, tendo discursado em nome da imprensa paraibana. Ainda em 1929, Getúlio Vargas escreveu a João Pessoa oferecendo auxílio à Paraíba, caso fosse necessário à defesa e à segurança do estado, frente a uma possível intervenção federal. Pimenta, nessa ocasião, tentou convencer o presidente paraibano da relevância desse apoio. João Pessoa, entretanto, refutou seus argumentos, por não desejar recorrer à luta armada. No início do ano seguinte, com o objetivo de incrementar a campanha da Aliança Liberal, fundou com Raul Azedo o jornal "O Libertador". Tomou parte ativa na Revolução de 1930, tendo cooperado com as forças que, em 5 de outubro, depuseram Estácio Coimbra da presidência de Pernambuco. Com a ascensão de Carlos de Lima Cavalcanti à chefia do governo provisório do estado, foi encarregado da censura à imprensa, ao rádio e à correspondência. Em novembro do mesmo ano, quando foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Joaquim Pimenta seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de colaborar com Lindolfo Collor, primeiro titular dessa pasta. Ao lado de Agripino Nazaré, Afonso Bandeira de Melo, Evaristo de Moraes, Jorge Street e outros, organizaram a base legislativa do novo ministério, do qual se tornou procurador. Lindolfo Collor, durante sua gestão, adotou várias medidas importantes. Entre elas, destacam-se: a reformulação da lei sindical (Decreto nº 19.770, de 19 de março de 1931), que regularizava a sindicalização das classes patronais e operárias; a Lei dos 2/3 (Decreto nº 20.291, de 19 de agosto de 1931), que obrigava todas as empresas, sindicatos, companhias, firmas comerciais e industriais, a ocuparem seus quadros de empregados com pelo menos 2/3 de brasileiros natos; a aplicação dos fundos das caixas de aposentadorias e pensões, até então limitadas aos empregados de empresas ferroviárias, portuárias e marítimas, aos funcionários

de serviços públicos; a organização do Departamento Nacional do Trabalho; o projeto de criação das comissões permanentes e mistas de conciliação entre empregados e empregadores; os projetos de lei que regulavam as condições do emprego das mulheres e o horário de trabalho nas indústrias e no comércio, e os projetos relativos ao salário mínimo, às convenções coletivas de trabalho e ao emprego de menores nas indústrias. Em 1932, Joaquim Pimenta obteve transferência da Faculdade de Direito do Recife para a Faculdade Nacional de Direito, no Distrito Federal, tendo aí ocupado a cátedra de direito industrial e legislação do trabalho. Também assumiu a mesma cadeira na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em decorrência de decreto governamental que vetava as acumulações, abandonou em 1938, o cargo de procurador do Ministério do Trabalho, dedicando-se ao magistério. Pertenceu à Comissão do Imposto Sindical em 1943 e 1945 e foi membro da Ordem dos Advogados do Brasil. Colaborou em vários jornais cariocas, como o Correio da Manhã, o Jornal do Comércio, O Imparcial e O País, em todos os jornais de Recife e na Folha do Norte, do Pará. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 16 de março de 1963. Joaquim Pimenta publicou algumas obras, entre as quais: Ensaio de sociologia (1915), Sociologia e direito (1928), A questão social e o catolicismo (1930), Sociologia econômica e jurídica do trabalho, cultura de fichário (1940), Retalhos do passado: episódios que vivi e fatos que testemunhei (1949) e Enciclopédia de cultura (sociologia e ciências correlatas) (1955)¹⁹⁶.

XXIX.VII - Antero José de Lima

Nasceu em Arneiroz, em 31 de dezembro de 1845. Faleceu em Manaus no dia 11 de outubro de 1924. Foi sacerdote católico e político brasileiro. Foi presidente interino da província do Ceará, de 13 a 16 de novembro de 1889, quando se deu a proclamação da República. Monsenhor Antero nasceu no então povoado de Arneiroz, filho do alferes Gabriel José Pequeno Ibiapina e de Antônia Cândida de Lima Ibiapina. Aos seis anos de idade, entrou em escola de primeiras letras na cidade de Sobral, tendo por professor Vicente Ferreira de Arruda, depois, frequentou em Arneiroz, a escola particular de Reinaldo Montalvan, e a pública de Francisco Calassa, ultimando o curso de primeiras letras na cidade de Icó, sob as vistas do professor Antônio Joaquim dos Santos. Fez o curso secundário na mesma cidade de Icó, depois em Tauá, e Colégio de Cajazeiras, e por último no Liceu de Fortaleza, onde fez os respectivos exames com aprovações plenas. Em outubro de 1864, entrou para o Seminário, frequentando logo o curso teológico, e ordenou-se em 6 de dezembro de 1868. Todas as ordens, desde a tonsura ao presbiterado, foram-lhe conferidas por D. Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará. Seguiu logo investido do cargo de coadjutor da freguesia de Arneiroz, e aí celebrou sua primeira missa, em noite de Natal do mesmo ano, por conseguinte três missas novas, e sem assistência de qualquer outro sacerdote,

¹⁹⁶Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pimenta-joaquim>.

uma vez que o respectivo vigário se achava ausente, enfermo, em Icó, e não haver outro sacerdote, cumprindo em tudo isso ordens do seu prelado. Em dezembro de 1869, alcançou provisão de vigário da freguesia de Cococi, de cujo cargo não entrou em exercício, sendo substituída essa nomeação, pela de coadjutor de Fortaleza, em cujo exercício entrou em fevereiro de 1870, e que deixou em outubro do mesmo ano, por ter sido nomeado vigário de Imperatriz (hoje Itapipoca), cargo em que se conservou até 1901. Percebendo a grande dificuldade de curar a freguesia de Itapipoca, devido sua extensão territorial considerável e grande número populacional, por iniciativa sua, foram criadas duas freguesias, as de São Bento da Amontada, e a do povoado de Arraial com a denominação de São João da Imperatriz, cujas matrizes eram capelas filiais. Estas freguesias viriam a ser as bases dos futuros municípios de Amontada e Uruburetama, respectivamente. Também partiu de sua iniciativa, a conclusão das obras da Capela de São Sebastião, que servia de matriz quando lá chegou, a instauração do cemitério da respectiva capela e a construção da nova matriz, considerada, na época, uma das maiores igrejas do estado. No período de 1877 e 1879, foi parte ativa na realização de várias obras de sua freguesia, como a Casa da Câmara, duas casas para escolas, um açude nas proximidades da vila. Tais ações lhe valeram a nomeação para Examinador Sinodal, por ocasião do sínodo diocesano, e o título de Monsenhor concedido pela Santa Sé, por indicação de D. Joaquim José Vieira, em 17 de outubro de 1896. O governo civil, por sua vez, fê-lo inspetor literário em toda a comarca e, depois inspetor escolar e terceiro vice-presidente da província. Foi nessa qualidade, que assumiu interinamente a presidência desta, durante a deposição do regime monárquico. Padre Antero veio a ser o maior expoente político de Itapipoca, elegendo-se deputado à Assembleia Provincial duas vezes, em 1880 e 1884, sendo que neste último mandato, veio a ser presidente daquela casa legislativa. No regime republicano, foi eleito para o primeiro Congresso constituinte, cabendo-lhe, então, duas distinções: a de ser o senador estadual mais votado por ocasião de eleição, e ser o presidente da corporação. Depois de 31 anos como pároco em Itapipoca, Monsenhor Antero abandonou o estado transferindo a residência para o Amazonas, onde seus serviços foram aproveitados pelo bispo D. José Lourenço da Costa Aguiar, como pároco da freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, em Manaus, função que exerceu até o fim de sua vida, aos 78 anos¹⁹⁷.

XXIX.VIII - José do Vale Feitosa.

Foi professor de geografia na Escola Normal do Rio de Janeiro e no Colégio Alfredo Gomes.

¹⁹⁷Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antero_Jos%C3%A9_de_Lima.

XXIX.IX - Joviniano Barreto

Foi Monsenhor e exerceu vários cargos e missões na Igreja Católica cearense.

XXIX.X - Odilon Silveira Aguiar

Foi prefeito e exator Estadual em Tauá e em outros municípios por vários anos.

XXIX.XI - José Waldemar Rêgo

No episódio de nº 50 relatado pela professora e historiadora Salete Vale¹⁹⁸, é lembrada uma crônica de autoria do Dr. Quintilio de Alencar Teixeira, intitulada "José Rêgo - a árvore que deu frutos", onde com uma muita clareza, demonstrou-se quem foi o notável tauaense de coração. Vejam:

"José Rêgo foi a muitos anos transplantados da modesta Oeiras no Piauí para o bonançoso Sertão de Tauá no Ceará. Veio com o irmão Sebastião



formando uma dupla, cuja diversidade de temperamentos completava-se na unidade de ação. Sebastião era ponderado, metucioso e astuto. José Rêgo a centelha que levava calor humano ao relacionamento comercial. Completavam-se na unidade de ação dentro dos limites da mais confiante fraternidade. Homens de bem de boa progênie, tiveram em Tauá a melhor acolhida integrando-se de pronto no ambiente

dos negócios. Sebastião abriu lojas de tecidos no melhor centro da cidade e José Rêgo instalou armazém nas imediações dedicando-se à compra para exportação de sementes oleaginosas mamona e Oiticica e de peles de caprinos e silvestres. Ninguém melhor que aquele morenã piauiense identificava a bexiga no couro de bode, nem medir com mais precisão a pele do tejo que o caboclo queria vender. Assim, Sebastião e José Rêgo, dentro do mais saudável equilíbrio, iam prosperando a olhos vistos e ganhando o melhor conceito no comércio local. Quando cheguei a Tauá nos idos de 1940, para ali clinicar, encontrei-os já prósperos e na incansável sina de amalhar fortuna. Sebastião era fechado em si mesmo de pouca expansividade. Ruminava seus problemas comerciais numa monótona rotina, que o levava a abrir o estabelecimento pela manhã muito cedo e fechá-lo ao descambar do sol. Interrompendo a atividade apenas para refeição do meio-dia. Já Zé Rêgo, alegre e

¹⁹⁸ Ibidem, episódio 50.

expansivo, tinha comportamento bem diferente. Conhecia nominalmente todos os matutos da redondeza abraçava-os cordialmente e sempre que possível, contava-lhes uma anedota pitoresca ou levava-os a tomar um gole. Extremamente bem relacionado na cidade, participava de todas as reuniões sociais e era um alegre comparsa para qualquer folguedo mais desinibido. Cedo constituiu sólida família em Tauá, unindo-se a Elizabeth Gonçalves, filha da extraordinária Dona Clarinda, viúva de Júlio Gonçalves, que deu admirável exemplo de como criar bem os filhos em honrada pobreza. Elizabeth puxou a mãe e foi o esteio seguro em que se arrimou o Zé Rêgo para forjar o futuro da família. Tiveram três filhos, Júlio, José e Margarida, que foram criados dentro dos mais severos costumes da época. José Rêgo aferrado ao trabalho foi pai dedicado, mas coube a Elizabeth a pesada tarefa de educá-los na rígida disciplina em que foi criada. Apesar de afeita à estrita economia da pobreza dos seus, Elizabeth dava aos filhos conforto de ricos exigindo-lhes, porém, completa dedicação aos estudos. O tempo correu e Júlio integrou-se na política, elegendo-se sucessivamente deputado estadual. José engenheiro de projeção da Refesa. E Margarida farmacêutica, com modernismo e bem equipada farmácia em Tauá. O completo coroamento do êxito de uma família sertaneja que forjou o destino em um trabalho honrado dentro das normas tradicionais da comunidade sertaneja. Na pungente mágoa de reversível perda, todo o Tauá hoje planteia o desaparecimento de Zé Rêgo. Velha e nobre árvore que dependeu as raízes terrenas depois de dar tão bons frutos. Ainda no meu caso no material, mando-lhe daqui o caloroso abraço espiritual de alma irmã. Adeus, Zé! Guarda meu cantinho aí, tá? "Texto publicado no Jornal Folha dos Inhamuns em outubro de 1987."

Aliás, a essa narrativa acrescenta-se que, ainda quando adolescente, vivendo as coisas e os movimentos de então na nossa Tauá, na sorveteria do meu inesquecível pai Elcias Bezerra, primeira no gênero da nossa cidade, movida a energia de motor puxado a diesel, em face de inexistência de luz elétrica pública, televisão, etc., onde ali labutava como ajudante (espécie de garçom mirim), como era então, o papel dos filhos ajudarem aos pais na labuta diária, por diversas vezes, ao final das tardes na nossa cidade querida, ao sair dos afazeres da Coletoria Federal onde era o representante maior. Da sua loja de compra de peles diversas, tive o prazer de servir ao "Seu José Rêgo", a beira do balcão, como era do seu costume, "uma dose ou até duas, de whisky". Eita lembrança boa!

Do Seu José Rêgo, também lembro a tradição por ele mantida "da compra do couro" e do tratamento a eles dado de forma artesanal. Lembro-me do Seu Zé Rêgo como era à época conhecido, no seu comércio localizado ao Lado da Coletoria Federal, comprando peles de animais ainda fresca, para em seguida mandá-las tratar à base de água e veneno que não sei o nome, espichá-las¹⁹⁹, levando-as ao sol por um tempo, após secas, embalando-as em pilhas (fardos), por categoria. Esse processo artesanal, que acredito ain-

¹⁹⁹ Processo artesanal utilizado na curtição do couro. O processo consiste em colocar o couro cru de molho em água. Horas após ou no dia seguinte, o couro é estirado em um quadro de madeira ou mesmo por varas, como ocorria à época.

da perdurar na nossa terra, era realizado por um vizinho nosso, de nome, não lembro o sobrenome, "Seu Vicente". Quantas e quantas vezes, nós tauaenses não vimos e presenciamos a beira do rio Trici, defronte a Barraca da senhora "Antônia Pifana", tradicional ponto de venda de guloseimas diversas, tal processo acontecer.

XXIX.XII – D. Clarinda.

A professora Salete Vale, mais uma vez buscando a história de nossa Tauá, narra no episódio de nº 51, um pouco da trajetória de outra figura de destaque na nossa sociedade, lembrada na caneta do inesquecível médico Dr. Quintino de Alencar Teixeira, publicado no Jornal Folha dos Inhamuns datado de outubro de 1984. Disse o citado médico, amigo de Tauá:

“O corpo era franzino, mas o espírito Indomável. Quem não conheceu em Tauá aquela mulherzinha de físico mirrado, rosto anguloso, nariz fino, olhos grandes e claros com tanta energia na voz? Assim era Dona Clarinda. Melhor ainda que zombasse da adversidade. Viúva em plena maturidade, sem bens, sem pecúnia, enfrentou a vida com decisão e coragem dando admirável exemplo àquela comunidade diferente. Da casinha de residência fez o melhor restaurante da cidade, onde carinhosamente saciava dos mais importantes hóspedes do lugar, que junto a ela sentiam o reconfortante aconchego do ambiente doméstico. O calor do fogão da manhã à noite era sua perene fonte de ânimo. Ninguém melhor que a dona Clarinda fazia aquela linguiça que no braseiro impregnava Tauá de tão gostoso seu cheiro. Nem socava ao Pilão a paçoca de carne seca de sabor mais decantado naquelas paragens, ou temperava com queijo e nata o melhor baião-de-dois dos Inhamuns. Enfrentando insana luta criou e deu seguro rumo a cinco filhos, em verdade, cinco joias humanas que dela não herdaram bens materiais, mas as qualidades de caráter e a tenacidade. Parece que a estou ouvindo: “Eliezer, cabra sem vergonha. Vai fazer alguma coisa! Já gastastes aquele dinheirinho que eu te dei?” Era ele um bom rapaz de excelentes qualidades morais, mas expansivo e desabusado, com disposição para fazer força. Afora Elisa já independente e ele rapazola exemplar, as Mocinhas Elizabete e Eliete eram as grandes prendadas em verdade. Os brincos de ouro dos adereços de Dona Clarinda, pertencendo ao que havia de mais puro na sociedade tauaense. Tinham formação exemplar. Ambas casaram bem com bons rapazes da terra. Elizabete, a Betinha que conheci, herdeira principal das grandes qualidades de Dona Clarin-

da, casou com o melhor moreno do bigodudo que exportou o Piauí. Meu Precioso amigo Zé Rêgo. Alegre, mas pai de família responsável e trabalhador. Os filhos do casal, todos os doutores, ocupam hoje posições de relevo no cenário sócio-político do Estado, mas todos são frutos sazonados daquela robusta árvore que deitou profundas raízes na terra agreste. A inesquecível Dona Clarinda". Dona Clarinda, em verdade, era a mãe de D. Elizabete esposa de José Rêgo.

XXIX.XIII - General Clóvis Alexandrino Nogueira

Nasceu no dia 5 de agosto de 1914. Filho de Jaime Martins Nogueira e Josefa Alexandrino Nogueira. Irmão de Vicente Alexandrino Nogueira, Jayme Alexandrino Nogueira, José Alexandrino Nogueira, Sátiro Alexandrino Nogueira, Maria Alexandrino Nogueira e dois outros. Foi Secretário de Polícia no governo Virgílio Távora e presidente da Teleceará. O edifício onde se encontrava instalada a Teleceará, recebeu o seu nome a título de homenagem.

XXIX.XIV - Francisca Clotilde Barbosa de Lima



Foi escritora, educadora e jornalista. Autora de *A Divorciada* (1902). Participou da campanha abolicionista e foi defensora da emancipação feminina. Publicou contos, poemas e artigos, também, por meio do pseudônimo, Jane Davy. Nasceu na Fazenda São Lourenço em Tauá, em 19 de outubro de 1862. Era filha de João Correia Lima e de Ana Maria Castello Branco. Mudou-se para Baturité. Ao concluir o curso primário, dirigiu-se a Fortaleza onde foi aluna do Colégio da Imaculada Conceição. Depois cursou a Escola Normal, onde fez vários testes com o intuito de lecionar. Foi a primeira professora a lecionar na Escola Normal do Estado do Ceará, em 1882. Colaborou em vários jornais do Ceará, como *A Quinzena*, *O Domingo* e *A Evolução*. Sua produção literária enfatiza a emancipação feminina, a política e a liberdade. Esteve envolvida na campanha abolicionista. E, em 1902, publicou o romance *A Divorciada*, tratando de um tema eminentemente polêmico para a época. Foi colaboradora da revista *Estrela*, fundada em Baturité por sua filha Antonieta Clotilde. Em 9 de março de 1908, fundou o *Esternato Santa Clotilde*, junto às filhas Antonieta e Ângela Clotilde. Faleceu no dia 8 de dezembro de 1935²⁰⁰.

²⁰⁰ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_Clotilde.

XXIX.XV - Cândido Meireles

Poeta e prosador tauaense, patrono da Cadeira de nº 40 da Academia Tauaense de Letras. Nasceu em Tauá, aos 16 de dezembro de 1895, filho do Promotor de Justiça Dr. Gervásio Meireles e de Dona Aurelina Cândido Meireles. Aos 16 anos ingressou no Seminário, de onde foi afastado, dois anos depois por motivo de doença. Concluiu Odontologia na Faculdade de Odontologia e Farmácia do Ceará em Fortaleza, na turma de 1918. Fez parte do Recreio Literário Soriano Albuquerque (1919), em cujo órgão oficial – A Conquista escrevia constantemente. Exerceu por algum tempo, o cargo de Inspetor-chefe do Serviço Odontológico Escolar. Colaborou em quase todos os jornais e revistas de Fortaleza da época, com trabalhos em prosa e verso. Sócio efetivo da Associação Cearense de Imprensa. Poeta consagrado foi Membro da Academia Cearense de Letras.

XXIX.XVI - Júlio Gonçalves Rêgo (vide fls. 306 - 339).

XXIX.XVII - Antônio Gomes da Silva Câmara (vide fl. 307).

XXIX.XVIII - Domingos Aguiar Filho (vide fl. 339).

XXIX.XIX - Médico Pedro Wilson Leitão Lima



Médico tauaense, filho de Luiz Alves Lima e Maria Vicência Leitão Lima. Casado com Onélia Mota Leitão Lima, médica em Fortaleza, tendo como filhos, Marília Mota Leitão Lima, mestrado em Saúde Pública (USP) e Pedro Wilson Leitão Lima Filho, doutorando em medicina. Dr. Pedro Wilson, notável tauaense, é Cirurgião Geral, Ginecologista e Mastologista. Desde 1967, está vinculado ao chamado "Hospital dos Pobres, segundo narra o jornalista e conterrâneo, Antônio Viana, na sua coluna mantida junto ao Jornal o Estado do Ceará, de 06 de maio de 2015, Pedro Wilson ainda

cursava o terceiro ano de medicina, quando se decidiu sobre sua especialização. Diz que o sonho de se transformar em médico gineco-laque e mastologia realizou-se de forma plena e que a Santa Casa foi sua sala de aulas práticas, para aprender a crescer. Pedro Wilson informou a Antônio Viana, que a primeira atividade foi servir na Clínica Cirúrgica de Mulheres, ou Enfermaria 2, chefiada pelo grande cirurgião Eumenes Cysne. Essa clínica contava, ainda, com outros profissionais notáveis, Drs. Argos Vasconcelos, Joserisse Hortêncio, Pedro Almino, Galba Coelho, dentre outros". Pedro Wilson revelou que no início era internato e que o internato envolvia inclusive plantões noturnos. Grandes nomes como João Petrola de Melo Jorge, Paulo Ernesto, Gilberto Garcia, Francisco de Paula Fortaleza (que depois foi para Campos Sales, aon-

de, inclusive, chegou a ser prefeito), Ernane Machado e outros, faziam parte daquele corpo clínico. Pedro Wilson, logo depois que concluiu o Curso de Medicina, na Universidade Federal do Ceará, tomou a rota do Rio de Janeiro, para cumprir o programa de especialização. Nessa época, fez amizade com o professor e famoso Dr. Hiran Lucas, então Diretor do Instituto Nacional do Câncer - Inca, que muito o ajudou. Após temporada no Rio, Dr. Pedro Wilson regressou a Fortaleza, passando a integrar o corpo clínico e, definitivamente, integrar o que se chamava na época Clínica Cirúrgica das Mulheres, que, tempos depois passou a se chamar Clínica Ginecológica. O jovem médico procurou ampliar seu raio de ação, relacionando a ginecologia com outras clínicas. Foi nesse período que teve a felicidade de iniciar, informou a Antônio Viana, uma sólida amizade com o grande Dr. José de Aguiar Ramos, o qual, pela amizade consagrada, muito contribuiu para o seu aprendizado através das conversas semanais, troca de experiências e muitos cursos e palestras juntos. Professor renomado em medicina, Pedro Wilson destaca a excelência da Residência em Ginecologia na Santa Casa, afirmando que lá se desenvolve a excelência em todas as especialidades, em todos os aspectos, sem esquecer os internos e residentes. Na Clínica Ginecológica da Santa Casa, orgulha-se, são realizados trabalhos primorosos. (Elevado número de exames de prevenção de câncer ginecológico ali são feitos). Faz-se urodinâmica e, também, histeroscopias, videolaparoscopias e cirurgias minimamente invasivas, notadamente, as do assoalho pélvico. Para o funcionamento da Clínica Ginecológica da Santa Casa de Misericórdia – afirma Dr. Pedro Wilson Leitão Lima, ao jornalista Antônio Viana. Conta com o inestimável apoio e ajuda do provedor Dr. Luiz Marques, tauaense ilustre e de pessoas como os empresários Beto Studart e Chiquinho Feitosa, outro tauaense de renome, os quais compreendem a importância da participação da sociedade para que aquele Centro Especializado da Santa Casa possa prestar um bom serviço às pessoas mais pobres. Dr. Pedro Wilson é detentor de inúmeros títulos, adquiridos ao longo de sua vitoriosa vida profissional, dentre os quais: professor universitário em Pós-Graduação; *European Institute of Oncology – Milan – Itália; Allegheny General Hospital Pittsburgh – Pennsylvania – USA. Division of Gynecology; Institute Du Câncer – Gustave Roussy – Paris – França;* Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas – Rio de Janeiro; Membro Emérito da Sociedade Brasileira de Cancerologia; Professor Agraciado com Título de Honra ao Mérito pela Associação dos Professores de Ensino Superior do Estado do Ceará - APESC; Médico Titular em Mastologia e Ginecologia do Hospital Monte Klinikum em Fortaleza; Chefe da Clínica Ginecológica da Irmandade Beneficente da Santa Casa da Misericórdia de Fortaleza; Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia; Membro do Colégio Internacional de Cirurgiões; Membro do Colégio Americano de Cirurgiões; Membro Titular da Sociedade Brasileira de Mastologia; Membro Titular da Sociedade de Cancerologia; Especialista em Mastologia pela Sociedade Brasileira de Mastologia; Especialista em Cancerologia pela Sociedade Brasileira de Cancerologia; Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia Regional-Ceará; Ex-Vice-Presidente

da Sociedade Brasileira de Mastologia (tendo assumido a Presidência); Ex-Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia (tendo assumido a presidência); Ex-Presidente da Associação Cearense de Combate ao Câncer; Ex-Presidente do Núcleo Central de Controle e Prevenção do Câncer do Ministério da Saúde (Ceará); Ex-Chefe do Serviço de Mastologia Professor Hiram Silveira Lucas do Hospital Geral Dr. César Cals; Ex-Diretor Geral do Instituto de Prevenção do Câncer do Ceará (10 anos); Possui vários cursos em congressos nacionais e internacionais (Brasil, Venezuela, Argentina, USA, Rússia, Hungria, Itália e França). Foi o Presidente do Congresso Brasileiro de Cancerologia, realizado em 2014 em Fortaleza.

XXIX.XX - Dr. Manoel Perboyre Castelo



Dr. Manoel Perboyre Castelo

Odontólogo. Professor da faculdade de odontologia do Ceará. Inovador foi pioneiro no Ceará na exploração da radiologia odontológica, com a inauguração no ano de 1979, do Centro de Radiologia Odontológica do Estado do Ceará, posteriormente, denominada Clínica Radiológica Professor Perboyre Castelo. Hoje, domina o ramo da radiologia odontológica no Ceará, tanto na capital quanto no interior. É mestre e professor de cursos de pós-graduação da UFC e da Academia Cearense de Odontologia e Hospital do Exército. É casado com a dentista Dra. Tereza Maria, com quem tem três filhos. Dr. Perboyre é filho de Tauá, nascido de uma das mais famosas famílias tauaenses, a família Castelo.

XXIX.XXI - Antônio Gomes de Freitas

Familiarmente chamado de Lisboa. Tauaense, filho de Domingos Gomes de Freitas e Maria Francisca Gomes de Freitas. Casou-se em 1921, com Maria de Lourdes Lima Gomes e teve 11 filhos. Político afamado dos Inhamuns, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, ocupando a prefeitura municipal durante 7 meses. Em 1950, foi eleito pela União Democrática Nacional para a Assembleia Legislativa, ocupando a vice-presidência e, posteriormente, assumiu a presidência; reeleito em 1954, 1958 e 1962, concluindo sua trajetória legislativa no Partido Trabalhista Brasileiro; exerceu inúmeros cargos de relevância, entre eles: o Conselho de Contas do Município, Instituto Histórico, Associação Comercial do Ceará, Juiz de Paz em Quiterianópolis.

XXIX.XXII - Professora Maria Salete Vale Farias



Tauaense. Secretaria da Fundação Bernardo Feitosa. Curadora do Museu Regional dos Inhamuns. Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Especialista em Patrimônio pelo IPHAN. Mestranda em Gestão de Negócios Turísticos. Nasceu em Tauá, no dia 28 de outubro de 1953.

XXIX.XXIII - Professora Adelaide Gonçalves



É historiadora, militante, professora e pesquisadora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará - UFC, além de, também, ensinar na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST. Suas pesquisas e interesses acadêmicos caminham por várias trilhas, como história e teoria das ideias, movimento operário, movimento camponês, anarquismo, feminismo, imprensa operária... Mas é nos livros e na leitura que uma das maiores paixões de Adelaide habita. Paixão essa, de vermelho tão intenso que não coube mais nas veias individuais e resolveu se espriar para o coletivo, levando Adelaide a fundar o Plebeu Gabinete

de Leitura. Tauaense genuína é filha de Seu Cesídio e de Dona Vilanir. Nasceu em 1958. Possui Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Pós-Doutorado no Instituto de História e Teoria das Ideias, da Universidade de Coimbra. Professora do Mestrado Profissional em Ensino de História (Professora de História) da UFC. Adelaide, pela sua competência e desenvoltura, destacou-se nacionalmente na profissão que abraçou com dedicação e esmero.

XXIX.XXIV - Luiz Gonzaga Lima, conhecido por Luiz Borges



De tradicional família de Tauá, os Lima, ficou conhecido como "LUIZ BORGES", por sua atuação nos anos 60 e 70 (ou até um pouquinho antes), ao lado do comerciante-farmacêutico Manoel Trajano Borges. Maçon convicto e ativo foi um dos fundadores da Loja São João do Príncipe, fundada em 1955, sendo o seu Terceiro Venerável. Seus filhos são Luiza Helena, Ângela Maria, Marta Eugênia, Maria de Céu e Pedro Luís. Nasceu no dia 13 de Agosto de 1927. Começou a trabalhar muito cedo com o casal Dr. Manoel Trajano Borges

e Antônia de Araújo Borges, que vieram se estabelecer em Tauá com a Farmácia Araújo. Luiz Borges foi um guerreiro em prol de Tauá e da alegria de nossa terra, pela sua espontaneidade e amor a ela devotado. Foi Rei Momo nos tradicionais carnavais do Trici Clube. Como referido, com os saudosos João Firmino de Araújo, José Nogueira (Zeca), Moacir Marques, Jorge Dias, Flávio Alexandrino, Jorge Massilon, João e Antônio Paes Ribeiro fundou a loja maçônica de Tauá, em 1955 - sendo o seu terceiro Venerável Mestre. Flamenguista ferrenho adorava futebol e com o amigo Dr. Lemos Dias participou da fundação da Liga Desportiva Tauaense de grandes e memoráveis vitórias. Luiz Borges foi um homem de largo sorriso, muito apegado à cultura e tradições da nossa terra. Cultivou o hábito de guardar e preservar fotos de tauaenses ilustres e fotos da cidade. De uma família numerosa, são seus irmãos: Luís Lima, Chagas Lima "Chaguinhas", Joaquim Lima, Nazinha, Naninha, Raimunda, Carmelina, Aderlô, Sara, Alcina e Adecy.

XXIX.XXIV.I - A Farmácia Araújo



A Farmácia Araújo acima citada vale destacar, localizava-se na Rua Fausto Barreto, hoje Silvestre Gonçalves. Esse estabelecimento comercial impunha-se aos olhos dos tauaenses pela imponência do prédio e pelas suas portas e janelas altas e robustas. Segundo familiares, o prédio fora desenhado pelo mesmo arquiteto que desenhou a casa do Senhor Borges, monumento arquitetônico conhecido e admirado por toda nossa cidade. Destaco, ademais,

que referida Farmácia foi, à época, dirigida pela Senhora farmacêutica, Antônia de Araújo Borges (Dona Nenen Borges), reverenciada na nossa terra e por todos como tendo sido a primeira mulher a se formar na faculdade de Pharmacia e Odontologia em 1917.

XXIX.XXV - Licínio Serra

A professora e historiadora Salete Vale, fez-me lembrar de outra pessoa de renome conhecida pela sociedade tauaense que, pela força da sua animação e integração social, deixou a sua marca na nossa cidade. Lembro-me do "Seu Licínio", como funcionário dos Correios e Telégrafos de Tauá. Lembro-me do Seu Licínio dedilhando através do "Código Morse", mensagens para além da nossa Tauá. Lembro-me do Seu Licínio representando os

Correios de Tauá naquele prédio centenário situado nas imediações da Praça Dr. Alberto Feitosa Lima e que foi, pela ausência de visão futurista de administradores públicos, inconsequentemente destruídos.



Prédio do antigo Correios e Telégrafos de Tauá

Lembro-me do Seu Licínio alegre, devotando amor absoluto a sua família, por sinal toda vencedora. E pela alegria que o caracterizava, ponho-me a replicar, nesta oportunidade, texto expressado por Salete Vale, citando para tanto, uma crônica publicada no Jornal Folha dos Inhamuns sobre o tauaense, Licínio Serra, de autoria de Quintílio de Alencar Teixeira médico que trabalhou em Tauá em meados do século XX. O título da crônica é "Adeus Seresteiro". Vejam:

"O desaparecimento de Licínio Serra tocou-me profundamente destruindo mais um dos elos afetivos que me ligam ao "nunca esquecido Tauá". Sua vida acomodada ao padrão da classe média rural vinha fluindo remansosa em meio à prolífica família que construíra. Não tinha maiores ambições na modéstia de um lar tranquilo e feliz. Carregava em si, os nítidos traços dos genitores que representavam naquele pacato meio sertanejo, o núcleo de equilíbrio dos tradicionais clãs dos Inhamuns. De Nelson Serra herdara a mansidão a bonomia. De Tereza Aragão, da alegre Tetê dos meus velhos tempos, ficaram-lhe o incomparável espírito romântico. Não posso lembrar Licínio sem lembrar o violão que dedilhava com desembaraço, nem as alegres serenatas que acordávamos as namoradas em noites enluzadas. Ao apagar da luz elétrica, ali pelas 10 horas da noite, começávamos a deambular pelas ruas silenciosas da cidade, de-

tendo-nos em pontos escolhidos para uma nova nostálgica canção. Licínio era a alma do bloco por ter voz agradável, saber arrancar do pinho os adequados acordes e manter um repertório das melhores modilhas da época. O grupo contava em invariavelmente com Edmilson, com Eliezer, e com Ariel Souto. Às vezes, acrescido de José Aragão e do Chico Clarinete, que com suas valsas langorosas despertavam o leve som das moçoilas casadouras. E depois de uma vasta rodada, já pela meia-noite, demandava-nos à casa do Pai-xão lá nos altos da cadeia, onde a Mocinha tinha uma linguíça de lamber os beijos e íamos devorá-la com a cerveja geladinha que o Piranha, nosso acompanhante habitual, ia buscar ao bar. Licínio, desaparecido do nosso amável convívio, traz-nos essas doces recordações de tempo que vão desaparecendo voragem do esquecimento. Meu velho Tauá, onde galguei os primeiros degraus da vida profissional arranhando os pés nos pedrouços da inexperiência, guarda memórias daquele teu filho amado que bem merece um lugar de destaque no fundo do nosso coração. Não tenho dúvidas de que viverás eternamente, Licínio. “Adeus Seresteiro”.²⁰¹.

XXIX.XXVI - Denis Anderson da Rocha Bezerra (vide fl. 315)

XXIX.XXVII - Domingos Neto (vide fl. 313)

XXIX.XXVIII – Francisco Quintino Vieira Neto



Nascido em Tauá-CE, é engenheiro civil graduado pela Universidade de Fortaleza (Unifor) em 1983, e tem larga carreira no serviço público estadual na área de Infraestrutura. Teve também passagem como titular em três secretarias do município de Sobral e foi consultor para a área de construção e fiscalização da Procuradoria Regional do Trabalho (7ª Região-CE), além de diretor de Desenvolvimento Tecnológico e Produção do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs).

No início de 2007, dirigiu o Departamento Estadual de Trânsito (Detran). Em outubro do mesmo ano, assumiu como superintendente do então Departamento de Edificações e Rodovias do Ceará (DER). Posteriormente, se tornou o primeiro superintendente do Departamento de Arquitetura e Engenharia do Estado (DAE). Na liderança desse departamento, participou di-

²⁰¹ Artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns, em junho de 1986.

retamente de obras consideradas emblemáticas para o Ceará, como Centro de Eventos, Arena Castelão e Hospital Geral de Fortaleza, além de Escolas Profissionalizantes; Hospitais Regionais da Zona Norte (Sobral) e do Cariri (Juazeiro do Norte).

Em 2015, foi nomeado secretário-adjunto da pasta estadual das Cidades e, a partir de 2017, secretário-adjunto da Casa Civil.

Em junho de 2019, assumiu a Superintendência de Obras Públicas, autarquia estadual resultante da fusão do Departamento Estadual de Rodovias e do Departamento de Arquitetura e Engenharia.

XXIX.XXIX – Luis Orestes Petrone, o mito e o homem



Luis Orestes Petrone, farmacêutico destacado ao seu tempo, considerado o mito por todos os tauaenses pelas suas proezas e idealizações fantásticas, é uma das mais queridas personalidades que engrandece a história de nossa terra e a que todos nos orgulha. O homem, o mito Luis Orestes, além de farmacêutico reconhecido à época, foi ambulante e exímio artesão e porque não afirmar, grande descobridor/inventor de proezas célebres que serviram de qualquer sorte e vem servindo no tempo, aprimoradas que foram ao nosso desenvolvimento e da própria nação sertaneja.

Revela a professora Salete Vale, na sua pesquisa (Capítulo 75) multicitada quem em verdade foi o festejado conterrâneo.

Revela a professora Salete Vale, na sua pesquisa (Capítulo 75) multicitada quem em verdade foi o festejado conterrâneo.

“Não foi somente com os atributos da profissão de farmacêutico que ele se destacou. Já se sabe que ele no início dessa história, além de ambulante, era um exímio artesão. Em Tauá e em Independência, ele estava sempre aplicando suas habilidades com invulgar criatividade. Inventou um sistema de fole com couro a um fogareiro de ferro em forma de cilindro, com uma tampa com trava. O conjunto denominado máquina de folhear formiga de roça; alcançou sucesso absoluto. Bentinho - João Bento, serviçal fiel e dedicado a família, encarregou-se de confeccionar as peças de madeira e couro desenhadas pelo inventor. Comprovadamente eficiente no combate à saúva. Esse sistema deu origem à pintura de um quadro que se encontra no Museu Regional dos Inhamuns pintado por João Jorge Marques Melo, idealizado por José Horácio Marques, tauaense, fi-

lho de Horácio Marques e Maria Rosa Marques, que fez a doação da obra para o referido museu. Observa-se nessa obra de arte, a figura de um homem utilizando a máquina de folhear formiga de roça, inventada na década de 1930, em Tauá, numa homenagem ao seu criador, Luis Orestes Patrone, obra confeccionada em outubro de 1997". E diz a autora: "Eu fiz essa referência porque quando estava lendo o artigo me veio à memória o quadro que tem no museu e fui lá e verifiquei a veracidade da máquina de folhear formiga feita por Luiz Orestes". Para complementar, continua "inventou a forma de formicida. Uma mistura de arsênio, enxofre, e outro produto corretivo dos efeitos nocivos ao homem. Esse produto, que foi registrado na Secretaria de Agricultura como "Formicida Patrone", teve a sua autorização para que meu pai a explorasse. A industrialização deste produto seguiu por alguns anos, quando surgiram similares mais sofisticados, apoiados por modernos processos de publicidade, impossibilitando, assim, a sua continuidade". Continua a autora: "Na ausência de médico, era ele chamado a qualquer hora do dia, ou da noite. Foi numa dessas noites que um pai aflito batera a sua porta pedindo ajuda. A parteira já havia esgotado os seus recursos e não conseguira fazer a criança nascer. No local, depois de um exame acurado da situação, sem outra explicação, pediu apenas que aguardasse a sua volta. Dali mesmo foi à casa do ferreiro e sem perda de tempo desenhou um objeto em forma tesoura, com duas pontas em forma de duas colheres grandes; confeccionado tal objeto, depois de polido e colocado em um recipiente com vaselina, voltou ao local do parto e utilizando-se de tal ferro, conseguiu extrair a criança sã e salva. Esse ferro ficou por muito tempo na farmácia. Era o primeiro fórceps que conheci na minha vida. Muitas outras histórias contam, e uma delas eu costumava ouvir repetidas vezes". Ademais, narra a autora: "Contam que, quando Mascate vendeu pelo sertão muitos crucifixos de cerâmica em cruz de madeira. Anos depois, já exercendo a atividade de farmacêutico, fora chamado para atender uma parturiente em precárias condições, já moribunda e desenganada. Ali no catre, fixando-se na imagem com sorriso meio sarcástico, balbuciou as seguintes palavras: tô te reconhecendo; devido a ela, era um antigo crucifixo já esmaecido pelo tempo de sua fabricação, revelando ali todo o seu caráter materialista e ateu"²⁰².

²⁰² Esse artigo foi publicado no jornal Folha dos Inhamuns em julho de 1997.

XXX - Esportistas tauaenses – destaques

A nossa Tauá, também é celeiro de grandes esportistas no cenário nacional e internacional. Uma pequena amostra deste cenário vitorioso para o mundo destaca-se.

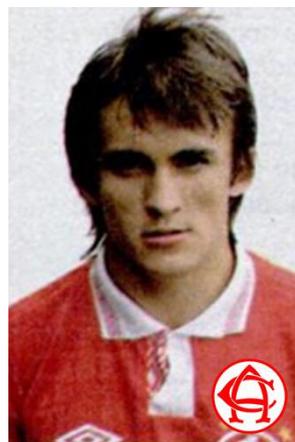
XXX.I - Raul Lô Gonçalves



Natural de Tauá. Nasceu em 11/07/1996. Volante. Joga, atualmente, no Clube de Regatas Vasco da Gama (RJ). Foi atleta do Ceará (2015-2018). Disputou em 2018, o campeonato cearense.

XXX.II - Lindomar Ferreira de Loyola

Mais conhecido como Mazinho Loyola, é ex-jogador profissional que atuava como atacante, surgiu para o futebol nas categorias de base do Ferroviário, passou por diversos clubes brasileiros: Ferroviário (CE), São Paulo (SP), Santa Cruz (PE), Ceará (CE), Rio Branco (SP), Internacional (RS), Araçatuba (SP), Corinthians (SP), Paraná (PR), ABC (RN), Gama (DF), União Barbarense (SP), Avaí (SC) e Fortaleza (CE). Encerrou sua carreira no Ferroviário em 2004. Foi campeão cearense em 1988, pelo Ferroviário. Em 1989, pelo São Paulo. Foi bicampeão cearense em 2001 e 2003, pelo Fortaleza e em 1997, campeão pelo Paraná Club.



XXX.III - Francisco Cláudio de Oliveira Pereira



Mais conhecido como Cláudio Tauá, ex-jogador profissional, atacante, atuou em várias equipes do Brasil e do exterior: Vitória (BA), Botafogo (RJ), Fortuna Sittard e PSV (Holanda), Bahia (BA), União Leiria (Portugal), Paysandu (PA), Figueirense (SC), Ituano (SP), Al-Shamal (Catar), Sertãozinho (SP), Criciúma (SC), Ceará (CE), Potyguar (RN), atuou, ademais, no futebol amador de Tauá. Foi tri campeão Holandês, nos anos de 1996/1997, 2000/2001 e 2002/2003

(PSV). Campeão da Copa do Nordeste em 1999 pelo Vitória (BA), além de bicampeão pelo mesmo time em 1999 e 2000.

XXX.IV - Viviane Pereira

Mais conhecida no meio como “Sucuri”, atleta do Invicta FC. Primeira mulher cearense a ingressar no UFC, onde atuou entre 2016 e 2018. Viviane luta, atualmente, na Invicta FC, organização norte-americana dedicada, exclusivamente, ao MMA feminino. Na infância, nada de bonecas ou “clube da Luluzinha”. Primeiro veio o futebol, depois a capoeira e, por último, o kung fu. Hoje, atleta de MMA, Viviane Pereira é conhecida como Viviane “Sucuri”. As seis vitórias nos seis combates que disputou assustam, à primeira vista, mesmo com apenas 1,54m, dizem os experts no esporte.



XXX.V - Carmelita Yumito

Segundo postagem datada de 07 de setembro do ano corrente, extraído de (1CompartilharFacebookFacebookMessengerWhatsAppTwitterLinkedIn), a tauaense do distrito de Carrapateiras, com 51 anos, filha de José de Melo Soares, Carmelita Yumito, tem destaque no cenário esportivo do Brasil como a grande Campeã Brasileira de Sinuca. Esse título, aliás, de forma excepcional foi por ela conseguido pela 8ª vez.

XXXI - Galeria de Fotos históricas das seleções de futebol de Tauá na década de 1960 a 1970





XXXII - Futebol na nossa Tauá

Bom lembrar neste espaço, tempos da minha adolescência quando a massa social tauaense vibrava com os feitos memoráveis da sua gloriosa seleção, a nossa seleção tricolor, trazendo figuras imponentes como Geraldo Feitosa, Chico Cunegundes, Francisco Loiola, Chico Clarinete, Jordão, Tui, Hudson, Luiz Geraldo Paixão, Luiz Albino, Zé Bureca, Adelson Feitosa, Antônio Bibiano, Chico Bombeiro, Dr. Alberto Feitosa, Sr. Bureca, Chico Cazé, Vicente Alexandrino (Ford), Luiz Borges, Antônio Paulista, Cícero Bezerra

ou Cícero da Elza, Duquinha, Valter, Hernandez, Antônio Luiz Paixão, Adelson, Fedé, Valter do Teté, João Cidrão, Buzo, Manoel da Angelina, Antônio Silvério, François e outros. Mais recentemente, do meu conhecimento, acredito em tantos outros, Silvino Ferreira, Cláudio Pereira, José Ronaldo Ferreira, Teles, Alcimar e Neury, dentre muitos outros.

XXXII.I - Árbitros de futebol em Tauá

De conhecimento, destaco os nomes de Francisco Dutra Paixão, Julião, Joceir Bezerra, Totozinho Feitosa e outros. Tais tauaenses, em verdade, deram a sua contribuição para o desenvolvimento do esporte na nossa terra.

XXXII.II - Times de futebol de Tauá

O campeonato tauaense de futebol, normalmente, é disputado pelas seguintes equipes: Maguary, Grêmio de Santa Tereza, Marruás, Cruzeiro, Marrecas, América, Castelo, TEC, Belo Alto, Guaribas.

No passado não lá muito distante, lembro, as partidas de futebol na nossa terra se davam no velho e inesquecível campo da Escola Fazenda, enquanto, hoje, acontece no Estádio Municipal Gerardo Feitosa, "O Gerardo". Aliás, a construção e inauguração da atual praça de esporte de nossa cidade deram-se na gestão Sousa Bastos. O nome Gerardo Feitosa, relembra Salete Vale,²⁰³ dado por iniciativa do vereador Manoel Parmênio, e aprovada pela Câmara Municipal local terminando disputa política a respeito, ao ter denominado referida praça esportiva, não com o nome de Joaquim de Sousa Bastos, por proibição legal, mas com o nome do ex-prefeito, político e desportista dedicado, nosso falecido conterrâneo Gerardo Feitosa.

XXXII.III - A Liga Tauaense de Desportos - Fundador

Foi à verdadeira impulsionadora do futebol da nossa terra. A criação da liga por verdadeiros devotados tauaenses possibilitou o conhecimento do futebol da terra para além do nosso território, através de grandes disputas, principalmente, no âmbito do campeonato denominado intermunicipal.

XXXII.III.I - Francisco de Assis Lemos

Francisco de Assis Lemos Dias, muito embora não tenha nascido na nossa terra, a ela dedicou sua vida como se filho fosse. Amante da vida social, política e empresarial de Tauá, o conterrâneo ilustre de coração, conhecido como Dr. Lemos, era casado com a farmacêutica, Dra. Margarida Rêgo, com quem ao lado dela idealizou e implementou a Farmácia Moderna em Tauá, um dos maiores empreendimentos hoje existente na nossa terra. Dr. Lemos

²⁰³ Sexagésimo primeiro episódio de pesquisa realizada

ocupou cargos em nível de estado e do Município de Tauá, sempre com ideias inovadoras. Foi, ademais, destaque como desportista. Como idealizador nato, fundou junto a outros ilustres conterrâneos, a Liga Tauaense de Desportos. Foi um dos grandes incentivadores do futebol tauaense. Além disso, foi um dos fundadores da Associação Comercial de Tauá. Atuou, ainda, na radiofonia, sendo o primeiro superintendente da Rádio Cultura dos Inhamuns. Dr. Lemos era cunhado do ex-deputado Júlio Rêgo e do superintendente da Rádio Cultura, Dr. José Rêgo. Faleceu aos 88 anos, em Fortaleza.

XXXII.III.II - Francisco Teobaldo Cidrão Souto

O ilustrado tauaense deixou a atividade de bancário, onde ingressou por concurso público, para se dedicar ao ramo comercial e empresarial na nossa terra. Idealista por natureza contribuiu de forma inestimável para o nosso desenvolvimento. Um dos maiores dirigentes da Seleção de Futebol de Tauá e da própria liga, foi, em verdade, um dos maiores líderes da área comercial de Tauá. Foi dirigente da classe, respeitado político, fez com sua atuação firme, o seu nome no seio da nossa sociedade. Faleceu recentemente.

Outros tauaenses amantes do futebol engrandeceram os destinos da nossa liga de futebol.

XXXII.III.III - O Campo de Futebol da Escola Fazenda

Penso que a atividade futebolística de nossa terra, hoje considerada, se deu, exatamente, no velho e conhecido à época denominado de "Campo da Escola Fazenda". Situado na localidade de igual nome, era de chão batido, cercado por cerca rústica de Pau-a-Pique. Neste espaço esportivo, grande capítulo do futebol tauaense foi vivenciado. Nele, a nossa seleção viveu seus grandes dias. – Vitórias e mais vitórias. O futebol de Tauá passou a ser conhecido para além da nossa terra.

XXXII.III.IV - Estádio Gerardão

"Na administração do Prefeito Joaquim de Sousa Bastos, como dito acima, inaugurou-se o "Estádio Gerardão", pertencente à Prefeitura Municipal que tem capacidade para 4.000 pessoas.

Praça esportiva moderna vem sendo palco de grandes campeonatos locais e homenageia como o nome do agropecuarista, político e ex-Prefeito do nosso município, Gerardo Feitosa."

XXXIII – Grandes comerciantes filhos de Tauá ao longo dos tempos

Tauá, a nossa Princesa dos Inhamuns, revelou para o mundo comercial e industrial, grandes nomes. De todos, no meu conhecimento e por infor-

mações, destaque: Joel Marques, Joaquim de Sousa Bastos, Francisco Paiva Melo, Jorge Massilon Cavalcante, Francisco de Assis Lemos Dias, Horácio Alves F. Marques, João Gonçalves do Nascimento, Francisco Soares Pedrosa, Zélia Emídio Mota, Sebastião Rêgo, Sebastião César Rêgo Filho, José Gonçalves Matos, João Gonçalves Matos, Pedro Alexandrino Feitosa, Edmilson Soares Pedrosa, Apolônio Cavalcante Mota, Manoel Alves Mota, Jackson Massilon Matias, Filomeno Gonçalves Filho, Manoel Almeida Neto, Francisco Teobaldo Cidrão Souto, Zózimo Ricarte Júnior, Jeferson Cidrão Massilon, Elcias Bezerra Cavalcante, Ecilio Bezerra Cavalcante, Elcides Bezerra Cavalcante, Antônio Bezerra Cavalcante, Alcides Feitosa, Francisco Feitosa Lima, João Firmino Araújo, Antônio Cândido Feitosa (Tutu), Eliezer Gonçalves Lima, Mair Feitosa, Tozinho Feitosa, Edmilson Soares Pedrosa, João Fernandes, Manoel Alves Mota, os irmãos Libinhas, Edilson Leitão Lima, Jonas Marques, Margarida Rêgo, João Cidrão, Fred Rêgo, Luiz Antônio Cavalcante Dias, Manoel Silvério do Nascimento, Francisco Teixeira Silvério, Antônio Ari Alencar, Luiz Antônio Oliveira de Sousa, Antônio Alves de Sousa, Ademar Carlos de Moraes, José Gonçalves Neto, Marino Martins Loiola, Juvenal Loiola, Agamenon Rêgo, Antônio Alves de Sousa, José Batista da Silva, Mariana Evangelista Feitosa, Francisco Teixeira dos Santos, Francisca Lêda Mota Bastos, Engracia Gonçalves, Rosa Maria Feitosa, Creusa de Fátima Gomes Carvalho, Salete Cardoso Cidrão, Antonieta Julião de Sousa, Julião Pereira de Sousa, José Ivan Esteves Menezes, José Batista da Silva, Milton Castelo, Antônio Moreira Neto, José Rosendo de Sousa, Sandra Maria Oliveira Lima, Ana Custódia Evangelista, Antônio Cordeiro de Sousa, Paulo Ferreira Neto, Evaldo Vieira Martins, Alceu Gomes Bonfim, Francisco Gonçalves Sobrinho, Lúcia Eliacy A. Feitosa, Antônio Cordeiro de Sousa, Paulo Ferreira Neto, Francisca Gonçalves Dias, Antônio Pedro Lins, Maria Vilani de Oliveira Sousa, Agamenon Rêgo Maranhão, Francisco de Assis Cosme, Alda Cavalcante Melo, Francisco José Braga Alves, Ana Ricarte da Silva Melo, Francisco Antônio Lima Paixão, Iracema Maria de Loiola, Francisco de Assis Neto, Maria do Socorro Andrade Bezerra, Isaias Gonçalves de Sousa, Francisco Gláucio Lemos, Nestor Gomes dos Reis, Rosália Amélia M. Cavalcante, Irene Gonsalves Araújo, Ricardo Alves Oliveira, Williana Bezerra da Carvalho, Alceu Gomes Bonfim, Pedro Paulo Mendes Barroso, Alda Cavalcante Melo, Francisco José Braga Alves, Antônio Alberto Benevides Soares, Antônio Ademilton de Araújo Evangelista, Margarida Maria Gonçalves Rêgo, Aila Maria Benevides Feitosa, Edilson Alves Bezerra, Antônio Sinval Vitorino da Silva, João Feitosa Freitas, João Cidrão Souto, Luiz Delmário Carvalho dos Santos, Josenilza Monteiro Pedrosa, José Antônio Filho, Maria Marilac Moreira Cavalcante, Maria Gonçalves da Franca, Francisco Xavier da Franca, Zuleide Coutinho de Loiola, George V. Portela, Rosália Amélia M. Cavalcante, Almésio Rodrigues Loiola, Raimunda Gonçalves Silva, Antônio Paixão Alves de Oliveira, Marcelo Meireles, Narcélio Meireles, Sinhara/Lavor, Elvis/Kelma, Ariston, Laerte, Albecyr, Luciene Gonçalves, Márcio, Adriana/Carlos, Lacerda, Odnéia, Elidiana/Junior, Al-

berto/Michelly, Fidel, Laércio, Glauber Fialho, Doca Sena, Vanusa, Neto, Edilene/Cavalcante, Cleiton, Dierik, Sérgio, Luiz Wellington, Mara, Junior, Nehuim/Núbia, Dr. Roney, Lázaro Alencar, Thayde, Valmir/Sandra, Osmael, Ana/Benício, Joselitam, Edna, Heyde, Laércio, Dona Antônia, Zé Luiz, Josevaldo/De Leon, Dacyra/Niltinho, Sales, Erbethy, Ricardo, Sinhara/Lavor, Solimar, Erinaldo/Brázida, Clesiana/Joedilson, Leônidas, Lucélia, dentre muitos outros importantes na nossa história.

XXXIII.I – Lojas de tecidos em Tauá que se perderam no tempo

Conheci na nossa Tauá, alguns comerciantes que se destacaram na venda de tecidos a beira do balcão e na base do metro, medida então utilizada à exaustão pelos seus ditos vendedores. Lembro-me das logas dos Senhores Sebastião Rêgo, Pedrosa, Edmilson Soares, José Carvalho, Francisco Feitosa Lima e Apolônio Mota.

Na loja do Senhor Sebastião Rêgo, lembro bem de um vendedor conhecido pelo nome "Seu Duque". Se não me falha a memória, da família Cidrão de Marrecas. Este tauaense ilustre, na qualidade de vendedor afamado, costumava vestir-se de paletó e gravata do tipo borboleta e como exímio e efetivo vendedor a todos encantavam e tratavam com atenção e profundo respeito. Foi na sua profissão um vencedor. Homem ilustre de Tauá e que não deve ser esquecido.

Francisco Paiva de Melo como já referido, também exerceu a profissão de vendedor de tecidos, todavia, não conheci e não tenho informações de loja por ele montada neste sentido.

XXXIV - O associativismo em Tauá

De relevo anotar que o associativismo no espaço comercial de Tauá, deu-se por inaugurado em 24 de julho de 1967, quando então, um grupo de conterrâneos, comerciantes e idealistas, fundou "A Associação Comercial de Tauá". Referido órgão classista teve por idealizadores, os comerciantes Francisco Paiva Melo, Jorge Massilon Cavalcante, Francisco de Assis Lemos Dias, Casas Pernambucanas, Horácio Alves F. Marques, João Gonçalves do Nascimento, Francisco Soares Pedrosa, Zélia Emídio Mota, Sebastião César Rêgo Filho, José Gonçalves Matos, João Gonçalves Matos, Pedro Alexandrino Feitosa, Edmilson Soares Pedrosa, Apolônio Cavalcante Mota, Jackson Massilon Matias e Filomeno Gonçalves Filho.

Recebeu a honrosa missão de presidir a associação, em primeiro, o ilustre tauaense de coração, o saudoso Dr. Francisco de Assis Lemos Dias.

Manoel Almeida Neto o "Netinho", o segundo gestor da associação, o fez de forma continuada de 1976 a 1990. De 1990 a 1996, foi seu presidente, o conterrâneo Francisco Teobaldo Cidrão Souto. De 1996 a 2000, o Sr. Zózimo Ricarte Júnior. Nos períodos de 2000/2002 e 2002/2004, Jefferson Cidrão

Massilon. Em seguida, galgaram o posto de Presidente, a Senhora Ana Ricarte da Silva Melo, que empreendeu visão de modernidade e compartilhamento a associação, e, em seguida, Pedro Gonçalves Siqueira, o qual vem exercendo na atualidade a referida presidência.

XXXIV.I - Manoel Almeida Neto



O conterrâneo da mais alta qualidade, pelo amor que dedicou a nossa terra, pelos seus feitos, pelo seu engajamento constante em prol da nossa sociedade não merece ser esquecido. Neste ponto, digo que o "Seu Netônio", além de deixar suas marcas inesquecíveis na Associação Comercial e Empresarial de Tauá, pelo fato de ter sido comerciante e empresário de escola na nossa terra, também as deixou na União Artística Tauaense, na Associação dos Moveleiros e Carpinteiros de Tauá, no Grupo de Apoio de Criação do CECITEC, no Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns - Inecri, na Fundação Bernardo Feitosa, nos Agentes Patrimoniais, no Lions Clube, na Loja Maçônica São João do Príncipe nº 27, na Fundação Padre Cícero, na Sociedade Espírita de Tauá, no Comitê da Sub-Bacia Hidrográfica do Alto Jaguaribe, no Comitê de Combate à Dengue, na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais - APAE, no Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, no Conselho da Criança e do Adolescente, na Cooperativa de Desenvolvimento Agropecuário de Tauá Ltda. - COODATA, no Conselho Municipal do Trabalho, na Academia Tauaense de Letras, no Trici Clube de Campo, no Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, no Instituto de Desenvolvimento, Ação e Cidadania - IDAC, na Rádio Difusora dos Inhamuns, etc. Netônio, enfim, foi um daqueles devotados tauaenses que, pelo amor a sua terra, pela participação efetiva e cotidiana em todos os seus espaços, não merece jamais ser por nós esquecido.

XXXIV.II - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Tauá

Ao que me consta, uma das primeiras entidades sindicais inauguradas na nossa Tauá. Sua história remonta a grandes desafios em prol da melhoria de vida da classe. Teve durante a sua trajetória, vários e vitoriosos presidentes entre os quais destaco um por mim conhecido de perto, o Senhor Manoel, o qual era por seu idealismo e envolvimento, defensor intransigente da classe que representava. Lembro-me do presidente Manoel Marques da Costa, o Senhor Manoel, labutando no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tauá, junto aos seus pares, quando exerci a advocacia já no distante 1979, e por ele fui contratado para a defesa dos seus associados. O presidente

Manoel, na sua humildade de cidadão tauaense, lembro bem, todos os dias montado na sua insubstituível bicicleta, pelas ruas da cidade desfilava rumo à sede da entidade, localizada no bairro de Colibris.

Bom lembrar, por oportuno, que os primeiros sindicatos operários surgiram na Europa no século XIX. O capitalismo industrial já se consolidara e o Estado absolutista transformou-se no Estado democrático de direito de inspiração liberal. Com o Estado democrático de direito foram estabelecidos os direitos humanos de primeira geração: os direitos civis e os direitos políticos ligados à garantia das liberdades individuais. Este estado era a instituição adequada à preservação e expansão dos interesses do capitalismo e da própria burguesia, nova classe politicamente dominante, saída das revoluções burguesas.

No Brasil, relembremo-nos, no início do século XX, havia um sindicalismo em gestação. As primeiras formas de organização operária foram as "sociedades de socorro e auxílio mútuo" e as "uniões operárias", as quais se transformaram, pouco depois, nos primeiros sindicatos operários. Houve vários congressos operários (em 1906, 1913 e 1920) e, também, várias greves nesse momento histórico. Uma característica fundamental marcava o sindicalismo brasileiro na Primeira República: o Estado não intervinha na organização e luta sindical, ou melhor, intervinha, mas apenas repressivamente, por meio da ação policial. A revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, representou um divisor de águas na história do sindicalismo brasileiro: a partir daquele momento, a organização sindical, antes autônoma e independente, foi trazida para dentro do Estado, o qual passou a controlá-la. A partir da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (Decreto nº 19.433, de 26 de novembro de 1930) e da promulgação da chamada "Lei de Sindicalização" (Decreto-Lei nº 19.770, de 19 de março de 1931), teve início o funcionamento da estrutura sindical oficial brasileira, cuja principal característica seria o atrelamento e a subordinação das organizações sindicais ao aparelho de Estado. O objetivo do Estado era o de viabilizar, com baixos salários, o processo de industrialização da economia brasileira que se iniciava. Após, aliás, a promulgação de vários decretos pertinentes ao tema promulga-se a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, em 1943. Os sindicatos brasileiros, para ter existência legal, passaram a ter de ser reconhecido pelo Estado (investidura sindical), o Estado instituiu o monopólio legal da representação sindical (unicidade sindical) e criou o imposto sindical, cujo objetivo era garantir a sustentação financeira dos sindicatos, independentemente, de qualquer representatividade ou de adesão dos trabalhadores. O objetivo do governo era claro: criar um sindicalismo oficial, frágil, não representativo e tutelado pelo Estado.

No início da década de 1960, havia quatro forças políticas atuantes no campo, que tentavam controlar o movimento camponês: As Ligas Camponesas, o Partido Comunista do Brasil - PCB, a Igreja Católica e os chamados "católicos radicais" representados, principalmente, pela Ação Popular - AP.

Essas instituições, em face dos muitos conflitos entre elas existentes, parecem-me, romperam-se. Assim, pode-se afirmar que a prática das entidades sindicais rurais (sindicatos, federações e Confederação dos Trabalhadores na Agricultura), se deu por constituídas, oficialmente, após o golpe de 1964. Restou caracterizada e, afirme-se, somente anos após, a redemocratização do país e suas ações tornaram-se mais efetivas e autônomas.

Voltando ao conceito primordial deste nosso trabalho, tenho que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tauá, vem prestando largos serviços à nação trabalhadora rural de nossa terra sejam nos seus menores e maiores problemas. Com sede própria, dirigida atualmente pela Senhora Elisandra Gonçalves Lima, tem alcançado de forma indubitável, o reconhecimento de todos os tauaenses.

XXXIV.III – O Rotery Club de Tauá

Fundado na nossa cidade pelo meu parente próximo, empresário Jefferson Cidrão Massilon, com abertura no ano de 2000, também tem prestado relevantes serviços à sociedade de Tauá.

Jefferson Cidrão Massilon costuma dizer que nasceu varejista. Neto e filho de lojistas, esse cearense, nascido em Tauá, no Sertão dos Inhamuns, viu e viveu a família tocar o comércio de móveis, eletrodomésticos e distribuição de gás (GLP) de cozinha desde o início dos anos 1960.

Em meados de 1985, iniciou sua própria trajetória. Com a família, abriu um estabelecimento de móveis e eletrodomésticos em Parambu (CE). Mais tarde, resgatou o negócio de distribuidora de GLP, nas cidades de Tauá, Parambu e Boa Viagem. Hoje, além de dono de uma concessionária de motos, atua como revendedor de combustíveis em dois postos.

Com a herança empreendedora dos seus ascendentes, tocou os negócios com sucesso, mas nunca deixou de se colocar como cidadão. Desde sempre se envolveu em diversas causas e movimentos associativistas que o levaram, finalmente, a conhecer o espírito das Câmaras de Dirigentes Lojistas - CDLs. Hoje, depois de ter ajudado a criar a CDL Tauá, o lojista se orgulha de ter passado por todas as instâncias do Sistema CNDL.

Jefferson como empresário de sucesso e envolvido por natureza, como foi o seu avó Jorge Massilon, nas causas sociais da cidade, também tem dedicado o seu tempo, às instituições da sociedade civil. Em Tauá, foi venerável de loja maçônica, presidente por dois períodos da Associação Comercial de Tauá e fundador do Rotary. Também esteve no grupo que fundou a CDL Tauá e foi o terceiro presidente a comandar a instituição. Integrou, ademais, a diretoria da FCDL-CE e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas - CNDL, integrando o Conselho Superior e apoiando as ações da presidência.

XXXV - A primeira Sorveteria de Tauá

A primeira Sorveteria instalada na nossa cidade foi idealizada e inaugurada, ainda, no início da década de 1960, pelos irmãos Elcias e Ecilio Bezerra Cavalcante. Os dois irmãos idealistas e empreendedores natos foram proprietários da empresa Irmãos Bezerra Cavalcante, na qualidade de sócios. O primeiro, meu inesquecível pai e o segundo meu tio. Naquele tempo, por inexistir energia elétrica na cidade, idealistas que foram, instalaram energia própria puxada por motor a diesel, o qual era necessário, por óbvio, ao abastecimento daquele novo empreendimento.

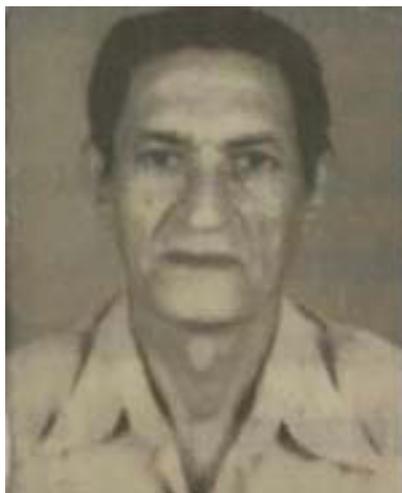
De afirmar, por outro lado, que na Sorveteria Tauá, nome que recebeu o então empreendimento, por possuir energia elétrica própria, para diversão e curiosidade da sua clientela, nele foi instalada uma das primeiras televisões em nosso município. Lembro, que em virtude da incipiência da antena instalada, numa velha TV SEMP e na própria cidade, assistíamos pelo inusitado da obra, programações a mais diversificada possível da extinta TV Tupi, tais como: novelas, filmes e jogos de futebol, mesmo com sinal precário. - Era a alegria de Todos.

Logo em seguida, e quase de forma contemporânea, os irmãos Tozinho e Mair Feitosa, outros homens idealistas de nossa terra, na mesma modalidade, instalaram a segunda sorveteria na cidade.

XXXVI - Empreendedores tauaenses

Tauá como é conhecida, legou para o nosso estado, para nossa região, grandes homens e empreendedores que, com competência e dignidade tem enobrecido a nossa terra ao longo dos anos. No aspecto, destaco:

XXXVI.I - Elcias Bezerra Cavalcante



Nasceu na cidade de Tauá, no dia 5 de agosto de 1922. Filho de Joaquim Bezerra Cavalcante e Bibiana Pereira do Nascimento. Casou-se com a Senhora Maria Helena Cordeiro Cavalcante com que teve uma prole de onze filhos. Idealista e trabalhador nato, com tenra idade, em virtude da morte precoce de seu pai passou praticamente ao lado da sua mãe, a criar e cuidar dos seus irmãos. Iniciou suas primeiras letras com a sua mãe. Em seguida, foi para a escola pública Arraial Setembrino, da Professora Elisa Gonçalves, onde concluiu o 3º ano. Trabalhou no comércio do seu padrinho Odilon

Aguiar. Com a experiência adquirida, com a ajuda da sua mãe, alugou um ponto no antigo mercado de carne (açougue) de Tauá, onde montou uma bodega. Posteriormente, indo bem os seus negócios, resolveu junto ao irmão Ecilio, fundar a sociedade Irmãos Bezerra Cavalcante. Naquele período, instalaram a Sorveteria Tauá. Elcias foi representante da Empresa de Transporte Gontijo. Faleceu em 5 de maio de 1989.

XXXVI.II - Ecilio Bezerra Cavalcante



Nasceu em Tauá no dia 3 de setembro de 1930. Filho de Joaquim Bezerra Cavalcante e Bibiana Pereira do Nascimento. Casou-se com a Senhora Francisca Ferreira Lima Cavalcante com que teve uma prole de sete filhos. Idealista e empreendedor por natureza, sempre foi comerciante em nossa Tauá. Sócio proprietário da empresa Irmãos Bezerra Cavalcante e da Sorveteria Tauá, juntamente com o seu irmão Elcias. Desfeita a sociedade, montou negócio próprio no ramo da estiva e cereal. Homem de

grande valor, amigo, brincalhão, gozava da amizade de todos os tauaenses. Faleceu vitimado por um câncer de pulmão aos 61 anos de idade.

XXXVI.III - Joaquim de Sousa Bastos. (vide fl. 212)

XXXVI.IV - Outros empreendedores

Carlos de Albuquerque Lima (vide fl. 113), Raimundo Feitosa de Carvalho (vide fl. 119), Edmar Feitosa, Quintino Feitosa, Evilásio Feitosa, Sr. Mota, Chiquinho Feitosa (vide fl. 112), Idemar Citó (vide fl. 312), Adjacir Cidrão (vide fl. 209), Mário Feitosa (vide fl. 314), Denis Anderson da Rocha Bezerra (vide fl. 315), Teobaldo Cidrão Souto (vide fl. 255), Jefferson Cidrão Massilon, João Cidrão Souto, Helder Castelo, Narcélio Meireles, Perboyre Castelo (vide fl. 244), Ed Wilson Custódio Francelino, José Pereira Campos, Luiz Antônio Cavalcante Dias, Sebastião Rêgo Filho, Naumi Amorim, Horácio Marques, Ronaldo Moura, Dr. Ronaldo Alexandrino, José Laerte Gomes, Laerte Júnior, Marcos Cidrão, Egídio Cavalcante, João Pedro Cidrão e outros.

XXXVII - Mulheres empreendedoras de Tauá

Neste espaço se destacaram ao longo dos anos, Dona Elizabeth Gonçalves Rêgo, Dona Raimunda Mocinha de Lima Paixão, Dona Porfíria Cândido Feitosa, Dona Josefa Marciana Nogueira, Dra. Margarida Rêgo, Dona Leda Mota, Dona Ana Ricarte e outras.

XXXVIII - Primeiro Magazine de Tauá

Ainda no que diz respeito ao lado comercial de nosso município, tenho que o primeiro e grande magazine instalado na sede da nossa cidade, por sem dúvida, foi as "Lojas Pernambucanas", conglomerado comercial nacional, na época dedicada ao varejo, principalmente, de tecidos e vestuários para homens e mulheres. – Grande novidade a serviço de todos os conterrâneos. A propósito, não se pode esquecer a loja do conterrâneo Horácio Marques, que ao ramo do comércio de móveis e eletrodomésticos era a época dedicada.

Lembro que aos sábados, nas lojas Pernambucanas, cuja direção, salvo engano, cabia a um senhor conhecido pelo nome de "Afonso", a clientela tauaense, ávida pela compra, era animada por um forro pé de serra, nesse conjunto musical, recordo bem, destacava-se, dentre outros, o seu cantor então conhecido pelo nome de "Chico Cabaré".

XXXIX - O primeiro posto de gasolina de Tauá

O primeiro posto de Gasolina de Tauá foi instalado e inaugurado pelo Senhor Horácio Alves Ferreira Marques, então, grande comerciante de nossa terra, o qual, posteriormente, mais precisamente em 1964, o vendeu a Francisco Paiva Melo, hoje, denominado Posto Texaco, localizado à Praça Henrique Andrade-Centro, comandado, atualmente, pelo empresário Narcélio Meireles. A composição societária do referido empreendimento, se dava nas pessoas de Francisco de Paiva Melo, na qualidade de sócio majoritário; Marcelo Meireles e Francisco Melo Filho.

XL - A primeira agência bancária de Tauá

A primeira agência bancária de nossa cidade trata-se do Banco do Nordeste do Brasil – BNB. Ao depois veio o Banco do Brasil, Banco Bradesco S/A e a Caixa Econômica Federal.

No Banco do Nordeste do Brasil – BNB, à época, trabalharam grandes tauaenses, a saber: Luis Gerardo Paixão, Francisco Leone Benevides Soares, José Benevides Soares, Hudson Gonçalves Pereira, Luiz Neyton Alexandrino Carvalho, José Marcelino Sobrinho, José Clóvis Pereira da Rocha, José Araújo de Matos, Francisco da Costa Sobrinho, José Adelson de Azevedo, Flavio Bezerra Lima, José Gadelha dos Reis, José Tasso Pinheiro de Freitas, Raimundo Tarcísio Bezerra, Francisco Onias da Silveira (ex-gerente do BNB/Tauá).

XLI - O cooperativismo em Tauá

Tauá como dito alhures tem sido celeiro de grandes idealistas e empreendedores. No espaço do cooperativismo não foi diferente. Mostramos, pois, a seguir, uma das primeiras, que não seja a primeira, mas uma das mais importantes havidas na nossa terra.

XLI.I - Primeira Cooperativa de Tauá

A primeira Cooperativa de Tauá foi inaugurada e dirigida pelo Senhor Francisco de Paiva Melo.

A Cooperativa, inicialmente, recebeu o nome de Cooperativa Agrícola Mista de Tauá. Fundada em 03 de setembro de 1960, restou estabelecida na Praça do Mercado, s/n, Centro da nossa cidade. Foi cadastrada no CGC sob o nº 07876108 e na Divisão de Cooperativas e Organização Rural com o nº 65514 e no D.A.C.O.R. Da fundação ao encerramento das atividades da Cooperativa, foi seu Presidente o Senhor José Alexandrino Nogueira, Diretor-Gerente Francisco de Paiva Melo e Vice-Presidente, acredita-se, Apolônio Cavalcante Mota.

Em 19 de abril de 1968, a Cooperativa mudou de denominação social passando a se chamar Cooperativa de Crédito de Tauá Ltda., estabelecendo-se, ademais, na Rua Farmacêutico Luiz Petrone, nº 33, Centro da nossa Tauá. A cooperativa teve suas atividades encerradas no dia 06 de agosto de 1972, consoantes deliberação da sua Assembleia Geral Extraordinária, na mesma data.

Segundo me informa José Airton Melo, filho do empreendedor e idealista Francisco de Paiva Melo, a ideia de fundar a cooperativa, efetivamente foi do seu pai, de quem recebeu grande incentivo de amigos e do então Deputado Joel Marques, o qual foi sócio da entidade. Diz José Airton, que o apoio logístico para a instalação do empreendimento de vulto excepcional para a nossa terra deu-se na pessoa do então Deputado Moisés Pimentel, proprietário da Cooperativa Moisés Pimentel, que, na década de 1960/1970, foi transformada em Banco da Parnaíba S/A.

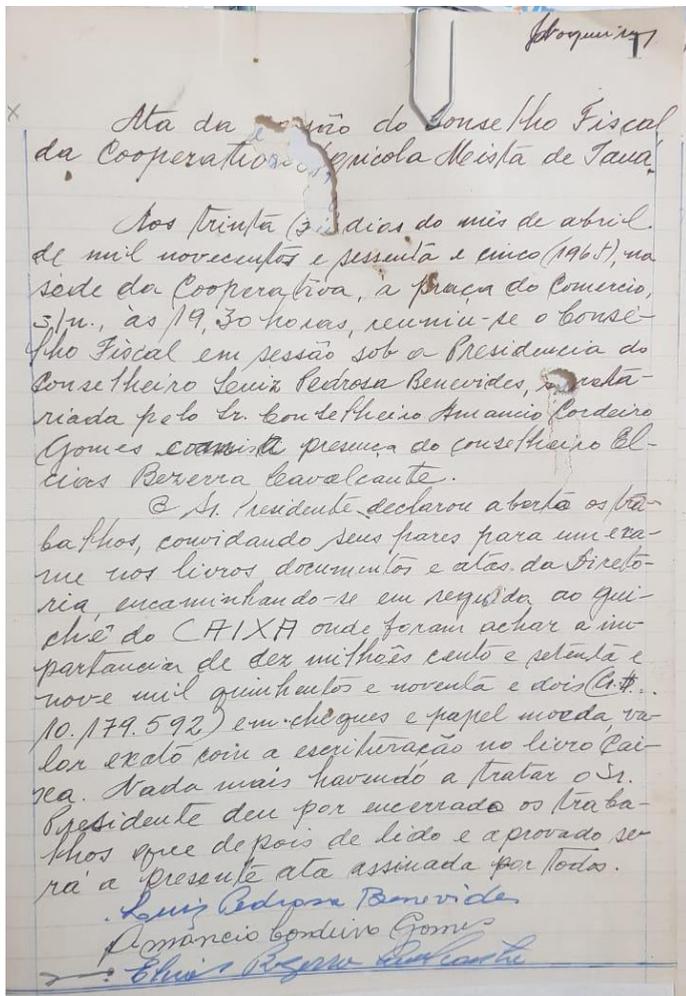
A Cooperativa de Tauá, dirigida por Francisco de Paiva, chegou a admitir o expressivo nº de 1095 associados, aparecendo como último sócio inscrito, o Senhor Antônio Torres de Melo, com a Matrícula de nº 1095 e desligamento em junho de 1971.

Importante observar, que o seu Capital social era formado pela importância de Cr\$ 24.587,70, tendo emprestado aos seus associados à importância de Cr\$ 26.328,19. Em razão de não conseguir recuperação de tudo que emprestava, a cooperativa foi encerrada. Destaque-se, que a cooperativa também funcionava como fomentadora da atividade agropecuária, ao emprestar dinheiro capitado do Banco do Estado do Ceará – BEC, para o plantio exclusivo de algodão.

Foram sócios da cooperativa, dentre muitos tauaenses: José Airton Lima Melo, Dr. Júlio Gonçalves Rêgo, Dr. Bernardo de Castro Feitosa, Dr. Antônio Idalmir Carvalho Feitosa, José da Costa Leitão Lima, Antônio Edilson Leitão Lima, Jackson Massilon Matias, Sebastião César Rêgo Filho, Aderlô Feitosa Andrade, Maria Genisia Feitosa Dias, Aureliano Cavalcante Mota, Manoel Almeida Neto, Horácio Alves Ferreira Marques, Ivan Ferreira Marques, Jonas Marques Ferreira, Antônio Pedro Lins, João Cidrão

Souto, Francisco Freitas Sobrinho, José Maria de Barros, Rosendo Pereira Neto, José Moura Lima, Francisca Enedina Moura, José Lins Pedrosa Castelo, Sebastião Alves Siqueira, José Cidrão de Oliveira, José Barreto Leitão, Aderson Feitosa Lima, Ataciso Cavalcante Mota, Manoel Urbano de Araújo, Francisco Edvar Mota, Luis Gerardo Paixão, Francisco Leone Benevides Soares, José Benevides Soares, Hudson Gonçalves Pereira, Luiz Neyton Alexandrino Carvalho, José Marcelino Sobrinho, José Clóvis Pereira da Rocha, José Araújo de Matos, Francisco da Costa Sobrinho, José Adelson de Azevedo, Falvio Bezerra Lima, José Gadelha dos Reis, José Tasso Pinheiro de Freitas, Raimundo Tarcisio Bezerra, Francisco Onias da Silveira (ex-gerente do BNB/Tauá), e tantos outros.

No contexto, fui surpreendido, ao ver na história da primeira Cooperativa de Tauá, o nome do meu querido e inesquecível pai, Elcias Bezerra Cavalcante, figurando como sócio, conforme se vê na cópia da ata abaixo e, cuja assinatura ali posta, aparece de forma inconfundível. Vejam:



Ata da reunião do Conselho Fiscal da Cooperativa Agrícola Mista de Tauá

Nos trinta (30) dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e cinco (1965), na sede da Cooperativa, a Praça do Comércio, s/n., às 19,30 horas, reuniu-se o Conselho Fiscal em sessão sob a Presidência do Conselheiro Luiz Pedrosa Benevides, moderada pelo Sr. Conselheiro Amâncio Gordeiro Gomes, com a presença do Conselheiro Elcias Bezerra Cavalcante.

O Sr. Presidente declarou aberta os trabalhos, convidando seus pares para examinar nos livros, documentos e atas da Diretoria, encaminhando-se em seguida ao quichô do CAIXA onde foram achar a importância de dez mil trezentos e setenta e nove mil quinhentos e noventa e dois (R\$. 10.179.592) em cheques e papel moeda, valer exato por a escrituração no livro Caixa. Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente deu por encerrado os trabalhos que depois de lido e aprovado se rai a presente ata assinada por todos.

Luiz Pedrosa Benevides
Amâncio Gordeiro Gomes
Elcias Bezerra Cavalcante

XLII - O empreendedor Francisco de Paiva Melo



Francisco de Paiva Melo, era natural de Crateús-CE. Nasceu em 01 de outubro de 1918 e faleceu em 30 de maio de 1999. Foi casado com sua prima Zulene Melo Lima, com quem teve 10 filhos, entre os quais, cinco homens e cinco mulheres.

Com cerca de 20 anos de idade, plantou residência na Vila de Flores (Trici), onde abriu uma loja para venda de tecidos, cereais e miudezas. Em 1952, transferiu-se para Tauá mantendo-se no mesmo ramo. Na seca do mesmo ano, estabeleceu-se na Vila de Várzea do Boi, passando a trabalhar com o fornecimento de produtos alimentícios básicos para os trabalhadores (cassacos), como eram chamadas as pessoas que trabalharam para a construção do açude Várzea do Boi.

Em 1953, com o término da seca, mudou-se para o Estado do Maranhão, passando a residir na cidade de Pedreiras, onde na expertise de bom empreendedor, passou a comprar arroz, e, após beneficiá-los, fazia o transporte para a Capital São Luiz e de lá, por navio, aquele produto beneficiado era vendido para o Rio de Janeiro.

Segundo nos conta, ademais, José Airton, no ano de 1958, seu falecido pai, retornou a Tauá, e com o advento de uma nova seca, montou dois fornecimentos, um na Várzea do Boi e outro na localidade de Oiticica próxima a Vila de Santa Cruz do Banabuiu, com a finalidade de fornecer produtos alimentícios aos cassacos que trabalharam na construção da BR-020, no trecho Oiticica/Cruzeta.

Entre os anos de 1962/1963, o empreendedor Francisco Paiva de Melo, comprou uma área de terra na localidade de Rabeca, às margens da Rodovia BR-020, em Tauá, onde instalou, tempos depois, um Posto de Gasolina.

Em 1961, na cidade de Tauá, instalou uma loja de tecidos.

Em 1964, comprou de Horácio Alves Ferreira Marques, o Posto de Gasolina situado na Praça Henrique Andrade, Centro de Tauá. Faleceu em Fortaleza.

XLII - Algumas cooperativas instaladas em Tauá na atualidade

Encontram-se instaladas e em pleno funcionamento em Tauá, as Cooperativas: Cooperativa de Desenvolvimento Agropecuário de Tauá - Coodata, Cooperativa dos Criadores de Ovinos e Caprinos de Tauá, Cooperativa de Desenvolvimento Agropecuário de Tauá-CE, Cooperativa dos Pequenos Produtores dos Inhamuns Ltda. - Coopepi, TAUÁ - COOPATRASSE TRANSPORTES, Cooperativa dos Proprietários de Transportes Alternativo - Coop-tauá, dentre outras.

XLIII - Associações no município de Tauá

Câmara de Dirigentes Lojistas de Tauá - CDL, Associação Comercial e Empresarial de Tauá - Acert, APAE de Tauá, Associação de Desenvolvimento Educacional, Clube das Acácias Associação Beneficente, Associação Atlética Banco do Brasil - AABB, Associação Nossa Senhora do Rosário, Associação de Capoeira Garra Cearense, APEOC – Tauá, SEBRAE Tauá, ADETT, A. A. Grupo Inhamuns – 27, PINTADA – Associação Comunitária do Projeto de Assentamento Pintada Santana II, Associação Beneficente dos Moradores de Pau Pombo, Associação Desportiva de Tauá, Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá, Associação de Pessoas com Deficiência de Tauá - APCD, Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá, Associação dos Agricultores de Tauá, Associação dos Prestadores de Serviço de Transporte Escolar do Município de Tauá, Associação Comunitária do Bairro José Ósimo, Associação Protetora aos Idosos, Associação Inhamuns de Karatê, Associação dos Produtores Assentados, Associação dos Moveleiros de Tauá, Instituto de Apoio Social “Cuidar” dentre tantas outras. Referido instituto foi recentemente idealizado e inaugurado pelo casal Deputado Federal Denis Bezerra e sua mulher Dra. Carina Bandeira Bezerra, e tem por objetivo buscar incluir e acolher as pessoas para que se sintam parte da nossa história por meio do protagonismo de seus direitos, seja no âmbito social, jurídico, médico, etc;



XLIV - Professores tauaenses de ontem e de hoje

Raimundo Bizarria, Dondon Feitosa, Jovino Guedes Alcoforado, José do Vale Pedrosa, Joaquim Pimenta, João Felipe Pereira, Bernardino Gomes de Araújo, Francisca Clotilde Barbosa Lima, Patrício Setúbal da Paixão, Rocilda da Franca de Freitas, Maria do Livramento Barreto da Costa Leitão, Antônia Siqueira, Elisa Gonçalves, Francisca Adalgisa de Assis Paiva, Irismar Alexandrino Feitosa Gonçalves, Jose Alexandrino Loiola, Irismar Alexandrino Feitosa Gonçalves, Luzia Araújo Freitas, Maria Zuleirda Vieira Soares, Maria do Carmo Feitosa Machado, Maria Francisca Gomes de Freitas, Sefisa Ferreira, Zulene Melo Lima, Maria de Lourdes Ramos Mota, Dalva Mendes, Antônio Joaquim Madureira, Aurora Meireles, Santana Maria José Damiana, Dona Justina, Dona Teresa, Zulmira Sedrim Aguiar, Dra. Solange, Lourdes Ramos, Aurora Cavalcante Castro, Cira de Melo Jorge, Targino César Afonso Filho, Adalberto Cícero Correia Lima, Boanerges Viana do Amaral, Valter Vieira Leitão, Rocida Francisco, Cândido Meireles, Galdino Gondim Lins, Antônio Gomes de Freitas, Quintílio de Alencar Teixeira, Antônio de Alencar Araripe, Leonilia César Rêgo, Maria Luiza de Castro Feitosa, Esmeraldina Matos Feitosa, Marlúcia Gomes, Maria José Damiana Santana, Justina Santana, Maria da Glória Feitosa Freitas, Raimundo Bizarria, Dona Zefinha, Dona Adalgisa Paiva, Dona Maria Nice, Dona Zulmira, Dona Maria Odete Paiva, Dona Eneide Jataí, Dona Celeste Araújo

Gonçalves, Dona Dacila Mota, Dona Elisa Gonçalves, Dona Zenilda, Dona Lili Feitosa, Dona Santinha Loiola, Dona Neutina Rodrigues Maia Moreira, Dona Maria Carvalho Ferro, Dona Francisca Gonçalves Filha, Dona Sandra Cristina Uchoa Castelo, Dona Maria Cariri, Dona Francina Lima, Dona Jandira, Dona Ilda Lima, Dona Vilanir, Doa Marluce Gomes, Dona Zeleide, Dona Irene Araújo, Dona Sara Alexandrino, Dona Marilene, Professor Idalmir, Antonieta Vale, Terezinha Vale, Zulene Almeida, Manoel Venâncio, Dona Milica, Dona Mirosa, Dona Maria Liça Semeão de Oliveira, Maria Mota de Lima, Dona Maria Ellia-cy de Carvalho, Dona Antônia Mendes de Oliveira, Dona Francisca Mendes de Oliveira, Dona Irene Pedrosa de Araújo, Dona Rita Moreira de Aquino, Dona Rosena P. Cavalcante, Dona Maria Auxiliadora, Dona Maria Pereira de Sousa, Dona Aureamélia Cavalcante Dias, Dona Hilma Carvalho Gomes, Dona Maria do Socorro do Nascimento, Dona Maria do Socorro Bezerra Campos, Dona Geisa Simonely Cordeiro Cavalcante, Dona Nayana Cristine Cavalcante de Sá, Dona Maria Gorete Cordeiro Cavalcante, Dona Vera Lúcia Cavalcante Gonçalves, Dona Antomária Custódio Lima, Dona Vera Lúcia Cavalcante Gonçalves, Dona Maria da Trindade Luz Nascimento, Dona Olindina Vidal Pedrosa, Dona Iolanda Benevides, Dona Noêmia, Dona Anamélia Custódio Mota, Magistra-do Francisco Bezerra Cavalcante, Dona Luiza de Fátima Cavalcante Martins, Dona Luiza Gorete Cavalcante Ferreira, Dona Adelaide Maria Gonçalves Pereira, George Wilton Cordeiro Furtuna, César Oliveira Cordeiro, Dona Francisca Elione Alves Pereira, Dona Márcia Noronha Lima de Oliveira, Senhor Agostinho de Araújo Mota, Senhor Francisco Benevenuto Gonçalves Lima, Dona Marina Monteiro da Silva, Senhor Luiz Auci Oliveira Sousa, Dona Vidalina Araújo Gomes, Dona Luiza Almerinda Galdino Monteiro, Senhor Genilson Jairi de Oliveira, Dona Lucilene Alves da Silva, Dona Alana Régia de Oliveira Garcia, Dona Francy Neuma Araújo Holanda, Dona Antônia Francisca de Melo, Dona Cláudia Rodrigues Machado, Dona Francisca Pessoa de Carvalho Gomes, Dona Ana Moreira Vale, Dona Cirene Fernandes Melo, Dona Luiza Venâncio de Oliveira, Senhor Vicente Silvério do Nascimento, Dona Elisa Nonato dos Santos, Dona Juvenilia Bezerra Filha, Senhor Antônio José de Aquino, Dona Sandra Maria dos Santos Gonçalves, Dona Maria da Trindade Luz, Dona Célia Benevi-des, Dona Creuza Carlos Gregório, Dona Iolanda Inácio Cunha, Rogerino Ter-tuliano de Melo, Cleidiane Mendes de Oliveira, Senhor João Pereira de Melo Filho, Dona Rejane Alves de Oliveira, Dona Lucineide Rodrigues Lima, Dona Ana Paula Lira Cândido, Dona Celeste Ferreira Barra, Senhor Antônio Adriano Alves do Nascimento, Dona Edileuda Gonçalves da Silva Alves, Dona Antônia Edineuda Abreu Pedrosa Lima, Dona Vera Lúcia Gonçalves, Dona Maria José Gonçalves Aires, Dona Francisca Gonçalves Cavalcante, Dona Iolanda Feitosa, Dona Maria Marilene Feitosa, Dona Maria Martins de Oliveira, Dona Rejany Maria Cavalcante de Oliveira, Senhor Antônio Maria Gomes, Dona Aléssia Fei-tosa Florêncio, Dona Idelvânia Rosenda Gonçalves, Dona Idelmária Ferreira Soriano, Dona Marta Valeria Lima Mota, Cleomar Vércia Araújo Holanda, Sen-hor Manoel Siqueira de Sousa, Dona Maria do Socorro Bezerra Fernandes,

Dona Elcina Bezerra de Oliveira, dentre muitas outras renomadas e dedicadas senhoras e senhores tauaenses.

XLV - Outros profissionais renomados de Tauá

Antônio Américo Pereira da Silva, engenheiro Militar, Falconete Cavalcante Fialho, engenheiro agrônomo, Manoel Enéas Alves Mota, engenheiro civil, Paulo Loiola, engenheiro civil, Manoel Cidrão, engenheiro civil, Luciano Cidrão, engenheiro civil, Adjacir Cidrão Filho, engenheiro civil, José Simeão Cidrão, engenheiro civil, Miguel Gonçalves Ribeiro, engenheiro civil, José Rêgo Filho, engenheiro civil, Helder Castelo, engenheiro civil, Helder Castelo Filho, engenheiro civil, Tyrone Castelo, engenheiro civil, Norberto Benevides, engenheiro civil, João Fernandes Mota, engenheiro civil, Amilton Júnior, engenheiro civil, Wandrick Landri, engenheiro civil, Joaquim Citó Feitosa, engenheiro civil, Mariano Gonçalves, engenheiro civil, Joel Nogueira, engenheiro agrônomo, Paulo Airton, engenheiro agrônomo, Emanuel Maia Mota, engenheiro civil, dentre muitos outros.

- Emanuel Maia Mota. Jovem engenheiro tauaense, filho de Manoel Enéas Alves Mota e Dona Isabel, por sua liderança, dedicação e competência a que tem devotado a sua classe, foi escolhido e exerce a Presidência do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Ceará – CREA, por dois biênios consecutivos.

XLVI - David Arison da Rocha Bezerra Cavalcante.

Advogado militante. Filho de Francisco Bezerra Cavalcante e Rociélia da Rocha Cavalcante. É casado com a Senhora Katherine Mesquita Bezerra, com quem tem uma filha, Maria Clara. É graduado pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), pós-graduado em Direito Empresarial pela Faculdade de Economia e Finanças Ibmec. Foi, por dois triênios, Conselheiro estadual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção Ceará; foi também membro da Comissão Nacional de Direito Notarial do Conselho Federal da OAB do Brasil e da Comissão Eleitoral da OAB, seção Ceará. Faz parte da Sociedade simples, Rocha Bezerra Advogados Associados. Atualmente exerce por nomeação legal, o cargo de Presidente da Etufor – Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza.



XLV.II -Dayara Áquila da Rocha Bezerra Saldanha.

Nutricionista. Filha de Francisco Bezerra Cavalcante e Rocidelia da Rocha Cavalcante. É casada com o defensor público Dr. Alexandre de Moraes Saldanha, com quem tem uma filha, Alice. É graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em Ciências da Nutrição. Especialista em Nutrição Clínica – Metabolismo, Prática e Terapia Nutricional. É detentora de inúmeros cursos de aprimoramento profissional, além de participação efetiva em diversos encontros e congressos voltados ao seu campo de atuação. É assessora especial da Casa Civil do Estado do Ceará, lotada na Cédula de proteção social, cidadania, mulheres e direitos humanos. Exerceu no Hospital e Maternidade José Martiniano de Alencar, em Fortaleza, as funções de atendimento nutricional pré e pós-operatório para pacientes com endometriose, supervisora do núcleo de pacientes externos, respondendo pela coordenação da divisão de nutrição e dietética, atendimento nutricional ambulatorial em pré e pós-operatório de cirurgia metabólica e preceptora de estágio supervisionado em nutrição clínica da Universidade de Fortaleza. Também foi preceptora em estágio supervisionado em nutrição clínica do Centro Universitário Estácio de Sá Nutricionista junto a empresa ISM Gomes de Matos. Representante comercial da Coretti Medicamentos. Atendimento em Home Care em nutrição, inclusive domiciliar. Estágio em diversas entidades em nutrição. Exerce ademais, na atualidade, atividade funcional em nutrição junto a Clínica Vitalidade, de propriedade de sua cunhada, Dra. Carina Bandeira Bezerra, Referida clínica médica, foi concebida e instalada no ano de 2016, com a finalidade e concepção de integralidade da atenção à saúde do adulto e do idoso, mediante o trabalho de inúmeros profissionais voltados para o atendimento destinado a esse público.



XLVI - Filhos de Tauá em destaque no jornalismo e na radiodifusão

Foram muitos os tauaenses que se destacaram no espaço do jornalismo e na radiodifusão. Dentre tantos, citamos: Vital Bizarria (Jornalista), Raimundo Bizarria (Jornalista), Hermann Hesse (Jornalista), Antônio Viana de Carvalho (Jornalista e radialista e radialista), Cândido Meireles (Jornalista), Vicente Alves Feitosa (Jornalista), Joaquim Pimenta (Jornalista), Manoel de Araújo Feitosa (Jornalista); Radialistas, Sampaio Moreira, Flaviana Xavier, Edyr Fernandes, Tomaz Júnior, Radir Rocha, Helvécio Martins, Wilrismar Holanda, Sandro Alemão, Simone Silva, Dutra Paixão, Alverne Lacerda, Flaviana Xavier, Edir Fernandes, Tomás Júnior, Flaviano Oliveira, Franze Mota, Antônio Manoel, Lindon Johnson, Waldizon Silva, Daniel Soares, Patrícia Amorim, Raimundo Victor, Jorge Hauser, Jota Silva, dentre muitos outros.

Na atualidade, tem destaque no mundo jornalístico e radiofônico, os tauaenses Antônio Viana de Carvalho e Herman Hesse Feitosa Alexandrino, os quais pelo trabalho que desenvolvem no espaço jornalístico regional são para todos os cearenses, referências.

XLVI.I - Antônio Viana de Carvalho



Antônio Viana de Carvalho é filho de Abraão Scarcela de Carvalho e Antônia Viana de Carvalho (conhecida como "Dona Dazinha"). Nasceu no distrito de Vera Cruz, hoje Inhamuns, em Tauá, no dia 12 de abril de 1949. Tem treze irmãos, formando uma família de quatorze filhos. São seus irmãos: Fátima, José (falecido), João, Francisco, Joaquim, Luiz, Carlos Alberto, William, Abraão Filho, Maristor, Maria Viana (Cemária), Emídio César e Balbina Marne.

Suas primeiras letras foram com a professora Noêmia, no próprio distrito. Desde os primeiros momentos de sua vida estudantil, deu demonstrações de amor ao jornalismo. Estudante do Ginásio e Escola Normal Antônio Araripe, logo na sua infância, fundou o Jornal "O Trici", que retratava a cobertura dos acontecimentos do Colégio e do Município como um todo. Coursou até a 3ª série (equivalente hoje à 7ª série do 1º grau). No ano de 1967, transferiu-se para Fortaleza onde concluiu o 1º e o 2º grau no Liceu do Ceará. Não se submeteu ao vestibular. Em 1965, passou a ser correspondente dos principais jornais de Fortaleza, com destaque para o "Gazeta de Notícias" e "Tribuna do Ceará". Casado com a sua conterrânea Sra. Regina, formada em pedagogia, tem três filhos: Antônio Viana de Carvalho Júnior, George César do Carmo Carvalho e Regiane do Carmo Carvalho. Possui o título de Cidadão Fortalezaense, Caucaia, Pacatuba, Ocara, Caridade, Umirim, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Aracoiaba, Pentecoste, Itapiúna e Apuiarés. Foi reconhecido com Notoriedade em Municipalismo e medalha do Mérito Legislativo, pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e Câmara Municipal de Fortaleza. Recebeu a machadinha do Corpo de Bombeiros, o título de Amigo dos Bombeiros, o título de Amigo da Polícia Militar, do bairro de João XXIII e, ainda, o Troféu Amigo da Ettusa e a Medalhas do Mérito Francisco Soares de Carvalho e Prefeito Antônio Jataí Sobrinho, agraciado pela sua terra natal Tauá. É sócio remido do Cascatinha Clube de Serra, em Maranguape, e do Recreio Clube de Campo, em Fortaleza, por reconhecimento de suas diretorias aos serviços prestados pelo referido profissional aos interesses da sociedade cearense. Ingressou por concurso no DAER, hoje DERT. Depois na CITELC, depois COTELCE/TELECEARÁ e na antiga TELEMAR. Foi funcionário do Jornal O POVO durante 9 anos, seis meses e quinze dias, atuante ao lado do saudoso jornalista Edgar Costa, como sub-editor da Página dos Municípios. Foi comentarista dos assuntos municipalistas e políticos da TVE (hoje TVC), durante 5 (cinco) anos, até o primeiro governo de Tasso

Jereissati. Foi colaborador efetivo com coluna e página de interior durante 25 (vinte e cinco) anos em Tribuna do Ceará. Após 32 anos, trabalhando na Rádio Dragão do Mar de Fortaleza, com dois programas diários, de segunda à sexta-feira, de 6h às 7:30h e de 11h às 14h, cobrindo destacadamente com repórteres especializados, os trabalhos na Câmara Municipal de Fortaleza e Assembleia Legislativa, além de todos os eventos municipais, sejam na capital ou interior do Estado. Desde 18 de junho de 2002, é colunista do Jornal O Estado. Sua retomada ao trabalho radiofônico, a partir de primeiro de dezembro de 2008, no Grupo Cidade de Comunicação, através da Rádio Cidade AM 860, em dois horários, isto é, de 06h30min às 8 horas e de 10 as 11 horas, de segunda a sexta-feira. O jornalista Antônio Viana tem sido um dos maiores divulgadores dos assuntos municipalistas, apoiando todas as iniciativas das Câmaras Municipais, Prefeituras e, em especial, todos os embates acompanhados e de interesse da União dos Vereadores do Ceará - UVC, Associação dos Prefeitos do Estado do Ceará - APRECE e, quando existente, o extinto Tribunal de Contas dos Municípios - TCM, hoje Tribunal de Contas do Estado. O jornalista Antônio Viana de Carvalho tem enraizado em sua personalidade de homem de comunicação, a notória especialização pelos assuntos comunitários, por assim dizer, municipalistas. Antônio Viana de Carvalho, como radialista, integra: O Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Estado do Ceará; Diretor de Comunicação da Associação Cearense de Jornalistas do Interior - ACEJI; Pertence aos quadros da Associação Cearense de Imprensa - ACI; Ex-Presidente (em dois mandatos), do Comitê de Imprensa da Assembleia Legislativa, onde, atualmente, é membro do Conselho Superior; Foi Vice-Presidente do Comitê de Imprensa, Rádio e Televisão da Câmara Municipal de Fortaleza. É membro da Academia Tauaense de Letras onde integra a cadeira de nº 16.²⁰⁴ Atualmente é voz ativa junto aos Sistemas AVOL – Antônio Viana Online e Rede Facebook de Comunicação, além de comandar programa diário na rádio AM Cidade 860, com o título Política Especial.

XLVI.II - Herman Hesse Feitosa Alexandrino



Jornalista formado pela UFC, em 1996, nasceu em Tauá, em 18 de abril de 1971. Sua carreira profissional começou em 1989, ainda no primeiro semestre do Curso de Comunicação Social, na Rádio Universitária FM. Um ano depois foi contratado pelo então diretor de jornalismo da TV Cidade de Fortaleza, jornalista Oscar Bezerra, para a função de repórter. Durante 3 meses, período de greve dos professores da UFC, trabalhou também como repórter e apresentador da então TVE (hoje TVC). Em setembro de 1991, foi chamado para ocupar

²⁰⁴ Disponível em: http://www.tonioviana.com.br/2009/site/lista_conteudo.php?id=18.

uma vaga de repórter na TV Verdes Mares. Durante 19 anos e meio atuou na emissora afiliada da Rede Globo, desempenhando outras funções, até chegar ao cargo de editor chefe e apresentador do CETV – 2ª Edição, jornal com maior índice de audiência da TV cearense. Em fevereiro de 2011, foi chamado para coordenar os veículos de Comunicação Social da Assembleia Legislativa do Ceará (TV Assembleia, FM Assembleia 96,7, jornal AL Notícias, Revista Plenário e a Agência de Notícias do Portal da Assembleia Legislativa na Internet. Casado com a bancária Elizabeth Fontenele Alexandrino, com quem tem 3 filhos: Hermano, Helano e Hélade Fontenele Alexandrino. Atualmente, é coordenador de comunicação do Grupo Cidade de Comunicação.

XLVI.III – Jornalistas e radialistas em exercício e em destaque em Tauá

Em Tauá, através das ondas de suas rádios e de blogs especializados e de grande sucesso, tem destaques.

XLVI.III.I – Helvécio Martins

Grande comunicador de Tauá é filho de duas exponenciais figuras de nossa terra, os saudosos Expedito Laurindo e Marieta Martins, os quais pela grandeza pessoal e espiritual pelas quais eram possuidores, além de deixar uma prole séria e vitoriosa, prestaram grandes serviços à nossa Tauá, seja no lado social e político e, que não devem ser esquecidos. A sapiência e a desenvoltura comunicativa impar de Helvécio, fizeram-no por esforço próprio, ser vencedor na tão importante profissão jornalismo, considerada hoje, a escola maior da defesa social. Além de ter laborado em emissoras de rádio da cidade de Tauá, sua terra natal, também a exerceu em Crateús. O trabalho profícuo que realiza no campo do jornalismo e da radiodifusão, o fez idealizar e manter com raríssimo destaque, a titularidade do "Blog do Elvécio", "Rádio Web", além de inúmeras participações na comunicação pela internet. Faleceu recentemente na nossa Tauá, vitimado que foi pela COVID-19.

XLVI.III.II – Sampaio Moreira

Outro grande comunicador tauaense, por sinal meu ex-aluno, se destaca na radiofonia de nossa terra, como administrador da Rádio Cultura dos Inhamuns e na apresentação do programa "Opinião do Povo", jornalismo de alta qualidade e penetração nos sertões dos Inhamuns.

XLVI.III.III – Flaviana Xavier

Radialista apresentadora do programa de variedades "Manhã de Sucesso", da Rádio Cultura dos Inhamuns, tem desenvolvido o seu trabalho com uma desenvoltura invejável, daí, o sucesso obtido ao longo dos anos no meio dos ouvintes conterrâneos.

XLVI.III.IV – Edy Fernandes

Comunicador de escola faz o programa Opinião do Povo com o seu colega Sampaio Moreira. Criou "Blog Edy Fernandes", instrumento de comunicação aos sertões dos Inhamuns.

XLVI.III.V – Radir Rocha

Também, um dos meus ex-alunos vitoriosos. Radir, filho adotivo de Tauá, é exímio comunicador, poeta, ex-vereador e apresentador dos programas "Saudade não tem idade" e "Tribunal Popular", junto a Rádio Difusora dos Inhamuns. Pela sua desenvoltura cultural tem sido porta voz de muitos e muitos movimentos na nossa terra, seja no espaço social e ou político.

XLVI.III.VI – Wilrismar Holanda

Reconhecido comunicador de nossa terra, tem programação efetiva junto a Rádio Difusora dos Inhamuns, além de ter desenvolvido e com rara criatividade informativa, mantido o seu Blog de nome "Blog do Wilrismar".

XLVI.III.VII – José Alverne Lacerda

Ícone da radiofonia tauaense trabalhou por muito tempo na Rádio Cultura dos Inhamuns, apresentando e criando, salvo melhor juízo, o programa "Opinião do Povo", hoje, apresentado por Sampaio Moreira. Alverne é ex-vereador de nossa terra e, atualmente, emprestando a sua cultura, voz e desprendimento a "Rádio Trici FM", apresenta o programa "Alerta Geral" de grande expressão comunicativa nos sertões dos Inhamuns.

XLVII - Profissionais tauaenses envolvidos com a medicina – odontologia – fisioterapia – nutrição – fonoaudiologia e outros

No campo da Medicina, da Odontologia, da Fisioterapia, da Nutrição, da Fonoaudiologia, dentre outros filhos de Tauá, destaco pela importância alcançada ao longo dos tempos: Bernardo de Castro Feitosa, Odontólogo, o Dr. Júlio Gonçalves Rêgo Geriatria e Gerontologia, Dr. Domingos Gomes de Aguiar, Dr. Pedro Wilson Leitão Lima, Cirurgião Geral, Ginecologista e Mastologista, Dr. Mariano Araujo Freitas, Ginecologista, Dr. Edilberto Feitosa Filho, Cardiologista, Dr. Francisco Antônio Gonçalves Loiola, Cirurgião Geral, Dr. Francisco Tadeu Leitão Feitosa; Cirurgião Geral, Dr. Francisco Hidelbrando Alves Mota, Cirurgião geral e clínico geral, Dr. Carlos Windson Cavalcante Mota, Traumato-ortopedista, Dr. Joel Campos, Generalista, Dr. Francisco Alves Passos, Dra. Irna Mota Passos Teixeira, Dr. Guilherme Mota Passos, Dr. Roney Reis Gonçalves, Dr. Ronaldo César Alexandrino Cidrão, Dr. Leandro Maciel Feitosa e Castro, Dr. Pedro Lins Neves Feitosa, Dr.

Rodrigo Veloso Viana de Abreu, Dr. Fabrício Veloso Soares Viana de Abreu, Dr. Diego Abreu Marques, Dr. Edwilson Custódio Francelino, Dr. Jose Clean Benevides de Lima, Dr. José Alano Benevides, Dr. José Newton Benevides, Dr. Paulo Victor Fernandes Sales, Dr. Ulisses Cidrão, Dr. Lauridson Loiola, Dra. Hayssa Feitosa, Dra. Samara Kelly Bezerra Gomes Bonfim, Dra. Fátima Veloso, Dra. Cindya Uchoa, Dra. Raissa Gonçalves Lima, Dra. Irene Maia, Dra. Poliana Martins, Dra. Laura Cidrão, Clínico Geral, Endoscopia, Gastroenterologista, Dra. Leila Maria Alexandrino Cidrão Feitosa, Dr. Perboyre Gomes Castelo, Dr. Francisco Araújo Gomes, Dr. Alcides Feitosa Filho, Dr. Itamar Loiola Citó, Dr. Alcides Feitosa Filho, Dr. José Clayton Lima Cavalcante, Farmacêutica Nenen Borges, Dr. Juts Erico Cavalcante Dias, Dr. Edyr Lincon Cavalcante Dias, Dra. Laura Cidrão, Dra. Dayara Áquila da Rocha Bezerra, Nutricionista, Dra. Deysen Kerla Fernandes Bezerra Girão, Enfermeira, Dra. Sterlane Kilvia Fernandes Bezerra de Sousa, Farmacêutica, Dr. Paulo de Tarso Bezerra, Gestão Hospitalar, Dr. Antônio Luiz Paixão Sobrinho, Odontólogo, Dr. Márcio Eugênio Cavalcante Paixão, Fisioterapeuta, Dra. Maria Geisa Cavalcante Paixão Feitosa, Fonoaudióloga, Dr. Diogo Gonçalves Cavalcante, Odontólogo, Dra. Maitê Mota Cavalcante, Psicóloga, Dra. Luiza Vitória Cavalcante Martins, Médica, Dra. Lucrecia Cibele Feitosa Cavalcante, Médica, Dra. Larissa Feitosa Cavalcante, Médica, Dr. José Clayton Lima Cavalcante, Fisioterapeuta, Dra. Luana da Silva Cavalcante, Enfermagem, Dra. Maria do Rosário Lima Cavalcante Coelho, Terapeuta Ocupacional, Dr. Antônio Allan Cavalcante Coelho, Educador Físico, Dr. Daniel Scarcela Venâncio Júnior, Radiologista, Dra. Irene de Castro Maia, ginecologista, Dr. Jaime Alexandrino Nogueira, Dr. José Leite de Oliveira, anestesista, Dra. Francisca Maria Oliveira Andrade (Tati), pediatra, Dra. Laura Cidrão, Gastroenterologista, Dra. Zefinha Nogueira, Dra. Abigail Freitas Feitosa, Dr. Rafael da Silva Cavalcante, médico, dentre muitos e muitos tauaenses ilustres.

XLVIII - No campo do Direito

Encontramos: Antônio Leopoldino de Araújo Chaves, formado em direito em 1935, pela Academia de Olinda; Felipe Raulino de Sousa Uchoa, Desembargador; Francisco Primeiro de Araújo Cito, Magistrado; José Fernandes Vieira Bastos, Juiz de Direito, João Fernandes Vieira, Promotor Público, Dr. Aroldo Mota, advogado, jurista e escritor; Francisco Bezerra Cavalcante, Desembargador; Francisco Pedrosa Teixeira, Desembargador; Francisca Neuma Dias, Juíza de Direito; Washington Oliveira Dias, Juiz de Direito; José Ósimo da Silva Câmara, Magistrado; Dr. Sinézio Bernardo de Oliveira, Juiz do Trabalho; Agildo Pereira Nogueira, advogado; Dr. José Gonçalves Lima, advogado; Dr. José Viana de Abreu, advogado; Dr. Carlos Feitosa, Magistrado; Conselheiro Odilon Aguiar Filho; Dra. Georgia Gomes Aguiar, Procuradora de Justiça; Dr. Odilon Gomes Aguiar, Procurador de Justiça; Dr. Solono Mota Alexandrino, advogado; Dr. João Castelo Sobrinho, Delegado de Polícia; Dr.

Milton Castelo Filho, Delegado de Polícia; Dr. Carlos Gomes, Delegado de Polícia; Dr. Cícero Cordeiro Fortuna, advogado; Dr. David Arison da Rocha Bezerra Cavalcante, Advogado; Dr. Tyrone Cavalcante de Oliveira, advogado; Dr. Augusto Fernandes de Oliveira Neto, Bacharel em Direito; Dr. Denis Anderson da Rocha Bezerra, Advogado; Dra. Raysa Morgana Fernandes Bezerra, Advogada; Dra. Nadiane Alexandria Bezerra Cavalcante, Advogada; Dr. Renato Arrison Moreira Cavalcante, Bacharel em Direito; Dr. Fúlvio Emerson Gonçalves Cavalcante, Advogado; Dr. Diego Gonçalves Cavalcante, Advogado; Dra. Desiree Cavalcante Ferreira, Advogada; Dr. Wilgo Cavalcante Ferreira, Advogado; Dra. Luiza Bárbara Cavalcante Martins, Advogada; Dra. Gabriela Feitosa Cavalcante, Advogada; Dra. Leonor Leite, Advogada; Dra. Adalgisa Maria Veloso Soares, Advogada; Dra. Agrailda de Sousa Evangelista, advogada; Dr. Aleff David Benevides Cavalcante, advogado; Dra. Ana Paula Leite Torres, advogada; Dra. Anna Nathalia Cavalcante de Carvalho, advogada; Dr. Antônio Moreira Cavalcante, advogado; Dr. Armando Martins de Oliveira, advogado; Dr. Arthur Gomes Bonfim Mendonça, advogado; Dr. Audic Cavalcante Mota Dias, advogado; Dra. Camila Rodrigues Machado, advogada; Dr. Carlos Augusto Custódio Lima, advogado; Dra. Danyele Gonçalves de Oliveira, advogada; Dr. Douglas Teixeira de Souza, advogado; Dra. Elayne Christina Martins Feitosa, advogada; Dra. Eldair Maria Gonçalves Cavalcante, advogada; Dra. Elida Rianne Pedroza de Castro, advogada; Dr. Emanuel Sales Holanda, advogado; Dra. Erica Loiola Amorim, advogada; Dr. Felipe Gonçalves e Silva, advogado; Dr. Fidel Alves Pereira Rêgo Maranhão, advogado; Dra. Francisca Vérica Oliveira Ferreira Sales, advogada; Dr. Francisco Adriano Luz do Nascimento, advogado; Dr. Francisco Augusto Oliveira Paes de Andrade, advogado; Dr. Francisco Gonçalves Siqueira, advogado; Dr. Francisco Jurandir Tenório Júnior, advogado; Dra. Gabriela Feitosa Cavalcante, advogada; Dra. Geíza Gonçalves Veríssimo, advogada; Dr. Genival Coutinho Sobrinho, advogado; Dr. George Luis Gonçalves Lopes, advogado; Dr. Hepaminondas Feitosa Sobrinho, advogado; Dr. Igo Gomes de Araújo Feitosa, advogado; Dra. Isis Layane Cavalcante Brito, advogada; Dr. José da Costa Leitão Lima, advogado; Dr. José Gonçalves Lima advogado; Dr. José Leandro Scarcela Melo, advogado; Dra. Letícia Tayanara Paiva Lima, advogada; Dr. Luciano Araújo Lima, advogado; Dra. Lurdiana Bezerra Custódio Mota, advogada. Dra. Anátalia Massilon, advogada; Dr. Idalmir Feitosa, advogado; Dr. Manuel Teixeira de Carvalho, advogado; Dr. Marco Aurélio Moreira de Aguiar, advogado; Dr. Marcos Siqueira Silvério, advogado; Dra. Maria do Socorro Mariz Feitosa, advogada; Dra. Maria Regina Marcelino Gonçalves, advogada; Dr. Mateus Siqueira Silvério, advogado; Dr. Maycon Anderson Firmino de Sousa, advogado; Dra. Monique Pimentel Gonçalves Viana, advogada; Dra. Nadiane Alexandria Bezerra Cavalcante, advogada; Dr. Odilon Vieira Gomes Neto, advogado; Dra. Olga Rodrigues Loiola, advogada; Dra. Paloma Gonçalves de Sousa, advogada; Dra. Patrícia Kécia Noronha Santiago Cavalcante, advogada; Dr. Porfírio Feitosa Sobrinho, advogado; Dra. Raquel Ricarte Melo Magalhães, advogada; Dra. Rauena Oliveira Cavalcante, advo-

gada; Dra. Renata Pimentel Castelo, advogada; Dr. Renê Cordeiro Gomes de Freitas, advogado; Dr. Ricardo Cavalcante Feitosa Medeiros, advogado; Dra. Mariz Rivna Barreto Cavalcante, advogada; Dra. Ronisa Alves Freitas, advogada; Dra. Taysla Gonçalves do Nascimento, advogada; Dra. Vanessa Nunes Holanda, advogada; Dra. Veronilda Oliveira Cavalcante, advogada; Dr. Wellington Rodrigues Medeiros; Dr. Jeferson Cavalcante de Lucena, advogado; Dr. Thiago Emanuel Alexandrino de Oliveira, advogado; Dr. Rafael Mota Reis, advogado; Dr. Antônio Feitosa (Tui), Delegado de Polícia; Dr. Joaquim Gonçalves Feitosa, advogado; Dr. Francisco Franciello Lins, advogado; Dra. Maria Leonor Leite de Oliveira, advogada; Dr. Miguel Gonçalves Ribeiro, advogado; Dr. Isael Bernardo de Oliveira, advogado; Dr. Edmilson Barbosa, advogado, Dr. Elcides Bezerra Cavalcante Neto, e Dra. Guiomar Feitosa de Albuquerque Lima Mendes. A ilustre tauaense, por sinal é casada como o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Ferreira Mendes. Dentre vários outros conterrâneos ilustres.

XLIX - A Justiça no município de Tauá – Origens – Comarca de Tauá

O sistema judiciário do Brasil teve como embrião, segundo nos ensina Aliomar Baleeiro ²⁰⁵, a chegada de Pedro Borges, o ouvidor-geral, que veio em 1549, na companhia do primeiro governador-geral Tomé de Souza e se instalou na Bahia. Pedro Borges era magistrado de carreira e tinha sido corregedor do reino de Algarve. A esse desembargador cabia recorrer de decisões tomadas pelos ouvidores de comarca, que tinham jurisdições sobre a respectiva capitania e cuidavam de resolução de conflitos jurídicos nas vilas. Até a criação da primeira Relação no Brasil, que se deu na Bahia²⁰⁶, o ouvidor-geral organizou a justiça e se constituiu na instância máxima, para quem eram enviados os recursos das decisões dos juízes ordinários eletivos e dos juízes de fora designados pelo rei²⁰⁷.

Atendendo as reclamações sobre abusos e medidas arbitrárias cometidas pelo ouvidor-geral, em 1587 a Coroa Portuguesa decidiu criar a Relação da Bahia (tribunal de segunda e última instância), que não chegou a ser instalada pela ausência de parte dos desembargadores que não desembarcaram no Brasil. Essa Corte de Justiça, somente foi instalada em 2 de março de 1609.²⁰⁸

Como observa Procopiuck²⁰⁹, esse Tribunal de Apelação no Brasil²¹⁰, através do alvará de 5 de abril de 1626, foi suspenso, sendo restabelecido,

²⁰⁵ Citado pelo Ministro Carlos Veloso ex-presidente do Supremo Tribunal Federal na apresentação da obra de Nequete (2000^a).

²⁰⁶ O regimento da primeira Relação com sede na Bahia data de 25 de setembro de 1587 e sua instalação somente ocorreu em 7 de março de 1609, sob o novo regimento dado pelo rei Felipe II (ou Felipe III na Espanha). Esta relação era presidida pelo Governado-Geral do Brasil e formado por dez desembargadores que desempenhavam as seguintes funções: três agraviatas; um ouvidor-geral; um juiz de feitos da Coroa e Fazenda e promotor de justiça; um provedor dos defuntos e resíduos; e dois desembargadores extravagantes.

²⁰⁷ Naquela época vigiam as ordenações manuelinas, substituídas posteriormente pelas ordenações filipinas, que vigoraram no Brasil, no campo criminal até a vigência do Código Criminal de 1830, e no campo cível, até a promulgação do Código Civil Brasileiro de 1916, conhecido pelo Código Beviláqua.

²⁰⁸ SCHWARTS, Stuart B. Burocracia e Sociedade no Brasil Colônia. São Paulo: Perspectiva, 1979, pág. 17.

²⁰⁹ PROCOPIUCK, Mário. Políticas Públicas e Fundamentos de Administração Pública. São Paulo: Atlas, 2013, pág. 323.

²¹⁰ O autor destaca os motivos que levaram a suspensão do funcionamento desse Tribunal de Apelação, como sendo os seguintes: a) altos custos decorrentes da manutenção de tropas e de fortificações na defesa da invasão holandesa entre os anos de 1624 e 1625; b) as críticas da elite colonial sobre a interferência em seus negócios; e c) o conflito de interesse entre a Relação da Bahia e os órgãos administrativos, e os problemas gerados pela burocracia institucional.

somente, em 12 de setembro de 1652, segundo afirma, um avanço rumo à autonomia judiciária no Brasil.

A história mostra segundo Vasconcelos²¹¹, que até o final do século XVII, na Capitania do Ceará não havia vida civil, por falta de famílias organizadas e, até mesmo de propriedade das terras. Era reduzido o quantitativo demográfico e incipiente o sistema político-administrativo. Sabe-se que, os anos finais do século XVII e as primeiras décadas do século seguinte, foram anos difíceis e tormentosos em razão de lutas contra os indígenas e das represálias desses ataques, com o roubo de gado e outros atos cometidos. A Justiça, nessa época, decidia com base em privilégios e era marcada por desvios de conduta. Considera-se que à época, a única justiça cabível era a aplicação à tropa, na punição de insubordinados e desertores, ou das aldeias a cargo dos missionários, sujeitos, naquele tocante, ao eclesiástico. A capitania do Ceará, somente, passou a ser considerada uma entidade político-civil, quando instalou a sua primeira vila como sede administrativa. Antes dessa medida, contudo, através da ordem régia de 27 de dezembro de 1693, o rei Dom Pedro II, determinou ao governado e capitão-general de Pernambuco, a quem a Capitania do Ceará era vinculada, a formação de povoações com o objetivo de agrupar os moradores e que fossem preparados regimentos para regê-los nas questões políticas, no civil, e na administração da justiça²¹².

Até o final do século XVII, o Ceará, como observa Aragão²¹³, permaneceu *“sem nenhum sistema próprio de estruturação política ou judiciária”*. Para o exercício da justiça, a Capitania do Ceará²¹⁴ estava subordinada à Relação da Bahia, instalada em 1609. E após a criação do Estado do Maranhão, ficou vinculada a este, até 1656. Desde esse ano, passou a depender da Capitania de Pernambuco até 1799, muitas vezes, sofrendo dupla dominação. Nesse período, a Justiça do Ceará era exercida por órgãos precários e distantes, o que inviabilizava a fruição desse direito, em especial, por aqueles despossuídos de recursos.

Com a decisão de criar a vila, os sesmeiros, que representavam à quase totalidade da população branca dentre os moradores da Capitania do Ceará, decidiram fazer a eleição da primeira Câmara no Iguape, em 25 de janeiro de 1700, sendo eleitos vários juizes ordinários e vereadores. Deu-se início, então, na Capitania do Ceará, uma nova história administrativa e judiciária. As câmaras representavam uma delegação das atribuições do representante da justiça, administrada em nome do rei, por meio das ouvidorias, cabendo a Presidência ao juiz ordinário, ficando elas sujeitas às correições do magistrado superior²¹⁵.

211 VASCONCELOS, Abner Carneiro de. História Judiciária do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1987. Volume I e II, pág.220.

212 NOBRE, Geraldo da Silva. Notas para a História Jurídica do Ceará, in: VASCONCELOS, Abner Carneiro de. História Judiciária do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1978. Volume I, Fortaleza, 1987, pág. 17.

213 ARAGÃO, R. Batista. História do Ceará. Fortaleza: IOCE, sd. Volume I, 178, I.

214 FERREIRA, Neto (2013) catalogou importantes fontes bibliográficas (impressos e arquivos) sobre a história do Ceará.

215 NOBRE (1974: 20) menciona uma disputa sobre onde deveria situar a Câmara da primeira vila do Ceará, se no Iguape (Aquirá) ou se na povoação onde ficava o forte de Nossa Senhora da Assunção (Fortaleza), onde assistia o capitão-mor. Por fim, a vila de São José de Ribamar do Aquirás foi instalada, em 1713, pelo ouvidor e corregedor da capitania da Paraíba, desembargador Cristóvão Soares Reimão.

Com o aumento da ocupação e povoamento do território cearense e em razão de longas distâncias e riscos nas viagens até a Comarca, em 19 de julho de 1713, os oficiais da Câmara da cidade de Natal, solicitaram ao rei Dom João V, que fosse nomeado para o Rio Grande do Norte um ouvidor-geral com correição no Ceará, se desligando, assim, da Capitania da Paraíba. Através da Provisão Régia de 7 de janeiro de 1723, o Ceará desvinculou-se da Paraíba, passando a contar com ouvidores próprios, sendo nomeado o bacharel José Mendes Machado, o qual foi empossado em 14 de abril de 1723.

Segundo AROLDO MOTA, em 1791, o último Capitão-mor de Pernambuco e do Ceará, Luis da Motta Fêo e Torres, nomeou o Capitão José Alves Feitosa, Juiz Ordinário e Juiz de Órfão de São João do Príncipe. Tratava-se de um potentado com relevantes serviços prestados à região e ao Estado²¹⁶.

Com a transferência da Família Real para o Brasil²¹⁷, em 1808, ensejou-se à criação de várias instituições administrativas, financeiras, educacionais, militares, inclusive, mudança na organização do Poder Judiciário²¹⁸, porém, mantendo boa parte daquelas que já existiam. A jurisdição da Relação do Maranhão, criada por meio de Resolução de 23 de agosto de 1811 e disciplinada pelo regimento datado de 13 de maio de 1812, abrangia as Capitânicas do Maranhão, Pará, Rio Negro e Ceará Grande, ficando esta duas últimas separadas da Relação da Bahia.²¹⁹ Posteriormente, a Relação do Pernambuco, criada pelo alvará de 6 de fevereiro de 1821, passou a abranger as províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e do Ceará Grande (que saiu da jurisdição da Relação do Maranhão).²²⁰

Com a expansão do povoamento, o administrador do Ceará enviou ofício ao Marquês de Aguiar expondo a necessidade de serem criados juizes de fora nas vilas do Crato e de São João do Príncipe (Tauá), onde os juizes ordinários presidentes das respectivas câmaras, encontravam grandes dificuldades para administrar a Justiça. Em 1º de agosto de 1815, o governador Sampaio apresentou um plano de reorganização da estrutura judiciária da Capitania do Ceará, ratificando a pretensão da câmara da Vila de Sobral, ao tempo que propunha que o Juiz de Fora da Vila de Fortaleza, exercesse atribuições idênticas na vila de Aracati e, ademais, mostrando a conveniência de nomeação de ministros letrados para as vilas do Icó, Crato e São João do Príncipe. Assim, por meio do Alvará de 27 de junho de 1816, Dom João VI, reestruturou a administração judiciária do Ceará, criando a Comarca do Crato. Este Alvará, também, criou um cargo de Juiz de Fora do cível, crime e

216 *Ibidem*, pág. 97.

217 A transferência da família real para o Brasil foi relatada com detalhes por Laurentino Gomes (2007) em sua obra denominada de 1808.

218 A Constituição de 1824 previu a criação do Supremo Tribunal de Justiça e Relações nas províncias. O STJ foi instalado pela lei de 18 de setembro de 1828.

219 A Justiça do Ceará era vinculada à Relação da Bahia, da qual foi desmembrada a Relação do Maranhão, por meio das Resoluções de 23 de janeiro de 1811 e de 5 de março de 1812. Esse novo tribunal passou a administrar a justiça nas capitânicas do Ceará Grande, Piauí, Pará e Rio Negro (Amazonas). A comarca do Ceará Grande ainda pertencia à Relação do Maranhão quando se deu a Revolução Pernambucana de 1817.

220 Essas novas relações eram formadas pelos seguintes membros: o governador da própria capitania; um chanceler; nove desembargadores, sendo sete de agravos e apelações cíveis; um ouvidor-geral do cível; um ouvidor do crime; um juiz de feitos da Coroa e Fazenda, servindo de juiz do fisco; um procurador da Coroa da Fazenda, servindo de promotor de justiça; um capelão; um guarda-mor; dois guardas-menores; dois escrivães das apelações; um escrivão dos feitos; um escrivão da chancelaria; dois escrivães da ouvidoria cível; um escrivão da ouvidoria do crime; um inquiridor do cível; um inquiridor do crime; um meirinho das cadeias; um escrivão destas; um médico; um cirurgião; um sangrador (que fazia sangria para fins médicos); e um carcereiro da cadeia da Relação. Todos recebiam vencimentos e gratificações, se não os escrivães que só percebiam custas, como bem narra Mathias (2009: 96).

órfão na Vila de Sobral, anexando-lhe as vilas de Granja, Vila Nova de El-rei (atual Ipu) e vila Viçosa Real.

As dificuldades na administração da Justiça continuavam. Além das longas distâncias, privilégios reinavam. Resquícios do feudalismo europeu afloravam. Escolas de Direito surgiram. Novos tempos apareceram, daí, os Inhamuns que permaneceu sob a jurisdição da comarca do Crato até 1832, quando a província foi dividida em seis comarcas, restaram os Inhamuns a pertencer à Comarca de Quixeramobim. Quatro anos mais tarde, em 1836, a Comarca de São João do Príncipe dos Inhamuns foi criada, através da Lei Provincial 52, de 25 de novembro de 1836.

Passando durante o decorrer dos anos por várias alterações, com o intuito de melhorar a estrutura judiciária, a otimização da prestação jurisdicional, alimentada por determinação emanada do Colendo Conselho Nacional de Justiça e, no particular, ao nosso município, o Tribunal de Justiça do Ceará, por seu Tribunal Pleno, através da Lei nº 17.119, de 14.12.19 (D.O. 16.12.19)²²¹ e, em seguida, pela Resolução de nº 05/2019, de 05 de dezembro de 2019, publicada no Diário da Justiça do dia 17 de dezembro de 2019, após várias e circunstanciais alterações acontecidas no tempo, criou a possibilidade da transformação da Comarca de Tauá, de entrância intermediária para entrância final. Referida resolução agregava à comarca de Tauá, Quiterianópolis.

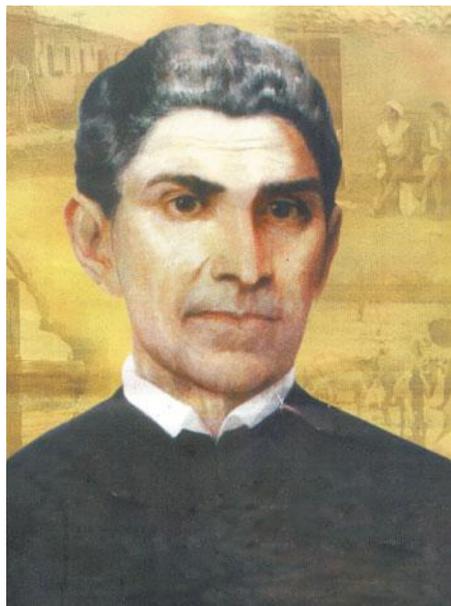
No dia 22 de outubro de 2020, graças à iniciativa inovadora do nosso Presidente, Desembargador Washington Luis Bezerra de Araújo, pela sua representação Plena, da qual faço parte com muito orgulho, o Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, aprovou à unanimidade, a Resolução de Nº 09/2020, regulamentando o art. 4º da Resolução de nº 05/2019, elevando em definitivo a nossa Comarca de Tauá para Comarca de Entrância Final, conforme dita o art. 2º do referido Ato Administrativo. Consignou-se, ademais, na oportunidade que agregada a Comarca de Tauá, restariam as Comarcas de Parambu e Quiterianópolis, criando-se, ademais, uma nova vara, no caso, a 4ª Vara. Tal alteração, graças à implantação efetiva da informática em toda a sua extensão, por certo virá contribuir para o desenvolvimento jurisdicional da comarca em benefício da própria comunidade. A comarca de Tauá passou então, a ser composta por quatro Varas, inclusive, especializada, e um Juizado Especial.

221 Art. 1º A Lei Estadual nº 16.397, de 14 de novembro de 2017, passa a vigorar com as seguintes alterações. Art. 20... I – da Entrância inicial para intermediária: população mínima de 30.000 (trinta mil) habitantes, e média anual de casos novos, considerado o último triênio ao da elevação, igual ou superior a 2.200 (dois mil e duzentos) feitos; II – da Entrância Intermediária para Final: população mínima de 100.000 (cem mil) habitantes, e média anual de casos novos, considerado o último triênio da elevação, igual ou superior a 5.000 (cinco mil) feitos; ... § 4º Preenchidos os requisitos dos itens I e II deste artigo, a elevação de comarcas conforme definida no art. 11 será efetivada, mediante Resolução do Pleno do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, com a aprovação de 2/3 (dois terços) de seus membros, sempre que necessário para a melhoria da prestação jurisdicional. § 5º O quantitativo de casos novos descritos nos incisos I e II poderá ser alterado, mediante Resolução do Pleno do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, com a aprovação de 2/3 (dois terços) de seus membros. § 6º As mudanças de entrância efetivadas pelo Tribunal de Justiça serão comunicadas à Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, acompanhadas da devida fundamentação técnica e dos critérios utilizados, conforme disposto neste artigo. Art. 20-A. A eventual elevação de comarca por ato do Tribunal de Justiça, nos termos do § 4º do artigo anterior, não impedirá o pagamento da gratificação de estímulo à interiorização – GEI -, observado o IDHM previsto no art. 20, § 1º, da Lei nº 14.786/2010. (NR). Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário. Palácio da Abolição, do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, 12 de dezembro de 2019. Camilo Sobreira de Santana. Governador do Estado do Ceará.

XLIX.I – Primeiro magistrado de Tauá – Biografia

Nas lições de Antônio Bezerra de Menezes²²², antes de abraçar o sacerdócio, foi o primeiro Juiz de Tauá, o Pe. José Antônio Pereira Ibiapina (Pe. Ibiapina).

José Antônio Pereira Ibiapina nasceu no dia 5 de agosto de 1806, em Sobral, Ceará, filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. Com a mudança da família para Icó, em 1816, passou a estudar na escola particular do professor José Felipe, iniciando, assim, sua educação formal. Agricultor em Sobral, seu pai foi exercer a função de tabelião público em Icó, sendo convidado, em 1919, para ocupar o mesmo cargo na Comarca do



Crato, onde Ibiapina frequentou aulas de religião com o vigário José Manuel Felipe Gonçalves. Na cidade de Jardim, Ceará, estudou latim com o mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo e terminou o curso de humanidades, sendo considerado apto para o Seminário de Olinda, em Pernambuco, onde ingressou em 1823, aos 17 anos de idade, com o objetivo de se tornar padre. Com a morte do pai – fuzilado em praça pública, no dia 7 de maio de 1825, em Fortaleza, por ter participado da revolução conhecida como Confederação do Equador –, Ibiapina teve que voltar ao Ceará para assumir e manter financeiramente a família, tendo que interromper seus estudos. Segundo alguns pesquisadores, foi nessa época que ele adotou o sobrenome Ibiapina,

uma homenagem do pai à povoação de São Pedro de Ibiapina, assim como outros confederados o fizeram, homenageando outros locais da região. Em 1828, matriculou-se novamente no Seminário de Olinda, sendo aprovado para o curso de Ciências Jurídicas e Sociais de Pernambuco, passando a morar no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Após uma brilhante trajetória, formou-se em Direito, bacharelando-se no final de 1832. Após a conclusão do curso, seu nome foi indicado para ser professor de Direito Natural, por proposta unânime da congregação dos professores. Para aproveitar o período de férias escolares, viajou para rever a família e amigos no Ceará, ocasião em que conheceu Carolina Clarence, por quem se apaixonou, marcando casamento para o próximo período de férias. Estava no exercício do magistério como professor substituto de Direito Natural na faculdade de Olinda, quando foi eleito Deputado Geral, para representar o Ceará na Assembleia Legislativa Nacional, no Rio de Janeiro. Depois do encerramento do ano

²²² BEZERRA, Antônio Menezes. NOTAS DE VIAGEM.

letivo, viajou para Fortaleza com o objetivo de casar e resolver sua nova moradia no Rio de Janeiro. Ao chegar, no entanto, constatou que sua noiva havia fugido e casado com o primo Antônio Sucupira. Em dezembro de 1834, após o encerramento do período legislativo no Rio de Janeiro, volta à Fortaleza, sendo nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia da Comarca de Campo Maior (hoje, Quixeramobim), no Ceará. Em 1835, retorna ao Rio de Janeiro para reassumir o parlamento como deputado, onde permaneceu até 1837, ano em que desistiu da vida política, passando a exercer a advocacia no Recife. Em 1838, foi convidado a advogar na Vila Real do Brejo de Areia, na Paraíba, fixando residência permanente no Recife, a partir de 1840, quando instalou um escritório de advocacia, no Pátio do Carmo, tendo advogado na cidade por dez anos. Foi considerado um dos mais conceituados advogados do Recife e conhecido como defensor dos pobres. A partir de 1850, no entanto, resolveu abandonar a carreira e passou a morar numa pequena casa no sítio Caxangá, no Recife. Dedicou-se a rezar, meditar, estudar teologia e filosofia, além de fazer caridade. Três anos depois, resolveu seguir o sacerdócio, ordenando-se em julho de 1853, aos 47 anos de idade, como Padre Ibiapina. Celebrou sua primeira missa na Igreja da Madre de Deus, no Recife. Foi nomeado vigário geral e doou tudo que possuía demonstrando o desapego aos bens materiais. Seus livros de Direito foram doados ao curso jurídico de Olinda. Em 1854, por decreto Imperial, foi nomeado lente de Eloquência Sagrada do Seminário de Olinda, tornando-se professor de História Sagrada e Eclesiástica da instituição, em janeiro de 1855. No dia 8 de dezembro, desse mesmo ano, alterou seu nome para José Antônio de Maria Ibiapina, em homenagem à Imaculada Conceição de Maria. Em 1866, foi nomeado Visitador Diocesano da Paraíba com a tarefa de visitar e supervisionar as atividades da Igreja Católica naquela província. Foi então que ele, aos 60 anos de idade, deixou sua carreira de professor para começar seu trabalho missionário, percorrendo mais de 600 km pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Sempre de batina, a pé ou a cavalo, pregava, aconselhava e levava o conforto por meio da palavra para o povo sofrido do sertão nordestino. Organizou missões, construíram capelas, igrejas, açudes, cacimbas, poços, cemitérios, hospitais e chegou a fundar mais de vinte Casas de Caridade para moças órfãs carentes, onde elas recebiam educação religiosa e moral, aprendiam a ler, escrever e trabalhos domésticos, além de terem assistência à saúde. Uma de suas máximas espirituais era: *Depois do temor a Deus, o meio mais poderoso que tem o pai e a mãe de família para conservar a família em boa moral, na obediência e ordem regular, é o trabalho constante e forte*. Para alguns pesquisadores ele está incluído na categoria dos iluminados, pessoas que sempre lutaram por um ideal de trabalho e fé. Foi ponte entre a Igreja e o povo pobre do Nordeste brasileiro, construindo uma obra missionária significativa e respeitada, partilhando água, alimento e abrigo com doentes, mendigos e retirantes, levando sempre uma palavra de conforto para aqueles que precisavam. O Padre Ibiapina faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883, na Casa de Caridade

Santa Sé, na Paraíba. Atualmente, encontra-se em fase de andamento, processo para sua beatificação.²²³

XLIX.II – Registradores e Notários de Tauá

Ao longo dos anos, exerceram e/ou exercem o tabelionato nos dois cartórios da sede do município, as seguintes personalidades: José Lúcio do Nascimento, José Lúcio do Nascimento Filho e Maria Irani Abreu Lúcio de Macêdo, respectivamente no Cartório do Primeiro Ofício, com atribuições para notas, protestos de títulos e documentos e registros de pessoas jurídicas, registro civil das pessoas naturais, registro da distribuição, interdições e tutelas. Já no Cartório do 2º Ofício, exerceram o tabelionato, também com atuação registral, Pedro Alves Feitosa, José Alexandrino Nogueira (Zeca Nogueira), Lindaura Pereira Nogueira, Agildo Pereira Nogueira, Jane Keityla de Oliveira Souza, com atribuições de Notas e Registros Públicos.

O município de Tauá ainda possui serviço Notarial e Registral nos seus distritos, cabendo, atualmente, a titularidade dos respectivos serviços a: Antônia Luana Chaves Moreira – Marrecas, José Alves de Araújo, interino – Barra Nova, Vila de Bom Jesus, Maria Irani Abre Lúcio de Macêdo, interina – Inhamuns, Maria Irani Abreu Lúcio de Macêdo, interina – Santa Tereza, além de outros.

XLIX.II.I – O Tabelião Pedro Alves Feitosa

A professora Salete Vale, mais uma vez aguça as minhas memórias ao relembrar no Episódio 69, nas pesquisas por ela realizadas a respeito da história da nossa terra, um nome da melhor qualidade e que deixou suas marcas no Judiciário de Tauá, na qualidade de Tabelião. Trata-se do Senhor Pedro Alves Feitosa, por sinal casado com a minha saudosa tia Porfíria, irmão da minha avó Bibiana e que nos deixou tantas saudades. A narrativa de Salete revela:

“No episódio de hoje vou ler um artigo publicado no jornal Folha dos Inhamuns, que faz uma homenagem ao centenário de nascimento de Pedro Alves Feitosa, Pedro Tonho, sem identificação de autoria. Capitão Pedro Alves Feitosa – Aos 19 de junho transcorria o centenário de nascimento de uma das figuras mais admiradas de nossa cidade, já no Mundo Maior, o conhecido Tabelião Pedro Alves Feitosa, na intimidade Pedro Tonho; homem de comportamento inatacável, correção impecável ao longo de sua existência, se houve sempre de forma a aumentar o número de amigos e de admiradores porque sabia como ninguém fazer amigos. Durante muitos anos foi titular do 2º cartório de nossa

²²³ Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=852:padre-ibiapina.

comarca. A sua fidalga postura alinhada no trato com circunstâncias, a informação de tudo que ocorria dentre o nosso meio como alhures, deixava as pessoas que o procuravam a vontade. Lembro-me dos mais destacados da conferência de São Vicente de Paula, uma das obras pias Igreja Católica, que tanta qualidade presta aos pobres. Naquela maneira é tão ao gosto e sabor de Pedro Tonho. Às escondidas fazendo com que os assistidos ficassem à vontade e não sentisse a humilhação de quem pede e recebe ajuda. Ao longo de sua existência imprimiu uma diretriz a sua vida de homem de bem sendo bem o modelo tão bom de ser imitado. Sempre alegre, folgazão, não encontrava nosso homenageado de hoje indisposto ou racismo. Isto, porém poderia motivar sua irritação, desde que os praticássemos um ato desonesto. A tudo Pedro Tonho aceitava e justificava, mas se quiséssemos vê-lo zangado, alguém fizesse ou o propusesse algo errado. Naquela bonomia tão comum em Pedro Tonho se esconde um homem preparado. Conhecia como ninguém os grandes escritores brasileiros e estrangeiros, sobretudo, franceses. Recordamo-nos que, no cartório era comum encontrar nos livros de José de Alencar, Machado de Assis, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, entre brasileiros e portugueses, além de ser um grande admirador de Guy de Maupassant, sem esconder o famoso pensador Jean-Jacques Rousseau. Antigamente, Tauá tinha uma sociedade erudita. Ao lado de Liberato de Aguiar, outro tabelião de nossa comarca, também portador de muita cultura, se bem que de igual maneira escondida, Pedro Tonho por sua simplicidade preferia as coisas comuns e corriqueiras ao lado das quais demonstrava a sua bonomia. Todavia, se alguém tivesse a ousadia, aí encontraria o homem preparado bem informado que se esconde naquele coração de ouro que Pedro Antônio possuía. Muito contribuiu para os grandes eventos de nossa cidade. Nada que aconteceu de importante sem que Pedro Tonho ali não estivesse a empregar o calor do seu entusiasmo e a grandeza de um homem que desejava o progresso. Não sabemos se a cidade possui alguma rua, logradouro com seu nome; era o caso de se repassar reparar essa omissão. Um dos nossos briosos vereadores bem que poderia junto ao prefeito homenagear Pedro Alves Feitosa, por motivo do seu centenário de nascimento; seria uma maneira de demonstrar o querido homem público já desaparecido que, nós que lhe sucederam na vida não esquecemos e que o seu exemplo continua a servir de bússola, inclusive, aos seus descendentes. A Rádio Cultura dos

Inhamuns, porta-voz do povo e da cidade leva aos familiares do saudoso e querido Pedro Tonho, a sua homenagem de saudade e justas homenagens pelo transcurso de uma das datas tão significativa como a que hora registramos fato que é partilhado pelos nossos diretores e proprietários, Deputados Júlio Rêgo Claudino Sales, bem como o diretor superintendente Dr. Francisco de Assis Lemos Dias, e, afinal, de quantos fazem esta emissora. Que Pedro Tonho, onde quer que se encontre, possa ter o seu espírito envolto nas bênçãos e luzes de Nosso Senhor Jesus Cristo como bem merece, por suas qualidades morais e por ser um homem justo e bom. Artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns, em junho de 1986. Em tempo quero informar que existe uma rua com o nome de Pedro Alves Feitosa, não sei a data que foi aconteceu o fato. Com certeza, depois do ano de 1986”.

Destaco, ademais, por terem sido mais recentemente titulares dos serviços notariais e registrais de Tauá e, com eles ter convivido mais fortemente, ao tempo, que dou meu testemunho das sua honradez, capacidade de trabalho, intelectualidade ímpar, a Senhora Lindaura Pereira Nogueira, Agildo Pereira Nogueira, e José Lúcio do Nascimento Filho.



Dona Lindaura, mulher valorosa de nossa terra, substituiu no Cartório do 2º Ofício o seu marido José Alexandrino Nogueira (Zeca Nogueira), outro grande tabelião de Tauá. Dona Lindaura faleceu em Fortaleza aos 88 anos de idade. Residindo em Fortaleza onde faleceu, parte da sua vida foi destinada a nossa Tauá, onde como referi, exerceu o tabelionato por várias décadas. Dona Lindaura, casada que foi com José Alexandrino Nogueira (Zeca Nogueira), deixou um legado de filhos vitoriosos nos

mais diversos ramos de profissão, dentre eles, o advogado e ex-vice-prefeito de Tauá, secretário municipal em várias pastas, Dr. Agildo Nogueira, além de netos e bisnetos.

Agildo Pereira Nogueira, aliás, conterrâneo de alto valor pessoal, profissional e intelectual, estimado contemporâneo de faculdade e advocacia, quando aqui aportamos formados em meados de 1979, sucedeu, após a aposentadoria de sua genitora a titularidade do 2ª Ofício da Comarca, da qual

foi injustamente destituído, cedendo a posição que herdara dos seus genitores, a Senhora Jane Keityla de Oliveira Sousa.



José Lúcio do Nascimento Filho, outro ba-luarte da justiça de Tauá, recebeu a titularida-de do 1º Ofício, por herança do seu pai, outro grande gestor das notas e registros de Tauá, o Senhor José Lúcio do Nascimento. José Lúcio do Nascimento Filho exerceu o tabelionato do 1º Ofício de Tauá por mais de três décadas. Aten-cioso, com uma desenvoltura invejável, exerceu o cargo para o qual foi nomeado até a sua apo-sentadoria por tempo de serviço, quando trans-feriu o encargo para a sua mulher Iranir Macê-

do. Dominando a arte das notas e dos registros públicos, foi, em vida, um dos grandes confidentes e resoluto profissional das causas que se lhes foram confiadas no seu ofício. José Lúcio, além de tabelião, foi agropecuarista e presidiu o sindicato rural de Tauá, exercendo por amor a sua terra natal, participação ativa no âmbito social da nossa terra.

Outra personalidade de respeito na Justiça de nossa terra, que não po-demos esquecer, em face do tempo a ela dedicado e dos relevantes serviços prestados a comunidade judiciária tauaense e ao próprio jurisdicionado, foi a Senhora Emília Cardoso. Dona Emília, como era por todos os operadores de direito conhecida, ao seu tempo, pelo empenho, capacidade intelectual, compe-tência, respeito aos profissionais envolvidos no seu múnus, sejam magistrados, promotores de justiça, advogados e ao próprio povo, na qualidade de serventuá-ria de justiça, diga-se, escrevente compromissada e/ou substituta, cargos então nominados, exercê-lo com sobriedade até a sua aposentadoria. Aliás, de Dona Emília, digo, além de conhecê-la de longa data, pois fora nossa vizinha lá da inesquecível Praça Henrique Andrade, tive o prazer, o orgulho de exercer na minha terra natal, Tauá, logo que me formei em 1979, a advocacia, sendo ela escrevente da serventia do 2º Ofício, onde a maioria dos processos que me fo-ram confiados tramitava. Dona Emília é filha do Senhor José Ferreira, persona-lidade que já referi neste meu trabalho e de, não lembro, infelizmente, o nome de sua genitora, mas recordo que foi ela, sua saudosa e respeitada mãe que me preparou para a minha primeira comunhão, costume existente à época.

XLIX.III - Magistrados filhos de Tauá

Para o mundo jurídico, além de inúmeros advogados renomados e vi-toriosos, Tauá legou para o Poder Judiciário vários filhos, os quais se con-sagraram na Magistratura. Abaixo, citamos alguns nomes que ilustram a nossa terra neste campo de atuação.

XLIX.III.I - Antônio Leopoldino de Araújo Chaves

(... – 1856) – Doutor. O primeiro Doutor tauaense formado em direito pela Academia de Olinda, em 1835. Exerceu a magistratura, como Juiz de Direito nas Comarcas de Quixeramobim, Tauá, Alcântara no Maranhão e Brejo da Areia, na Paraíba, onde faleceu em 1856, vítima de febre amarela. Foi Deputado Provincial no biênio 1838-1839.

XLIX.III.II - Felipe Raulino de Sousa Uchôa

Desembargador. Filho do Alferes Manuel Raulino da Silva, fundador da Casa do Mondego (hoje, Pinhões), em Independência. Seu pai era irmão do Comandante Wenceslau Gomes da Silva, do Trici, e de Dona Ana da Silva, que se casou em Independência, em primeiras núpcias com Bento Francisco de Macedo e em segundas núpcias com Faustino da Silva Lobato, filho de Manoel do Montes, naturais de Oeiras da Europa. Foi Deputado Provincial por três legislaturas, promotor em Baturité e Juiz em Russas e Fortaleza.²²⁴

XLIX.III.III - Francisco Primeiro de Araújo Citó

Magistrado. Filho de do Dr. Antônio Citó e neto paterno do Capitão-mor Antônio Martins Chaves, de São Bento. Foi Juiz na sua terra natal e muito contribuiu para a libertação dos escravos.²²⁵

XLIX.III.IV - Miguel Fernandes Vieira

Rebento do Visconde de Icó. Foi senador do império, chefe do Partido Conservador, Secretário do Governo da Província do Ceará e seu Chefe de Polícia. Serviu à Magistratura como Juiz de Direito de Granja, Sobral e Fortaleza, no Ceará e em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Deputado Geral durante cinco legislaturas. Em 1862, renunciou o mandato na Câmara baixa do Império para empossar-se na cadeira de Senador para o qual fora eleito. Faleceu pouco mais de dois meses após sua investidura na Câmara Alta do Brasil. Era Comendador da Ordem Rosa e Cavaleiro da de Cristo²²⁶

XLIX.III.V - José Fernandes Vieira Bastos

Juiz de Direito, em exercício municipal no ano de 1956.

XLIX.III.VI - Francisca Graci Gomes de Aguiar

Juíza de Direito.

²²⁴ Ibidem pág. 156.

²²⁵ Ibidem, pág. 156.

²²⁶ Ibidem, pág. 159.

XLIX.III.VII - Bernardo de Castro Feitosa

Doutor. Depois de formado em Odontologia pela faculdade de Medicina da Bahia, tendo por contemporâneo o Dr. Raul Leite, fundador do famoso Laboratório que tomou seu nome, o Dr. Bernardo bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Ceará, em 1915, tendo por companheiro de turma Leonardo Mota, Manuel Antônio de Andrade Furtado e o Desembargador Daniel Lopes, sendo este, colega de Magistratura, e muito se estimavam. Nasceu em Cococi que, então fazia parte do Município de Tauá, era filho de José de Sousa Castro Feitosa e de D. Mariana Alves Feitosa. Faleceu em novembro de 1928, em Mombaça, onde desempenhava as elevadas funções de Juiz. Exerceu o cargo de Promotor Público em Barbalha e na Magistratura em Independência e Tamboril²²⁷.

XLIX.III.VIII - Francisco Pedrosa Teixeira.



Nasceu em 2 de fevereiro de 1946, no município de Tauá. Ingressou na magistratura estadual por meio de concurso de provas e títulos, assumindo no dia 3 de agosto de 1974, como juiz substituto da Comarca de Pereiro. Em 1976, pediu remoção para a Comarca de Guaraciaba do Norte, onde conquistou a garantia constitucional da vitaliciedade e, conseqüente ascensão ao cargo de Juiz de Direito. Atuou nas comarcas de Campos Sales, Jaguaribe e Itapajé, sendo designado para responder pelas Comarcas de Araripe, Pereiro e Itapipoca, além de Tamboril e Pentecoste. Em Fortaleza, exerceu o cargo de

Juiz Auxiliar da 3ª Vara de Assistência Judiciária aos Necessitados, Juiz titular da 17ª Vara Cível, da 2ª Vara de Delitos de Tráfico e Uso de Substâncias Entorpecentes e da 2ª Vara Cível. Foi presidente da 4ª Turma Recursal dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais, Diretor do Fórum Professor Dolor Barreira, até 21 de maio de 2001, quando foi convocado para integrar o Tribunal Pleno em substituição ao Desembargador Raimundo Hélio de Paiva Castro, permanecendo no colegiado até dezembro de 2001. Ocupou, ainda, a Vice-Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua em duas gestões, coordenando as Varas Cíveis. Foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça, pelo critério de antiguidade, no dia 10 de junho de 2009. Aposentou-se em maio de 2018. No Tribunal de Justiça do Ceará, foi presidente da 4ª Câmara Cível, Câmara Criminal, além de presidente das Câmaras Cíveis Reunidas.

²²⁷ Academia tauaense de letras.



Natural de Tauá, Ceará. Nasceu em 19 de março de 1953. É filho de Elcias Bezerra Cavalcante e Maria Helena Cordeiro Cavalcante. Casado com a Senhora Rociélia da Rocha Cavalcante, com quem tem três filhos: Denis, casado com a Senhora Carina, do enlace matrimonial nasceu os netos Lucas e Felipe; David, casado com a Senhora Katherine, de onde nasceu a neta Maria Clara e, Dayara, casada com Alexandre, daí o nascimento da neta Alice. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Especialização em Direito do Estado: Processo Civil, Administrativo, Constitucional e Tributário pela Universidade Católica de Brasília. Desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará - TJCE, desde 18 de fevereiro de 2011. Membro da 7ª Câmara Cível, atualmente, 4ª Câmara de Direito Privado do TJCE. Foi Juiz Substituto da Comarca de Coreaú, Juiz Titular das Comarcas de Aurora e Nova Russas, Juiz de Direito da 2ª Vara do Júri da Comarca de Fortaleza, Juiz de Direito da 3ª Vara Cível da Comarca de Fortaleza, Juiz Auxiliar de Entrância Especial, Juiz Eleitoral das zonas 64ª, 69ª, 16ª, 58ª, 48ª, 54ª, 74ª, 90ª, 36ª e 3ª, Juiz presidente da 113ª Junta Apuradora na 1ª zona eleitoral, Juiz em respondência pela 2ª zona eleitoral, Juiz coordenador geral da prestação de contas dos candidatos à eleição municipal de 2008. Respondeu por todas as varas da Comarca de Fortaleza, além das Comarcas de Missão Velha, Ipaumirim, Santa Quitéria, Guaraciaba do Norte, São Gonçalo do Amarante, 1ª e 2ª Vara da Comarca de Maranguape, 1ª, 2ª e 3ª Vara de Sobral e Vara da Justiça Militar de Fortaleza. Juiz Auxiliar da Presidência do TJCE, Juiz Auxiliar da Corregedoria Geral de Justiça do Ceará, Juiz Auxiliar da Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua. Presidiu várias comissões junto ao TJCE. Exerceu a docência de 1979 a 1984, como Professor de Organização Social e Política Brasileira, Processamento de Dados, Direito e Legislação e Técnicas Comerciais. Publicou o livro "O procedimento processual penal na Prática – Doutrina e jurisprudência Crimes da Competência do Júri. Crimes Apenas com Detenção e Reclusão". Edição esgotada, 1999. Publicou o livro de poemas "A Paz que o mundo Clama". Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, Imprensa Oficial, 1988. Publicou o livro de Poemas "Vida Introspecta – Poemas e Devaneios", 2014. Publicou o Manual de Normas e Rotinas Aplicáveis à Vara de Família. Fortaleza, 2009, Edição do autor. Publicou o livro "Execução fiscal na prática. Doutrina e jurisprudência". Fortaleza, 2006, Edição do autor. Possui Curso de Execução Orçamentária e Finanças para Poderes Legislativo e Judiciário. Cursos diversos nas áreas de Direito Civil, Processo Civil, Administrativo, Tributário, Municipal, Trabalhista e Previdenciário. Curso de Direito Comparado Espanhol e Brasileiro para juristas e magistrados do TJCE (pela Facultad de Derecho de la Universidad Complutense de Madrid y la Asociacion "Instituto Iberoamericano para la formacion e investigacion juridica"), em Madrid – Espanha, julho de 1997. É

Cidadão de Fortaleza, outorgado pela Câmara Municipal de Fortaleza - 2012. Título de personalidade tauaense 1981, pelo Clube das Acácias. Título de advogado revelação de 1983, pelo Lion Club de Tauá. Certificado da Associação Cearense de Magistrados pelos relevantes serviços prestados ao Poder Judiciário do Ceará. Título de Cidadão de Coreaú, Aurora e Nova Russas. Título de qualidade concedida à 2ª Vara de Família. Medalha Francisco Soares de Carvalho, concedida pela Câmara Municipal de Tauá. Voto de Parabéns da Presidência do TJCE e da Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua pelos resultados alcançados em mutirões realizados na 2ª Vara de Família. No Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, além de exercer o cargo de desembargador, foi presidente da 4ª Câmara de Direito Privado e membro da Comissão de Informática, e membro do Conselho da Magistratura, deste encargo renunciado por questões pessoais. Também vem exercendo em substituição, participação no Órgão Especial da Corte de Justiça Alencarina.



"A minha família, meus amores".

XLIX.III.X - Antônia Neuma Mota Moreira Dias

Juíza de Direito. Graduada em direito pela Universidade de Fortaleza, possui diversas especializações em direito, cursos de extensão e aprimoramento. Participou de bancas examinadoras. Como magistrada exerceu a judicatura em diversas comarcas do Ceará. Atualmente, é juíza titular da 20ª Vara Cível da Comarca de Fortaleza.

XLIX.III.XI - Washington Oliveira Dias

Juiz de Direito, aposentado, é filho do Senhor José Dias e da professora Maria Zenilda Oliveira Dias, exerceu a judicatura em várias Comarcas do Ceará, aposentou-se como titular da 11ª Vara Cível de Fortaleza.

XLIX.III.XII - José Ósimo da Silva Câmara

Magistrado, casado com a Senhora Maria Gomes de Oliveira Câmara. Exerceu a magistratura em diversas comarcas do Ceará. De quinze filhos, fruto de dois casamentos, o referido magistrado é pai do ex-deputado Antônio Gomes Câmara e do Procurador de Justiça aposentado, Dr. Odilon Silveira Aguiar Neto e da Procuradora também de Justiça Dra. Mônica Aguiar Câmara Lavor.

XLIX.III.XIII - Sinézio Bernardo de Oliveira

Nasceu no sítio Riacho da Missão, Distrito de Marrecas, Município de Tauá-CE, em 16 de junho de 1952. Filho de Francisco Bernardo de Oliveira

e de Francisca Alves Rodrigues, é o primogênito de uma prole de pessoas que, ao final, consolidou-se em 14 irmãos. Casado com Maria Aurineide de Carvalho Oliveira, pai de Livia Karine Carvalho Oliveira e avô de Julie Oliveira Regueira. Sua infância e pré-adolescência foi toda vivida na roça, ao lado dos pais, trabalhando intensamente na agricultura e pecuária, até os seus 14 anos. Ali, plantou, cuidou e colheu os gêneros alimentícios próprios do sertão nordestino: milho, feijão, mamona, algodão, jerimum, melancia, além do traquejar os animais, sobretudo, um rebanho de caprinos, e sair a cavalo num jumento, vendendo bananas nas comunidades circunvizinhas, para ajudar na subsistência familiar. Aprendeu a ler somente aos 11 anos de idade. Em outubro de 1966, com 14 anos, ficou órfão de mãe e interrompeu seus estudos em Parambu-CE, onde cursava a 4ª série primária (uso a nomenclatura da época). Mudou-se, então, para a cidade de Juazeiro do Norte-CE, a fim de morar com o seu tio paterno, José Bernardo de Oliveira, e continuar estudando. Ao chegar a Juazeiro do Norte-CE, estudou numa escola que preparava alunos para o Exame de Admissão ao Ginásial, no qual foi aprovado, mesmo não tendo concluído a 4ª série e nem cursado a 5ª série primária. Naquela cidade, entre 1967 e 1972, fez o curso Ginásial e cursou 2 anos do Científico. Ainda em Juazeiro, fez trabalhos informais e empregou-se no Curtume Padre Cícero. Em 1973, mudou-se para Fortaleza, para morar com outro tio paterno, Luiz Bernardo de Oliveira. Ali concluiu o 3º ano Científico e no ano seguinte ingressou na Universidade Federal do Ceará - UFC, onde se bacharelou em Direito, em dezembro de 1978. Trabalhou no Serviço Estadual de Informações - SEI, entre 1973/1974. Dali foi trabalhar no Banco de Desenvolvimento do Ceará - BANDECE, entre 1974 e 1976, onde, também, conheceu sua futura esposa, Maria Aurineide, natural de Jaguaruana-CE, com quem viria a ingressar no BNB e com ela se casar em 1978. Em janeiro de 1976, tomou posse como funcionário do Banco do Nordeste do Brasil, inicialmente, como escriturário, passando por outras funções, vindo, algum tempo depois, integrar o quadro jurídico do Banco, nas funções de assistente jurídico, chefe de assessoria jurídica e, finalmente, o cargo de Superintendente Jurídico. Depois de vinte anos como funcionário do BNB e ainda exercendo a função de Superintendente Jurídico do Banco, se desligou para tomar posse, em 20 de junho de 1996, no Tribunal Regional do Trabalho da Sétima Região, em Fortaleza-CE, onde exerceu as funções de: Juiz do Trabalho Substituto de Varas da Capital e do Interior (junho/1996 a dezembro/2002; Conciliador do Juízo Auxiliar de Conciliação de Precatórios (janeiro/2003 a abril/2006); Juiz Titular das Varas de Iguatu (abril a setembro/2006), Limoeiro do Norte e Aracati (setembro de 2006 a julho/2010), Terceira Vara do Trabalho de Fortaleza (julho/2010 a agosto/2014); e, Décima Terceira Vara de Fortaleza (agosto/2014 até os dias atuais). Em julho de 2002, foi diagnosticado com câncer (linfoma), submetendo-se a cirurgia e tratamento, tendo sido atestada a remissão completa da doença em novembro do mesmo ano, estágio durante o qual foi sustentado pelas orações da igreja e por sua inabalável fé em Deus. Na Igreja

Presbiteriana de Fortaleza, foi sempre um assíduo cooperador, tendo sido diácono, presbítero, professor, expositor da palavra e Superintendente da Escola Bíblica Dominical por longo período. Tem como uma de suas melhores práticas apresentar pessoas com livros, certamente, com a intenção de tornar seus circunstantes, ainda mais preparados para as esquinas do curso da vida.

XLIX.III.XIII.I - Eli Gonçalves Júnior.

Juiz de Direito aposentado. Na Comarca de Fortaleza exerceu a titularidade da 1ª Vara do Juri, 23ª Vara Cível, várias Comarcas do interior cearense, além de ter exercido funções relevantes junto a jurisdição da Capital do Estado do Ceará.

XLIX.III.XIV – Outros Juizes de Direito do passado e do presente na Comarca de Tauá

Capitão José Alves Feitosa, Juiz ordinário e de órfãos de São João do Príncipe, Plácido de Pinho Pessoa, Raimundo Ribeiro, Francisco Nogueira, José Agostinho Filho, Teixeira Menezes Elias Ferreira, Miguel Alencar, José Helder Mesquita, Idelmar Pereira Matos, Roberto Soares Bulcão, Manoel de Jesus da Silva Rosa, Maria Ilna Silva Castro, Danilo Ferreira Maia, Luiz Bessa Neto, Washington Luis Terceiro Vieira, Lucimeire Godeiro Costa, Pedro Pia de Freitas, Antônio Giovani de Alencar, Evaldo Lopes Vieira, José Acelino Jacome Carvalho, Francisco Duarte Pinheiro, Djalma Teixeira Benvides, Michel Pinheiro, Tadeu Trindade de Ávila, Francisco Eduardo Girão Braga, Leila Regina Corado Lobato, Dra. Carliete Roque Gonçalves Palacio, Dr. Francisco Ireilton Bezerra Freire e Dr. Sérgio Augusto Furtado Neto Viana.

L - Conselheiros em Tribunais de Contas no Ceará filhos de Tauá

Pelos Tribunais de Contas do nosso Estado, também passaram vários tauaenses ilustres, dentre os quais se destacaram.

L.I - Odilon Aguiar Filho

Nasceu a 29 de janeiro de 1925, em Tauá, sendo seus pais Odilon Silveira de Aguiar e Maria Domingas Gomes de Aguiar. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Exercia, antes de ser Conselheiro, atividades pertinentes à advocacia, integrando também os quadros do Ministério Público Estadual. Foi Promotora de Justiça das Comarcas de Jaguaruana, Viçosa do Ceará e Tauá. Secretário do Interior e Justiça de 25 de março de 1955 a 25 de julho de 1958. Secretário de Educação e Saúde de 25 de julho a 5 de dezembro de 1958. Secretário interino das pastas da Fazenda, Agricultura e Adminis-

tração, no governo Paulo Sarasate. Nomeado Conselheiro a 28 de novembro de 1958, tendo exercido a Presidência do Tribunal de Contas do Estado do Ceará, de 12 dezembro de 1966 a 31 de dezembro de 1969. Casado com a Senhora Therezinha de Jesus Paiva de Aguiar.²²⁸

L.II - Dr. Júlio Gonçalves Rêgo.

Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Ceará (vide fl. 306).

L.III - Dr. Domingos Gomes Aguiar Filho

Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Ceará. (vide fl. 311)

LI - Procuradores de Justiça filhos de Tauá – Biografias

Pela Procuradoria Geral de Justiça do Estado do Ceará, são vários os tauaenses ilustres que ali depositam os seus nomes, em face do trabalho prestado, seja na qualidade de Procuradores de Justiça e Promotores de Justiça. Foram colhidos, portanto, os nomes abaixo, como destaques.

Dr. Marcos Tibério Castelo Aires, Dra. Georgia Gomes Aguiar, Dr. Odilon Silveira Aguiar, Dra. Mônica Aguiar de Lavor, dentre outros ilustres tauaenses.

LI.I - Dra. Georgia Gomes Aguiar

Foi a primeira mulher a exercer a Procuradoria Geral de Justiça do Estado do Ceará, no cargo de Procuradora Geral de Justiça, fato ocorrido de 1979 a 1982. De outro lado, o eminente Procurador de Justiça Dr. Marcos Tibério Castelo Aires, pela sua competência e imparcialidade, escolhido que foi ao seu tempo pelos seus pares, chegou a exercer o cargo de Corregedor Geral do Ministério Público do Estado do Ceará.

LI.II – Dr. Manoel Pinheiro Freitas



Destaco que, o Promotor de Justiça Dr. Manoel Pinheiro Freitas foi o primeiro filho de Tauá a assumir a direção Geral da Procuradoria Geral de Justiça do Estado do Ceará, na qualidade de Procurador Geral de Justiça. É Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. É mestre em Direito Constitu-

cional pela Universidade de Santiago de Compostela (na Espanha). É professor do curso de pós-graduação da Escola Superior do Ministério Público desde 2008. Ingressou no Ministério Público do Estado do Ceará, em 1º de fevereiro de 1996, tendo atuado como Promotor de Justiça nas Comarcas de Capistrano, Uruburetama e Eusébio, até chegar a Fortaleza, onde foi titular de promotorias de família, de execuções fiscais e crimes contra a ordem tributária e de delitos de tráfico de drogas. Foi Presidente da Associação Cearense do Ministério Público, de março de 2009 a março de 2011. Fez parte da Diretoria da Associação Nacional dos Membros do Ministério Público – CONAMP, em dois mandatos, primeiro como tesoureiro e assessor especial (em 2004/2006) e, posteriormente, como vice-presidente do conselho fiscal (em 2010/2012). Foi vice-presidente, por dois mandatos (de 2013 a 2019), da *Internacional Association of Prosecutors* – IAP (Associação Internacional de Procuradores), organização que congrega e representa procuradorias-gerais e associações de classe em 177 países, e que atua como órgão consultivo do Conselho Econômico e Social da ONU. Foi assessor internacional do Conselho Nacional dos Procuradores-Gerais dos Ministérios Públicos dos Estados e da União - CNPG, de agosto de 2015 a agosto de 2016. Como vice-presidente da IAP, como assessor internacional do CNPG e como palestrante, teve a oportunidade de fazer exposições sobre o modelo e as ações do Ministério Público brasileiro, durante eventos internacionais realizados na África do Sul, na Argentina, na Coreia do Sul, na China, nos Emirados Árabes Unidos, nos Estados Unidos da América, no México, no Paraguai, na Rússia, na Sérvia e na Tailândia. Foi Diretor Geral da Escola Superior do Ministério Público, de janeiro de 2016 a setembro de 2019. Atualmente, é titular da 66ª Promotoria de Justiça de Fortaleza e exerce o cargo de Procurador Geral de Justiça do estado do Ceará. O tauaense ilustre e palestrante renomado, tanto fora quanto no Brasil, é detentor de inúmeras comendas e autor de inúmeros artigos jurídicos.

LI.III – Delegados de Polícia Filhos de Tauá

Não foram poucos os ilustres filhos de Tauá dedicados à atividade policial. No ponto destaque por conhecidos, graças a dedicação encetada junto a gloriosa Polícia Civil do Estado do Ceará, Dr. João Castelo, Dr. Carlos Gomes, Dr. Castelo, Dr. Milton Castelo Filho, Dra. Neuma Castelo, Antônio Araújo Feitosa, Dra. Antônia Aurinete Moraes Lopes.

Dra. Aurinete como é de fato por todos os tauaenses conhecida, de tradicional família de nossa Tauá, suas origens remontam ao Distrito de Marruás. É filha da Senhora Francisca Mota de Moraes que, como os seus longos 98 anos de idade, vive em uma chácara centenária de nossa Tauá, localizada na região central da cidade, às margens do rio Trici de nome Maria Celestina Mota. Aurinete foi casada com o meu colega de Tribunal, o eminente

desembargador Raimundo Nonato Silva Santos, com quem teve dois filhos: Vitor Eduardo Lopes Santos e Britus Vinícius Lopes Santos.

LI.III.I – Dra. Neuma Castelo Leão

Lembra-me o ilustrado colega Dr. João Castelo, exímio conhecedor da história da nossa terra, que a conterrânea Dra. Neuma Castelo Leão, ilustre tauaense, foi a primeira delegada da Mulher do estado do Ceará. Filha de Milton Pedrosa Castelo e Elvira Gomes Castelo nasceu em Tauá onde iniciou seus estudos. Transferida para Fortaleza, bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará, logo sendo aprovada em concurso público para o cargo de delegada de polícia, atividade que exerceu com notável eficiência até sua aposentadoria. Na função, destacou-se como primeira delegada da Mulher do estado do Ceará, gestão que lhe fez tornar-se reconhecida publicamente pela sua competência, coragem e dedicação ao trabalho. Foi professora da Academia de Polícia Civil e Diretora do Departamento Estadual de Trânsito, onde deixou a marca da sua inteligência dinamismo e determinação. Cumprida a sua missão no Ceará, transferiu-se para Brasília onde foi servir ao Departamento Nacional de Trânsito – Denatran, com atividade no Distrito Federal e outras atividades da Federação. Casada com o agrônomo Francisco Pereira Leão é mãe de três filhas: Emanuella, Elany e Emiliana.

LI.III.II – Milton Castelo Filho



Tauaense, integrante de uma das mais tradicionais famílias de nossa terra, destacou-se com brilhantismo, tanto na advocacia quanto no cargo de delegado de polícia e em outros cargos públicos, o qual exerceu com dedicação, imparcialidade e liderança inigualável. Deixou-nos recentemente de forma precoce e inesperada, vitimado que foi pela terrível doença pandêmica, que vem assolando o mundo e a própria humanidade, a COVID-19. Miltinho como era conhecido por todos, foi um daqueles iluminados por Deus. - Simples, generoso,

hábil de raciocínio, sob como ninguém por largo tempo, dirigir a classe que escolheu por profissão, pois foi presidente por anos a fio da Associação dos Delegados de Polícia Civil do Ceará - Adepol. Miltinho, filho ilustre de Tauá, nunca esqueceu sua terra. Nela exerceu a espinhosa função de delegado de polícia

com sabedoria, inteligência e autoridade. De professor dos seus pares aos mais elevados cargos exercidos, tal como secretário adjunto da Secretaria de Segurança Pública do estado de Roraima, o fez enobrecendo o seu nome, da sua família, da sua classe e da sua Tauá. Foi delegado por formação pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG.

João Castelo Sobrinho, no dia 15 de abril de 2020, data do falecimento do eminente tauaense prestou-lhe homenagens, escrevendo:

“Adeus a um líder.

Hoje o dia amanheceu mais triste, à sombra de uma dor imensa, um pesadelo enluta os corações de uma família inteira. O Ceará perde um líder e a família Castelo perde um filho que amou profundamente. Milton Castelo Filho, advogado brilhante, delegado de polícia, e líder de uma poderosa classe, uma história de vida que rascunhamos sob lágrimas de dor e de saudade. Uma carreira inexplicavelmente interrompida, no mais áureo tempo da sua gloriosa caminhada. A sua partida nos deixa órfãos da sua presença marcante, da sua inteligência, do seu trabalho e do seu compromisso com a classe que representou com tanta dignidade e competência. No que pese as nossas esperanças, as luzes da ribalta se ascenderam e um campo iluminado abriu espaços à sua caminhada rumo ao céu. Perdemos o Miltinho. Num clima tenso de dor e de saudade, com o coração em pedaços, rogamos a Deus que nos dê força para suportar tamanho golpe. A sua ausência deixa uma enorme lacuna na família e nos espaços sociais tão dignamente ocupados por ele. Alinhados aos princípios cristãos, e sem recursos terrenos a propor, resta-nos suplicar a Deus, que, no anfiteatro sacrossanto da Mansão Celestial, ao lado dos familiares que foram primeiro, a ele seja reservada, com as bênçãos do Pai Eterno, a sua nova morada. Com o nosso último adeus, as nossas preces, descanse em paz Miltinho”.

LI.III.III - Antônio Araújo Feitosa

Antônio Araújo Feitosa, mais conhecido por Tuí, filho do ex-prefeito de nossa cidade, Gerardo Feitosa, nasceu no dia 13 de novembro de 1950, na nossa Tauá. Logo que se formou em Direito, montou advocacia na nossa cidade, e, em seguida, no dia 28 de julho de 1982, ingressou por mérito, no cargo de delegado de polícia do estado de Pernambuco, onde fez carreira vitoriosa até a sua aposentadoria. Tuí, grande conterrâneo tauaense, o qual tive o privilégio de tê-lo como contemporâneo no glorioso e saudoso Ginásio Antônio Araripe, em Tauá, quando adolescente, segundo

informes fidedignos, fez parte da construção da História da Polícia Civil de Pernambuco. Durante os 32 anos em que atuou como delegado, sempre se destacou pelo trabalho abnegado, espírito de colaboração e profissionalismo. Ocupou importantes cargos na segurança pública. Foi o subchefe da Polícia Civil de Pernambuco, diretor-geral de operações da Polícia Judiciária da PCPE, diretor da Diretoria Executiva de Polícia Especializada da extinta SSP. Atuou, ainda, em delegacias especializadas, unidades do interior e da Região Metropolitana do Recife. Por seu desempenho, em sua ficha funcional estão registrados elogios individuais e coletivos da PCPE, da SDS; além de elogios do Judiciário e votos de aplausos de diversas câmaras municipais. O delegado Tuí, recebeu a Medalha do Mérito Policial Civil – Classe Ouro, Medalha Pernambucana do Mérito Policial Militar, Medalha do Tempo de Serviço Policial Civil – Classe Prata e Medalha Comemorativa dos 60 anos da Existência da Casa Militar de Pernambuco. Aposentado, faleceu acometido pela COVID-19, pandemia que assola indiscriminadamente o mundo. Em Tauá, destacou-se, ainda, como já referido em capítulo próprio, como um dos grandes futebolistas da nossa gloriosa Seleção Tauaense de Futebol. Casado, deixou família constituída no estado de Pernambuco.

LII - Magistrados que atuaram em Tauá e alcançaram a desembargadoria

A Comarca de Tauá tem se destacado por nela ter exercido a Judicatura, grandes Magistrados os quais pela desenvoltura na relevante atividade, zelo e prestígio alcançado no seio da sociedade tauaense e da própria magistratura cearense, alcançaram o mais alto posto na mais Alta Corte de Justiça do Estado, e que, por serem filhos adotados da terra, merecem ser citados.

LII.1 - José Maria de Queiroz



Nasceu em Beberibe, estado do Ceará, em 11 de junho de 1914, filho de João Tomás Ferreira Filho e Miguelina de Castro Ferreira. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1939. Foi Juiz Municipal de Cachoeira (Solonópole), depois em Jaguaretama e de conformidade com a Lei de Organização Judiciária de 1948, passou a Juiz de Direito, na condição de titular da Comarca de Tauá, de 2ª entrância, posteriormente, Senador Pompeu e Lavras da Mangabeira, já na 3ª entrância. Também atuou na Comarca de Iguatu onde permaneceu até ser promovido à de Crato, de 4ª entrância, na qual ocupou a 1ª Vara de 1953. Nomeado

Desembargador em 19 de dezembro de 1956, exerceu a Presidência no ano de 1961.

LII.II - José Maria de Melo



Nasceu em Groaíras, a 6 de março de 1936, sendo seus genitores Francisco Ximenes de Melo e Felisbela Benvinda Guimarães. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, na turma de 1961. É, também, graduado em Administração Pública e de Empresas, pela Escola de Administração do Ceará, cursos esses, concluídos nos anos de 1969 e 1972. Antes de ingressar na magistratura, foi candidato a deputado estadual pelo Partido de Representação Popular, obtendo expressiva votação, só não ocupando uma cadeira na Assembleia Legislativa, porque já assumira

o cargo de Juiz de Direito de Farias Brito, em cuja Comarca esteve de 13 de dezembro de 1962 a 9 de março de 1966 (1ª entrância). Foi, sucessivamente, Juiz de Direito das Comarcas de Morada Nova (2ª entrância), de 10 de março de 1966 a 13 de março de 1968; Granja e Tauá (3ª entrância), durante o ano de 1968 e Fortaleza (na época, 4ª entrância), a partir de 27 de setembro de 1969. Na qualidade de Juiz de Direito de 3ª entrância, foi nomeado Corregedor Geral da Justiça, onde cumpriu um biênio, 1968 a 1969. Nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará, pelo critério de merecimento, no dia 17 de outubro de 1985, passou a integrar a 1ª Câmara Cível do respectivo Tribunal. Ocupou todos os cargos de Direção do Tribunal de Justiça, uma vez que exerceu a Vice-Presidência e a Diretoria do Fórum, de 1995 a 1997; a Presidência, no biênio de 1997 a 1999. Corregedor Geral de 1999 a 2000. Foi Vice-Presidente, Corregedor e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, tendo ocupado este último cargo, no período de 12 de junho de 1989 a 2 de maio de 1990. Faleceu no dia 25 de dezembro de 2015.

LII.III - Des. Francisco Hugo Alencar Furtado



Natural de Araripe-CE nasceu a 26.03.36, filho de Vicente Alencar Barbosa e de Maria Furtado Alencar. Coursou o Colegial no Ginásio do Crato e o Científico no Liceu do Ceará. Formado em Direito na Turma de 1964, pela UFC e Bacharel em Administração Pública pela UECE. Exerceu a advocacia durante 5 anos. Ingressou no M. P. através de Concurso Público para Promotor de Justiça. Promotor Resignatário. Ingressou na Magistratura, como Juiz Substituto da Comarca de Tamboril, de 1985 a 1989. Juiz Eleitoral da 82ª Zona. Diretor do Fórum Péricles Ribeiro – TRE,

onde foi responsável pelo processo de informatização da Justiça Eleitoral e pelo cadastramento Eleitoral no estado do Ceará. Nomeado Desembargador, pelo critério da antiguidade, ocupando uma vaga na 3ª Câmara Cível. Designado Presidente da Comissão de Modernização e Informatização do Poder Judiciário, sendo responsável pela maior transformação estrutural do Judiciário Cearense, empreendendo ações que democratizaram a informação, implementando o processo de aquisição de 530 microcomputadores Pentium, 460 impressoras, 6 notebooks. Na sua gestão, foram implantados: a rede de microcomputadores, a interligação das comarcas com a Sede do Tribunal, desenvolvidos sistemas de informatização nas áreas de controle de processos de 1º e 2º graus, recursos humanos, patrimônio, material, licitação, informatização de gabinetes de desembargador, informatização de sessão de julgamento e, principalmente, o sistema de Controle de Arrecadação do Fermoju, o sustentáculo financeiro de todo o processo de modernização e informatização. Presidente da Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional - CEJAI, órgão permanente do Tribunal de Justiça, responsável pelo controle e acompanhamento das adoções internacionais no Ceará. Promoveu o I Encontro Nacional de Informática Jurídica, tido como o maior evento de intercâmbio institucional entre a iniciativa privada e pública na área jurídica. Coordenador Estadual da Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça – ABMP, da Infância e da Juventude, para a promoção de cursos e eventos na área de Direito da Criança. Membro Titular do Conselho da Magistratura do Estado do Ceará. Membro do Conselho Judiciário para Infância e Juventude - CINJ, órgão responsável pela formulação da política de implementação do ECA no âmbito do estado do Ceará. Representante das CEJAS, Comissões Estaduais de Adoção na Região Nordeste, cujo objetivo é sistematizar e padronizar as normas e procedimentos relativos à adoção. Membro do Conselho de Autoridades Centrais Brasileiras, órgão consultivo do Ministério da Justiça em matéria de adoção internacional e políticas para a Infância e Juventude. 1º Suplente junto ao Tribunal Regional Eleitoral, na categoria Desembargador. Membro da 1ª Câmara Cível. Presidente da Comissão Permanente de Informatização do Poder Judiciário. Presidente da Comissão de Interiorização de Treinamento e Desenvolvimento – Printed. Diretor da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará – ESMEC. Agraciado pelo Judiciário Pernambucano, pela participação como Palestrante no I Encontro de Juízes da Infância e Juventude e Cejais da Região Nordeste. Agraciado com o Mérito Judiciário da Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça da Infância e da Juventude. Agraciado com a Comenda “Personalidade Destaque”, concedida pelo Jornal Diário do Nordeste, pela sua coluna “O Mundo dos Negócios”.

LII.IV - Luiz Gerardo de Pontes Brígido



Nasceu em Fortaleza, a 2 de janeiro de 1951, sendo seus genitores Luiz Gerardo M. Brígido Nunes e Maria Lígia de Pontes Brígido Nunes. Bacharelou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, e em Letras, pela FAFICE, atual Universidade Estadual do Ceará. Antes de integrar a Justiça, militou na imprensa. Ingressou na magistratura em 1979, mediante concurso de provas e títulos. Judicou em Jaguaruana, Pacajus, Tianguá e Tauá, antes de se tornar titular da 20ª Vara Cível de Fortaleza. Obteve todas as promoções por merecimento. Prestou serviços à Assessoria Jurídica da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará nas gestões dos Desembargadores José Maria de Melo, Águeda Passos Rodrigues Martins e Francisco Haroldo Rodrigues de Albuquerque. Foi Juiz da 2ª Zona Eleitoral de Fortaleza, além de ter atuado, por vários anos, como Juiz Auxiliar da Corregedoria do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. No ano de 2000, passou a integrar, como Juiz de Direito, o Pleno dessa Corte. Ascendeu a desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, em outubro de 2002, e em 28 de janeiro de 2011, assumiu a Vice-Presidência dessa colenda Corte. Diversas homenagens foram prestadas ao eminente magistrado, dentre elas: Medalha do Mérito Judiciário Clóvis Beviláqua, outorgada pelo Pleno do Tribunal de Justiça do Ceará, em 1999; Medalha Marechal-do-Ar Casimiro Montenegro, outorgada pela Coordenadoria Integrada de Operações Aéreas (Ciopaer); Medalha do Pacificador, concedida pelo Exército Brasileiro, em 2010, e Medalha Boticário Ferreira, concedida pela Câmara Municipal de Fortaleza, em 2011. Publicou trabalhos jurídicos na Revista do Tribunal de Justiça do Ceará, na Revista da Associação Cearense de Magistrados e no Jornal "Diário do Nordeste". Exerceu, no Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, os cargos de Vice-Presidente e Corregedor e, a seguir, de Presidente, este último nos períodos: 22 de outubro de 2009 a 13 de dezembro de 2009 (interino) e 14 de dezembro de 2009 a 30 de janeiro de 2011 (titular). Foi presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará.

LII.V - José Cláudio Nogueira Carneiro



Nascido em Beberibe, Estado do Ceará, em 11 de abril de 1939. Filiação: Dr. José Augusto Carneiro, Juiz de Direito e D. Aurila Nogueira Carneiro. Estado Civil: Casado, com Maria Neuma Albuquerque Carneiro, sendo seus filhos: Ana Cláudia, Bacharela em Direito, Adriana, Médica, Assíria, formada em Contabilidade e acadêmica de Direito e José Cláudio Filho, advogado. Foi funcionário das

empresas Exportadora Cearense S/A e Casas Parente. Advogado militante em Fortaleza, Cascavel e Tauá, deste Estado. Ingressou na magistratura Cearense em 17 de março de 1970, tendo desempenhado suas atividades nas seguintes comarcas: Várzea Alegre, Acopiara, São Gonçalo do Amarante, Pacajús, Santa Quitéria, Tamboril, Tauá, Parambu, Maranguape e Fortaleza, comarca para a qual foi promovido, por merecimento, em 09 de dezembro de 1980, exercendo suas atividades na 2ª Vara Criminal e, posteriormente, na 12ª Vara Cível. Nomeado Desembargador, pelo critério de merecimento, do Tribunal de Justiça do Ceará, em 14 de Outubro de 1999, havendo tomado posse no dia 21 do mesmo mês e ano, integrando, atualmente, a 2ª Câmara Cível. Na magistratura atuou como Juiz Auxiliar da Corregedoria Geral de Justiça, no ano de 1983. Juiz Vice-Diretor do Fórum em três oportunidades, nas gestões dos Desembargadores José Barreto de Carvalho, José Ari Cisne e Ernani Barreira Porto. Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral. Juiz Coordenador da Propaganda Eleitoral. Juiz Eleitoral da 1ª Zona de Fortaleza. Integrou, por 12 anos consecutivos, a Diretoria da Associação Cearense de Magistrados. Ex-Diretor Geral da Escola Superior da Magistratura - Esmecc. Instalou a comarca de Parambu, quando era Juiz de Direito da comarca de Tauá. Primeiro Coordenador da Central de Conciliação do Tribunal de Justiça, até janeiro de 2007. Ex-presidente da 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Ceará, até janeiro de 2007. É detentor de inúmeros cursos, além de ter sido agraciado com diversas honrarias.

LII.VI - Antônio Abelardo Benevides de Moraes



Nasceu em 22 de junho de 1956, no município de Mombaça, Ceará, tendo por genitores José Moraes de Freitas e Zilma Benevides de Araújo Freitas. Bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará, em 1978, e pós graduou-se pela Universidade Federal do Ceará, em curso realizado mediante convênio com a Escola Superior da Magistratura do Ceará e a Fundação Paulo Bonavides. Participou de Seminário no Rio de Janeiro, promovido pela Escola Nacional da Magistratura, a Escola Superior da Magistratura do Rio de Janeiro e o Instituto Miguel de Servet, de Paris, com carga horária de 65 horas/aulas. Inicialmente, ingressou no Ministério Público Estadual, ocasião em que exerceu o cargo de Promotor de Justiça da Comarca de Pedra Branca, deixando-o para ingressar na Magistratura, em 27 de junho de 1984. Como Juiz de Direito, assumiu a princípio, a comarca de Ubajara. Foi promovido por antiguidade para a Comarca de Jucás e, posteriormente, por mereci-

mento, para a Comarca de Tauá. Em 1991, foi promovido por merecimento para a Comarca de Fortaleza, tendo assumido a 22ª Vara Cível. Nomeado, em 1999, pelo Tribunal Pleno para instalar a 1ª Vara de Falências da Comarca de Fortaleza, aí permaneceu até o acesso ao cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, em 25 de maio de 2006. Foi Vice-Diretor do Fórum Clóvis Beviláqua; Juiz Coordenador de Varas do mesmo Fórum, em duas gestões; Juiz Corregedor Auxiliar do TJCE em dois períodos consecutivos; integrante da Sexta Turma Recursal dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais e Vice-Presidente da Associação Cearense de Magistrados. Dentre as atividades mais recentes, destacam-se sua atuação como membro efetivo do Órgão Especial do TJCE, membro da 3ª Câmara Cível e membro da Comissão de Regimento Interno e Assessoria Legislativa. No Tribunal Regional Eleitoral do Ceará foi membro suplente e depois efetivo, na categoria Juiz de Direito, totalizando sete anos de atividade. Nas eleições de 1998, foi Juiz Coordenador da Propaganda Eleitoral. Vice-presidente e Corregedor Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral no biênio 2013-2015. Assumiu interinamente a presidência do TRE-CE, em 30 de janeiro de 2015 e, efetivamente, em 12 de junho do mesmo ano, permanecendo no cargo até 04 de junho de 2017. Atualmente, é vice-presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará.

LII.VII - Francisco Gurgel Holanda



Desembargador Francisco Gurgel Holanda é natural de Afonso Pena, hoje município de Acopiara. Filho de João Holanda Lima e Maria Gurgel Holanda, o magistrado é casado com a procuradora de Justiça Lúcia Maria Bezerra Gurgel. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na turma de 1967, pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Possui Especialização em Direito Público e tem curso de Aperfeiçoamento

de Magistrados, pela Faculdade de Direito da UFC. Classificado em terceiro lugar no concurso para magistratura cearense, foi nomeado em agosto de 1971, sendo designado para a comarca de Ipueiras, no cargo de Juiz Substituto. Exerceu suas atividades, também, como titular, nas comarcas de Guaraciaba do Norte, Pacatuba, Brejo Santo, Tauá e Caucaia, respondendo, ainda, nas comarcas de Milagres e Parambu. Promovido à Entrância Especial (Fortaleza), em 1982, pelo critério de antiguidade, exerceu suas funções na 4ª Vara de Família e Sucessões, como Juiz Auxiliar, na 9ª Vara de Família Sucessões, e na 1ª Vara da Infância e Juventude, como titular. Desempenhou as funções de Juiz Auxiliar do Fórum Clóvis Beviláqua e implantou o projeto Juizado Itinerante. No Tribunal Regional Eleitoral - TRE, foi diretor

do Fórum Eleitoral Péricles Ribeiro e presidiu a Junta Apuradora e Totalizadora das eleições municipais de 2000. Integrou a Cejai-Ce, como membro julgador, no período de 1997/2000. Presidiu a 4ª Turma Recursal dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais do Fórum Dolor Barreira, no período de 2003/2004. Em agosto de 2003, por convocação do Tribunal de Justiça, teve assento na Corte Estadual, durante quatro meses, em substituição ao desembargador Júlio Carlos de Miranda Bezerra, já falecido, que, na época, se afastou para tratamento de saúde. Tomou posse como desembargador do TJCE, em 23 de abril de 2009, pelo critério de antiguidade. Preside a 5ª Câmara Cível e presidiu a Coordenadoria de Infância e da Juventude. Aposentou-se no ano de 2010.

LII.VIII - Maria Vilauba Fausto Lopes



Natural de Icó, nasceu em 2 de janeiro. Tomou posse como desembargadora no Tribunal de Justiça do Ceará, em 6 de julho de 2012. No Tribunal de Justiça cearense é presidente da Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional do Ceará - Cejai-CE, coordenadora da Coordenadoria da Infância e da Juventude - CIJ. Foi presidente da 3ª Câmara de Direito Privado. Ingressou na magistratura, em 17 de novembro de 1987, como juíza substituta da Comarca de Tamboril. Atuou nas comarcas de Baturité e Tauá, sendo promovida para Fortaleza, em 1996. Na Capital, presidiu a Junta Eleitoral e desempenhou funções na Comarca Judiciária de Adoção Internacional e em Varas da Fazenda Pública. Atuou também na 8ª Vara Criminal de Fortaleza.

LII.IX - Ligia Andrade de Alencar Magalhães



Nasceu em 15 de julho em Fortaleza-CE. Assumiu o cargo de desembargadora junto ao Tribunal de Justiça do Ceará, em 26 de maio de 2015. É membro da 1ª Câmara Criminal e coordenadora estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar. Ingressou na magistratura em 1987, como juíza substituta na Comarca de Coreaú. Exerceu suas funções em Tauá e, em seguida, em Maranguape. Na Capital, atuou na 1ª e 2ª Varas de Delitos de Tráfico e Substâncias Entorpecentes, em Varas Criminais, Varas do Júri, Varas de Execuções Fiscais de Crimes contra a Ordem Tributária, Varas da Auditoria Militar e 1ª Vara de Falências e Concordatas.

LII.X - Lira Ramos de Oliveira



Natural de São João do Jaguaribe-CE, nasceu em 11 de julho. Tomou posse no Tribunal de Justiça do Ceará, no dia 26 de maio de 2015, pelo critério do merecimento. É membro da 3ª Câmara de Direito Privado. Bacharela em Direito pela Universidade Federal do Ceará – UFC, e formada em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada - Inta, atual Centro Universitário Inta - Uninta. Ingressou na magistratura em 1992, assumindo a Comarca de Coreaú. Atuou em algumas unidades do Juizado Especial Cível e Criminal – JECCs, de Fortaleza, na 3ª Turma Recursal do Fórum Dolor Barreira e na 1ª, 13ª e 7ª Varas Criminais da Capital. Além da 20ª, 19ª, 24ª e 25ª Varas Cíveis do Fórum Clóvis Beviláqua. Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1999). Atualmente, é professora assistente nº 2 da Universidade de Fortaleza. Atualmente exerce a presidência da 3ª Câmara de Direito Privado do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Ceará.

LIII - Destaques tauaense no espaço político

Na política, destacaram-se ao longo dos anos, dentre muitos, já citados e outros: Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves, Deputado provincial; Major Leandro Custódio de Oliveira e Castro; Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro; Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro; Luiz Gonzaga Nogueira Marques, Deputado Federal; Dr. Vicente Cavalcante Fialho, Deputado Federal; Domingos Aguiar Neto, Deputado Federal; Dr. Aroldo Cavalcante Mota, Deputado Estadual. Denis Anderson da Rocha Bezerra, Deputado Federal; Francisco Feitosa de Albuquerque Lima, Deputado Federal; Pe. Francisco Máximo Feitosa e Castro, Deputado Estadual; Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro, Deputado Estadual; Joel Marques, Deputado Estadual; Manoel Gomes de Freitas, Deputado Estadual; Dr. Júlio Gonçalves Rêgo, Deputado Estadual; Antônio Gomes Câmara, Deputado Estadual; Dr. Aroldo Mota, Deputado Estadual; Domingos Aguiar Filho, Deputado Estadual; Idemar Citó, Deputado Estadual; Odilon Aguiar, Deputado Estadual; Aldic Mota, Deputado Estadual; Antônio Gomes de Freitas, Deputado Estadual; Padre Carlos Antônio Barreto, Deputado Republicano de 1893/1896 – 1897/1990; Padre João Felipe Pereira, Deputado Provincial: 1854/1855, 1856/1857 – 1860/1861. Também se destaca no mundo político cearense, a conterrânea Rosário Araújo Pedrosa Ximenes, Prefeita do Município de Canindé-CE, inclusive, reeleita para o período 2021 a 2024, os conterrâneos, Herberlh

Freitas Reis Cavalcante, prefeito de Baturité e Naumi Amorim, prefeito de Caucaia até dezembro de 2020.

Dentre os políticos representantes de Tauá, pela importância, representatividade, liderança e influência no seio da sociedade cearense e, principalmente, tauaense, destacaram-se: Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves, Joel Marques, Dr. Júlio Gonçalves Rêgo, Antônio Gomes Câmara, Domingos Aguiar Filho, Antônio Gomes de Freitas, Denis Anderson da Rocha Bezerra, Vicente Cavalcante Fialho e Domingos Aguiar Neto, Aroldo Cavalcante Mota, Audic Cavalcante Mota, Dr. Vicente Cavalcante Fialho, Luiz Gonzaga Nogueira Marques, dentre muitos outros ilustrados conterrâneos tauaenses.

LIII.I - Major Leandro Custódio de Oliveira e Castro

Deputado Provincial no período de 1864/1865.

LIII.II - Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves

O primeiro doutor de Tauá formado em Direito, em 1835, pela Academia de Olinda. Exerceu a magistratura como Juiz de Direito nas Comarcas de Quixeramobim, Tauá, Alcântara, no Maranhão e Brejo de Areia, na Paraíba, onde faleceu em 1856. Foi Deputado Provincial no biênio de 1838/1839.²²⁹

LIII.III - Cel. Lourenço Alves Feitosa e Castro

Deputado Estadual nos períodos 1892/1893, 1996/1897, 1900/1901, 1904/1905, 1908/1909, 1912/1915, pelo Partido Republicano Conservador do Ceará.

LIII.IV - Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro

Deputado Estadual, nos períodos de: 1897/1900/1901/1904/1905 – 1908/1909 – 1912 – 1915 – 1916/1917 – 1920.

LIII.V - Padre Leopoldo de Araújo Feitosa

Monsenhor. Foi vigário de Trairi, Caucaia, Pacatuba e Cura da Sé, de Fortaleza. Lente do Liceu. Deputado Provincial no biênio 1884/1885.

LIII.VI - Joel Marques

Nasceu em Tauá a 28/12/1901. Filho do farmacêutico Horácio Marques e Maria Rosa Marques faleceu em 16.12.1982. Foi comerciante e próspero fazendeiro. Na política foi prefeito de Tauá em 1928, reeleito em 1930, deixando o cargo em consequência do movimento político revolucionário vitorioso. Nomeado para o mesmo cargo em 1935. Com o advento do regi-

²²⁹ MOTA, Aroldo. História Política de Tauá, Editora ABC. Rio – São Paulo – Fortaleza, 2002, pág. 39/40.

me Constitucional, foi eleito prefeito em 1936, todavia, perdeu o cargo em virtude do golpe de Estado de 1937. No mesmo ano retornou àquela função, por nomeação do Interventor Federal, Dr. Francisco de Menezes Pimentel, permanecendo até 1942, quando se transferiu para Fortaleza. Estabelecendo comércio em Fortaleza, associou-se ao seu irmão Sebastião Marques, em 1945. De 1943 a 1946, fez parte da Comissão Estadual de Preços, donde foi presidente por duas vezes. Em 1946, foi eleito Presidente do Sindicato dos Atacadistas de Gêneros Alimentícios. Candidato à Constituinte de 1947, sob a legenda do Partido Social Democrático – PSD, foi eleito em quarto lugar, dentre os 19 Deputados que constituíram a Bancada partidária desse Partido na Assembleia. Foi membro da Comissão de Saúde Pública e Assistência Social. Reeleito, sucessivamente, por mais cinco legislaturas, 1951, 1955, 1959, 1963 e 1967. Na Assembleia Legislativa, foi indicado pelo Governador Plácido Aderaldo Castelo para o Conselho de Contas dos Municípios, onde permaneceu até de 1970 a 1971.

LIII.VII - Antônio Gomes de Freitas

Nasceu em Tauá a 26/03/1904. Filho do General Domingos Gomes de Freitas e de Maria Francisca Gomes. Faleceu em 1976. Foi contabilista. Lisboa, como era conhecido, ingressou na política como vereador de Fortaleza em 1936, eleito pelo Partido Progressista. Foi Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza no biênio 1937 e 1938. Foi Prefeito de Fortaleza por cerca de sete meses, no impedimento do Dr. Raimundo Alencar Araripe. No Estado Novo, foi convidado pelo interventor do Estado, Dr. Menezes Pimentel, para continuar no cargo de Prefeito. Com as Casas Legislativas fechadas, voltou a exercer o comércio de exportação. Em 1947, com a redemocratização do País, foi convidado pelo Senador da República Olavo Oliveira a ingressar no Partido Social Progressista – PSP. Transferindo-se para a União Democrática Nacional – UDN, em 1950, foi eleito Deputado Estadual com 4.719 votos. Naquela legislatura foi o 2º Vice-Presidente. Transferiu-se para o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, onde foi líder de 1955 a 1958. Reeleito em 1955, 1959 e 1963. Na eleição de 1962, transferiu-se para o Partido Republicano Trabalhista - PRT. Voltou ao PTB, agremiação pela qual exerceu seu último mandato. Em 1958 foi nomeado para o Conselho de Contas dos Municípios. Foi membro do Instituto do Ceará e da Associação Comercial do Estado. Foi Juiz de Paz no distrito de Coutinho, hoje, Quiterianópolis e Diretor Presidente do Instituto do Algodão.

LIII.VIII - Júlio Gonçalves Rêgo

Nascido aos 28 de dezembro de 1932, no Município de Tauá /CE. Filho de José Waldemar Rêgo e Elizabeth Gonçalves Rêgo. Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco, em 1956,



pós-graduado em Medicina do Trabalho pela Universidade Federal do Ceará, em 1974, especialista em Geriatria e Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, diplomado pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG, em Fortaleza/CE. Como acadêmico de medicina exerceu suas atividades no Serviço de Assistência a Psicopatas do Hospital Correia Picanço em Recife/PE (1952 a 1953); Serviço de Saúde do 3.º Distrito Naval (1954 a 1956); Pronto Socorro do Recife/PE, como Urgentista (1955 a 1956); Maternidade de Afogados em Recife/PE (1955 a 1956); SAMDU do Recife/PE, como Transfusionista em

1956. Admitido como médico em 1958, no Departamento de Saúde do Ceará, exerceu as funções de Chefe do Posto de Saúde de Tauá/Ce de 1958 a 1962. Foi médico do DNOCS durante o período de emergência na Região dos Inhamuns. Como Secretário da Saúde incrementou os serviços de assistência e de medicina preventiva em todo o Estado, em cumprimento às metas do Plano de Governo de César Cals. Foi Prefeito do Município de Tauá de 1962 a 1966, renunciando para candidatar-se ao cargo de Deputado Estadual, elegendo-se por seis legislaturas consecutivas: 1966-1970; 1970-1974; 1974-1978; 1978-1982; 1982-1986; 1986-1990. Foi Vice-Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, nos períodos de 1971 a 1973 e de 1981 a 1983; Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, no período de 1991 a 1993, ocasião em que exerceu as funções do cargo de Governador do Estado do Ceará nos anos de 1972, 1983, 1986, 1991 e 1992, em 33 oportunidades, durante os governos de César Cals, Virgílio Távora, Tasso Jereissati e Ciro Gomes. Foi Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Ceará, nomeado em 1994, tendo exercido a Presidência do referido Tribunal com competência e seriedade no biênio 1996/1997.

LIII.IX - Antônio Gomes da Silva Câmara



Nasceu em 04 de abril de 1938, em Tauá, no Ceará. Filho do magistrado José Ósimo da Silva Câmara e da Sra. Maria Gomes de Oliveira Câmara. Iniciou seus estudos no grupo escolar Joaquim Pimenta, em Tauá. Coursou o 2º Grau no Liceu do Ceará, em Fortaleza e estudou na Escola Industrial de Fortaleza. Bacharelou-se em Direito, em 1973, pela UFC. Em 1957, ingressou como funcionário da Previdência Social, chegando à superintendente-adjunto do Órgão, no Ceará. Foi procurador concursado do INPS, depois INSS e, por último, removido para

a Advocacia Geral da União. Originário de uma família com marcante atuação política na região dos Inhamuns e mais fortemente no município de Tauá, que foi governado de 1919 a 1927, pelo seu bisavô Domingos Gomes de Freitas, o advogado Antônio Câmara, em 1974, então superintendente adjunto do INPS, recebeu o convite para ser candidato a deputado estadual pela Aliança Renovadora Nacional (Arena). Aceito o convite, o candidato licenciou-se do cargo efetivo para concorrer às eleições de 15 de novembro de 1974. Foi deputado estadual em cinco legislaturas consecutivas, de 01 de fevereiro de 1975 a 31 de janeiro de 1995. Nesse período, participou praticamente de todas as comissões técnicas em funcionamento na AL. Foi vice-líder do Governo Virgílio Távora e líder do Governo Gonzaga Mota. Autor de vários projetos de lei, merecendo destaque o que autoriza a contagem de tempo de serviço prestado à empresa privada para fins de aposentadoria dos serviços estaduais. Na condição de líder do PDS, presidiu a sessão em que os deputados do partido majoritário na AL elegeriam os seis delegados do Ceará, com direito a voto no Colégio Eleitoral, que escolheria o presidente da República, em 15 de janeiro de 1985. Foram eleitos membros do Colégio Eleitoral que escolheu Tancredo Neves presidente da República, os deputados estaduais Antônio Câmara, Raimundo Bezerra, Jarbas Bezerra, Etevaldo Nogueira, Domingos Fonte e José Mário Barbosa. A partir desse episódio, os dissidentes do PDS que votaram em Tancredo Neves, do PMDB, e não em Paulo Maluf, do PDS, e seguiam a orientação do governador Gonzaga Mota migraram para o PMDB, entre eles estava Antônio Câmara. Em 1985, foi nomeado pelo então governador Gonzaga Mota secretário de Governo. No período, se deu o rompimento político do governador Gonzaga Mota com os ex-governadores Virgílio Távora, César Cals e Adauto Bezerra, que juntos haviam viabilizado a eleição de Gonzaga Mota, em 1982. No início de 1987, o deputado Antônio Câmara foi eleito presidente do Poder Legislativo cearense no biênio 1987/1988, contando com o apoio do então Gonzaga Mota. Nesse período, Antônio Câmara assumiu a chefia do Executivo em várias oportunidades. Também, na gestão do governador Tasso Jereissati assumiu o governo inúmeras vezes, em decorrência da ausência do vice-governador Francisco Castelo de Castro, acometido de grave enfermidade e em constantes tratamentos fora do Estado. Na Assembleia Legislativa o deputado Antônio Câmara presidiu a Assembleia Estadual Constituinte instalada, para a elaboração da Constituição Estadual de 1989. Durante este período, além de garantir mecanismos de transparência dos trabalhos e participação da sociedade, o deputado assegurou o deslocamento da Assembleia Constituinte a regiões do Estado para colher as iniciativas populares, travando-se calorosos debates com as comunidades, suas lideranças, seus representantes, prefeitos, vereadores, deputados e suas forças populares. A eleição de 1990 foi a última que o deputado Antônio Câmara participou, elegendo-se mais uma vez pela legenda do PMDB, desempenhando neste mandato, o cargo de líder da oposição ao governo Ciro Gomes.

LIII.X - Aroldo Cavalcante Mota. (vide fl. 213)

LIII.XI - Vicente Cavalcante Fialho



Nasceu no município de Tauá - CE, no dia 27 de janeiro de 1938, filho de Temístocles Lins Fialho e de Francisca Cavalcanti Fialho. Transferindo-se para Fortaleza, em 1957, iniciou curso de engenharia civil na Universidade Federal do Ceará, diplomando-se em 1961. Neste último ano, foi secretário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem – DNER, de Fortaleza. Em 1965, ingressou na pós-graduação em transportes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, concluindo-a no ano seguinte. Paralelamente a esses estudos, trabalhou como secretário de Obras, Minas e Energia de Fortaleza. Ainda em 1966, foi convidado pelo governador José Sarney (1966-1970), do Maranhão, de quem se tornou amigo, para dirigir o Departamento de Estradas de Rodagem do estado, cargo que ocupou até 1969. Neste último ano, foi nomeado prefeito de São Luís. Em 1970, deixou essa prefeitura para ocupar a da capital do seu estado. Permanecendo, então, na prefeitura de Fortaleza até 1975, durante esse ano e o seguinte, trabalhou como técnico da Comissão Nacional de Política Urbana e Região Metropolitana. Entre 1976 e 1978, exerceu o cargo de diretor-geral do Departamento Nacional de Trânsito - Denatran, em Brasília, durante o governo de João Batista Figueiredo (1979-1985). Em 1979, foi superintendente da Amazônia Mineração, empresa ligada à Companhia Vale do Rio Doce. De 1985 a 1986, no governo José Sarney (1985-1990), foi diretor-geral do Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS, no Rio de Janeiro. Em 1986, foi indicado para ocupar o Ministério Extraordinário para Assuntos de Irrigação, criado em fevereiro. Nesse mesmo ano, cumpriu missão de negociação de projetos de irrigação junto ao Banco Mundial, em Washington. Em dezembro de 1987, afirmou que nos dois últimos anos o governo já conseguira irrigar 150 mil hectares de terras produtivas do Nordeste, além de ter implantado três mil quilômetros de linha de distribuição de energia, como base de apoio para os agricultores, nas margens dos rios perenizados. Ainda nesse mês, considerando o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, patrimônio do Nordeste, descartou a possibilidade de extinção do órgão e anunciou novas medidas para fortalecê-lo. Em fevereiro do ano seguinte, assinou um convênio com o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso (1987-1991), para a liberação de 130 milhões de dólares para viabilizar a primeira etapa do projeto Jaíba, localizado em Manga (norte de Minas), no vale do São Francisco. Esse projeto, que fora iniciado em 1973, na época do "milagre brasileiro", para ser o maior projeto de irrigação da América Latina, deveria estar pronto desde

1978 e, segundo Fialho, levaria ainda 11 anos para ser concluído. Ainda em 1988, negociou projetos de irrigação junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, em Washington, e foi membro especial da comitiva do presidente do Brasil em visita oficial à China. Entre 1988 e 1990, foi membro da Comissão Nacional de Energia. Em janeiro de 1989, admitindo o fim de seu ministério, declarou que ele na verdade seria "um programa que tinha um ministro para articulá-lo". Achou natural que sua pasta fosse extinta e anexada a outro ministério, como o da Agricultura ou o do Interior. Ainda nesse mês, foi empossado como novo titular do Ministério das Minas e Energia, no lugar de Aureliano Chaves. Por essa ocasião, anunciou que o novo presidente da Petrobras seria escolhido entre técnicos da própria empresa, segundo diretriz do presidente Sarney. Defendeu a manutenção do programa de energia nuclear, referindo-se à conveniência da continuidade das usinas Angra I, II e III. Em julho, autorizou as multinacionais Billington Metais, Alcon e Dow Chemical e a empresa nacional Camargo Correia, a construírem com recursos próprios a usina hidrelétrica de Serra Quebrada, no rio Tocantins (MA). Em agosto, prometeu continuar o projeto da usina de xisto, ameaçado de suspensão como forma de conter despesas. Também em 1989, participou da negociação dos produtores mundiais de estanho na Tailândia. Visando garantir o abastecimento de álcool a partir de fevereiro do ano seguinte, para quando estaria sendo previsto o início da escassez, autorizou, em novembro, a liberação de verba para aquisição de metanol no mercado internacional. Com a proibição da comercialização do metanol na cidade de São Paulo e no estado do Rio, em janeiro de 1990, disse estar confiante quanto à sua liberação, devido aos pareceres favoráveis de entidades públicas como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - Ibama. No mês seguinte, com base na decisão do Superior Tribunal de Justiça - STJ, de que cada Tribunal Regional Federal - TRF, poderia permitir ou não, o uso do combustível em sua jurisdição, a proibição no Rio foi mantida estendendo-se até o Espírito Santo. Mesmo assim, embora a sede da estatal fosse no Rio, Fialho autorizou a Petrobras a dar início à mistura de álcool, gasolina e metanol. Deixou a pasta em março de 1990, data em que ela foi incorporada ao Ministério da Infraestrutura, sendo substituído por Pratini de Moraes. Elegeu-se deputado federal no pleito de outubro desse ano na legenda do Partido da Frente Liberal - PFL. Empossado em fevereiro seguinte, participou dos trabalhos legislativos como membro titular da Comissão de Agricultura e Política Rural e suplente da Comissão de Minas e Energia e da Comissão de Defesa Nacional. Na sessão da Câmara dos Deputados de 29 de setembro de 1992, votou a favor da abertura do processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, acusado de crime de responsabilidade por ligações com um esquema de corrupção liderado pelo ex-tesoureiro de sua campanha presidencial, Paulo César Farias. Collor foi afastado da presidência após a votação na Câmara, renunciando ao mandato no dia 29 de dezembro, pouco antes da conclusão do processo pelo Senado. Com sua renúncia e condenação pelo Senado, Itamar Franco, vice-presidente em

exercício desde 2 de outubro, foi efetivado na presidência. Deixou a Câmara em janeiro de 1995, ao final da legislatura, não tendo concorrido à reeleição em outubro do ano anterior. Vicente Fialho foi ainda proprietário de uma emissora de TV no interior do Ceará, professor universitário e participante do Plano de Desenvolvimento Integrado na Região Metropolitana de Fortaleza e das diretrizes nacionais de segurança de transportes. Casou-se com Maria Mirian Brito Fialho, com quem teve cinco filhos²³⁰.

LIII.XII - Luiz Gonzaga Nogueira Marques



Filho de Joel Marques e Maria Alexandri-
no Nogueira Marques. Formado em Engenharia Civil em 1962, pela Universidade Federal do Ceará, trabalhou no departamento de obras vinculado à reitoria da instituição até ingressar na iniciativa privada um ano depois. Após trabalhar no Departamento Nacional de Obras de Saneamento - DNOS, foi chamado a trabalhar na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Ceará,

no primeiro governo Virgílio Távora ocupando diferentes cargos de direção na mesma, na gestão deste e na de Plácido Castelo. Durante o governo Aduino Bezerra foi superintendente de Obras Públicas e depois foi nomeado prefeito de Fortaleza pelo governador Valdemar Alcântara em 1978, em substituição a Evandro Ayres de Moura. Com o retorno de Virgílio Távora ao poder no ano seguinte, voltou a ocupar cargos em diferentes autarquias do estado. Eleito deputado federal pelo PFL em 1986, participou da elaboração da Constituição de 1988, embora tenha renunciado ao mandato em favor de Flávio Marcílio em 1990, a fim de assumir a direção-geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, após escolha do presidente Fernando Collor de Mello. Desde então, não disputou mais eleições. Em 2008, tornou-se um dos provedores da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e cinco anos antes compôs a equipe responsável pela reforma no Palácio da Abolição²³¹.

LIII.XIII - Domingos Gomes de Aguiar Filho

Formado em direito pela Universidade Federal do Ceará - UFC, foi eleito deputado estadual em 1994, e desde então, sempre ocupou cargos na Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Foi duas vezes segundo vice-presidente; uma vez terceiro secretário; e, duas vezes quarto secretário. No seu quarto



230 Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vicente-cavalcanti-fialho>.

231 https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Gonzaga_Nogueira_Marques

mandato parlamentar, foi eleito para a presidência do Legislativo Estadual. Antes de entrar para a política atuava na área de Direito Público. Foi assessor especial da presidência do atual Instituto de Saúde dos Servidores do Estado do Ceará - ISSEC e assessor parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Como faz questão de dizer, sempre foi servidor público, começando aos 18 anos de idade como agente administrativo da Fundação de Saúde do Estado, sendo, posteriormente, escolhido assessor parlamentar, do então deputado Antônio Câmara. Descendente de família política, Domingos Filho herdou do pai, Domingos Gomes de Aguiar, a vontade de dar continuidade à tradição, que iniciou com o seu bisavô, Domingos Gomes de Freitas, e do avô, Odilon Aguiar. De sua mãe, Mônica Moreira Gomes de Aguiar, recebeu as primeiras noções de política. Nasceu em Fortaleza, no dia 09 de outubro de 1963, mas suas raízes estão ligadas ao município de Tauá. É casado com a advogada Patrícia Aguiar com quem tem dois filhos. Em 2008, Domingos Filho presidiu o Parlamento Nordestino. E, em setembro de 2009, foi eleito presidente do Colegiado dos Presidentes das Assembleias Legislativas (biênio 2010/2011). Em 2011, Domingos Filho assume o cargo de vice-governador do Ceará, na chapa eleita em 2010 e que teve como titular o governador Cid Gomes. Foi Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Ceará, onde se aposentou.

LIII.XIV - Idemar Loiola Citó



Nasceu em Tauá, no dia 22 de dezembro de 1949, filho de Francisco das Chagas Carvalho Citó, mais conhecido por Dolonde e Juvenília Maria de Loiola Citó. Idemar é de uma tradicional família dos Inhamuns, sua mãe era filha de Filomena Maria de Loiola e José Rodrigues de Oliveira e Loiola, o conhecido Cazuzza da Joaninha, homem de muitas posses, irmão de Joana Frutuoso de Loiola, a mulher mais rica do sertão dos Inhamuns. Seu pai era filho de Francisca Soares de Carvalho, conhecida pela alcunha de Encarnadinha e de Joaquim Leopoldino de Araujo Citó, não tinham muitas posses, mas seu avô era descendente de pessoas cultas, amantes do Direito. Idemar era trineto do Dr. Antônio Primeiro Martins Chaves (Dr. Citó), que foi juiz em Tauá; bisneto de Dr. Francisco Primeiro de Araújo Citó e, também trineto de Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves (Dr. Leopoldino), primeiro tauaense formado em Direito pela Faculdade de Olinda/PE, em 1835, na 4ª turma de Direito do Brasil, foi também o primeiro juiz da Comarca de São João do Príncipe/Tauá, criada em 1836. Idemar é casado com Gláucia Maria Bezerra Citó e é pai de Osterne Feitosa Neto e Idemar Loyola Citó Filho. Estudou os primeiros anos em Tauá, depois indo pra Fortaleza continuar os estudos, graduando-se em Direito, pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Desde

cedo começou sua carreira no meio empresarial, especificamente, no ramo de transporte, tornando-se um empresário de sucesso no transporte de passageiros do Estado do Ceará. Idemar, seguindo seu trisavô, Dr. Leopoldino, que foi Deputado no Regimento Monárquico, no período de 1838/1839 e 1842/1843, projetou seu nome no cenário político, iniciando sua trajetória política no ano de 1995, quando foi eleito deputado estadual, foram 20 anos de vida pública, 1ª legislatura de 1995 a 1998, segunda legislatura de 1999 a 2002, 3ª legislatura de 2003 a 2006, 4ª legislatura, Suplente de 2006 a 2010, assumiu o cargo pelo período de junho a outubro de 2008 e de outubro/2008 a fevereiro de 2009, 5ª legislatura de 2010 a 2014, tornando-se um dos maiores líderes da região dos Inhamuns. Foram 20 anos de muita luta, vencendo muitas adversidades, mas saindo da vida pública com a consciência tranquila de quem combateu o bom combate.

LIII.XV - Chiquinho Feitosa (fl. 112)

LIII.XVI - Domingos Gomes de Aguiar Neto



Filho de Domingos Gomes de Aguiar Filho e Patrícia Pequeno Costa Gomes de Aguiar. Nasceu em Fortaleza a 29.04.1988. Pai do Tomás, marido da Senhora Lívia. É advogado e possui mestrado incompleto. Deputado Federal - 2011-2015, CE, PSB, Dt. Posse: 01/02/2011; Deputado Federal - 2015-2019, CE, PROS, Dt. Posse: 01/02/2015; Deputado Federal - 2019-2023, CE, PSD; Licenciou-se do mandato de Deputado Federal, na Legislatura 2011-2015, para assumir o cargo de Secretário do Município de Fortaleza, a partir de 7 de fevereiro de 2013. Reassumiu em 18 de fevereiro de 2014. Pertenceu às agremiações partidárias, PROS, PMB, PSD. Foi Líder da Minoria. Foi líder e Vice-Líder de Bloco, participou de diversas comissões na qualidade de titular e suplente. Foi o relator do Orçamento da União para o ano de 2020. Foi secretário extraordinário da Secretaria Municipal da Copa, Fortaleza-CE. Coursou Business English - London, Eurocentres; English School, Tecumseh High School; Ensino Fundamental, Colégio Militar de Fortaleza, CE; Bacharelado em Direito pela Universidade de Fortaleza, CE, 2015; Mestrado em Administração Pública, Escola de Administração de Brasília, IDP, DF, Brasília, 2016. Exerceu a coordenação da Bancada do Ceará.

LIII.XVII - Audic Cavalcante Mota

O deputado estadual Audic Mota é graduado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará - UFC, tendo sido, à época, o formando mais jovem da história da instituição. É, também, pós-gra-



duado em Direito Administrativo, Eleitoral e Tributário. Atualmente, cursa MBA em Ciências Políticas na Universidade do Parlamento Cearense - Unipace e Doutorado em Ciências Sociais e Políticas, pela Universidade de Lisboa, Portugal. No Escritório Cavalcante Mota Associados, figura como sócio proprietário. O advogado e parlamentar iniciou a sua carreira como estagiário em órgãos como Tribunal de Contas do Estado do Ceará - TCE, Fórum Clóvis Beviláqua e Defensoria Pública. Como profissional, atua na área do Direito Público, tendo exercido os cargos de procurador adjunto do Município de Tauá; assessor Jurídico da Presidência da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, além da prestação de serviços de assessoria jurídica em vários municípios cearenses. Na Associação dos Jovens Advogados, trabalhou pela revitalização da entidade e, em 2016, foi eleito membro do Tribunal de Ética da OAB/CE, para o biênio 2016/2019. Inspirado nos passos de representantes da sua família, ainda muito jovem, revelou interesse pela vida política. Em 2008, com 1.814 votos, foi eleito vereador de Tauá e, ainda em 2012, presidiu a Câmara Municipal, em cuja gestão se realça o maior número de projetos de leis já aprovados. Reeleito em 2012, deu continuidade aos seus projetos, que obtiveram grande destaque nas áreas de educação, saúde, cidadania e administração pública. Em 2013, participou das eleições para presidente da União dos Vereadores e Câmaras do Ceará - UVC, obtendo uma notável vitória como reconhecimento dos trabalhos realizados e bem sucedidos. Eleito deputado estadual em 2015 e 2018. Audic Mota fez parte de três das 18 Comissões da OAB/CE: Constituição, Justiça e Redação; Fiscalização e Controle; Viação, Transporte e Desenvolvimento Urbano. Na entidade, também, presidiu o Conselho de Ética. Em dezembro de 2016, foi eleito 1º Secretário da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Ceará, cargo de notória função político-administrativa, que tem responsabilidades sobre toda a rotina gerencial na Casa. Filho de tradicional família tauaense, Audic Mota é casado com Lívia Mota Leitão Lima e pai de Alice Mota Bibiano Cavalcante e Antônio Alaor Mota Bibiano Cavalcante. Exerce, na atualidade, na qualidade de deputado estadual, a 2ª Secretaria da Assembleia Legislativa do Ceará.

LIII.XVIII - Mário Feitoza de Carvalho Freitas

Nasceu em Tauá, na região dos Inhamuns - CE, em 1953. Seus pais, Aristides Aragão Freitas e Celi Feitosa de Carvalho Freitas, tiveram seis filhos. Mário casou-se com Márcia Bezerra de Albuquerque e teve cinco filhos: Mário Filho, Márcio, Marco, Marcelli e Marcelo. Dentre os filhos, dois, Márcio e Marco, dirigem as empresas do pai.

A política está em seu DNA. Seu bisavô paterno, Aristides Cavalcante Freitas, foi prefeito inter-



ventor de Tauá e sua bisavó materna, Dondon Feitosa, além de líder política influente, foi a primeira mulher candidata à Deputada pelo estado do Ceará.

Mário Feitosa é engenheiro de pesca, formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, e administrador de empresas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Sua trajetória profissional começou pelo convênio Eletrobrás-Kellogg-O-CB-Incra, em que permaneceu até 1978. No final desse mesmo ano, entrou no Banco Mercantil do Ceará - BMC, depois Banco Mercantil de Crédito. O executivo inovou, reinventou e ajudou a expandir o BMC, no Ceará e pelo Brasil. A determinação e a coragem de Mário Feitosa esteve à disposição do BMC durante 14 anos.

Em 1992, Mário Feitosa passou a integrar a equipe executiva do Banco Mercantil de Pernambuco, onde ficou até 1995.

O executivo já vislumbrava seu futuro empresarial e, em 1987, criou a marca Fomento Comercial, que depois se transformou em MCF Factoring. Atualmente, o grupo é formado por diversas empresas e diferentes ramos de atuações: MCF Consultoria Empresarial, MCF Correspondente Bancário, MCF Tecnologia, MCF Promotora (Facility), Agropecuária MCF, MCF Corretora de Seguros, Telli Telecomunicações, DWI Estrutura de Negócios e Correspondente Bancário Kommo, entre outras.

Assumiu, como Suplente, o mandato de Deputado Federal, na Legislatura 2011-2015, de 7 de fevereiro de 2012 a 28 de julho de 2012. Foi efetivado no mandato de Deputado Federal, em 2 de janeiro de 2013.

Na Câmara Federal fez parte das seguintes comissões: Finanças e Tributação, Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços – CDEICS.

LIII.XIX - Denis Anderson da Rocha Bezerra



Nasceu em Fortaleza a 17/03/1980. Filho de Francisco Bezerra Cavalcante e Rociélia da Rocha Cavalcante. Casado com a médica geriatra Dra. Carina Bandeira Bezerra que, por sua vez, é detentora de residência médica em Medicina de Família e Comunidade. Especialista em Geriatria. Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva. Docente do Curso de Medicina da Universidade Fortaleza. Áreas de interesse: saúde do idoso, diabetes, envelhecimento, geriatria, gerontologia, atenção primária a saúde. Do enlace matrimonial nasceu Lucas e Felipe. É Advogado, Tabelião e Empresário. Deputado Federal - 2019-2023, representando o Ceará, é filiado ao PSB – Partido Socialista Brasileiro. Tomou Posse a 01/02/2019. Em seu primeiro ano de mandato assumiu uma das vice-lideranças do partido da câ-

mara dos deputados. Faz parte das comissões permanentes de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa – CIDOSO na qualidade de 1º Vice-Presidente (2019-2020) e na atualidade 3º Vice-presidente; Seguridade Social e Família – CSSF, na qualidade de Suplente (2019-2020); Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência – CPD, como Suplente (2019-2020); Finanças e Tributação – CFT como Titular (2019-2020).

Ainda tem assento na Comissão especial de REFORMA TRIBUTÁRIA: Suplente; SUPERENDIVIDAMENTO DO CONSUMIDOR como suplente; COMISSÃO EXTERNA DE ACOMPANHAMENTO DE TRABALHO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC como Titular; COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO: CPI - DERRAMAMENTO DE ÓLEO NO NORDESTE como Suplente. Faz parte do CENTRO DE ESTUDOS E DEBATES ESTRATÉGICOS como titular. Exerceu a Chefia do Serviço de Desenvolvimento de Sistemas do Departamento de Informática, Tribunal



de Justiça do Estado do Ceará, 1997 - 1997; Tabelião Substituto, Cartório do 3o Ofício de Notas e Registros Públicos, Iguatu-CE, 1999; Advogado, Rocha Bezerra Advogados Associados, Ceará, 2007. 2º Vice-Presidente, Instituto de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas Ceará, 2005 - 2007; 1º Vice-Presidente, Instituto de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas , Ceará, 2007 - 2010; Tesoureiro, Associação dos Notários e Registradores , Ceará, 2010 - 2013; 1º Vice-Presidente, Instituto de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas, Ceará, 2010 - 2014; 1º Vice-Presidente, Sindicato dos Notários, Registradores e Distribuidores, Ceará, 2011 - 2014; Tesoureiro, Associação dos Notários e Registradores Ceará, 2013 - 2016; Presidente, Sindicato dos Notários, Registradores e Distribuidores Ceará, 2014 - 2017; 1º Vice-Presidente, Instituto de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas Ceará, 2014 - 2018; 1º Secretário, Associação dos Notários e Registradores Ceará, 2016 - 2019; Diretor, Confederação Nacional de Notários e Registradores, Brasília-DF, 2016 - 2025; Presidente, Sindicato dos Notários, Registradores e Distribuidores, Ceará, 2017 - 2020. Concluiu o curso de Direito, Universidade de Fortaleza, CE, Fortaleza, 1998 - 2007; especializou-se em Direito Imobiliário, pelas Faculdades Integradas de São Paulo, SP, São Paulo, 2001 - 2002; MBA - Executivo em Direito: Gestão e Business Law (Incompleto), Fundação Getúlio Vargas, RJ, Rio de Janeiro, em andamento; também em andamento, cursa mestrado em Políticas Públicas, junto a FGV – Fundação Getúlio Vargas, em Brasília. É Presidente do Diretório Estadual Cearense do PSB. No atual ano legislativo na qualidade de titular, integra a Comissão de Viação e Transporte, e, como suplente, na CCJC – Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, ambas da Câmara Federal do Brasil.

LIV - Vereadores de Tauá ao longo da sua história

Compulsando os anais da Câmara Municipal de Tauá e a obra do ilustrado tauaense "AROLDO MOTA"²³², exerceram a vereança no Município de Tauá, as seguintes personalidades: João Leopoldo Araújo Chaves, Pedro de Araújo Chaves, Antônio Mizael, José Alves, João Oliveira dos Santos, José Pereira Custódio, Joaquim Alves Feitosa, Pedro de Sousa Mota, Ricardo Franco, Marcolino Alves Cavalcante, Manoel Joaquim Pereira, Francisco Roberto Barreto, José André dos Santos, Joaquim Alves Feitosa, Vicente Alexandrino de Sousa, Gonçalo Baptista Vieira Sobrinho, Victor Cavalcante de Barros Mota, Cândido Gonçalves da Silva, Manoel Martins Lô, Ignácio Ferreira de Loyola, Diogo Fernando Pinto, Benone Feliz de Sousa Vale, Pedro do Ó do Nascimento, Manuel Patrício da Paixão, Diogo Fernando Pinto, Marcolino José da Rocha, Alípio Cavalcante de Carvalho, Eufrazio Alves Sobreira, Agostinho Ferreira Lima, Benjamim Pereira de Sousa, Harmodio Alves Cavalcante, João Freire Cidrão, Tenente-Coronel Vicente Alexandrino de Sousa, Aristides de Souza Valle, Olímpio Alves Cavalcante, Tenente Eufrázio Cavalcante, Antônio Pereira da Silveira, Gervásio Meireles, Ricardo Pereira dos Santos, Miguel Francisco de Noronha, José Tomás de Oliveira Gaspar, Manuel Elias da Mota, Manuel Pedrosa Cavalcante, Joaquim Antônio Meireles, Tenente-Coronel Francisco Oliveira Souza, Raymundo Rocha, Tomaz A. de Oliveira Gaspar, Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro, Capitão Joaquim Alves Ferreira, Benevenuto de Oliveira e Sousa, José Lúcio do Nascimento, Manuel Gomes de Freitas, José Pereira da Costa, Pedro Felismino Ribeiro, Emídio Cavalcante, Antônio Vieira Gomes, Francisco Freire Cidrão, Francisco Alves Feitosa, José Noronha de Menezes, Raimundo Melo Pereira, João Soares Pedrosa, Marçal Alexandrino, Temístocles Lins Fialho, Expedito Feitosa, João Monteiro Marquinho, Moacir Pereira Gondim, Francisco Costa da Silva, Alcides Feitosa, Antônio Pereira do Carmo, Nelson Zacarias de Noronha, Joaquim Alves Feitosa Filho, Gerardo Feitosa de Sousa, Joaquim Solano de Feitosa, José Alexandrino Nogueira, Nilo Loiola Alexandrino, Luiz Freire Cidrão, Joaquim Pedrosa Feitosa, Milton Pedrosa Castelo, Francisco Solom Mota, José Arivaldo de Melo Gonçalves, Laurentino Gomes Loiola, José de Araújo Feitosa, João Firmino de Araújo, Inácio Ferrer Feitosa, Expedito de Araújo Feitosa, Júlio Gonçalves Sobrinho, Francisco Chagas de Carvalho Alexandrino, Miguel Gomes de Freitas, José Firmino de Noronha, Raimundo Feitosa de Carvalho, Veridiano Alexandrino Filho, Genésio Rodrigues Loiola, Francisco Setúbal Holanda, Argentino Barbosa da Silva, Antônio Moreira Veras, Francisco Soares de Carvalho, Joaquim de Sousa Bastos, Mário Alves Loiola, Antônio Alves de Lima, Pedro Pedrosa de Castro Castelo, Lourivaldo Gonçalves, Luiz Freitas Carvalho, Pedro Alexandrino Feitosa, Luiz Freitas de Carvalho, José Lins Pedrosa Castelo, José Gonçalves Matos, Antônio Alves de Lima, Expedito Araújo Feitosa, José da Costa Leitão Lima, Fernando do Ó do Nascimen-

232 Idem. *ibidem*, págs. 32-38.

to, Francisco Misael Cavalcante, Teobaldo Cidrão Souto, José Gonçalves Cavalcante, Inácio Loiola, Maria Luiza Castelo, João Gonçalves de Matos, Expedito de Araújo Feitosa, Francisco Caracas dos Santos, Antônio Moreira Veras, Antônio Arnor Mota, Francisco Alexandrino Cazé, Antônio Alves de Lima, Joaquim Alexandrino Feitosa Gonçalves, Pedro Ferreira Lima, Manoel Alves de Paulo, Francisco Cidrão Bezerra, Antônio Carvalho Alexandrino, Luiz Cavalcante Mota, Júlio Alexandrino Feitosa Gonçalves, Francisco Antônio de Lima Peixão, Pedro Ferreira Lima, Antônio Alves de Lima, Manoel Edval de Carvalho, Antônio Ari Alencar, Manuel Teixeira de Carvalho, Radir Soares da Rocha, Manoel Alves da Paula, José Veríssimo de Paiva, Marco Aurélio Moreira de Aguiar, Maria de Fátima Alexandrino Nogueira, Alaor Cavalcante Mota Filho, Cláudio Regis Freitas Vieira, Antônio Coutinho Sobrinho, Júlio Alexandrino Feitosa Gonçalves, José Alverne Lacerda, Antônio Alves de Lima, Moisés Francisco de Lacerda, Antônio Carvalho Alexandrino, José Edvalço de Araújo, Luiz Cavalcante Dias, Pedro de Deus Alexandrino Feitosa, Antônio Pereira Lima, Pedro Ferreira Lima, Leônidas Cordeiro do Nascimento, Patrícia Pequeno Costa Gomes de Aguiar, Francisco Helder Lima Castelo, Expedito Feitosa de Araújo Júnior, Luiz Tomaz Dino, Ronaldo César Feitosa Alexandrino Cidrão, Antônio Teixeira da Silva, João Moreira Neto, Antônio Pereira Lima, Moisés Francisco de Lacerda, Carlos Frederico César Rêgo, Antônio Coutinho Sobrinho, Laucimar Gomes Loiola, Valdemar Gomes Bezerra, Osório Loiola Gonçalves, Ataciso Cavalcante Mota Filho, Antônia Ester Caracas Gonçalves, Francisco Avelange Cavalcante Mota, Francisco Cleber Castelo Guedes, Luiz Alves Neto, Maurício Manuel de Abreu, Expedito de Araújo Feitosa Júnior, Júlio Alexandrino Feitosa Gonçalves, Manoel Loiola de Sena, Irajá Lima Alexandrino, Marco Aurélio Moreira de Aguiar, Antônio Agenor Cavalcante Mota, Francisco Wellington Urbano Cavalcante, Francisco Alcemar Pedrosa, José Castelo Cidrão, Antônio Coutinho Sobrinho, José Valdo Alves do Nascimento, Laurindo Gomes Neto, Luis Alves Neto, Luis Tomaz Dino, Aldic Cavalcante Mota Dias, Antônio Agenor Cavalcante Mota, Francisco Wellington Urbano Cavalcante, Maria de Fátima Castelo Guedes, Manoel Loiola de Sena, Francisco da Costa Feitosa, João Evonilson Alexandrino de Sousa, Cláudio Régis Freitas Vieira, Williana Bezerra de Carvalho, Felipe Veloso Soares Viana de Abreu, Manoel Loiola de Sena, Antônio Marcos Caracas, Antônio Coutinho Sobrinho, Valdemar Gomes Bezerra Junior, Francisca da Costa Feitosa, Maria de Fátima Veloso Soares Mota Bastos, Argentino Tomaz Filho, Edyr Lincon Cavalcante Dias, João Evonilson Alexandrino de Sousa, José Wellington de Melo Gonçalves Júnior, Ronaldo César Feitosa Alexandrino Cidrão Filho.

Para a legislatura 2021 a 2024, foram eleitos os seguintes vereadores: Dr. Fúlvio Gonçalves, Wellington, Érico Lima, Dr. Helder Castelo, Valdemar Júnior, Felipe Viana, Marco Aurélio, Luiz Tomaz, Ronaldinho, Genival Coutinho, Luiz André, Argentino Tomaz, Polyanna Lima, Chico Neto e Alaor Mota.

LV - Presidentes da Câmara Municipal de Tauá ao longo dos anos

Ao longo dos anos, exerceram o honroso encargo de Presidente da Câmara Municipal de Tauá, as personalidades seguintes: Marco Aurélio Moreira de Aguiar, 2011; Antônio Agenor Cavalcante Mota, 2010; Francisco Wellington Urbano Cavalcante, 2009; Antônio Agenor Cavalcante Mota, 2007/08; Francisco Helder Lima Castelo, 2005/06; Antônio Coutinho Sobrinho, 2003/04; Ronaldo César Feitosa Alexandrino Cidrão, 2001/02; Luiz Osório Loiola Gonçalves, 1999/2000; Antônio Teixeira da Silva, 1997/98; Antônio Alexandrino Feitosa, 1996; Luiz Tomaz Dino, 1995/96; José Alverne Lacerda, 1993/94; Francisco Misael Cavalcante, 1991/92; João Carvalho Alexandrino, 1989/90; Pedro Ferreira Lima, 1987/88; Júlio Alexandrino F. Gonçalves, 1985/86; Francisco Cidrão Bezerra, 1983/84; Pedro Pedrosa de Castro Castelo, 1981/82; Antônio Carvalho Alexandrino, 1979/80; Joaquim Alves Feitosa; Valdemar Gomes Bezerra Junior; Felipe Veloso Soares Viana de Abreu; Aldic Cavalcante Mota Dias, dentre muitos outros.

LVI - Câmara Municipal na legislatura (2017 – 2020)

Felipe Veloso Soares Viana de Abreu, nome parlamentar: Felipe Viana, Presidente; Francisco da Costa Feitosa, Chico Neto, 1º Vice-presidente; Maria de Fátima Veloso Soares Mota Bastos, Fátima Veloso, 2º Vice-presidente; Williana Bezerra de Carvalho, Williana Bezerra, 1º Secretário; Luis Tomaz Dino, Luis Tomaz, 2º Secretário.

LVI.I - Vereadores com nome parlamentar – legislatura 2017-2020

Alaor Cavalcante Mota Filho, Alaor Mota; Antônio Coutinho Sobrinho, Antônio Coutinho; Argentino Tomaz Filho, Argentino Filho; Francisco Avelange Cavalcante Mota Junior, Avelange Junior Mota; João Evonilson Alexandrino de Sousa, Vony Sousa; José Wellington de Melo Gonçalves Júnior, Wellington Júnior; Marco Aurélio Moreira de Aguiar, Marco Aurélio; Maria de Fátima Alves Castelo Guedes, Fátima Guedes; Ronaldo César Feitosa Alexandrino Cidrão Filho, Ronaldo César; Valdemar Gomes Bezerra Júnior, Valdemar Júnior.

LVII – Vereadores eleitos para a legislatura 2021 – 2024

Dr. Fúlvio Gonçalves, Wellington, Érico Lima, Dr. Helder Castelo, Valdemar Junior, Felipe Viana, Marco Aurélio, Luiz Tomaz, Ronaldinho, Genival Coutinho, Luiz André, Argentino Tomaz, Polyanna Lima, Chico Neto, Alaor Mota.

LVIII – Mesa diretora da Câmara Municipal de Tauá para o ano legislativo 2021

Dr. Francisco Helder Lima Castelo, Presidente; Érico Batista Lima, 1º Vice-presidente; Apolyanna Lima Ferreira, 2ª Vice-presidente; Francisco Wellington Urbano Cavalcante, 1º Secretário; Francisco da Costa Feitosa, 2º Secretário.

LVIII.I - Vereadores Eleitos para o quadriênio 2021 - 2024

Dr. Fulvio Gonçalves, Wellington, Érico Lima, Dr. Helder Castelo, Valdemar Júnior, Felipe Viana, Marco Aurélio, Luis Tomaz, Ronaldinho, Genival Coutinho, Luiz André, Argentino Tomaz, Polyanna lima, Chico Neto, Alaor Mota.

LIX - Grandes ciclos históricos na política dos Inhamuns e de Tauá ao longo dos anos – Destaques

Impressiona a todos quando examinam a narrativa histórico-política dos Inhamuns e, mais precisamente, de Tauá, “a nossa terra querida”, a riqueza de detalhes, aptidão e conveniência porque grupos de familiares se formaram, uniram-se, romperam-se, tornaram a unir-se, tudo na intenção premente da permanência no poder do mando, muitas das vezes, até mesmo em detrimento do povo e da terra que escolheram por representar. Nesta linha de raciocínio, apegando-me, unicamente, aos propósitos deste trabalho, aproprio-me de um trabalho feito, dentre muitos outros, em face das minúcias porque apresentado, laborado por José Raulino Chaves Pessoa Júnior,²³³ o qual retrata de forma absolutamente fidedigna a trajetória no espaço político dos principais “Caciques”, representantes do nosso Inhamuns e de nossa Tauá.

Narra o autor:

“... Percebe-me nítida característica hegemônica, ou, no mínimo, foram hegemônicas, durante décadas. Em Arneiroz predomina ou predominou por anos a família Petrola; Em Catarina o poder da família Rodrigues Pereira; Em Aiuaba a família Arraes Feitosa, e, com a morte de Armando Arrais Feitosa, os Feitosas passaram a exercer o domínio político na cidade também por anos. As cidades que apresentam maior dinamicidade política, por conseguinte, são: Saboeiro, Parambu e Tauá. Em Saboeiro a família Nocrato foi desbancada por um integrante da família Diógenes, o médico Perboyre Diógenes, nas eleições de 1992. Em Parambu a família Noronha, no entanto, essa família é dividida em duas

233 TERRITÓRIO DOS DEPUTADOS: DINÂMICA ELEITORAL e PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM TAUÁ-CE por José Raulino Chaves Pessoa Júnior – UNICAMP, UNESP, Araraquara (SP) 23 a 25 de abril de 2013.

facções: Mateus Noronha e Ferreira Noronha. Dentre todos os municípios que compõem os Inhamuns, o mais dinâmico politicamente é Tauá, não havendo na nossa a hegemonia política uma única família. A região dos Inhamuns é formada por municípios de pequeno porte demográfico e predominantemente rural. Tauá é a sede regional dos Inhamuns, exercendo sobre as demais cidades da região influência econômica e política, fornecendo lideranças que a representa no âmbito estadual e federal. O domínio político nessa cidade é estratégico para a conquista de votos na região, pois através do controle político da Prefeitura e da Câmara Municipal, as elites conseguem estender sua base política para outras cidades que gravitam em torno de Tauá, como: Arneiroz, Aiuaba, Catarina, Saboeiro, Parambu, Quiterianópolis, Independência. Assim, ter influência política no Executivo e Legislativo em Tauá, possibilita ao político a projeção regional, conseguindo adentrar no colégio eleitoral dos Inhamuns”.

O mesmo autor, no trabalho “Oligarquias rurais do sertão nordestino: estudo de caso em um município de pequeno porte do semiárido cearense”,²³⁴ de forma detalhada, ressalta:

“Dentre todos os municípios que compõem os Inhamuns, o que apresenta maior competição política eleitoral é Tauá, não havendo nessa cidade a hegemonia política de uma única família. Nas décadas de 1960 e 1970, a família Gomes, liderada por Domingos Gomes de Aguiar, estava hegemônica, saindo de cena após o declínio dos três coronéis (Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora), na década de 1980. A partir das primeiras décadas do século XXI, o poder dessa família se atualiza por meio do Domingos Gomes de Aguiar Filho, conselheiro do extinto Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Ceará, e do seu filho, Domingos Gomes de Aguiar Neto, que é deputado federal. O Sertão dos Inhamuns é formado por municípios de pequeno porte demográfico e predominantemente rurais. Segundo censo de 2010 do IBGE, essa região é composta por 138.013 habitantes, residindo na sede 42,63% da população. O município com maior população rural é Parambu (61,14%). Já o mais urbano é Tauá, com 51,43% da população residindo na cidade. Tauá é a sede regional dos Inhamuns, exercendo sobre as demais cidades da região, influência econômica e política. De Tauá advém às lideranças que representam a região no âmbito estadual e federal”.

234 Revista NEP – Núcleo de Estudos Paraenses, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019. Dossiê Oligarquias do Nordeste do Brasil. ISSN: 2447-5548, págs. 102/103.

O autor para explicar o desenrolar da política de Tauá ao longo dos anos, apega-se, na sua visão, a três grandes ciclos de poder, enquanto o renomado Aroldo Mota, a estes acrescenta um quarto ciclo dominantes na política da nossa terra, os quais pelos meus estudos a eles me acosto de forma plena, sem esquecer que, mais modernamente outras figuras vêm se destacando neste cenário, não sei se devo denominá-lo de "quinto ciclo", mas a obrigação que se nos acerca torna-se evidente e obrigatória, por conta da mudança extraordinária porque tais eventos políticos tem se apresentando. E explica:

"O primeiro ciclo como se dá diz, exatamente pela hegemonia da família Feitosa. No início, essa família exerceu seu domínio de forma absoluta, sendo o primeiro grupo de colonizadores a ocupar o território no século XVIII. Queiroz²³⁵, ao abordar o mandonismo local na política brasileira, cita essa família como exemplo de poder privado que dificultou a penetração do Estado nessa região. Os Feitosas ficaram conhecidos na historiografia brasileira após a guerra privada em que se envolveram com a família Monte, descrita por Pinto²³⁶. Esse conflito durou apenas dois anos, mas teve impacto no imaginário coletivo sertanejo, sendo o nome Feitosa sinônimo de valentia, poder e prestígio. No período da Primeira República (1889-1930), os Feitosas permaneceram no poder, embora essa hegemonia sofresse desgastes com a emergência de outras famílias que passaram a reivindicar participação política. Em Tauá, os Feitosas representavam o Partido Republicano Conservador (PRC) e o grupo opositor o Partido Republicano Democrata (PRD). Este grupo, composto por duas famílias, o Clã de Campo Preto e os Gomes de Freitas. Nesse segundo momento acrescenta, "os Feitosas permaneceram no poder apenas quando tinha o apoio da autoridade estadual". Assim, quando o PRC, liderado por Nogueira Accioly, estava no comando do Executivo Estadual, o deputado Lourenço Alves Feitosa conseguia silenciar a oposição e manter sua hegemonia política em Tauá indicando os interventores municipais. Quando o PRC não estava no poder do estado, a família Feitosa perdia o poder político no contexto local".

O segundo ciclo é caracterizado pela liderança política de Joel Marques, destaca:

"Nesse período percebem-se, também, duas fases distintas". No primeiro momento, que correspondeu ao período da Era Vargas (1930-1945), houve uma onda de estabilida-

235 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

236 PINTO, Luis de Aguiar Costa. Lutas de famílias no Brasil. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1980.

de política. Joel Marques, comerciante e sócio da primeira fábrica de beneficiamento de algodão dos Inhamuns, foi eleito prefeito pelo Partido Republicano Progressista (PRP), em 1936. Após o golpe em 1937, por conta de sua relação de amizade com o interventor do estado Francisco Menezes Pimentel, exerceu o cargo de interventor em Tauá durante o período em que este esteve no poder (1937 a 1945). No segundo momento, caracterizado pela restauração democrática de 1945, Joel Marques manteve-se como líder político em Tauá, embora competindo com outros grupos, sobretudo, os Gomes de Freitas. A disputa no âmbito estadual reverberou na formação de agrupamentos no nível municipal. Em Tauá existiam três grupos políticos que se filiaram em partidos distintos: Joel Marques e membros da família Alexandrino ingressaram no Partido Social Democrático (PSD); Gomes de Freitas e o Clã de Campo Preto filiaram na União Democrática Nacional (UDN); integrantes da família Castelo de Castro aderiram ao Partido Social Progressista (PSP). A família Feitosa não estava mais unificada e ficou dispersa entre os partidos.²³⁷

Nas eleições de 1947, em Tauá, semelhante à disputa nacional e estadual, tivemos a polarização entre dois partidos: PSD e a UDN em coligação com o PSP. O resultado eleitoral foi favorável ao candidato do PSD à prefeitura de Tauá, Marçal Alexandrino. Além da eleição de 1947, as disputas pelo Executivo em Tauá ocorridas em 1950, 1954, 1958 e 1962, foram favoráveis aos candidatos do PSD.

Embora nessa última eleição tivesse ocorrido a coligação, liderada pelo então governador Virgílio Távora (UDN), entre as principais lideranças políticas do PSD e da UDN. Esses partidos, até então adversários nas disputas eleitorais, passaram a compor a chamada "União pelo Ceará". Como reflexo dessa coligação, em Tauá uma parte da UDN fez acordo com o PSD e apoiou como candidato a prefeito o médico Júlio Gonçalves Rêgo (PSD), indicado por Joel Marques. Concorrendo com essa chapa estava o outro grupo da UDN, que tinha Alberto Feitosa Lima como candidato.

No período de 1958 a 1962, Júlio Rêgo foi médico-chefe do posto de saúde em Tauá, conseguindo acumular capital político suficiente para ser eleito. Capital esse, obtido no exercício dessa profissão, sobretudo nos constantes atendimentos de "graça". A sua gestão como prefeito (1962-1966) fez com que se projetasse na região do Inhamuns, conseguindo adentrar no colégio eleitoral dos municípios vizinhos e ser eleito deputado estadual em 1966.

Em 1966, Júlio Rêgo, filiado a Aliança Renovadora Nacional – ARENA, foi o terceiro deputado estadual mais votado, 8.423 votos em todo o

²³⁷ MOTA, Aroldo. História política de Tauá. Rio; São Paulo; Fortaleza: ABC, 2002.

estado. Com a candidatura de Júlio Rêgo para o posto de deputado estadual Joel Marques (ARENA) teve dificuldades de ser eleito, perdendo o apoio de chefes políticos de vários municípios dos Inhamuns, como Parambu, Saboeiro e Arneiroz. Essa foi à última eleição que Joel Marques disputou cargos eletivos, sendo posteriormente, por intermédio do governador Plácido Castelo (1966-1971), indicado para ocupar posto de conselheiro no Tribunal de Contas do Município - TCM. E o autor continua narrando:

Com a saída de Joel Marques da arena eleitoral, Júlio Rêgo herdou o seu patrimônio político em Tauá e na região dos Inhamuns, assumindo inclusive a direção do PDS local. O grupo político que competia com Joel Marques era representado pela família Gomes de Freitas. Os integrantes dessa família iniciaram sua trajetória política em Tauá no começo do século XX, quando Domingos Gomes de Freitas foi intendente de Tauá (1919-1927). Com a ascensão política de Joel Marques, o poder dos Gomes de Freitas foi enfraquecido.

Com a redemocratização de 1945, essa família articula a candidatura de deputado estadual a um membro da família. Assim, os dois filhos de Domingos Gomes de Freitas foram eleitos deputados estaduais: Manuel Gomes de Freitas (Nelo Gomes), eleito em 1947 pelo PSP, e Antônio Gomes de Freitas (Lisboa), eleito em 1950 pela UDN e 1954 pelo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, ficando na suplência em 1958 e 1962 pelo PTB.

Nas eleições de 1962, os Gomes de Freitas por conta de uma contenda com a família Feitosa, uniu-se a Joel Marques para disputar a eleição contra o médico Alberto Feitosa. Nesse acordo político, Joel Marques indicou o médico Júlio Rêgo (PSD) para o cargo de prefeito e os Gomes de Freitas indicaram Genésio Loiola (UDN) para vice.

Na eleição de 1966, os Gomes de Freitas tiveram como candidato o médico Domingos Gomes (ARENA) ao posto do Executivo municipal e apoiaram para deputado estadual, o então prefeito de Tauá Júlio Rêgo (ARENA). Na chapa oposicionista estava Alberto Feitosa pelo MDB como candidato ao Executivo municipal e Joel Marques (ARENA) como deputado estadual. O resultado foi favorável a Domingos Aguiar, que obteve 4.007 votos, enquanto Alberto Feitosa teve 3.655 votos. Cabe ressaltar, que todos os dez vereadores eleitos em 1966 eram da ARENA.

Domingos Aguiar passou a atuar para recuperar o prestígio político dos Gomes de Freitas, disputando espaço político com Júlio Rêgo. Nesse sentido, lançou a candidatura do dentista Bernardo Alves de Oliveira ao posto de deputado estadual, buscando diminuir a votação de Júlio Rêgo em Tauá. Embora essa estratégia nas eleições de 1970, não tenha surtido o efeito esperado, pois Júlio Rêgo (ARENA) obteve em Tauá 61,67% dos votos (5.243 votos), enquanto Bernardo Alves (ARENA) conseguiu apenas 32,80% (2.788 votos).

Nas eleições municipais de 1970, apesar da pulverização de candidaturas ao Executivo municipal, quatro ao total, tornou-se evidente a estrutu-

ração de dois grupos políticos: o grupo liderado pelo então deputado Júlio Rêgo, que lançou o médico Alberto Feitosa Lima (ARENA) e conseguiu um total de 63,52% dos votos válidos (5.934 votos); e, o outro grupo, liderado pelo então prefeito Domingos Gomes, que lançou como candidato o comerciante Apolônio Cavalcante Mota, pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, que conseguiu um total de 34,57% dos votos válidos (3.230 votos). Os outros dois candidatos receberam uma quantidade irrisória de votos: Flávio Alexandrino Nogueira (ARENA), que buscava dar continuidade a liderança de Joel Marques em Tauá, com 1% dos votos válidos (92 votos); e, Alcides Feitosa (ARENA), com 0,91% dos votos (85 votos).

Nas eleições municipais de 1972, houve candidatura única e Domingos Gomes foi eleito prefeito, tendo como vice Francisco Misael Cavalcante, vereador pela ARENA em 1966 e 1970. Nessa eleição, Júlio Rêgo e Domingos Gomes estavam unidos para apagar a influência política de Joel Marques em Tauá.

Após o declínio de Joel Marques, temos a configuração do terceiro ciclo político no município. Esse período que predominou até bem pouco tempo, foi iniciado na Ditadura Militar (1964-1985) e tem como característica a disputa entre os grupos político familiar dos Gomes de Freitas e o outro focado na liderança de Júlio Rêgo e Idemar Citó.

A partir das eleições de 1974, dois grupos políticos antagonizaram acirrada disputa política que, aos olhos do povo, caracterizou-se pelo Grupo dos líderes e deputados estaduais, Júlio Rêgo pela ARENA; PDS; PFL; PSDB e do outro lado, Antônio Câmara, pela ARENA; PDS; PMDB.

Em 1990, a concentração de votos que antes se diluía entre os dois eminentes deputados, sofreu redução, não digo significativa, com a entrada na disputa pelos votos dos tauaenses, dos candidatos a deputados estaduais, Joviniano Carvalho, filiado ao Partido da Frente Liberal - PFL, e Antônio Amorim, filiado ao Partido dos Trabalhadores - PT.

Em 1974, em Tauá, duas candidaturas pelo mesmo partido – ARENA, verificou-se: Júlio Rêgo e Antônio Câmara. Naquela eleição Júlio Rêgo obteve a menor votação em Tauá.

Em 1976, Júlio Rêgo candidatou-se ao cargo de prefeito pela ARENA, tendo como vice o líder local José da Costa Leitão Lima (Zé Lima). No outro lado Joaquim de Sousa Bastos e Genésio Rodrigues Loiola. Nessa eleição obteve sucesso Sousa Bastos, eleito com 51,4% dos votos válidos.

Nas eleições municipais seguintes, em 1982, três candidaturas foram lançadas para o executivo municipal tauaense. Os Gomes de Freitas lançaram Domingos Gomes (PDS). O grupo de Júlio Rêgo apoiou a candidatura da agropecuarista Castro Castelo (PDS). O outro grupo, representado pelas lideranças locais que se opunham ao poder dos dois deputados estaduais, era composto pelas lideranças do PMDB local, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da ala progressista da Igreja Católica do município. Estes lançaram

a candidatura do então vereador Francisco Teobaldo Cidrão Souto (PMDB). Elegeu-se nessa eleição, Castro Castelo com cerca de 50% dos votos válidos.

Nas eleições municipais de 1988, em Tauá, novamente três candidaturas foram lançadas saindo-se vencedor José da Costa Leitão Lima, o Zé Lima, com cerca de 52,64% dos votos válidos.

Em 1992, lançaram-se candidatos ao executivo municipal de Tauá, Castro Castelo, pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Agildo Pereira Nogueira pelo PSDB, e, João Antônio da Luz (PFL). Sagrou-se vencedor na disputa, Castro Castelo, com cerca de 42,59% dos votos válidos.

A eleição de 1990 caracterizou-se por ter sido à última em que Antônio Câmara e Júlio Rêgo disputaram o mandato eletivo de deputado estadual.

Em 1994, tem-se por iniciado, outro e novo ciclo. Por indicação de Júlio Rêgo e Antônio Câmara, respectivamente, exsurge as candidaturas de Domingos Filho e Idemar Cito. Ressalte-se que, a votação dos dois novéis políticos teve concentração básica na nossa Tauá. Em 1998, com o ingresso de Castro Castelo na disputa ao posto de deputado estadual, a votação endeçada a Domingos e a Citó, restou diluída e de forma proporcional. Aliás, o somatório da votação de Domingos e Idemar, por um período considerável, alcançou a marca indelével de 80%.

Em maio de 1994, Castro Castelo, então Prefeito Municipal, foi afastado por ato da Câmara dos Vereadores, fato histórico ao que se sabe, articulado pelo deputado Idemar Citó. Castro Castelo, após seu afastamento da prefeitura, passou então a estruturar seu próprio grupo político. Assim, instalou um diretório do PPB em Tauá e, por conseguir a filiação de quatro vereadores, juntou-se e apoiou o candidato a deputado federal Edson Queiroz Filho, do Partido Progressista - PP, o qual naquela eleição elegeu-se.

Em 1996, disputaram as eleições municipais de Tauá: uma coligação apoiada pelo deputado Idemar Citó e Júlio Rêgo, referendando a candidatura do médico João Antônio da Luz (PDT); Apoiada pelos Gomes de Freitas candidatou-se Patrícia Aguiar (PMDB); e, Francisco Cidrão pelo Partido Progressista Brasileiro - PPB. João da Luz sagrou-se vencedor naquelas eleições com cerca de 41,21% dos votos válidos. Em 1999, João da Luz teve suas contas reprovadas pelo Tribunal de Contas dos Municípios - TCM, e foi afastado do cargo, assumindo assim seu vice, o médico Dr. Roney Gonçalves, de outubro a novembro de 1999. Posteriormente, João da Luz, em uma articulação política, conseguiu aprovar suas contas e assumiu novamente o posto de prefeito.

Nas eleições municipais de 2000, novamente três candidaturas se apresentaram. Patrícia Aguiar pelo PMDB; Castro Castelo (PPB), e o então prefeito João da Luz, se candidatou à reeleição pelo Partido da Mobilização Nacional - PMN. Patrícia Aguiar venceu o pleito com 53,75% dos votos válidos.

Em 2004, duas candidaturas se apresentaram a disputa pela Prefeitura de nossa Terra. Idemar Citó (PSDB), e, Patrícia Aguiar pelo PMDB. Nessa

eleição, Idemar Citó conseguiu 45,50% dos votos válidos, enquanto Patrícia Aguiar elegeu-se com cerca de 54,49% dos votos válidos.

Em 2008, apoiado por quatorze partidos, o advogado Odilon Aguiar pelo PMDB, venceu o médico Ronaldo César que concorreu pelo PDT, com cerca de 56% dos votos válidos.

Em 2012, concorreram ao executivo municipal de Tauá, Patrícia Aguiar pelo PMDB, o médico Dr. Carlos Windson pelo PR e Josivaldo Alves, obtendo sucesso Patrícia Aguiar, com cerca de 61% dos votos válidos. Através desse resultado, *Domingos Filho, então vice-governador do Estado, consolidou sua hegemonia política no município, ademais, ao seu lado, seu filho, Domingos Neto, na qualidade de deputado federal.*

Na eleição municipal de 2017, o tauaense Carlos Windson Cavalcante Mota, junto com o seu vice Fred Rêgo, em coligação com grupos contrários a Domingos filho, derrotou a então Prefeita Municipal Patrícia Aguiar, com uma diferença inusitada de 93 votos. Carlos Windson, contudo, no ano de 2019, foi afastado e cassado pela Câmara Municipal local, acusado que foi por improbidade administrativa. Diz-se, que as articulações para o afastamento e cassação de Carlos Windson deram-se pelas ações desproporcionais, despropositadas, injustas e artificiais realizadas pelos grupos de Domingos Filho, Idemar Citó, Joaquim de Sousa Bastos e outros, para que assumisse no seu lugar, o seu vice, Fred Rêgo.

Há de se destacar que na política de Tauá, no ano de 2014, apoiado por Chiquinho Feitosa e Idemar Citó, surge novel Deputado Estadual, e, por conseguinte, nova liderança local (será o outro ciclo iniciado?), eis que, o então vereador Audic Mota, foi pela sigla do PMDB eleito com cerca de 28.509 votos. Na eleição de 2018, apartado dos seus idealizadores, exercendo a 1ª Secretaria da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Ceará, reelegeu-se abraçado pela sigla partidária do PSB, a Deputado Estadual com 49.056 votos.

Também para o quadriênio 2009 a 2012, Domingos Filho elege Prefeito de Tauá, o seu primo Odilon Silveira Aguiar, o qual após deixar o cargo de gestor de Tauá, candidata-se ao posto de deputado estadual, sendo eleito com cerca de 57.454 votos. Nessa condição ficou de 2015 a 2018.

Novas lideranças entram no cenário político de Tauá, agora no âmbito Federal, em destaque: Luiz Marques (Constituinte), 1987-1991; Vicente Cavalcante Fialho, de 1991 a 1995; Chiquinho Feitosa, 1999-2003, PSDB; Domingos Neto, 2011-2015, PSB, 2015-2019, PROS; 2019-2023, CE, PSD e Denis Anderson da Rocha Bezerra, eleito pela sigla partidária do PSB, com cerca de 106.000 votos para a legislatura 2019-2023. Hoje, referido parlamentar é o presidente do diretório regional do referido partido.

Outro fato inusitado e somente visto na política de Tauá, aconteceu recentemente quando o grupo político comandado por Idemar Citó e Chiquinho Feitosa, por conveniência política, talvez, até mesmo por questão ideológica, apartou-se do grupo político de Domingos Filho. Diz-se que in-

teresse antagonico antecipou tal atitude, uma vez que Fred Rêgo pretendeu candidatar-se a reeleição, enquanto Patrícia Aguiar postulava o seu retorno ao comando do executivo municipal de nossa terra. Assim, o Grupo de Chiquinho Feitosa e Idemar Citó, pertencente ao Democratas - DEM, achou por bem firmar parceria em Tauá com o Partido Social Brasileiro - PSB, de cuja liderança local, faz parte o Deputado Federal, Denis Anderson da Rocha Bezerra, Presidente Estadual do Partido, e o médico Dr. Joel Campos, lideranças emergentes de Tauá, grupo este composto, ademais, pelos vereadores Francisco da Costa Feitosa, Ronaldo César Cidrão Alexandrino Filho, Argentino Tomaz Dino, Maria de Fátima Alves Castelo Guedes, Wiliana Bezerra de Carvalho, José Wellington de Melo Gonçalves Junior, além de outros novos, segundo afirma-se, companheiros de partidos (PSB).

Na eleição de 15 de novembro de 2020, concorrem ao cargo de Prefeito Municipal de Tauá, Patrícia Aguiar pelo PSD, Fred Rêgo, pelo DEM, Dr. Edyr, pelo PP, Amauri Cavalcante, pelo PSL, Rildo Dantas, pelo REPUBLICANOS e Samuel Marques, pelo AVANTE. Nesta eleição obteve sucesso a candidata Patrícia Aguiar com cerca de 16.964 votos, isto é, 48,91% dos votos válidos, retomando, assim, o seu grupo político as rédeas administrativas do nosso município.

Ademais, para a legislatura 2021 a 2024, foram eleitos os seguintes vereadores: Dr. Fúlvio Gonçalves, Wellington, Érico Lima, Dr. Helder Castelo, Valdemar Júnior, Felipe Viana, Marco Aurélio, Luiz Tomaz, Ronaldinho, Genival Coutinho, Luiz André, Argentino Tomaz, Polyanna Lima, Chico Neto e Alaor Mota.

LX - O último Coronel de Tauá

Escreve a professora Salete Vale no episódio de nº 54, pesquisa por ela realizada a respeito da nossa história e que é levada a cabo semanalmente aos nossos conterrâneos por meio do rádio, que o Jornal Folha dos Inhamuns, em trabalho da autoria do Dr. João Castelo, conterrâneo de capacidade jurídica e intelectual indiscutível, retratou a pessoa do ilustre tauaense de coração, Antônio Vieira Gomes, como "o último dos coronéis", narrando:

"Em verdade, quem conheceu Antônio Vieira, e eu o conheci casado com Dona Lili Feitosa, professora obstinada que foi de Tauá, sabe da postura daquele cidadão, sempre centrado nas coisas que focava, vislumbrando acima de tudo o bem como de nossa terra. A região dos Inhamuns ao longo de sua história política se tem notabilizado pela grandeza moral dos seus líderes quase sempre aguerridos e abnegados defensores do bem-estar do seu povo e de sua gente. E em meio a esta apreciação saudosista, reservo um espaço à memória daquele que em vida foi um exemplo notável dessa liderança. Falo do Coronel Antônio Vieira Gomes,

no meu entender, o último dos coronéis que recentemente partiu de sua terra banhado pelas lágrimas dos seus familiares e amigos que embargados pela dor incontrolável da saudade, ali estiveram para tributar ao grande chefe a sua última e mais do que justo homenagem. Nascido no distrito de Cruz, no município Independência, nos idos de 1894, Antônio Vieira iniciou-se no comércio radicando-se mais tarde no município de Tauá, aonde vieram contrair núpcias com a dona Freitinhos Gomes, filha do saudoso Coronel Domingos Gomes de Freitas a quem mais tarde viera suceder. Com absoluto equilíbrio e incontestável competência no difícil honroso posto de chefe maior das forças políticas ali comandadas pela valorosa e tradicional família Gomes de Freitas. Da união com Dona Freitinhos tiveram apenas um filho, Luiz Gonzaga Gomes Ferreira, advogado, professor e até bem pouco tempo Procurador Jurídico do DETRAN. Com o desaparecimento prematuro de Dona Freitinhos, Antônio Vieira casar-se-ia mais tarde com a professora Lili Feitosa que permaneceu ao seu lado até os últimos momentos de sua existência. Com extrema vocação política, Antônio Vieira pertenceu a uma geração de coronéis cujas patentes eram conquistadas pela grandeza de suas decisões ou pela bravura de destemidas e corajosas ações. Foi vereador em Tauá tendo sido inquestionavelmente responsável pela eleição de vários prefeitos, destacando-se entre eles o atual Deputado Júlio Rêgo e o médico Domingos Gomes de Aguiar. Este último, por duas vezes. Patriarca de várias gerações de tauaenses, Antônio Vieira foi ainda o responsável mais direto pelo ingresso do Deputado Antônio Câmara na vida pública e o mais persistente incentivador na vitoriosa e bem sucedida carreira política do atual presidente do Poder Legislativo cearense, que entre outros valores tem sabido honrar com dignidade e espírito público a memória de seus inesquecíveis antecessores, os não menos valorosos deputados Nelo Gomes e Gomes de Freitas. Concorrendo as eleições municipais realizadas no ano de 1936, Antônio Vieira foi eleito à Câmara de Vereadores de Tauá obtendo a expressiva votação de 637 votos, quando o segundo Vereador mais votado de sua bancada, no caso saudoso Coronel Francisco Freire Cidrão, era eleito com 96 sufrágios. Integraram ainda bancada do então Partido Republicano Progressista, na mesma legislatura, os vereadores Francisco Alves Feitosa, José Noronha de Menezes, Raimundo de Melo Pereira, João Soares Pedrosa, Marcelo Alexandrino e, na condição de suplentes, Temístocles Lins Fialho e Expedito Feitosa. Assim, escrevo

para os Inhamuns desse palco da vida de Antônio Vieira Gomes, o último dos coronéis, que partindo nos deixou uma lição de vida, um legado de coragem e determinação, para que a nossa e outras gerações nunca se curvem diante dos desafios que costuma inibir as ações dos que necessitam e devem lutar sem violência, porém com destemor por uma sociedade melhor, mais humana e mais justa”.

LXI - Administradores do município de Tauá ao longo dos tempos, por partido político e tempo – capitães-mores, intendentos, Interventores, prefeitos, vice-prefeitos eleitos e presidente da Câmara Municipal eleitos, em substituição

Levantamento realizado pelo eminente jurista e historiador Aroldo Mota,²³⁸ da república até a modernidade, nossa Tauá teve como administrador, entre intendentos, interventores, prefeitos eleitos, além de substitutos eventuais, 47 pessoas, cidadãos e cidadã das mais diversas classes sociais e profissões, os quais geriram a nossa terra, a maioria com mérito e real desenvoltura, deixando marcas indelévels ao nosso desenvolvimento e a nossa história. Tais conterrâneos merecem destaque na nossa história. Ressalto, ademais, que no império, a administração da Vila de São João do Príncipe foi administrada por potentados escolhidos pelo governador da província, dentre fazendeiros, militares, religiosos e/ou capitão-mor. Neste trabalho, procuro romper um pouco o conhecimento do nosso povo, ao citar mesmo sabendo enfadonha a sua leitura, parte da biografia dos nossos gestores quando encontrada, por reputar de primordial importância, a todos conhecer mesmo que de forma superficial.

LXI.I - Capitães-Mores gestores de Tauá

Com a instalação da Vila de São João do Príncipe foi nomeado Capitão-mor, o Senhor José Alves Feitosa, o qual nessa qualidade passou a gerir as subvenções literárias e militares da Vila, inclusive, a superintendência das propriedades pertencentes a pessoas falecidas ou ausentes da Vila. Ademais, para várias regiões funcionava como coletor dos dízimos da coroa. Em 1805, foi nomeado comandante geral da fronteira entre o Ceará e o Piauí.²³⁹

José Alves Feitosa serviu ao nosso torrão natal por longos 32 anos.

No Livro de nº 18 dos Termos de juramentos e posse da Capitania do Ceará (1767-1840), constam o termo de posse de José Alves Feitosa, na qualidade de Capitão-Mor das Ordenanças da Vila Nova de S. João do Príncipe, conforme as fls. 46v do livro respectivo, constante do Arquivo Público do Estado do Ceará.

²³⁸ Ibidem pág.

²³⁹ Ibidem, p. 85.

Antônio Martins Chaves, da fazenda São Bento, por outro lado, foi o último Capitão-Mor dos Inhamuns, dado que o posto em evidência teve sua extinção decretada em 1831.

Nosso município, por oportuno, após o período imperial, foi administrado em primeiro, por intendentess, depois interventores, prefeitos eleitos, vice-prefeitos eleitos e, ocasionalmente, por presidentes da Câmara Municipal. Foram eles:

LXI.II - Intendentess gestores de Tauá

Segundo consta no Livro "Inhamuns Terra e Homens", de autoria de Gomes de Freitas, pág. 169, o Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro foi o primeiro intendente de Tauá nomeado pelo Presidente do Estado. Na sua ausência, era seu substituto Joaquim Alves Ferreira. Já a Câmara era constituída pelos vereadores Vicente Alexandrino de Sousa (Presidente), Gervásio Meireles, Miguel Francisco de Noronha, José Tomás de Oliveira Gaspar, Manoel Elias da Mota, Manoel Pedrosa Cavalcante e Joaquim Antônio Meireles.

LXI.II.I - Eufrásio Alves de Oliveira

PRD. 1912 a 1914. Substituto do Coronel Lourenço, fato acontecido em 13 de abril de 1912, em face da derrota do partido de Acioli. Eufrásio foi adepto da política de Franco Rabelo e do Clã de Campo Preto do Rio Favelas. Naquele período, os Feitosas deixaram de predominar nos destinos da nossa terra por um tempo. O ano de 1912 tornou-se o marco decisivo e histórico para o nosso município.

LXI.II.II - Lourenço Alves Feitosa

PRC. 1914 a 1915. O ano de 1914, marca a volta do Coronel Lourenço a política de mando em Tauá. Por ter se mantido oposição a Franco Rabelo, foi recompensado com o cargo de Intendente de Tauá, fato acontecido em 1º de abril de 1914.

LXI.II.III - Francisco Alves Ferreira

PRC. 1915 a 1917. Com a morte de Lourenço Alves Feitosa, Francisco, um dos seus mais fiéis seguidores, foi nomeado Intendente de Tauá. Francisco pediu demissão em 1917.



LXI.II.IV - José Alves de Araújo Feitosa

PRC. 1917 a 1919. Com o pedido de demissão em 1917 de Francisco Alves Ferreira, foi nomeado no mesmo ano ao cargo de intendente de Tauá.

LXI.II.V - Domingos Gomes de Freitas



PRD. 1919 a 1926. Foi o último intendente de Tauá, cargo exercido de 29/07/1919 a 10/11/1926. Assumiu com o rompimento do Presidente do Estado, Dr. Tomé de Sabóia, com o Partido Republicano Conservador - PRC. Pai de dois ex-deputados estaduais, Manoel Gomes de Freitas (Nelo Gomes), eleito em 1947, e Antônio Gomes de Freitas (Lisboa), eleito em 1950 e 1954, avô do magistrado José Ósimo da Silva Câmara e bisavô do ex-deputado Antônio Gomes da Silva Câmara. Liderou em Tauá o Partido Republicano Democrata, também chamado de Rebelista por muitos anos.

LXI.III - Interventores gestores de Tauá

LXI.III.I - Benone Teles de Sousa Vale

Partido Republicano Conservador - PRC. 1890 a 1894. Foi um rico fazendeiro à época, no vasto sertão dos Inhamuns. Por sua influência foi nomeado interventor.

LXI.III.II - João Freire Cidrão

Partido Conservador Republicano - PRC. 1894 a 1896. Nasceu em 24 de junho de 1868, na localidade Marrecas, faleceu em 06 de abril de 1934, na Fazenda Monte Cristo, em Tauá. Filho de Vicente Freire Cidrão e Maria Flor Oliveira Marido de Raquel Freire Cidrão Pai de José Freire Cidrão.

LXI.III.III - José de Sousa Vale

Pela sua condição de grande fazendeiro na região dos Inhamuns e por pertencer aos quadros do Partido Conservador Republicano - PRC, foi nomeado e exerceu a interventoria em Tauá de 1896 a 10/06/1901.



LXI.III.IV - Lourenço Alves Feitosa

Partido Conservador Republicano - PRC. 10/06/1901 a 13/04/1912. 1º Mandato. (vide fl. 87)



LXI.III.V - Joel Marques

Partido Republicano Democrático - PRD.1930. Interventor e Prefeito eleito. (vide fl. 305)

Fato interessante acontecido no Governo Joel Marques e que merece lembrar, por se encontrar relacionado diretamente a educação de nossa terra, e, por via direta aos fundamentos deste nosso estudo, mais uma vez apego-me as pesquisas da tauaense Salete Vale que, revisitando a nossa história, a respeito, relata²⁴⁰:

“...

Como no episódio anterior falamos sobre a educação em Tauá, vou dar continuidade a esse tema contando um pouco sobre a escola Fazenda Menezes Pimentel. Já ouviram falar nessa escola? Sabe aquele prédio antigo que funcionava a Prefeitura Municipal na gestão da Patrícia Aguiar? Ali funcionou parte da Escola Fazenda Menezes Pimentel. Em princípios de 1939, criou o então Prefeito Joel Marques de Tauá a escola Fazenda Menezes Pimentel. Foi uma iniciativa que deu realce à sua administração Municipal encarando a obra pelas intenções que deram origem a sua criação, pode-se dizer que foi uma medida inspirada nas necessidades sociais do meio reclamado ali como é em qualquer outro ponto dos nossos Sertões que tanto carecem da educação sobre bases rurais. O aparecimento dessa escola repercutiu de tal forma aqui e alhures, que dentro do estado e fora dele surgiram novas instituições do mesmo gênero as quais vieram igualmente desfraldando com entusiasmo contagiante a bandeira da educação ruralista. Em russia tivemos por conta do Estado, uma cópia ampliada da

240 Ibidem. Episódio 25.

obscura escola de Tauá, e assim por diante. Os dois estabelecimentos de Tauá e Russas que se destinam ao preparo do trabalhador rural são organizações que procuram irradiar em torno de si seu prestígio e influenciar junto às populações indígenas no trato da terra e do gado. Infelizmente, são muito pobres pelo menos a do Inhamuns em que tivemos a oportunidade de conhecer durante dois anos. É o que diz o autor desse texto. A verba a que mantém é tirado ao imposto do fomento Rural do município ficando por isso subordinada à administração financeira da comuna. Esta por sua vez, está sujeita às oscilações do clima de sorte que quando há inverno todos pagam imposto do fomento e ela se mantém. Se, porém, não chove como sucedeu no ano de 1942, nem todos poderão atender à exigência legal da contribuição e ela estaciona. A exemplo do que ocorre com quase tudo nas zonas flageladas. E o que depender no Ceará de tempo bom terá sempre vida atribulada e produção efêmera. Não obstante isso, a escola produziu alguma coisa. Com o pequeno recurso de que dispunha formou até 1941, três turmas de capatazes rurais, construiu o campus de cooperação, deu assistência técnica e forneceu medicamentos veterinários. Inaugurou com surpreendente êxito, a 2 de Agosto do ano de 1941, a primeira exposição agropecuária abrilhantada por uma imponente parada de vaqueiros. Consta na foto dessa parada realizada na Rua Coronel Lourenço Feitosa, em frente a atual residência de Agildo Nogueira. E, finalmente, realizou uma série de trabalhos constantes no seu programa de educação Rural que atestaram a evidência a sua proveitosa atuação no município. E cremos que poderá fazer muito mais para o futuro. Tudo nos leva a acreditar que para ela estar destinada a uma elevada missão social dentro da região inhamuense. Chamando a si a responsabilidade de sua manutenção, o Estado há de transformá-la no órgão de educação mais direta e de mais utilidade ainda, ampliando o seu raio de ação por toda a zona onde de certo irá lutar por um padrão de trabalho mais proveitoso, equitativo e humano. A escola Fazenda concorreu sem dúvida para o alvorecer desses novos dias que surgem portadores de maiores esperanças para nossa vida rural. Alguns dos Medicamentos foram por ela introduzidos no município. Várias doenças de bovinos, equinos e caprinos tiveram que conhecer seus meios de tratamento racional e adequado. Havia algumas completamente desconhecidas e, em geral, fatais que foram estudadas e diagnosticadas por veterinários na chamada da escola e depois extintas dos Campos

onde surpreendiam a criação desprevenida. O mofo, verdadeiro flagelo dos cavalos do Inhamuns, o carbúnculo, a aftosa, garrotilho, algumas verminoses, etc, são hoje males cujo tratamento é conhecido graças ao esforço para bem servir da Escola Fazenda Menezes Pimentel. Esse texto foi retirado do livro "Escola Fazenda Menezes Pimentel - alguns aspectos da Fazenda no Inhamuns", de autoria do engenheiro agrônomo Mário Rocha, editado em dezembro de 1942, pela tipografia Minerva Assis Bezerra e Companhia em Fortaleza, Ceará. Infelizmente, a escola não permaneceu por muitos anos e não sei onde encontrar dados da secretaria dessa escola. "Com certeza, com o nome dos que ali estudaram, dos professores, e toda a vida dessa escola é algo a pesquisar".

LXI.III.VI - Francisco das Chagas Nogueira Caminha.

Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará, foi nomeado interventor para Tauá de 1930 a 1931. Foi o primeiro Comandante do Corpo de Bombeiros do Ceará.

LXI.III.VII - Ózimo de Alencar Lima.

Então Coronel com influência no mundo social e político regional, foi nomeado interventor de Tauá para os anos de 1931 a 1933.



LXI.III.VIII - José Jaime de Alencar.



Ao tempo exercendo cargo de funcionário público, por sua influência foi nomeado interventor de Tauá para o ano de 1933.

LXI.III.IX - Manoel Trajano Borges

Exerceu a profissão de dentista, em Tauá, e graças a sua influência no meio social da nossa terra, foi nomeado para o cargo de interventor de 1933 a 1935.



LXI.III.X - Odilon Silveira Aguiar

Funcionário Público. De tradicional e respeitada família política da nossa região, exerceu o cargo de interventor de Tauá de 1935 a 1936.

LXI.III.XI - Aristides Cavalcante Freitas

Comerciante influente foi prefeito interventor de Tauá no ano de 1930.

LXI.III.XII - Sebastião Marques

Grande comerciante e influente, personalidade política de Tauá, foi nomeado para o cargo de interventor para o período de 1943 a 1945.

LXI.III.XIII - Cristóvão Peixoto de Holanda

Foi interventor em Tauá no ano de 1945. Militar. Em 1963, então Coronel PM, assumiu o comando da Polícia Militar do Ceará, em substituição ao coronel do Exército Aloísio Brígido Borba.

LXI.III.XIV - Antônio Jataí Sobrinho



Próspero fazendeiro tauaense, por sua reputação e influência na sociedade de então, foi nomeado interventor para o ano de 1947. A Câmara Municipal de Tauá para homenageá-lo instituiu medalha com o seu nome.

LXI.III.XV - Joaquim de Castro Feitosa.



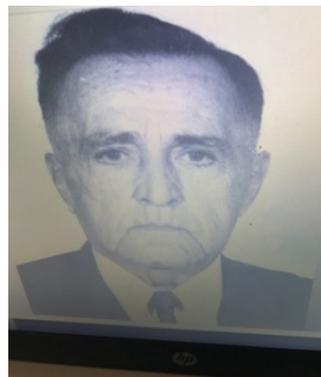
Nasceu na cidade de Tauá, em 30 de novembro de 1915 e faleceu no dia 05 de dezembro de 2003. Graduiu-se pela Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Pesquisador nato produziu várias publicações técnico-científicas, dentre as quais se destacam: Fontes Naturais dos Inhamuns; Anotações Climáticas de Tauá; El niño; Observações sobre o Cajueiro; Síntese Global dos Trabalhos apresentados na 1ª Semana do Caju em Fortaleza-Ce; Anotações sobre as Pragas do Cajueiro; A Cabra Anglo-nubiana; Construção de Pequenos Açudes

e Barreiros; Caracterização e uso dos principais solos do Ceará; Aspectos Agrológicos do Ceará; Aspectos Conservacionistas, dentre outras. Casado com Dona Maria Dolores de Andrade Feitosa, com ela teve cinco filhos. Foi interventor de Tauá em 1947. Organizou e fundou, com ambientalistas cearenses em 1974, a primeira ONG do nordeste, a Sociedade Cearense de Defesa da Cultura e do Meio Ambiente – Socema, da qual foi presidente por 17 anos. Foi membro efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História e foi do Conselho Estadual do Meio Ambiente – Coema, bem como da Fundação Brasileira do Caju. Idealizou e instituiu oficialmente, em 1992, a Fundação Bernardo Feitosa e a presidiu por 12 anos, mantenedora e guardiã do Museu Regional dos Inhamuns cujo acervo arqueológico e paleontológico é dos mais expressivos do Brasil, com peças raras e sem similar em nosso país, o que o coloca em pé e igualdade com outras instituições do gênero. É detentor de diversas comendas e honrarias.

LXI.IV - Prefeitos eleitos (gestores de Tauá)

LXI.IV.I - Capitão Joaquim Alves Ferreira

Foi comerciante na nossa Tauá, tendo sido escolhido através do voto popular a Prefeito Municipal pelo PRC, referentemente aos anos de 1926 a 1928.



LXI.IV.II - Joel Marques. (Vide fl. 305).

LXI.IV.III - Marçal Alexandrino de Oliveira

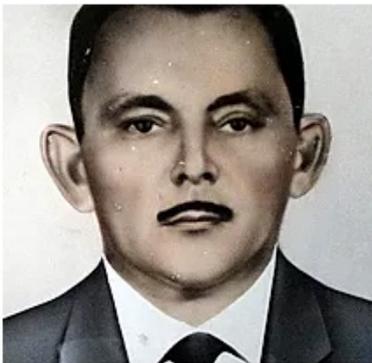
Filho de Tauá. Respeitado agropecuarista de nossa terra. Líder político de sua família. Foi eleito pelo Partido Social Democrático – PSD, para o cargo de Prefeito Municipal de 1947 a 1951.

LXI.IV.IV - Flávio Alexandrino Nogueira

Foi respeitado agropecuarista e cidadão de Tauá. Foi Prefeito Municipal pelo PSD de 1951 a 1955²⁴¹. Na sua gestão a frente da nossa terra, no ano de 1951, construiu a primeira caixa d'água da cidade, juntamente com um poço profundo situado e submerso no leito do Rio Trici, com a finalidade de abastecer o Hospital Municipal a época. Em razão de um desnível existente na obra, contudo, o seu objetivo principal não foi alcançado. A população de Tauá foi por alguns anos servida pela referida obra que, por sinal, encontra-se tombada sob o nº 09, do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Tauá, na conformidade do *Decreto Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937, na Lei Municipal nº 1316, de 29 de abril de 2005, e no Decreto Municipal de nº 27, de 9 de maio de 2005, e a partir do Processo nº 010/2006, protocolado em 6 de junho de 2006, após requerimento de Antônio Alves Bezerra e Francisco Gomes da Silva. O referido tombamento encontra-se registrado no Cartório do 1º Ofício sede de Tauá, no livro B-12, fls. 231, sob nº 2404, de 26 de abril de 2007.*

LXI.IV.V - Moacir Pereira Gondim

Por exercer função pública, porquanto a época funcionário público, escolhido que foi pelo seu partido PSD, foi eleito ao cargo de Prefeito Municipal para o período de 1955 a 1959.



LXI.IV.VI - Gerardo Feitosa de Sousa. (Vide fl. 104)

²⁴¹ Disponível em: https://www.meutaua.com/caixa-dgua-da-prainha?fb_comment_id=1077330208974249_2160325140674745.



LXI.IV.VII - Júlio Gonçalves Rêgo. (Vide fl.306)

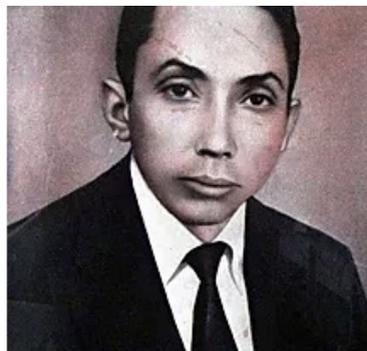
LXI.IV.VIII - Genésio Loiola.

Tauaense dos mais ilustres, o agropecuarista Genésio Loiola, foi eleito vice-prefeito em 1962 na chapa que tinha como prefeito o médico Dr. Júlio Rêgo. Em 1963 Genésio e Júlio Rêgo assumiram o comando da Prefeitura Municipal de Tauá. Com a eleição do prefeito Dr. Júlio para Assembleia Legislativa do Ceará, o vice-prefeito Genésio Loiola foi empossado como prefeito para administrar Tauá nos últimos quinze meses (1966/1967) daquela gestão municipal. Na caminhada política de Genésio Loiola, em 1976 foi também eleito vice-prefeito ao lado do então candidato a prefeito, o empresário Joaquim de Souza Bastos. Na qualidade de político na nossa terra, Genésio Loiola exerceu, ademais, o cargo de vereador por várias legislaturas. Faleceu em Fortaleza em março de 2017, aos 93 anos de idade. Vê ainda, páginas 319-320.



LXI.IV.IX - Domingos Gomes Aguiar.

O médico Domingos Gomes Aguiar, tauaense de família renomada e dos mais ilustres filhos de nossa Tauá, é casado com a Senhora Mônica Moreira Gomes de Aguiar, com quem teve vários filhos, entre os quais destaco Domingos Gomes de Aguiar Filho, ex-deputado estadual, ex-Vice-presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, ex-Vice-governador do Estado. Conselheiro do extinto Tribunal de Contas dos Municípios do Ceará, e, o vereador Marco Aurélio Moreira de Aguiar, o qual exerceu por algumas legislaturas, a Presidência da Câmara Municipal de Tauá, além de ter



exercido, em substituição, o cargo de Prefeito Municipal. É, também, avô do Deputado Federal Domingos Gomes Aguiar Neto. É escritor, político e orador. Foi Prefeito de Tauá por duas vezes. Além de ter exercido na nossa terra sólida liderança política, exercido a medicina com responsabilidade, competência e zelo, foi superintendente do extinto IPEC – Instituto de Previdência do Estado do Ceará, além de outros encargos públicos no âmbito do Estado. Faleceu em Fortaleza no dia 06 de março de 2022.

LXI.IV.X - Alberto Feitosa Lima. (vide fl. 108)



LXI.IV.XI - Joaquim de Sousa Bastos. (vide fl. 212).

LXI.IV.XII - Pedro Pedrosa de Castro Castelo. (vide fl. 194)





LXI.IV.XIII - José da Costa Leitão Lima

PMB-PDC de 1988 a 1992. Filho de Luiz Alves Lima e Maria Vicência Leitão Lima. Advogado e Fazendário. Foi vereador na nossa terra. Profundo conhecedor da sociedade tauaense. Membro ilustre da família Leitão Lima é um dos mais respeitados líderes da política de Tauá.

LXI.IV.XIV - Pedro Pedrosa de Castro Castelo. PRN-PL de 1992 a 1995. (vide fl. 194)

LXI.IV.XV - João Antônio da Luz



Médico. Eleito Prefeito Municipal de Tauá para o período de 1997 a 2000, pelo Partido Democrático Trabalhista, teve o seu mandato interrompido por ato da Câmara Municipal de Tauá, retornando, contudo, ao múnus para o qual foi escolhidos pelo povo, em dezembro de 1999, com término do mandato em 31/12/2000.

LXI.IV.XVI - Patricia Pequeno C. Gomes de Aguiar

Casada com Domingos Gomes de Aguiar Filho. Mãe de Domingos Neto, advogado e Deputado Federal e de Gabriella Pequeno, médica. Formada em advocacia, em 1987, com especialização em Direito Administrativo e Mestranda em Ciências Políticas. Exerceu o cargo de Assessora Parlamentar do Dep. Antônio Câmara, foi Vereadora e Secretária de Assistência Social no município de Tauá e Secretária de Turismo de Fortaleza, na gestão da Prefeita Luizianne Lins. Deputada estadual na atual legislatura foi prefeita de Tauá nos períodos de 2001 a 2004, de 2005 a 2008, e de 2012 a 2016. Eleita para o período 2021-24. É detentora de inúmeras comendas e homenagens. Ademais, foi eleita como já referido para o quadriênio 2021/2024, pelo PSD.



LXI.IV.XVII - Odilon Silveira Aguiar

Nasceu em 15/08, em Fortaleza-CE. Foi prefeito de Tauá entre 2009 a 2012, pelo PMDB. Em 2014, se candidatou ao cargo de deputado estadual e foi eleito com 57.454 votos. Foi Deputado Estadual de 2015/2018.



LXI.IV.XVIII - Carlos Windson Cavalcante Mota



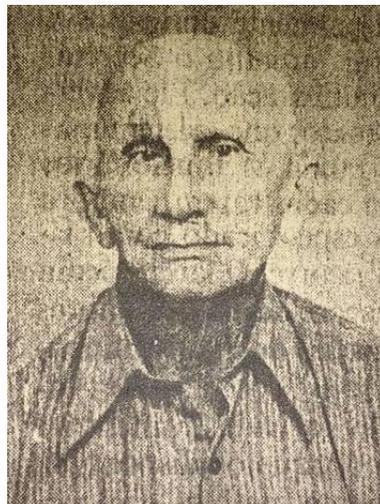
Quarto filho do casal Luis Cavalcante Mota e Lucena Mota. De tradicional família do distrito de Marruás, seu pai, foi conhecido pelos tauaenses pelo seu espírito empreendedor no comércio, sua generosidade e seu jeito simples de ser amigo fiel a seus princípios. Aos 25 anos de idade já era um grande comerciante em Tauá e aos 32, tornou-se vereador, junto com outras grandes lideranças da região, como Pedro Pedrosa de Castro Castelo, Joaquim de Sousa Bastos, José Lins P. Castelo, Antônio Arnou Mota, Francisco Alexandrino Cazé, Antônio Carvalho (Tutu) e Teobaldo Cidrão. Carlos Windson foi criador na cidade como todo menino tauaense, sempre quis progredir na vida para atender aos anseios do seu povo. Tornou-se médico, e sempre no intuito de voltar a Tauá para fazer com que o sonho de desenvolvimento não seja buscado lá fora e, sim, que sua terra possa gerar condições de seus filhos realizarem os seus sonhos. Médico formado pela Universidade Federal de Pernambuco, com diversas especializações, como traumatologia e ortopedia pela UFC/CE. Tem mestrado e fez pós-graduação em medicina do esporte. Médico da Força Aérea Brasileira na patente de 1º Tenente. Chefe do setor de ortopedia da Base Aérea, com curso em transporte médico aéreo, aéreo navegante e treinamento militar para resgate em acidentes aéreos. Concursado em Tauá na Secretaria de Saúde. Concursado junto ao Estado do Ceará, é médico perito. Presta serviços nos hospitais de Fortaleza. São Carlos, Otolínea e Hospital Regional da Unimed. Foi prefeito de Tauá de 2017 a 2019, quando foi cassado pela Câmara Municipal de Tauá, assumindo em seu lugar, o seu vice-prefeito, Fred Rêgo.²⁴²

²⁴² Disponível em: folhadoserdaoce.com.br (entrevista dada a Folha do Sertão Cearense – 2015).

LXI.V - Vice-prefeitos (gestores em substituição)

LXI.V.I - João Firmino

Nasceu na povoação de São João do Sabugy, então Distrito de Paz, no ano de 1891, filho de Manoel Firmino de Araújo e Rita Ricardina de Araújo, e faleceu em Tauá, no Ceará, em 1991, quando estava prestes a completar cem anos de idade. Como muita criança do seu lugar, ao nascer, recebeu o nome do orago de sua capela, São João Batista. Quando tinha entre seis e sete anos, mudou-se para a Paraíba, com os pais, que se distanciavam de problemas políticos. Em Santa Luzia-PB, onde passou a residir, casou-se com Maria Cândida de Araújo, em 1913, com quem gerou dois filhos, Francisco e Rita, e de quem enviuvou no ano de 1918. Foi quando viajou a cavalo para o Estado de Goiás, coordenando uma tropa de animais e vendendo artefatos de couro. Laura Ferreira de Araújo foi a nova escolhida para contrair núpcias, em 1921, e dessa união rebentaram nove filhos: João, Clóvis, Manoel, Francisco, Luzia, Iracema, Enaura, Idelvita e Nadiege. Em seguida, instalou-se em São Mamede-PB, com o comércio de tecidos, numa loja varejista chamada "O Ganha Pouco". Após prosperar, mudou-se para Patos-PB, continuando no comércio têxtil e entrando no negócio da panificação. Sem obter muito sucesso nessa cidade, transferiu-se para Inhumas, no Piauí, em 1928. Em 1929, fixou-se em Tauá, no Ceará. Em Tauá, João Firmino estabeleceu-se como comerciante e adquiriu uma propriedade rural, chamada Poço Amarelo, que foi renomeada Sabugy, em homenagem à sua terra natal, "como se desejasse trazer consigo para as terras cearenses as reminiscências de sua infância". Em 1955, fundou a Loja Maçônica São João do Príncipe, de Tauá, que também batizou com o antigo nome de sua terra natal. No cinquentenário da presença da Maçonaria no município cearense, inclusive, os homenageados receberam a Comenda João Firmino de Araújo. Antes da fundação dessa loja maçônica, deslocava-se de caminhão para assistir as sessões dessa sociedade no município de Senador Pompeu-CE, totalizando mais de duzentas viagens. Também enveredou pela política, chegando a ser Vice-Prefeito de Tauá, depois assumindo a Prefeitura. Sua presença, ainda, se faz sentir no Ceará. Em Tauá, além da loja maçônica, que evoca sua terra natal, há uma instituição educacional com o seu nome, a Escola de Ensino Infantil João Firmino de Araújo²⁴³.



243 Foto e informações: O POVO, Fortaleza-CE, 31 ago. 1991.

LXI.V.II - Marcos Aurélio Moreira de Aguiar.



Tauaense. Parlamentar municipal por várias legislaturas. Advogado. Exerceu a Presidência da Câmara Municipal de Tauá por várias vezes. Nasceu em 27/08/1965. Filho do médico e ex-prefeito municipal, Dr. Domingos Gomes de Aguiar e Dona Mônica. Atualmente, é filiado ao PSD.

LXI.V.III - Roney Gonçalves

Médico clínico geral e cardiologista. Tauaense. Pelo Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB, exerceu o cargo de Prefeito de Tauá de 10/1999 até 12/1999. Além de consultório em nossa Tauá, possui vinculação com a administração municipal e é detentor de várias homenagens pelos serviços prestados ao nosso município.



LXI.V.IV - Júlio César Costa Rêgo



Vice-Prefeito eleito na eleição de 2012, pelo PSB. É engenheiro civil. Filho do também engenheiro Dr. José Rêgo Filho. Em face do afastamento da então Prefeita Patrícia Aguiar, assumiu o cargo de Prefeito Municipal.

LXI.V.V - Carlos Frederico Citó César Rêgo



Nascido em 17 de julho de 1967, em Fortaleza-CE, filho de Sebastião César Rêgo Filho e Maria Iran Citó Rêgo, casado, com a Senhora Raquel da Cunha Aragão Rêgo e pai do jovem Carlos Eduardo Aragão Rêgo. Fred Rêgo é formado em Economia pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Trabalhou como balconista na "A Nacional" em Tauá, propriedade de seu pai. Atuou como estagiário na Comissão Estadual de

Planejamento Agrícola do Ceará - CEPA, e como coordenador do Projeto São José, trabalhou no Instituto Interamericano de Colonização Agrária – Incra. Foi Presidente da Liga Tauaense de Desporto, e radialista atuando na Rádio

Trici FM. Vereador eleito por duas vezes consecutivas de 1993 a 2004. Eleito vice-prefeito de Tauá em 2016, e em 17 de novembro de 2018, assumiu o comando da Prefeitura Municipal de Tauá. No final de abril de 2019, foi eleito Presidente do Consórcio de Saúde da Microrregional de Tauá e fez parte da Diretoria da Associação de Prefeitos do Estado do Ceará – Aprece.

LXI.VI - Presidentes da Câmara Municipal (gestores ocasionais)

LXI.VI.I - Luiz Tomaz Dino



Natural de Tauá. Nasceu em 03 de março de 1958. É agropecuarista. Vereador por várias legislaturas. Exerceu os cargos de Presidente, membro da Câmara Municipal de Tauá, Presidente e Prefeito Municipal.

LXII - Tradições tauaenses

Tauá, no que pese a aridez do seu solo, a escassez de chuvas, a distância mantida entre o sertão bruto e a capital do Estado, centro cultural educacional, político, social e educacional do Ceará, destaca-se sobremodo por alguns e vários elementos que caracterizam a nossa cultura, a enriquecer o ambiente hostil da ambiência climática, tal como veremos a seguir.

LXII.I - A pega do boi - Vaquejadas



Foto retirada da internet

Para manter vivos a cultura e a tradição do vaqueiro, muitas ações foram e, ainda, são desenvolvidas, mesmo que de forma rara, por todo o Nordeste, especialmente, na nossa terra, Tauá. Uma dessas velhas culturas é a denominada Pega do Boi, traduzida por ser um esporte equestre semelhante à Vaquejada.

A Pega de Boi no mato, aliás, é uma tradição que remonta os primeiros tempos da ocupação do sertão nordestino pelos brancos europeus. Antigamente, numa época onde não existia o arame farpado, os animais eram criados soltos pelas propriedades rurais. Dessa forma, quando chegava o momento de reunir o gado, os vaqueiros entravam no mato, em grupo, para a pega.

Naquela época, e nos tempos atuais quando e onde o esporte ainda é praticado, a Pega de Boi transforma-se em uma grande confraternização entre vizinhos e proprietários rurais. – O gado era ao depois de reunidos e misturados, pela ação do vaqueiro, separados para entrega aos seus verdadeiros donos. – Era, a realização das famosas festas de apartação.

Diferente da Vaquejada, onde o boi corre numa arena demarcada, para ser derrubado por uma dupla de cavaleiros, a Pega de Boi se dá no meio da vegetação catingueira. Os vaqueiros encourados entram adentro do mato, encimados aos seus cavalos velozes, para pegar o boi. É uma versão mais rústica, pode-se assim caracterizar da vaquejada.

A semelhança está, destarte, no objetivo de cada qual dos esportes. A preservação da memória do sertanejo se faz presente em reconhecimento a sua valentia e a sua destreza. Assim, fala-se a boca miúda entre os sertanejos que a vaquejada surgiu exatamente da Pega do Boi.

Na pega do boi, os vaqueiros devem enfrentar destemidamente os espinhos de juremas e touceiras de xique-xique e outras intempéries próprias do sertão, enquanto na vaquejada encimados em cavalos, dois vaqueiros numa pista previamente trabalhada, lançam-se atrás do boi com a intenção de derrubá-lo em local demarcado. O melhor vence a luta, o esporte.

Na pega do boi, as roupas do vaqueiro, em face dos riscos a que se encontram sujeitos, são feitas de couro, composta por um gibão, que os cobre do pescoço à cintura, como se fosse um paletó; um guarda-peito, que é um pedaço de couro curtido, preso correias ao pescoço e à cintura; uma perneira que é a calça de couro ajustada, que vai do pé à virilha, deixando o corpo livre para a cavalgada; um chapéu, também de couro, (o famoso chapéu do vaqueiro nordestino), além da bota.

Nos dias atuais, algumas provas e campeonatos de Pega de Boi são realizados. Aos melhores são destinados prêmios e troféus. A festa é regada a cachaça, cerveja e ao inigualável velho forró pé de serra. ²⁴⁴

LXII.I.I - O Patriarca das vaquejadas em Tauá - José Barreto Leitão (José Leitão)



José Hérton Leitão, filho do Patriarca das Vaquejadas em Tauá (José Leitão), nos informa e aqui vale lembrar em breve síntese, a já revelada história da nossa terra, por importante, a entender a história da vaquejada no nosso município que, precisamente no século XIII, chegou ao Brasil o Sr. João Alves Feitosa proveniente da Vila Feitosa em Portugal. – Desceu no porto de Recife onde começou a buscar ocupação que lhe garantisse a sustentabilidade. Lá,

²⁴⁴ Disponível em: <https://cavalus.com.br/geral/a-pega-de-boi-e-uma-tradicao-nordestina-muito-importante>.

naquelas plagas, conheceu uma filha de um cidadão abastado amigo do Imperador. - Era o auge da exploração da cana-de-açúcar. João Alves Feitosa se casou com a moça e na ocasião seu sogro havia recebido do Imperador as terras dos Inhamuns. João Alves Feitosa e a esposa resolveram mandar 02 (dois) filhos para ocupar aquelas terras sertanejas, com a finalidade de criar gado. Os filhos Lourenço e Francisco se instalaram na região do Cococi onde apenas um deles constituiu família. Daí começou a disseminação da família Feitosa na região na atividade pecuária. - Formaram grande rebanho e, com isso, muitos outros familiares foram se agregando ao seu redor. Devido à



Hermídio Alves Cavalcante conhecido como "Menino Louro" fornecido

grande extensão de terras por eles detidas, fez-se necessário homens bravos e experientes na condução da lida. - Nessa condição de trabalho, informa, começaram a surgir grandes vaqueiros. - No final do século XIX, grandes e expressivos nomes surgiram, dentre os quais se destaca o Senhor Hermídio Alves Cavalcante conhecido como "Menino Louro" (foto ao lado). Este corajoso cidadão dos Inhamuns foi um dos maiores vaqueiros da nossa história. - Seu Hermínio, como conhecido, foi Patriarca dos Barretos Leitão, daí até os dias atuais vê-se na família Barreto Leitão, o amor pelo gado e pelos cavalos. - Com a necessidade da pega dos bois, surgiu no século XX, a vaquejada.

A primeira vaquejada que se tem notícia nos Inhamuns foi realizada em 1968, no primeiro e antigo Parque de Exposição de Tauá, o qual se localizava as margens do Rio Trici ao lado da Fazenda Maravilha. Essa vaquejada foi realizada por iniciativa do Senhor José Barreto Leitão (Zé Leitão), e seu cunhado Vicente Sales, ambos comerciantes de gado. Naquela ocasião, muitos bois da região do Cococi foram trazidos a Tauá, fruto da criação do Maior Feitosa que vendia os seus bois para comerciantes os mais diversos. - Foi um sucesso essa primeira festa. A partir daí só em 1972, o Senhor José Leitão, então com 35 anos de idade, tendo adquirido a Fazenda Jasmim, localizada as margens do rio Trici e a 2 km, da nossa cidade, recomeçou a fazer as suas vaquejadas. - A cada ano que se seguia, a festa tomava maior expressão, firmando-se como destaque regional. As vaquejadas da Fazenda Jasmim evoluíram ao pon-



Parque de vaquejada da Fazenda Jasmim

to de virem vaqueiros de outros estados (Piauí, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, e outros), para delas participar.

Os vaqueiros da Fazenda Jasmim exerceram grande importância no cenário cultural tauaense, tanto que serviu de inspiração ao surgimento de novos talentos de jovens vaqueiros voltados a prática do esporte "vaquejada".

De 1972 a 1986, foram muitas as festas de gado em Tauá patrocinadas por José Leitão. Inspiradas nas vaquejadas de José Leitão, cidades vizinhas deram por iniciada em suas terras tal esporte. Surgiram, então, as vaquejadas de Arneiroz, Parambu, Independência, Crateús, Mombaça, Aiuaba, Boa Viagem, Madalena, Antônia do Norte e outras.

José Leitão, atualmente, com seus 83 anos de idade de vida, relembra com orgulho dos seus feitos nas vaquejadas, diz o seu filho, e, mais precisamente, pela contribuição deixada na profissionalização do esporte, espelhados que foram nas festas da Fazenda Jasmim.

Lembra o mencionado conterrâneo, ademais, que o vaqueiro "Zé do Tônico", da cidade de Arneiroz, foi o primeiro a praticar a derrubada dos bois na conhecida "CAPA LOUCA", feito conhecido desde o início da década de 1970.

No município de Tauá, na atualidade, as vaquejadas predominantemente têm acontecido nos lugares: Parque José Alves Lima (Circuito de vaquejada de Tauá); Vaquejada do Rancho Amoroso; Vaquejada Parque Mateus Lulu (Fazenda Barra); Parque dos Vaqueiros Expedido de Araújo Feitosa; Pega do Boi no Rancho Amoroso, Haras Curitiba, etc.



Zé do Tônico – foto fornecida por Hildo Leitão

No passado, ademais, segundo narra Gomes de Freitas no trabalho "No país dos vaqueiros", constante da Revista do Instituto do Ceará,²⁴⁵ *"Os Inhamuns todos os tempos foram à terra dos destros vaqueiros. O memorialista Leonardo Feitosa descreve os fatos ocorridos no século transato pelo extravagante Capitão José Pereira do Canto e Antônio Pereira do Canto. Do século passado para o primeiro quartel do atual, são numerosos os vaqueiros que praticaram façanhas, ainda hoje lembradas pelos mais velhos; confundiam-se brancos e pretos, senhores e agregados, porque o senhor de vaquejar, o gosto de vestir a roupa de couro, seduzia tanto o campeiro profissional como o fazendeiro. Assim, vamos encontrar em quase todas as fazendas dos Inhamuns, misturados e feitos, excelentes vaqueiros, tanto os filhos de fa-*

²⁴⁵Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1965/1965-NopaisdosVaqueiros.pdf>.

zendeiros como os moradores. De momento, podemos lembrar que na casa das “Passagens”, do Tenente Marcolino Cavalcante, tanto eram vaqueiros os seus filhos Emídio e Olimpo, como os agregados Manoel Lucas e Julião, e por alguns tempos, o velho Chico das Melancias. Na casa do Estreito, avulta a figura de Tãozinho, Pedro Adão e Manoel Birro foram grandes vaqueiros no rio do Jucá, da Barra, do Cel. Leandro de Castro, e os genros do Coronel moços distintos, Francisco e Eufrásio (Major) Feitosa, envergavam o gibão e não faziam feio. Na fazenda Pedra Branca, do Capitão Pedro Gomes, criado pela minha santa avó Ana Rita, foi notável, Raimundo Torto, os homens de confiança do Cazuza da Joaquina. Outros mais existiram que foram excelentes, assim, no rio Carrapateira dominavam os vultos de grandes vaqueiros, como Antônio Martins, José dos Reis, Doroteu do Bom Jesus, que deixaram nome e fama”.

E continua o autor: “Entre os vivos ainda existem muitos dos excepcionais campeadores deste primeiro quartel do século. São entre outros, os Caitano, do rio Jucá, os filhos de Emídio Cavalcante: Juca, Toinho e Clicério, que não desmentem o pai” e o vereador Chico Neto.

O mais interessante por mim anotado nesta narrativa e lembrado pelos seus descendentes, dentre tantas outras que vagueiam por esta nossa terra querida, a homenagem feita a um dos nossos maiores vaqueiros – “Emídio Alves Cavalcante Barreto”, campeando um boi matreiro em uma estátua postada na praça situada defronte ao antigo Aeroporto Pinto Martins em Fortaleza, conforme se vislumbra abaixo:



Estátua em homenagem a Emidio Alves Cavalcante Barreto (foto fornecida por Hildo Leitão)

quais convocados para vaquejada o faziam com perfeição e amor, ambos eram descendentes do Coronel Vicente Alexandrino, um dos maiores fazendeiros dos Inhamuns.

O vaqueiro nas palavras de Gomes de Freitas²⁴⁶, “é o herói que domina as caatingas, subjuga o boi bravo, vive uma terrível aventura e, salvo ligeiros incidentes, onde são mais comuns os deslocamentos dos braços, que eles pró-

246 Ibidem

prios recolocam, no momento. É uma figura ainda não estudada devidamente, por isso que pouco admirada. Os seus feitos não são menos perigosos que os dos toureiros de Madrid; são de lances mais difíceis que os dos afamados cow-boys do Oeste americano, como também, muito se avantajam às proezas dos cossacos das estepes russas. Têm a valentia dos bravos e nunca sabem, nas refregas da caatinga, o que seja recuar. Penetram-na com a agilidade do gato e vadeiam-na sobranceiros aos perigos. Não sabem o que é medo”.

No nosso município, ademais, para a defesa dos criadores e vaqueiros da região, foi criada a Associação dos Vaqueiros e Criadores de Tauá, a qual tem sede no Parque de Vaquejada Expedito de Araújo Feitosa.

LXII.II - Aboiadores famosos de Tauá



O aboio é um cântico poético do vaqueiro, ecoado pelas estradas e veredas na condução do gado. É um canto de trabalho, improvisado. Sempre em contato com a natureza, a boiada, a vida e os amores do vaqueiro. É antigo e vem desde a época do ciclo do couro, no século XVII, nos sertões nordestinos, quando os bovinos eram criados soltos, na caatinga, e era usado como forma de reunir e tanger os animais. A tradição mesmo de forma remota, ainda remanesce na nossa Tauá.

A propósito, em reportagem datada de 25 de agosto de 2008, intitulada “Aboiador mantém tradição”, constante do Jornal “Diário do Nordeste”, relata a respeito o redator:

“... A modernização do campo mudou vários hábitos e costumes no jeito de plantar, cuidar do gado e cozinhar os alimentos. Até em um passado recente, era comum os vaqueiros conduzirem a boiada montados a cavalo e alguns usavam roupas de couro. Nos tempos atuais, a moto substituiu o animal; a camiseta, o gibão. Quase não se ouve mais aboios no sertão cearense. Na região Centro-Sul, por exemplo, a figura do vaqueiro tradicional, com vestimenta de couro praticamente desapareceu. No município de Aco-piara, Pedro Coelho da Silva, 65 anos, mantém, entretanto, a tradição, no Sítio Logradouro. É um vaqueiro aposentado, mas que guarda todos os apetrechos do tempo em que trabalhava tangendo o gado para o curral ou conduzindo a boiada para roças de melhor pasto, no tempo de seca, entre os municípios do Sertão Central. Além de vaqueiro, Pedro

Coelho é aboiador. É bem verdade que os aboios diminuíram na lida com o gado, mas nos últimos anos cresceram os convites para participar de vaquejadas, programas de rádio e de apresentações culturais diversas, dividindo espaço com violeiros e cantadores de repente. “Sou um vaqueiro-aboiador que trago boas e grandes recordações do meu trabalho no sertão”, diz. “Comecei menino, no mocotó do meu avô, tangendo boiada e aos 15 anos despertei para o aboio”. No sertão, filho de agricultor começa trabalhar cedo. Ainda menino ajuda os pais no plantio, na capina e na colheita de grãos. Vai crescendo e já tem roça para plantar. Pedro Coelho foi um desses meninos. Adolescente, ouvia o vaqueiro Raimundo Bastim, de Solonópole, aboiar para tanger o gado. Na mesma época, escutava, em casa, aboios na antiga Rádio Iracema, de Iguatu, e na Rádio Alto Piranha, de Cajazeiras, na Paraíba. Nessa época, percebeu que também conseguia fazer alguns versos. “A gente improvisa e vai decorando”, diz. “Vi que conseguia também fazer toadas”. E fez. Depois de ver e ouvir aboiadores, começou a praticar no campo, tangendo gado. O gosto foi crescendo e tomou conta da mente e do coração de Pedro Coelho. Quando percebeu, ele estava em programas de rádio, em vaquejadas, tangendo gado e aboiando. Durante décadas, Pedro Coelho exerceu a profissão de vaqueiro, na região Centro-Sul e Sertão Central. Trabalhou para Emídio Venâncio, ajuntando gado e embarcando em trem, comercializando para Fortaleza. Não esquecia a agricultura e sempre encontrava tempo na época de chuva para o plantio de milho, feijão e algodão. O trabalho em excesso, não lhe deu oportunidade de estudar. “Sou analfabeto, não sei ler nem escrever nada, só o meu nome que decorei”, diz. “Ainda tentei aprender, mas deu um aperto aqui na cabeça e desisti”. A professora particular foi dispensada. Permaneceu, entretanto, o dom para o improvisado do repente em tom e formato de aboio. “Quando a gente plantava algodão era um tempo bom”, recorda. “O algodão era o boi do pobre”. Depois, passou a correr em vaquejadas, competindo nas derrubadas de boi. Parou há 20 anos. “Hoje não dá mais porque tá muito caro”, justifica. “Ainda pela idade dava para participar, mas a inscrição tem um preço muito elevado”, reclama ele. As vaquejadas modernizaram-se e não há mais espaço para o vaqueiro aventureiro, solitário. “Fui assistir uma vaquejada em Jaguaribara, mas o dinheiro era pouco e não deu para disputar”, contou. “Sonho com a luta no gado, os desafios e os perigos que enfrentei na Caatinga”, lembra o aboiador. Em casa, morando sozinho, no

Sítio Logradouro, Pedro Coelho guarda num cambito de cinco ganchos os apetrechos do vaqueiro: chocalhos e as vestimentas de couro, gibão, perneira, guarda-peito, chinelo, bota de cano curto, chapéu e chicote. Mostra com orgulho as peças feitas com caprichos e que estão gastas pelo uso. “Tem prazer em vestir e montar no cavalo de estimação”. E recorda o vaqueiro/aboiador na citada reportagem: “... que até meados dos anos 80 havia aboiadores nas vaquejadas, mas que agora está desaparecendo. “Por aqui não tem mais vaqueiro encourado”, diz. “Ainda tem alguns em Tauá, Jaguaribe e Mombaça”. Apesar de aposentado, Pedro Coelho continua plantando e cuidando de umas 15 vaquinhas...”

Por sua vez, Hildo Leitão, filho do patriarca das vaquejadas dos Inhamuns, Senhor José Leitão, nos informa que se destacaram na virtude do aboio nas vaquejadas de nossa Tauá, Pedro Aboiador, Pedro Coelho, Galego Aboiador, dentre outros.

Pedro Coelho certa feita em reportagem feita no Diário do Nordeste puxou um verso interessante a contar a sua vida, recitando:

Eu sou Pedro Coelho

Que nunca fui a um colégio

Não tive essa sorte e esse privilégio

Mas a minha vida é um espelho

Me chamo Pedro Coelho

Um vaqueiro renomado

Passei em canto apertado

Fui herói destas fronteiras

Minha escola foi cocheira

E o meu professor foi o gado.

LXII.III- O Bumba meu boi

Bumba meu boi ou boi-bumbá, muito embora tenha conhecimento de que esse tipo de tradição vem acontecendo



de forma mais ampla, por exemplo, no estado do Maranhão, onde anualmente é realizada festival do tipo, inclusive, com premiação, tenho que no nosso município a tradição permanece mesmo de forma incipiente. Aliás, o bumba meu boi é uma dança característica do folclore popular brasileiro, tendo por representatividade personagens humanos e animais fantásticos, os quais devem girar em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi.

A festa tem ligações com diversas tradições, africanas, indígenas e europeias, inclusive, com festas religiosas católicas, sendo associada fortemente ao período de festas juninas.

A história deixa registrar que pela primeira vez, a festa aconteceu em Pernambuco, e como disse acima, tem prevalecido de forma mais fortemente no *Maranhão*. O bumba meu boi maranhense recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o título de Patrimônio Cultural do Brasil, e o de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

Ao espalhar-se pelo país, a manifestação adquiriu nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Em Pernambuco é chamado boi-calemba ou bumbá; no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba meu boi; no Ceará, é boi de reis, boi-surubim e boi-zumbi; na Bahia é boi-janeiro, boi-estrela-do-mar e mulinha-de-ouro; em Minas Gerais e no Rio de Janeiro é bumba ou folguedo-do-boi; no Espírito Santo é boi de reis; em São Paulo é boi de jacá e dança-do-boi; no Pará, Rondônia e Amazonas é boi-bumbá; no Paraná e em Santa Catarina é boi-de-mourão ou boi-de-mamão; e no Rio Grande do Sul é bumba, boizinho ou boi-mamão²⁴⁷.

LXII.IV - Os Caretas

É comum na quaresma se ouvir falar em várias cidades da tradição dos caretas. Na minha infância na nossa Tauá, lembro-me da chamada para a festa do "Boi dos Caretas". Nesses dias, meninos como eu, fugiam do evento, na perspectiva de que os mascarados a todos perseguiriam, inclusive, com os seus chicotes aguçados.

A festa se caracteriza por ter um bocado de gente mascarada, que sai amedrontando as



²⁴⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba_meu_boi.

pessoas pelas ruas das cidades. Tauá mantém essa tradição, mesmo de forma incipiente.

Segundo alguns levantamentos existentes, as tradições de se encaretar na quaresma vem de várias origens, entre elas de Portugal, quando os colonizadores trouxeram máscaras para manifestações nas terras brasileiras. Os escravos não as tinham daí, eles mesmos confeccionavam as suas próprias máscaras, ficaram tão contagiantes que em alguns engenhos os seus senhores apoiavam suas manifestações. Depois começou ir ficando cada vez maior as manifestações dos escravos, entrando pelo meio os negros fujões de outros engenhos, misturando negros e mulatos, brancos até chegar ao resultado de hoje em dia, uma festa popular. Outra versão é que vem dos *etrudos* carnavalesco, sendo que esses também são feitos com máscaras e saíam pelas ruas na época de carnaval.

Em Tauá, segundo informes históricos, algumas pessoas que se vestem de Caretas saem pelas ruas a desfilarem suas fantasias, inclusive, entoando cantos rítmicos característicos.

As máscaras, normalmente, são confeccionadas artesanalmente com papel, couro, borracha, cabaças, palhas e diversos materiais, etc. O figurino é berrante, esfarrapado, cheio e extravagante.

A manifestação em algumas montagens informa os experts do folclore nordestino, tem as *CATITAS* que são homens vestidos de mulher, as *ÉGUAS*, que seguem com as mesmas regras, só que sendo só a máscara com caricatura de animal ou de mulher que não obedece nada. Geralmente, eles fazem uma espécie de encenação onde tem um cenário feito com pés de bananeiras, canas. Segundo algumas tradições, esses cenários são chamadas de *QUINTA*, dentro tem comidas, prendas e o desafio é entrar e pegar passando pelos caretas, que estão munidos de chicote chamado de *PINHOLA*. Que no caso da semana santa, simboliza em algumas versões da história "que cristo apanhou com cana no calvário", a função dos caretas é evitar isso.²⁴⁸

LXII.V – Reisado



É um Folguedo natalino em que grupos cantam e dançam, em geral, na véspera do Dia de Reis. De origem ibérica, chegou ao Brasil durante o período colonial e apresenta versões variadas em todo o país. Começa com o deslocamento do grupo para um local previamente determinado, onde é cantado "O Bendito", em lou-

²⁴⁸Disponível em: <https://leoricardonoticias.com.br/2018/dia-a-dia/encenacoes-e-as-manifestacoes-culturais-os-caretas-e-sua-origem/>.

vor a Deus, para que a brincadeira seja abençoada e autorizada. A partir daí, começam as "jornadas". O enredo versa sobre os mais diversos motivos: amor, guerra, religião, história local, etc. Vários personagens formam o grupo - "Caboclo" ou "Mateus" e a "dona Deusa" ou "Dona do Baile", são fundamentais na brincadeira, mas também aparecem o "caboclo" e a "cabocla", a "cigana", a "viúva", o "velho", a "velha" e o "boi". Os instrumentos que acompanham o grupo são violão, sanfona, pandeiro, zabumba, triângulo e ganzá.

Tradicionalmente nas apresentações dos grupos de reisados ouve-se a canção:

*"Lá vem chegando o Reisado
Cheio de graça e folia
Oh senhor dono da casa abre a porta e deixe entrar
Essa bandeira sagrada vem aqui lhe visitar
Bendito louvado seja
Pra hoje e sempre o amor
Se essa vida é tirana e causa tamanha dor
Quanto mais se for sozinha a lida do cantador
Por isso meus companheiros cantem comigo
que não canto só
Pra encontrar em cada rosto um destino bem "mió"*

LXII.VI - Quadrilha de São João



As festas juninas no Brasil são, em sua essência, multiculturais, embora o formato pelas quais seja conhecida tem origem nas festas dos santos populares de Portugal,

isto é, a Festa de Santo Antônio, a Festa de São João e a Festa de São Pedro e São Paulo.

A música e os instrumentos usados (cavaquinho, sanfona, triângulo ou ferrinhos, reco-reco etc.), estão na base da música popular e folclórica portuguesa que foram trazidos ao Brasil pelos povoadores e imigrantes do país irmão.

As roupas caipiras caracterizam a brincadeira, enquanto a decoração, eminentemente coloquial, retrata bandeiras e balões, espalhados pelo ambiente da festa marcam a alegria do provo.

No Brasil, recebeu o nome de "junina" (chamada, inicialmente, de "joanina", de São João), porque acontece no mês de junho. Além de Portugal, a tradição veio de outros países europeus cristianizados dos quais são oriundas as comunidades de imigrantes, chegadas a partir de meados do século XIX. Ainda antes, porém, a festa já havia sido trazida ao Brasil pelos portugueses e logo foi incorporada aos costumes das populações indígenas e afro-brasileiras, conforme estudos por nós realizados na internet.

As grandes mudanças no conceito artístico contemporâneo acarretaram na "adequação e atualização" dessas festas, em que ritmos e bandas não tradicionais aos tipicamente vivenciados, são acrescentados às grades e programações de festas regionais, incentivando o maior interesse de novos públicos. Essa tem sido a aposta de vários festejos para agradar a todos, não deixando de lado os costumes juninos, principalmente, o forró, conhecido como "pé de serra" nos dias de comemoração junina.

A festa brasileira de São João é típica da Região Nordeste. Por ser uma região árida, o Nordeste agradece anualmente a São João Batista, mas também a São Pedro, pelas chuvas caídas nas lavouras. Em razão da época propícia para a colheita do milho, integram a tradição as comidas feitas dele, tais como: a canjica, a pamonha, o mungunzá, o milho cozido, a pipoca e o bolo de milho. Também pratos típicos das festas são: o arroz-doce, a broa de milho, a cocada, o bom-bocado, o quentão, o vinho quente, o pé-de-moleque, a batata-doce, o bolo de amendoim, o bolo de pinhão. Essas iguarias fazem parte do cardápio nordestino no mês de junho, quando das festas ditas juninas e integram na nossa Tauá, também, uma tradição secular.

Em Tauá, destaco as quadrilhas juninas "Flor de Mandacaru", Filhos de Vera Cruz, Arraiá do Brilhantão e Brilho da Garotada que, pelas suas belezas e espírito voltado a manutenção da cultura de Tauá, tem inclusive se dedicada à disputa de campeonatos da espécie.

LXII.VII - Cantoria - repentista

Cantoria é caracterizada pelo duelo de estrofes realizado entre dois cantadores violeiros-repentistas. Na cantoria encontramos vários estilos e gêneros, a saber: Cantoria de pé de parede – Cantoria tradicional realizada em casa de família, principalmente em casa de fazenda e não em salões, festivais, congressos e semelhantes; Baionada – Cada uma das fases em que se divide a cantoria, após pequeno descanso dos cantadores; Emborcar a viola – Parada súbita da baionada, por um dos cantadores, ao escutar uma estrofe criativa e rara do parceiro e que ele não tem condições de “pagá-la”, no momento; Pagar o verso (estrofe) – Fazer uma estrofe tão excelente e rara quanto a do companheiro; Cantar elogio – Hora de elogiar as pessoas para arrecadar dinheiro; Baião de viola – Musical retirado das cordas da viola, enquanto os poetas pensam o que vão dizer; Deixa – rima obrigatória que o vate tem que fazer ao iniciar sua estrofe rimando seu primeiro verso com o último deixado pelo parceiro; Balaio – defeito grave em que o cantador, ao invés de cantar repentistas como o parceiro, tentar burlar a plateia com versos decorados – cantar balaio; Repente – Estrofe criada na hora; Sextilha – Estrofe composta por seis versos, base da cantoria; Estrofe – Conjunto de versos de quantidade variável. Cada linha é um verso; Tema, mote – Um ou dois versos fixos para serem repetidos ao final de uma estrofe com dez pés (linhas, versos); Gênero – Cada uma das mais de 40 modalidades de estrofes usadas em cantoria, com musicalidades próprias. Exemplos: sextilhas, sétimas, martelo agalopado, martelo alagoano, martelo miudinho, mourão de sete linhas, mourão, oitavão rebatido, gemedeira, galope beira-mar, mourão perguntado e tantas outras.



Oxente..., meu poeta!!
Tu escreves muito lindo
Teu sertão é ferro e fogo
Teu amor é infinito...

No nosso município encontramos os seguintes poetas cantadores: Vital Bizarria, Estanislau Fragoso Batista, Edson Massilon, Antônia Alves Teixeira, Antônio Eridan e Genivaldo, Aurelio Rodrigues de Loiola, Geovany Coelho e Antônio Alves, Antônio Jocélio e Zé Maria, dentre outros.

Pesquisando no site recantodasletras.com.br, encontrei homenagem postada ao grande poeta tauaense Aurélio Loiola, enviado por Carmen Dávila em 31 de março de 2007, em o qual revela-se magistralmente:

Tu és um grande tesouro
Teu sorriso é de menino
Tuas palavras tão belas
Ressoam no infinito...
És a eterna paixão
Da Gena teu bem querer
Pessoa Lina e faceira
Que entende vois-mecê...
Tuas historias sertanejas
São lindas como você
tu és um grande poeta
Poeta do bem-querer!!

LXII.VIII - Cordelismo – poetas cordelistas



A literatura de cordel foi popularizada no Brasil por volta do século XVIII e, também ficou conhecida como poesia popular, porque contava histórias com os folclores regionais de maneira simples, possibilitando que a população mais simples entendesse o seu contexto. Seus autores ficaram conhecidos como: poetas de bancada ou de gabinete. Aqui no Brasil, a literatura de cordel popularizou-se por meio dos repentistas (ou violeiros), que se assemelham muito aos trovadores medievais por contarem uma história musicada e rimada nas ruas das cidades, popularizando os poemas que depois viriam a serem os cordéis.

Os cordéis tratam dos costumes locais, fortalecendo as identidades regionais. A literatura de cordel é muito conhecida por suas xilogravuras, gravuras em madeira que ilustram as páginas dos poemas.

No município de Tauá, destacam-se como poetas e poetas cordelistas renomados: Vital Bizarria, Edson Massilon, Paulo de Tarso, Eridandan Pe-

drosa, Genivaldo Pedrosa, Josué Felipe, Radir Soares da Rocha, Francisco das Chagas Feitosa Lima e outros bons poetas do cordel existentes na nossa comunidade.

O poeta cordelista Edson Massilon, um dos maiores do nosso Tauá, por sinal meu primo, pois filho do saudoso Jorge Massilon, estimado primo do meu falecido pai Elcias, na simplicidade e irreverência de um bom poeta, reverenciando "A Santa dos Inhamuns: Marciana, festejada na Vila Planalto", em Arneiroz, nossa cidade coirmã, escreve:

Nos sertões dos Inhamuns

HOJE A PLANALTO ordeira

Houve um triste caso

Na família brasileira

A morte de MARCIANA

UMA BELA ESCRAVA bacana!

Naquela zona altaneira

a escrava foi amarrada

no tronco de uma árvore

e, foi, desprezada

a pobrezinha MARCIANA

jamais foi leviana

para ser cruxificada!

Bem perto de ARNEIROZ

FOI O FATO ACONTECIDO

ONDE HOUVE A TIRANIA

NAQUELE LOCAL PERDIDO

O Tal RICÃO FAZENDEIRO

TINHA SEU GADO E DINHEIRO

QUERIA O DESEJO ACOLHIDO!

A esposa do Maldito

DA PAIXÃO TEVE CIÊNCIA

ATRAVÉS DE OUTRO ESCRAVO

UM DELATOR SEM CLEMÊNCIA

A FAZENDEIRA ORGULHOSA

Sem temor, sendo maldosa

DO GRILHÃO FEZ SUA PENDÊNCIA

Hoje na vila Planalto

Marciana é venerada

tem a fé, até promessa

com muito amor é lembrada!

Tem um nincho de oração

Onde há missa e devoção

à escrava dedicada!

Morreu na mata amarrada

De fome e sede cruciante,

às vezes um caçador

tendo um coração clamante

dava à pobre da escrava

um golinho de sua água

sendo um alívio um calmante!

a morte da pobre escrava

vítima da crueldade

que a ela não contava!

Mas, DEUS é Pai amoroso

no destino doloroso

hoje é Santa a doce escrava!

Dizem que obra milagre

quem a ela recorrer

é a crença junto a dor

quando vem a padecer!

a patroa e o patrão

os cruéis da escravidão

tem no inferno, o seu viver!

No local onde foi abandonada

*nasceu ali uma fonte
uma árvore dando sombra
todo dia no horizonte
seja no nascer do dia,
ou também ao enterdecer
vem a prece, lá dum monte!
Foi vítima do preconceito
da grande perseguição
do seu maldito patrão
e do orgulho da patroa
MARCIANA – vitimada
por ser escrava amada
pra ser amante do patrão!
Fica contada a história
da ESCRAVA MARCIANA
que não cedeu ao patrão.
Hoje o povo se ufana
de sua grande pureza
e, na vila tem beleza
ao lembrar de MARCIANA.
Termino aqui o meu verso
de poeta popular
ao me lembrar de JESUS
crucificado na cruz
fazendo MARIA chorar!
A fé remove montanha
é feliz que lhe ama
sem temer, sem lamentar!
Deve ter sido terrível*

No livro, "Um tributo a Joaquim de Castro Feitosa 100 anos", às páginas 171, a respeito de Marciana, encontrei a seguinte passagem, a propósito; "Consta que Marciana foi encontrada morta, ajoelhada, com as mãos

praticamente para o alto, como que pedindo aos deuses para livrar a humanidade das garras do ódio, da luxúria e da cobiça. Infelizmente, parece que sua prece não foi atendida. Já livre das garras aguçadas de seu senhor, Marciana morreu em um anfiteatro natural, os tabuleiros dos Inhamuns, livre de feras e dos apupos que fizeram o cenário onde morreu a sua homônima africana, que tinha na alma e no corpo a beleza da cor negra”.

LXII.IX – A malhação do Judas

A malhação do Judas no sábado de Aleluia, tradição que vem resistindo no tempo, aos poucos, também está desaparecendo. A história demonstra que referida tradição se dava de forma mais intensa no passado.

Nessa tradição, o homem em torno de um boneco representando Judas, o traidor de Cristo, lança o seu inventário em brincadeira, destinando seus bens aos circunstantes brincantes, e após queima o boneco. A diversão por vezes é dirigida por longa festa à base de muito forró e bebedeira.



Essa tradição, segundo nos informa Salete Vale, na nossa terra tem se mantida latente na Fazenda Riacho do Mato, organizada pelo Senhor Warton Loiola.

LXII.X - A festa de São Gonçalo



Talvez, seja na nossa tradição uma das que mais tem prevalecido no nosso meio. Lembrada por muitos, constantemente são ensaiadas e levadas ao povo mantendo a tradição que remonta há tempos.

O Baile de São Gonçalo, também chamado de Roda de São Gonçalo, é uma tradição do folclore brasileiro, que consiste numa festa com música e dança em home-

nagem a São Gonçalo de Amarante, para se pagar promessas e agradecer por graças alcançadas.

A festa surgiu em Portugal e é realizada desde o século XIII. No Brasil, a devoção começou no início do século XVIII, inicialmente, no interior das igrejas dedicadas a São Gonçalo.

Tipicamente, os dançarinos são separados em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, tendo à frente dois violeiros. Cada parte da dança é chamada de volta. Enquanto os violeiros cantam louvores a São Gonçalo, os dançarinos se dirigem ao altar, beijam a imagem, ajoelham-se e voltam para o fim de suas fileiras. No fim de cada *volta*, os dançarinos param e comem as guloseimas oferecidas pelos fiéis que estão pagando promessas feitas ao santo.

Entoa-se na festa, puxada a viola, normal e tradicionalmente o canto.

Vou cantar para São Gonçalo, cumprir com minha obrigação

São Gonçalo do Amarante a quem tenho devoção

Tocando minha viola eu reúno o pessoal

Rezando para São Gonçalo, o Santo de Portugal

Minhas dores terminaram nada, nada mais eu sofri

Agradeço a São Gonçalo pelo bem que recebi.

São Gonçalo do Amarante protetor do violeiro

Pedimos que nos ajude no correr do ano inteiro

Meu querido São Gonçalo, venho pedir um favor

Conservai sempre comigo a voz do seu cantador

Milagroso São Gonçalo, Santo que eu quero bem

Já cantei na sua festa, até o ano que vem.

LXIII - Mulheres artistas de Tauá

Em destaque, as senhoras Leolina Maciel Feitosa e Castro, Tereza Aragão Serra e Maria Aragão de Oliveira.

LXIV - Compositores tauaenses

Tauá terra de grandes escritores, também se destaca na arte da composição musical, excepcionados alguns de renome nacional. Neste cenário, vários tauaenses se destacaram sem que tenham desprezado suas profissões de origem, a exemplo, citamos os Delegados de Polícia Dr. Carlos Gomes, Dr. João Castelo Sobrinho e o professor Luiz Gonzaga Feitosa Lima (Lulu

Lima), Victor Mota e outros. Conheçamos, portanto, um pouco da história de cada um desses nossos conterrâneos

LXIV.I - Luiz Gonzaga Feitosa Lima – “Lulu Lima”



Quem não recorda nesta nossa Tauá querida, do tauaense ilustre Luiz Gonzaga Feitosa Lima, o “Lulu Lima”. Referido conterrâneo enriqueceu a nossa história e a nossa cultura, principalmente, no campo das letras voltado à escrita e ao jornalismo. Redator exímio tinha a música por companheira de sua predileção diversional. Foi um dos fundadores, dirigente, jornalista e redator do jornal Folha dos Inhamuns, atividade que dedicou por largos anos

com amor e profunda dedicação.

Como poeta, os seus poemas, ricos na expressão e na rima cantava as suas emoções e suas ideias fluíam, como algo surgido do seu próprio eu, das vivências e emoções.

Grande músico, intérprete e compositor não se profissionalizou, preferiu no espaço, cantar para o seu deleite próprio, dos amigos e da sua família.

Patrono da cadeira nº 5 da Academia Tauaense de Letras, encontra-se ocupada pelo acadêmico João Álcimo Viana Lima, outro tauaense por adoção.

Da sua música cito pela esplendorosa criatividade e expressividade natural, a canção cujo título inusitado apresenta-se como “Mirindoca”, cujo texto ressalta-se:

Mirindoca

Sibiroca

Morotoca

Foboroca

Pororoca

Cadê o bolo que estava aqui?

O gato comeu.

*Cadê o gato?
Foi para o mato.
Cadê o mato?
O fogo queimou.
Cadê o fogo?
A água apagou.*

*Foi chegando de mansinho
Passou na palma da mão
Subiu na veia do braço
Azunhou meu coração.*

*Eita gatinho malvado
Tocou fogo na maloca
Se perdeu dentro do mato
Se escondeu n´alguma toca.*

*Mirindoca
Sibiroca
Morotoca
Foboroca
Pororoca*

*Cadê o bolo que estava aqui?
O gato comeu.
Cadê o gato?
Foi para o mato.
Cadê o mato?
O fogo queimou.
Cadê o fogo?
A água apagou.*

*Foi chegando de mansinho
Passou na palma da mão
Subiu na veia do braço
Azunhou meu coração.*

*Eita gatinho malvado
Tocou fogo na maloca
Se perdeu dentro do mato
Se escondeu n´alguma toca.*

Nunca mais eu o vi.

Mirindoca

Sibiroca

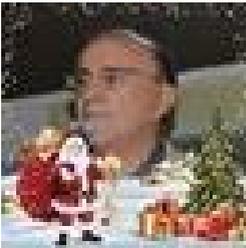
Morotoca

Foboroca

Pororoca.

(Texto retirado de discurso proferido por João Alcimo Viana Lima, na Academia tauaense de letras)

LXIV.II - João Castelo Sobrinho – poeta, compositor, cantor advogado e delegado de polícia



Nasceu em Tauá, onde viveu sua infância e boa parte da sua juventude. Ainda garoto, foi trazido para Fortaleza, sob os cuidados do saudoso Governador Plácido Castelo, que o matriculou no Ginásio Farias Brito (Avenida Duque de Caxias), onde hoje funciona o colégio com o mesmo nome. Posteriormente, transferiu-se para o então Ginásio Municipal de Fortaleza, matriculando-se, em seguida, na Escola Técnica de Comércio Fênix Caixeiral, onde concluiu, em 1961, o curso técnico de contabilidade. Foi servidor da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, onde, por vários anos, exerceu a função de contador. Por mais de oito anos exerceu o cargo de Secretário do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e dos Cursos de Licenciatura em Música e Instrumento Piano, da Universidade Estadual do Ceará. Bacharelou-se em Direito pela UFC, no ano de 1973. Aprovado em concurso público promovido pela Academia de Polícia Civil do Estado do Ceará, no ano de 1976, ingressou na carreira de delegado de polícia, função que exerceu com ética, dignidade e competência até sua aposentadoria. Foi vice-presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia Civil do Estado do Ceará – Sindepol, por dois mandatos consecutivos alçando-se, depois, à presidência da mesma entidade por um período de três anos; e, vice-presidente regional da Associação dos Delegados de Polícia do Brasil - Adepol. Anuindo com a convocação do Governo do Ceará, prestou serviço à administração estadual em algumas oportunidades. Foi Assessor Jurídico, Diretor Administrativo e

Superintendente da Fundação de Saúde do Estado do Ceará – Fusec; Diretor de Administração e Finanças da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (1979-1982); Diretor Administrativo e Financeiro da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Ceará - EPACE (1983-1986); Subsecretário de Justiça do Estado do Ceará (1987-1990), assumindo a titularidade da Pasta em diversas oportunidades. Desportista vocacionado, mantém estreita ligação com o Direito Esportivo. Auditor Presidente da 2ª Comissão Disciplinar do Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol do Estado do Ceará - TJDF. Na música encontra o seu maior encanto. A paixão pelas canções românticas vem da sua adolescência. É autor de várias composições, tendo, inclusive, para sua satisfação, gravado um CD²⁴⁹. É de sua autoria a canção "Tributo a Lulu Lima", dentre outras inéditas. Aliás, me vem a lembrança nesta oportunidade, fato que não posso jamais esquecer que, ao iniciar a minha labuta na difícil profissão de advogado, nos idos de 1979, na nossa Tauá, o meu primeiro Júri, aconteceu exatamente tendo por parceiro de bancada na defesa, o ilustre advogado João Castelo Sobrinho. Defendíamos eu e João como carinhosamente aprendemos a chamá-lo, os acusados do famoso caso "Crime da bolacha", assassinato ocorrido nas grades de uma cela da cadeia pública de nossa cidade, hoje Museu dos Inhamuns. O crime da bolacha ficou famoso e conhecido por ter os pistoleiros contratados para tanto, após ganhar a confiança da vítima que se encontrava presa, também por homicídio, dando-lhe bolachas, matá-la com diversos disparos de arma de fogo, quando se aproximava das grades referidas para apanhar as bolachas traiçoeiras.

A canção Tributo a Lulu Lima foi assim retratada:

O que vamos fazer
Pra poder explicar
Que você já partiu
Que você já não está
Sua voz suas rimas
E a sua canção
As rosas que você cantava
Hoje chorando no salão
De saudade, saudade do seu violão

Saudades dos acordes
Dos seus versos
Da sua paixão
Das coisas que você cantava
Das belezas do sertão

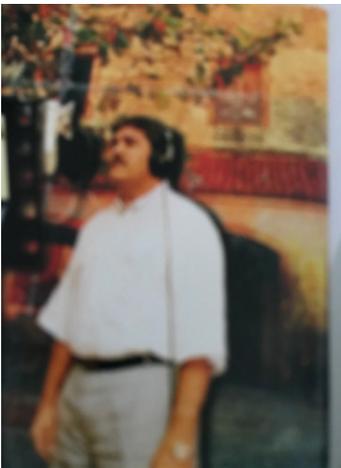
249 AVOL. Coluna do jornalista Antônio Viana 3 de janeiro de 2011.

Hoje aqui tudo é saudade
Saudade do seu violão
Oh saudade Luiz
Oh saudade Luiz
Saudade do seu violão

Saudade do seu jeito
Da viola da inspiração
Violeiro canta ledô
Pra lembrar sua canção
Só não chora que não sabe
Quem foi o seu violão
Oh saudade Luiz
Oh saudade Luiz
Saudade do seu violão

Oh saudade Luiz
Oh saudade Luiz
Saudade do seu violão!...

LXIV.III - Dr. Carlos Gomes



Tauaense apaixonado, de tradicional família da nossa terra, além de delegado de polícia aposentado, e violonista de respeito, tem se dedicado a gravação de canções que compõe com uma sensibilidade ímpar e nata aos conterrâneos, que a este título tem enveredado. Vejam, pois, a canção composta pelo ilustre tauaense enaltecendo o amor pela sua terra natal.

Saudade da minha terra

Quando a gente sai do mundo, assim,

Sem saber aonde vai chegar

Pode até achar um grande amor

Encontrar motivos pra sonhar

Mas, há algo muito forte em nós

Que nos leva a recordar

*Quanta saudade sinto lá do meu lugar
Ai, meu Deus quero ir embora
Quero voltar pra Tauá
E esta lembrança tá me tirando daqui
Ainda tenho a esperança, de ver o rio Trici,*

LXIV.IV - Victor Mota

O cantor e compositor cearense, Victor Mota, nasceu em Fortaleza e tem sua origem ligada a nossa Tauá, região dos Inhamuns. Filho do empresário e militar da região, Carlos Mota e de Dona Eliane, Victor iniciou na música como hobby aos 14 anos. Após se graduar em administração de empresas pela Universidade Estadual do Ceará, dedicou-se integralmente à música. Mudou-se para o EUA, em 2010 e, em 2013, se formou na renomada *Berklee College of Music (Massachusetts, EUA)*, faculdade por onde passaram gigantes como: Quincy Jones, Diana Kral, John Mayer e tantos outros. Retornou ao Brasil e, atualmente, vive em São Paulo se apresentando em palcos renomados na cidade (Bourbon Street, The View Bar, Cafe de La Musique, entre outros). Foi trilha sonora de filme (*Apaixonados*, 2016) juntamente com Anitta, Tiaguinho e Daniela Mercury; dividiu o palco com artistas renomados, dentre eles: Ivan Lins, Marcos Valle; lançou seu primeiro trabalho autoral - o EP, *Antes do sol chegar* - nas plataformas digitais em 2018, obtendo mais de 700 mil plays até o presente momento; e, teve uma de suas músicas, "Dias melhores" (segundo single do EP), como trilha sonora do documentário "Esperando a Tempestade - uma aventura na patagônia". Em 2020, teve destaque no reality show musical *The Four Brasil*, promovido pela Tv Record e apresentado por Xuxa Meneguel e dividiu palco com Salgadinho, ex Katinguelê, no programa "Trilha de sexta", apresentado por Jack Petkovic. No CD intitulado "Antes do sol chegar", constam as canções por ele compostas: "Não fosse o amor, Dias melhores, Vou, O teu sorriso, Vem, Se eu voltasse, Caminho do coração, Já era hora, e Antes do sol chegar". Em parceria com Kel do Nascimento, a canção "Ao teu lado" e com Vivian Aguiar-Buff "Paraíso".



LXIV.V – Paulo Filho ou simplesmente Paulinho Lins (nome artístico)



De sangue tauaense, filho de Paulo de Tarso Bezerra, meu irmão e de Dona Marleuda, neto dos meus falecidos pais, tem se revelado na música como, músico, cantor e compositor. Recentemente, teve por aprovada uma canção sua gravada por sinal, por grande cantor nacional de nome Luan Estilizado. Outras canções de sua autoria estão sendo lançadas, inclusive, em breve, pelo cantor Júnior Souza, o Boyzinho do Piseiro.

A canção recebeu o texto seguinte.

AMAR DE NOVO

*Vem devagar por meu lado
Ainda não tô preparado
Pra amar de novo
Pra beijar de novo
Pra me envolver
Eu sei que você não tem culpa
Mas quando a gente se machuca
O coração fica com medo e tudo
vira dúvida
Deixa eu me acostumar
Espera só mais um pouco
Jajá o meu coração vai ficar
Pronto para amar de novo
Deixa eu me acostumar
Espera só mais um pouco
Jajá o meu coração vai ficar
Pronto para amar de novo
Aí te dou amor em dobro
2x*

LXIV.VI – Chico Paiva



Grande seresteiro tauaense, por muito tempo junto com outros ilustres conterrâneos, Lulu Lima, João Castelo e outros, despertaram as madrugadas de Tauá com sua música romântica endereçada as belas jovens da nossa terra. Seresteiro, boêmio, intérprete de memoráveis canções, Chico Paiva consagrou-se em Tauá e é sempre lembrado pelos seus conterrâneos, principalmente, os de então, por ser exímio violonista. Lembro-me de Chico Paiva, às tardinhas, em ambiente específico existente na sorveteria do meu inesquecível pai Elcias, dedilhando com maestria o seu violão, interpretando com singular eficiência a sua música, aquelas consagradas à época, entre um e outro copo de cerveja.

Chico Paiva, filho da saudosa professora Dona Adalgisa Paiva, cedo se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro onde hoje reside, e por certo, sem esquecer-se de deleitar os cariocas com a sua música.

Dona Adalgisa Paiva, mãe do iluminado Chico Paiva, tauaense notável, durante décadas enriqueceu a cultura e o magistério dos Inhamuns e de Tauá, valendo lembrar que referida mestre, serviu os seus saberes de forma absolutamente despreziosa para muitos e muitos tauaenses ilustres e vitoriosos, dentre os quais humildemente me incluo.

Interessante e surpreendente, ademais, para mim, foi à notícia encontrada nas minhas pesquisas, dando conta de que o ex-vocalista do conjunto musical "Só Prá Contrariar" e cantor renomado Nacional, "Alexandre Pires", tem sangue nas suas veias correndo fruto da nossa Tauá. No jornal Diário do Nordeste de 27 de agosto de 2015, referido artista revela: *"...que o contato com o estilo nordestino vem desde criança, por intermédio da vó, cearense de Tauá"*. E completa: *"Minha relação com o forró sempre foi muito próxima, porque eu nasci ouvindo forró em casa. Venho de uma família de músicos. Uma família que também tem suas raízes na terra do forró. Minha saudosa vó, por exemplo, é de Tauá - CE. Ela sempre foi fã de Luiz Gonzaga e João do Vale. O estilo sempre foi muito bem executado lá em casa"*.

LXV - A história do Hino Oficial de Tauá

O site Meu Tauá, dá conta através de notícia datada de 19 de janeiro de 2015, que o hino oficial de Tauá, "Hino de Exaltação a Tauá" é obra concebida pelo odontólogo José Nilson Rodrigues Furtado. A sua letra avoca com desenvoltura ímpar, temáticas locais, como a bravura do nosso povo e

a beleza natural de nossa terra. O autor nasceu em Juazeiro do Norte, no dia 27 de novembro de 1934. Seus estudos secundários foram concluídos no Liceu do Ceará e Colégio Salesiano. Formado em Odontologia pela Universidade Federal do Ceará. É pós-graduado em endodontia. Chegou a Tauá em 1972, passando a trabalhar junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e ao INSS, além do seu consultório particular. É um dos tantos filhos adotados de nossa Tauá, que a ela escolheram para aqui exercer suas profissões e plantar família.

LXV.I – Lei e letra do Hino Oficial de Tauá.

Através da Lei Municipal nº 1211, de 09 de outubro de 2003, a sua poesia restou eternizada como Hino Oficial de nossa Tauá. Vejam a beleza do poema:

"Amar-te, oh, Tauá torrão querido.
Em ti nascidos quão sublime é te amar;
E vemos o progresso desta terra,
berço que encerra em nosso peito amor sem par!
Relíquia de passado glorioso
repositório no presente e no amanhã

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
Dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
Dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá

Enquanto nas caatingas o vaqueiro
amalha o gado com coragem e destemor.
nos campos – a seara – sol a pino
qual paladino

o destemido agricultor!
Protótipos da alma sertaneja,
que na peleja, não se abate ou faz curvar!

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
Dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
Dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá

Teus clãs - nossos maiores no passado
tiveram fibra e bravura de heróis!...
Deixando a nós outros o legado
imorredouro: "só o trabalho constrói".
Exemplo de estoicismo que nos leva
a sermos fortes invencíveis, varonis.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
Dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá

Às margens do Trici
repousas bela,
linda donzela.
À sombra do Quinamuiú!
tens forte perfil de realeza,
rara beleza!...
Princesa dos Inhamuns!
espelhas do nordeste brasileiro,
a natureza e a raça forte e pertinaz.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá.

Hoje e no povir,
grande, o amor por ti,
em nossos corações perdurará!
dentre os tauaenses
Oh! não há quem pense
em te esquecer Tauá

LXVI - O queijo coalho – iguaria de Tauá



A história do queijo coalho remonta a um passado distante, e que merece neste espaço ser lembrada, pelo menos de forma superficial.

Tauá se encontra inserida neste contexto, e a produção do nosso queijo coalho se dá quase que inteiramente de forma artesanal e, por conta disso, a todos levo um pouco da sua história. Pois bem.

Consoante, constatei nas minhas pesquisas a respeito, para minha surpresa, verifiquei que o queijo coalho é considerado uma das maiores e mais ricas tradições vivenciadas na nossa terra, porquanto conhecido em todo o território brasileiro, pelas suas características, composição, forma e feitura ar-

tesanal. Alcança assim, por isso mesmo, fortemente a cozinha do brasileiro, do nordestino, do cearense, e, principalmente, do tauaense.

O queijo coalho é, pois, um produto idealizado, nascido e confeccionado na própria fazenda, onde o gado após alimentar-se do pasto, surgido na terra seca da nossa Tauá, em tempos de bons invernos, e até mesmo no verão, derramado das tetas da vaca, na cuia do sofrido sertanejo, o leite, elemento primordial e fundante do processo e composição, é nele queijo transformado, através de um processo inteiramente, como dito, artesanal.

Historiadores apontam que o queijo é um dos mais antigos alimentos da humanidade. Aliás, não é do conhecimento da humanidade quando se deu por fabricado o primeiro queijo. Sua origem, dizem, se perde na noite dos tempos, e tem-se que, os primeiros homens que os produziu e consumiu o fizeram na sua forma bruta. Lembram sem comprovação alguma que o primeiro desse produto alimentício surgiu do leite abandonado ao ar, que fermentou e coagulou naturalmente. Outra conjectura aponta para a hipótese do uso de recipientes ou "sacos de couro", confeccionados pelo homem de então, onde o leite era guardado e transportado. Fala-se que de maneira acidental, a coagulação enzimática do leite ocorreu pelo contato com o couro. Outros retiram o soro, elemento essencial à coagulação do leite, das vísceras do bovino.

A história do queijo, como referido, é muito antiga, remonta ao início da civilização e chega a se confundir com a história dos animais domésticos, 8.000 anos a.C. Tal fato histórico é encontrado através de relatos dos Egípcios 4.000 anos antes de Cristo.

No Antigo Testamento, o queijo é citado diversas vezes. David se referiu à fabricação de queijos 1050 anos a.C.

O queijo em princípio, foi usado na alimentação humana, enquanto a manteiga tinha emprego como "bálsamo", o soro como medicamento: os romanos diziam que "*o queijo alimenta, a manteiga alivia e o soro cura*".

O nome queijo provém do latim popular "*caseu*". "*Fromage*" em francês, ou "*fomaggo*" em italiano. "*Cheese*" em inglês. Todos os nomes são derivados de "*caseu formaticus*". Os gregos chamavam "*formos*", o cesto de vime no qual produziam seus queijos. Os romanos, daí tiraram a palavra "*forma*", que em francês arcaico deu origem a palavra "*fromage*" (hoje, "*fromage*") e em português a forma, o utensílio de fabricação de queijo da fazenda. Na Roma antiga, eram apreciados exaustivamente, principalmente, aquele surgido do leite de ovelha.

Segundo Caio Plínio, o Velho, na sua Enciclopédia de História Natural, "os queijos que eram apreciados pelos Romanos do I Império". Ele evoca um queijo de leite de ovelha da atual região de Lozère, próximo da cidade de Roquefort, bem como de queijos do país de Arvernes e Gévaudan (provavelmente, do Cantal, França).²⁵⁰

²⁵⁰ História Natural de Plínio, o Antigo Foto: Wikipédia

Com a queda do Império Romano do Ocidente (ano 476), encontra-se na história, "os métodos de fabricação, que faziam a peculiaridade de muitos queijos criados na época, são conservados nos mosteiros, ou seja, em abrigos conservados. As cruzadas trazem de volta os segredos orientais de fazer novos queijos e, assim, os Beneditinos e Cistercienses desenvolvem a produção na França e em toda Europa. Pouco a pouco, este alimento vai para o campo, em busca de meios de subsistência. No início do período denominado de Renascimento ou Renascença (1.300-1.600), o queijo conquistou o povo. Nos mercados de Paris, ressoavam os nomes "fromage d'Auvergne", "fromage" forte de Milão, "fromage de Brie" e outros. Os queijos mais populares eram aqueles de Auvergne, conhecido em todos os lugares da França, seguido dos queijos Bries. Pouco antes da Revolução Francesa, Lavoisier estimava que um parisiense comia 3 kg de queijo por ano. Na Inglaterra, a rainha Elisabeth I fazia a promoção dos queijos Cottage, do Stilton e do Cheshire, que eram fabricados lá desde o século III. O século XIX é marcado pelo selo da industrialização. Isso trará o queijo para uma nova era, a da indústria do queijo. O grande avanço foi à descoberta da pasteurização em 1857, pelo químico e biólogo francês *Louis Pasteur*. Na verdade, Pasteur fez seus estudos sobre a fermentação alcoólica para resolver problema enfrentado pelos produtores de vinho da França. Ele mostrou que o calor destrói as bactérias patogênicas. Inicialmente, a nova tecnologia (pasteurização ou tratamento térmico) foi aplicada aos vinhos e depois foi usada no setor do leite à partir de 1880. Enquanto isso, o queijo entra nas fábricas, começando pelo empresário francês Charles Gervais, que em 1852, iniciou na região do Seine-Maritime, a produção industrial de queijo fresco, tipo "Petit Suisse". Para atender a demanda de grandes volumes das fábricas, a coleta de leite foi organizada. A indústria de queijo estava progredindo rapidamente. Entre 1900 e 1925, as fábricas industriais de queijos abriram nas regiões da Meuse e no leste da França, onde nasceram os primeiros fermentos de cultura. No que dizem respeito ao produtor, as máquinas de ordenha foram surgindo e o desenvolvimento do automóvel fez facilitar e acelerar o transporte de leite. Os queijos industriais eram vendidos em pequenas lojas comerciais, como: Laughing Cow (1921), o Bleu de Bresse (1950), o Caprice des Dieux (1956), o Boursin (1963), o Kiri (1966) e outras. Ao mesmo tempo, queijos tradicionais de leite cru, foram se organizando em torno da criação de denominações de origem controlada (AOC), sendo o queijo Roquefort, o primeiro a obter este Selo de Qualidade, em 26 de julho de 1925. Depois, foram o Saint-Nectaire (1955), Cantal (1956), o Comté e o Reblochon (1958), que seguiram o mesmo caminho. A França tem a reputação mundial do país do queijo. Esta reputação se deve em grande parte, a sua história queijeira de longa data. Hoje, a França produz mais de 1.000 queijos, 46 dos quais receberam selo AOC, para uma produção total de 2 milhões de toneladas/ano, dos quais 700.000 são exportadas para 150 países em todo o mundo. Em média, um francês consome 26 quilos de queijo por ano. Os queijos de leite de vaca são responsáveis por 92% dos volumes produzidos, os queijos de cabra

a 5% e os queijos de ovelha a 3%. Uma atividade econômica florescente que deu razão a Winston Churchill que, durante a Segunda Guerra Mundial, disse que, "um país capaz de dar ao mundo 360 queijos não pode morrer"²⁵¹.

No nosso Tauá, o queijo coalho, tradicionalmente, se caracterizou como um dos melhores do Ceará. O queijo de coalho produzido em Tauá tem, pois, tradição, referência e sabor inigualáveis. Como produto natural artesanal, ultrapassa os nossos limites territoriais para deleite dos consumidores tauaenses, da cozinha e do paladar dos brasileiros. O queijo coalho de Tauá, confeccionado do leite puro do bovino/vaca, através das mãos hábeis do sertanejo tauaense, formatado a maioria das vezes em velhas prensas de madeira, tem enriquecido, além do lado econômico de nossa terra, o nosso paladar, e se mantido inexoravelmente como uma das grandes tradições que se perpetuam no tempo. Aliás, nos tempos atuais, o produto queijo coalho na nossa terra, cuja tradição resiste ao tempo, uma vez formatado, ainda, em velhas prensas de madeira e de forma artesanal, repito, tem aberto espaço para a produção não mais manualizada, todavia, industrializada, mas a força sertaneja não se deixa romper por este processo modernizado.

São ou foram produtores do queijo coalho em Tauá, quase todos os fazendeiros da região, sejam eles grandes ou pequenos produtores, e tem-se por destaque: Francisco Clemir Feitosa Arraes, da Fazenda Jiboia; Castro Castelo, José Lins Castelo, Luiz Benevides, Sr. Teixeira Benevides, Edilson Lima, Fransquinho Nogueira, Chico Lulu, Marçal Alexandrino, Geraldo Reis, João do Alves, Valdir Loiola, Cloro Alexandrino, Nino Medeiros, Argentino José, José Cidrão, Luiz Alexandrino, Aldejane Gonçalves, Marisa Alves de Castro Oliveira da comunidade Tiasol, José Roberto de Oliveira, Maria Rosilene, Maria José do Lustal e Maria Meilda e Luis Osório Loiola Gonçalves.

LXVII - A Manta de Carneiro - produto típico de Tauá



Os produtos cárneos processados vêm ao longo dos anos fazendo parte da dieta de uma parcela considerável de consumidores brasileiros. Dentre estes produtos, alguns se destacam como a carne de sol e/ou de charque, muito produzidos nos sertões nordestinos, desde os tempos da colônia. Alguns desses produtos e derivados de ovinos e caprinos têm a fama de possuírem aspecto e sabor diferenciado, provavelmente, em função

²⁵¹Disponível em: <http://www.queijocoalhoBrasil.com/historia-do-queijo/>.

das plantas existentes na caatinga, tipo de solo, clima e da forma de criação desses animais.

O Município de Tauá, como já referido, está localizado na microrregião homogênea dos Inhamuns no Estado do Ceará, apresentando características ambientais e históricas, favoráveis ao desenvolvimento de políticas de promoção e valorização de produtos cárneos de ovinos e caprinos produzidos pelos agricultores familiares.

Em alguns municípios da região dos Inhamuns, exclusivamente, no município de Tauá, existe a produção de um produto, denominado "Manta de Carneiro", conhecido em várias regiões do Brasil. Nessa região, a ovinocultura e a caprinocultura constituem-se atividades tradicionais, considerada um pólo potencial de desenvolvimento destes pequenos ruminantes doméstico, apresentando um rebanho significativo e um arranjo produtivo que favorece a modernização destes segmentos produtivos.

A "Manta de Carneiro" é a carcaça inteira do carneiro retalhada, "o nome usado na confecção da Manta é escalar", temperada com sal e secagem/desidratação por um tempo de 2 ou 3 horas ao sol e a sombra. Alguns "processadores/escaladores", também utilizam para a salga, uma mistura de sal e pimenta. É um processo secular e artesanal de preparação, sendo os conhecimentos repassados por familiares contendo aspectos próprios da cultura local. No passado, os fazendeiros do semiárido nordestino produziam a "Manta" do ovino ou caprino no inverno, quando os animais estavam gordos, para a manutenção da família durante o verão. Em Tauá, além deste aspecto, havia a questão do comércio entre os fazendeiros locais e comerciantes da região do Cariri Cearense. Conta-se, que os fazendeiros se deslocavam em viagem por semanas com o produto "Manta de Carneiro", para a região sul do Ceará, com objetivo de realizar negócios e trocas de mercadorias, de forma em geral. Neste período da viagem, utilizavam o produto "Manta de Carneiro" salgado e conservado para se alimentarem.

A tecnologia de produção da "Manta" segue o seguinte protocolo: o animal é abatido, retirado o couro, a fússura, as vísceras, as patas e, em seguida, é escalado. Existem dois processos: o primeiro, em que a carcaça é retalhada deixando os ossos grandes, retirada a coluna vertebral, ficando as duas partes/bandas juntas, denominada "Manta tradicionais"; o segundo processo é realizado com a retirada dos ossos grandes e a coluna vertebral, deixando os ossos das costelas, em seguida, a carcaça é separada em duas partes/bandas. Entre os dois processos, o segundo agrega mais valor em torno de 50%. Este processo de elaboração da "Manta" é relativamente complexo e são poucas as pessoas que têm o domínio dessa tecnologia artesanal. O conhecimento deste processo de confecção da "Manta" não foi adquirido em cursos ou treinamentos formais, mas sim, por meio de repasse de pai para filho, ou processo similar.

Os procedimentos desde o abate do animal ao processamento da "Manta de Carneiro", ainda, deixa a desejar, tendo vista que as instalações utilizadas no abate dos animais, o próprio abate e a preparação "do escalar as Mantas", não segue os requisitos mínimos de controle sanitário, inspeção e boas práticas de fabricação.

Após a preparação, as "Mantas" são expostas ao sol ou à sombra, ar livre, sujeito a poeira, moscas e outros animais. Não há processo de embalagem adequado e, após a secagem, as "Mantas" são colocadas à sombra e/ou equipamento de refrigeração sem nenhuma técnica de resfriamento adequado da carne. Conforme informação, o tempo médio de prateleira das "Mantas" fica entre três a cinco dias em função da perda de qualidade do produto e da falta de capital de giro para manter um estoque.

A origem dos animais destinados à produção da "Manta" são predominante, ovinos com uma média entre 30 a 35 quilos e um ano de idade. Os animais são originários de algumas localidades específicas no município de Tauá e são rigorosamente selecionados pelos compradores/escaladores. Muito dos escaladores já adquirem o animal na forma de carcaça e são "escalados" pelo comprador, que pode ser o próprio dono do restaurante. A definição de um animal padrão, bem como a identidade e qualidade do produto, ainda deve ser motivo de estudos e avaliações.

A "Manta de Carneiro de Tauá" foi identificada como um produto que apresenta atributos que lhes conferem amplas possibilidades de mercado, não apenas por suas características organolépticas e nutritivas, mas também, porque eles trazem a marca de um território, de um modo de produzir, de um povo e de suas tradições.

São verdadeiros artesãos na arte da confecção da manta de carneiro na nossa terra: Domingos Gomes, Chico do Abdon, Chico do Bureca, Fransquim Militão, Clébio Feitosa, Evilásio Dias, Elias Mendonça, Lauro Júnior, Chico Benevenuto, Daniel Dimas, Paixão Pedrosa, Ítalo Pedrosa, Manuel Sales, Neto Bureca, Augusto Fernandes, Pedro Junior, Antônio Abdon, Senhor Elias, Chico do Armode, Antônio Cazuza, Cleber Feitosa, Wilson Dias, e outros.

De se destacar que na nossa cidade, a perpetuar e oficializar, dando extensa visualização à prática da manta de carneiro, criou-se em bom tempo, a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos da Região dos Inhamuns - Ascoci.

LXVIII - O artesanato tauaense

O artesanato é definido como uma arte, técnica do trabalho manual, que escapa à produção em série. Apesar de seguirem um padrão, todas as peças são únicas, pois revelam o cuidado e a destreza do artesão, que se dedicou na execução de cada detalhe daquela peça que carrega em si, não só a perícia e talento, mas também cultura e tradição regional.

Artesanato, assim, pode ser rede com varanda de crochê e punho todo manual, renda de bilro que vira toalha, labirinto transformado em blusa, filé virado em vestido, bordados, desenhos com areia colorida e produtos de palha de carnaúba, couro, argila, cipó e madeira. Na nossa Tauá, tem um pouco de tudo. Daí a sua riqueza cultural, diversificada e, acima de tudo, regionalizada.

Com efeito, o artesanato tauaense destaca-se por ser ganhador de vários prêmios, regionais e nacionais. Neste aspecto, a renda, o bordado, a escultura em pedra sabão e madeira, retratam a criatividade do artista conterrâneo de Tauá.

No segmento rede, encontramos o artesão cego Francisco Rodrigues da Silva, conhecido por Chico Paraíba. Suas peças, coloridas e com a utilização de cordão de seda são fabricadas em tear por ele confeccionado e se caracteriza pela sua mobilidade, objeto que possibilita trabalhar, tanto em casa quanto em feiras.

No seguimento do bordado, encontramos o chamado "Bordado livre", o que seria a "arte de desenhar com linhas". Pode ser algodão, seda, linho, rafia, ouro ou prata, fibra sintética, náilon, acrílico e celofane, o importante é fazer a agulha dançar pelo tecido e dar forma a imaginação. Em Tauá, é a Associação Grupo Ponto e Nó, que se encarregou de juntar os desenhistas de linha da região. A Senhora Maria Marilac Moreira deu efetividade real à referida arte tauaense.



A renda de bilros, conhecida como renda de almofada e renda do Ceará, inspirou muitos tauaenses. Aqui, lembro-me da minha avó "Bibiana", que sentada à frente da sua almofada, ao chão, com mãos ágeis e dedos inconfundíveis, como se a tocar em um piano de maestro inigualável, traçava as suas rendas a embebercer o seu povo.

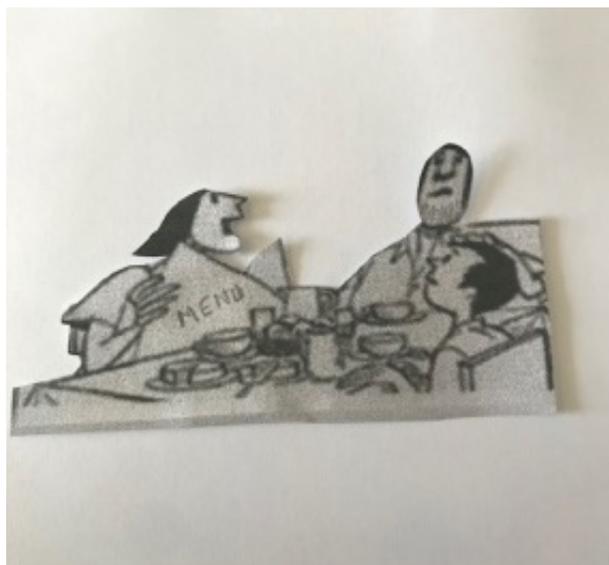
Falar de rendas é falar, também, de rendeiras. Câmara Cascudo, dizia: *“As rendas têm nome, história, anedotários. As rendeiras têm suas rainhas, espécie de abelha-mestra, levando para o túmulo segredo de certos pormenores”*.

Destacam-se na arte do artesanato de Tauá, além das pessoas citadas: Socorro Siqueira, Luzanira Pedrosa de Sousa, Chico Paraíba, Fabrício Moreira e outros.

Na arte da confecção de roupas e utensílios para vaqueiros, se destacaram: Senhor Cazuzu, Senhor Leontino, Senhor Nazaré Feitosa e Mundoca. Lembro, ademais, que o comércio do Senhor Manoel Alves Mota (Senhor Manuelzinho Mota), era e é ponto de referência na venda de tais produtos artesanais.

Na defesa dos artesãos de Tauá, existem instaladas as seguintes organizações: Centro de Artesanato de Tauá, Associação dos Artesãos do Município de Tauá, Escritório Regional do SEBRAE, Tauá.

LXIX - Tradições da culinária de Tauá



A culinária de Tauá, rica em tradição, encontra-se basicamente firmada em pratos típicos da região, como: o cuscuz, a carne de carneiro, e a tapioca. De outro lado, pratos com arroz e feijão apresentam-se como indispensáveis a família tauaense e, quando substituídos, normalmente, no seu lugar assume o baião de dois (junção do arroz e feijão). A esta iguaria sertaneja é acrescido o torresmo de porco, o cheiro verde, a pimenta do reino e a pimenta de cheiro. Verifica-se ademais, o consumo constante do creme de galinha, a galinha caipira, o carneiro, a feijoada, caldos diversos, bolos de frigideira diversos, e peixes. Todavia, o carro chefe da nossa cozinha tradicional é “o baião de dois puxado à farofa de farinha de mandioca, cuscuz, batata frita ou macaxeira”, acompanhado do nosso carneiro assado. Do carneiro, sobressai, ainda, no paladar do tauaense, a famosa panelada e a famosa buchada, fruto das vísceras de citado animal. O sarapatel, iguaria feita das vísceras do

porco, cabrito ou borrego. Frutas diversas também fazem parte da cultura alimentar de Tauá. O doce de leite, de mamão, de batata, de banana e gergelim, a cocada de côco, de mamão, leite, a rapadura, completa a tradição alimentar de nossa terra.

LXX - Alfaiates tauaenses – tradição que se foi



Na minha terra, na nossa terra num passado não muito distante, quando o costume e a tradição ainda imperavam às soltas, frente à máquina, hoje, massificadamente explorada, sobressaiam-se três magos da tesoura, acobertados por

uma, salvo engano, suas velhas máquinas de costura do tipo “Singer”, a vestir a caráter o homem tauaense. - Ternos, paletós, camisas das suas mãos surgiam por medida, a satisfazer o ego do nosso tauaense. Esses magos da tesoura, no meu conhecimento foram quatro: Arial Souto, Antônio Casimiro, Brás e Franca Barra.

Ademais, descobri que antes da fama recebida como intelectual jurista e político brasileiro, acima de tudo tauaense, laborou na arte da alfaiataria, o nosso Joaquim Pimenta.

LXXI - Taxistas tauaenses

Foram os primeiros taxistas de Tauá: Antônio Bezerra Cavalcante, Afonso Feitosa Lima, Antônio Décio Feitosa Lima, Eufrásio Oliveira Feitosa, João da Costa Oliveira, Juscelino Araújo Serra, Eliezer Ferreira Dias, Francisco Scarcela, Pedro Machado Neto, Francisco Timóteo de Freitas, Francisco Magalhães Monteiro, Raimundo Moreira da Costa, Antônio Alves da Silva, Antônio José Monteiro Mota, Manoel Pedrosa Castelo, Tomás de Sousa Mota, Sebastião Pereira de Sousa, José Eraldo Pereira de Sousa, Amaro Fernandes Neto, Manoel Gonçalves da Silva, José Pereira Campos, João Correia de Oliveira, Antônio Normando de Melo Otacílio Garcia, Edilson de Sousa Mota, Joaquim Pedrosa Sobrinho, Enoque Cavalcante da Silva, Francisco Epifânio Neto e Antônio Gonçalves Sena.

LXXII - Sapateiros tauaenses

João Fernandes, Senhor Tô Venício, Seu Venâncio, Julião, Buzo, Antônio Luiz, Nenê Sapateiro (o contador de histórias), Sr. Osvaldo Nascimento, dentre tantos outros, foram exemplo de profissionais dedicados e vencedores.

Dos sapateiros filhos de Tauá, nas minhas pesquisas, encontrei uma homenagem feita ao velho sapateiro "Seu Alves", radicado em Fortaleza, a qual reporta com precisão o espírito do nosso conterrâneo que mesmo sofrendo todas as adversidades, manteve-se fiel às tradições e ao ofício que escolheu para sobreviver. Vejam:

"O pé de castanhola, ele mesmo plantou. Sob a sombra da árvore crescida, dorme eternamente sua banquinha – feita de placas de metal e de aglomerado, sustentada sobre escoras de madeira. Ao redor, prédios residenciais multifamiliares, avenidas super movimentadas, grandes empreendimentos comerciais. "Seu Aaaaalves", grita alguém da janela de um ônibus que cruza a Engenheiro Santana Júnior, na altura da Dom Luiz (sentido Praia/Centro). Sentado num banco – entre escovas, tubos de cola, agulhas e dezenas de sapatos e sandálias -, seu Alves, o sapateiro, respira palavras e cores. É vida demais, são ideias demais, registradas em tinta e afeto no muro e na calçada. Seu Alves se escreve na cidade, faz Fortaleza pulsar. E percebe isso seja quem por ali passa velozmente de carro, seja quem por ali caminha, vencendo a calçada irregular. "Aqui (calçada) foi serviço que eu fiz, comprado com meu dinheiro; tinta, cimento, tudo. "O serviço aqui era daquele jeito lá", aponta para o chão de pedras e areia batida do começo do quarteirão. Um trecho da calçada, seu Alves interditou com portas de um velho guarda-roupa: a pintura no chão tinha sido feita na madrugada do dia anterior. Em tinta vermelha e brilhosa, sob o fundo laranja, uma confissão ainda fresca: "Amor, só de mãe". E a repórter termina o seu trabalho dizendo: "Seu Alves gosta mesmo é do olho do furacão, da muvuca urbana". "Eu sou filho do barulho", termina. E se espalha em risada. "Com o fim da conversa, volta pra sombra da castanhola, pra terminar de costurar um sapato".²⁵²

LXXIII - Carpinteiros tauaenses

Tenho orgulho de reportar pelo menos um pouco, os nomes de grandes carpinteiros de nossa terra, uma vez que as minhas origens, pelo lado materno, dizem respeito à profissão "carpinteiro" ou "marceneiro", profissão exercida por São José, Pai espiritual de Jesus Cristo...

Cito, pois, o meu querido e falecido avó Jesus Cordeiro Leitão, meu tio, Francisco Cordeiro Leitão, e mais, Francisco Gonçalves Loiola, José Reginaldo Gonçalves Loiola, Francisco Gonçalves Loiola Filho, Juvenal de Sousa Vale, Francisco Oliveira de Castro, José Wilson Aderaldo, Francisco Alves Veloso, Deusimar Moreira dos Santos, Joaquim Moreira Sobrinho, Genésio Moreira de Sousa, Francisco Valmir Sampaio, Sr. Nascimento, Sr. Raimundo, Francisco Paiva Cavalcante (Sr. Chico do Dião), Hermínio Moreira dos Santos, Antônio Carlos Bezerra de Sousa, Antônio José Bezerra de Sousa, Preto Moreira de Sousa, Diocleciano Moreira de Sousa, Manoel Moreira de Sousa, Cecílio Moreira de Sousa, Francisco Moreira Sobrinho, Sinval Gonçalves de Sousa, Alirio Mota de Moraes, Álvaro Alves de Loiola, Chico da Luiza, Juvenal, Sr. Xodó, Chico Veloso, Luiz Gonçalves, dentre tantos outros.

LXXIV - Mecânicos tauaenses

João Marcelino de Lima, Granciano Marcelino de Lima, Geraldo Marcelino de Lima, João Marcelino Filho, Antônio Batista Marcelino, Frâncico Ribeiro Pereira, Aldo Pinheiro Dantas, José de Lima Gomes, Antero Lima de Sousa, Francisco Antunes Fernandes, Raimundo Sebastião Pereira, Francisco de Assis Costa (Sr. Idenir), Alirio de Medeiros, Jader de Medeiros Mariz, José Martins de Oliveira, Raimundo Moreira da Costa, Francisco Assis Pereira de Melo, Vicente Pereira de Melo, Francisco Pereira de Melo, José Pereira de Melo, Francisco Ferreira Lima, Antônio José Araújo Gomes, Antônio Marcos de Araújo, Mauricio Moreira de Sousa, Rosalvo Antônio Della Vechia, Ênio Rojimar Almeida Della Vechia, José Maria de Mesquita, Antônio José Oliveira de Sousa, Chico Ferreira, Chido da Nega, Zé Adão, Raimundão, Pirrita, Sr. Ilênio, Milenis Abreu, Daniel Scarcela, Marquinho, dentre tantos outros.

LXXV - Músicos de Tauá de ontem e de hoje - rabequeiros

Na música, Tauá se destacou e se destaca através das seguintes personalidades por todos nós conhecidas, e que através do manuseio correto e afinado dos seus instrumentos, tem deleitado a todos. Lembro-me, neste aspecto, dos saudosos: Chico Bombeiro, Sr. Enéas Oliveira, Raimundinho do Senhor Enéas, Chico Clarinete, Geraldo Marcelino, ilustrados músicos, An-

tônio Albino, João Matias, rabequeiro Chico Bode, Hudson, Renan Play,

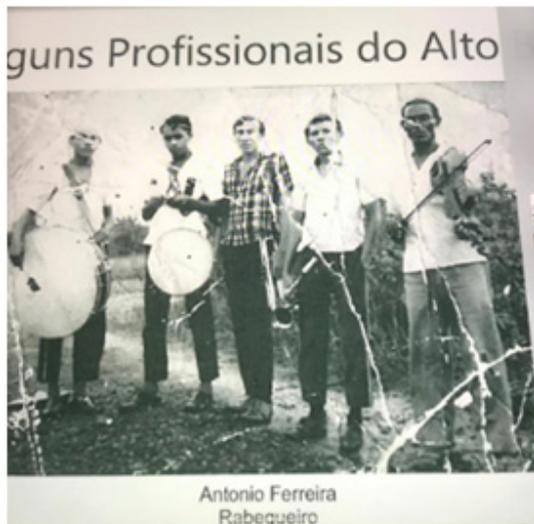


Foto retirada da internet

Sandrinha Basílio, Dário Rodrigues, Júlio César, Josué Freitas, Marquinhos Som de Ouro, Juninho Gomes, Naldinho Araújo, Elton Ribeiro, sanfoneiro da Carrapateira, Luiz Porfírio Feitosa de Sousa (sanfoneiro), Sarah Oliveira, Joaquim Adelino Sampaio e filhos, Miguel, José e Cássia, Antônio Rabequeiro, Chico Cadó (rabequeiro), Bené, Bia, Zé Biro Novo, Antônio Ferreiro (rabequeiro), Francisco Gomes Bezerra (Chico Gomes), Antônio Gomes da Silva (Bia), Manoel Francisco Lopes de Araújo (Nel Lopes), José Gonçalves de Amorim (Zé Chiquinho), Antônio Domingos do

Nascimento (Antônio Carcará), Francisco Ferreira da Sousa (Nenoso), Antônio Inácio de Sousa, José Justino Fernandes (Zé Justino), Kuiz Antão Lô (Antãozinho), Manoel Lopes. Loirinho do Acordeom, Pedro Cego, Luiz Miguel, Manoel Cabaré, Chico Cabaré, Os Calangos, Os catitas, Anselmo, Sérgio, Os Cedros, dentre muitos outros.

Neste espaço, rendo homenagem pela tradição que envolve a nossa terra e que ainda perdura no tempo, a música de rabeça. A música puxada ao som da rabeça entoava e permanece a entoar a sua sonoridade e alegria, a grande parte dos salões de dança da nossa terra, principalmente, na perspectiva do entretenimento popular sem, necessariamente, estar a cumprir uma determinada função religiosa ou folguedo que se restrinja a um grupo de brincantes. As festas denominadas sambas, pagodes, forrobodós, forrós, nelas, por vezes, encontra-se o rabequeiro, para na harmonia do seu som extravagante animar, sem mais nem vê, todos os foliões.

Por sinal, tem-se que os mestres rabequeiros, são sinônimos dos antigos bailes. Nesses bailes com desenvoltura impar, toca-se os baiões de reisados, chope, valsa e forrós que ainda hoje, animam o nosso povo, principalmente, nos forrós denominados de "pé-de-serra". A cultura do rabequeiro mantém-se latente na nossa Tauá, bem como em outros municípios de nossa região.

LXXVI – João Matias Filho

Falecido recentemente aos 70 anos de idade, no Estado de São Paulo, onde mantinha domicílio e residência, foi um apaixonado por nossa terra. Durante sua trajetória de vida, foi autor indiscutível de capítulos importantes para a nossa história, seja no lado empresarial, seja no lado musical ou comercial. Bom músico animou por tempo longo as noites de nossa cidade com as suas inesquecíveis bandas. Foi construtor e proprietário de clubes, dentre os quais destaque: a Danceteria e Pizzaria Status, localizada ao seu tempo, no coração da cidade, mais precisamente na hoje denominada Praça Alberto Feitosa Lima. Como empresário no ramo da música, possibilitou aos tauaenses, shows com o sanfoneiro Luiz Gonzaga - o Rei do Baião, Luis Caldas, Reginaldo Rossi, Ruban, Waldik Soriano e outros.

Ademais, foi construtor e secretário de obras na gestão do prefeito José da Costa Leitão Lima. O tauaense ilustre deixou quatro filhos.

LXXVII - A banda de música tauaense – tradição que se mantém no tempo - a Banda Maestro Chico Clarinete

Difundida na Europa, a banda de música parece ter suas origens na França. Segundo alguns estudos existentes, a banda de música no Brasil tornou-se efetiva com a chegada ao nosso território de D. João VI, em 1808. O rei trouxe consigo uma banda de música portuguesa, que por toda a estada da família real no Rio de Janeiro realizou vários concertos, destacando que outras bandas foram ao tempo concebido.

As bandas civis, aliás, que herdaram a disciplina e a organização das bandas militares, foram criadas por todo o Brasil. Havia bandas de músicas, tanto nas cidades, quanto em vilas, povoados e até em sítios e fazendas. As cidades do interior organizavam suas bandas civis, que passavam a ser um veículo de entretenimento coletivo, participando de movimentos políticos, acontecimentos religiosos, cívicos e sociais, tradição que permeia no tempo. Nos dias de apresentação, saíam da sua sede em formação militar, com os músicos de uniformes limpos, engomados, sapatos engraxados, quepes na cabeça, desfilando pelas ruas ao som de dobrados, em direção ao coreto da praça principal, onde executavam o melhor do seu repertório, que além de dobrados incluíam xotes, quadrilhas, valsas, choros, maxixes, frevo, aberturas de óperas.

Antigamente eram muito comuns as *retretas*, a apresentação de bandas de músicas em praças públicas. As bandas também desempenharam um papel fundamental na formação de novos músicos e na revelação de grandes talentos.

Hoje, as bandas de música são uma tradição que em algumas localidades do País, do Ceará vem resistindo ao tempo. Em nossa Tauá, felizmente, graça a ação ideológica de nossos administradores vem sendo mantida. - Pela pujança dos seus instrumentos, renovando quase que permanentemente os seus membros, descortinando sonhos, abrindo caminhos para novos artistas da música, vencem o tempo a trazer a alegria dos tauaenses nos seus dias festivos, seja na alegria da festa religiosa, seja na alegria da reunião política. Aliás, o eco harmonioso da música saída dos instrumentos destes conjuntos musicais, inibiriam, traz a lume o passado, torna o presente mais alegre, efetivo, transforma rejuvenesce.

A banda de música municipal Maestro "Chico Clarinete", tradicional na nossa Tauá, destaca-se por possuir uma experiência considerável que perpassa décadas, o que a tornou referência forte e precisa na preservação do patrimônio imaterial do município e da Região. Quando se fala em sua relevância do ponto de vista cultural, há que se ampliar tal entendimento



para uma aproximação com outros sentidos, ou seja, a ideia de que a banda referida, também é importante do ponto de vista social, pois já compõe o imaginário de eventos e comemorações, como disse da cidade e apresenta, não obstante, um valor educacional, visto que os seus músicos, além dos ensaios, atrelam à prática, a transmissão de conhe-

cimentos a crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social residentes no município. Em tal postura pedagógica, verifica-se uma pedagogia preocupada com a veiculação da música enquanto instrumento pedagógico e favorável ao desenvolvimento da sensibilidade. Neste sentido, os educadores adotam como base uma educação estética, que tem como pressuposto básico a inclusão social.

É importante ressaltar, que a fundação da Banda data de 05 de junho de 1966, criada que foi pelo Lions Clube de Tauá. Oficialmente, teve por ser criada no dia 04 de dezembro de 1984, por força da Lei nº: 659/84. No ato, concebeu-se a banda a denominação de Francisco Pereira Filho, o Maestro "Chico Clarinete", em homenagem a um de seus fundadores²⁵³.

Duas personalidades envolvidas com a Banda Musical de Tauá merecem ser lembrada pela importância e desenvoltura devotada a música de

²⁵³ Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/19192/>.

nossa terra. Refiro-me ao Sr. Francisco Pereira Filho, o Chico Clarinete e ao Sr. Geraldo Marcelino de Lima (Geraldo Marcelino).

Hoje, a Banda Maestro Chico Clarinete compõe-se dos músicos seguintes com as suas respectivas funções: Antônio Ivan de Sousa Leite – Clarinete; Antônio José Rodrigues Ferreira – Trompete; Arthur Zico Rodrigues de Oliveira – Percussão; Bruno Montes da Silva Ribeiro - Flauta transversal; Domingos Cesar Ferreira Lima – Percussão; Eduardo Julião da Silva - Sax alto; Francisco Daniel Freire – Clarinete; Francisco Luanderson Oliveira de Moraes - Sax tenor; Francisco Wiles Gonçalves Loiola – Tuba; Gabriel Moreira Piancó - Sax tenor; Geraldo Marcelino Lima - Sax tenor; Geraldo Nogueira Calaça Filho – Trompete; Jessé Alves Siqueira – Trombone; João Pedro Alves de Sousa – Clarinete; Joaquim Alves de Sousa – Clarinete; Joel Freire da Silva – Clarinete; Leandro Ferreira Montes - Sax alto; Luis Wildson Ferreira do Nascimento – Trombone; Manoel Gonçalves Lô Mariano - Sax alto; Marculino Fernandes Costa – Trompete; Pedro Alves Oliveira – Trompete; Sidgley Juvenal dos Santos – Percussão; Sidney Ferreira Montes – Trombone; Cristiano Evangelista da Silva - Tuba.

LXXVII.I - Francisco Pereira Filho (Chico Clarinete)

Francisco Pereira Filho, Chico Clarinete, nasceu na cidade de Crateús, Ceará, em dezembro de 1916 e faleceu em novembro de 1979, em Tauá. No início de 1917, sua mãe Antônia Mourão de Lima ao contrair matrimônio com o músico e Maestro Francisco Pereira da Silva, radicado nos Inhamuns, trazia consigo filho, com um pouco mais de 6 meses de vida, nascido do relacionamento com o Senhor Auton Aragão da região do Ipu. Mais velho de uma família de nove irmãos foi iniciado na arte da música aos 7 anos, optando pelo clarinete, instrumento que anos mais tarde viria complementar o seu nome. Assim nascia para a vida artística musical Chico Clarinete. A seca implacável de 1932 obrigou seus pais a migrar para Fazenda São Gonçalo de propriedade de Francisco Alves Feitosa, à época, pertencente a este município e, posteriormente, incorporada ao vizinho município de Parambu. Nesse período de grandes dificuldades, Chico Clarinete, aos 15 anos, porque seu pai estava velho, foi o responsável pelo sustento da família numerosa que não tendo outra opção, passou todo o período de estiagem se alimentando de raízes, tubérculos e mel de abelha. Diariamente, ao alvorecer, saía com duas de suas irmãs menores conduzindo uma cabaça e um machado à procura de mel de abelha e de batata de Croatá, planta da família das bromeliáceas, bastante comum naquela região. Foi casado com Antônia Gonçalves Pereira que lhe deu cinco filhos. Exemplo de cidadão honesto verdadeiro, extrovertido, âncora e conselheiro da família, jamais se deixou conduzir por atitudes irrefletidas. Nem a habilidade com o instrumento que o notabilizou, nem a convivência com a elite tauaense, foram capazes de

mudar sua preferência por amigos do seu nível social. Em mais de uma oportunidade foi convidado a ingressar na banda da polícia militar em Fortaleza, entretanto, sempre recusou os convites porque amava essa terra, porque jamais imaginou distante dos amigos, que num determinado momento subscreveu um abaixo-assinado pedindo para não ir embora de Tauá. Este é



o resumo da história de um homem temente a Deus, devida e atitudes humildes que viveu e morreu em meio a simplicidade"²⁵⁴.

LXXVII.II - O maestro Geraldo Marcelino de Lima (Geraldo Marcelino)

O maestro Geraldo Marcelino de Lima (Geraldo Marcelino). Regente da Banda de Música Municipal Maestro "Chico Clarinete" por vários anos. Autodidata, tem capacitação em Regência Básica, Princípios Básicos de Arranjo e Orquestração para Regentes de Bandas, Gestão para Bandas de Música, Técnicas de Regência, Técnicas de Harmonia e Orquestração para Bandas de Música e Gestão para Maestro de Banda de Música, participando, ademais, de vários encontros respeitantes a música.

LXXVII.III – Reverência a Banda de Música de Tauá em passado idos

Salete Vale, no episódio 41 na pesquisa por ela realizada, citando crônica elaborada por Quintino de Alencar Teixeira, intitulada "Eu vi a banda passar", reverenciando a nossa Banda de Música, narra:

"De pé na ponta da calçada do consultório, ainda ruminando meus diagnósticos, muitas vezes eu vi a banda passar. Era única naquelas latitudes pela originalidade do conjunto e da bizarra apresentação dos seus componentes. Instrumental velho, desgastado pelo uso, e resistindo as intempéries como serrotes do Quinamuiú. Representava a inocente alegria do Povo tauaense. A gana com que os seus figurantes sopravam os instrumentos fazendo retumbar por todos os recantos da cidade, com estrondado bombom malhado impiedosamente, davam-lhe o singular apelido de "a furiosa". O pistom, o trombone, o contrabaixo naquele grupo mal arrumado, comandavam a marcha tonitruante marcada pelo compasso peneirado da caixa e o retinir dos prados. As imagens ainda dormem intactas na minha memória com admirável nitidez. Ao meio-dia, hora da salva nas festas religiosas, reunia-se a banda na parte baixa da cidade. Os

254 Ibidem. Episódio 41.

músicos eram chamados por repetidas séries de pancadas secas no bombo. Não mais que uma dúzia e alinhavam-se em colunas por dois. Logo, chegava Enéias, o Maestro, vindo do açougue onde deixaram o boi ainda sangrante, que mal começaram a talhar. Calça de caqui arregaçadas até o meio da canela, um pé descalço com o dedão ferido amarrado por uma tira de chita. Outro na alpercata lepo-lepo, camisa de algodãozinho aberta ao peito e mangas arregaçadas. Pistom à mão tomava à frente daquele centro conjunto e depois de um aceno aos comandados, seriam as primeiras notas da barulhenta marcha que iam tocando até o patamar da igreja. As calçadas se apinhavam de gente sempre curiosa daquele espetáculo que se repetia, diariamente, durante o novenário de Nossa Senhora. E foi assim, que muitas vezes eu vi a banda passar, que saudade. Crônica publicada no Jornal Folha dos Inhamuns”.

LXXVII.IV - A bandinha de Música a Furiosa e o mestre Chico do Saco

Ainda a respeito de Banda de Música em nossa Tauá, agora se referindo à antiga Bandinha de música tauaense, conhecida em tempos idos por “A Furiosa”, Salete Vale, nos remete a um artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns, datado de Fevereiro de 1985, da lavra de J.H.M., em o qual descreve a minudência, o sucesso que fazia referida banda ao se apresentar nos bailes, quermesses, leilões, comícios, novenas, alvoradas e tantas outras festas sociais e cívicas na nossa cidade, e quem foi o mestre “Chico do Saco”. Relata o mencionado trabalho:

“Mestre Chico do Saco. Das reminiscências e recordações da minha infância e adolescência, destaco com muito carinho e saudade a Furiosa, a bandinha que eu vi passar. Um apelido tão pejorativo, mas que atrai a nossa admiração e os nossos aplausos nas suas impecáveis apresentações nos bailes, quermesses, leilões, comícios, novenas, alvoradas e tantas outras festas sociais e cívicas. Tudo se completava com a bandinha do seu Chico do Saco. Quem foi esse cidadão? Seu nome civil Francisco Pereira da Silva, mais conhecido por Mestre Chico do Saco. Ouriculo e músico seriam as principais atividades. Era a figura central e singular da orquestra. Figura de aparência rústica, idade avançada, magro, mãos grossas e calejadas pela labuta do campo, cabeleireira de maestro. Diria mesmo quem não o conhecesse, um personagem que contrastava com sua fina educação, serenidade no gesto, grande sensibilidade artística, talento

e uma força de liderança incontestável. Artista por vocação, com muita habilidade e capricho, escrevia as partituras da música adaptando-as ao ilimitado instrumento que dispõe a banda. Clarinete, pistom, trombone, trompa, bombardino, baixo, tuba e os instrumentos de percussão. A liderança se comprovava ao manter um grupo tão heterogêneo em comportamentos e atividades profissionais, como: alfaiates, barbeiros, agricultores, marchantes e trabalhadores de carne, eram os figurantes destacando-se a eventual e amadorística participação do fazendeiro José da Costa Leitão; pessoas diferentes uniam-se em torno dos seus dotes artísticos e se submetiam a liderança do velhinho Mestre Chico. Ele, que com bico de pena, caneta e tinta sardinha, passava para o papel pautado as notas, acidentes, e as claves com perfeição, trabalho que fazia com amor. E com a mesma dedicação, ensaiava a orquestra um repertório vastíssimo para cada gosto, cada ocasião. Seu Chico do Saco, com toda a humildade, esbanjava talento e pureza de caráter. Foi assim, que eu feliz da vida vi a banda passar”.

LXXVII.V - Enéas Alves de Oliveira

Salete Vale, a propósito da musicalidade emanada no irmão tauaense, na mesma toada, descobriu e nos remeteu a um trabalho dando conta do talento de outro cidadão tauaense de coração que, por amor a esta nossa terra querida, a ela se dedicou por longos anos e aqui plantou família, família por sinal, vitoriosa em todos os seus aspectos. Trata-se do Senhor Enéas Alves de Oliveira, amigo íntimo do meu saudoso avô Beiju e da minha avó Nenê, cidadão que conheci ainda adolescente e que a ele rendo homenagens, pela amizade, respeito, que devotava aos meus familiares e, que ainda hoje, remanesce entre as nossas famílias.

Lulu Lima, aliás, outro cidadão querido e estimado de nossa terra, retratando a figura do cidadão Enéas Alves de Oliveira, em setembro de 1986, no Jornal Folha dos Inhamuns, relata:

“As cidades, como as pessoas, também têm sua personalidade. No caso de Tauá, se fôssemos fazer uma relação dos nomes que por seu temperamento confundem-se com o da própria cidade, sem dúvida nenhuma, depararíamos com Enéas Alves de Oliveira. Para surpresa de muitos ele não nasceu em Tauá. Pois é natural de Assaré, cidade do Cariri. Como todo bom cearense, Enéas não se conteve em sua cidade natal indo para Orós trabalhar na construção do açu-

de. Na data feliz de 25 de novembro de 1924, Ana Maria Elisa Leite torna-se sua esposa. Começava o ano de mil novecentos e vinte e oito, quando chegaram a Tauá; trabalhou na agricultura e no comércio, sobretudo como marchante. Foi músico e também construtor. Quantas atividades a presença constante da sua esposa Dona Elisa foi marcante. Sua figura simples, simpática e pequena de estatura, contrastava com sua determinação em vencer e fazer seus filhos vitoriosos. Além de José, o mais velho, deu a Enéas os filhos Raimundo, Maria José, Leonor, Maria do Socorro. Enéas foi exímio construtor. Ergueu em sua época uma das melhores casas residenciais de Tauá por seu acabamento arquitetura. É marcante o apoio de Joel Marques na radicação de Enéas em Tauá. Como gratidão obteve sua amizade e, também, sua adesão política. Era o ano de 1929, o capitão Benevenuto teve a iniciativa de formar uma banda de música. Dentre seus integrantes, Francisco Pereira, Chico de sacco, maestro responsável pelo baixo e Enéas Alves no pistom. Curioso era o código para reunião dos músicos. Para tanto, se acionava com todo o vigor o bumbo, não só os músicos se reuniam, como também todos já sabiam que em breve Mestre Chico do sacco ensaiaria sua retreta. E no fim dos bailes o sol da Alvorada no Alto Brilhante refletia no clarim de Enéas, que recebia os primeiros bom dia de seus vizinhos. No coração de Tauá batia o ritmo da banda. A banda revelava a emoção de todos. Nas festas, os seus metais eram sorriso franco de tauaense. Nos momentos tristes seu solo confundia-se com o soro comovido. Existe também a filiação de Enéas na União Artística Tauaense. Enéas sempre apoiou os humildes, sempre esteve ao lado dos oprimidos. Praticamente não cobrava aluguel àqueles que estavam impossibilitados de pagar. Facilitou a gente simples de São Gerardo e Alto Brilhante à aquisição de terrenos para construção de suas residências. Devoto fervoroso de São José comemorava todo ano a festa do Padroeiro com novena, leilões, fogos, e alvorada. Seu apego a Tauá foi tamanho, que nem mesmo a transferência dos filhos e esposa para Fortaleza conseguiu retirar as suas raízes dos Inhamuns. Em Tauá ele fez sua trincheira e lá defendia o seu estilo de vida, os seus costumes, sua boa prosa com os amigos e suas conversas na calçada do Machado e seu Beiju, e o café de madrugada na Mola; Tauá para ele foi tudo, e foi difícil aos seus familiares aceitar. Ali moldara a sua personalidade e ali deixara o traço de sua presença. Em Tauá, era Enéas. Em Fortaleza, quem seria? Quando precisava viajar a Fortaleza a demora angustiava. Quisesse ver

seu sorriso, barba e cabelos feitos, era só perguntar quando retornaria a Tauá. Era um homem de gênio flexível, porém muito emotivo. O ano de 1978, o abalou profundamente com o falecimento de sua esposa Elisa. Após um tratamento médico em Fortaleza volta a Tauá. O carro já estava bem próximo na Cruzeta quando ele se sente mal. Melhora um pouco. Os familiares ficam apreensivos e Enéas não aguenta e é vitimado de infarto às 11 horas da noite de sábado gordo. Estranho destino que silenciou o coração do músico quando já se ouvia a música de carnaval de 04 de fevereiro de 1979. Nesse dia, com certeza, para a contrariedade de Enéas não houve baile de Carnaval. No dia seguinte, ao som do dobrado Batista de Melo, os velhos companheiros de banda conclamava o povo de Tauá para a despedida de um de seus mais amados filhos adotivos”.

A tradição da banda de música na nossa cidade remonta ao distante ano de 1941, como é atestado na foto abaixo, retratando os músicos consagrados de então, no caso, Manoel Pereira da Silva, Nonato Fernandes (barbeiro), Abdon Pereira, Joaquim Carlos, José Leite, Enéas Alves, Chico Clarinete, Sebastião do Clarinete, Sebastião do Zé Joaquim, Louzinho e outros. (Foto e informação enviada pelo conterrâneo Hudson Gonçalves)



LXXVII.VI - Escola de Música Professora Leolina Maciel Feitosa e Castro. História - Memorial



Na nossa terra funciona há algum tempo, a Escola de Música Professora Leolina Maciel Feitosa e Castro.

Em Tauá, Leolina firmou-se como professora de música e artes culinárias. Encontrou-se na pintura e retratou belos quadros. Em

cada exposição, a beleza, a energia e a luminosidade de seus quadros encantavam a todos. Era devota fervorosa de Nossa Senhora de Fátima. O seu ateliê foi transformado em Memorial, para que seja lembrada e para o conhecimento da população tauaense e das gerações futuras. No Memorial Leolina Maciel Feitosa e Castro, o visitante viaja no mundo da música, da pintura, do bordado e da gastronomia, além de ver o bom gosto da artista através de peças raras. Tudo é preservado de forma admirável, com cuidado e carinho. Além das artes plásticas, a professora Leolina tinha apurado gosto musical e habilidade para gastronomia. Preparava pratos refinados para a família e amigos. Mulher requintada e de excelentes gostos, era amante da fina gastronomia e da boa música. Destacou-se na pintura e expôs seus trabalhos em exposição individual em Recife, Belém e Fortaleza, além de ter em várias partes da Alemanha quadros que encantaram aquele país.

Suas pinturas estão espalhadas em vários países: Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Espanha. A Escola de Música de Tauá leva seu nome. Outros locais da cidade também relembram a professora, como a Sala de Chá da Academia Tauaense e o refeitório do Lions Clube.

Outro ponto forte da artista era o teclado e o acordeom. Ela passou as técnicas para seu afilhado Pedro Alves Feitosa (Rei da Sanfona dos Inhamuns), que aos 14 anos iniciou o trabalho em ambos os instrumentos. Para o artista, Leolina Feitosa foi acima de tudo, uma mãe e uma grande professora, e tudo o que domina hoje são reflexos de um aprendizado adquirido com ela. Diz o renomado acordeonista que foi morar cedo com a família dela e ali teve a oportunidade de aprender a tocar teclado e acordeom. Pedrinho, atualmente, é professor na escola de música que leva o nome da artista.

A escola de música Leolina Maciel Feitosa e Castro vem atendendo muitos jovens da nossa terra sejam na sede ou em sede distritais.

A escola dedica-se ao ensino teórico e prática musical em doze modalidades. Instrumentos de metal, percussão, sopro e clássico. Fundada em 2007, a Escola de Música é mantida pela Prefeitura Municipal de Tauá e desenvolve vários projetos, incentivando a prática musical e formando novos talentos e grupos na cidade.

A Banda Filarmônica dos Inhamuns e o Coral Vozes dos Inhamuns, que se apresentam em eventos na cidade e já se apresentaram também em ocasiões fora do Município, são frutos da Escola de Música.

O quadro de professores é composto por profissionais da própria cidade, que se desdobram para preparar bons músicos nas aulas semanais. O sucesso nas apresentações e projetos são frutos do esforço dos profissionais e de uma carga horária elevada, segundo Marinete Amorim. A Escola Municipal de Música foi criada de acordo com a Lei Municipal nº 1472/2007 e inaugurada no dia 18 de julho do mesmo ano. Em seu primeiro ano, funcionou com a denominação de Grupo Escola de Música Modelo. A primeira localização da escola se deu em frente à Câmara Municipal de Tauá.

Durante todo o ano, a Escola articula apresentações dos alunos por meio de projetos, como forma de interagir com a população, incentivar a música e divulgar a instituição. Assim, a música sai das salas de aula e ganha a cena pública da cidade.

O projeto Música na Praça e Quarta com Música são exemplos dessas ações da Escola, que buscam premiar a população com apresentações públicas.

No distrito de Santa Tereza, a Escola de Música Maria Salete Bonfim, foi criada a partir da Escola Leolina Feitosa, no mesmo ano. De lá para cá, segundo a coordenadora Maria Leuda Vieira, a Escola vem descobrindo novos talentos nas diversas faixas etárias. Os professores são os mesmos da Escola da sede, e as aulas acontecem, também, duas vezes por semana, no prédio da Associação Comunitária.

A rotina da professora Leolina Maciel Feitosa e Castro sempre foi empenhada em trabalhar partituras, boa música e pintura. Transformava anjos e imagens sagradas, em telas com perfeição em seu ateliê, na sua residência. Uma das maiores artistas plásticas desta região dos Inhamuns, que faleceu em novembro de 2003. Sua memória, porém, continua viva. Não só na lembrança, no amor dos familiares e na admiração dos que conviveram com a artista. Mas, também na memória dos tauaenses e visitantes do Memorial Leolina Maciel Feitosa e Castro, fundado em 2004.

A artista plástica era filha de Raimundo Maciel Pereira, ex-prefeito de Russas, de 1951 a 1955, e de Delmar Xavier Pereira. Recebeu dos pais for-

mação cristã. Terminou os estudos na Escola São Rafael, onde teve os seus primeiros contatos com as telas e os pincéis.

A artista foi casada com Honório Alves Feitosa e Castro. Do matrimônio, nasceram Raimundo e Leandro (médicos) e o estudante Francisco Firmo Maciel Feitosa. O casal viveu uma história de dedicação e amor. O viúvo Honório guarda com esmero as obras e pertences da amada, com o cuidado de manter acesa a lembrança de uma mulher que viveu para a arte e bom gosto. Era natural de Russas e expôs, pela última vez, em sua terra natal, quando das comemorações dos 200 anos de Emancipação Política de Russas, no ano de 2001²⁵⁵.

Na mesma escola funciona a Orquestra de Sanfonas de Tauá, tendo por padrinho o acordeonista Pedrinho Feitosa, projeto musical, cujo objetivo serve a integração das crianças e jovens, além de fortalecer a tradição da cultura nordestina.



Foto retirada da internet

LXXVII.VII - Pedrinho Feitosa

Natural de Cococi, mas tauaense de coração, hoje, aos 33, Pedrinho é professor de acordeon na Escola de Aplicação Yolanda Queiroz, que atende crianças da comunidade próxima e funciona na Universidade de Fortaleza - Unifor. Desde 2014, quando foi lançada a Orquestra Sinfônica da Unifor pelo então chanceler Airton Queiroz, Pedrinho passou a integrar o projeto, percor-



²⁵⁵ CLAUDINO, Silvana. Diário do Nordeste, 17 de abril de 2012.

rendo cerca de 350 km, uma vez por semana, para partilhar o seu saber com as crianças de Fortaleza.

Com base nesta experiência e nas vivências musicais em Tauá, Pedrinho lançou em 2018, a Escola de Música Feitosa, hoje com vários alunos, entre crianças, adolescentes e adultos, incluindo Tauá e região.

LXXVIII - O legado econômico-cultural dos escravos para as tradições e o desenvolvimento de Tauá

O Brasil, segundo constado nos mais diversos estudos existentes a respeito, foi o maior território escravista do hemisfério ocidental, chegando a um número de aproximadamente cinco milhões de negros cativos, ao longo de quase 350 anos de regime escravocrata no país.

E desde o início da colonização do nosso país, a história nos tem revelado sem que se necessite de maior esforço investigativo, de que a força de trabalho utilizada para que se pudessem atravessar os mais diversos e efetivos ciclos econômicos no nosso país, não foi outra, senão os negros escravizados, e, pasmem, de forma intensiva, principalmente, quando da exploração do pau-brasil, da cana-de-açúcar e do café.

Ao lado dessa exploração desmedida, irracional e desproporcional, a raça negra, por sem dúvida, deixou a sua contribuição imensurável na formação da nossa identidade, contributo que reverbera até hoje na nossa sociedade, impactando de forma direta e decisiva na nossa formação cultural, objeto que segundo muitos historiadores têm afirmado, escondido ao longo dos anos, em face de uma inescrupulosa e repugnante atitude, diga-se, discriminatório-social imperante no tempo.

O certo é que a população negra no nosso País, desde a colonização foi, e teve importância fundamental ao nosso desenvolvimento, não se podendo, por qualquer hipótese, desmerecê-los, deixá-los a margem dos tempos, porquanto sua contribuição, seja no lado econômico, seja no lado cultural são efetivamente ricas, substanciosas.

No lado econômico, não se pode desprezar a capacidade de trabalho do homem negro no Brasil, como referido, quando da exploração dos ciclos econômicos, além dos trabalhos braçais, pesados e desagradáveis e, até mesmo humilhantes a que eram sujeitos na relação colonial brasileira.²⁵⁶ Tavares²⁵⁷ afirma o quão foi importante o negro escravo no Brasil na exploração da cana-de-açúcar, a qual foi à base da economia na época colonial. A vasta dimensão de produtos e serviços, portanto, naquela época, utilizava a mão-de-obra escrava, em substituição ao índio antes mesmo deles explorados, conforme afirma SOUSA.²⁵⁸

256 Ibidem.

257 TAVARES, F. A Cidade de Redenção. In: *Africania e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade*. Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011. p. 19-22.

258 Ibidem

Ademais, é perceptível a presença do negro no Brasil, principalmente, no Brasil colonial, no campo do cultivo do couro e seus derivados, e da carne em torno dos charqueados.

No aspecto cultural, mesmo escondida à margem da história, a cultura negra nos deixou vasto e inquestionável legado. Relembro aqui, as festas do bumba-meu-boi, os congos, os fandangos, o samba, a capoeira, cantigas de terreiro (boi-da-cara-preta, bicho papão), etc.

Marques²⁵⁹ aponta, que *"é explícito no texto, que as festas populares negras foram aos poucos desaparecendo por conta de uma elite que queria ter certo controle sobre as festas e para invisibilizar o negro. (...) essas festas não desapareceram. Ao que parece foram resignificadas. (...), as festas tradicionais ou festas de negros, como optei por denominá-las, certamente, foram práticas importantes na vida social dos municípios da capital do Ceará e algumas também se constituíram em importantes instrumentos para os negros se afirmarem como sujeitos de história"*.

Por outro lado, a religiosidade apresentada na forma de sincretismo, originárias da África e das neoreligiões afro criadas no Brasil, conjugados aos diversos movimentos negros de libertação então ocorridos; a exploração cênica do corpo, a cultura oral e a musicalidade como espaço de resistência (criação de uma identidade própria), se constituíram ao meu vislumbre como herança a todos nós. São as expressões vertidas na prática do samba, da capoeira, no maracatu e dos cultos afro-brasileiros.

Aliás, no aspecto religioso, os africanos buscaram sempre manter suas tradições de acordo com os locais de onde haviam saído do continente africano. Entretanto, a necessidade de aderirem ao catolicismo levou diversos grupos de africanos a misturarem as religiões do continente africano com o cristianismo europeu, processo conhecido como sincretismo religioso. São exemplos de participação religiosa africana o candomblé, a umbanda, a quimbanda e o catimbó.

Algumas divindades religiosas africanas ligadas às forças da natureza ou a fatos do dia a dia foram aproximadas a personagens do catolicismo. Por exemplo, Iemanjá, que para alguns grupos étnicos africanos é a deusa das águas, no Brasil foi representada por Nossa Senhora. Xangô, o senhor dos raios e tempestades, foi representado por São Jerônimo.

De outro lado, o fato eloquentemente narrado por nossos historiadores, voltados às escravas africanas no que toca a suas responsabilidades pela cozinha dos engenhos, fazendas e casas-grandes, facultou e permitiu a difusão africana na nossa alimentação, tal como no vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu, além de temperos por eles trazidos da África, como pimentas, o leite de coco e o azeite de dendê.

259 MARQUES, Janete Pires. A invisibilidade do negro na história do ceará e os desafios da lei 10.639/2003. Poiesis, Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Universidade Sul de Santa Catarina, v. 7, n. 12, p. 347-366, Jun./Dez. 2013. p. 12. Disponível em: www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/download/1830/1313

Instrumentos musicais nos foram legados como: o tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta, marimba e o berimbau.

Historiadores como João José Reis chegam a afirmar que essa cultura da diáspora negra, essa cultura dos africanos saídos do continente, caracterizada pelo otimismo, pela coragem, musicalidade e ousadia estética e política, foi incomparável no contexto da chamada, Civilização Ocidental. Como não foi fácil a vida em terras americanas, precisando lutar para sobreviver, a criação cultural "com a expressão de liberdade que a cultura negra possui" foi "um lutar dobrado" para imprimir na cultura brasileira sua influência.²⁶⁰

Enfim, pela participação indissociável do negro na nossa colonização, no nosso desenvolvimento, não restam dúvidas de que o seu legado no âmbito educacional, também se apresenta como irreprochável, eis que, contribuíram genuinamente para a formatação da sociedade brasileira, cearense e tauaense.

LXXIX – A comunidade quilombola “Consciência Negra” certificada em 13/12/2006 pela Fundação Cultural Palmares

Os grupos étnicos conhecidos como "comunidades remanescentes de quilombos", "quilombolas" ou "comunidades negras rurais", são constituídos pelos descendentes dos escravos negros que, no processo de resistência à escravidão, originaram grupos sociais que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.²⁶¹

Na nossa cidade existe reconhecida pela Fundação Cultural Palmares – FCP, a comunidade Quilombola Consciência Negra, a qual fica localizada no bairro Nova Aldeota, reconhecida através da Portaria de nº 29, de 13 de dezembro de 2006, publicado no Diário Oficial da União, em 13 de dezembro de 2006.

A comunidade é a única da Bacia do Alto Jaguaribe que fica localizada na zona urbana de um município, no caso Tauá.

Segundo consta no site acima referido, a comunidade é formada por cerca de 20 famílias, as quais são reconhecidas como remanescentes de Quilombos.

Nas proximidades da comunidade encontram-se instaladas, escolas, quadra esportiva, uma Unidade de Pronto Atendimento - UPA, igreja e comércio.

Segundo se tem conhecimento, as famílias integrantes da comunidade migraram para a zona urbana de Tauá, após serem expulsas por duas vezes das terras onde residiam, na década de 1970. Na vez primeira foram obrigados a saírem das margens do açude federal Várzea do Boi, em face da construção do perímetro irrigado²⁶² respectivo, naquele espaço instalado. Saindo

²⁶⁰ REIS, João José. Resistência Escrava na Bahia. "Poderemos brincar, folgar e cantar...": o protesto escravo na América. Revista Afro-Ásia, nº 14, p. 107-108, 1983.

²⁶¹ Disponível em: <http://www.csbhaj.com.br/relatorios/identificacao-das-comunidades-quilombolas-na-sub-bacia-hidrografica-do-alto-jaguaribe/>.

²⁶² O Perímetro Irrigado Várzea do Boi (PIVB), criado nas terras do entorno do açude de igual nome, o mais antigo do Ceará, foi implantado em 1970, e é

para outra localidade onde se instalaram em momento segundo, tiveram novamente de desocupar a nova área ocupada, em virtude da construção da BR - 020. Narra-se que naquele tempo, foram acolhidos em um terreno, distante do centro da cidade de Tauá, onde fincaram moradia, e, consequentemente, os seus mais recentes vínculos.

Exerce a presidência da Associação Comunitária da Comunidade Quilombola Consciência Negra em nossa Tauá, a senhora Ana Cássia Ferreira Firmo, por sinal, sua presidente tem afirmado de forma absolutamente correta, o reconhecimento dos descendentes daquela comunidade como, efetivamente, Quilombolas.

LXXX - O legado dos Índios para a cultura dos Inhamuns e de Tauá

Do ano de 1500, momento da chegada dos europeus, até os dias atuais, a população indígena, tem-se configurado nas estatísticas brasileiras, diminuição drástica. De três a cinco milhões de índios então existentes, segundo a Fundação Nacional do Índio - Funai, atualmente, 358 mil índios resistem ao tempo.

Verifica-se que, mesmo depois de os povos indígenas terem passado pelo processo de conquista e extermínio, eles nos deixaram diversas práticas culturais indelévels ao nosso desenvolvimento.

Segundo o folclore brasileiro, existia a lenda do curupira (ser habitante das florestas brasileiras), cuja principal atribuição seria proteger animais e plantas. Sempre recorrente nas lendas, o curupira tinha os pés com calcanhares para frente para confundir os caçadores. Conforme o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o curupira não existiu, mas os indígenas tinham o hábito de andar para trás, para confundir os europeus e bandeirantes.

Andar descalço foi outro hábito herdado dos indígenas.

O costume de descansar em redes é outra herança dos povos indígenas. Quase sempre, os índios dormem em redes de palha que se encontram dentro de suas ocas (suas habitações nas aldeias).

A culinária brasileira herdou vários hábitos e costumes da cultura indígena, como a utilização da mandioca e seus derivados (farinha de mandioca, beiju, polvilho, tapioca), o costume de se alimentar com peixes, carne socada no pilão de madeira (conhecida como paçoca) e pratos derivados da caça, pirão de peixe, além do costume de comer frutas as mais diversas possíveis.

Além da influência indígena na culinária brasileira, herdamos também a crença nas práticas populares de cura derivadas das plantas. Daí, o uso

administrado pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas - DNOCS. Infelizmente, o projeto que visa grande alcance social no seio da nossa população, mais precisamente junto ao pequeno e médio agricultor, graça a política equivocada em à qual foi concebido, não obteve os resultados esperados. O que vislumbra, atualmente, no decadente projeto, para tristeza de todos, é parte das terras alocadas a beneficiários de então, sendo transferidas para outrens a servirem, por vezes de local de lazer, em detrimento da sua concepção. De outro lado, o Projeto Sertanejo (Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Região Semiárida do Nordeste), criado através do decreto nº 78.229, de 23.08.1976, e que teve destacado núcleo de serviços e de assistência técnica em Tauá, lançado em novembro de 1977, com atuação nos municípios de Arneiroz, Parambu e Aiuaba, tinha por objetivo fortalecer a economia das unidades de produção agropecuária, sobretudo pequenas e médias, tornando-as mais resistentes aos efeitos da seca. No núcleo de Tauá, além do meu cunhado Antônio Rivaldo Navarro da Rocha, com formação em Administração, ali labutou por vários anos na qualidade de Coordenador Administrativo Financeiro. Também, ali labutaram à época, o economista José Barbosa Mota, os engenheiros agrônomos Geraldo Magela e Lúcio Flávio Leitão, o veterinário Antônio Cordeiro e o engenheiro civil José Diógenes Marque Ribeiro.

do pó de guaraná, do boldo, do óleo de copaíba, a catuaba, a semente de sucupira, entre outros. Ademais, deixaram sua marca na música, nas festas populares, e no artesanato.

A cultura do índio nos influenciou tocantemente na língua. São várias as palavras de origem indígena que se encontra em nosso vocabulário cotidiano, como palavras ligadas à flora e à fauna, tais como: abacaxi, caju, mandioca, tatu, além de palavras que são utilizadas como nomes próprios, tais como: "ibira" quer dizer árvore e "puera" que tem o sentido de algo que já foi.

Os povos indígenas deixaram para nossa sociedade uma diversidade cultural que tem servido muito fortemente a nossa formação.

Hábeis artesãos, os índios produziam diversos tipos de artefatos, os quais serviam ao atendimento de suas necessidades cotidianas e rituais, os quais pela percepção moderna de utilidade assumem hoje, o importante papel de gerador de recursos financeiros e de complemento à renda de Comunidades.

Assim, pela prática absolutamente doméstica, surgiram e restaram na nossa cultura, fantásticos trançados que tomam a forma de cestos, bolsas e esteiras, cerâmica que dá origem a panelas e esculturas, entalhes na madeira de onde nascem armas, instrumentos musicais, máscaras e esculturas, além das plumárias e adornos surgidos de materiais diversos como: cocos, sementes, unhas, ossos, conchas que, com habilidade e tecnologia, são transformados em verdadeiras obras de arte.

A produção de variados objetos surgidos da cultura indígena, tem de certa forma, na atualidade, servido ao sustento de muitas comunidades.

Os índios pintam seu corpo, sua cerâmica e seus tecidos, com um estilo que podemos chamar "abstratos". Observam a natureza, mas não a desenhavam, mas ao contrário do que se pensa, não devemos chamá-la de primitiva. Partem do elemento natural para torná-lo geométrico.

Usam diversos tipos de cocares, braceletes, cintos, brincos. Geralmente, não matam as aves para comer, usam apenas suas penas coloridas, que guardam enroladas em esteiras para conservar melhor, ou em caixas bem fechadas com cera e algodão.

A Arte Plumária é exuberante e, praticamente, restrita aos homens. Nas tribos, onde as mulheres usam penas, são discretas, colocadas nos tornozelos e pulsos, geralmente, em cerimônias especiais.

As vestimentas usadas pelos índios estão relacionadas às necessidades climáticas, à observação da natureza e aos seus ritos e festas. Esta é a razão de usarem quase nada para se cobrirem, uma vez que vivemos em país tropical.

O indígena usava o leito dos rios ou o mar para transportar com rapidez, navegando em canoas ou em jangadas. Eram e são amantes da música que praticam em festas de plantação e de colheita, nos ritos da puberdade e nas cerimônias de guerra e religiosas. Os instrumentos musicais são: toró (flauta de taquara), boré (flauta de osso), o mimbi (buzina) e o uai (tambor

de pele e de madeira), muitos desses instrumentos foram por nós herdados e mantidos na prática musical hodierna.

Muitas dessas práticas, muito embora resumidas, restaram patente e inquestionável na nossa cultura.

LXXXI - A tradição da reza na cultura dos Inhamuns e de Tauá como fenômeno da cura

A religião, compreendida como componente indissociável da cultura, falam os estudiosos da matéria, elemento inerente e espiritual da manifestação do indivíduo, perpetua-se no tempo. A religiosidade, por outro lado, como elemento norteador da vida, transmitida que é de geração a geração, ainda que os significados, funções e finalidades possam variar entre as mais diversas culturas, tem alicerçado o conceito, falo aqui da "reza" como instrumento de cura, e que perdura na crença do povo ao longo dos tempos, e da nossa Tauá.

As rezadeiras, assim são consideradas guardiãs de sabedorias adquiridas pela experiência vivenciada, experimentada e provinda dos ensinamentos dos mais velhos.

Os saberes das rezadeiras, aliás, pelo que se sabe, são experimentados na vivência comum social, principalmente, naquelas comunidades de difícil acesso carentes de atendimentos médicos.

Essa prática de característica milenar, trazida a nós outros pelos nossos irmãos africanos, tem sido aplicada imensamente sem qualquer roupante discriminatório no nosso meio.

As rezadeiras populares, pois, são representantes desse patrimônio afro ancestral, por estarem presentes na vida, aqui digo dos brasileiros como um todo e, mais particularmente dos tauaenses. As rezas apresentam-se como de grande utilidade na comunidade, pois por meio delas muitos problemas são efetivamente solucionados.

Nas rezadeiras o sertanejo encontra pela sua crença absoluta, a resposta para o mal olhado, a espinhela caída, a dor de cabeça, o cobreiro, o vermelhão na pele, o engasgamento, para apagar fogo, e até contra algumas enfermidades nos animais, enfim, uma prática religiosa emergencial, capaz de atender as necessidades de um povo.

As práticas culturais relatadas pelas rezadeiras estão diretamente relacionadas às ações vivenciadas pelas pessoas da comunidade, ou seja, se aprende determinada ação porque há no grupo pessoas que já fazem, ou que se preocupam em repassar algum tipo de ensinamento. Nesse caso, há uma relação de pertencimento e identificação com determinada prática. Na cultura popular, o pertencimento revela a identidade do indivíduo e do grupo. No caso das rezadeiras e das pessoas que a procuram, estas sempre buscam as rezas, pois participam de um contexto em que há necessidade de

recorrer ao sagrado, para resolver algum tipo de problema físico ou espiritual. Assim, a rezadeira se coloca como parte da comunidade e da história do lugar onde vive, através do seu conhecimento adquirido na própria comunidade. Esse é efetivamente a conclusão que se extrai de tal prática.

Aliás, a influência africana está fortemente percebida no ofício das senhoras da reza e nos quilombos cearenses.

Deve-se ressaltar que, além de dominarem grande número de rezas, as rezadeiras, também abraçam outras práticas orais, tais como cantos religiosos: os benditos, canções presentes em várias formas de expressão, etc., causos populares, danças como pastoril/lapinha, etc.

Neste contexto, são muitas as rezadeiras e rezadores de Tauá que sobreviveram ao tempo, a destinar as suas rezas curadoras a tantos quanto pela fé, pela tradição acreditam no alento do divino e que leva à cura.

Na nossa Tauá se notabilizaram como rezadoras e rezadores, o Sr. Capuchu (falecido), Ana Pelônia (falecida), Francisca Aurora do Espírito Santo (falecida), Dona Luzia, Dona Chica Bela, Dona Antônia, Senhor Filizardo, Antônio Ari, Senhor Aquelau, Dona Santana, Maristé, Senhor Patrocínio, Senhor Moraes, Sinhá Luzia, Puludorio e Senhora Tonha Joana, dentre outros.

LXXXII - A tradição do parto realizado por parteiras – as parteiras de Tauá

Para Carvalho²⁶³, até o início do século XX, as parteiras tradicionais eram muitas as existentes por todo o Brasil, sempre valorizadas e respeitadas. A qualidade de vida era melhor, afirma. As pessoas nasciam num ambiente prazeroso, às mulheres tinham saúde, as crianças bem amamentadas. Pouco a pouco, essas mulheres foram tiradas do cenário moderno, e com elas grande parte do saber popular.

As parteiras tradicionais são sujeitos históricos, diz a experiência comum, situados nas camadas periféricas e rurais, principalmente, nas pequenas cidades brasileiras, onde o baixo poder aquisitivo impera e a medicina tradicional ali, por vez não chega.

O saber da parteira tradicional, interiorana que é e sempre foi, produziu uma medicina sem custo e de fácil acesso, constituída, essencialmente, como alternativa de assistência as parturientes, principalmente, não falo dos ricos do passado quando a medicina, ainda, patinava e eram elas chamadas, mas e, principalmente, hoje, pelas mulheres menos privilegiadas compostas das camadas menos favorecidas da sociedade.

O conhecimento sobre as ervas e plantas medicinais e mesmo a reza, pelas parteiras alçados ao longo dos anos e de experiência vivenciada, utilizados na prática do parto, ao que se sabe são heranças dos antepassados. Um ritual misturando fé, crença e sabedoria são, em verdade, os instrumentos por elas utilizados. Essa herança cultural de remédios caseiros colocado

²⁶³ CARVALHO, Suely. As parteiras existem porque resistem In enfoque feminista. São Paulo (6):32, ano II, agosto/1994, pág. 32..

em uso por essas experientes mulheres, alcançaram credibilidade inimaginável.

As parteiras, surgidas na experiência comum vivenciada, repito, estiveram e permanece no cenário do interior seco do Ceará, dos Inhamuns e de Tauá, como alternativa a medicina tradicional. A prática mesmo relegada a plano secundário, dado o advento da medicina cientificamente comprovada, esplanada por todos os cantos se mantém, todavia, como coadjuvante do médico, do parteiro oficial.

No nosso município, tem-se reconhecido como parteira experimentada, prática que resiste ao tempo, as senhoras: Dona Maria Marciano, Dona Antônia Pinicapau, Dona Filó, Dona Ana Gonçalves de Oliveira (Mãe Donona), Dona Geralda Laurentino Oliveira, Dona Maria José da Conceição e Dona Ana Alves Furtado, esta última, parteira do Poço da Onça, distrito de Carrapateiras, Dona Ermina e Mãe Qué. Várias dessas senhoras falecidas e tantas outras ainda em evidência.

LXXXIII - A tradição dos remédios caseiros

Das minhas memórias remanescentes ao tempo de criança, adolescência e mesmo atuais, extraio lições e importantes lições por mim vivenciadas e mesmo experimentadas, tocantemente a utilização de produtos naturais retirados da natureza bruta a servir a causa daqueles desvalidos, ou não, no que diz respeito à saúde.

Algumas vezes, nos meus próprios filhos os utilizei quando acometidos por algumas afecções de natureza leve.

A experiência comum, tradições que serviram e continuam a servir ao nosso povo, não de forma mística, aliás, um pouco mística, mas acima de tudo a servi-los pela experiência vivida, no que diz respeito à saúde tem permanecido no nosso meio. – Falo aqui da tradição milenar dos remédios caseiros, dos experimentos dos (negros) escravos e dos índios, em substituição ao medicamento industrializado.

Neste espaço, lembrei-me de muitas e muitas práticas utilizadas, as quais vêm servindo a mais não ver, ao nosso cotidiano. Falo aqui e cito, por importantes às cidadinas tradições, as práticas da utilização das ervas e outros produtos naturais na produção de lambedores, infusões, cataplasmas, inalações, garrafadas, pastas, molhos diversos, chás, etc., que bem servem e vêm servindo ao tratamento das mais diversas doenças, as quais ao longo dos tempos têm acercado o homem, tradições que permanecem e permeiam, ainda, no sertão seco do Ceará e da nossa Tauá, desafiando, por vezes a própria medicina tradicional. E são muitas essas iguarias, vejamos algumas delas e a sua utilidade na narrativa de espertos:²⁶⁴

²⁶⁴ PLANTAS MEDICINAIS DE USO COMUM NO NORDESTE DO BRASIL. 2ª edição revisada. Organizadores: José Geraldo Vasconcelos Baracuchy, Demerval Roberto Magna Francisco, José Luciano Santos de Lima e Jógerson Pinto Gomes Pereira. EDUFCEG. Campina Grande-PB. 2016.

Abóbora, indicada como vermífugo, estomáquica, inflamações dos rins, fígado e baço, contra queimaduras e erisipela. **Alecrim**, utilizado como cicatrizante antimicrobiano e estimulante do couro cabeludo. Diurético, aumenta o volume da secreção biliar e estimula a eliminação de gases do aparelho digestivo, aliviando a sensação de empachamento. **Alho**, indicado como fungicida, antibacteriano, e antiviral. Protege contra a trombose, reduz o nível de colesterol e arteriosclerose e triglicérides. **Aroeira** atua como adstringente, antialérgico, anti-inflamatório, cicatrizante. Pode atenuar a gastrite, úlceras estomacais e duodenais. Utilizado na cura de ferimentos infecciosos, pele e mucosa. Na gengivite, na faringite e amigdalites, infecções do aparelho genital feminino, na cervicite (ferida no colo do útero) e de hemorroidas inflamadas. **Arruda**, indicada para problemas menstruais, doenças do fígado, dor no ouvido, verminose, inflamações, febre e câimbra. **Açafrão**, contém diversos minerais e vitaminas, com destaque para o potássio, que ajuda a controlar a pressão arterial e previne derrames. Também é fonte de vitamina C, aliada da imunidade, e vitamina B6, que é benéfica para o cérebro. **Babosa**, utilizada como cicatrizante e antimicrobiana sobre bactérias e fungos. Ideal para ferimentos de queimaduras da pele e da mucosa, como as cérvico-vaginites, úlceras gástricas e hemorroidas. Diz ter propriedades laxantes. **Cajueiro**, indicado para temação anti-inflamatória, adstringente, antidiarreico, antiasmático, depurativo etônico e contra a diabetes. **Capim-Santo** age como sedativo e espasmo lítico, alívio das cólicas uterinas e intestinais e no tratamento do nervosismo. **Catingueira** utilizada no tratamento de infecções catarrais e disenterias **Chapéu-de-couro**, indicado como diurético, depurativo, no combate a afecções da garganta, rins, bexiga, cálculos renais, hérnias, sífilis, reumatismo, doenças do fígado, próstata e da pele. **Cidreira-de-arbusto** tem ação calmante, espasmolítica, analgésica, sedativa, ansiolítica, expectorante emucolítica, cólicas uterinas e intestinais. **Colônia** é aplicada no tratamento da hipertensão arterial e dos estados de ansiedade, febre, gripe, dor de cabeça e congestão nasal, ale de possuir propriedades calmantes e diuréticas. **Embaúba** age como diurético anti-hipertensivo e anti-inflamatório, nos casos de artrite, tendinite e bursite. **Erva-doce** atua como calmante, digestivo, cólicas, antiespasmódico e estimula a lactação. **Espinheira-santa** tem ação terapêutica em casos de gastrite crônica e úlcera gástrica, duodenal e câncer de pele. **Eucalipto**, indicado como anticético, anticatarral, antiasmático, digestivo, hemostático e febrífugo. **Favela**, indicada para inflamações ovarianas e em geral, além de cicatrizante. O látex seco é utilizado em dermatoses e para remover rugas. **Gengibre**, usado no caso de asma, bronquite, rouquidão e menorragia. Tem ação antimicrobiana, é estimulante, digestiva, carminativas, antiemética, anti-inflamatória, antirreumática, antiviral, antissugígena, antialérgica, cardiotônica, trombose e inflamações da garganta. **Goiabeira** age como antidiarreica e inflamações da boca e garganta. **Hortelã-miúda** é antiparasitária, utilizada contra diarreias, ameba ou giárdia e corrimento vaginal. **Juazeiro**, indicado para limpeza do couro cabeludo e dos fios capi-

lares. Para higiene bucal, prevenção de cárie. **Jurema-preta**, utilizada como anti-inflamatório e cicatrização de ferimentos. **Jurubeba**, utilizada para anemias, distúrbios hepáticos, vesícula e problemas digestivos. **Macela**, indicada como antidispéptico, antidiarreico, perturbação gástrica alimentar, azia e enxaqueca. **Malvariço** tem propriedade antisséptica bucal, demulcente e bálsamo. Age contra a tosse, rouquidão, inflamação da boca e garganta. É antimicrobiano, além de combater problemas ovarianos, uterinos, cervicite. **Malva-rosa** utilizada contra problemas intestinais, cansaço, alívio de cólicas e como lambedor para banho de cheiro. **Mastruz** possui ação vermífuga e antimicrobiana. **Melão de São Caetano**, utilizado contra doenças da mucosa, pele e eliminação de piolhos, sarna ou rabugem. **Mil-folhas** tem propriedades diarreicas, anti-inflamatórias, antiespasmódicas e cicatrizantes. É utilizada contra cólicas menstruais, nas infecções respiratórias e de cálculo renal. Contra a indisposição, astenia, flatulência, dispepsia, diarreias, febre e gota, hemorroidas, contusões, feridas e dores musculares. **Mororó**, utilizado para redução do açúcar no sangue e colesterol, doenças pulmonares e como adstringentes. **Mulungu** possui ação sudorífera, calmante, vermífuga, anti-hemorroidal, emoliente e doenças pulmonares. **Pau-d'arco-roxo** é anti-inflamatório, antialérgico, antibacteriano, antitumoral, cicatrizante, gastrite, úlcera de estômago, tendinite, bursite, inflamação da próstata e alguns cânceres, infecções de pele, mucosas das gengivas, garganta, vagina, colo d duodeno e ânus. **Quebra-pedras**, atua como antiespasmódico, relaxante muscular, analgésico, diurético, antiviral e para afecções no sistema renal, principalmente na eliminação de cálculos e sangue na urina. Utilizada contra a gota e hepatite B. **Romã**, a casca do caule ou raiz é empregada nos casos de tênia do ser humano e animais. Esquistossomoses nos reservatórios de água contaminadas. A casca do fruto de função adstringente, antimicrobiana e herpes genital. Dores de garganta, rouquidão, inflamação da boca e herpes. **Sabugueiro** é antidiarreico, anti-inflamatório, antipirético, anticéptico, cicatrizante, reumatismo, pneumonia nos animais. **Sete-dores**, indicada para os males do fígado, digestivos, gastrites, dispepsias e azia. **Vassourinha** é utilizada em aves contra a bouba. No homem, é utilizada nas afecções respiratórias, tosses, gripes mal curadas, catarro. É antiácida, anti-inflamatória contra herpes labiais. É expectorante.

E quem não se recorda da utilização da banha de Tiú (Tejo), utilizado para dor na garganta. Nos meus filhos foi utilizado e com resposta satisfatória. E o sebo do carneiro capado utilizado nas afecções dos ossos (para amolecer tendões e vervaturas rígidas). Eu próprio fiz uso deste produto animal (natural), e, de forma plena, acredito no seu potencial.

Por outro lado, para o uso animal, no trato dos parasitas, bactérias, diarreias em bezerros, piolhos, sarnas, carrapatos, bernes e moscas dos chifres, se têm utilizado de forma tradicional e sistemática, examinando-se cada caso, a abóbora, o alho, a arnica, o barbatião, a catíngueira, o eucalipto,

a jurema preta, o mastruz, o melão de São Caetano, o nim, o sabugueiro, o saião e a vassourinha.

LXXXIV - Brincadeiras de criança - tradição que resiste ao tempo

No sertão seco da nossa Tauá, muito embora nos tempos atuais, tenha prevalecido no seio da criançada, brincadeiras voltadas ao mundo da informática, dada a generalidade das informações que se nos chegam a todo o tempo e modo pela imediatidade da globalização, pelo poder da instantaneidade da informação alcançada e chegada a nossas casas em tempo efetivamente real, a tradição das brincadeiras antigas tem resistido e se perpetuam, graças a Deus, até mesmo como forma de quebrar o gelo, a frieza, o automatismo que as novas práticas tem contemplado e a todos nós escravizado.

LXXXIV.I - Amarelinha



Na verdade, brinquedos, jogos e brincadeiras tradicionais entre as crianças do Brasil e de Tauá, têm origens, pasmem, surpreendentes. Originam-se, pois, dos tempos da nossa civilização trazidos do Oriente e tiveram o índio, o branco, e o negro como seus precursores. Como disse, apesar de termos um mundo cada vez mais urbanizado, industrializado e informatizado, a tradição

destas brincadeiras não perderam espaço. Jogos e brinquedos como a peteca, a amarelinha, a ciranda, a pipa e a cama de gato têm valor cultural inestimável, e o lugar dessas brincadeiras no folclore restam garantidos no nosso meio. A peteca, por exemplo, já era praticada pelos índios ao tempo da civilização²⁶⁵.

LXXXIV.II - Queimadas



Essa brincadeira tão tradicional entre as crianças brasileiras, também é chamada de maré, sapata, avião, academia, macaca, etc. A amarelinha tradicional é desenhada no chão com giz e tem o formato de uma cruz, com um semicírculo em uma das pontas, onde está a palavra céu, lua ou cabeça. Depois, vem à casa do inferno (ou

265 Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/jogos-e-brincadeiras-origens-das-diversoes-das-criancas-brasileiras.htm?cmid=copiaeola>.

pescoço) e a área de descanso, chamada de braços (ou asas), onde é permitido equilibrar-se sobre os dois pés. Por último, a área do corpo (ou quadrado). A cama-de-gato é uma brincadeira com barbante. Consiste em trançar um cordão entre os dedos das duas mãos e ir alterando as figuras formadas. Provavelmente, de origem asiática.²⁶⁶

- As crianças podem brincar de queimada num quintal grande, numa quadra de esportes, dentro do condomínio e, até mesmo na praia. O ideal é no mínimo 8 crianças, a partir dos seis anos de idade. A queimada estimula a agilidade, velocidade, mira, atenção e cooperação²⁶⁷

LXXXIV.III – Cabo de guerra



As brincadeiras da nossa infância estimulam o ritmo, o trabalho em equipe e outros benefícios. O cabo de guerra estimula à agilidade, o condicionamento físico, a força, a resistência, cooperação, resistência e melhora a socialização entre as crianças²⁶⁸.

LXXXIV.IV – Esconde-esconde

Brincar de esconde-esconde envolve diversas crianças, sendo que uma delas, sorteada ou indicada, irá procurar as demais após contar até 20 ou 30. O bom é que se pode brincar em casa em dia de chuva, na escola ou em outros lugares.²⁶⁹



- Qual é a brincadeira retratada nessa obra de Ivan Cruz?
- Quem está brincando?
- Onde?
- Você sabe como é essa brincadeira?
- Vamos ler um texto que explica como se brinca de pique-esconde.

Foto retirada da internet

²⁶⁶ Ibidem.

²⁶⁷ Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogosbrincadeiras-mais-populares-no-brasil-para-as-criancas/>.

²⁶⁸ Ibidem.

²⁶⁹ Ibidem

LXXXIV.V – Cabra-cega

A brincadeira de cabra-cega é indicada para crianças a partir dos seis anos de idade. Para brincar, é necessário um lenço ou uma venda para tapar os olhos, e quanto mais crianças participarem, melhor. É muito divertido ver as crianças gritando e interagindo entre si²⁷⁰.



LXXXIV.VI – Passa anel

Passa anel. Cada vez mais é comum ver crianças brincando com tabletes e smartphones. Cabe aos pais e educadores incentivarem as crianças a brincarem em grupo, para promover a socialização das crianças. Uma dessas brincadeiras é o passa anel²⁷¹.



LXXXIV.VII – Batata quente

Brincar de batata quente é muito divertido e, além de barato, crianças a partir dos quatro anos já podem brincar²⁷². Os jogadores formam um círculo, com um deles sentado ao centro da roda com os olhos vendados. No círculo, cada jogador deve passar a bola – ou a batata – para o que está a sua direita. Enquanto o objeto circula, todos cantam: 'Batata quente, quente, quente, quente...'. A qualquer momento o jogador que está vendado pode gritar: 'Queimou!' Quem estiver com a bola nas mãos nesse instante será o próximo a ir para o centro da roda

LXXXIV.VIII – Pula-sela

Uma das brincadeiras mais tradicionais é a pula-sela.

Os participantes saltam uns sobre os outros apoiando as mãos nas costas das crianças que estão agachadas. É formada uma fila com as crianças numa distância de dois metros entre uma e outra. Somente uma criança fica de fora, que é a que vai começar a pular.



270 Ibidem

271 Ibidem

272 Ibidem

Ademais, do site coladaweb.com, extraímos as brincadeiras abaixo.

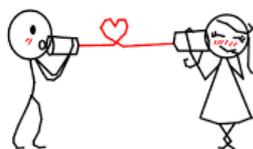
LXXXIV.IX – Pião



O brinquedo tem forma de pera, com uma fieira (linha) enrolada na parte arredondada de cima, com a qual se faz girar o pião, e com uma ponta de ferro na parte afilada de baixo. A garotada, geralmente, os meninos, brincam apostando quem puxa o pião mais rápido e o mantém girando por mais tempo. Às vezes, o mais hábil procura acertar o pião contrário, destacando-se aí, como vencedor.

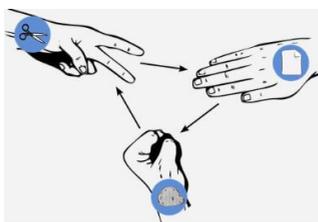
LXXXIV.X - Telefone sem fio

Das mais tradicionais brincadeiras de criança, quem, aliás, não as praticou? As crianças ficam em roda e sentadas, ou até mesmo, distante uns dos outros. Um participante inicia a brincadeira ao falar uma palavra secreta no ouvido de quem está ao lado. Esta pessoa deve passar o segredo para a seguinte e, assim por diante. A última criança da roda deverá dizer alto a palavra, da forma como chegou para ela.



2

LXXXIV.XI - Pedra, papel e tesoura



É um jogo de sorte ou azar. Os jogadores devem ficar com as mãos escondidas para trás. Todos deverão falar "pedra, papel ou tesoura" e posicionar as mãos na opção escolhida. A mão fechada significa a pedra, mão aberta significa papel, dois dedos (o indicador e médio) significam a tesoura.

A tesoura ganha do papel e perde da pedra; o papel ganha da pedra e perde da tesoura; a pedra ganha da tesoura e perde do papel.

LXXXIV.XII - Pipas de papel (papagaio)



O brinquedo consiste na armação de varetas que é mantido no ar por meio de uma linha. Normalmente, é feita com varetas de bambu ou outra madeira do tipo, linha, folhas de papel de seda e cola. A montagem da pipa fica a critério da criatividade, mas não se pode esquecer de que

a rabiola tem papel fundamental para que ela possa voar. Existem até campeonatos de pipas; neles, são avaliadas as características desse brinquedo, como beleza, criatividade, tamanho, entre outros itens.

LXXXIV.XIII - Pega-pegas

O pega-pega é uma brincadeira muito comum em todo o país, principalmente, nos sertões pobres do nordeste. Consiste, basicamente, em uma pessoa (o pegador da brincadeira) correndo atrás de alguém ou de um grupo de pessoas. Quando ele consegue encostar-se a alguém, essa pessoa se torna o pegador e, assim, a atividade prossegue sucessivamente. Também, existem muitas variações da brincadeira, veja algumas:



LXXXIV.XIV – A brincadeira do gato e do rato



O gato e o rato: os jogadores devem decidir quem será o rato e quem será o gato. O gato corre atrás do rato até conseguir pegá-lo.

LXXXIV.XV – A brincadeira do Pique das Cores

Pique das cores: o jogador inicia o jogo quando fala uma cor – por exemplo, verde. Todos correm para tocar algum objeto da cor que foi solicitada (nesse caso, a cor verde). Quando o jogador pegar uma criança ela deverá ser o próximo pegador e continuar a brincadeira.

LXXXIV.XVI – A Brincadeira do Polícia e Ladrão



Polícia e ladrão: os jogadores se dividem em grupos. Um deles será a polícia e o outro o ladrão. O grupo que for o ladrão deve correr do grupo da polícia.

LXXXIV.XVII – A brincadeira da Dança das cadeiras

Os participantes ficam dançando em volta de várias cadeiras durante uma música. Ao parar a música, todos devem se sentar nas cadeiras. Quem não conseguir sentar sai do jogo. Uma cadeira tem que ser retirada sempre que alguém sair do jogo.



LXXXIV.XVIII - Bola de gude



É uma das mais tradicionais brincadeiras de criança, principalmente, entre os meninos. Consiste numa pequena bola de vidro maciço, pedra ou metal, de diferentes cores, muito usada em jogos e brincadeiras populares. É também conhecida por outros nomes, como biroca, birosca, burquinha, entre outros.

Existem diversas formas de jogar bola de gude, uma delas consiste em fazer alguns buracos na terra. Ganha quem acertar mais bolinhas nos buracos. É uma brincadeira muito divertida e de fácil realização.

LXXXIV.XIX Carrinho de rolimã

Pequeno carro de madeira, construído em uma tábua ou caixote sobre quatro rolimãs. A criança brinca equilibrando-se em cima do carrinho em movimento.



LXXXIV.XX - Gato Mia

Todos devem fazer uma roda, sentados no chão e com os olhos tampados. Deve ser escolhido quem vai 'miar', depois quem vai adivinhar quem miou.



LXXXIV.XXI - A corrida de saco

Uma brincadeira também conhecida por corrida nos sacos ou corrida do saco, é um dos jogos mais populares entre as crianças. Se trata de atividade simples, mas que requer muita habilidade e equilíbrio das crianças. Se trata de um jogo tradicional que é perfeito para as festas de aniversário ou para qualquer outra atividade como piqueniques e churrascos em família, desenvolvidas ao ar livre. Para brincar de corrida de sacos, quanto mais crianças, melhor. Ao brincar com este jogo, as crianças exercitarão a sua velocidade, o esforço e a resistência. É uma brincadeira perfeita para que as crianças façam amigos, aprendam a competir e aumente a sua coordenação motora. Consiste na efetivação das seguintes atividades: 1- As crianças devem vestir os sacos e esperar o apito, numa linha. 2- Para começar a corrida, as crianças deverão segurar o saco com uma mão para evitar que o saco caia abaixo dos joelhos, e manter o equilíbrio com a outra para poder saltar ou pular. 3- Durante todo o percurso da corrida as crianças devem manter ambas as pernas no saco até alcançar a linha de chegada. 4- Perde quem se caia pelo caminho. 5- Ganha quem chega primeiro à linha de meta. 6- É classificado quem alcança a linha de chegada.

LXXXIV.XXII - Vivo ou morto

Nesta brincadeira, um participante é escolhido como líder e deverá ficar de frente para os demais. Quando o líder disser "Morto!", todos deverão agachar e, quando ele disser "Vivo!", todos deverão dar um pulo e ficar em pé. Quem não seguir exatamente o comando do líder é eliminado da brincadeira.

LXXXIV.XXIII - Cantigas de roda



A tradição envolve canto e dança. Em geral, a criançada canta ao mesmo tempo em que faz uma roda e balança o corpo com movimentos de dança.

Como brincar: fazer uma roda com as crianças, dar as mãos, começar a rodar e a cantar. Na estrofe "Rebola bola você diz...", largar as mãos e colocar na cintura e procurar um par. Rebolar na frente do par cantando a música. A estrofe termina, todos voltam a dar as mãos e continua a música. Por vezes, as crianças, dentre muitas outras músicas existentes, a seguinte.

Jacaré Coió

Eu sou, eu sou, eu sou

Eu sou jacaré coió
Eu sou, eu sou, eu sou
Eu sou jacaré coió
Sacode o rabo, jacaré
Dá rabanada, jacaré
Eu sou jacaré coió.

LXXXIV.XXIV – A brincadeira do Adivinhas

As adivinhas são perguntas, charadas, que fazem as pessoas pensarem e se divertirem. Existem adivinhas que começam com "O que é o que é?", outras em formas de versinhos. Seja como for, o que é importa é que é muito agradável brincar de adivinhar as respostas. Vamos tentar? Vejam alguns dos questionamentos mais usuais na nossa cultura;



O que é o que é?
Quanto mais se tira maior fica.
De dia tem quatro pés e de noite tem seis ou oito.
Nasce grande e morre pequeno.
Obs. A resposta fica para cada um responder.

LXXXIV.XXV - Trava-línguas

Os trava-línguas, são tradições consistentes em um conjunto de palavras que se apresentam como um grande desafio para a pronúncia. Isso acontece por causa de seus sons parecidos, que precisam ser muito bem articulados e que, quando pronunciados numa sequência, se tornam muito difíceis. Por esse motivo, os trava-línguas costuma ser motivo de disputa e muita brincadeira entre amigos. Vejam um exemplo.!

Um sapo dentro do saco. O saco com o sapo dentro. O sapo batendo papo. E o papo do sapo cheio de vento.

LXXXIV.XXVI - Foguinho (pular-corda)

No momento da brincadeira, as crianças cantam a música:



"Salada saladinha
Bem temperadinha
Com sal, pimenta
Fogo, foguinho, fogão!"

Observem que na consecução da brincadeira, dois participantes batem corda para os outros pularem. O desafio é pular sem tropeçar, principalmente, quando chega ao final da música, momento em que a corda é batida de forma mais rápida.

As brincadeiras da nossa infância, ademais, aparecem assim, como inesquecíveis, frente à experiência comum. No Brasil, mesmo com o aparecimento das novas tecnologias e o crescente aumento dos tablets e smartphones, tal como antes me reportei, as crianças continuam, principalmente, as crianças do nosso interior, curtindo algumas brincadeiras que passam de geração em geração, assim, é o que acontece com a brincadeira do morto-vivo.²⁷³

Cinco Marias, também chamada de três Marias, jogo do osso, onente, bato, arriós, telhos, chocos, nécara, etc. O jogo, de origem pré-histórica, pode ser praticado de diversas maneiras. Uma delas é lançar uma pedra para o alto e, antes que ela caia no chão, pegar outra peça. Depois tentar pegar duas, três, ou mais, ficando com todas as peças na mão. Na antiguidade, os reis praticavam com pepitas de ouro, pedras preciosas, marfim ou âmbar. No Brasil, costuma ser jogado com pedrinhas, sementes ou caroços de frutas, ossos ou saquinhos de pano cheios de areia.²⁷⁴

Pipa, papagaio, arraia, raia, quadrado, pandorga, pião. As pipas apareceram na China, mil anos antes de Cristo, como forma de sinalização. Sua cor, desenho ou movimento poderia enviar mensagens entre os campos. Os chineses eram peritos em construir pipas enormes e leves. Da China, elas foram para o Japão, para a Índia e depois para a Europa. Chegaram ao Brasil, trazidas pelos portugueses. Os tipos de pipa mais conhecidos são o de três varas, o de cruzeta e o de caixa. Para confeccioná-las, bastam algumas folhas de papel, varinhas e linha.²⁷⁵

A famosa dança infantil denominada de Ciranda, brincadeira de roda, conhecida em todo o Brasil, teve origem em Portugal, onde era um bailado de adultos. O semelhante a ela é o fandango, baile rural praticado até meados do século XX, no interior do Rio de Janeiro (Parati) e São Paulo, em que homens e mulheres formavam rodas concêntricas, homens por dentro e mulheres por fora. Os versos que abrem a ciranda infantil, são conhecidíssimos ainda hoje, vejam:

273 Ibidem

274 Ibidem

275 Ibidem

*“Ciranda, cirandinha/Vamos todos cirandar/ Vamos dar a meia volta/
Volta e meia vamos dar”.*

Vejam, a propósito, soneto do poeta tauaense Aurélio Loiola, lembrando sua paixão por sua terra natal e no final, lembrando a tradição das brincadeiras do bolo, da bola, da peteca e da cirandinha²⁷⁶.

*Sou de Tauá eterno apaixonado
Amante do sertão como ninguém
Eu sempre serei mui afeiçoado
A terra de onde vim, e do meu bem.*

*Sonhos mais lindos sonhos coloridos
Pastagens, animais, roças em flor –
Milho, algodão, feijão, arroz florido,
De galhos em galhos, aves, beija-flor...*

*Do passado distante inda presente
Muita, muita saudade a gente sente,
Como da meninice o aniversário:*

*Bolo, bola, peteca, cirandinha,
Da fazenda do vovó Senhorinha,
De minha mãe as contas do rosário.*

De resto, há variações regionais que os complementam como

*“O anel que tu me deste/ Era vidro e se quebrou./ O amor que tu me
tinhas/ Era pouco e se acabou”...²⁷⁷*

LXXXV - Bodegas e bares - tradições que resistem ao tempo

Bodega é típico cenário tradicional do comércio do interior, e até mesmo de grandes cidades, que se caracterizam pela presença da velha balança no balcão, mortadela pendurada, papel de cigarro, fumo de pacote, café, lâmina de barbear, vitamilho, rapadura, cordas, cachaça, gêneros alimentícios diversos, além de outras mercadorias postas em velhas prateleiras, encorpadas, normalmente, no interior de um pequeno prédio característica-

²⁷⁶ Academia tauaense de letras, terça-feira, 17 de julho de 2007.

²⁷⁷ Ibidem

mente rústico. O mesmo se diz dos bares onde a moda antiga tradicional se destacava pela venda fácil da bebida alcoólica ao pé do balcão.

O seco e o molhado é a característica marcante da bodega. Na bodega antiga, entre uma conversa e outra, entre uma brincadeira e outra, assim como no bar antigo, normalmente, é servido no velho e surrado balcão, em copo de vidro antigo e de fundo pesado, drinques, puxado a cachaça, cachaça São João da Barra e outros. A confiança, também marcava e marca este costume secular. "A paga, quando não se tem a moeda em mãos, vinga a velha "caderneta", ponto de confiança dos velhos bodegueiros na sua clientela, fiel e regular. Nela se anota o que se compra para pagamento posterior. A caderneta é o controle efetivo, a marca indubitável do comércio bodeguista que, a par da modernidade, mesmo com o advento de grandes mercantis, mercadinhos, armazéns e outros, tem resistido ao longo do tempo, principalmente, nos bairros das cidades sertanejas, e do nosso Tauá, e porque não dizer, de forma mais açodada, no interior do nosso município. Neste sentido, citamos: A Bodega da Maria Calixto, Bodega do Baica, Bodega dos Librinhas (Taides e Jotinha), Bodega do Sr. Zuca, Bodega/bar do Raimundo Quincas, Bar do Dedé Gordinho (O Escondidinho), Bar do Mair Feitosa, Bar do Raimundo Dutra, Bar da Umbilina, Bar do Deuzimar, Bar do Ceará, Bar do Chico da AABB, Bar Peixada do Arruda, Bar do Ernandes, Bar do Raimundo Doutor, Bar do Antero, Bar Ferradura, Bar da Umbilina, Bar do Gargamel, Bar do Ludugero, Bar do Mói de Chifre, Bar do Tamancão, Bar da Ladeira, Bar Briza Mar, Bar Ferro Elétrico, Bar das Primas, Bar do Deus, Bar da Tieta, Bar do Dutra, Bar do Barão, Bar do Sozinho, Bar Sol Luar, Bar do Iridam, Bodega do Alceu, Bodega do Eliseu Caracas, Bodega do João Cordeiro, Bodega do Chico Gonçalves, Bodega do Raimundo Doutor, Bodega do Vicentão, Bodega do Raimundo Lulu, Bodega do Antônio Bibiano, Bodega do Nenezilho, Bodega do Dito Paula, Bodega do Leopoldo, Bodega do Antônio Nunes, Bodega do Pedro Avelino, Bodega do Seu Sinval, Bodega do Cazé, Bodega do José Torres, Bodega do Inácio Torres, Bodega do Lourenço Guará, Bodega do Filomeno Maia, Bodega do Adauto Mota, Bodega do Chuiquinho da Várzea Grande, Bodega do Luiz da Várzea Grande, Bodega do Antônio Pereira, Bodega da Cleinha, Bodega do Edmar Marin, Bodega do Luiz Souto, Bodega do Puzuca, Bodega do Seu Zuca, Bodega do Lelé, Bodega do Antônio Gonçalves, Bodega do Fransquinho do Celso, Bodega do Evangelista, Bodega da Juveniana, Bodega do Zé Virgílio, Bodega do Paturi, Bodega do Mariz Loiola, Bodega do Izaias Gonçalves, Bodega do Antônio Gregório, Bodega do Zé Baixinho, Bodega do Geraldo Pedrosa, Bodega do Daniel Calaça, Bodega do Domingos Marinho, Bodega Manoel Alves e Dona Alice e Bodega do senhor Eduardo, dentre outras.

LXXXVI - Apelidos de famílias da nossa terra

Novamente lanço por empréstimo as pesquisas da conterrânea Salete Vale que, amparada em artigo lançado pelo Dr. Feitosinha, demonstrou com acuidade vários apelidos de famílias da nossa terra, as quais por relevantes merecem destaque. Narra a historiadora rebuscando artigo laborado, como diz da lavra do Dr. Feitosinha:

*“Continua a leitura do artigo de Dr. Feitosinha sobre os apelidos de algumas famílias dos Inhamuns. Publicado no Jornal Folha dos Inhamuns em outubro e novembro de 1987. **Setúbal** - consta que um português de Setúbal-Portugal veio dar com os costados no rio Trici onde se casou com uma moça da família Gomes daí tendo iniciado a família Setúbal que se entrelaçou com os Loiolas, os Feitosa e outras famílias. **Flandeiro** - apelidado Antônio Flandeiro pelo trabalho que ele exercia com flande. Homem de bem tendo chegado a exercer a delegacia de Tauá onde exercitou a função sem violência. **Sabagora** - esta palavra formada por duas outras “sábado e agora”. Pronunciadas juntas por pessoas dos Fernandes para marcar compromissos para a próxima feira que se realizava em Tauá aos sábados. Conheci a Zefa Sabagora mulheração de atitudes desataviadas. O João Fernandes foi um dos elementos de proa família. **Campo Preto** – consta que um Cavalcante que de Pernambuco por questões de família deixou sua terra depois de ter vendido o número razoável de escravos para vir refugiar-se no lugar Campo Preto, no Rio das favelas; esse grupo familiar é bastante numeroso e está entrelaçado com os Mota, os Sobreiros, Carcará, os Feitosa e outras família região. Conheci pessoalmente um dos vultos dessa família, o Sr. Emílio da Forquilha, um homem de bem e um dos grandes Vaqueiros dos Inhamuns. Tenho na lembrança a pessoa bondosa de Antônio Teixeira Cavalcante, o Teixeirainha, amigo de sua gente de sua terra. **Marimbondo** - apelido que foi tentado designar os Feitosa. **Marimbondo Vermelho ou de Chapéu** é uma abelha muito aguerrida e de ferroadas dolorosas. Como os Feitosa levaram a melhor na guerrilha com os Monte, é provável que o apelido tenha alguma ligação com feito belicoso acontecido no passado. Os Feitosa chegaram aos Inhamuns no final do século 17, em 1690. Requereram sesmarias, construíram igrejas e capelas, devassaram os Sertões e instalaram fazendas de criar com o apoio de serviçais que trouxeram da Bahia e de Pernambuco, e dos índios Cariús e Jucás. Dependendo da Fazenda onde residiam foram tomando a*

denominação do lugar. *Feitosa do Cococar, Feitosa da Barra do Puiú, Feitosa da Barra Rio do Jucá, Feitosa do Canindé, Feitosa do Arneiroz, Feitosa das Favelas, Feitosa do Arapuá, Feitosa do Forte, Feitosa do Carrapateiras* entrelaçados com os Araújos com os Chaves, com os Martins e com os Mourão. *Feitosa da Fazenda Nova, Feitosa da Várzea do Estreito, Feitosa do Arraial, Feitosa da Cajazeiras, Feitosa de São Gonçalo, Feitosa do Riacho de Aiuaba, Feitosa do Barro de Santana no Cariri.* Eles construíram as igrejas de Cococi de 1729, de Arneiroz e participaram da construção da de Tauá onde mantiveram por muito tempo uma tribuna do lado esquerdo do corpo da igreja. Os Feitosa estão disseminados por quase todas as regiões do país e vem ocupando desde sua chegada aqui posições de relevo no comércio, na economia agrícola, na política, na administração pública e nas profissões liberais. Hoje estão entrelaçados com as várias famílias do Ceará. **Marinheiro** - esse núcleo familiar é representado pelos Noronha. Provavelmente descendentes de marinheiros portugueses que aportaram na ilha Brasileira de Fernando de Noronha e posteriormente vieram para o continente. Eles ficaram sediados no rio do Puiú, no lugar denominado São Lourenço. São Rafael é um dos ancestrais dessa gente laboriosa e ordeira. Ele tratava com remédios caseiros provenientes de plantas da fibra regional Aroeira, Angico, Jatobá, Jucá, Alecrim, Cabeça-de-Negro, etc as doenças mais comuns. Era um leitor atento do lunário perpétuo e do manual e medicina popular denominado de "chermovitz". Essa família está entrelaçada com os Feitosa, os Carcarás, os Torquato, os Ferrér, os Gomes e outras. Estas notas representam uma tentativa de caráter informativo no campo da genealogia popular e do conhecimento vulgar das pessoas que apita os encontros nos Inhamuns. É necessário que para maior abrangência dessa relação outras famílias sejam mencionadas: **Lou, Caetano, Traíra, como Cafianga, Cigarra e outras,** que não tem apelido. Torquato, Benvides, Castelo, Alves, Vieira e Gomes, Petrola, Marques, Monteiro, Parmenho, Lopes, Quintino, Teles, Castro, Veras e outras várias. Esse artigo foi publicado também o livro "Um tributo a Joaquim de Castro Feitosa - 100 anos", que tem como organizadora Fátima Lúcia de Andrade Feitosa e Maria Salete Vale Farias, editado pela imprensa universitária em Fortaleza, no ano de 2016, publicação em homenagem ao centenário desta ilustre pessoa Joaquim de Castro Feitosa, Doutor Feitosinha"

Aos apelidos referenciados, acrescento Beiju, representado pelo senhor Jesus Cordeiro Leitão e descendentes; Bibiano, representado pelo senhor Antônio Bezerra Cavalcante e descendentes.

LXXXVII - Lembranças – tradições que se foram e não voltam jamais



Há tempo, não lá muito distante, nesta nossa cidade querida de Tauá, quando ainda usava calção de tecido de algodão, segurado ao cós por elástico, feito a mãos pequenas de forma artesanal com muito amor; cabelos cortados à meia cabeça com navalha afiada e pelas mãos sempre hábeis dos, naquele tempo, chamados barbeiros, "Seu Cazuza", "Seu Jucá", e o "Seu Cezídeo", cidade à noite iluminada tão só pelas luzes da lua, e por lampiões e lamparinas a base de querosene, vivenciei cenas que

guardo na minha memória a sete chaves, e que, por pertinentes a este trabalho, as relembro, como forma de reeditar tradições da nossa terra que se foram e não voltam jamais.

Em primeiro lugar, lembro-me da feira livre que acontecia aos sábados, não na forma hoje concebida, grande e majestosa, mas sim, rudimentarmente centralizada em ambiente fechado, produzida por homens simples e de pouco recursos que, na busca quase sempre desesperada e desumana por levar recursos para o seu sustento e de sua família, armavam barracas, cestos e balaios "meio àquela ambiência rústica", para ali praticar o comércio.

A feira, dita "livre", situava-se em duas localidades avizinhas, nas proximidades da Praça Henrique Andrade, onde residi por longos anos com os meus familiares (genitores e irmãos), e era margeada pelas Ruas Dondon Feitosa e Cel. Lourenço Feitosa, divididas tão somente por portões de mercearias e lojas então existentes.

A primeira feira localizava-se no espaço livre entre os comércios do meu padrinho Antônio Cândido Feitosa, o "Tutu"; do "Café da Dona Delaide"; da Bodega do meu padrinho "Raimundo Quincas"; da loja de tecidos de Francisco Feitosa Lima; da bodega do Senhor "Juca" e da loja do Senhor Sebastião Rêgo. Lembro que àquele espaço, concebido de forma quase que retangular, calçada por paralelepípedos traçados a mãos artesanais, era fechada à tardinha por dois largos e fortes portões de madeira.

Naquela praça, lembro-me de algumas pessoas que não podem passar ao largo deste trabalho, porque intimamente relacionadas às tradições que se quer relembrar e que ficaram para a história, renovadas digo, por quesitos modernos. – Em primeiro, cito "Dona Adelaide". - O famoso "Café

de Dona Adelaide". Lugar simples, harmonioso, limpo, insuspeitamente característico. Ali se saboreava um café quentinho torrado e moído na frente do freguês, feito a filtro de pano e em fogão a lenha, acompanhado por uma gostosa fatia de bolo de milho, pão-de-ló, bolo de leite ou bolo de grude. E era, aliás, coadjuvado o tal café, pelo filho do cicerone de nome "Chico da Adelaide". E não nos esqueçamos da cocada de leite com coco e o famoso tijolinho de leite. - Tempos bons inesquecíveis. Lembro-me ainda, do "Pai Augusto", homem simples e dedicado, casado com a minha saudosa tia Elza que, na busca pelo sustento da casa e da sua prole, além de, na semana, tirar do mato bruto a base da foice e do machado, a madeira, transportá-la no colo de jumento, transformando-as em caibos e ripas para telhar as casas, construções de então, aos sábados, não sei e não lembro como, botava saco de farinha ao chão, para revendê-la, não por quilo, mas na terça ou no litro, este último instrumento quase sempre feito a mão de artesão a base do zinco ou do flande, e naquele tempo, em oficina próxima, pelas mãos do artesão "Chico Diana" e de sua mulher "Dona Zefinha". Essa praça era destinada a comercialização de produtos advindos da agricultura (feijão, arroz, farinha, milho, rapadura, etc.).

Na outra praça, avizinhada, coisas das mais requintadas eram expostas e colocadas à venda. Situada entre as lojas do Sebastião Rêgo, do Chico Cazé, do seu Joãozinho e do seu Edmilson, ali roupas, bugigangas as mais diversas eram expostas a venda. No ponto, lembro bem do Sr. Manoel Fortuna, do seu filho Antônio Luiz e do Manoel da Barraca. Naquela praça comercial bizarra, também, com o mesmo formato e característica daquela primeira já citada, se viam a mostra e a venda os produtos do "Seu Zé Ferreira", ferreiro das antigas, que da sua oficina localizada nas imediações da Praça Henrique Andrade, também rústica, do forno puxado a carvão em brasa ardente, alimentado por um fole manual suspenso em uma espécie de madeirume puxada à corda, manualmente trabalhado, - martelo às mãos, suor expirando as escâncaras, do ferro quente e avermelhado, daquelas mãos calejadas, nascia a sua arte: foice, enxada, picareta, encho, chibanca, alavanca, martelos e o mais eloquente de todos os instrumentos, "o ferro de marcar boi e animais diversos" que, na história ficou marcado como algo tradicional e relevante para a nossa cultura e a cultura nordestina.



Foto retirada da internet

Aliás, a tradição do "FOLE DE COURO" utilizado em tempos idos por artesãos tauaenses, em meio a todo o avanço tecnológico hoje existente, ainda permanece entre nós. Informa Franzé Mota que o fole de seu "MESTIN", ainda se encontra a pleno vapor, funcionando.

De outro lado, não se pode esquecer o artesanato empreendido pelas denominadas artesãs de então, não se sabe se ainda existem, as conhecidas Senhoras dos "Guarás". Mulheres simples conhecidas à época, por residirem na localidade de "Guarás", que se foi pela chegada do desenvolvimento e, em face de desapropriação de suas terras pelo governo Federal, para instalação de programa de irrigação no chamado cinturão "da Várzea do Boi" que, inicialmente, parece-me ter dado certo e que os seus propósitos se perderam ao longo dos anos. O artesanato das Guarás, ainda hoje, é conhecido pelos tauaenses, por nele trazer, as encantadas e famosas panelas, pratos e potes de barro, bois e cavalos de barros (folgedos das crianças às antigas), além de outros objetos e utensílios representativos da nossa região.

Posteriormente, já na gestão prefetural de, salvo engano, Dr. Júlio Rêgo, o costume e a tradição dessas duas praças de feiras livres, deu incursão a uma nova prática com a inauguração do mercado público municipal, quando, ali, concentrou-se todo o mercado popular tauaense e que perdura até os dias atuais, inclusive, espalhados pelas ruas adjacentes.

E quem do meu tempo não se recorda do Café da Mola Mestra, do Café da Dona Delaide, da Barraca da Antônia Pifana, da bodega Café do Raimundo Doutor? Este último, por abrir as madrugadas no aguardo dos circunstantes do amanhecer desta Tauá querida, dos passageiros idos para outras plagas.

E quem não recorda, ademais, de três grandes e inesquecíveis barbeiros que ao seu modo, cada qual com navalha, tesoura, pente em mãos ágeis passaram por nossas infâncias e adolescências. Neste ponto, destaco o Senhor "Cezidio"; Barbeiro conhecido nas hostes de nossa Tauá, pelas suas características inconfundível, inclusive, da forma destacada a que se apresentava a todos, a sua barbearia. - Lembra sua filha, a professora Adelaide, professora renomada de história da nossa querida Universidade Federal do Ceará, em entrevista concedida a respeito do seu saudoso pai:²⁷⁸ *"Meu pai era um barbeiro conhecido em Tauá, um colecionista de bizarrices. A barbearia dele tinha pássaros empalhados, rabo de cobra, casa de João de barro, fotografia do Lampião, bolas prateadas feitas por ele com envoltórios de cigarro... Havia, inclusive, uma cadeira de barbeiro (risos). E o que é um salão de barbearia numa cidade do interior? É um lugar de encontros e de conversas. E eu, a partir dos quatro anos de idade, naquele pequeno gabinete de curiosidades, lia em voz alta para os fregueses assíduos, a pedido do meu pai. Era um constrangimento, mas hoje sinto um imenso carinho pelo orgulho que ele tinha de ver uma menina tão pequena ler e pontuar corretamente. Só muito depois eu compreendi esse orgulho, vindo de um homem que não*

²⁷⁸ Disponível em: <http://www.somosvos.com.br/a-revolucao-permanente-de-adelaide-goncalves/>.

frequentou a escola regular. Fui alfabetizada pelo meu tio Francisco, que era também um autodidata, e depois frequentei uma escola de freiras, por sinal uma boa escola, que valorizava o ensino da língua, o uso correto do vernáculo. Devo muito a elas. É verdade que me tornei uma criança chata (risos), porque não me permitia tirar uma nota menor que 10. O ideal mesmo era que tirasse 11. No entanto, é ruim ser o primeiro, muito melhor é ser o segundo”.

A barbearia do Senhor Cezidio, era localizada em um pontão estratégico de Tauá. Quase defronte à União Artística Tauaense, ponto de encontro dos tauaenses de então, e ao lado da loja de móveis do Sr. Jaques Massilon.

Naquele tempo, aos jovens não restava muita opção de diversão. Na Rua Dondon Feitosa, defronte o Bar do Dedé Gordinho, das Mercerias de Elcias (meu pai), sócio de Ecilio Bezerra, Antônio Bibiano, dos Libinhas (irmãos anãos existes ao tempo), da padaria do Senhor João Firmino, do comércio do Senhor João Gonçalves, do quiosque do Neco, e de outros que a memória já não me socorre, nas calçadas da loja do Sr. Horácio Marques, da Farmácia Moderna de D. Margarida Rêgo, da bodega do Baica, do comércio do Senhor Manezinho Mota, da bodega do Zé Gonçalves, da loja do senhor Jaques Massilon, fazendo às vezes de praça pública, ao som deletério da Radiadora da União Artística Tauaense, associação civil criada e instalada por alguns idealistas de nossa terra, entre os quais destaco meu avô Beiju, Aluisio Tetê, Neco Pinto, dentre outros, os jovens e as jovens ali desfilavam acima e abaixo, a mostrar os seus dotes. Dali muitos casais se formaram. Muitas famílias foram concebidas.



E por falar em União Artística Tauaense, a professora Salete Vale lembra, a propósito, de um artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns de autoria do saudoso tauaense Francisco Carlos de Oliveira Peroba, datado de março/abril de 1988, em qual revela: *“Logo após a Revolução Russa, o problema social que já foram levantados na Revolução Francesa, resultando a queda da Bastilha, aos poucos atingia as cidades do interior. Logicamente, como não poderia deixar de ser,*

provocava debates, discussões e até atritos. Na década de 1920, Joaquim Carlos estivera em Fortaleza e conduzira jornais que tratavam desse problema. Juntamente com Chico Ribeiro, Valdemar Meireles, Jesus Cordeiro Leitão, Pedro Severino Duarte, João Mota e Antônio Cassimiro, passaram a conversar e depois de muitas reuniões partiram para arregimentação dos artistas, para a formação de uma sociedade que congregasse a classe. Aconteceu a

Revolução de 1930. Getúlio Vargas e João Pessoa empolgaram o operariado. Luiz Soares, que no tempo residia em Tauá, retornando de uma visita a Fortaleza descrevia a sede de arregimentação do povo. Fundaram-se a Legião Cearense do Trabalho, tendo a frente Teófilo Cordeiro. O jornal "A Razão" transcrevia o discurso de Severino Sombra, que lido pelo Areal em voz alta empolgava os ouvintes. Como se chamaria a sociedade. Antônio Cassimiro, Francisco Ribeiro da Silva, Joaquim Carlos de Oliveira, Vicente Souto, Pedro Matias, Henrique Matias, Valdemar e Mário Meireles, e muitos outros elementos em nossa sociedade passaram a visitar as famílias e atraindo seus líderes para repetidas reuniões que acontecia na residência de Chico Ribeiro e na padaria de Dona Conceição. Outras vezes na sapataria de Antônio Cassimiro. O nome adotado que foi aceito por todos foi: União Artística Tauaense. Os estatutos elaborados por uma comissão, sob a responsabilidade de Luiz Soares, Chico Ribeiro e Odilon Aguiar foram aprovados. O trabalho agora era a sua fundação. O que aconteceu no dia 6 de dezembro de 1931. A posse deveria acontecer no dia primeiro de janeiro de 1932, mas devido ter falecido naquele dia o senhor Liberato Pereira Aguiar, pai de diretor Odilon Silveira Aguiar, somente no dia 6 de janeiro é que, realmente, foi empossada a primeira diretoria assim composta. Presidente Sebastião Marques, vice-presidente José Galdino de Souza, primeiro secretário Luiz Soares, segundo secretário Vicente de Areal Souto, tesoureiro Odilon Silveira Aguiar, adjunto de tesoureiro Absalão Matias, comissão de finanças José Pereira Costa, Antônio Cassimiro e Valdemar Meireles, conselho fiscal Henrique Matias, Francisco Ribeiro da Silva e João Severino Duarte. Orador oficial José Leitão da Costa Filho. Em 1932 tivemos a grande seca. Resultado, a União Artística sofreu um tremendo impacto. Muitos dos seus responsáveis viajaram entre os quais o presidente Sebastião Marques, que viajou para o Maranhão. Francisco Ribeiro mudou-se para Amarante no Piauí. Em 1933, voltava a se reunir os precursores, e eis que em 1934, a união ressurgiria mais coesa e esperançosa do que nunca. Foram eleitos presidente seguidos Antônio Meireles, Gentil Meireles, novamente Sebastião Marques, Francisco Benigno de Lavor, Antônio Cassimiro, Vicente Souto, Pedro Alves Feitosa (Pedro Tonho), Jonas Marques, João Firmino de Araújo, José Lima, Luis Borges, Eli Gonçalves, Mário Feitosa, Aluísio de Assis, Francisco Ribeiro da Silva, Juvenal de Souza Vale, Jorge Massilom Cavalcante, isto o que nos ocorre de memória. E atualmente Francisco de Assis Neto e Chico do Aloísio. Na gestão de Antônio Meireles foi alterada a sociedade que passou a denominar-se, "União Artística e Lavradores Tauaenses", contrariando o pensamento da maioria que desejava permanecer como fora fundada inicialmente. Na administração de Antônio Cassimiro aventou-se a ideia de sede própria. Cassimiro insinuante envolveu vários elementos de relêvo em nosso meio social, a todos mostrando a importância da sociedade por ele presidida, o que levou o Coronel Cândido Alexandre de Oliveira, grande benemérito da União Artística, a doar o terreno onde se encontra a sua sede atual na Rua Dondon Feitosa. Todos contribuíram de uma forma ou de outra para o seu engrandecimento. Todavia, alguns

tiveram mais destaques como, por exemplo, Jonas Marques que mobiliou a sede, aumentou o seu quadro social, reformou o prédio etc. Reeleito para o ano de 1944 encarregou os associados Jorge Massilon Cavalcante e Francisco Carlos de Oliveira na elaboração de novos estatutos, quando a sociedade retornou a sua antiga denominação. Todavia, falecendo em 4 de janeiro de 1944, privou a sociedade de um dos maiores presidentes. Pedro Tonho criou a caixa de auxílio que muito contribuiu para o auxílio da sociedade aos seus associados carentes, foi um grande administrador. João Firmino de Araújo teve também uma grande administração. Francisco Ribeiro da Silva abriu a sociedade através do recebimento de doações de terrenos e etc. Criou e fez funcionar o primeiro cinema falado de Tauá, Cine União. Montou uma indústria de torrefação através da aquisição de um moinho, quando se preparavam massas de milho, torravam e pilavam café. Isto com energia própria. Em muitas ocasiões a praça principal de Tauá iluminada com motor da União Artística. Eli Gonçalves assumindo, ampliou a ação da União. Foi outro grande presidente. Zé Lima se constituiu em um grande presidente. Ainda hoje, o seu nome é recordado como um dos grandes timoneiros da União Artística. Pretendeu fazer funcionar a escola de artes e ofícios, entretanto, não lhe foi possível. Atualmente, a sociedade tem a direção do Chico do Aloísio, como é muito conhecido na cidade. Moço entusiasta, trabalhador. Inquestionavelmente, se os seus associados desejarem, poderão levar a União Artística a uma situação privilegiada, pois vontade e dedicação não lhes faltam. Hoje, já nos seus 53 anos, a mais antiga entidade de classe de Tauá é bem a exceção da regra criada de que nada ali prospera. Prospera sim e a União é bem a prova disso. Cometeríamos injustiça se deixarmos de citar muitos dos que fizeram pelo seu engrandecimento, como por exemplo: Pedro Severino Duarte, Elias Alves, Joaquim Carlos, Cícero Amargoso, José Juca, François Loiola, Joel Marques, José Rêgo, Porfírio Lourenço, Gerardo Feitosa, Doutor Alberto Feitosa, Jesus Cordeiro Leitão, Raimundo Ferreira, Pedro Matias, Plácido do Carmo, Dr. Júlio Rêgo, Rômulo Meireles, Antônio Mulato, Neco, Luiz do Emídio, Gentil Meireles, Sandoval Meireles, João Bota, Tecaboclinho, Iedo Paes Ribeiro, Flávio Nogueira, Moacir Pereira Gondim, Valdemar Meireles, Joaquim da Bidoca, Mário Meireles, Abemor Meireles, Licínio Serra e etc. Evidentemente que muito poderia dizer se o espaço em jornal fosse muito limitado. Todavia, apesar de tremenda crise porque vive o País, se acontecer que os artistas se capacitem da necessidade de se unirem em torno de seu presidente e atual diretoria, certamente que novos acontecimentos marcarão a história da sociedade, que caminha para o seu centenário como eloquente atestado de que querer é poder. E os Inhamuns não fogem à regra, haja vista a sua enorme capacidade de aglutinação e liderança que fará de nossa região no futuro um grande centro produtor e educacional."

E lembro, ademais, retomando as minhas lembranças, da União Artística Tauaense, além da diversão proporcionada aos jovens pela força da sua inconfundível radiadora, aos pobres e desvalidos de nossa terra, ofertava por

empréstimo um caixão, autodenominado "caixão de defunto", que servia ao sepultamento dos pobres e associados, mediante a sua devolução obrigatória, após os rituais fúnebres, para a outrem ser servido. Aliás, lembro, existia até mesmo casa, depósito para a guarda de referido instrumento fúnebre.

De outro lado, na União Artística Tauaense, conheceu-se na nossa Tauá, pelo inusitado da época, a projeção de filmes cinematográficos, dos mais diversos títulos que a época projetava: Tarzan, Zorro, Roy Rogeres, Rin Tin Tin, 007, Fantasma, Cowboys diversos, terror, infantis, etc.

Na União Artística Tauaense, antes mesmo de se ter em Tauá, um serviço de comunicação autêntico pela radiodifusão, hoje existente, também o fazia pelo inédito serviço de amplificação de som, como acima referido, através da famosa Radiadora "A voz da União". Pelas vozes inconfundíveis de "José Pinto", "Chico Dutra" a alegria das noites da nossa Tauá, eram realizadas. Mensagens irreverentes eram passadas aos jovens enamorados. Músicas eram oferecidas as jovens, através das vozes inconfundíveis e do sucesso que faziam a época, Roberto Carlos, Jery Adriane, Perla, Vanderley Cardoso, Nilton César, Nelson Gonçalves, Bob Dylan, Caetano Velosa, Ray Charles, Os Velhidos Transviados, Frank Sinatra, Nat King Cole, Barry White, Marvin Gray, Elvis Presley, Diana Ross, Maysa, Os Beatles, Renato e Seus Blue Caps, Orlando Silva, Agnaldo Temóteo, TIM Maia, Folhas, Caetano Veloso, Clara Nunes, Luiz Gonzaga, Perla, Vanderleia, Vanuza, Ronie Von, The Beatles, Richard Anthony, Jorge Bem, Jair Rodrigues, Simonal, Moacir Franco, The Vogues, Os Velhinhos Transviados, The Lettermen, The Feveres, Nara leão, Chico Buarque, Henrique Mancini, Mary Hopkin, Jane e Erandir, Evinha, Jimmy Fontana, Martinha, Rosemary, Paul Anka, Simon e Garfunkel, Ney Matogrosso, Fagner, Belchior, Evaldo Braga, Paulo Sérgio, Antônio Marcos, Reginaldo Rossi, Amado Batista, Altemar Dutra, dentre outros). Enfim, tudo se dava ao som da Jovem Guarda movimento musical de então.

Os deleites dos passeios noturnos, o desfilar dos jovens nas calçadas da Rua Dondon Feitosa, se dava, lembro, pela inexistência de praça pública. As ruas eram iluminadas até cerca de 22h00min pelo velho motor a diesel, postes de madeira, lâmpadas neles fincadas em arandelas comuns ao tempo existentes.

Em 2014, a propósito, lembrando a minha Tauá querida, a saudade que alegre e ao mesmo tempo entristece a alma, quando do lançamento do meu último trabalho poético, "Vida introspecta – Poemas e devaneios", tive a oportunidade de inserir o poema sem intitulação, revisitando as minhas memórias, vivenciadas nessa nossa terra, dizendo:

Minha Tauá querida,
o quanto é bom de ti recordar.

Lembrar a minha infância,
o aconchego da minha casa pequena,
o amor dos meus pais, as dificuldades
experimentadas.

Lembrar o serrote Quinamuiú adornando
a cidade,
- quantos passeios vividos.
As peripécias infantis, o rio Trici tomando a cidade,
parece contradição, em invernos ferozes.
Lembrar o sol inclemente que torra o chão,
maltrata a alma, acaba a vida.

Lembrar a pedra do Sino, o Cruzeiro do Alto
Brilhante.
ah! Quanta saudade. Dias que não mais
voltam.
Tauá querida, que não sucumbiu no tempo,
muito embora personagens influentes tenham se ido.

Tauá querida, quanta saudade!
Ah!... Da Praça Alberto Feitosa.
Do calçadão da Rua Dondon Feitosa,
que mais parecia praça pública
por onde passeavam os jovens,
as jovens, as moçoilas fagueiras
ao som da rádio amplificada da
União Artística Tauaense.

Ah! Quanta saudade, Tauá querida,
tempos que se foram e não mais voltam.

E o Trici Club?
E o BNB Club, de noitadas inesquecíveis
ao som e aos lampejos fortes e irradiantes da Jovem
Guarda?

Ah! Quantas saudades, Tauá querida.
Torrão belo, Princesa dos Inhamuns.
Princesa dos tauaenses.
Tu és fogosa, desabrochou no tempo.
Mas, a inocência da criança, que a ti dominas,
de ti jamais desaparecerá.

Ah! Quanta saudade, Tauá querida.
Daquelas noites escuras, intermináveis,
sem luz,
tempos que não voltam mais.

Ah! Tauá querida, donzela fogosa, cresceste,
foi-se a ingenuidade da criança, veio o
desenvolvimento,

tempos outros, mas em mim, nada mudou.

Grande é o meu amor por ti.
E como promessa revelada nos versos do seu
hino, declaro:

- de ti jamais esquecerei.

E quem não se recorda dos shows inesquecíveis apresentados pelo violonista Vilamar Dasmaceno e do humorista Ludugero, levado a cabo no palco do Cine Teatro União.

E quem não se recorda, ademais, do Senhor Luiz Pimpão, um contereâneo simples e humilde, pedreiro de profissão que, com a sua arte, muito contribuiu para o desenvolvimento, porque não dizer, urbanístico de nossa cidade. Luiz Pimpão, o conheci quando ainda era eu criança. Amigo de confiança do meu pai foi o seu pedreiro particular e de confiança. Para tudo, dizia: Luiz faça isso, faça aquilo e Luiz lá estava. Solícito, hábil com a sua colher de pedreiro, como ninguém, fazia surgir as suas obras a embelezar a cidade. Não fora essa atividade, lembro-me de Pimpão soltando fogos de artifícios, rojões estrondando nos céus da nossa cidade nos dias de festa ocorridos na Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Pimpão, em verdade, foi o operador oficial e de confiança para o implementar de tal atividade. Com segurança e destreza impar, exercia aquele múnus com prazer e alegria para

a satisfação de todos nós tauaenses. Não sei o dia do seu falecimento, pois já não me encontrava em Tauá ao tempo, todavia, recordo da sua família, mulher e um filho, residindo numa casa simples, salvo engano construída de pau a pique (taipa, como popularmente é conhecida este tipo da construção), na rua 7 de Setembro, nas proximidades do Colégio Antônio Araripe, mesma artéria onde moraram os meus avós Beiju e Nenê, meu tio Ecílio, o relojoeiro prático "Seu Machado", pai da minha tia por afinidade "Lenier", além de outros ilustres filhos de Tauá. .

E da travessia do rio Trici através de canoas, quando das grandes cheias que avassaladoras tomava soberanamente as ruas da nossa cidade, deixando o homem tauaense apreensivo e ao mesmo tempo vangloriado. Aliás, não podemos esquecer que essa aventura foi inaugurada pelo meu tio Antônio Bibiano como narra sua filha, professora Luiza Gorete Cavalcante, no livro por ela escrito "Os Dias de Chiquita". Vejam: "*Antônio do seu ideal empreendedor, teve a ideia de trabalhar em uma canoa. Viagens, ida e volta. Eram muitas durante um único dia. Tal atividade de navegação popularizou Antônio Bibiano, que passou a ser conhecido na região por Antônio Bibiano*";

LXXXVIII- E o Trici Clube

Agremiação social tauaense que remonta às mais antigas tradições de nossa terra. Antes mesmo na consecução da luz elétrica, seja pelo sistema atual, seja pelo sistema a diesel, possuía o seu sistema próprio. Sua comunicação própria e personalizada. Neste ponto, nas suas noites festivas, conclamava os seus associados, a sociedade tauaense, a ali comparecer pela voz inconfundível da sua velha Radiadora e ao som dos velhos musicais. - Bailes inesquecíveis ali aconteceram, puxados por vezes, por Ivanildo e seu conjunto, Big Brasa, Luizinho e Banda, etc., deleitando a nossa sociedade.

A história desta nossa agremiação social centenária, de tão rica e, porque não afirmar melódica, quando dela se trata e se recorda, mexe tanto com o emocional do tauaense que, o saudoso e iluminado tauaense "Lulu Lima", certa feita em uma das suas grandes crônicas levada a cabo no "Jornal Folha dos Inhamuns, lembra Salete Vale, sobre ele, "Trici Clube"", escreveu:

"Criado sob a essência nostálgica e romântica dos anos 50, o Trici clube foi durante muitos anos, o cartão postal de Tauá. Instituído nos rígidos princípios éticos e morais, a agremiação teve em sua presidência eminentes vultos da sociedade local, que para fazer cumprir as normas estatutárias, mantinha um quadro social cuidadosamente selecionado, onde a tônica maior era decência e irrepreensível dos bons costumes. Nas festas era exigido traje passeio distinto. Os cavalheiros de paletó e gravata e as damas elegantemente vestidas de longo. Quem não se recorda das monumentais festas de aniversário do clube, ou de posse

da nova diretoria animadas ao som de um Cassino de Ser-
vilha e outras grandes orquestras que tiveram Tauá naque-
la época. E as tradicionais tertúlias e as alegres matinais?
O ritmo morno envolvente do bolero invadia todos os sa-
lões da América Latina dos anos 50. Era o bolero marcado
no capricho com as caracterizadas paradinhas, ou vez por
outra, para descontraír o samba repinicado de um Waldir
Calmon puxado no pé. Naquele tempo havia até concurso
de bolero. Recordo-me, que numa dessas competições saiu
vencedor o casal Luiza e Hélio Castelo que ao tempo eram
namorados. Eu com a minha dama tivemos que nos con-
tentar com um pálido segundo lugar. Como o tempo voa e
destrói as mais belas coisas da vida! Quantos vovôs e vovós
de hoje se conheceram, dançaram e namoraram e terna e
docemente se amaram elevados na magia do salão do Trici
clube? O Trici clube atingia a sua fase Áurea nas décadas
de 50 e 60; Daí para cá, entrou em franco declínio. Não que
os atuais dirigentes não tenham competência para dirigi-
-lo. Pelo contrário. São pessoas esforçadas e que procuram
mantê-lo a todo custo. Ocorre, todavia, que houve uma pro-
funda mudança no comportamento da sociedade. Surgiram
novos clubes e casas similares de diversão, tais como: a
AABB, o BNB, a Arvoredo, o Clube do Vaqueiro, entre ou-
tras e, desse modo, foi difícil administrar um clube dentro
dos padrões em que foi criado o Trici clube. Ultimamente,
um grupo de voluntários encabeçado pelo Dr. José Lúcio,
João da Luz e outros, encetou uma campanha objetivando
o erguimento do velho Trici. Na busca de soluções viáveis a
reestruturação e manutenção do clube, várias ideias surgi-
ram. Uma delas seria a venda da antiga sede e construção
de um novo prédio em local mais apropriado. Em que pese
a admiração que emprestamos a esse grupo que entusias-
ticamente tenta com boa vontade salvar o Trici clube na
condição de antigo sócio, ou mesmo fazendo prevalecer o
aspecto cultural e histórico, somos forçados a nos posicio-
nar contrários a essa medida. De princípio, somos radical-
mente adversos à administração de bens que visem à venda
de imóveis. Consideramos que, a ação de bem administrar
cresce na medida em que se preserva e aumenta o patri-
mônio. O Trici clube é hoje um patrimônio sociocultural e
histórico de Tauá. Ali, já fora antes a Quinze de Novembro
uma casa destinada a exibição de peças teatrais e outros de
ordem cultural e artística. Não seria de bom alvitre apagar
da memória de tantos, um marco de tão significativas lem-
branças. Uma nova e satisfatória ideia deverá resplandecer

na mente de todos os tauaenses interessados no assunto, no sentido de só enriquecer e nunca extinguir a sede do nosso querido Triciclube. "Artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns, nos mês de outubro e novembro de 1987, na coluna "Sociais e outras", de autoria do professor Lulu Lima, lembrado no episódio de nº 72 por Salete Vale".

LXXXIX – O BNB Clube

Logo em seguida, em tempos mais modernos, com a chegada à nossa cidade do Banco do Nordeste do Brasil, com o ingresso de novas pessoas em nosso grupo social, inaugurou-se o BNB Club, entidade social voltada à diversão dos seus funcionários, e como é claro, a incursão necessária e providencial da sociedade local. Foram tempos de diversão cooptada pelo povo. Ali se viveram os melhores tempos da "Jovem Guarda Nacional". Muitos foram os casais lá formados e que fizeram surgir na nossa Tauá, uma nova era, uma nova geração, uma nova virtude, uma nova família, um novo costume e uma nova tradição.

XC– As tertúlias de então

Aliás, antes mesmo da chegada do BNB Clube na nossa cidade, o costume da diversão dos jovens, também se davam pelas famosas "Tertúlias", festas dançantes puxadas a radiola e a discos de vinil. Nestes encontros coloquiais de família e nas suas próprias casas, a família e amigos reuniam-se para a dança a base de músicas, essencialmente, românticas.

XCI – Figuras folclóricas e/ou típicas de Tauá

Não se pode, envolto nas lembranças que se me acercam em tradições passadas, esquecer-se das figuras inusitadas e muitas delas folclóricas, como: de Mundinho Loiola, Arial Souto, Duruja, Belém, Maria Garupa, Cagui, Coloral, Alvim (Guará), Manoel do Galo, Pacote, Pireta (Chico Doido), Rita Carritéu, Salustiana, Tonheira, Cabicudo, Buiu, Chagas Mouco, Dedezinho (anão da Carrapateira) Zé Boião, Ana Evangelista de Sousa, Maria Isabel Martins (Maria Cococi), Guará, Cherrane, Gôdo, Balaio, Diano, Luiz Doido, Bitonha, Beleu, Mané Galinha, Proteção, Mergulhão, Bastos, Arara, Zé Capivara, Piolho, Napoleão e irmãs, Eduardo Lagartixa, Santiago, Ana Doida, Isabel da Coroa, João do Pife, Nico, Tenente, e outros.

Aliás, das figuras acima lembradas, recordo-me das conversas que mantive com o Dr. Gilberto Dias, Promotor de Justiça com quem trabalhei quando titulava a 2ª Vara do Júri de Fortaleza, lá pelos anos 2000, recordando a sua passagem pela nossa terra, principalmente, do anodatório folclórico do serventuário Mundinho Loiola. Dizia-me o queridíssimo Gilberto Dias,

que pretendia publicar um livro, contando tais passagens. – Penso que a ideia não se concretizou. - Agora, surge-me a professora e pesquisadora Salete Vale, a recordar esses momentos quando narra algumas das inusitadas peripécias deste nosso tauaense ilustre.²⁷⁹

“Hoje, vou fazer a leitura de um artigo do promotor de justiça Gilberto Dias que descreve fatos interessantes sobre o personagem tauaense, Mundinho de Loiola. Para os que mourejam tanto na Princesa, quanto na região dos Inhamuns, por certo já se acostumaram com as proezas e peripécias das figuras populares que fazem parte do folclore citadino. Entretanto, para o Forasteiro ou para aqueles que curtem estar na cidade, tal situação se coloca numa frase diametralmente oposta quando o instinto curioso os domina. Tauá tem o privilégio de ter servido de nascedouro a uma das figuras mais queridas pela comunidade, a quem rendemos nossa modesta homenagem neste recanto de páginas da Folha dos Inhamuns. Trata-se do serventuário de Justiça, Mundinho Loiola. Conheci Mundinho Loiola a partir de outubro de 1975, quando desempenhei a função de promotor de justiça. Os primeiros contatos que mantivemos perduraram até o momento tratar-se de uma criatura humana extraordinária, bom caráter, prestativo, sem subserviência, enérgico no trato da coisa pública, sincero, leal e tantos outros predicados que ornamentam a sua personalidade. Durante as reuniões do Tribunal do Júri era impecável no modo de trajar cuja indumentária, de requintada pretidão, fazia com que se destacasse dos presentes, não se separando do bastão nem do chapéu que trazia no frontispício, apesar da balança. Símbolo da Justiça. Naqueles momentos sentimos o quanto estava vaidoso. E para completar o quadro há que falar no Royal Briar, perfume que usava exageradamente, despoluindo por completo o ambiente. Mundinho não parava um só instante, pois se desdobrava até as inúmeras tarefas, por via de consequência, transformando-se no homem dos sete instrumentos e sempre a postos para manter o silêncio sepulcral exigido no salão do Júri. Tudo isso no que diz respeito à boa ordem dos trabalhos, dada sua responsabilidade, sabia encarar com muita seriedade naquele momento solene, quando a população citadina acorria as sessões lotando todas as dependências do pavimento superior do Paço Municipal. Uma risada a mais, ou uma conversa num tom mais elevado, enfim, tudo que implicasse às vezes de leve em prejudicar os trabalhos antes mesmo que o juiz

279 Ibidem, Episódio 39

presidente pede silêncio, Mundinho com toda a autoridade de que estava investido, ordenava acintosamente que os badernistas se retirassem. As suas imperativas ordens, apesar de contestadas, eram irremediavelmente obedecidas. Às vezes, pela prática que detinha, figurava como jurisconsulto quando solicitado para dirimir dúvidas acerca de diligências e, até mesmo de ordem processual. Certa feita, o então juiz da Comarca, Dr. Hugo de Alencar Furtado, examinava detidamente os autos de um inquérito policial tentando lembrar-se da região deltoideana descrita no Auto do exame cadavérico. Mundinho que a tudo observava, aproximou-se do magistrado indagando ao mesmo: Dr. Hugo, qual o problema? O meritíssimo sorriu e prontamente responde; Loiola você conhece tudo, onde fica essa região deltoideana? Sem pestanejar, sério e autoritariamente, respondeu: excelência, se a mente não me engana, fica pertinho do Parambu. De outra, Mundinho me intimara de uma importante audiência cuja presença do promotor era imprescindível para sua realização. No dia aprazado cheguei bem cedo ao cartório José Lúcio, para em seguida ser cientificado pelo Loiola de que a audiência não se concretizaria. Interpelado sobre os motivos que a impediram, ele unicamente respondeu-me: é porque agora só carta purgatória para o desgraçado. Efetivamente, tratava-se de uma carta precatória da Comarca de Mombança, cujo acusado havia sido assassinado, e no entender do Mundinho o falecido por certo aguardava o pronunciamento da justiça divina, talvez no purgatório. Por ser autêntico, isto é, com seu modus vivendi próprio, definidor de sua personalidade, não admitia ser comparado a outrem, a qualquer título ou pretexto. Tal assertiva se refletiu quando o seu nome foi comparado ao de Bastos, sendo este, um psicopata inofensivo e bastante querido na região. Por ocasião de uma reunião do tribunal Popular, o promotor dizendo que numa cidade como Tauá, em que todos se conhecem mutuamente, quem não conhece Mundinho Loiola, Bastos e outros, foi o suficiente para que o então juiz da comarca, Dr. Helder Mesquita, em tom de brincadeira, convenceu Loiola de que o mesmo estava sendo comparado a um doido do quilate do Bastos. Mundinho não gostou e bastante encolerizado procurou-me pedindo uma explicação sobre, no seu entender e orientado pelo magistrado, e inoportuna e descabida comparação que eu fizera. A custa de muito sacrifício, expliquei-lhe não se tratar de uma pejorativa comparação em termos de semelhança ou posição social. Objetivando safar-me de sua fúria ao finalizar que ele, Mundinho, é tão conhecido

na região dos Inhamuns quanto do Dr. José Lúcio, a Emília Cardoso, o Netônio, o Doutor João Castelo e tantas outras pessoas de projeção social. A acomentação foi válida e, sobretudo convincente, razão porque foi o jeito excluir o nome de Bastos como alternativa benéfica para equacionar o problema que melindrou Loiola. Na estiagem que ocorreu em 1976, as consequências foram drásticas para os Inhamuns. Os rebanhos eram pouco a pouco dizimados. Nessa situação, sobre o sol causticante, eu usava um terno de cor verde, verde abacate. Mundinho não perdeu a oportunidade de fazer uma advertência a mim: Doutor Gilberto tenha cuidado porque o senhor pode ser devorado por uma vaca faminta. Contou-me Teixeira Benevides, que certa feita, o juiz da Comarca, de modo delicado e num tom de voz muito baixo, pediu o silêncio. Mundinho valeu-se do ensejo e quase a gritar bravejou: Olhe, isso aqui não é um circo! Os presentes tiveram que fazer muito silêncio; por trás de uma cara carrancuda Mundinho esconde um coração do tamanho do vaso do boi. Há muitos outros fatos pitorescos relacionados com a vida do excêntrico serventuário de Justiça capaz de se publicar no aumentado volume. Esse é o Mundinho que eu conheci. Artigo publicado no Jornal Folha dos Inhamuns em junho de 1986”.

Ao tempo da passagem do Magistrado Elder Mesquita por esta nossa Comarca, não foram poucos os anodatários encetados pelo referido e saudosso serventuário de justiça. Os dois nominados fizeram sólida amizade.

Lembro, ademais, de quando iniciei a vida profissional em minha terra nos idos de 1979. - Naquele tempo já se propagava as peripécias atitudes do inesquecível Mundinho Loiola. - Figura típica tauaense que deixou a sua marca indelével nos anais da nossa Justiça.

E o folclórico Dorgival Firmino com suas histórias mirabolantes. Lembra Salete Vale, no episódio de nº 55, no trabalho exaustivo de pesquisa realizado e levado a cabo semanalmente aos conterrâneos o seguinte:

“Estórias do Dorgival. É de Luiz Ledu.

Dorgival Firmino do Vale é um paraibano lá das bandas de São João do Sabugi, que pela década de 30, após escapar do grupo de Lampião onde passou algum tempo como prisioneiro, abandonou as terras paraibanas e vem se fixar de vez no sertão dos Inhamuns. Dorgival é fazendeiro e como tal gosta de contar histórias verídicas, naturalmente, que acontecem na labuta diária em sua fazenda. Conta Dorgival que sua esposa, sempre que ele saía para o campo, encomendava: “Doge, vê se você traz do mato um papagaiozi-

nho novo para a gente criar. Diabo de papagaio mulher, eu tenho mais o que fazer". Certo dia, entretanto, estava Dorgival campeando um boi, quando avistou, saindo do olho de um Aroeira, uma velha papagaia. Então, se lembrou: agora eu vou atender ao pedido da mulher. Do jeito que estava de perneira e gibão subiu na Aroeira e, de fato, encontrou um ninho de papagaios com 2 bruguelinhos dentro. Pegou os bichinhos e colocou na algibeira do gibão. Mais adiante, Dorgival encontrou o boi que estava procurando e botou o cavalo no bicho. A carreira ia muito alta e vez por outra Dorgival ouvira uma vozinha fina gritar: "Pega o boi Doge, pega o boi Doge". Imaginou ele, que alguém estivesse correndo atrás de si. Adiante, derrubou o boi e olhou para trás e não viu ninguém. "Oxente, que diabo é isso?". Foi quando se lembrou dos papagaiozinhos. Meteu a mão na algibeira e colocou um dos bruguelinhos na palma da mão. O bichinho olhou para ele com os olhinhos arregalados e disse: "Eta Dogim macho". Onça nos Inhamuns é uma espécie quase extinta, mas na fazenda do Dorgival, ainda, existem muitas. Dorgival que acostuma acordar com escuro para tirar o leite, certo dia, ao arrelhar uma vaca, por sinal muito mansinha, notou que a vaca não queria aceitar o bezerro. "Que diabo tem esta vaca que está aos pinotes?". Mesmo assim, a muito custo conseguiu tirar o leite da vaca. Ao terminar que foi desarrelhar o bezerro, qual foi a sua surpresa. Dorgival havia arrelhado uma enorme onça maçaroca na mão da vaca. Conta o nosso amigo Dorginho, que nesses anos de seca conseguiu ele escapar dez vacas de leite só com água de melancia de sua vazante. Esse artigo foi publicado no jornal Folha dos Inhamuns em novembro - dezembro de 1986".

A respeito da figura folclórica do Coloral, figura típica da nossa Tauá, o colega e amigo delegado de polícia João Castelo Sobrinho, conta-nos a história seguinte, fruto da sua vivência histórica da nossa sociedade. Narra o eminente tauaense:

Coloral era exímio frequentador de funerais em Tauá.

Não perdia um sequer. - Era o primeiro a chegar.

Certa feita veio a óbito um ilustre tauaense.

Chegando ao velório do ilustre cidadão, viu uma cena inusitada:

Uma das filhas do morto em torno do caixão aos prantos a clamar...

Papai, eu sei que o senhor vai fazer uma viagem, mas o senhor promete que vai voltar? No que intercede o Coloral: É muito difícil...!!! Moça!.

Outra figura folclórica da nossa Tauá foi o Senhor Manoel Alves Feitosa, conhecido por "Né Pão Quente". Essa personagem tauaense caracterizava-se por ser exímio frequentador dos nossos meios políticos e com eles dividir ou compartilhar o anodatório político da cidade.

O vendedor de pães conhecido pela alcunha de "Amaro" foi figura folclórica de Tauá. De balaio de pães às costas, saía pelas ruas de nossa cidade a vendê-los utilizando para tanto, os trejeitos comuns do vendedor de rua e o seu carisma social.

No universo do tempo, também me lembro da figura de apelido "Zé Boião". Este com a sua cesta de pães por sobre a cabeça, saía a vendê-los pelas ruas da cidade. O que se verifica de engraçado na sua história, é que o título que lhe fora atribuído de "Zé Boião", serviu de apelido (gozação) a vários de nossos conterrâneos.

E quem não recorda do "Zé Capivara" e do "Zé Mucunzá". Cidadãos simples e cordiais da nossa Tauá saíam à rua com suas caixas de engraxate às costas, a cata de clientes. Era a profissão a fonte dos seus sustentos e da família.

O anão Dedezinho de Santo Antônio, Carra-pateiras, por ser, à época, reconhecido como o menor homem do Brasil, pelo inusitado de suas proezas, participou, inclusive, do então programa do Chacrinha da Rede Globo de TV.



XCII - Abrahão Setúbal de Holanda e o famoso, O Beco do Abrão

Filho de Isaias Setúbal de Holanda e Magdala Holanda Lima nasceu no dia 16 de julho de 1019, na antiga Escola Fazenda de Tauá, hoje, sede em construção da Prefeitura Municipal de Tauá, observando-se, todavia, que consoante informação prestada por sua filha Maria Luiza, próspera comerciante desta nossa cidade, aquela área de terras foi doada por seus pais ao município. Com a doação, seus genitores mudaram de residência para a localidade Repouso, fazenda própria, posteriormente desapropriada pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. Abrahão alfabetizou-se em Terezina - PI, onde aprendeu a assinar o seu nome, as quatro operações aritméticas, para então, tirar seus documentos. Ainda jovem, conduziu por vezes diversas a cidade de Floriano no vizinho estado do Piauí, tropa de cavalos, com o objetivo de comercializar produtos oriundos de nos-

sa terra, ao tempo que de lá trazia tecidos, revendendo-os ao ilustrado tauaense "Tio Né Parmênio", o único comerciante do ramo de tecidos à época. Abrahão nasceu no dia dedicado a Nossa Senhora do Carmo. Batizou-se e se casou na Igreja da Vila de Flores, Trici, também, por coincidência, talvez, nos dias 16. Casado com Maria Rodrigues de Matos, conhecida por Dona Dodô, teve com ela cinco filhos: Vilma Maria, Luiza Magdala, Rita, Willias e Clelnice. Com o passar do tempo, Abrahão dedicou-se a compra e venda de animais, milho, feijão, peles das mais diversas, sempre fazendo ponte comercial com as feiras do Cariri, Senador Pompeu e Fortaleza. Suas viagens demandavam sempre uma média de 8 a 10 dias.

A localidade onde residiu por muito tempo, aliás, e que ainda hoje se destina a residência de parte dos seus familiares, localizada na Rua 7 de setembro, hoje Gervinia Maria com Avenida José Rêgo, passou a ser por todos os tauaenses conhecida, pelo nome de "BECO DO ABRAHÃO". Segundo informações colhidas de sua filha Maria Luiza, seu pai caracterizou-se juntamente com o seu amigo Enéas, pela caridade que prestava ao povo da nossa cidade e pelas doações que fez em vida. Com a imprescindível ajuda do Senhor de nome Nascimento, proprietário de um dos únicos meios de transporte de então, diz Maria Luiza, costumava prestar socorros aos pobres levando ao hospital, quando necessário. Abrahão pela sua forma característica de ser, simples, bom de coração, amigo e de se portar perante os seus, tornou-se como outros, grande exemplo para os seus conterrâneos de então e para a história de nossa terra.

Aliás, O Professor Lulu Lima, apaixonado por sua terra, nossa terra, nossa gente, no ano de 1989, publicou um artigo no Jornal Folha dos Inhamuns, em o qual reverenciando Abrahão, ao nomina-lo de "Cavaleiro dos Inhamuns", dizia:

"O asfalto estendeu o seu manto negro sobre os tabuleiros, as distâncias encurtaram, o progresso chegou. As pessoas modificaram os seus hábitos de vida; Abrahão, meu primo, um tauaense cinquentão, de quase dois metros de altura, corpo de Hércules e coração de menino, em nada mudou. Sua maneira de ser, seus costumes, não sofreram modificações. Conserva nos gestos e atitudes a simplicidade e a franqueza dos antigos cavaleiros dos Inhamuns, sempre cavalgando na sua montaria. Abraão é um Dom Quixote sertanejo . Seu fraco mesmo é percorrer as estradas empoleiradas dos Inhamuns comprando, vendendo e trocando animais. Em Tauá, para realização dos seus negócios e encontros com os amigos, Abrahão tem um bar. O ambiente é simples: uma geladeira, uma mesa e algumas cadeiras. Todavia, o que chama atenção dos frequentadores é a singularidade da decoração e de tudo o que não se costuma ver no estabelecimento dessa ordem. Pelas paredes, estão pendurados chapéus de couro, chocalhos, cangalhas, selas, cabrestos, esteiras, cabeçadas, espo-

ras, foices, enxadas e mais uma infinidade de instrumentos e apetrechos de uso do campo. Como bom sertanejo, Abrahão é fervoroso devoto do Padre Cícero. Sua residência está repleta de imagens do santo de Juazeiro. Abrahão Holanda é casado com a Dona Dodô, uma boníssima senhora. O casal divide suas alegrias com os seguintes filhos: Rita, Magdala, Maria Luísa, Vilma, Wilias e Doralice. Mas a grande paixão do nosso Herói é a vida de Cavaleiro andante. Mesmo estando dentro do bar, está sempre de chapéu de couro na cabeça, chicote nas mãos, esporas nos pés, e seu inseparável cabo de chifre, cinta e o cavalo selado na porta preparado para partir a qualquer momento. Assim é o nosso Abrahão, um bom filho, um bom esposo, um pai de família exemplar, leal, amigo e, acima de tudo, um conservador, um amante da tradição e dos costumes de sua terra”.

Outra figura típica da nossa terra é encontrada na pessoa do Senhor Raimundo Andu. Este cidadão tauaense foi em verdade, então, o verdadeiro gari da cidade. Com vassoura, pá e dirigindo o seu carinho de mão, pela cidade, passava e recolher o lixo, tornando a cidade mais limpa, agradável e acolhedora.

Não se pode esquecer, ademais, o enfermeiro Luiz Manteiga. Carismático, profissional equilibrado, competente, sabia como ninguém depois de absolver a prática da enfermagem adquirida da vivência diária, exercê-la com propriedade. Lembro-me de Luiz Manteiga, diariamente passando de frente a minha residência à época, localizada na Praça Henrique Andrade, descendo do Alto Brilhante onde morava com a família, vestido no seu característico traje branco, indo ao alcance dos seus “pacientes”. Era ele, Luiz Manteiga, o aplicador oficial de injeções e curativos nos tauaenses e o auxiliar maior dos médicos Dr. Alberto Feitosa Lima e Júlio Rêgo, quando se dispunham a fazer, quando possíveis cirurgias na nossa cidade e, pasmem, no velho casarão onde hoje serve de base à Secretaria de Saúde do Município.

A mesma prática deu-se, talvez em igualdade de situações, com outro enfermeiro prático de Tauá de nome Abemor Lima. Foram velhas práticas que, aprimoradas se perderam no tempo.

XCIII – O misto do Chico Lôbo

E quem não se lembra do “Misto do Chico Lôbo”. Esse transporte confeccionado na carroceria de um caminhão Chevrolet, servia à ligação do povo tauaense a capital do Estado. Era o meio de transporte de passageiro de então. Fazia o



Foto: Memorial Fotográfico do Transporte Coletivo de Passageiros do Ceará

percurso Tauá-Fortaleza, semanalmente, rompendo as barreiras difíceis e imensuráveis da estrada carroçável Tauá, Mombaça, Quixeramobim, Quixadá, Fortaleza.

Do misto do Chico Lôbo, ademais, lembro-me de uma cena triste ocorrida aqui em Tauá, quando, determinado dia, transportava em cima da sua boleia, como era conhecida a cabine de transporte dos seus passageiros, o corpo inerte de um jovem tauaense de nome José Fernandes que havia falecido, salvo engano por afogamento, na ponte de todos nós conhecida como "Ponte dos Guarás", uma das primeiras construídas neste município sobre uma passagem existente do rio Carrapateira, cortando a atual BR-020. Foi comoção geral, inigualável na cidade.

XCIV - advento do ônibus



Depois veio a modernidade com o advento do ônibus substituindo o Misto. Fazendo o mesmo trajeto, agora quase que diariamente, surge o Expresso Salgado e depois Redenção, tornando, assim, a viagem que se fazia sofrida, então melhor e mais confortável, inclusive, diminuído distâncias, facilitando e favorecendo a comunicação entre o

sertão e a capital. Na atualidade, Tauá é servida, pelas empresas Princesa dos Inhamuns e Gontijo, que fazem o transporte regular de passageiros da nossa região aos vários pontos do nosso país. Vejam-se fotos abaixo.



Foto retirada da internet

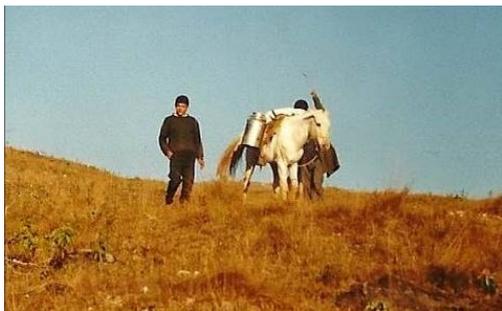


Foto retirada da internet

XCIV - A tradição da venda do leite porta a porta do freguês

Nesse espaço, encontro a figura ímpar e por todos conhecida de Dona "Bastiana", ou melhor, Sebastiana Fernandes Ferreira, filha ilustre e de tra-

dicional família tauaense. Bastiana é filha de Dona Francisca Fernandes da



Encarnação, a verdadeira introdutora da venda de leite a porta de casa na nossa cidade. Dona Francisca, em verdade, além de introduzir Bastiana nesta tradição que permanece no seio da família tauaense ao longo dos anos, também o fez em relação a sua filha Maria Fernandes da Silva. O comércio do leite a porta de casa se caracteriza pela sua venda a do-

micílio, isto é, a vendedora adquire o leite diretamente do produtor e sai pelas ruas da cidade, porta em porta, antes no lombo do jumento e até mesmo na força braçal, ou hoje motorizado a vendê-lo. A tradição da venda de leite porta a porta permanece latente no tempo.

XCVI - A tradição da pesca e da comilança do peixe a beira do açude



Tradição secular vigente em nossa terra no que diz respeito ao costume social/diversão, da pesca artesanal em açudes, ou mesmo em pequenas poças restadas nos leitos secos de nossos rios, não com o propósito de venda, todavia, de ingerir o peixe, tratado, feito de imediato, a beira destes mananciais aquários. Diversão que ainda permeia nos tempos atuais.

Essa tradição tem se perpetuado em nosso meio, herdada que foi dos nossos ancestrais índios. O homem hoje, louvando-se nessa herança abençoada, foi por mim vivenciado por anos a fio, principalmente, quando aqui na nossa terra a diversão ainda não se apresentava como nos tempos atuais. A inexistência da diversão acentuada levava o homem a se aparelhar de instrumentos artesanais próprios à pesca (galões, tarrafas, azois, etc.), a maioria das vezes reunidas em família, armá-los em leitos de açude ou mesmo, como disse poças restadas de rios ou riachos, cheios em bons invernos, e, logo após, como o produto pescado (Curimatãs, Dourados, Traíras, etc.), devidamente tratados, movido a uma boa cachaça, cerveja ou outra bebida quente, com fogo ardente alimentado por madeira bruta, em trempe como se diz de pedra batida/tosca, caldeirão ao fogo, temperos diversos (cebola, tomate, cheiro verde à vontade, sal, pimenta, etc.) e, o principal, o peixe, após cozido, servido a todos em pratos simples (de plástico), acompanhado de um gostoso pirão a base de fari-

nha de mandioca lavada com o caldo dessa tradição, inesquecível e vigente iguaria regional, a todos servido à beira daqueles mananciais.

Lembro-me de muitos cultuadores dessa tradição na nossa Tauá. Destaco por ter com eles convivido mais diretamente e quase que semanalmente, quando iniciei a minha vida profissional nessa nossa terra querida nos idos de 1979, até sair para abraçar a magistratura, por opção de vida e ideal, em meados de 1984, das pessoas de Antônio Paulista, meu parente por aproximação, porquanto irmão do meu "Pai Augusto", consorte de minha tia e saudosa Elza, o Magro, o Ceará, o Manoel Mota, o Benedito, o Chico, o Seu Alonso, pai da minha cunhada Neusa, do meu primo Cícero e do Novinho. E o Paramoti? Esse cidadão respeitado de nossa Tauá, relojoeiro de renome pela seriedade emprestada ao seu trabalho e talento, com a sua família e a minha, aos domingos, nos deleitava de forma salutar com a tal prática. Bons tempos aqueles!

XCVII - A tradição de lavar roupa à beira do rio – as lavadeiras de Tauá



Quem não se lembra das lavadeiras, batendo a roupa nas pedras dos rios, riachos, existentes na nossa cidade? Seus dias, o trabalho incansável e dedicado começava antes mesmo do alvorecer do dia e se prolongava a maioria das vezes, até ao anoitecer.

Apoderando-se no melhor lugar na pedra do rio ou riacho, no melhor lugar para estender a roupa a corar ao sol, ali construam a suas vidas, as suas economias.

Tauá, apesar de a modernidade ter trazido instrumentos de aprimoramento da mão de obra humana, nos mais diversos campos de atividade, mantém mesmo a passos pequenos, a tradição de se lavar roupa à beira do rio.

Essa atividade, praticada por mulheres de pequeno poder aquisitivo, tem o potencial da ajuda ou mesmo o próprio sustento da família.

Essa atividade consiste, basicamente, em ir às lavadeiras por buscar a roupa as casas das senhoras para quem prestavam os seus serviços. Contavam as peças grandes e as miúdas, pois cada qual tinha o seu preço ou preço ajustado previamente. Então, a roupa era trazida como num atado (trouxas)²⁸⁰ até o rio. Aí, desfeito o carregamento, toda a roupa, peça por peça, era ensaboada com sabão. Ficava a roupa em sabão, geralmente, de um dia para

²⁸⁰ Pacote feito com tecido para guardar ou carregar objetos: trouxe suas roupas numa trouxa.

o outro, ou durante algumas horas. Só depois se lavava amossando-se peça por peça, com o dito sabão, tirando-se o primeiro sujo, lavava-se em seguida e, depois de corrida naquela água corrente e limpa, voltava-se a ensaboá-las, estendendo-as a corá-las ao sol. Durante o dia, várias vezes se regavam a roupa, a fim de não secar o sabão que continha. Era uma regra a não descurar. Determinada altura do dia dava-se uma volta à roupa no coradouro. Dizia-se mesmo: "Vou dar volta à roupa". No fim do dia, às peças mais brancas, como lençóis, e a roupa mais delicada ou branca, tirava-se-lhes aquele sabão do coradouro. Depois de seca, bem sacudida, dobrada e engomada, devolvia-se ao dono mediante a paga ajustada.

Essa atividade do meu conhecimento foi ao longo dos anos praticada e é praticada na atualidade, mesmo de forma incipiente, apesar da máquina, pelas tauaenses: Dona Todinha, Dona Preta, Dona Geraldina Fernandes, Dona Eleuzina, Dona Hermínia Evangelista, Dona Ana Pelônia, Fátima Mesquita, Maria das Dores da Conceição, Dona Alzira do Moreninho, Dona Dontina Capuxu, Dona Socorro Félix, Dona Rosa do Zé Nogueira, Dona Fransquinha do Capuxu, Dona Socorro Félix, Dona Rosa do Zé Nogueira, Dona Toinha do Charuto, Dona Antonieta do Vavá, Dona Luiza Miúda, Dona Melada, Dona Alzira Bolosa, Dona Maria Soares, Dona Toinha, Dona Neta, Dona Vilanir Teixeira, Dona Preta, Dona Chaguinha Colibris, Doma Maria da Mombaça e outras.

XCVIII - Lendas. Tradições que se perpetuaram no tempo

O sertão nordestino, e porque não dizer a nossa Tauá, são recheados de lendas e histórias, que cultuadas ao longo dos tempos, transformaram-se em passagens folclóricas que, ao meu viso, pelo seu inusitado, algumas merecem destaque.

XCVIII.I - A maldição do homem-jumento

A maldição do homem-jumento de Tauá, contada ao jornal Tribuna do Ceará²⁸¹ pelo conterrâneo João Oliveira tem a narrativa citada abaixo, contada ao mencionado cidadão:

"Essa história que vou contar é do tempo do meu avô. É muito antigo e já aconteceu com um conhecido nosso da época", revela. Dentre as verdades e lendas contadas, João frisa que a tal história contada pelo avô é mais real do que se imagina. E diz: "Isso acontece com homem que faz coisa errada, que é



²⁸¹ Disponível em: Tribunadoceara.com.br.

mau. Um cara que comete um crime ou, então, alguém que tenha três ou quatro mulheres ao mesmo tempo”, lembra. - Um homem, a partir de um erro, herda uma maldição. Agora, durante toda a vida terá que se transformar em jumento a partir da meia-noite de todo dia. João relata que, o indivíduo escolhe um local para se transformar em animal, um quartinho ou até o estábulo. A partir da transformação, o homem-animal sai em disparada, aterrorizando pessoas, dando coices e mordidas. “Dizem que quem encontra com ele não sai vivo. É um bicho do mal”, alerta. Essa fase dura até às 3h da madrugada. Com o primeiro canto do galo, o jumento deve voltar ao esconderijo para tornar-se humano novamente. Mas como todo vilão, há sempre uma forma de reverter o encanto. A lenda relata que, um corajoso pode quebrar a maldição do homem jumento. “Basta que o valente fure o bicho com uma faca, mas tem que ser com a mão esquerda. Com a mão direita não vale”, destaca João. Após esse combate, João dá a certeza de que o amaldiçoado nunca mais volta a ser jumento. O “problema é que o ferimento da faca persiste na fase humana, por isso, deve-se ter cuidado ao dar o golpe no animal”.

XCVIII.II - lenda do papa-figo



Segundo conta a lenda, esse ser é um homem velho e maltrapilho que vive perambulando com um saco nas costas, onde guarda os ossos das crianças que ele capturou. Também conhecido como “homem do saco”, essa figura teria a intenção de pegar crianças para comer seus fígados, por isso o nome “papa-figo”. Em algumas versões, ele teria a aparência de um homem idoso, em outras, possui também grandes orelhas e dentes de vampiro. A história é contada para as crianças com a finalidade de causar medo e de afastá-las de estranhos.

XCVIII.III - A lenda do lobisomem



A lenda do lobisomem, de origem europeia, tem várias versões. Uma delas conta a história de um homem que, por castigo divino, foi condenado a se transformar em lobo nas noites de lua cheia.

XCVIII.IV - A lenda da mula sem cabeça

A mula sem cabeça é uma lenda que se espalhou pelo Brasil inteiro e é utilizada para prevenir as mulheres, a não se envolverem com padres. Tudo aconteceu quando uma mulher que se apaixonou por um padre teria sido amaldiçoada, transformando-se em uma mula com chamas de fogo no lugar da cabeça.



XCVIII.V - A lenda do saci-pererê



Saci-pererê é uma lenda que tem origem na região Sul. A presença dessa figura lendária, conhecida por ter uma perna só, explica o sumiço de pequenas coisas, a troca de sabores nas comidas, entre outros mistérios.

Travesso, o Saci esconde os dedais das costureiras, troca os recipientes do sal e do açúcar, para confundir as cozinheiras, e trança o rabo dos cavalos, tudo para confundir as pessoas.

XCVIII.VI - A lenda do caipora

Caipora, lenda conhecida em todas as regiões do Brasil, sem que se saiba qual a sua origem, narra sobre a criatura que tem a função de proteger a floresta. Para tanto, recorre a armadilhas e pistas falsas aos caçadores.



XCVIII.VII - A lenda do bicho-papão



A lenda do bicho-papão, sem origem conhecida, fala sobre um monstro que amedronta as crianças desobedientes. O mesmo fica em cima do telhado a espera dos maus comportamentos, para atacar as crianças e até mesmo comê-las.

Outras lendas subsistem ademais, todavia, por falta de dados deixo de citá-las.

XCIX – Cantigas de ninar – tradições que permanecem no tempo

As canções de ninar são o primeiro objeto cultural a que temos acesso na vida e formam um gênero poético-musical que nasce, especialmente, para acalmar na hora de dormir.

Encanta-me, pois, nesta perspectiva, lembrar que referida tradição por todos nós passou e permanece latentemente, firme no costume das famílias brasileiras, do Ceará, da nossa Tauá.

As cantigas de ninar, na minha concepção, como primeiro objeto cultural a que temos acesso na vida, celebram a vida, acariciam o ego e fazem adormecer a alma, o espírito, levando o homem à plenitude da calma.

Aliás, certa feita lendo a respeito do potencial das cantigas de ninar no homem, encontrei essa pérola de citação, a qual faço questão de referir. Dizia o autor: “... e vasculhar bem suas memórias mais profundas, talvez se lembre de que muitas de suas lembranças sonoras mais antigas são canções de ninar, entoadas por vozes familiares, talvez de uma avó, um pai, mas muito provavelmente de uma mãe. A voz materna e as canções de ninar estão aí para nos lembrar, que certos sons são fundamentais para sustentar a arquitetura de nosso ser, chegando até a ter potencial curativo”.²⁸²

E não são poucas as canções há tempo projetadas e utilizadas pelas mãezinhas, no acalmar das suas crias. O tempo, senhor da vida, cuidou de preservar a prática, o costume, daí porque, neste meu trabalho, fiz questão de relemburar, até mesmo como forma de enriquecimento da memória, porque todos nós por ela passamos e a direcionamos após, aos nossos filhos, aos nossos descendentes.

Relembremos, portanto, algumas das mais famosas cantigas de ninar.

“Nana Nenem”

Nana neném

Pra Cuca não pegar

Papai foi pra roça

Mamãe foi trabalhar

Nana neném

Que pra Cuca não pegar

Papai foi na roça

Mamãe foi trabalhar



²⁸²Disponível em: <https://lunetas.com.br/cancoes-de-ninar/>.

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino
Que tem medo de careta

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino
Que tem medo de careta



Bicho papão, sai de cima do telhado
E deixa este menino dormir sossegado
Bicho papão, sai de cima do telhado
E deixa este menino dormir sossegado



“O Cravo Brigou Com a Rosa”

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada

O cravo ficou doente
E a rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada

O cravo ficou doente
E a rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar

"Samba Lelê"

Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de uma boa lambada

Samba, samba, Samba ô Lelê
Samba, samba, samba ô Lalá
Samba, samba, Samba ô Lelê
Pisa na barra da saia ô Lalá

Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de uma boa lambada

Samba, samba, Samba ô Lelê
Samba, samba, samba ô Lalá
Samba, samba, Samba ô Lelê
Pisa na barra da saia ô Lalá



"Sapo Cururu"

*"Sapo Cururu na beira do rio
Quando o sapo grita, ó Maninha, diz que está com frio
A mulher do sapo, é quem está lá dentro
Fazendo rendinha, ó Maninha, pro seu casamento²⁸³"*



"Murucututu"

*"Murucututu
De trás do murundu
Murucututu
De trás do murundu
Já vem assim a velha
Lá da banda do angu*

*Já vem assim a velha
Lá da banda do angu
Murucututu
De cima do telhado
Murucututu
De cima do telhado
Deixa este menino
Dormir sono sossegado
Deixa este menino
Dormir sono sossegado
Jacaré tutu
Jacaré mandu
Tudo vai-se embora
Não pega o meu filhinho
Murucututu”*



*“Essa Menina”
“Essa menina não dorme na cama
Dorme na limeira debaixo da rama
Xô xô, passarinho,
Não me coma esse arroz
Esse arroz é de Iá Iá
Que me mandou apanhar²⁸⁴”*



*“Acalanto”
“É tão tarde
A manhã já vem

Todos dormem
A noite também,
Só eu velo
Por você, meu bem
Dorme anjo
O boi pega Neném;*

²⁸⁴ Do CD: Murucututu/ Eugênio Tadeu e Miguel Queiroz.

*Lá no céu
Deixam de cantar*

*Os anjinhos
oram se deitar*

*Mamãezinha
Precisa descansar
Dorme, anjo
Papai vai lhe ninar:
"Boi, boi, boi,
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta"²⁸⁵*

*"Nana neném"
Nana neném
Que a cuca vem pegar
Papai foi na roça
Mamãe foi trabalhar*

*"Boi da cara preta"
Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino que tem medo de careta*

*"Dorme menina
Que eu tenho o que fazer
Lavar e engomar
A roupinha pra você"*

*"Desce Tutu
De cima do telhado
Vem ver se essa menina
Dorme um sono sossegado"*

"A canoa virou"
A canoa virou
Pois deixaram ela virar
Foi por causa de Maria
Que não soube remar
Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar
Eu tirava Maria
Do fundo do mar
Siri pra cá,
Siri pra lá
Maria é bela
E quer casar.



"Como É Seu Nome"

Como é, como é, como é seu nome?
Quero conhecer você!
Meu nome é FULANO
Muito amigos vamos ser!



"Se Essa Rua Fosse Minha"

Se essa rua
Se essa rua fosse minha
Eu mandava
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Para o meu
Para o meu amor passar
Nessa rua
Nessa rua tem um bosque
Que se chama
Que se chama solidão

Dentro dele
Dentro dele mora um anjo
Que roubou
Que roubou meu coração
Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
Tu roubaste
Tu roubaste o meu também
Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
É porque
É porque te quero bem

Enfim, as canções de ninar, no Brasil, são conhecidas também como nana-neném, nana ou acalanto. Foram trazidas pelos portugueses, porém, adaptadas às culturas indígena e africana, que também contavam com suas próprias melodias para embalar as crianças.

As melodias são suaves e privilegiam as notas médias e graves, que são mais tranquilizantes. Provavelmente, também era um recurso utilizado para não despertar as demais pessoas que estavam no mesmo cômodo.

Quanto às letras, as temáticas podem variar. Há frases de proteção para a criança, como é o caso do "*Bicho-papão*"; mas também de ameaça, como o "*Boi da Cara Preta*". Igualmente, há aquelas que fazem referência aos elementos do cotidiano como "*Dorme, Menina*".

C – A tradição dos profetas da chuva

Essa tradição remonta a inteligência e a vivência do homem sertanejo ao longo dos anos.

O Encontro dos Profetas da Chuva dos Inhamuns, começou a ser realizado em caráter mais recente, em 2015, por iniciativa dos campi do Instituto Federal de Educação – IFCE, de Tauá e de Boa Viagem. O evento tem parceria com a Universidade Estadual do Ceará - UECE. Antes, acontecia em outras regiões do Ceará, citando-se, para tanto, o Sertão Central, mais precisamente, a maioria das vezes na cidade de Quixadá.

Anualmente, homens sertanejos comuns reúnem-se para mostrar, dividir suas experiências, debatê-las e, no final, apresentar os seus prognósticos para o inverno do ano.

Assim, prestando atenção nos fenômenos da natureza e seguindo suas intuições, os profetas da chuva ajudam a descobrir quando choverá. O sertanejo vê nessas pessoas cheias de sabedoria um grande reforço no preparo contra estiagens. Suas experiências, para tanto, alcançam notoriedade na observação dos seguintes fenômenos:

- a) Quando as formigas limpam o formigueiro, pondo a comida velha pra fora e trazendo comida fresca para dentro, é sinal de que estão se preparando para uma chuva.
- b) Nos 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, o profeta faz seis montes de sal para cada mês (janeiro a junho) e deixa virar a noite. A umidade de cada monte de sal no dia seguinte, diz em quais meses haverá chuva e o quanto choverá.
- c) Durante o São João, uma garrafa com água, até a metade, é colocada num buraco logo abaixo da fogueira. Após a fogueira apagar, a quantidade de água que sobra na garrafa indica a quantidade de chuva que virá durante o inverno.
- d) Em dezembro, o profeta confere a casa do cupim. Se houver muitas larvas, quer dizer que haverá chuva em breve.
- e) Entre dezembro e janeiro, se o nível da água nas cacimbas aumentar, é sinal de que o inverno vai acontecer.
- f) Se o angico botar resina, é sinal de que o inverno será bom.
- g) Se o João-de-barro construir seu ninho com a entrada virada para o nascente, é sinal de que não haverá chuva.

Nos Inhamuns e na nossa Tauá, destacam-se como profetas da chuva, os senhores: Valderez de Lima, José Roberto da comunidade Lustal, Everardo de Lemos, Antônio Alves, o seu Totonho, oriundo do distrito da Barra Nova.

CI – O DNA do cearense e a origem dos nossos povos, dúvidas que persistem

Recentemente, lendo um trabalho laborado pelo jornalista Edmilson Caminha, constante do Jornal "Focus", intitulado o DNA do cearense, citando paradigma constante do livro "O cearense revelado" (Fortaleza: Instituto

Myra Eliane, 2020), do jornalista e professor Luís Sergio Santos, o qual me chamou a atenção pelo inusitado de suas conclusões e, que achei por bem, parte dele inserir neste meu trabalho que tem como o próprio título nos remete, o propósito de conhecer um pouco das nossas origens, afinal, somos todos cearenses. Diz o autor:

"... Mapeados os genes da espécie humana, tomou-se comum dirimir dúvidas quanto a paternidade duvidosa e a investigação policial de crimes, que antes se arquivavam como insolúveis. Pode-se, também, rastrear o patrimônio genético de grupos sociais que há milênios se identificavam por caracteres físicos, como a cor da pele, ou por valores culturais e religiosos, a exemplo dos ciganos e dos judeus. Avanço da ciência que desmistificou pressupostos, como o da "pureza étnica" e o dos malefícios resultantes dos chamados "cruzamentos raciais". O subtítulo – "uma jornada via DNA desvenda nossa ancestralidade" – já desperta a curiosidade do público, mais ainda se for cearense, orgulhosos que somos do pedaço do Brasil em que tivemos a fortuna de nascer. Desde sempre, quisemos saber das nossas origens, das terras de onde vêm nossas raízes, dos antepassados a quem devemos o destino de correr mundo, a vocação para o comércio, o talento de rir e de fazer rir da própria desgraça... A sofisticada pesquisa "GPS-DNA Origins Ceará" foi realizada no laboratório DNA Diagnostics Center - DDC, em Ohio (EUA), com amostras de saliva coletadas no território cearense. Registrada na Anvisa, teve a supervisão técnica do médico brasileiro Evangelista Torquato e do biogeneticista britânico Eran Elhaik, da Universidade de Sheffield (Reino Unido). O resultado surpreendeu: a par dos genes que nos comprovam a ancestralidade indígena e africana, temos, em maior proporção, material genético a que se dá o nome de "Fennoscandia", característico da... Escandinávia, por incrível que pareça! Descendemos, pois, os cearenses, dos conquistadores vikings, navegantes lendários, o que talvez explique nossa fascinação pelos "verdes mares bravios" cantados em prosa poética por José de Alencar. Amor pelas ondas que nos fez, também, mestres da construção naval, como inventores da jangada, esse prodígio da engenharia náutica, segundo o navegador Amyr Klink."

E, de forma ainda não conclusiva, ainda citando o mencionado autor, afirma-se que com dezenas de tabelas, mapas e gráficos, a pesquisa que se mostra em "O Cearense Revelado", não se traduz mensageira da última pa-

lavra na matéria, fonte de discussões e polêmicas. Estima-se, pois, ao meu viso, pela continuidade dos estudos para que um dia a certeza possa, enfim, predominar e termos em verdade o conhecimento efetivo de quando, de onde e de qual raça nós cearenses, nós tauaenses efetivamente ascendemos.

Aliás, firmou-se a ideia entre nós outros, até mesmo de forma rotineira nos nossos livros de história, a informação de que o Brasil foi descoberto em 1500. Contudo, em 1500, este nosso país foi descoberto somente para o Branco europeu, visto que, como já referido, nossas terras eram habitadas por milhões de índios. Tal marca, por certo, indica não o descobrimento, mas o início da invasão, da conquista e da exploração destas nossas terras. No Ceará, à época do seu descobrimento pelos europeus, sabe-se que apenas dois povos selvagens aqui habitavam: os tupis e os cariris. Essas duas nações indígenas se subdividiam em mais de sessenta tribos, que possuíam os mesmos costumes dos demais povos selvagens que povoavam o Brasil. Nessa subdivisão de tribos, encontravam-se por sem dúvidas os nossos ancestrais "Jucás".

O que se tem, em verdade, neste momento histórico pelo qual todos nós passamos, é que, como já referido em tópicos passados e, mais precisamente na nota de nº 45, os primitivos donos da terra dos Inhamuns foram efetivamente a nação "Jucá".

A propósito, Gomes de Freitas no trabalho, "Os primitivos donos da terra dos Inhamuns", constante da Revista do Instituto do Ceará (fls. 151/155), revela em determinado parágrafo: *"A crônica histórica de nossa terra registra a luta escarniçadas que a nação dos Jucás teve que se sustentar, nos primórdios, com os seus irmãos de arco e, depois, com os povoadores. Eram os nossos avós ameríndios tenazes inimigos da colonização. Tanto assim, que enquanto não foram eles completamente aniquilados pelas armas, não puderam os brancos estender o seu domínio no século XVII, além da aldeia junto ao forte ou além de outro arraial na barra dos rios..."*.

No mesmo trabalho, o autor refere: *"É sabido que o sertão dos Inhamuns era a pátria dos Jucás, antes do período da denominação. E, por esta razão, esses caboclos foram também chamados pelo locativo de terra-berço, isto é, gentio Inhamum, em vez de gentio do Inhamum..."*. Mas ao final, de onde proviemos, pergunta-se?

Hoje, já se conhece mais sobre as origens do povoamento da América: supõe-se que os povos ameríndios foram provenientes da Ásia, entre milhares de anos atrás. Teríamos chegado por via terrestre por meio de um "sub-continente" chamado Beríngia, localizado na região do estreito de Bering, no extremo nordeste da Ásia. - Nada, pois, conclusivo.

Ademais, não há, infelizmente, para desvendá-lo de tão instigante notícia, sinais de complacência ou concordância entre os ramos da genética e da arqueologia, ambas as ciências utilizadas para tanto. A polêmica persiste. O que parece claro na voz unânime dos estudiosos que se deparam ao exame do assunto, é que nós humanos fomos, extremamente, rápidos a ocupar os mais

diversos pontos deste imenso espaço terreno com adaptação coerente em todos os habitat, os quais foram se modificando sensivelmente.^{286/287}

Dúvidas muitas, ainda persistem. Todavia, no meu pensar, sem pretender polemizar, traços evidentes existem da entrada desses povos indígenas vindos de outras plagas, até mesmo imbuído pelo espírito nato aventureiro do homem. O certo é que não proviemos do nada e que, pela miscigenação ocorrida, entre asiáticos, europeus, índios, negros africanos, somos uma raça de múltiplas características, o que torna indefinida até agora, penso, as origens do nosso índio e da nossa própria gente. Continuemos, portanto, na aventura dos estudos das nossas origens para que um dia, talvez, cheguemos a um desiderato comum.

CII - Álbum de recordações – capítulos de uma história vivenciada que ajudam a construir e perpetuar lembranças – cada fotografia uma história um fato

Há algum tempo, quando ascendi ao Colendo Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, no honroso cargo de desembargador, em determinada tarde, tive o prazer de receber no meu gabinete um jovem advogado tauaense, Dr. Thiago Emanuel Alexandrino Oliveira, o qual me trazia por incumbência, privilegiar-me com um presente que a mim fora encaminhado por um dos gêmeos, filhos do falecido conterrâneo Aluizio Tetê (fotógrafo à época de escola), no caso, o colega de infância “Joaquim”, ou melhor, dizendo, como é por todos nós conhecido, “Quincas do Aluizio”, que para minha surpresa, ao abrir aquele pacote, deparei-me com um amontoado de fotografias tiradas do acervo do seu querido pai e que diziam respeito à memória fotográfica da nossa Tauá. Eram fotos, muitas das quais borradas pelo tempo e até mesmo pelas condições tecnológicas de então, mas que guardavam e revelavam fatos e histórias por todos nós filhos de Tauá vivenciados.

Guardieias com carinho no meu arquivo pessoal e, cá para nós, com o propósito de um dia utilizá-las. Chegou, pois, o momento! Não pensei duas vezes! - Neste meu trabalho, penso o espaço para tanto foi revelado. Delas aproprio-me com a permissão do meu querido “Quincas”, para aqui postá-las, contando na minha visão e experiência experimentada, fatos e histórias a cada uma delas pertinente. Aliás, como dizia o sociólogo e filósofo francês, Roland Barthes nos idos do século passado, “a fotografia perpetua o passado, carrega consigo as representações sociais e o cotidiano de determinada época, ela envolve, transmite, evidência e instiga o observador, a analisar aquele indício de realidade que se apresenta na fotografia, provocando emoções universais e distintas a cada indivíduo que a observa”.

Cada foto daquele precioso e privilegiado presente fez-me revolver ao tempo, reviver histórias, fatos que se foram, mas que ficaram gravados, es-

286 Oliveira, Lizete Dias de. Síntese Histórica do Povoamento do Rio Grande do Sul. In: Silveira, Elaine da & Oliveira, Lizete Dias de (orgs). Etnoconhecimento e Saúde dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul. Editora da URBRA, 2005, p. 11.

287 Canclini, Arnoldo. Así nació Ushuaia. Editora Dunker, 2009, pp. 11-13.

tanques no mais profundo da minha memória e que agora tenho por acordá-las. Obrigado amigo "Quicas", o seu presente tem preço inestimável!



As imagens fotográficas mostram a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, localizada na Rua Coronel Lourenço Feitosa, uma das principais artérias públicas de Tauá, e que serviu à época, de palco para a instauração da Vila de São João do Príncipe, hoje, cidade de Tauá. Ao tempo, o mencionado templo religioso era cercado por logradouros de terra plana, apiçarrada e grandes pedregais. Ao lado do templo religioso centenário, vem-se a Casa Paroquial adquirida em 1910, além de outras construções do tempo. Lembro, ademais, ao rever, principalmente, as duas últimas fotos expostas, das missões comandadas na nossa paróquia, vez por outra, pelo Santo Frei Damião. Naqueles momentos de pura dedicação e devoção espiritual, pela madrugada, a multidão católica sobre o comando do referido missionário saía pelas ruas, então escuras de nossa Tauá, em procissão que desaguava ao final, no patamar de nossa Matriz, onde pregações envolvendo o nome de Deus Pai, das mais eloquentes eram evocadas e que a todos contagiava. Lembro nas semanas Santas sob o comando do nosso Pároco "Padre Odorico", também o povo católico ser convocado a comparecer ao nosso Templo religioso sob o som inquestionável de uma "matraca", isto é, instrumento feito de um pedaço de madeira com uma plaqueta ou argola que, se agitada, fornecia barulhentemente o inconfundível som.



Na fotografia acima é retratada a secular casa da Família Borges, localizada na então conhecida Rua 7 de Setembro. Nela, residiram e residem, na atualidade, familiares da tauaense ilustrada - Farmacêutica Nenê Borges - e Luiz Borges.

Aqui, lembramo-nos da nossa principal praça comercial. Dias movimentados em passado não muito longínquo. Na mesma foto vêm-se dois pontos característicos



existentes ao tempo: Os quiosques do Neco Pinto e do Zé Wilson, pontos comerciais dedicados à venda do cafezinho. Foram elas as nossas cafeterias por muitos e muitos anos. Ao meio, a visão frontal da bodega do Sr. Filó e do Mercado de carnes, ponto tradicional e característico da nossa cidade, também destruído pela ação inconsequente de administradores públicos.



Através desta fotografia, espaço público reservado, lembro, as atividades administrativas do nosso município. Aí funcionou a sede da Prefeitura Municipal e, atualmente, funciona a Câmara de Vereadores. Neste prédio centenário de Tauá, foram vivenciados no seu espaço superior, pela total ausência de sede do judiciário local, grandes julgamentos (Juris Popular), presididos por grandes magistrados cearenses, já idos, José Elder Mesquita, Idelmar Pereira Matos e outros. Também deste ambiente secular, aconteceram as transmissões importantíssimas, para a época, da Rádio Club Tauaense. Em destaque para os inesquecíveis locutores: Abemor Meireles, Chico Mota, Antônio Carlos de Oliveira "Peroba" e Sebastião Leitão.

A foto mostra grandes comícios acontecidos ao tempo das grandes disputas políticas na nossa Tauá, nos idos de 1973. Ao fundo, o imponente e majestoso Serrote do Quinamuiú, ponto geográfico característico de nossa Tauá.

Neste fato, lembro-me da antiga cadeia pública de Tauá. Este espaço, hoje albergando o Museu Histórico Regional dos Inhamuns, serviu de palco para grandes acontecimentos havidos na nossa terra. Lembro-me, assim, de um inusitado e que me serviu de batismo em meados de 1979, no ingressar da difícil profissão de advogado, tal como já referido alhures. Trata-se, portanto, do primeiro Júri Popular por me enfrentado, o que fiz ao lado do meu querido amigo Dr. João Castelo. Defendíamos e fomos vitoriosos na defesa dos acusados do conhecido e famoso "Crime da Bolacha", caracterizado pelo assassinato de um preso na janela frontal de uma das celas daquele presídio, após um dos acusados pre-



viamente contratado, ganhar a confiança do preso (vítima), dando-lhe bolachas dias a fio, para, após, confiança ganhada, outros virem, momento da entrega do insólito presente, a tiros de revólver, o abater sem dó ou piedade. O Júri Popular foi presidido pelo então Juiz da nossa Comarca, Dr. Francisco Gurgel Holanda.

Por meio desta fotografia, volto ao passado, vislumbrando bem às claras, na antiga e denominada Rua 7 de Setembro, as casas do Senhor Filó e dos meus avós, Beiju e Nenê. Quanta saudade me são envolvidas, principalmente, dos anodatórios contados pelo meu saudoso e querido avó Beiju, o qual pelas suas peripécias produzidas, quando alcoolizado, não sei explicar o porquê, era também conhecido pelo apelido de "Ide".



Nesse fato, retratando centenária caixa d'água de Tauá, ao meu tempo de menino, vivenciei um jovem afoito de nossa terra, não lembro o nome, desafiando a morte, ao plantar bananeira, isto é, em dos seus pilares fincados no seu cume, postar-se de cabeça para baixo, apoiando apenas nos seus dois membros superiores.

Inaugurada nos idos da década de 1960, a Praça da Juventude serviu de palco para grandes desfiles da juventude de então. Aos sábados, domingos e feriados, os jovens de nossa Tauá tinham por costume, ao som da Radiadora da União Artística Tauaense e, às vezes, pela voz da amplificadora do Trici Clube, voltarem vezes a fio pelos seus calçados. Muitas famílias foram constituídas ao redor daquele tradicional costume. No entorno dessa Praça, residiram famílias tradicionalmente patriarcais e ilustres de Tauá, em destaque, as famílias: Dondom Feitosa, Alberto Feitosa, Sebastião Rêgo, Dona Tarcila, Edmilson Soares, Domingos Gomes Aguiar, Teixeira Benevides, Antônio Vieira Gomes, Lili Feitosa, José Alexandrino Nogueira. Marçal Alexandrino, Antônio Gonçalves, José Ósimo Câmara, família Gomes, família Castelo, família Lins, família Gonçalves, família Feitosa, família Cidrão, família Caracas, família Parmênio, Família Lima, família Mota,



família Cavalcante, família Paiva, dentre tantas outras que ilustraram e honraram o nome de nossa terra.



A foto mostra o conhecidíssimo "Bar Escondidinho", de propriedade do meu tio por afinidade, "Dedé Gordinho", palco de grandes e inesquecíveis fatos acontecidos na nossa cidade, principalmente, pelas características folclóricas do seu proprietário. Jogos e campeonatos de sinuca e bilhar ali aconteciam de forma sistemática e usual.

Nas fotos, o prédio do saudoso "Correios e Telégrafos" de nossa terra. Construído nos primeiros anos da década de 1950, ao seu redor praça simples, porém, magestosa. A sua beleza e seus traços arquitetônicos arrojados para à época, tiveram sua destruição decretada de modo inconsequente, para, no seu lugar, servir de palco a uma praça pública hoje existente. A nossa memória histórico-arquitetônica, infelizmente, encontra-se sendo destruída pelo passar dos tempos.



Na foto, uma das mais tradicionais residências de Tauá. Caracterizada por uma arquitetura arrojada aos padrões da época, serviu de morada da família do conterrâneo, fazendeiro e político Júlio Gonçalves.



Na foto, o conhecido prédio, ainda hoje existente de nome "Triângulo", localizado no centro da cidade, albergou vários comércios na época. O espaço também foi destinado à realização de bailes para deleite da sociedade de então. Surgiu e foi materializado dos Sonhos do pecuarista Luís Alexandrino de Oliveira.

A União Artística Tauaense, também conhecida por Cine União, foi palco de grandes eventos artísticas e culturais acontecidos ao longo dos anos em nossa Tauá, Nesse espaço, como já referido, nós tauaenses da antiga, vivenciamos shows de artistas famosos, peças teatrais e cinemas inesquecíveis. O espaço artístico, não esqueceu, destarte, o lado religioso da cidade, porquanto ali alberga imponentemente uma capela



religiosa dedicada ao nosso Santo Padroeiro, São José.

Aqui, em meados da década de 1960, pulsou o coração da iluminação pública de nossa Tauá. Um motor puxado a "diesel", iluminava, mesmo de forma precária e por horas determinada, as ruas e residências de nossa cidade. Lembro que, acionado o sistema, por volta das 18 horas, ao seu fechamento,



em torno de 22:30 horas, três sinais intercalados, minutos contados eram acionados. Era chegada a hora de tudo voltar às escuras. Com a chegada da iluminação provinda do sistema Paulo Afonso, o referido prédio deu azo à edificação da Escola Jorge Massilon Cavalcante.



Nas fotos acima, volto ao meu passado de criança e adolescente. Nesse espaço público, a minha saudosa Praça Henrique Andrade, penso uma das mais importantes e centenárias de nossa terra, bifurcação para os bairros Alto Brilhante, Tauazinho, Centro, Alto da Cadeia, Cruzeiro e outros logradouros importantes de Tauá, serviu de base para a morada de minha família. Aqui nasci e me tornei homem. Aqui plantou morada por muitos e muitos anos, a minha avó Bibiana, a minha tia Elzina, os vizinhos Inocêncio, proprietário de uma fábrica de algodão ali instalada, Edilson Lima, João Fernandes, Antônio Elpídio, Antônio Cardoso, Abner Reis, Santinha Loiola, Tutu, Chico da Adelaide, Raimundo Quincas e outros. Posteriormente, com o progresso advindo, aquela rua eminentemente residencial, deu espaço a progressivo espaço comercial com a instalação no seu meio de um posto de gasolina. No passado, os principais festejos de Tauá aconteciam naquele espaço público: Quermesses, parques de diversões ali eram instalados para deleite de todos nós tauaenses.



Na foto, em plano primeiro, a fachada central do meu inesquecível Ginásio Antônio Araripe, administrado desde data longa, pela Congregação das Filhas de Santa Tereza e que teve, até sua morte, por gestora maior, a idealista tauaense de coração, Irmã Olindina Divina Leite. Nessa instituição educacional, tais quais outros conterrâneos de escola, formatamos os nossos mais fundamentais conhecimentos e que, pela educação séria e rígida a todos nós direcionada, possibilitaram-nos uma escolha de vida profícua e de sucesso.



Acima, destacam-se na foto, colegas queridos e inesquecíveis de ginásio: Feitosa, Manoel Enéas, Dedinha, Iveudo, Chico Dutra, Isa, Creusa, Creusa Carlos, Leonildes, Ilma, Crisanir, Ligia, Fátima, Lídia, Leila, Carlos, Fátima Gonçalves, Geni Loiola, Aurilia, Cemária, Eneida Gonçalves, Socor-

ro Matos, Rosa Carlos, Venerando Alexandrino, Tui, Chico Melo, Miguel Gonçalves, Luiz Matias, Feitosa Moura, dentre tantos outros.



A foto me lembra um fato inusitado. Esse conterrâneo, após ter sua mãe morta pela picada de cascavel, foi dos animais atrás, matou-as e, pelo centro da cidade, em desfile inusitado, mostrou a todos, o produto da sua vingança.

A feira livre de nossa terra no passado. Lembrada por mim em espaço próprio deste meu trabalho, representou o espaço para a exploração comercial e, por consequência, o sustento para vários tauaenses. Pequenos comerciantes de miçangas, vendedores de fumo de rolo, rapaduras, e diversos artigos de utilidades domésticas, eram aqui nessa área expostos à venda.



O antigo posto de saúde de Tauá, localizado na Avenida Odilon Aguiar, lembra-nos à época, as figuras inesquecíveis dos médicos Julio Rêgo, Alberto Feitosa e Domingos Aguiar, bem como os enfermeiros práticos, Abemor e Luiz Manteiga. Esse espaço concebido por uma arquitetura, simples, todavia, arrojada e elegante, pela inexistência de hospital na nossa terra,

albergou grandes feitos cirúrgicos, principalmente, emanados das mãos e inteligência santa do então Dr. Alberto Feitosa. Nesse prédio, funcionou em primeiro lugar, um Posto de Saúde Estadual, depois o Hospital Municipal, depois a sede municipal do Instituto de Previdência do Estado do Ceará, e por último a Secretaria Municipal de Saúde.



Na foto vê-se o inesquecível "Açude da Rua" ou "Açude do Seu Enéas", construído no século passado para servir ao nosso povo. O velho açude transformou-se, na atualidade, no Parque da Cidade, ponto turístico de Tauá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A.; SOUZA, Laura de Melo (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial: 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ACADEMIA TAUARENSE DE LETRAS (site).

ACERVO Histórico do Ceará, documentos do período de 1706 a 1751, que tratam das sesmarias que foram doadas para os Sertões do Ceará.

ÂLCIMO VIANA LIMA, JOÃO. *Anotações históricas dos distritos de Tauá. Caminhar*. Fortaleza 2020.

ANDRADE (1979) apud ARAÚJO, A. M. M. *O Êxodo dos Trabalhadores Rurais para Cidades à Luz de Lefebvre*. 2002.

ANDRADE FEITOSA, Fátima Lúcia de. *Potencialidades turísticas do sertão de Tauá – Região dos Inhamuns – Ceará*. Universidade Estadual do Ceará. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Gestão de Negócios e Turísticos. 2015.

ANTÔNIO JOÃO, Rodrigues de Carvalho. *Memória sobre a Capitania do Ceará*, Agosto de 1815.

ANUÁRIO DO ESTADO DO CEARÁ. 1972 – *Memória Estatística do Brasil*.

ARAGÃO, R. Batista. *História do Ceará*. Fortaleza: IOCE, sd. Volume I.

ARAÚJO, A. M. M. *O Êxodo dos Trabalhadores Rurais para Cidades à Luz de Lefebvre*. 2002.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Sobral: Imprensa Universitária, 1979. Vol. I.

ARAÚJO, Ramundo Alves. *FAMÍLIA E PODER: A construção do Estado no noroeste do século XIX (1830-1900)*. Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em História – MAHIS. 2011.

BARCELOS, Fábio. A Coroa pelo bem da agricultura e do comércio. Arquivo Nacional, 2010.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Chuva de papeis: ritos e símbolos de campanha no Brasil. Rio de Janeiro, 1998.

BERNARDI, B. Introdução aos estudos etno-antropológicos. Lisboa: Edições 70, 1974.

BEZERRA, Antônio. Algumas Origens do Ceará. Fundação Waldemar Alcântara, Fortaleza, 2009.

BEZERRA, Antônio Alves: Lions Clube de Tauá, Memórias. Tauá-CE, 2001.

BEZERRA, Antônio Menezes. NOTAS DE VIAGEM.

BRAÚNA, Lima Aline. Geoprocessamento aplicado à análise da degradação e desertificação no município de Tauá-Ce. Universidade do Estado do Ceará – UECE.

BUENO, Beatriz P. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 17, n.2, p. 215-294, jul. – dez. 2009 (Nova Série).

CARLOS STUDART FILHO (1959, 1961).

CARACAS, Luiz Rocildo Vieira. Família Caracas: síntese genealógica. 2014.

CARACAS, Rocildo Caracas Blog À s 16h24min. <http://rocildocaracasblog.blogspot.com.br/2010/08/familia-caracas-nos-inhamuns.html>.

CARVALHO, Suely. As parteiras existem porque resistem In enfoque feminista. São Paulo (6):32, ano II, agosto/1994.

CASTRO. Bernardo Freire de. Os Jucás dos Inhamuns.

CATUNDA Hugo. O grupo Feitosa na formação social do Nordeste. Revista do Instituto do Ceará.

CAVALCANTE, Francisco Tadeu Bezerra. Notas genealógicas – Família Joaquim Bezerra Cavalcante e Bibiana Pereira do Nascimento. Fortaleza, 2018.

CAVALCANTE (1995) apud ARAÚJO, A. M. M. O Êxodo dos Trabalhadores Rurais para Cidades à Luz de Lefebvre. 2002, p. 109.

CEARÁ. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. Mesas Diretoras do Poder Legislativo do Ceará. Império e República – 1835 – 2016. Organizador Osmar Diógenes. Fortaleza, 2016.

CEARÁ. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. Memorial Deputado Pontes Neto. 2006.

CEARÁ. 1865 da Comarca de Inhamum, dos Liberais e da Família Alves Feitosa, por Elias Costa. 2019.

CEARÁ. Palavra que liberta. Publicado em: 26/06/2007. Editado em: 04/03/2020. Disponível em: <https://vermelho.org.br/estado/ceará/>.

CEARÁ. Arquivo Público do Ceará Datas de Sesmarias do Ceará e índices das datas de sesmarias. Coleção Manuscritos. Volume 7. Nº 524.

CEARÁ. Lei Estadual nº 2677 de 1929 que eleva a Vila com o nome de São João do Príncipe à categoria de cidade com o nome de Tauá.

CEARÁ. Lei Estadual nº 3338 de 1956 que o distrito de Parambu é desmembrado de Tauá e elevado à condição de Município.

CEARÁ. Decreto Lei nº378 de 1938 que denomina a sede do distrito de São Pedro da Cachoeirinha, que faz parte da divisão administrativa de Tauá, a chamar-se simplesmente de "Cachoeirinha".

CHANDLER, B. J. Os Feitosa e o Sertão dos Inhamuns: A História de uma Família e uma Comunidade no Nordeste do Brasil - 1700 - 1930. 1. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1981. 213 p.

CHANDLER, Billy Jaynes. Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns: A história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil – 1700 – 1930. 1. Ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980.

CHAVES, Christiane de Alencar. Festas da Política: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritís/MG). Rio de Janeiro 2003.

CISNE, José Joaquim Neto; CISNE, Ana Thais Carneiro; CISNE, Letícia Maria Carneiro. Poder Judiciário do Ceará – História, autonomia, inovações e desafios. Fortaleza-CE, 2014.

CLAUDINO, Silvana. Diário do Nordeste, 17 de abril de 2012.

DIÓGENES, Osmar Maia. Coordenação, pesquisa e texto histórico.

DEL PRIORE, M. Festas e Utopias no Brasil Colonial. Editora Brasileira, 1994.

DEPUTADOS ESTADUAIS 1959 – 1962. 15^a Legislatura. 1950 – 1962.

DICCIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO CEARENSE-Barão de Studart.

DIAS, Auremélia Cavalcante; GOMES, Hilma Carvalho; NASCIMENTO, Maria do Socorro. Tauá uma história a conhecer. Tauá-CE 1990.

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA PERNAMBUCANA: Sesmarias, Vol. IV, extraído do "Livro 2^o" do "Registro das Sesmarias" pertencentes ao Cartório da Tesouraria da Fazenda do atual Estado de Pernambuco, 1959, páginas 96 e 103-104.

EUDES, Arrais Barroso José. As Milícias D'el Rey: Tropas militares e poder no Ceará setecentista. Dissertação de mestrado apresentada ao programa pós-graduação em História da Universidade Fluminense. Mestrado em história. 2009.

EVANGELISTA, Izaiera Machado. A civilização do couro: uma contribuição cultural ao turismo cearense. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios e Turismo) Mapa produzido a partir das informações de: STUDART FILHO, Carlos. Vias de comunicação do Ceará (in Revista do Porto n^o 04. 2016)

FARIAS, F. A. Araújos e Feitosas: Colonizadores do Alto e Médio Acaraú. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995.

FARIAS, Maria Salete Vale. A história de Tauá em episódios narrada através da Rádio _____ de Tauá. Episódio n^o 1. Salete Vale é especialista em Patrimônio do IPHAN. Pedagoga. Mestranda em Gestão de Negócios e Turísticos e Secretaria da Fundação Bernardo Feitosa, em Tauá-Ce.

FARIAS, A.; WEIMA, C.; AMÉRICO, F. Ceará: História e Geografia. Fortaleza: Sistema Ari de Sá, 2012. 56 p.

FÁTIMA, Lúcia de Andrade Feitosa. Potencialidades turísticas do sertão de Tauá – Região dos Inhamuns – Ceará. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza 2015.

FEITOSA, L. Tratado Genealógico da Família Feitosa. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985. 324 p.

FEITOSA, Aécio. Sesmarias dos Feitosas no Ceará. Revista do Instituto do Ceará, 2001.

FEITOSA, Aécio. Feitosas genealogia – história, biografias. Casa de José de Alencar. UFC 1999.

FEITOSA, Neves Helvécio; NEVES, Feitosa Vinicius. Os Cabeças do Boi. Descendência do Patriarca Manoel Alves Feitosa e Souza, Fortaleza 2020.

FEITOSA, Aécio. FEITOSAS – GENEALOGIA – HISTÓRIA – BIOGRAFIAS, 1999, citado por PEDRO ROCHA JUCÁ, no trabalho "DESCENDENTES DE BERNARDO FREIRE DE CASTRO – OS JUCÁS DOS INHAMUNS", retirado na internet (genealogiafreire.com.br).

FEITOSA, Aécio. Feitosas. Genealogia – História – Biografias. UFC. 1999. Fls. 34 -35.

FEITOSA, Fátima Lúcia de Andrade; FARIAS, Maria Salete Vale: Um tributo a Joaquim de Castro Feitosa, 100 anos. Imprensa Universitária, 2016.

FEITOSA, Neri. DICIONÁRIO DE BIO-SCRIPTOGRAFIA DA FAMÍLIA FEITOSA, citado por Pedro Rocha Jucá, (obra citada) Feitosas e o Sertão dos Inhamuns: A história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil – 1700 – 1930. 1. Ed. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1980.

FEITOSA Carlos. O Barão de Studart e as Famílias Feitosa e Araújo. Revista do Instituto do Ceará.

FEITOSA, Leonardo, Para a história do Ceará. Instituto do Ceará. 1929. Disponível em: institutoceara.org.br.

FEITOSA, Helvécio Neves; NEVES, Venício Feitosa. Os Cabeça do boi. Descendência do patriarca Manoel Alves Feitosa e Sousa. Fortaleza, 2020.

História Natural de Plínio, o Antigo Foto: Wikipédia.

FIGUEIRA, Luis. (1574 ou 1576, Almodôvar, Portugal - outubro de 1643, Ilha de Marajó (na época chamada de Ilha de Joanes), Brasil Colônia), foi um padre jesuíta de destacada atuação no Brasil colonial. Foi autor de uma das primeiras gramáticas da língua tupi, a partir do contato com potiguares, tupinambás, tabajaras e caetés, denominada *Arte da Língua Brasileira*, impressa pela primeira vez em 1621. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Figueira

FONSECA, Antônio José Vitoriano Borges da. *Nobiliarquia Pernambucana*. Volume I, Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1935.

FERREIRA, Neto (2013) catalogou importantes fontes bibliográficas (impressos e arquivos) sobre a história do Ceará. folhadoserdaoce.com.br (entrevista dada a Folha do Sertão Cearense – 2015).

FREITAS, Gomes. O Patriarca Major José do Vale. Revista do Instituto do Ceará.

FREITAS, Gomes Antônio de. Inhamuns terra e homens. Henriqueta Galeano, 1972.

FREITAS, Gomes. Os primitivos donos da terra dos Inhamuns. Revista do Instituto do Ceará.

FUNDAÇÃO BERNARDO FEITOSA. Museu Regional dos Inhamuns. Exposição o Brilho do Alto. História, Memória e Identidade do Bairro do Alto Brilhante. Tauá-Ceará.

GALDINO, Maria Rakel Amâncio. Populações e mudanças nas vilas coloniais: Uma discussão a partir dos vestígios deixados pelos moradores da vila de Sobral (Ceará – século XVIII).

GIRÃO, R.; MARTINS FILHO, A. O Ceará. 3. Ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

GOMES, José Eudes. Quando o sertão faz a festa, a monarquia se faz presente: festas e representações monárquicas na capital, 2015.

GOMES, José Eudes. As Milícias D'el Rey. Tropas militares e poder no Ceará setecentista. Niterói, 2009. Dissertação de mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

GONÇALVES Adelaide, ASSIS Lucas, RAVENA Monyse, BASTOS Romário, SOUTO Vanda: Dom Fragoso & Padre Alfredinho entre nós, Plebeu Gabinete de Leitura.

GOVERNADORES DO CEARÁ – Registros Biográficos. Fortaleza-Ce, 2017.

FEITOSA, Helvécio Neves; NEVES, Venício Feitosa. Os Cabeça do boi. Descendência do patriarca Manoel Alves Feitosa e Sousa. Fortaleza, 2020.

História Natural de Plínio, o Antigo Foto: Wikipédia.

JACKSON, W. M. Coleção Tesouro da Juventude. Vol. VI. Ed. Brasileira, São Paulo, 1968, p.318.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Vilas, Povoados e Estradas do Ceará Colonial: os Caminhos da Ocupação Territorial. Disponível A respeito das mudanças ao longo da ocupação colonial no Brasil, e as várias perspectivas sentidas por suas populações, ver: NOVAIS, Fernando em: <http://www.arquitetura.ufc.br/novo/wp-content/uploads/2010/11/Vilas-Povoados-e-Estradas-do-Cear%C3%A1-Colonial.pdf>.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. Dossiê – Caminhos da História da urbanização no Brasil colônia. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. Na,mus.paul.vol.20 no.1 São Paulo Jane./June 2012.

JUCÁ NETO, C. R. "As Diretrizes Florianópolis. Planejamento e Gestão do Território - Escalas, Conflitos e Incertezas. Florianópolis: UFSC, 2009, v. 1, p. 1-22.

JUNIOR, José Raulino Chaves Pessoa. Territórios dos Deputados: Dinâmica eleitoral e participação política em Tauá – CE. UNICAMP, UNESP, Araraquara (SP) 23 a 25 de abril de 2013.

LEAL. Barros Vinicius. Os primeiros povoadores portugueses do Ceará 1700 – 1800. Trecho do livro A colonização Portuguesa no Ceara – 2007.

LEAL, Vinicius Barros Membro do Instituto Histórico do Ceará. Retirado da internet em: 15/07/2020. Disponível em: <http://www.angelfire.com/linux/genealogiacearense/index.povoadores.html>.

LEITE, Serafim Le, in História da Companhia de Jesus no Brasil (séculos XVII-XVIII), 3. Rio de Janeiro; Instituto Nacional do Livro, 1943.

LEMENHE (1991) apud ARAÚJO, A. M. M. O Êxodo dos Trabalhadores Rurais para Cidades à Luz de Lefebvre. 2002, p. 25.

LEMES, Fernando Lobo. Na arena do sagrado: poder político e vida religiosa nas Minas de Goiás. Ver. Bras. História, 2012.

LIMA. João Alcimo Viana Lima. Anotações históricas dos distritos de Tauá. Caminhar. Fortaleza 2020.

LINHARES, M.A., Ximenes, E.E. Bando que se lançou a respeito dos índios Jucás.

MACÊDO. Heitor Feitosa. Família Feitosa: Origem. Disponível em: Estoria-sehistoria-heitor.blogspot.com/2012/12/família-feitosa-origem.html.

MACÊDO, Heitor Feitosa. Origens da Família Alves Feitosa e Ferreira Ferreira: Portugal e Brasil. Retira do "estoriasehistoria-heitor,blogspot.com.

MACÊDO, N. O Clã dos Inhamuns. Fortaleza. Editora Comédia Cearense. 1965.

MAIA, Lígio José de. Serras de Ibiapaba: De aldeia à vila de Índios: Vassalagem e Identidade no Ceará Colonial – Século XVIII. Tese.

MARQUES, Janote Pires. A invisibilidade do negro na história do Ceará e os desafios da lei 10.639/2003. Poiésis, Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Universidade Sul de Santa Catarina, v. 7, n. 12, p. 347-366, Jun./Dez. 2013. p. 12. Disponível em www.portaldeperiodicos.Unisul.br/index.php/Poiesis/article/download/1830/1313)

MELO, Cristiane e Castro Feitosa. A memória dos conflitos territoriais entre famílias na construção da sociedade nos sertões dos Inhamuns.

MELO, Cristiane e Castro Feitosa; CRUZ, Maria Lúcia Brito da. O processo migratório no Ceará: Evidências a partir da microrregião do sertão dos Inhamuns. Universidade do Estado do Ceará. 2016.

MELO, C.C.F. Conflitos territoriais entre famílias e migração interna nos Sertões dos Inhamuns/CE. Revista GeoUECE – Programa de pós-graduação

em geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 95-104, dez. 2012. Disponível em: <http://seer.uece.br/geouece>.

MEMORIAL DA FAMÍLIA FEITOSA DOS INHAMUNS (facebook.com).

MENDES, Edilberto da Silva . A Santa Negra dos Inhamuns. UFC. Fortaleza 2010. Dissertação apresentada no programa de Pós Graduação em Comunicação. Mestrado.

MENEZES, Antônio Bezerra de. Notas de viagem. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS DE TURÍSTICOS. Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza-CE, 2007.

MIRANDA, Julia. O poder da fé: discurso e prática católica. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

MONTENEGRO, Nathalia Dinis. Tese apresentada à faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2013.

MOTA, Aroldo. História política de Tauá. Rio – São Paulo – Fortaleza, 2002.

MOTA. Custódio Anamélia. Filhos ilustres de Marruás.

MOTA, Custódio Anamélia. Joaquim de Sousa Bastos, 2010.

NASCIMENTO. Thais. São Pedro: Rogai por nós! Festa, política e memória, 2011.

NETO. Clóvis Jucá Neto. Primórdios da rede urbana cearense. Revista de Geografia da UFC, ano 08, número 16, 2009.

NETO. Clóvis Ramiro Jucá. A urbanização do Ceará setecentista – As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e Santa Cruz do Aracati. Salvador 2007.

NETO. João Leite. Índios e terras – Ceará: 1850-1880. Recife março de 2006. Os caminhos primitivos do Ceará colonial. caaemfotosblogspot.com

NOBRE, Geraldo da Silva. Formação das cidades no Ceará-Colônia. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza.

NOBRE (1974: 20) menciona uma disputa sobre onde deveria situar a Câmara da primeira vila do Ceará, se no Iguape (Aquiraz) ou se na povoação onde ficava o forte de Nossa Senhora da Assunção (Fortaleza), onde assistia o capitão-mor. Por fim, a vila de São José de Ribamar do Aquiraz foi instalada, em 1713, pelo ouvidor e corregedor da capitania da Paraíba, desembargador Cristóvão Soares Reimão.

NOBRE, Geraldo da Silva. Notas para a História Jurídica do Ceará, in: VASCONCELOS, Abner Carneiro de. História Judiciária do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1978. Volume I, Fortaleza, 1987, pág. 17.

NOGUEIRA, Gabriel. Fazer-se nobre nas fímbrias do Império: práticas de nobilitação e hierarquia social da elite camarária de Santa Cruz do Aracati (1748 – 1804). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

O GRUPO FEITOSA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO NORDESTE, Revista do Instituto do Ceará, págs. 96/99, anno LXIX – 1955.

OLIVEIRA, V. Instituições Políticas Brasileiras. 1. Editora: Fortaleza, 1964.

Oliveira, Lizete Dias de. Síntese Histórica do Povoamento do Rio Grande do Sul. In: Silveira, Elaine da & Oliveira, Lizete Dias de (orgs). Etnoconhecimento e Saúde dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul. Editora da URBRA, 2005.

OS CLÉRICOS CATÓLICOS NA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DO CEARÁ – 1834 – 1889. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Coordenação, pesquisa e texto histórico: Osmar Maia Diógenes, pág. 70. Fortaleza 2005. .

OS MONTE E OS FEITOSAS por; Ronaldo Correia de Brito.

O POVO. Foto e informações: Fortaleza-CE, 31 ago. 1991.

O SIARÁ NA ROTA DOS NEERLANDESES./Terto de Amorim, J. [organizador] – Utrecht/Fortaleza, J. Terto de Amorim – Augusto César Bastos Barbosa. 2014. Gráfica e Editora LCR.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. Política ambígua. Rio de Janeiro, 2010.

PAULO DE TARSO – O poeta de Tauá.

PINHEIRO, Francisco José. Notas sobre a formação social do Ceará (1680 – 1820). Fortaleza, Fundação Ana Lima, 2008.

PINTO, Luis de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1980.

PLANTAS MEDICINAIS DE USO COMUM NO NORDESTE DO BRASIL. 2ª edição revisada. Organizadores: José Geraldo Vasconcelos Baracuhy, Demerval Roberto Magna Francisco, José Luciano Santos de Lima e Jógerson Pinto Gomes Pereira. EDUFCEG. Campina Grande-PB. 2016.

PROCOPIUCK, Mário. Políticas Públicas e Fundamentos de Administração Pública. São Paulo: Atlas, 2013.

PUNTONI, Pedro. A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordestino do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Mussite; Edusp; FAPESP, 2002 (Estudos Históricos, 44).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

REIS, João José Reis. Resistência Escrava na Bahia. "Poderemos brincar, folgar e cantar...": o protesto escravo na América. Revista Afro-Ásia, nº 14, p. 107-108, 1983.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, vol. 74, 1960.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ. Fortaleza, v. LI, 1937.

REVISTA NEP – Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019.

REVISTA PORTO. Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. No trabalho, "Um porto do sertão, um centro regional: A vila de santa Cruz do Aracati no século XVIII". Revista Porto n. 04. 2016.

RICARTE, Joana Bezerra. PRECES E GESTOS: Um olhar sobre a prática política no cortejo à sagrada família em Marrecas/CE. Universidade Regional do Cariri – URCA.

SANTOS, Sérgio Luis. O cearense revelado. Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2020.

SANTOS, Naiana Cristina Rodrigues dos; MOURA, Luiz Francisco Wem-menson Gonçalves Moura; LÔ, Marcos Monteiro; Lima, Daniele Rodrigues de; LIMA, Maria da Conceição Lobo; MAGALHÃES, Francisco Ernani Alves. Uso de fitoterápicos por mulheres do município de Tauá, Ceará, Brasil.

SCHWARTS, Stuart B. Burocracia e Sociedade no Brasil Colônia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SERAINE. Florisval. Topônimos de Portugal no Ceará. Revista do Instituto do Ceará.

SILVA, R. R. da. Os sesmeiros dos sertões de Mombaça: um estudo acerca de suas trajetórias e relações sociais (1706-1751). Revista de Humanidades. Vol. 9, nº 24, UFRN, 2008.

SIMONSEN, Mário H. A Legalidade da Monarquia no Brasil. Porto Alegre: Editora do Globo, 1964.

SOUZA, Simone (org.). História do Ceará: dos índios a Geração Cambeba. Fortaleza: Tropical, 1997; SOUZA, Monica Hellen Mesquita de. MISSÃO NA IBIAPABA : Estratégias e táticas na Colônia nos séculos XVII e XVIII. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003.

TAVARES, F. A Cidade de Redenção. In: Africana e Cearensidade: Catálogo do Museu Histórico e Memorial da Liberdade. Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011. p. 19-22.

TÁVORA (1967) apud MACÊDO, N. O Clã dos Inhamuns: Uma Família de Guerreiros e Pastores das Cabeceiras do Jaguaribe. 2. Ed. Fortaleza: Jornal A Fortaleza, 1967. 228 p.

THÉBERGE, Dr. Pedro. Esboço Histórico sobre a Província do Ceará. 2ª Ed., Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza – Ceará, 1973.

URBANÍSTICAS PORTUGUESAS PARA AS VILAS CEARENSES". In: XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2009.

VALE, Ana Moreira; FEITOSA, Joaquim de Castro e Outros. A Colonização do Sertão. In: Descobrimo e Construindo Tauá: conhecimentos de geografia e história. Fortaleza: Ed. Fundação Demócrito Rocha, 1999. 120 p. Coleção de Estudos Sociais. Série Descobrimo e Construindo o Município.

VASCONCELOS, Amarílio de & FOGLARE, Henrique (1881). O prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité ao Cariri e os Açudes na Província do Ceará. [Relatório].

VASCONCELOS, Abner Carneiro de. História Judiciária do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1987. Volume I e II.

VIAS DE COMUNICAÇÃO DO CEARÁ COLONIAL, Revista do Instituto do Ceará, pás. 1/47 (Memória.bn.br).

Anamélia Custódio Mota / Salete Vale. Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/noticias/taua-217-anos-nossa-historia-igreja-nossa-senhora-do-rosario>.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantinopla>

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A9_de_Sousa

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Duarte_Coelho.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mem_de_S%C3%A1.

Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/17601>.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Br%C3%ADgido_dos_Santos.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Canind%C3%A9s>.

Disponível em: <https://pt-br.facebook.com>>photos)

Disponível em: <https://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-11-07/um-pouco-de-historia-a-freguesia-e-sua-organizacao.html>.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/jos%C3%A9_carlos_de_matos_peixoto.

Disponível em: <https://www.oestadoce.com.br/opiniao/capitao-mor-do-ceara-394-anos/>.

Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/historia-de-taua>. Acesso em: ago. 2015.

Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/reisado/483505#-toc-9483505>.

Disponível em: <http://anameliaataua.blogspot.com/2013/05/casais-de-marruas.html>.

Disponível em: Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/distrito/marruas>.

Disponível em: http://jeffersonetaua.wixsite.com/meutaua/aroldo-mota?lightbox=image_7q6.

Disponível em: <http://www.historiadeboaviagem.com.br/ataciso-cavalcante-mota/>.

Disponível em: <http://dimasmacedo.blogspot.com/2012/09/a-casa-de-jose-cidrao.html>.

Disponível em: <http://www.blogdowilrismar.com/materia/taua-celebra-o-centenario-de-nascimento-de-d-elizabeth-goncalves-Rêgo>.

Disponível em <http://www.taua.ce.gov.br/distrito/marruas>.

<http://www.ipatrimonio.org/taua-igreja-de-jesus-maria-e-jose/#!/map=38329&loc=-6.147481000000001,-40.394685,17>.

Disponível em: <http://jeffersonetaua.wixsite.com/meutaua/castro-castelo>.

Disponível em: <http://www.taua.ce.gov.br/distrito/barra-nova>.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pimenta-joaquim>.

Disponível em: http://www.antonioviana.com.br/2009/site/lista_conteudo.php?id=18.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_Clotilde.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_Clotilde.

Disponível em: http://www.antonioviana.com.br/2009/site/lista_conteudo.php?id=18.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antero_Jos%C3%A9_de_Lima

[1]

Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2168&catid=293.

Disponível em: <https://www.edyfernandes.com.br/2019/02/homenagem-ao-centenario-de-lili-feitosa.html>.

Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000392estoriasehistoria-heitor.blogspot.com>.

Disponível em: <https://www.meutaua.com/dr-alberto-feitosa-lima>.

Disponível em: <http://www.fbfeitosa.org/index.php/pt/118-sintese-historica-do-ambientalista-joaquim-feitosa>.

Disponível em: <pt.m.wikipedia.org>.

Disponível em: <estoriasehistoria-heitor.blogspot.com>.

Disponível em: <http://blogdoinhare.blogspot.com/2015/03/o-coronel-lourenco-alves-feitosa-e.html>

[1] Geni.com.

Disponível em: <Arquidiosecedefortaleza.org.br>.

Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=852:padre-ibiapina.

Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vicente-cavalcanti-fialho>.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Gonzaga_Nogueira_Marques.

Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/19192/>.

Disponível em: <http://www.queijocoalhobrasil.com/historia-do-queijo/>.

AVOL. Coluna do jornalista Antônio Viana 3 de janeiro de 2011.

Disponível em: <https://leoricardonoticias.com.br/2018/dia-a-dia/encenacoes-e-as-manifestacoes-culturais-os-caretas-e-sua-origem/>.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba_meu_boi.

Disponível em: <https://www.institutoceara.org.br/revista/Verapresentacao/RevPorAno/1965/1965-NopaisdosVaqueiros.pdf>.

Disponível em: <https://cavalus.com.br/geral/a-pega-de-boi-e-uma-tradicao-nordestina-muito-importante>.

Disponível em: https://www.meutaua.com/caixa-dgua-da-prainha?fb_comment_id=1077330208974249_2160325140674745.

Disponível em: <http://www.csbhaj.com.br/relatorios/identificacao-das-comunidades-quilombolas-na-sub-bacia-hidrografica-do-alto-jaguaribe/>.

Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/jogos-e-brincadeiras-origens-das-diversoes-das-criancas-brasileiras.htm?cmpid=copiaecola>.

Disponível em: <http://www.somosvos.com.br/a-revolucao-permanente-de-a-delaide-goncalves/>.

Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos-brincadeiras-mais-populares-no-brasil-para-as-criancas/>.

Disponível em: <https://www.acaatinga.org.br/wp-content/uploads/Profetas-dachuvaLivreto.pdf>.

Disponível em: Memorial da Família Feitosa dos Inhamuns (facebook.com)

Disponível em: <pt.m.wikipedia.org>

Disponível em: <Arquidiosecedefortaleza.org.br>.

AVOL. Coluna do jornalista Antônio Viana 3 de janeiro de 2011.

Disponível em: <estoriasehistoria-heitor.blogspot.com>.

FOCUS.jor (18.01.2021)

Disponível em: <Geni.com>

Disponível em: <pt.m.wikipedia.org>.

Disponível em: Tribunadoceara.com.br.

Disponível em: Coladaweb.com.

Disponível em: <https://lunetas.com.br/cancoes-de-ninar/>.

Do CD: Oh! Bela Alice / Lydia Hortélio.

Do CD: Murucututu/ Eugênio Tadeu e Miguel Queiroz.

Dorival Caymmi



HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo
Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França, Edson Frota e João Alfredo
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni
Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação

Valquiria Moreira
Secretária Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha, Vânia Monteiro Soares Rios e Sandra Bastos Mesquita
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: [http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/
instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara](http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara)

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

**Mesa Diretora
2021-2022**

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário

**EDIÇÕES
INESP
DIGITAL**



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações

ISBN nº 978-65-88252-71-0